

ORG.
GILDECI DE OLIVEIRA LEITE
CID SEIXAS



**Jornal
de cultura**



Salvador - Bahia
Junho de 2023



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
EDITAL Nº 111/2022
IGUALDADE E JUSTIÇA: 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA
DO BRASIL NA BAHIA

Adriana dos Santos Marmorini Lima
Reitora

Dayse Lago de Miranda
Vice-reitora

Rosane Vieira
Pró-reitora de Extensão

PROJETO CONTEMPLADO

Baianidades: Literatura, Identidade, Memória, História (extensão)

PROJETOS ASSOCIADOS

Baianidades: Literatura, Identidade, Memória, História (pesquisa)
Xangô, a corte de orixás, inquices e voduns: experiências poéticas e narrativas (pesquisa)
8º A Vez da Palavra (extensão)

ORGANIZAÇÃO DO LIVRO

Gildecy de Oliveira Leite
Cid Seixas

© 2023 by Segundo Selo

Organizadores: Gildeci de Oliveira Leite e Cid Seixas

Equipe Técnica

Capa: Yasmin Lima

Revisão: Lorena Ribeiro

Diagramação e Projeto Gráfico: Ana Luísa Oliveira

Editora: Fernanda Santiago

Conselho Editorial

Adeíto Manoel Pinho (UEFS)

Ana Lucia Silva Souza (UFBA)

Carla Patrícia Bispo de Santana (UNEB)

Jorge Augusto de Jesus Silva (IFBaiano)

Lanuza Lima Santos (IFBA)

Maria da Conceição Pinheiro Araújo (IFBA)

Maria Dolores Sosin Rodriguez (UFBA)

Oswaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez (UNEB)

Silvana Carvalho Fonseca (UFRB)

Sílvio Roberto Oliveira (UNEB)

Tatiane Pereira Muniz (IFBA)

Ubiraneila Capinan Barbosa (IFBaiano)

J82 *Jornal de cultura* / Gildeci de Oliveira Leite, Cid Seixas

(org.) – Salvador : Segundo Selo, 2023.

192 p.

ISBN 978-65-86754-64-3

1. Cultura. 2. Literatura brasileira. I. Leite, Gildeci de Oliveira. II. Seixas, Cid. III. Título.

CDD:B869.09

Catálogo na publicação: Mônica Nascimento Ribeiro – CRB 5/1503

**EQUIPE EXECUTORA DO
BAIANIDADES: LITERATURA, IDENTIDADE,
MEMÓRIA, HISTÓRIA (EXTENSÃO)**

Gildecy de Oliveira Leite (UNEB) Coordenação Geral

REDE DENTRO DA UNEB

CAMPUS I – SALVADOR
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH)
Diane Nascimento Oliveira (Doutoranda PPGEL)

CAMPUS II – ALAGOINHAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA,
LITERATURAS E ARTES
Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos

CAMPUS IV – JACOBINA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH)
Prof.^a Dr.^a Helga Porto Miranda
Prof.^a Dr.^a Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha

CAMPUS VI – CAETITÉ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH)
Odílio da Silva Santos (Técnico)

CAMPUS XIII - ITABERABA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
Professor Gleiton Silva Sales

CAMPUS XVI - IRECÊ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
TECNOLOGIA (DCHT)
Prof. Dr. Joabson Lima Figueiredo

CAMPUS XXIII — SEABRA DEPARTAMENTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS (DCHT)
Prof.^a Ms. Filismina Fernandes Saraiva
Prof. Dr. Gildecy de Oliveira Leite (Coordenação Geral)
Prof. Dr. Thiago Martins Caldas Prado
Bruna Cathleen Brandão (Graduanda - Iniciação à Extensão
Edital 111/2022)
Mônica Alves Rocha (Graduanda - Iniciação à Extensão
Edital 111/2022)
Rafaela Pereira Caldas (Graduanda - Iniciação à Extensão
Edital 111/2022)
Isabela dos Santos Cavalcante (Graduanda - Iniciação
Científica)
Jaíne Alcântara (Graduanda - Iniciação Científica)
Natália Silva Araújo (Graduanda - Iniciação Científica)

**INTEGRANTES VINCULADOS À PROGRAMAS
DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNEB**

PPGEL (Programa de Pós-graduação em Estudo de
Linguagens)

Prof. Dr. Gildecy de Oliveira Leite
Prof. Dr. Thiago Martins Caldas Prado
Diane Nascimento Oliveira (Doutoranda)
Prof.^a Ms. Filismina Fernandes Saraiva (Doutoranda)

MPEJA (Mestrado Profissional em Educação
de Jovens e Adultos)
Prof. Dr. Gildecy de Oliveira Leite

PPGEAFIN – UNEB
Prof. Dr. Joabson Lima Figueiredo

REDE FORA DA UNEB — MEMBROS EXTERNOS

Prof. Stenio Erson dos Santos
Escola Municipal José Tiago de Oliveira (Mulungu do Morro)
Associação Cultural Lamparinas do Sertão (Seabra)
Mestrando PROFCIAMB – UEFS (Universidade Estadual
de Feira de Santana)
Egresso de Letras da UNEB - Seabra

Prof.^a Maiara de Souza Macedo
Coordenadora Pedagógica do Colégio Estadual Professora
do Colégio Maria Menezes Ribeiro (Iraquara – Território
Chapada Diamantina) — Egressa de Letras da UNEB -
Seabra

Prof.^a Marcella Maria Leite Sá
Professora do Centro Estadual de Educação Profissional em
Gestão e Negócios Letice Oliveira Maciel - Seabra
Egressa de Letras da UNEB - Seabra

Prof.^a Gabriela Hermes Dourado Neves Figueiredo
Colégio Estadual do Campo de Ibititá (Território de Irecê)
Mestranda do PPGEAFIN

Prof.^a Poliana Pereira Dantas
Escola Municipal Senador Ovídio Teixeira Caetité Bahia
Egressa de Letras da UNEB

Prof.^a Janaína Oliveira Barros
Coordenadora Pedagógica do Colégio Estadual de Seabra
(Território Chapada Diamantina)
Egressa de Pedagogia da UNEB

Prof. Adair Silva Machado
Colégio Estadual de Mulungu do Morro
Egresso de Letras da UNEB - Seabra

Prof. Dr. Adeitalo Manoel Pinho (UEFS)

Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Pinheiro Araújo (IFBA
-Instituto Federal da Bahia)

PARCERIAS INTERNACIONAIS

Prof. Dr. Félix Ayoh'OMIDIRE Félix Ayoh' OMIDIRE
é professor titular da diáspora yorubá, estudos literários e
culturais brasileiros e afro-latino-americanos, além de diretor
do Instituto de Estudos Culturais (Ile-Irúnmolè), na Obafemi
Awolowo University, Ile-Ife, Nigéria desde 2018

Prof. Dr. Antônio Luciano Tosta (University of Kansas)
Center for Global and International Studies, University of
Kansas

**MOVIMENTOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS DE
SEABRA**

Associação Cultural Lamparinas do Sertão (Seabra)

CANAL UNIVERSIDADE DA GENTE

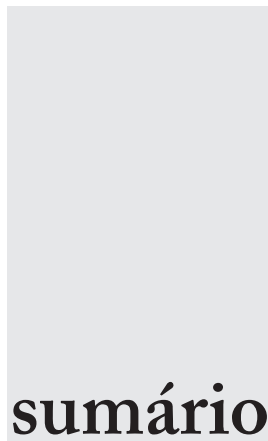
GRUPOS DE PESQUISAS

CLIC (Crítica Literária e Identidade Cultural)
EICON (Estudos Interdisciplinares sobre Contemporaneidade)
GELC (Grupo de Estudos Literários Contemporâneos)



AGRADECIMENTOS

À Bahia que sempre nos deu régua e compasso
Aos Caboclos e Caboclas, heróis e heroínas do 02 de julho
Aos 200 anos de nossa independência conquistada na Bahia
À UNEB em seus 40 anos!
À equipe de monitoria
Aos amantes da literatura e da cultura



jornal de cultura.

SONETO DA SEXTA FÉDRA DA PÁTRIA

95

7 de abril de 1974

jornal de cultura.

GODOFREDO FILHO

103

5 de maio de 1974

jornal de cultura.

PRÊMIO FUNDAÇÃO CULTURAL

SONETO

111

2 de junho de 1974

jornal de cultura.

O PORTICO DE OUTRA ETERNIDADE

DIABOLUS

119

14 de julho de 1974

jornal de cultura.

OS MUROS

PLÁSTICOS DA BAHIA

127

4 de agosto de 1974

jornal de cultura.

JURICI AMADO E O MORRIS

CONVÍVIO

135

1º de setembro de 1974

jornal de cultura.

ARTE E CULTURA

POLONESA

143

6 de outubro de 1974

jornal de cultura.

ENTRE ALGAS E SOBRE ELZBIE

151

3 de novembro de 1974

jornal de cultura.

ESTUDO 165

159

1 de dezembro de 1974

jornal de cultura.

CRÔNICA DE NATAL

167

5 de janeiro de 1975

jornal de cultura.

AFROSSO BLUTA

SONETO I

175

2 de fevereiro de 1975

jornal de cultura.

SALUBO A BORGES

183

9 de março de 1975



apresentação

50 ANOS DO JORNAL DE CULTURA

Há cinquenta anos, exatamente em 27 de maio de 1973, fora lançado na Cidade do Salvador por Cid Seixas o primeiro número do Jornal de Cultura (JC), “um suplemento mensal do Diário de Notícias” (DN), conforme impresso na gazeta logo abaixo de sua logomarca. Outrossim, ainda na primeira página do mesmo 27 de maio aparece a provocativa chamada

Finalmente, um suplemento

Inicia-se hoje, o JORNAL DE CULTURA, suplemento com oito páginas inteiramente consagradas à literatura e arte, que o Diário de Notícias fará publicar mensalmente. Diante do esvaziamento cultural imposto por uma série de circunstâncias que todos nós conhecemos, foram um a um morrendo todos os suplementos dominicais do país. Restam algumas publicações solitárias, nos estados de maior potencialidade cultural, e, na Província, duas ou três páginas literárias, inclusive a MARGEM no DN.

Dizendo muito e cuidadosamente falando apenas o possível, a editoria do JC deixa-nos desconfiados de que esse tal esvaziamento “imposto por uma série de circunstâncias que todos nós conhecemos” tenha, obviamente, relação com o período histórico que o Brasil vivia. Dirigentes de chumbo, via de regra tornam a vida tão fria e tão sem vida quanto nos parece ser o chumbo. Daí compreender que a iniciativa da criação do JC pode ser inserida no conjunto de atividades de resistência cultural, ante as perseguições políticas, ante as manobras de exaustão forçada do belo e do livre pensamento. Permito-me dizer que a “maior potencialidade cultural” a que se refere Seixas, pode ser lida também como potencial força econômica, algo como a boa grana que ergue coisas belas. Qual seria o destino de um

empreendimento cultural sem o devido apoio financeiro de órgãos competentes e desprovido do cuidado de mecenas?

Sob a égide de Cid Seixas, que também assina escritos, Guido Guerra, Myrian Fraga, Joaquim Inojosa, Érico Veríssimo, Ernst Bloch, Affonso Manta, Joaquim Cardozo, Ivana Versiani, Calasans Neto povoaram em 1973 com suas produções o último domingo de maio daqueles que receberam o encarte cultural. Os nomes dos colaboradores, já no momento inaugural do JC, mostraram uma articulação nada provinciana, partindo de um jovem intelectual maragogipano de apenas vinte e cinco anos de idade. Lendo os originais que passam diante de meus olhos, posso afirmar aquilo que qualquer leitor afirmaria, a qualidade das contribuições e a envergadura dos colaboradores e colaboradoras manteve-se alta. O JC nunca foi endógeno e sempre valorizou a baianidade, soube ser do mundo e ser daqui.

As propagandas começaram a aparecer no número três, distribuído em 05 de agosto de 1973, e seguiu até o sétimo, 02 de dezembro de 1973. Não sabemos por qual motivo cessaram as publicidades pagas, mas provavelmente a escassez de recursos financeiros tenha sido uma das causas do fim da iniciativa. Confesso que não sabia onde encontrar a importante publicação, até que Gilfrancisco Santos me falasse dela e me direcionasse para dialogar com o criador, editor, também detentor de seus direitos. Já conhecia Cid Seixas e tinha contato constante com ele, meu professor de literatura portuguesa na graduação no Instituto de Letras da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e orientador do mestrado no mesmo território. Para minha alegria, não haveria dificuldade no achamento do único conjunto organizado de todos os vinte e dois números da raridade mensária, que apesar de prometer desde seu segundo número em primeiro de julho de 1973 ser publicada sempre do primeiro domingo do mês, por duas vezes foi ao público em um segundo domingo, 14 de julho de 1974 — 14ª edição — e

em nove de março de 1975, quando foi distribuído pela última vez. Por telefone, a adrenalina juvenil tomou conta de mim e de Cid, precisávamos nos encontrar, folear juntos as páginas do JC! Sentamos à mesa, discutimos questões legais, lado a lado tomados pelo encantamento com a fonte primária de história da literatura e da cultura brasileiras, história da literatura e da cultura baianas.

Na casa de Cid Seixas, diante da encadernação em tamanho natural, guardada por capa dura vermelha, entendemos que um dos livros financiados pelo Edital 111/2022 da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) oportunizaria a estudiosos e à curiosidade leitora em geral a edição facsimilar do *Jornal de Cultura*. Os ciúmes, os cuidados de Cid para com a relíquia, ali posta à mesa de sua sala, apresentava-me o pai de um filho apegado à sua cria, trazendo reminiscências com seus interlocutores como Jorge Amado, do qual ainda guarda mensagens e bilhetes a respeito da participação do grapiúna no JC. O olhar feliz de Cid trouxe maior certeza da eminente necessidade de levar aquela relíquia

ao grande público. Em todas as vinte e duas publicações, o editor Cid Seixas Fraga Filho e logo em seguida seu colaborador Carlos Cunha mantiveram o padrão de oito páginas com os mesmos tamanhos que até hoje possuem os jornais impressos. Assim, Cid e eu, entregamos as páginas que seguem em dimensões próprias para a leitura, seja no suporte impresso do livro ou em e-book, como em todas as iniciativas de nosso grupo de pesquisa, — CLIC (Crítica Literária e Identidade Cultural) — distribuídos gratuitamente.

Com certeza, agora saído do arquivo pessoal de seu criador e ganhando o mundo em seus novos suportes impresso e virtual, diversas outras produções a respeito do JC surgirão. Evidente, que após leituras mais detalhadas, novas páginas de crítica e de história da literatura brasileira, baiana serão escritas, visto que as diversas contribuições das dezenas de personalidades que compuseram as 176 folhas do mensário se multiplicarão saídas do baú de um reservado apartamento de Salvador. Vamos à leitura, às descobertas e às novas cartografias de nossas existências.

Seabra, maio de 2023

Gildecide Oliveira Leite (UNEB)





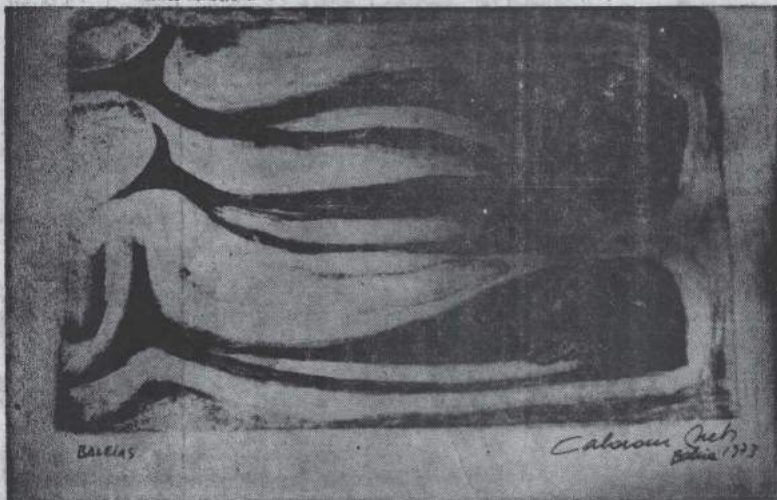
salvador,
27 de maio
de 1973

Jornal de cultura

um suplemento mensal do diário de notícias

"Como vencer os mares
se é livre a navegação
mas proíbe fazer barcos?"

Carlos Drummond de Andrade



Calasans Neto, o domador de baleias

O gravador Calasans Neto ligou seu nome à representação visual das baleias, numa fase do seu trabalho que o colocaria, definitivamente, como um dos mestres do ofício. Atualmente, sua arte encontra nas baleias o elemento de maior significação. Ele mora em Itapua, onde vive a ouvir histórias encantadas. O JORNAL DE CULTURA apresenta na última página um acontecimento inédito: o mestre Calá falando do próprio trabalho num texto por ele escrito. Um texto com muita inteligência e criatividade — que por si só seria suficiente. Não satisfeito, ele faz com exclusividade para o JC três monotypias (que são estudos sobre baleias, visando as gravuras que ilustrarão um álbum com texto do poeta Vinícius de Moraes).

Myriam Fraga, poesia e conceito

Myriam Fraga escreve sobre poesia e publica alguns poemas inéditos, na página três. Autora da plaqueta "Marinhas" e do livro "Bismarck", Prêmio Artar de Sales. Integrou a chamada Geração Mapa, ao lado de Floriano Vitor, Fernando da Rocha Perez e outros.



Guido Guerra, o agrimensor do mal

Guido Guerra, romancista detestado por uns, aplaudido por outros. Autor de "As Aparições de Dr. Salu", livro que já está em segunda edição — sucesso de público e de crítica. "Um escritor que não faz questão de ser lido: a sério: faz cartões horríveis para o bom senso dos delicados". Na quinta página vai um artigo de Clá Setcas Fraga Filho, relumbrendo "A gênese dos demurgos na Terra da Santa Luz".



Érico Veríssimo, a grande aventura

Érico Veríssimo escreve sobre a vida literária do Rio Grande do Sul, na década de 1920. Os contemporâneos e frequentadores do grupo, do qual seriam figuras de expressão nacional: romancistas, poetas, editores e, até mesmo, um presidente — Getúlio Vargas. Fala das suas primeiras experiências como escritor e narra a grande aventura editorial de um certo Henrique Bertoso. Vêix na seção de depoimentos, página 7.

Finalmente, um suplemento

Inicia-se hoje o JORNAL DE CULTURA, suplemento com oito páginas inteiramente consagradas a literatura e arte, que o Diário de Notícias fará publicar mensalmente. Diante do esvaziamento cultural imposto por uma série de circunstâncias que todos nós conhecemos, foram, um a um, morrendo todos os suplementos dominicais, não só na Bahia como em todo o país. Restam algumas publicações solitárias, nos estados de maior potencialidade cultural, e, na Província, duas ou três páginas literárias, inclusive a MARGEM no DN. Com a publicação do seu JORNAL DE CULTURA, o Diário de Notícias vem retomar a linha traçada há alguns anos atrás pelo escritor Odorico Tanares que fazia editar um dos mais importantes suplementos do país. Assim, dentro desta tradição positiva, a responsabilidade é grande e assegurada a seriedade com a qual procuraremos caracterizar o presente trabalho.

Síntese

Vivendo uma maior integração cultural, o JORNAL DE CULTURA está planejando a fundação de uma galeria de arte, que além da exposição de artes plásticas terá espaço destinado a lançamentos de livros.

O novo centro receberá o nome de Galeria Odório Fagundes, em homenagem a este acadêmico que foi um dos grandes incentivadores das artes plásticas na Bahia, tendo inclusive um prêmio anual com o seu nome, instituído pelo escritor Luis Viana Filho, quando governador.

Prêmios

Abertas até o dia 30 de setembro as inscrições para os prêmios literários instituídos pela Universidade Federal da Bahia. Nas categorias de Romance, Ensaio, Conto, Teatro e Poesia poderão concorrer universitários de todo o estado.

O vencedor de cada um destes gêneros receberá um prêmio de Cr\$ 1.600,00. Os trabalhos terão que ser inéditos e todas as informações são fornecidas pelo Departamento Cultural da UFBA.

Carybé

Carybé expõe na Galeria de São Paulo, até o dia cinco de junho. Pintura, desenho, aguada, gravura e terracota do mestre balancé (nascido em Buzanca Aires) compõem a exposição. Esta é a segunda mostra de Hector Bernabé nesta casa de arte.

Juntamente com Cely Raimiro Bernabé, filho do artista, inaugurou sua exposição na Galeria, no dia dezesseis. No programa da mostra: Geraldo Ferraz e Arnaldo Pedrosa d'Horas apresentam o jovem artista.

Artur de Sales

O público leitor balancé já pode conhecer a obra poética de Artur de Sales reunida em volume único editado pela Secretaria de Educação e Cultura.

A atualização ortográfica dos poemas foi confiada ao professor Paul Sá, da Universidade da Bahia, que foi amigo pessoal do poeta. Hélio Simões fez a apresentação e é título de postácio incluiu-se no livro um artigo de Durval de Moraes.

Além dos poemas de Artur de Sales compõe o volume uma tradução de "Machbeth" feita pelo poeta.

O lançamento foi realizado em termos locais, uma vez que o livro tratou do selo da Editora Mensageiro da Fé. No próximo número do JORNAL DE CULTURA publicaremos um estudo sobre a obra.

Arte popular

A segunda quinzena de junho será aberta com a primeira exposição na Bahia do ceramista pernambucano José Joaquim da Silva, conhecido como um dos melhores santeiros do Nordeste. Com a morte do mestre Vitalino, Zéinho (como é chamado) passou a ser considerado como o mais importante artista popular da região.

A exposição na Bahia será no Museu de Arte Sacra e constará de vinte imagens de santos e profetas em tamanho natural (1/2m). A apresentação da mostra é assinada por Dom Timóteo Amoroso Anastácio, Abade do Mosteiro de São Bento. A promoção é da Editora Beneditina.

Oriente

Depois de uma palestra, na quinta-feira, Murilo Nunes de Azevedo lançou na Bahia seu livro "O olho do furacão", editado pela Civilização Brasileira. O autor é professor universitário no Rio de Janeiro e estudioso do pensamento do Extremo Oriente.

O trabalho aborda as relações entre Oriente e Ocidente, a Escola de Veda, as principais escolas do budismo, além dos livros sagrados da China e do Japão. Trata-se de uma visão global das diversas manifestações do pensamento místico oriental.

A promoção do lançamento e da palestra de Murilo Azevedo foi feita pela Livraria José Olympio Editora, como se sabe, engloba agora a Civilização Brasileira.

Teatro de Brecht

(Alienação, distanciação)

Ernest BLOCH

Em alemão diz-se de uma criança que ela é "estranha" (distante) com os adultos que não conhecem ou que conhecem mal. A criança pode falar pouco ou nada; provavelmente ficará por ali a chuchar no dedo. Mas quando as crianças são distantes (estranhas) desta modo, estão ainda assim à vontade consigo próprias, não se encontram alienadas das suas próprias vidas. Um adulto num ambiente totalmente estranho também pode ainda assim estar à vontade consigo próprio; na realidade ele pode até remeter-se a si próprio tanto mais quanto mais estranho (distante, alienado) o ambiente se lhe tornar. A alienação em relação a si próprio é um assunto muito diferente, e a distanciação é, por sua vez, diferente disso. O que realmente sejam é o que tentamos de mostrar de modo indirecto.

É fácil perceber de onde é que chegam certos sons. A palavra estranheza (alienar) é uma palavra já velha, originalmente usada no mundo do negócio. Abalienare em latim significa desembarcar-nos-nos de uma coisa, vendermos alguma coisa.

Embora em Grimms-hausen a palavra veralienen seja ainda usada para significar permitir, esta palavra — que existe correntemente em francês e em inglês — desapareceu já do alemão colonial. O alemão reifremden — pelo menos no seu sentido original de desembarcar-se de algo — desapareceu quase completamente. Quando dizemos que certas pessoas estão entrement (alienadas umas das outras) queremos significar que as suas relações altereceram. Esta palavra retém uma relação com o significado de abalienare só em linguagem especializada; Hegel usa-a para significar a "exterminação" da ideia na Natureza

za e para se referir à "exterminação" do homem no seu trabalho (no sentido de uma troca benéfica), Feuerbach, contudo, acrescenta uma conotação claramente negativa — a de alienação do homem do seu próprio ser (Selbstentfremdung). Um homem que se dedica a si próprio num trabalho manual pode ainda assim sentir-se realizado nesse

trabalho, mas se todos os seus valores antropológicos forem deslocados, repellidos, perdidos, remeti-dos a um Além — um céu —, então, segundo Feuerbach, o homem assim alienado de si próprio fica simplesmente empobrecido. Marx adoptou este sentido de alienação mas substituiu o conceito de céu pelo de exploração. Assim, de um ho-

compreendem, se sua presença. Presumivelmente os filhos estavam a falar dos pais; por isso estes sentiam-se afastados (distanciados), tratados como se não estivessem presentes ou como se fossem criados que em princípio se não compreenderiam. A partir deste ponto há que dar um salto enorme até ao uso que dá Brecht à palavra Verfremdung (distanciação) — ainda que o conceito de Fremd-wort — "palavra estranha", uma palavra estrangeira que pode criar distância — possa enriquecer o nosso sentido do termo distanciação. O Verfremdungseffekt ocorre quando se verifica a remoção de uma personagem ou acção para fora do seu contexto usual de tal modo que tal personagem ou acção já não podem ser considerados como completamente auto-evidentes. Os vícios cam-nos em relação aos olhos — exemplos deesent, embora apenas por métodos indirectos. A distanciação, então, revela em nós a mesma alienação; o caminho indirecto demonstra ser o mais curto e a distanciação conduz à revelação de facto — um método é claro, muito mais veloz do que o nosso lermo. Os antigos pensavam que a lua era um espelho que estava suspenso sobre a Terra e a redutibilidade — isto é um disparate; mas o distante, o fora-do-caminho, o removido para as alturas, na medida em que reflete e conduz à compreensão da realidade presente, pode ser mais realista do que as várias espécies de naturalismo — eis uma máxima que nos é feita pela reflexão. Alienação, distanciação: os termos estão ligados pelo estranho, pelo externo, todavia os modos de experimentação inconvenientes e benéficos podem ser distinguidos de maneiras muito particulares e específicas.



mem forçado a vender-se a si próprio, apenas permanece o trabalhador desapegado.

A palavra verfremden (distanciar), por outro lado, não é de modo nenhum velha mas é difícil de traduzir. Curiosamente, a primeira vez que se usou esta palavra em

Ramais e caminhos

Joaquim INOJOSA

A vida de Mário de Andrade, bem assim a sua obra, estão sendo cuidadosamente estudadas pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), depositário dos seus arquivos. Além do que se está a encontrar, como, por exemplo, o roteiro fotográfico da viagem ao Norte, a excepcional equipe de pesquisadoras daquela organização universitária paulista, se dirige a fontes mais amplias, e não apenas decore, porém igualmente interpreta o que de melhor encontra pelos caminhos percorridos. Cito, para comprová-lo, o livro de Telé Porto Ancona Lopez, "Mário de Andrade — Ramais e Caminhos" (Ed. Livraria Euzébio de Deus / Conselho Estadual de Cultura de São Paulo) — volume de estudo e interpretação da grande vida cultural do Papa do Modernismo.

Em dois capítulos está o livro dividido: "A Construção" e "A Expressão". Mostra-se Telé Ancona conhecedora da obra de Mário de Andrade, não

apenas na forma, mas na construção e no pensamento. Devemos ressaltar neste ponto o que representa de extenso a influência do povo, e do nacionalismo, na extraordinária bagagem do autor de "Macunaima" (O mesmo que poderíamos inferir de Oswald de Andrade, segundo as novas revelações feitas por Mário da Silva Brito em mais um livro que escreve sobre o autor de "Os Condenados" — "As Metamorfoses de Oswald de Andrade").

Prova-se por este "Ramais e Caminhos" que Mário de Andrade, além de renovar da estética, foi um autêntico regionalista, dentro do nacionalismo dos seus estudos, antes mesmo que no Recife se iniciasse a preparação em tal sentido, na compreensão para nós, hoje em dia, de que regionalismo é ideia geral e esta não tem pátrio. Pertence a quem souber explorá-la. Daí que a exploração de quando se fundou a literatura brasileira; e mesmo antes, talvez!

Mostra-nos a escritora paulista que "teorias folclóricas, antropológicas, psicanalíticas e políticas", desde que material de literatura popular, foram temas revisados por Mário de Andrade já em "Paulicéia Desvairada", de 1921, ou logo após, em "Clá do Jabullu" ou "Macunaima". Bem assim, acrescentaremos, em cartas ou artigos esparsos Brasil agora. Reações ou prefigurações pioneiras que Telé Ancona assim define:

"Como se vê, o estudo que faz do material popular (Sic. MA) é forma de ligar cultura nacional com cultura popular, de manifestar seu compromisso com o Brasil e renovar a Literatura Brasileira dentro do sentido da realidade e da circunstância".

Pode-se completar esta crítica, citando parte da mensagem de uma carta a mim enviada por Mário de Andrade, em 1924 e divulgada na imprensa pernambucana daquele mesmo ano:

Uma arte brasileira. Esse é o único meio de sermos artisticamente civilizados. Quem dentro nós refletir ideias ou apenas sentimento alemão, português ou mesmo americano-estadunidense, não está no período civilizado da criação. Está no período da imitação, do mimetismo a que o selvagem é levado pela dependência, pela ignorância e pela fraqueza que engendra a covardia e o medo".

Outra, enviada esta vez para ao Recife, e ali divulgada, pela imprensa, em 1924, ainda mais se resumiram os jovens modernistas pernambucanos a reagir contra, quando influência de cultura norte-americana, portuguesa ou românticamente alemã, no renascimento literário nordestino. Porque se tratava de mensagem nacionalista, dentro do que seria o espírito geral da obra de Mário de Andrade, foi corretamente interpretada pela escritora Telé Porto Ancona Lopez.

Myriam Fraga: Espaço-jornal

"No espaço jornal
esqueço o lar o mar
perco a fome a memória
me suicido inutilmente
no espaço jornal".

João Cabral de Melo Neto

a — Escrever e decifrar
o indecifrável.
Último ato de um drama
que começa
no momento mesmo
em que tomamos consciência
de que não somos
mais que instrumentos obscuros
de um poder
que é nosso
e que nós foge.

b — Um poeta tem de ter consciência de seu
instrumental, o domínio exato de seus pro-
cessos e um conhecimento cada vez mais
preciso da linguagem, pois sem isto jamais
conquistará uma criação verdadeiramente in-
tegra e bem realizada. Existe porém, algo mais pro-
fundo e misterioso, última cristalização de um esta-
do anímico que os gregos denominavam "entusias-
mo" e que outros preferem chamar "inspiração". Mas
entende-se que para mim é uma predisposição, uma
atitude de alerta, uma busca de apreensão da reali-
dade muitas vezes não manifestada e não um estado
místico, uma possessão. Não acredito que se possa
criar nada "a frio". Há que existir uma preparação
psicológica, um concentrar-se em si para o mundo,
um desdobrar de múltiplas e sutílimas tentativas
na captação do invisível.

c — Penso, às vezes,
que para mim
o poema é um movimento compensatório.
Seria assim como a velocidade
na minha inércia,
a força da minha fraqueza,
e coragem na covardia,
e recusa na acomodação.
O cotidiano vencido pela magia das palavras,
os cães negros do tempo provisoriamente encarcerados.

d — Na província,
escrever é habitar o impossível.
Aliás
em nosso estágio atual de "CULTURA" (1)
um poeta é uma excrecência
não inútil
como a cauda dos girinos.

e — Realmente acho que o que tenho publi-
cado é muito pouco. "Uma plaquette" (MA-
RINHAS), alguns poemas em Antologias,
jornais e revistas e um livro (SESMARIA).
Sobre este devo dizer que foi para mim uma
experiência muito intensa escrevê-lo. Foi assim como
uma experimentação, uma avaliação de inúmeras
possibilidades. Peça importante no meu processo de
amadurecimento, foi também um ciclo que se encer-
rou. Depois dele escrevi os PESCADORES DE MAR
GRANDE, painel de onze poemas como: ESPAÇO
JORNAL (título tirado de um poema de João Cabral),
SOBRADO AMARELO, CORPO A CORPO e outros,
todas inéditas e que pretendo reunir em livro juntan-
do com outros poemas anteriores. Atualmente tenho
pronta para publicação uma série de 35 poemas que
têm o título de "O LIVRO DAS ADYNATAS".

Myriam Fraga

I
Da letra contida

A pele

Do silêncio

Se desprende

Cai como folha

Ou somente,

Como chuva

Na parede

Inquietação do espaço

(Medo ou raiva?)

Se insinua,

Viagem de muitos gritos

Batendo claros

No muro.

Fabricam ecos no

escuro

As muitas mortes

Tecidas

Ortografia compacta

Das manchotes

Sibilinas.

VII

Verdade

É a ruga no rosto

E o emplastro

No olho.

É a sombra do outro

É a morte na sombra

É o chumbo é o

Grão

É o encontro na tarde

É o amor

Desencontro no tempo.

É o escárnio

É a fome

No bolso

É o tiro no escuro

É o muro

É o ácido e o fumo,

A morte e a vida

O inútil da vida

O limite.

É a guerra

O sequestro

Manifesto e mordida

A unha sangrando

Na ponta dos dedos

E os poros

É a pele.

O uivo e o lamento

Um olho de prata

Brilhando no escuro

É a flor de napalm.

VI

Aqui tenho o instante

E o mapa do tempo.

(Só importa o momento.)

Um olho no mundo

Debruço-me inteiro

No campo vermelho

O vento no lábio

É a sombra

Na cura.

Aprovo o teu gesto

(O medo entre os dentes)

Herói do obscuro

Fabrico um disfarce

E estingo devero

O mistério

Que invento.

Espero o momento.



Se a bata (tácão)

Nas portas

Cava um poço

De inclemência.

Se a bala (no corpo)

Rasga

O traço da penitência,

Se os homens (conselho)

Escolhem

Caminhos lisos de espuma,

Salitre de seus venenos,

Se as fessuras repelem

O fio claro do tempo

Então desponta no escuro

Outra verdade imprecisa,

Um grito ruivo

No espanto

Do silêncio de colíça.

O cavaleiro sem anéis

Afonso MANTA

A lua não sabe onde eu nasci
Nem o sol onde vou morrer.

Eu nasci no rumor da quietude
Eu vou morrer no céu das caravelas.

Quando me viсто de por-de-sol
Os anjos ficam loucos:
Sobem nos trapézios de vidro
E saem a girar...

Girar...

Sou o cavaleiro sem anéis,
Sou órfão dos colarinhos de antigamente
Minha voz perdeu-se nas listras do arco-íris
Meu sorriso nas cordas de um violino.
Sou o cavaleiro sem anéis
Eu sou a própria roupa do crepúsculo.

O vento não descobre onde eu morri
Nem a terra onde vou nascer.



Prelúdio

José de Oliveira FANCON

os galos da madrugada
cobrindo as éguas do alerta
os atalaia do alarme
na grande praça deserta

os galos rubros de guerra
espora crista e fanfarra
rasgando ao quebrar da barra
a gema de sol na Serra

o heroísmo dos galos
com o levante na garganta
o galopar dos seus gritos
na luz que livre aleventa

madrugada aurora madura
rompe a fanfarra na Serra
brasão triunfo e estandarte
dos galos rubros de guerra

O salto tripartido

Joaquim CARDOZO

Havia um arco projetado no solo
Para ser reconposto em três curvas aéreas,
Havia um voo abandonado no chão
à espera das asas de um pássaro:

Havia três pontos incertos na planta
Que seriam contatos de pés instantâneos,
Três jatos de fonte, contido, ainda socos
Três impulsos plantados querendo nascer.

Era tudo assim expectativo o plano
Tudo além somente perceptivo e inerte;
Quando Ademar Ferreira, com pertinência olímpica
Executou, em relevo, o mais alto.
— Em notas de arpejo
— Em ritmo límbico
O tripartido salto.

Ricardo: a árvore dos Ramos

O escritor Ricardo Ramos, autor
de "Círculo Fechado",
livro que vem sendo

bem aceito pela crítica,
esteve na Bahia e conversou
com o JORNAL DE CULTURA.

Jornal de Cultura — Como você definiria o seu último livro?

Ricardo Ramos — "Círculo Fechado" não é apenas um livro de contos, mas uma série de peças desmontáveis e intercambiáveis. Como símbolo, o homem na cidade grande, a documentação de sua vida despersonalizada. Como linguagem, a tentativa de sua decomposição, que imagino sem a contumaz frieza das experiências formais. No tom geral, há lugar para a crítica, e também para o ângulo fantástico de quem se recusa à realidade imediata.

Jornal de Cultura — Qual a tônica da sua literatura?

Ricardo Ramos — O homem e seu drama, vistos sempre contra um fundo sem figuras. O plano pessoal é o primeiro plano, mas nele interveem, e o modificam, os muitos cortes de uma realidade social que violenta, mesurece e pisota o homem.

Jornal de Cultura — Você se sente agredido no mundo atual?

Ricardo Ramos — Sim. Pela violência, nas suas múltiplas manifestações. Desde a guerra, que é o crime ampliado, até as pequenas escaramuças contra o homem. Passando pela vida solitária na cidade grande, os abusos de autoridade, a tortura, a mecanização, tudo o que tende ao impossível. Ser agredido é sofrer isso. E ver em torno a indiferença, o conformismo, é insensibilidade.

Jornal de Cultura — E Deus, existe?

Ricardo Ramos — Como uma idéia do bem que se foi perdendo.

Jornal de Cultura — Qual a mais séria opção de sua vida?

Ricardo Ramos — Descobrir a literatura é a forma alta de expressão pessoal e tentar conduzi-la nesse sentido. Com tudo o que ela significa de opções em Cadeia.

Jornal de Cultura — A posição militante do artista empobrece e limita sua capacidade criadora?

Ricardo Ramos — Não necessariamente. Para que isso aconteça, é preciso que ele subordine a literatura às posições pessoais que julga mais corretas, e que eventualmente sejam militantes da criação. Mas reconhecemos que não é um fato comum. De outra parte, como qualquer homem, o artista pode e deve assumir uma posição diante dos problemas do seu país, sem que isso restrinja ou empobreça a sua arte. De qualquer modo, essa posição irá transparecer no que ele escreve. Difícilmente encontramos um escritor conservador com obra revolucionária, ou o contrário, ou desconexas até menos sérias entre o que um autor pensa e o que ele realiza. Sem que isso implique em diminuição para a sua arte.

Jornal de Cultura — O idealismo político sacrifica a criação literária?

Ricardo Ramos — Creio que sim. Tivemos nesse terreno a experiência da comprometida literatura soviética, que desequilibrava tremendamente

herança da grande literatura russa. É um exemplo que basta. O dirigismo político, em qualquer sentido, não tem provedor nada bom para a literatura.

Jornal de Cultura — Como você vê a ficção brasileira de hoje?

Ricardo Ramos — Com o maior otimismo. Escritores de obras realistas, como Jorge Amado e Erico Veríssimo, aprofundam a cada livro as suas importantes contribuições pessoais. Os autores mais jovens surgem todos os dias, também como a seriedade requerida. Entre uns e outros, há os ficcionistas que já estabeleceram um perfil e procuram defini-lo ainda melhor. Gostaria de destacar, nesse grupo, o trabalho excelente de renovação que vem realizando Osman Lima, José J. Veiga e Samuel Rawet.

Jornal de Cultura — Além dessas atividades no plano nacional, quais são suas preferências estrangeiras?

Ricardo Ramos — Eu continuaria dizendo mais afinidade que preferências. Admiro o italiano Cesare Pavese, que nos dá uma visão dramática

Ray Bradbury, pela sua imagem poética do mundo; o argentino Julio Cortázar, no ângulo fantástico da realidade que ele recree. Para ficar só nos contemporâneos. E para ficar também somente com os brasileiros, com os que sabem o que estão fazendo. Em literatura, como de um modo geral, eu valorizo muito pouco os que são intuitivos,

ou primitivos, os que apenas acertam por casualidade.

Jornal de Cultura — O fato de o escritor brasileiro ainda não poder viver exclusivamente dos seus direitos autorais ocorre da falta de público, ou da falta de mentalidade empresarial no autor brasileiro?

Ricardo Ramos — O quadro é vasto, com muitas alternativas. Mas imagino que o importante mesmo seja o nosso estágio cultural. O grosso do público está mais para a telenovela, a fotonovela, os "best-sellers" traduzidos. Enquanto isso continuar, não se pode falar muito dos editores, que são apenas negociantes, ou devam ser. Claro que não há no Brasil

escolas elementares como distribuição e promoção do livro. No entanto, devemos reconhecer que isso influi só até certo ponto. O fato é que existem revistas de fotocópias vendendo 500 mil exemplares semanais, enquanto a média das tiragens de romances nem chega a 5 mil exemplares.

Jornal de Cultura — A arte, hoje, no Brasil, representa uma instância inferior na conscientização de um povo, levando-se em conta as restrições à liberdade de criação?

Ricardo Ramos — Vamos por partes. Apesar do festival de best-sellers, o país não se dá de restrições importantes à liberdade de criação literária. No terreno do livro, continuamos, como antes escrevendo o que se

quer, publicando o que escreve. Talvez porque se reconheça no livro um instrumento limitado. E aí, sim, é que está o problema. Pois se chamamos de instância inferior, em termos de conscientização popular. Ou de elitismo. Por que na verdade o livro é hoje, comparado com outros veículos de transmissão de idéias,

uma coisa para poucos e raros. Fazendo-se de Brasil, é claro, e com as devidas exceções.

Jornal de Cultura — O fato de o artista ser recrutado na burguesia implica em que deve manter-se fiel à ética da sua classe?

Ricardo Ramos — Eu diria artista pequeno-burguês, menos uma classe e mais uma carnada, espremidas elementares como tendendo a camaleão. Mas o artista que vive nessa faixa estreita, com acesso à superior, não é obrigado a assimilar a sua ética. Nem é o que vemos normalmente, muito ao contrário. Talvez porque todo artista, no fundo, esteja mais preocupado com os critérios estéticos do que com os éticos. É numa época voltada para a tecnologia, ele se dá um pouco de guardadões do humanismo.

Jornal de Cultura — Como você resumiria, em poucas palavras, a maior lição que extraiu da vida?

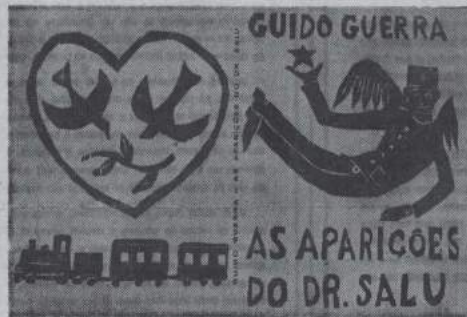
Ricardo Ramos — Foram muitas, e todas maiores. Entre elas, a de que as aparentes e imediatas razões de pessimismo não apagam a otimização básica: viver não cansa.



A gênese dos demiurgos na Terra da Santa Luz

Cid Seixas Frege FILHO

"As Aparições de Dr. Salu", romance de Guido Guerra, lançado pelas Edições Brasil América, chega agora a sua segunda edição. Os cinco mil exemplares da primeira tiragem foram totalmente esgotados, sendo quatro mil adquiridos pela Distribuidora Record para colocação no mercado nacional. No Sul do País o livro vem merecendo referências elogiosas da crítica e alcançando excelente nível de venda. Bruno Becherucci, da revista Veja, Hélio Werneck, da Última Hora, além da página literária de O Globo e do Correio da Manhã receberam com entusiasmo as inventivas do escritor baiano no terreno da estrutura linguística.



A capa e as ilustrações do livro "As Aparições de Dr. Salu" são do gravador Calixtas Neto. A primeira em Xilogravura e as outras em monotipia.

Nesta época em que escrevo e grito em um mundo cada vez mais... Guido Guerra se apresenta... a única ficção isolada na vida literária da Bahia. Procura-se de desconstruir as posturas e intuições do chamado literário... que tem vida e existência próprias... Tradicionalmente, escritores... e outras que a vida de... e a sua obra não tem...

numa relação direta com a vida... de Guido Guerra. Isto é que a obra... da autoria do romancista baiano... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

um não Rodrigues Costa, poeta... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

que prejudica a sua poesia... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

realidade da pintura de intelectual... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

1. Um preconceito desfavorável

Uma realidade, lançada em... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

em toda a Bahia. Admite-se... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

obra de Jorge Amado, entre... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

Nesta novela tem origem no... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

matéria, do qual o poeta Carlos... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

2. Quatro livros em escala

Vivemos aqui a tensão um... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

tudo que é necessário a um... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

lido a sua representação no... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

individualidade autônoma: os... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

Pois ser honesto, acredita que... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

3. A metamorfose dos semi-deuses

Em termos de tensão um... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

de um modo normal; e a aparição... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

de um modo normal; e a aparição... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

de um modo normal; e a aparição... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...

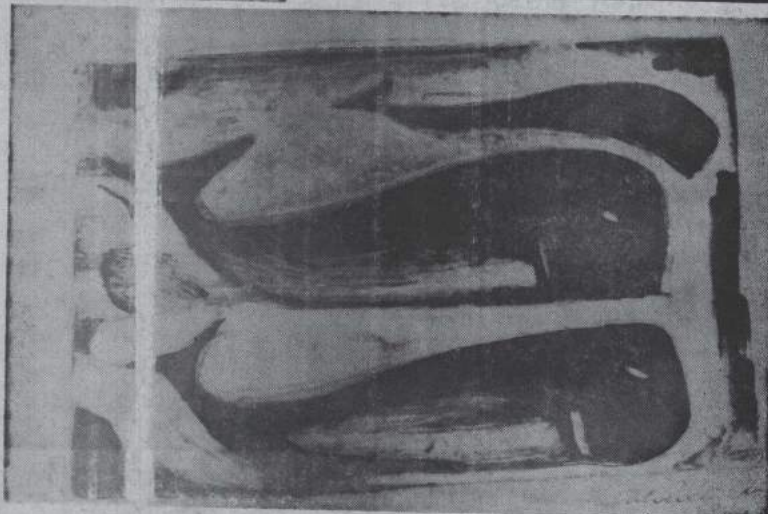
de um modo normal; e a aparição... de Guido Guerra. Isto é que a obra... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969... de seu trabalho, anterior, que foi... de crítica e narrativa... já publicadas em sua edição... Diário de Notícias, em 1969...



Calasans Neto, auto-retrato ou A magia das fontes vivas



Depois da fase
das cobras,
as tardes quentes
de Itapuã
construíram
uma nova imagem
no papel:
a baleia.



Baleias I

O que ficará do trabalho? Não o consumo de homem. O ver não é vendável. Existe a tripla de material virgem do ferro correndo e aquela dor do ato de criar. A imagem não põe. Todas as recordações mergulham nas mãos formando um todo.

E o mar? Este sim está presente na fala. Marcando está a polca de vidro redonda e brilhante. O que se fala é a lembrança da baleia. Todos tiram e todos viveram dela: Maria, Cipriano, Cirilo, Vadeiro e Irênio só tiram ossos.

E a minha conversa com o poeta Vinícius. Naquelas tardes de Itapuã, noroîticas, falamos dela, do seu encanto, sua candura, sua beleza.

A baleia é a mãe, o alimento, a fortuna, a segurança e amor.

O resto eles falam, do manifesto das sete montanhas, revolução revolucionária de sua fauna. De dentro do vício e do erro. De corrida nos lances. Dos sacos ao arpo e o sangue? Porcos vivem e se vivem banham-se nele.

Como a boneca nos seus sussurros.

O olhar ninguém apaga triste e pequeno como Maria falou. Continuou falando com Vinícius e vai nascendo a imagem, e vai surgindo aquele lombo amarelado. A viagem dela segue. Vai saindo. Dobrando o farol ninguém pega nada.

Estão lixi, as pedras são turresias. Vou sempre ouvindo depoimentos. E vou falando com o poeta. Vamos à sua trajetória alegre e heróica na fuga do homem.

O fato de água sobre — é a magia de fontes vivas sumido no horizonte.

Da conversa surge a forma. Do ferro, a madeira, o corte. De tinta ao papel a imagem. Agora são baleias em textura grossa pulando ao traço. E é assim? Surge na gravura em chapado de ferro.

A gravura finaliza; o poeta escreve. E nesta dor do ver e sofrer, Vinícius escreve e a Baleia fica retida na tinta e no papel.

Calasans
Neto
Itapuã
20 de maio
de 1973.

Salvador
1º de julho
de 1973

Jornal de cultura

um suplemento mensal do diário de notícias circula no primeiro domingo de cada mês

Não se pode fugir ao mundo de modo mais
seguro do que pela arte; nenhuma forma de
prender-se a ele é mais segura do que ela.

Goethe

Uma análise da obra de Chico Buarque

O poeta Afonso Romano de Sant'Anna, conhecido crítico e ensaísta literário (autor de "Dummond, o gaúcho no tempo"), faz uma abordagem da obra musical de Chico Buarque de Hollanda. Analisa o trabalho de letrada do autor do "Cálice" e de "Apesar de você", duas misturas proibidas pela censura. Num ensaio onde vislumbra "a música contra a música", o poeta mineiro divide a obra de Chico Buarque de Hollanda em duas fases fundamentais. Sobre as composições proibidas, afirma: "Essa utopia musical tem uma função contra ideológica evidente. A ela o poeta se refere mais diretamente em canções como "Bom Tempo" e "Apesar de você". A tarefa de imaginar uma utopia nasce da dissonância entre o indivíduo e as propostas de realidade que lhe fazem. Não é de hoje que o poeta imagina um não-lugar para viver. Já na "República" de Platão o poeta fora expulso, acusando de não produzir objetos úteis". Veja na sétima página.



Veja quem escreve neste suplemento

Circulando todo primeiro domingo de cada mês, o "Jornal de Cultura" chega hoje ao seu segundo número. O anterior foi recebido com entusiasmo por escritores, artistas e demais pessoas interessadas em cultura. Os outros jornais da cidade também receberam com entusiasmo este suplemento do "Diário de Notícias". O Conselho de Cultura do Estado e a Câmara de Vereadores da Cidade de Salvador, aplaudiram através de moções a nova publicação do DN. Hoje, publicamos artigos, ensaios e poemas de escritores brasileiros e de outros estados. Leia também Maria da Conceição Paranhos, Antônio Brasileiro, Almir de Vasconcelos, Carlos Falcão e Fernando Battinga de Mendonça. Poeta boliviano atualmente residente em Santiago de Chile que publica a sua "Sétima Sinfonia", composta de dois poemas.



Uma coluna de Érico Veríssimo

No número anterior, o "Jornal de Cultura" publicou uma página denominada "Depoimento", na qual o romancista Érico Veríssimo contava as aventuras literárias do Rio Grande do Sul, do seu tempo de rapaz. Diante do grande sucesso da página, este suplemento passa a publicar todos os meses a coluna "Érico Veríssimo escreve", na página dois.

Ariovaldo Matos, um romance inédito

O escritor Ariovaldo Matos aparece hoje no "Jornal de Cultura" com um capítulo do seu novo romance "Os dias do medo", ainda inédito. O trabalho, apesar de não ter sido publicado, já foi laureado com o "Prêmio Jorge Amado" para romances. Conhecido como romancista, contista e teatrólogo, Ariovaldo Matos é um dos nomes mais importantes da nossa ficção, dispensando, portanto, maiores informações. Leia da terceira página o capítulo de abertura do livro.

Um romance de Ariovaldo Matos

ARIOVALDO MATOS

Esclarecimento preliminar
sobre a morte de
senador A. Petrucci

Trache do ROMANCE

O texto seguinte é o início
do romance intitulado
"Os dias do medo", de
Ariovaldo Matos.

dedicado à memória do
jornalista e
radicalista
Irênio Simões.

O SENADOR Antonio Petrucci, morto a 4 de janeiro de 1968, aos 71 anos, recompondo, — a meu alvitre dançadinho forma, romancada de sua vida. Dois ou três dias antes de expirar, ainda lucido (1), após assinar o testamento (2), reafirmou o empenho de que eu organizasse e publicasse suas memórias, advertindo-me que expurgasse do texto tudo quanto contribuisse, de algum modo, para lhe embelezar a personalidade. Queria-se eu diante da opinião pública.

Trabalhei com sôco, pensando e sopesando os muitos capítulos e "notas adicionais" que me foram confiados, e hoje, quando, afinal, chego ao fim da tarefa, penso ter cumprido, com zelo, a última ordem daquele a quem pos-

tel, modesta e parte, uma colaboração por ele próprio reconhecida como eficiente. A tal ponto fui imparcial que não omiti, embora pudesse fazê-lo, nenhuma afirmação ou mesmo insinuação prejudicial à minha pessoa, inclusive a respeito do meu comportamento moral. Ao contrário: também me desnudei. Os cortes que me vi obrigado a fazer — episódios e trechos de episódios que se alongam por mais de 300 laudas — devem-se a circunstâncias que reputo da mais alta conveniência, por envolver personalidades que me honram, com sua amizade e que me podem ser úteis. Ninguém se o a dia de amarrã.

Creio ter cumprido meu dever, como cidadão deste belo país, do qual estarei afastado a partir da próxima se-

mana (há em mim uma terrível compulsão: a de encontrar Narda, seja onde for!) e ainda como, amigo do senador agora morto.

Gostaria que uma tarja emendasse este esclarecimento preliminar, num preito de saudade à minha querida Mariuccia, tragicamente morta, meses após tornar-se minha esposa. Quero, ademais, agradecer à preciosa colaboração do querido jovem Cristóvão Fornari, que me ajudou a dattilografar os capítulos finais deste livro. Compreenda, Cris, pelo menos faça um esforço para compreender, o motivo de minha viagem: eu não posso recusar o desafio que Narda me lançou naquela tarde em que, você ausente, nós enteramos Martuccia. Adeus, Cris, adeus, querido.

Guanabara, 5 de janeiro de 1970.

Abelardo d'Antunes

(1) — Numerosas pessoas testemunharam sobre a lucidez do senador Petrucci no instante em que assinou o testamento, do qual fui o seu principal beneficiário. Apenas uma dessas pessoas pediu-me que só lhe declinasse o nome em hipótese de extrema necessidade. Trata-se de atraente senhora que, na pitoresca linguagem do senador, tinha o encargo de "esquentá-lo".

(2) — Quanto ao testamento, legou-me, o Hinado, 80% do seu espólio, sendo que os 20% restantes — em ações, debêntures, letras do Tesouro Nacional, etc. — foram atribuídos à

hoje viúva sr. Lourdes de (...), que d'elles já se aposentou, como do seu direito. No que se refere às disposições testamentárias, apenas lamento a obrigação — de manter permanentemente fiéis dois túmulos no cemitério da Quinta dos Lázarus, localizado em Salvador, Bahia, o do pai do senador, sr. Vincenzo Petrucci, e o de um certo sr. Julimar (...), de quem foi colega na Faculdade de Direito, nos anos 20. Além de tarefa tão desagradável, outra há, não menos aborrecida: todos os anos, em janeiro, fevereiro ou março, à minha escolha, devo comprar jangada de segunda mão, siapela-la de flôva as mais alegres, enchê-la com garrafas de vinho tinto e fazer com que uma lan-

cha a reboque, vaza de gente a jangada, até os comecos do Oceano Norte e ali abandoná-la ao sabor das águas. Ao estabelecer tal exigência e fazê-lo ao meu espanto, o senador disse:

— Papai, tio Leonardo, Liza, eu — e, quem sabe?, o próprio Deus — encontraremos a jangada. Faça o que eu mando, Abelardo.

Tenho feito, Cris, um pedido: se eu não retornar da Europa até 5 ou 10 de março, cuide da jangada. Ivo o orientará. Ele sabe.

Guanabara, 5 de janeiro de 1970.

Abelardo d'Antunes

OPERAÇÃO CONTRÁRIA

Maria da Conceição Paranhos

A fuga operando em contrário: eis em nós fugindo riuo de vóto tocando a ponta dos dedos.

Arrais que baixo voasse, as mãos perseguindo o caminho entre a linha e o miolo raído-ra(d)lante: súbito crânio em disparo, compacto. A exigência do corpo maciço. Não o maciço do pão, massa mole e mastigável, ou o maciço da rocha, massa dura e incombusta. Antes o maciço do cristal — o frio o geométrico o sol difuso em prisma decompostc em raios

(arraia) Irigível digerível. Mais a exigência do corpo sonoro. Não o sonoro das cordas, alcance audível e partível quando há tensão, ou o sonoro dos sopros, alcance perfurável e triturável quando atenção. Antes o sonoro do sum — interonico possível sonível sonível subível discível decível.

A fuga operando em contrário: ela em nós fugindo em aterrissagem, levantadas mãos à sigema pressa, descambinho entre o olho e o ra(d)io: súbita fala partida partindo VOLTAGEM: a exigência do eletrocúvel. Não de energia que se consumisse, em tocha, ou energia que se devorasse, auto. Antes a energia de uma água. Nem a de cunha posada, no plano, ou a do bloco incrustado, na esme.

Uma água mutilada — por dentro o pouso gerando assa. E em perseguindo a fuga encontrá-la no extremo do bico qual seia de aco: faz-la habitante do cume do carne que a guia: o sangue nos cetos das asas posadas o espaço completo sem ponte avistável o peso do mundo na cabeça atlântica navegável.

Antes a energia do homem na ova de sua mão engastilhada.

A fuga operando em contrário o, auctuallida.



Soledad
Quando em ti me reencontro
Quero-te quando chegas
impressentida e nua.
Soledad, te quiero
em panorama, regressos,
quando vens
con los viejos amigos:
Ludwig, Amadeu, José.
Quero-te quando en ti
me reencontro
e sobrevivo
ao novo passo.
Quando desces, súbita
com teu sono.

Sétima
Sinfonia,
de Fernando
Batinga

Fuga
Mas não te quero
solidão
quando vens com meus mortos
tuas paredes — quando vens
e não há ninguém.
Medo de ti, Soledad.
Amigos partem.
O canto cessa, sômente
a cama, o quarto.
Dentro de mim
Wladimir dispara.
Medo de ti, Soledad
de não partir
também.

SANTIAGO DO CHILE 1973

O estruturalismo e a miséria da razão

José Paulo Netto

Desde 1968, o estruturalismo — na sua versão — tornou-se o ponto de partida para a maioria dos estudos de letras, as áreas do estudo das chamadas "ciências humanas" (linguística, sociologia, etc.). Apresentado desde o início como o método intelectual "mais up-to-date" que se aplicava a um "retrato" (estruturalismo) cultural: quem não tivesse uma noção de ele, o estruturalismo era logo rotulado de "ultra-passado" e "obsoleto" (quem não o era, foi rotulado de "ultra-passado", etc., estava "por fora"). Numa palavra: o estruturalismo era visto como a única alternativa intelectual para o estudante preocupado com a modernidade.

Apesar de ser considerado o método de pesquisa por excelência da ciência da cultura, o estruturalismo não é sempre, porque vimos nele a ciência do passado por modernizar, generalizar e ser "mais" universalista: uma boa parte do estruturalismo, desde os seus primeiros anos, porque não tinha a menor condição de ser "up-to-date" ou "modernista", não se referia ao estruturalismo que não tem o caráter de ser "up-to-date" ou "modernista" por uma metodologia estruturalista e por procedimentos estruturalistas, ou se convertera (por uma metodologia estruturalista e por procedimentos estruturalistas) em um método de pesquisa que não deveria ser, de modo algum, considerado "up-to-date" ou "modernista". De fato, o estruturalismo é um método de pesquisa que não deveria ser, de modo algum, considerado "up-to-date" ou "modernista".

De modo geral, o estruturalismo é visto como um método de pesquisa que não deveria ser, de modo algum, considerado "up-to-date" ou "modernista". De fato, o estruturalismo é um método de pesquisa que não deveria ser, de modo algum, considerado "up-to-date" ou "modernista".

De modo geral, o estruturalismo é visto como um método de pesquisa que não deveria ser, de modo algum, considerado "up-to-date" ou "modernista". De fato, o estruturalismo é um método de pesquisa que não deveria ser, de modo algum, considerado "up-to-date" ou "modernista".

Orelha de livro

Camus

— A Peste, cuja ação decorre na cidade de Oran, no norte da África, é a narrativa profundamente dramática da invasão da cidade por uma devastadora epidemia, e dentro desse quadro mais amplo situam-se então as personagens do livro com as suas particularidades, as suas paixões, as suas tragédias individuais. Na cidade atida pela peste, pequeno mundo fechado em si mesmo com um sem-número de problemas pessoais associados ao patológico dos problemas de toda a comunidade, as personagens de Camus, humanas e profundas, se aproximam de nós com a grandeza e o vigor das legítimas criações literárias, envolvidas numa romançola onde as qualidades de estilo do romancista, admiravelmente transplantadas pelo seu grande tradutor brasileiro, mais acentuam a beleza e a sinceridade da sua mensagem de artista e de homem. Numa comunidade assolada pela peste, são múltiplas as reações individuais e coletivas, e cada uma delas pode conter um drama de intensidade variável, ou até mesmo uma parábola de ridículo ou de ódio. Mesmo porque, nem diante da morte, sobrecarregada pelos horrores da peste, o homem abandona os esquece seus ódios, amores, invejas. A grande invasível corre a cidade, em cada casa raios estrecham em convulsões, a boca tirta de sangue, marcando com um selo fatal o destino de cada um, mas ninguém esquece de si mesmo ou de outrem, embora poemas diferentes motivos. Mas se há lucidez e coragem diante da fatalidade, para determinadas criaturas também há, para outras, o delírio, a indiferença, o otimismo, o pavor mortal em face da ameaça latente, da fome cega e implacável que não escolhe nem se sabe quando cairá. Por isso, na mal-



tidão há de tudo; há os que bebem de asperamente porque negociantes manhoosos afirmam que o álcool mata os microbes; há os que choram, os que se desesperam, os que enlouquecem de medo, os que riem, os que pensam em escrever um livro. No fundo existe uma loucura coletiva, uma loucura pânico que se manifesta, entretanto, de diferentes maneiras. E assim se desenrola a história de Camus, num clima dentro de força dramática onde vida e morte se confundem, onde a legenda dominadora da peste flutua sobre a cidade como um sinal ou uma advertência, mesmo depois que os homens reaquiescem a alegria de viver e a epidemia já se atasta na tempo como um longínquo e inexplicável acontecimento que a memória se esforça por desprezar, às vezes, ou insiste em recordar para melhor sentir e aproveitar a felicidade calma e boa do instante presente.

Gererê

A Editora Quatro Artes publicou o livro "Notícia do Marim Ceará de Cristiano Ricardo", estudo de Jerusa Pires Ferreira, ensaísta e professora de Literatura Portuguesa da Universidade da Bahia.

Este ensaio já foi laureado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, no governo do escritor Luiz Viana Filho, época em que o Go-

verno do Estado promovia um concurso literário, hoje extinto.

Jerusa Pires Ferreira é também autora de uma série de ensaios sobre a obra do poeta balano Godofredo Filho.

"Alquimia generativa do Bruzo Godofredo Filho" e "Os Poemas Gálgicos de Godofredo Filho" foram publicadas pela Revista Ocidente, de Lisboa, e em separata editada pela mesma revista.

Pascal

A Editora Beneditina Limitada publica "Do Espírito Geométrico e da Arte de Persuadir", de Blás Pascal, com tradução de Remy de Souza.

O tradutor é professor de francês, diplomado pela UFPA, alim de Terceiro Estado Superior na Sorbonne. O cônsul da França, na Bahia, Sr. Raymond Van der Haegen, escreveu sobre Remy de Souza: "Sobrevente da espécie 'humanista' em sua de extinção, ou pronunciador das futuras gerações que, sobrevento a barreira da língua, criou um novo universalismo do pensamento, ele entre o passado e o futuro".



David Salles

"Primeiras Misturações da Ficção na Bahia", organização, introdução e notas de David Salles e o título do n. 7 da série "Estudos Baianos", editado pela Universidade Federal da Bahia. Além da "Ficção do Tempo", o volume compreende as seguintes anotações do autor: "1. Onde a Ficção na Bahia do séc. XIX"; "2. Sobre a Ficção na Bahia"; "3. Movimento e Instrumentos nos textos"; "4. Bahia, sint: ato e nacional"; "Palavra sobre o seu trabalho, o movimento coletivo e estudos de crítica e história da Ficção em Portugal"; "5. A ficção 'prosaica' que em particular na década desde 1960 tem-se revelado maior que a primeira segunda vez. De a parte mais rica e mais comprometida mas tanto biográficas abrange a ficção do novo século." Mas talvez seja esta cáustica de conclusão de crítica que conduz a ficção de maneira aquilo que oferece a prosa um gesto aparente de descoberta. Situação que não me faltou, em agosto de 1970, ao localizar manifestações ficcionistas baianas da década de 1960 (que coincidiu com a década dos primeiros da ficção no Brasil).

É essa a ficção que aqui se apresenta, pela primeira vez em livro, uma 123 anos depois da publicação original e baiana, em periodismo baiano. Não se discute seu conteúdo, valor documental e cultural. Além disso, parece conveniente prevenir o leitor com a transcrição que poderia ser aceso acreditasse encontrar obras qualitativamente superiores, sem séculos e formas revolucionárias ao gosto atual. São os contrários.

Um livro em revista

Imago, de Ildázio Tavares

Otto Maria Carpeaux

Ildázio me deu um caderno de poesias que ele tinha publicado na Bahia e que li com o maior interesse, reconhecendo nesse jovem um temperamento afim do meu — para dizê-lo francamente e com todas as letras: um agressivo. Um "rebel", mas "with a cause".

Lecturas posteriores, de contos, confirmaram essa primeira impressão. E agora estou escrevendo sobre o segundo livro de poesia de Ildázio Tavares: IMAGO.

São — Estou com os originais — dois cadernos de poesias. Os poemas chamam-se: — o galo, o cão, a vaca, o galo, o boi, o pato, o peru, a ovelha, o cãozinho, o jumento e a cabra, o cavalo, o porco, a galinha, o pavo, o papagaio, a coara, o leão, o tigre, o tatu, a girafa, a zebrá, a hiena, o jacaré, o tamanduá, o elefante, o camelo, a lontra, o coelho, o tucano, a avestruz, o sarigatê. Cada um destes bichos, cápis de figurar como uten-

sa a esse ou aquele — mas prefiro não terminar a frase.

Visto por fora, o livro parece um daqueles letrados medievais que atribuem qualidades humanas aos animais. No século XX, temos muitos motivos para atribuir qualidades animais aos homens destes tempos. Mas não é isso que Ildázio Tavares faz. Limita-se a uma descrição dissecada fenomenologicamente exata dos seus objetos amados. Na adaptação infalível dos ritmos aos temas escolhidos reconhece-se a garra do poeta de grande talento. Quanto a isso, não há dúvida. Só resta perguntar: — para que poeta neste mundo inteligente?

Ildázio Tavares conhece seus animais. Provavelmente também conhece muito bem a psicologia desses seus bichos. Pesquisas do comportamento animal é hoje uma moda. Konrad Lorenz, estudando a vida animal, acredita ter descoberto o

instinto básico de toda matéria animada e instinto de agressão. Sendo que também o temos em nós, seríamos nós — os homens — o muito procurado "missing-link" entre o animal e o Homem, quer dizer: nossa tarefa de educação e auto-educação deve visar a supressão desse nefando instinto de agressão, para que tudo fique em paz, na paz do Senhor, que também agrada muito aos senhores. Tenho para mim que, em geral, e em particular em determinadas situações não devemos suprimir, em nós, o instinto de agressão, mas cultivá-lo.

É por isso que gosto da poesia de Ildázio Tavares, que é um poeta agressivo. Escrevendo poesia agressiva, Ildázio realiza uma das poucas funções que hoje restam à arte: agredir, porque isso nos inspira uma esperança contra a imago deste mundo e de sua atualidade.

O pavão

(I)

é cauda e cor em ação, tumulto de luz em desperdício. Passa de pôs, orgulho ao sol, beleza em vão, entre os demais, o pavão faz burguesia nos quintais.

O pavão

(II)

ecorre o milho em comunhão, para um depois de garbo e só. Carne também, destino à mesa, o pavão (enquanto assiste a degola, a depenação) garante a vida por decoração.

O papagaio

(I)

é cor e choro fundidos no poder de articular. Som que se repete em ser vazio o papagaio acode indiferença em passo parvo no poleiro.

O papagaio

(II)

(quando na mata é sóto e algaravia) nada ensina que se não seja o espanito. Após de ler e ser não mais que treino, o papagaio aprende o humano na gaiola.

Raça

Manoel del PICCHIA

Guilherme de Almeida e Cecilia Meireles foram dois marcos típicos da poesia brasileira desde o advento até este crepúsculo do "modernismo". Guilherme, o incomparável artifice do verso — ditivo duro d'annunziano — nunca no mais puro ouro da língua o milagre lírico dos seus poemas. Transferiu e adaptou, numa luminosa ascensão, sua erudita carga clássica às invenções dos tempos novos como um dos mais brilhantes líderes da "Semana de Arte Moderna". Sem se deixar seduzir pelos excessos a que, aliás, com imaginação e audácia, se entregavam seus companheiros, conservou uma dignidade formal polida e exata, espelhando e acompanhando as mutações do mundo exterior sem, contudo, desnaturalizar seu mundo. Neste se encerrou o artista vigilante e sábio a incurrir, numa linguagem sempre antológica, sua visão da paisagem, suas emoções e seu pensamento.

Nesse sentido foi, ao lado de Cecilia Meireles — ela, porém, seu oposto — um dos maiores artistas da poética brasileira de todos os tempos. Cecilia, realizando poesia pura, respirou a fluidez

da sua forma na emoção do seu tempo. A espontaneidade da sua arte, isenta de qualquer estrutura que denunciasse seu noviciado numa escola, situada numa área lírica inédita e pessoal fundida na atmosfera do infável. O universo da nossa história é visto pelos dois grandes poetas — *Romanço de Inconfidência*, de Cecilia, e *Raça*, de Guilherme — embora de igual atitude, com olhos e temperamentos diferentes. Cecilia envolve o acontecimento numa ambiência de magico lirismo. Guilherme, como um Rugendas, o recorta com forma, cor, movimento, tudo impregnado de sima.

Em *Raça*, Guilherme atinge um dos supremos instantes da sua arte e da nossa poética. O sentido épico do poema — toda a alvorada de uma nação na esferulhante formação política da "Raça" — salta, expresso com tanta cor, tanta violência, tão crua nudez que os versos se corporificam, estufam nossos olhos com faixas de luz, retumbam nos nossos ouvidos com vozes e clamores como se estivéssemos diante de um cinematográfico e sonoro mural da gênese da nossa Pátria.



Zezinho, Santeiro do

Nordeste

Com a morte do mestre Vitalino, José Joaquim da Silva — conhecido como Zezinho de Tracunhaém — passou a ser considerado o mais importante artista popular do Nordeste, no campo da cerâmica.

Diga-se, no entanto, que não se trata apenas de um ceramista ou de um artesão, mas de um representante destes tipos de artistas espontâneos e que aparecem poucos num século.

Com sua força telúrica, as imagens de José Joaquim da Silva se destinam a atravessar o tempo como documento valioso de um estágio de cultura.

O barroco e outras formas de arte culta se inscrevem de modo nítido nas suas imagens, através da apreensão visual e empírica do mundo exterior. Sua arte não conhece limitações estéticas e, por isso mesmo, representa com toda exuberância o sentimento místico do nosso povo.



O artista pernambucano José Joaquim da Silva — mais conhecido como Zezinho de Tracunhaém, cidade em que vive — vai expor seus trabalhos de 10 a 20 deste mês, na Bahia. A mostra é apresentada por Dom Timóteo Amaro Anastácio, Abade de São Bento, e terá lugar da Sala de Paramentações da Igreja do Mosteiro.

Esta é a primeira vez que aquela sala do Mosteiro é

aberta ao público para uma exposição de arte, o que só foi possível pelo grande entusiasmo que o trabalho do santeiro nordestino causou aos monges beneditinos.

Constando de 20 imagens de santos, profetas e beatos, a exposição "Zezinho, Santeiro do Nordeste" é promovida pela Editora Beneditina e pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado (DESC)

salvador,
5 de agosto
de 1973

Jornal de cultura

suplemento do diário de notícias — circula no primeiro domingo do mês.



Jorge Amado, domador de anos

Jorge Amado faz 61 anos no dia 10. Em toda parte o acontecimento é celebrado por escritores, leitores e amigos do romancista. O "Jornal de Cultura" também participa das comemorações. Lela na oitava página o artigo "Jorge Amado, o bandeirante do impossível", onde se faz um breve levantamento da importância do criador de "Tereza Batista" como instrumento de divulgação da Língua Portuguesa. O articulista tenta demonstrar que o idioma não representa barreira intransponível para a literatura, quando seus escritores têm o que contar. Sustenta seu ponto de vista, mostrando como Jorge Amado, não obstante a pouca difusão de Português, conseguiu tornar sua obra conhecida nos mais distantes países. Referir-se, de modo breve, a posições linguísticas acerca do assunto, citando a importância de Dante para a unificação do idioma da Itália. A obra de Jorge Amado é apreciada pelo articulista, sob o aspecto que julga mais importante e decisivo para o destino de toda a literatura luso-brasileira. A tradução dos romances de Jorge Amado e o grande sucesso alcançado no exterior são vistos como abertura de uma nova era para os escritores da nossa língua. As ilustrações em xilogravura são de Calasans Neto e o retrato do romancista é de Carlos Bastos.

Poemas inéditos de Raul Bopp

O poeta Raul Bopp, uma das figuras mais importantes do Movimento de 22, participa deste número do "Jornal de Cultura". Com seus 74 anos, o mestre modernista comparece com dois poemas inéditos e um manuscrito do embalo de rede "Cobra-piolho do Rei Congo", reproduzido em fac-símile.

Manuel Bandeira, na sua "Apresentação da Poesia Brasileira" afirma que Raul Bopp é uma das expressões mais fortes e originais da nossa poesia. Ferreira de Castro diz que o poema "Cobra Norato" figuraria em todas as antologias poéticas do mundo, se tivesse sido escrito em francês ou inglês. E o crítico Othon Mucyr Garcia, um dos maiores estudiosos da obra de Bopp, arremata: "Sendo o único e verdadeiro poema épico da literatura brasileira (porque popular pela essência do tema e pela feição da forma verbal).

Já que as tentativas anteriores — desde de o "Caramuru" e "O Uruguai" até o "I Juca Pirama" e "O Caçador de Esmeraldas" e quantos se arrolei como tais — falta-lhes feição de unidade temática e linguística de vínculo popular e legítimo sabor de brasilidade. — é "Cobra Norato" um dos melhores legados do Movimento Modernista, um dos grandes poemas destes sessenta anos de literatura brasileira do século XX. Seu valor é permanente. Raul Bopp vem acompanhando com interesse o trabalho desenvolvido pelo grupo deste suplemento e, atendendo ao convite que lhe foi formulado, selecionou alguns textos em prosa e em verso para o "Jornal de Cultura". Os poemas são publicados neste número, os textos em prosa aparecerão nos números seguintes. É mais um colaborador importante que este suplemento ganha.



Raul Bopp está preparando para o "Jornal de Cultura" um estudo sobre o Movimento Modernista, abrangendo o período antropofágico de 1928.

Carvalho Filho no Livro Sinótico

Considerando a pouca divulgação dada ao trabalho de vários poetas baianos das diversas gerações, o "Jornal de Cultura", a partir deste número, passa a publicar a seção "Livro Sinótico", apresentando uma pequena seleção de poemas e um estudo sobre o autor. No número de hoje, o poeta escolhido é Carvalho Filho, uma das figuras mais importantes da fase de instauração do movimento modernista na Bahia e pertencente a chamada geração "Arco e Flecha". Além de poemas inéditos do autor de "Face Oculta" aparece um ensaio do romancista português Vitorino Nemésio sobre a referida obra. Para o próximo número do "Livro Sinótico" estão sendo selecionados poemas de José de Oliveira Falcón, que pertenceu ao grupo da Moderna Poesia Baiana. Falcón morreu no Chile, tendo deixado vários poemas escritos em espanhol. A apreciação da sua poesia será feita por Fernando Botanga, poeta baiano residente em Santiago que conviveu com Falcón naquele país.

Raul Bopp: dois poemas inéditos e um manuscrito

HISTÓRIA DO BRASIL EM QUADRINHOS

No meio do Brasil havia um rio que não tinha margens. Rio Imenso.

A água corria corria. Correu tanto que um dia secou.

Apareceu então, na crosta moia, a flor da terra, montões de pedrarias de vivas rutiliâncias. O sol brincava com diamantes. Dos barrancos beijados.

sangrava ouro, em velos retorcidos. O ferro relempeva nas jaídas, que se estendiam em léguas intermináveis. Deus pensou um pouco: Seria melhor que o ser humano não pegue logo conta?

I

Mandou o Anjo número Um cobrir de terra tudo isso. Amontou montanhas. Espalhou mato em toda parte — Quem quiser essa opinião que a procure! E escondeu o petróleo mais pro fundo. Depois disse pro Anjo: — Vou passar aqui as minhas férias. Essa terra é mesmo tão graciosa, sem tufoes, sem viciões sem terremotos. E ficou esperando pelos acontecimentos históricos.

II

Um dia, viu umas naus portuguesas paradas no oceano, por falta de vento. Deu um assopro nas velas murchas. Vieram logo bater nas costas brasileiras. — Ué, exclamou Cabral, do jeito da prova! Essa terra não existe nos mapas! Mas, mesmo assim desembarcaram.

III

E foram chegando outras naus, com bordas de homens ansiosos de aventura. Avançaram terra-a-dentro, à procura de ouro. Depois avançaram nas tapuias de pele dourada. Avançaram nas negras de carnes resistentes, trazidas em navios negreiros.

IV

E o Brasil foi se fazendo desse jeito, em grandes misturas, com violência, estupro e adultérios.

As Cártes de Lisboa estavam cada vez mais prósperas. Enviavam feitores e governadores, com Alvarás e novas Cartas Régias.

As caravelas voltavam abarrotadas de açúcar, pau Brasil e ouro. O Brasil era propriedade de El-Rey.

Mas a Colônia desgostosa se agitava, com revoltas, molins, inconfidências!

Um dia, o povo oprimido deu um beicão: — Agora chega! Basta de exploração! Foi um beirão pra valer mesmo.

Valeu, tempos depois, a nossa Independência.

VISTO POR BANDEIRA

Raul Bopp é natural do Rio Grande do Sul, onde nasceu em 1908, mas pela sua atividade literária adquiriu um certo notoriedade, tendo colaborado na Semana de Arte Moderna e posteriormente na corrente modernista de Menotti del Pirella e Cassiano Ricardo, e na antropologia de Oswald de Andrade. Não que fosse um convencionalista, muito pelo contrário, Bopp é uma das figuras mais fortes e originais do movimento modernista. O crítico André Muricy definiu-o muito bem quando o poeta, simpaticamente por vezes o parodia, divertindo-se com ironia, amaldiçoando periodicamente para aventuras inventivas e distantes. É assim que fez duas vezes a viagem do transatlântico e deturpou de Sul a Norte toda o Brasil. "A minha vida do mundo que eu de lá na Amantia", escreveu Bopp. "Cidade de reis. Pe no chão correndo apressado" e Uma Noite tapada, Fôlta e castiga. O mato e as encostas encovando em verbas". Desta volta ao mundo trouxe a poema "Cobra Noiva" (1911), do qual disse o próprio autor: "Para mim vale mais a tragédia da natureza, coisa humana. Eu começo a vida da rainha Lúcia, Obsequio sexual, Driblox, Fôlta. Tem o ar de um livro de criança. Quando o colono. Mas no fundo sugere a minha tragédia dos homens". A vida daquele mundo pagão e como que ainda em gestação — "E se não está mesmo latente o Brasil" — mistura-se a respeito do alma selvagem evocada nos mitos de folclore local, tudo expresso numa língua forte e atrevida, dotada de muita harmoniosamente equitativa de sãdo colta e da fala popular. Em "Urucuro" (1913) e em alguns dos poemas que acompanharam a edição de 1933 de "Cobra Noiva" trouxe o poeta a poesia americana de temas sempre uma contribuição que empareilha com as dos mestres cubanos e porto-riquenhos.

In Manuscrito "Apresentação da Poesia Brasileira".



Canta-piôcho do Rio Congo

O' esta-piôcho
me empresta a tua sono
o zóntos piqueninho
a quasi felico

Como entrou na coisa
afundou na vaidade
a minha peregrinação
te melindu. Hólesca.

Ja vai quado ja vai odo
tu usa ver fudo a que com.
Ta ideando o Presidente
no peli palácio real.

Jo não sei ja'ome odo.
O Rei Congo chegou
chegou com ele fante
"Sapto pa vanni."

gaya fir quentinho
kai cong o drumon
Popagal pena varda
a, me corta após tu usa

O pifando foi a guera
mas morreu o idóntos,
Dezou um enel se presta
i um tambor de papete

Oi ja sim chegando a sono
maha réti de algodão
pra fazer um lodocimão!
Puro pun... Para-te. Puro ..

Rio Congo somo
"apetible vardo"
gaya fir quentinho
Canta bem de garzinhos,
Puro-puro Para-te. Puro

Raul Bopp

Mironga

I

Era noite de quarto minguante quando Mironga nasceu. Arvores se juntaram para fazer escondido. Bacurau piou de longe. Bicho mandingueiro mandou um recado pelo vento.

O luarzinho brincava na Barra do Emborunanga. Vento voltou. Várrea a floresta do lado de fora. Cipó-Minhoca se mexeu. Virou Coira.

Chegou o Tatu de Bunda-Seca. — Recebi um recado... — Foi muito bom cá ter vindo, pra levar Mironga às bundas do Urariquea. Bruxo está lá... ando.

II

Passou tempo. Muito tempo, Mironga tomou lições de feitiçaria (Aprendeu todo o feitiço do Brasil)

Um dia pediu pro Bravo: — Mande chamar Bunda-Seca. Quero correr meu país. — Ai, só com mandiga escondida de ver coisas sem ser visto. — Então me empreste os seus olhos.

III

E foram furando mato, sete leguas, sete noites. Os pantanais do caminho desbeçavam-se na lama. A água enchabava a terra tapada de escutidão.

— Bunda-Seca! O Bunda-Seca Não vejo nada. — É quebrando. — Deixe os meus olhos passarem. Chegam rios de toda parte, Ouço queixas da floresta.

Ruídos e baques estranhos. Enormes árvores caindo e o fogo raspando o chão.

— Pra que isso Bunda-Seca? — São miradas. Muita estrada. Rasgam serras pelo meio.

Juntam regiões isoladas para arruçar o Brasil.

— Prepare novas mundrungs. Mande os meus olhos mais longe. Quero ver gente e terras que orgulham o meu país.

— Olhe! Não faz muito tempo que o Brasil nasceu de novo, com seu umbigo em Goiás. Fez Milagres com mandingas e uma ajudinha de Deus.

O Nordeste estorricado, mordido pelo verão, começou a espalhar planta com água da irrigação. Ficou com a pele verde como as coxilhas do Sul.

Rio que se quebra em cachoeiras vai se amansar nas barragens, pra água poder trabalhar.

Surgirão sete cidades nas pontas do pantanal.

Os minerais se amontoam na Serra dos Carajás. Cretões estupidos de ouro. Haverá tanta riqueza que o Brasil vai ser feliz.

— Bunda-seca! E o povo humilde, com fatrasa, pé no chão! Na fila dos retirantes, rondam águas sem água. Em vilarejos descalços,

apalpan invocas varias, procurando o que comer. — O que cá tá vendo é verdade. Ha muita coisa a fazer pra endireitar o país.

Não se faz Brasil num dia... Só com mágicas se faz.

IV

Quando o Brasil ficar pronto, nesse imenso território, vamos ter vida tranquila no estilo mussanguia.

As raças vão encontrar-se com um aperto de mão.

Vai haver muita alegria com a lei do "Ninguém passa fome", feitas de Nossa Senhora com Frevos e Bol-Bumbas

Vão chegar de toda parte aparições incorpóreas. Virá a Mula-sem-Cabeça, Beirumbas dos tempos idos. Berra-bói que espanta o diabo.

E hão de vir muitos amigos pra tomar banhos de cheiro.

Entrarão Jua Mulato de braço com Nega Fulô. Jorge Amado e a Gabriela. Também Drummond e o Inojosa. Zâmerico de Almeida, O J.K. e o Andreazza.

Virá o próprio Presidente tomar parte na macumba, pedir a ajuda do Bruxo pra haver mais amor no Brasil.

Dezembro de 1972

CARVALHO FILHO

Poemas escolhidos

O Livro Sinótico

Prefácio

O poeta Carvalho Filho inaugura a seção "O Livro Sinótico", que será publicada nas próximas edições do "Journal de Cultura".

A finalidade é, dentro do formato de um pequeno livro, apresentarmos os trabalhos dos principais poetas brasileiros, não importando se pertencem a tal ou qual geração ou movimento. O critério de escolha é baseado na qualidade do poeta.

Leis sobre Carvalho Filho e ensaio do escritor português Vitorino Nemésio, "Face Oculta", que complementa "O Livro Sinótico".

Genealogia do Tempo

O caos gerou a luz.
A luz gerou o calor.
O calor gerou o fogo.
O fogo gerou a lava.
A lava gerou a rocha.
A rocha gerou o cristal.
O cristal gerou a linta.
A linta gerou o sal.
O sal gerou o mar.
O mar gerou a chuva.
A chuva gerou a terra.
A terra gerou o húmus.
O húmus gerou o plantano.
O plantano gerou a floresta.

II

A floresta gerou a sombra.
A sombra gerou o silêncio.
O silêncio gerou o fermentum.
O fermentum gerou a essência.
A essência gerou a semente.
A semente gerou a raiz.
A raiz gerou a seiva.
A seiva gerou a cór.
A cór gerou a paisagem.
A paisagem gerou a distância.
A distância gerou o abismo.
O abismo gerou o mistério.
O mistério gerou o espírito.
O espírito gerou o homem.

III

O homem gerou a planície.
A planície gerou o deserto.
O deserto gerou o sonho.
O sonho gerou a montanha.
A montanha gerou o horizonte.
O horizonte gerou a loucura.
A loucura gerou a dor.
A dor gerou o medo.
O medo gerou o mito.
O mito gerou o destino.
O destino gerou a fé.
A fé gerou a esperança.
A esperança gerou o tempo.
O tempo gerou o caos.

Pêndulo

O pêndulo objeto
ficto extático
fruto sem origem
disco imantado
de essências de cristal

— o pêndulo mítico
sobre a hora lúcida
surreolado de silêncio
levitando em plena
unanimidade marinha

— o pêndulo teorema
estréia objeto
sem luz e mistério
raiz de escúpido
na luz e na noite

— o pêndulo onírico
de súbito oscila
em linhas humanas
lento lácrono
de extremo a extremo
da estrutura da aragem
impressenda
ferido o tempo
que satgra astil.

Estréla Segunda

Estréla humanizando o céu
estréla apascentando o mar
— entre a estréla e a luz refletida
a vaga memória das líhas
flutua crepuscular

Estréla da prece exaurida
nunca e sempre a celestiar
— estréla só toragida
do fundo sem fundo dos olhos
das serenas do alto mar.

Estréla da prece impunida
entre o seu céu e o meu mar
— resta no paradidim dos mortos
que liberte na noite ardente
o canto à aura estreiar

Estréla da prece sotrida
no pudor de não chorar
— mas estréla de luz e de vida
onde os destinos cumpridos
eternos irão repousar

O Absoluto

Só o plenitúmo como fruto
de súbito desfeito
em luz sideral
sobre a preamar

revelaria submerso
além do húmus inicial do universo
em sua noite milenar
o fundo da morte
— o absoluto.

O Deserto e a Loucura

Nessa distância finita
de extremo a extremo de mim mesmo
nunca se encontra a si mesmo
o ser múltiplo infinito.

O deserto em plenitude
a loucura em preamar.

Então penetro mais fundo
no mistério e em seu sem fim
e surpreendo a minha loucura e o meu deserto
o meu deserto e a minha loucura
se transubstanciando como forças distintas
em mim.

Noite polar: morros em coro
amparam os fogos da hora em tempo
de extremo a extremo
transbordando de mim.

E a minha loucura lavrando o meu deserto
é o meu deserto fecundando a minha loucura
na plenitude do ser liberto
do ser múltiplo sem termo.

Só o êrmo revela o êrmo

Jorge Amado,

o bandeirante do impossível

Cid Seixas Fraga Filho

Jorge Amado, visto nos dias de hoje, com 61 anos de idade, é hoje o escritor brasileiro ou brasileiro; trata-se, com certeza, de um fato irreversível na história literária do nosso idioma. Com seu destino de bandeirante e domador do impossível, ele inaugura a quebra das fronteiras linguísticas para o português, anunciando ao mundo a existência de uma raça de escritores falando um *diálete* desconhecido, mas com muitas histórias para contar.

O romancista, que no dia de hoje não faz 61 anos de idade, é hoje o escritor de língua portuguesa mais discutido e publicado no mundo inteiro. Apontado com frequência para concorrer ao Prêmio Nobel, sua candidatura não representa apenas "o coroamento da sua glória universal", para usar uma expressão do acadêmico R. Magalhães Júnior (1), mas um grande passo na trajetória literária de quênios escritores em língua mestiça ou lusitana.

A importância capital de Jorge Amado está na sua ousadia e coragem de articular ao mundo sons inteligíveis que traduzem histórias maravilhosas, porque feitas de acontecimentos vividos (2). Para o bandeirante que combate os terreiros de encantado, o impossível é tangível com magia simples: a força da narrativa.

Enquanto muita gente se condena ao desterro literário e se vale da pouca difusão da língua como pretexto, Jorge com sua fé rude e simples, cria o hábito de ser escutado por ouvintes atentos. E suas histórias são contadas além do mar, na Pérsia, na China ou em

qualquer país distante, para adormecer as crianças de ontem e despertar os homens (3).

Vejo Jorge Amado como um bandeirante, o maior entre nós, e explico: o Brasil alongou suas fronteiras pela América, prosseguindo o trabalho iniciado por Portugal, na África e na Ásia. Encerrado o tempo das conquistas, nossa língua foi condenada ao silêncio. E nesse silêncio "cada dia" "m. até q" se levantou um apoio para se fazer velho contador de histórias.

Muitos acham inútil a luta, mas Jorge acreditou e acredita na vitória, porque já é vencedor. As barreiras da língua começam a ser quebradas para os escritores do nosso idioma, graças a ele, que não se intimidou contagiado pela coarctada instituição. Ou melhor: tais barreiras nunca existiram em termos diretos. "Na verdade, qualquer homem que tenha algo a dizer pode encontrar, em qualquer língua, a expressão adequada ao seu pensamento; os autores imputam à sua língua as fraquezas das próprias obras procedem simplesmente uma má desculpa" (4).

Bem sabemos que não existem critérios internos que nos permitam decidir se uma língua é superior a outra. Existem fatores externos que criam, bem ou mal, uma hierarquia entre as línguas. É a coragem ou a timidez dos escritores, o talento ou a mediocridade, que representam uma boa parte dessas fatores.

O que dizer de gente, sem a Itália deve a uniões de sua língua? Existem homens que se reservam à

missão extraordinária de perder a natureza individual e assumir dimensões que englobam o "Alfa" e o "Ômega" da raça, entendidos como "totum" ou "omnis" (Cicero, *Tusculus* 22).

O que justifica o prestígio de Latim, pequeno falar de uma região da Itália, se não fatos de natureza estranha à língua?

Não estamos tentando afirmar aqui que são os escritores os únicos responsáveis pelo prestígio do idioma, pois seria um raciocínio ingenuo e historicamente ridículo. Mas lembramos o interesse suscitado pelo estudo do sânscrito, cujos motivos são literários embora com conotação religiosa. Em síntese: os escritores são em grande parte responsáveis pelo prestígio da sua língua. Não foi por acaso que o falar de Atenas exerceu profunda influência sobre a língua e a gramática dos conquistadores latinos, que procuravam adaptar, a maré, sua gramática às estruturas gregas.

Historicamente, por conseguinte o raciocínio é correto. Recordamos ainda, para melhor fundamentação, a citação de Maurice Leroy, pesquisador da Universidade Livre de Bruxes: "Nada mais dessemelhante que o grego homérico, caracterizado por uma grande riqueza de formas flexivas, e o inglês, em que as palavras são, por assim dizer, invariáveis; nada, entretanto, nos autoriza a compará-los em nome de um ilusório critério de perfeição. Querer saber, por exemplo, se Homero (qualquer que seja a realidade que esconde esse nome), caso vivesse na época moderna na Inglaterra, poderia, se validasse do inglês, criar uma "Ilíada" ou uma "Odisséia" com o mesmo excelso ou o mesmo sopro épico, ou se Shakespeare, caso vivesse na Grécia, uns dois mil anos mais cedo, teria podido, utilizando o grego, impregnar sua obra do mesmo poder dramático... eis questões perfeitamente ociosas".

Dito isso, passemos a fatos concretos; Jorge Amado acreditou na afirmação de Descartes ("Aquelas que tem o raciocínio mais sólido e que digitem melhor seus pensamentos, a fim de torná-los mais claros e inteligíveis, podem ser mais persuasivos no que se propõem, ainda que fossem o baixo brechão") e iniciou o seu trabalho de bandeirante da língua portuguesa. Por isso, a sua candidatura ao Prêmio Nobel representa, conforme disse no início destas anotações de louvação aos seus 61 anos, uma grande conquista

para os escritores brasileiros e portugueses.

Mas o prêmio maior ele já recebeu: que é o valor histórico do conjunto da sua obra, sobre a qual somente o futuro poderá fazer uma avaliação isenta de influências negativas e preconceitos de uma ética subdesenvolvida.

Não quero ensaiar proteção de conjecturas refutáveis, mas convidei o leitor a meditar um pouco: a língua portuguesa sempre pareceu aos seus escritores uma barreira intransponível rumo à universalidade reconhecida da obra. Jorge Amado, graças a suas audácias, peripécias e rebeldia, conseguiu desinterrar estes fantasmas de forma espantosa. Hoje são milhares de livros traduzidos para idiomas de países distantes e desconhecidos.

Caberia então a pergunta:

— Se amanhã tudo for mais claro e as viagens desaparecerem, conforme todos nós desejamos e alguns acreditamos, não estaria inaugurada, a partir de "O País do Carnaval" (tomado como marco), uma nova realidade para a literatura luto-brasileira?

Leuamos, pois, o Amado bandeirante do impossível.

Bahia, agosto de 1973.

- R. Magalhães Júnior, discurso de inauguração na Academia Brasileira.
 (2) — Jorge Amado, "Os Pastores da Noite".
 (3) — Carlos Drummond de Andrade, "Obras Completas".
 (4) — Maurice Leroy "As Grandes Correntes da Linguística Moderna".
 Obras ensaiadas sobre o autor:
 Nelson Werneck Sodré, "Ocidente de Pernambuco Brasileiro".
 Orestes Ramon, "Lendas da Bahia".
 Mério de Andrade, "O Engenho de Pernambuco" (leia em português).
 Publicações Europeias: "Lusitana" de Jorge Amado, documentário sobre o autor e o Brasil do autor.



Cidade
da Bahia,
setembro
de 73

Jornal de cultura

suplemento do diário de notícias — circula no primeiro domingo do mês

"Os artistas são as antenas da raça.

Se a literatura de uma nação

entra em declínio,

isto é um prenúncio de que a nação

se atrofia e decai"

EZRA POUND



A flauta mesmo em silêncio fabrica seu mel de fábula

prelúdio

os galos na madrugada
cobrindo as éguas do alarce
os atalaxes do alarme
na grande praça deserta

os galos rubros de guerra
espora crista e fanfarra
rasgando ao quebrar da barra
a gema de sol na serra

o heroísmo dos galos
com o levante na garçanta
o galopar dos seus gritos
na luz que livre alevanta

madrugada aurora madura
rompe a fanfarra na serra
brasão triunfo e estandarte
dos galos rubros de guerra

José C. oliveira falcón

Para aqueles que desconhecem as atuais gerações de poetas baianos, José de Oliveira Falcón pertenceu a chamada Moderna Poesia Baiana. Nasceu em 1940 e morreu em 1971. Deixou publicado o livro "Canudos, guerra santa no sertão", além de ter participado da antologia da Tempo Brasileiro e da revista Sorial. Sua obra inédita compreende vários livros prontos para a publicação, como "Canto da Lapinha", "Função e fôro" e outros.

Tendo deixado a Bahia por volta de 1968, Falcón procurou se ligar, no Sul do País, ao grupo da poesia praxista, tendência marcante do seu vasto trabalho poético. Daí foi para o Chile, onde morreu em 1971. Foi um poeta participante, consciente e dos males sérios da sua geração.

Leia na quinta página alguns poemas inéditos de Falcón e na quarta o artigo de Fernando Battinga, que conviveu com o poeta durante seus últimos dias, ouvindo a sua "Sonata urbana": "a flauta mesmo em silêncio / fabrica seu mel de fábula".

A ilustração é de Herman Bahis. A foto abaixo focaliza uma barraca de livros, como as que serão armadas de 8 a 15 de outubro no Jardim da Piedade, quando da "Feira da Poesia 73". Confira, na programação da feira a vida e a Salvador de vários poetas, como João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, Raul Bopp e Mário Quintana. No Gabinete Português de leitura haverá palestras e projeção de filmes sobre poesia.



Raul Bopp
escreve

Colibris

A Consul Margarida Guodes No-
guera pediu-me que escrevesse
qualquer coisa sobre esse passarinho,
para figurar no catálogo da
exposição.

— Mas eu não entendo nada
de colibris, ponderei eu.

Ela insistiu no assunto. Então
escrevi o seguinte:

Passarinho de natureza nobre,
feito para viver em liberdade, quan-
do cal na gaiola não sobrevive.

Agita-se, com desespero. De-
bate-se nas grades de arame, com
impetuosos suicídios. Machuca-se volun-
tariamente, em golpes ríspidos. Por
fim (dizem) começa a dar bicadas
no ventre, até emasquejar-se, à
maneira de harakiri.

Sob o ar, mistura-se com o
sol, com asinhas de reflexos metá-
licos, em um estado de vibração
constante. Gira, voa, voa, como um
helióptero minúsculo, em formas
geométricas pelo seu mundo vegetal.
Desaparece em vóos laterais,
como o bico ainda húmido das cor-
deiras. Volta, depois, para orientar,
no ar, as suas penas, de uma suave
cintilação de porcelana.

Uma vez, em tempos recuados
da infância, maté, com uma pe-
drada, um colibri. Não era para
acertar, mas acertei.

Chamaram-me de malvado.
Não respondi, mas fiquei com umas
pontas de ramoroso e pena, por
haver destruído aquela cotidiana viva,
inofensiva; um corpo minúsculo
composto de osso e pele, em traje
de luxo. O peçoço estava inserido e
mole. A asinha machucada des-
manchou-se como um laço velho.
As cores se apagaram. Perderam
o quele brilho eléctrico. A pe-
nugem de um azul condizante, com
filigramas douradas, empapou-se
de sangue.

Uma companheira piedosa es-
tendeu o corpinho morto numa ca-
ixa de sapatos, com um travessinho
de flores. Abri uma covra no
fundo escondido do quintal. Cobri-
mos de terra o caixozinho de pa-
pelão, que me ficou pesando na me-
mória, como uma pequena túmu-
lo de colibri desconhecido.

journal
de cultura

Suplemento mensal do DIÁRIO DE
NOTÍCIAS. Circula todo primeiro domingo
de cada mês. Rua Carlos Gomes, 57 —
Salvador, Bahia. Telefones: 3-2521 (res-
cício), 3-2547 (publicidade). Endereço tele-
gráfico: OREMIO.

Editor:
CID SEIXAS FRAGA FILHO



Ilustração de Sante Scaldaferrri

Sobre o ato de ler

José Carlos Oliveira

No curso de minha adolescência, contur-
do resultava incompressível para outras
pessoas. Além dos livros de currículo, que
consultava por obrigação no ginásio e em
casa, eu vivia lendo nas bibliotecas públicas,
nos bondes, nas praças. Esse hábito findou
por ganhar aspecto de antropofagia, a ponto
de me parecer intolerável estar separado, em
momentos vagos, dos livros queridos. Essa
mesma impulsividade aflige o fumante que
vem de consumir o último cigarro. Batto eu
andava sem livro óbvio do bolso. Ora,
havia em minha cidade um tipo popular,
Ora, viro Olo Doido, que dia e noite abra-
çava livros e cadernos, proferindo em seu
delírio se julgava um grande poeta roman-
tico. Os habitantes de minha provincia, uma
cidade de fronteira e semiocidental, po-
diam suportar a visão dos embolados da ri-
zeira — juncos e automóveis de lava que
lhes infundiam leveza e temor; mas com
reitor desdenhado consideravam uma coisa
especial, cujo pretérito se baseava em posi-
ção de base inviolável: eram-lhes então despre-
zíveis o estudo e o estudo. Conclusão: quem
quer que andasse com livros deixava de
ser considerado um tipo de livro por
múltiplo do Olo Doido, pondo-se por an-
tecedente à regra da doença alhada. Assim,
deste céu se têm copiar-se sobre a mi-
nha forma de conhecimento e leitura.

Hoje sou um trabalhador metropolitano,
habituado a ler no avião com os meus
amigos e por isso habituado a consen-
suar com desdém as manifestações de me-
mória e estudos humanas. Não me
agrada admitir que o Complexo de Olo Doido
continue me atormentando. Mas sou for-
çado a reconhecer: nesta grande cidade,
um homem entregue à leitura, em público,
desperta em quase todo mundo uma curio-
sidade insatisfeita. Quando, isso acontece, as
vessas as saias do indolente, porque costumam
se nos livros e relatórios e, quando algu-
ma novidade, vejo-me facilmente acor-
dado por comentários e desentendidos. Com-
preendo que as pessoas reunidas em torno
de rodadas de tópicos se divertam desentendi-
do, porque não compreendo que não se

assim assim que me entrego a minha pa-
sado, que é a leitura, preparação de paz
superior que é a meditação. A maioria das
pessoas parece imaginar que ler é algo
que só se faz quando se fecha a porta da
banheira. Que a solidão, a porta aberta,
é feita disposição de alma, demonstração de
escoteiro em prova de fraco no plano da
solidão. Um bom ruminando (estas pen-
sas) quando é digno de admiração: um
homem ruminando, um homem que não
está fazendo nada, que não está falando nada,
que não está escutando nada, para
essa pessoa, eis um quadro incompressível.

Considero igualmente misteriosa, na
pedagogia brasileira, a tendência a crer que
estudar seja atividade que só se faz com
fins utilitários imediatos. Quem está lendo
ad está realmente estudando se tiver pro-
pósito marcado na cabeça... A propósito,
sempre se lê uma experiência do gênero
que os publicitários chamam: pesquisa de
mercado. Suponhamos que a leitor, mar-
cante, faça o percurso de A a B (de casa
para o trabalho) e vice-versa. Pois bem,
observe-se hoje a realidade que flui em seu ca-
minho: procure entre estas pessoas aquelas
que andam com livros nas mãos. Vou dar
um palpite infalível: nenhuma! Nenhuma
pessoa, numa situação, escreva sequer um
livro. Ou livro se lê ou portas fechadas —
e de entre nós a leitura não chega a cons-
tituir parêntese, aparência, no mínimo, um
elemento constituinte que a forma, com-
parável à satisfação de necessidades fisioló-
gicas.

Para saber o setor uma outra obser-
vação, no mesmo âmbito de uma rotina pro-
fissional e doméstica. Repare que todas essas
decimas de pessoas, que aparentemente não
faz nada, nunca, não na verdade subse-
ntadas a um bombardeio maciço de mensa-
gens sociais. Em toda se sente esse en-
sino que a mensagem lá é dita, que há
sucesso além do que o melhor sistema es-
tático, que a mensagem que ganha ele...
E se um parágrafo que considera bem
pouco útil.

Aura Alvaça

A Sante Scaldaferrri

Florisvaldo Mattos

O cintilação campestre,
remanescente cerâmica
de universo patriarcal!

Contemplo claro rebanho
de reses lentas ganhando
o silêncio das pastagens.
Explode pelos currais
sinuoso berro de espuma,
drapejam vozes de aboió
sobre capim outonal,
verde produção de estérco
consagra o chão mineral.

Ó perene geografia
de homens e naves, sistema
do couro, campo domado!

Andejo rechã buscando
germinais rastros de reses.
Ao sol da manhã preiro
curar sofridas corolas
ou laçar chifres em fuga
— arisca abóbada, ogiva
do tempo aprisionado,
colhêr a rosa alvaça —
pelagem do incontestado.

As bodas da morte

Adelmo Oliveira

Entre os frisos vermelhos da tarde
eu canto a aurora.

Nas colunas de mármore e rebanho
eu canto a aurora.

Uma estrela desmaiada de sangue
eu canto a aurora.

eu canto a aurora

Um fustil pendurado sobre arbustos
eu canto a aurora

E este tempo é um marro de prata
eu canto a aurora

E esta morte é amarga e sonora
eu canto a aurora

Bahia 1971.

Há 139 anos damos crédito à cultura



BANCO ECONOMICO S.A.

Sagamar

Luis Garbogni Quóglia

Ordinariamente, quando o sol vai caindo, Simão e Zumbi regressam do mar, acompanhados do saveiro vizinho. Quando acontece o contrário, não há mais tempo para uns trago, por estar o bar fechado.

— Ferviam os pedaços de baleia em grandes tachos. — Zumbi fala a seu companheiro.

— O quê? — pergunta Simão, que é meio surdo.

— Tachos de ferro. Grandes. — explica Zumbi, gritando. — Ferviam as baleias.

Vinham do canal, das bandas do farol de Itapoá, em cuja enseada deixaram o saveiro na amarragem. A conversa se iniciou lá. Mas cinco passos andados, e Zumbi sabe que o companheiro entendeu suas palavras. Simão é velho, lembra as impressões de quando era menino.

— Uma das casas de contrabando ficava do lado de cá da igreja. — relembra Simão.

Zumbi permanece em silêncio, e dentro de mais cinco passos faz Simão compreender que ele entendeu suas palavras. Cada passada é acompanhada de um ranger de areia enxada.

— A última baleia foi arpoada por Damázio. — diz.

— Foi o último arpoador. — fala mais alto Simão. — Ele fala assim, alto, aos impulsos.

— Faz um ano que ele morreu — diz Zumbi.

— O quê?

— Faz um ano ou dois que Damázio morreu — grita Zumbi. — Mais despaço.

— Levou o título pra cova. — diz alto Simão.

— Uma pena, a gente não ouvir mais a voz dele. — Zumbi também fala alto, por causa da semi-surdez de Simão.

— É verdade. — fala alto Simão, sempre alto, aos impulsos.

Itapoá fica uma vila de pescadores de baleia. Agora, pescadores do alto, que usam linha-de-fundo, pescam de saveiro. — barcos pequenos, de até oito metros, nunca maiores. — pescam o ano inteiro, logo é até o mar não tornar-se perigoso.

— Vamos tomar uma? — convida Zumbi.

— Heim?

— Tomar uma. — grita Zumbi. Simão responde que não, não desta vez. Caminham.

— Olhe aí o que resta daquele tempo. — fala Simão, alto.

— Ossos. — diz Zumbi com alguma melancolia.

É um daqueles detalhes desagradáveis do porto, em frente à igreja. Os ossos das baleias abastidas, cujos restos empilhados ao sol se descobrem na areia para a lembrança dos tempos findos, de violências e temporais.

Zumbi, oito de pesca a tiracolo e as linhas, sobe a praia, toma o rumo do bar.

— Foi! Chegou na hora. — anuncia Caboclo, um pedreiro, que com mais três ali está, lagarelando.

Zumbi entra no bar e toma o copo na mão, com cachaca pelo meio. No seu olho há algumas quatinhas, uns peixes miúdos. O olho é puxado por Caboclo, que espra para dentro e corta umas oito ou dez quatinhas, enquanto Zumbi bebe. O velho pedreiro retira um peixe e Zumbi lhe toma e torna a colocá-lo no olho.

— O peixe é pros meninos, Caboclo, explica.

— Me dá a metade, Zumbi. — pede Caboclo.

— Caboclo, são cinco, os meninos, torna a explicar Zumbi.

— Bom, a gente não vai brigar por isso — desiste finalmente Caboclo. Ele sabia que não havia possibilidade de adquirir um peixe. Alguém em sua casa tinha de comer um peixe. Mas como? Ora, paciência lá. Afinal ali estava, no bar, bebendo.

Do lado de dentro do balcão, o português, um apociano, repeliu as doças, a uma ordem de Cacharello. Cacharello diz: — A maré está fria? — pergunta a Zumbi, enquanto o velho pedreiro põe a cara fora do bar e grita para alguém. Zumbi informa ao outro que a maré estava fria, com uma leve força na toma d'água, na direção norte.

Os homens agora estão juntos



para mais outro trago. O terceiro ou quarto, e o segundo para Zumbi, que continua dizendo:

— ... tivemos na Paragem.

Na Paragem, não pegaram peixe algum.

— É isto, mano. — fala afinal o terceiro homem. — O que não é hoje, será amanhã.

— A água está limpa? — quer saber Cacharello, interessado nas condições do mar.

— Está. — responde Zumbi.

— Boa água. Quando a gente saiu de manhã, um menino perguntou a Cirilo: "Mestre, onê está os casados do mar?" E Cirilo respondeu que era no mar mesmo que eles moravam. E quando saímos no largo pegamos logo uma. O menino estava adivinhando. A gente sentiu outra na Paragem. Tinha muito peixe lá, comendo em cima d'água com fome, mas não de anzol.

— E isto mesmo. — diz Cacharello.

— Está tudo bom. — diz com ironia.

— Que jeito você vai dar? — pergunta Caboclo, o pedreiro.

— Que jeito? — repete o terceiro. — Cirilo é que está certo: "Está tudo bom." — diz Zumbi.

— Não está vendo assim? É meu tio, é Cirilo, mas está um homem meio diferente. — diz então Cacharello. — Prá fé tudo está bom. Parece que o pior pra ele é o melhor.

— Ele teve um saveiro bem pequeno. — lembra Zumbi.

— Me lembro do saveiro. — diz Caboclo. — Um saveiro pequeno, que ele esperava que um dia parisse um saveirinho.

Sorrem todos.

— Aquele pequeno?

— É. Aquele mesmo, que Neco filho de Dão aguentou o temporal né. Cirilo está sempre dizendo que pra ele está tudo bom, e se tiver de se acabar nas águas é lá mesmo, quem quiser que acompanhe ele.

— Essa não.

— Pois sim.

Quem é que conhece mais o fundo?

— Cirilo.

— Então, pra baixo os santos ajudam.

O terceiro homem do grupo, o Simplício Braga, sabia porque Cirilo pensava daquela maneira. Coisas de velho: somente os velhos pensam com humildade.

O homem a quem o pedreiro havia gritado há pouco entra agora

o bar e diz, ao ver Caboclo:

— Não lhe disse? Ele joga melhor na esquerda. Meia-esquerda.

— De que é que isso camarada está falando?

— Futebol: Gongá, o melhor jogador daqui.

— Joga em que clube?

— Juventude.

— Não é no Estrela de Itapoá?

— Não, é no Juventude.

— Os meninos jogam bem. — considera Caboclo.

O recém-chegado deixa o bar, depois de receber um embrulho das mãos do português, que ultimamente vem preparando muito.

— Tem vezes que eu fico pensando... — diz Zumbi, triste. — ... vontade de deixar o mar.

— Tem vaga lá na construção — observa Caboclo, o pedreiro.

— E, mas eu não posso. — responde Zumbi. — Não posso deixar Cirilo e Simão. Estão sozinhos.

Zumbi fala por falar na verdade. Está impregnado de mar desde a infância.

— Qual é o seu barco? — pergunta Cacharello.

— O Visjante...

— É grande?

— Vinte e oito palmos.

— Eu conheço o Visjante. Só aquela vara de varejar pesa mais de dez quilos. Um homem de um braço só não pode manejar. — diz Caboclo.

Simplício Braga balança a cabeça. Sôta muito bem porque tiveram de amputar o braço de Cirilo. Descuido, grangrena.

— Ainda hoje mesmo aconteceu uma coisa. — diz Zumbi.

— No mar? — quer saber Caboclo.

— Foi.

— Vamos tomar outra. — propõe Cacharello.

— Inda não. Espere um pouquinho. — diz Zumbi.

Mas Cacharello chama o português, o açoriano, e este vem repetir as doças. Deixa cair aguardente além dos limites nos copos intencionalmente.

— Pra mim é a saladeira. — informa Zumbi.

— Pra animar mesmo. — diz Caboclo.

— É pescador sofrido do coração era um homem morto. — observa Zumbi.

— Que foi que houve? — pergunta Cacharello.

— Uma besteira. — responde Zumbi. E conta que naquela tarde, quando o Visjante abandonou a Paragem e veio para baixo do Itapoá,

eles haviam pegado um peixe grande. Poderiam ter pegado quatro bons peixes. Vieram os dourados, grandes, uns quatro. O primeiro pôs na linha de Simão, que estava de espera no fundo, e ele a puxou ligeiro. Uma patinha sobrevoou o saveiro naquele instante. Quando o dourado levou a linha durante alguns instantes, Simão ferrou-o, e esperou que Zumbi lançasse outra isca ao mar. Enquanto o peixe fagido rondava o saveiro, os outros o acompanharam, e Zumbi lançou a linha com isca de sardinha. O peixe que veio em cima dela rejeitou-a e ele mudou a isca pra isca de voador. Dourado não enjela, voa de e e Cirilo estava, no bando do meio, um pé, com uma flaga na mão. Simão puxou o seu peixe, um macho cabeçudo, e a linha se embarçou com a do outro, que deu logo uma providência. Afinal, quando o peixe de Simão se encontrou no barco, Cirilo a flagou na barbatana dorsal, num golpe de má sorte, e a flaga rompeu a barbatana. O peixe caiu n'água. Com seu peixe, a linha se partiu. Cirilo não se acabou. Tinha um só braço e nunca perdeu a calma numa flagada, nunca lhe acontecera aquilo. Bem, restava um peixe fagido e mais dois, livres ali em torno. Se pescador sofrido do coração era um homem morto. Não houve afobação, pois, mas o primeiro peixe era o de Zumbi, e não de Simão que linha acertado sua linha na hora do embarço e da providência de Zumbi. Zumbi estava providenciando outra linha e isca apressado. Cirilo jogou o peixe de Simão dentro do barco. De dois outros dourados, cruzaram de lado o saveiro, tres bracos afastados, e Zumbi atirou sua linha a eles. Cinco metros de linha de nylon, com meio metro de bom aço perto do anzol ligado de voador. Besteira. — linha estava solta. Cinco metros de linha perdidos, desendo ao fundo. Foi quando a patinha viu a isca e mergulhou atrás. Zumbi, Simão e Cirilo viram a linha indo ao fundo e a patinha desendo e esperaram, paralisados. "Está tudo bom", disse Cirilo. E logo após a patinha subia à tona, com uma anzol, linha e tudo dentro do bucho. Simão cortou o peixe a flaga e puxou a linha para si, dando-a a Zumbi, ao ver a ave fagida. "Toma tua linha, Zumbi disse sem jeito.

"Fuze devagar", recomendou Zumbi.

"Não, eu não. Tome sua linha", disse Simão, sem jeito. "Como é que eu vou puxar uma patinha?"

Deu a linha a Zumbi, que a recebeu penalizado, mas tinha de tomar alguma providência, de qualquer maneira. "Coisadinha", disse.

"Estava com fome", disse Cirilo. "Está tudo bom", repetiu Cirilo. "Estava com anzol e tudo no bucho."

E se esqueceram de que havia mais dois dourados rondando o barco. Estavam solidários com a ave.

— Bem Zumbi, chega de conversa interrompe Caboclo.

— Está na hora da gente ir. — lembra Simplício Braga.

— É mesmo. — grunhe Cacharello.

Estavam todos bem tocados. Zumbi, — como todos, agora, do lado de fora do bar, — leva o braço ao ombro de Caboclo. Este, por sua vez leva o seu ao de Cacharello, e Cacharello ao de Simplício Braga.

— Vou lhe dar a metade das quatinhas. — sussurra Zumbi ao ouvido de Caboclo.

Não. Deixa pra lá, as quatinhas dos meninos. — recusa Caboclo.

Cacharello balbucia: — Eu sou um pescador. Um... pes... ca... dor...

— Eu peço peixe, não peço dor. — afirma Zumbi. Pago peixe...

No meio da rua, tropeços, os quatro homens aburçados, solidários caminhavam num bambuleio incoerente.

— Só fiquei satisfeito quando a patinha comeu a isca que lhe trouxe. — diz Zumbi, ainda no embalo de sua história.

— Estava com fome. — observa Caboclo. — Imagine. Comeu anzol e tudo.

— Tirel o anzol devagarinho. — explica Zumbi. — A coisa cobra a ponta dele toda. E ele comeu as iscas que lhe dei. Fiquei olhando. Depois ela vou e ficou voando por cima da gente.

Recordação do poeta

José de Oliveira Falcón

Fernando Botiño

Llaman no
Altiplano Chileno
de Tarapacá
últimas
paisagens
vistas pelo Poeta
José
de Oliveira Falcón.



Foto tomada
a quatro mil
de altitude,
por
Carlos Romero

Carlos Cunha me escreve de longe pedindo um poema para Falcón, em homenagem à sua memória, exemplo e obra. José de Oliveira Falcón não terá agora o poema. A mais sincera homenagem que lhe posso fazer neste instante é a de rastrear os últimos tempos de sua vida, buscando a compreensão de seus versos e sua crise que foi e é a de uma geração em uma sociedade pobre e dramática. Pois Falcón foi antes de mais nada um homem-para-outros, mais que múltiplo ou coletivo; universal: busca de se momento e eternidade, pátria e mundo. Não se trata de retóricas, fácil elogio ao amigo distante. Não foi ele ao mesmo tempo, Pernambuco e Valparaíso? Bahia e Mendoza? Rio e Buenos Aires? Casachero no fim da namora argentina? Operário da rua Vicuña Mackenna? Visitante noturno no metrô portenho? Não antevia a morte no casarão da Bellavista, às margens do Mapocho? ("Está cerrada la noche / por donde pasa la muerte") Não foi sertanejo rastreador do último Canudos, sertão baiano?

A vida de José de Oliveira Falcón foi uma luta incessante com a pobreza, dominada não de repente, mas a golpes de agonia, difíceis aprendizagens onde o som e a imagem se fundem num galope, "a travessa lavrada / o futuro nas mãos". Recordo o poeta no sobrado velho do Caquendo, em Salvador, 1965: a cama, a mesinha velha, o 1965-reiro do café, a mãe para pobrecim. Desde sóbrio, eu vi surgir "Canudos, guerra santa no sertão", canto em que o poeta aplica algumas técnicas da "proxia", outras vezes busca o poeta moço de Caboceros, tendo isso um ritmo curto e agressivo, explodindo com as bases do Conselho de Moreira César. Depois, o tempo perdido na enfermidade, da qual o poeta nunca mais se recuperaria totalmente. Neste sentido sua vida também foi um combate pela saúde, a luta pela luzidez

numa época desumana. Pergunto: não seria o verso dominado do poeta uma contrapartida a seu tumulto, seus naufrágios interiores? Naquele tempo éramos juntos, trabalhávamos em equipe na criação e divulgação da arte em uma sociedade indiferente, para não dizer hostil. Em todos os melhores momentos daquele nosso tempo, Falcón esteve junto a nós, embora também sempre no Rio e São Paulo. Anos depois, vejo que o poeta sentia as limitações tanto de nosso que-fazer cultural, como do próprio meio. E assim partiu; e voltava, num preparativo incômodo para a ida definitiva e da qual não haveria regressos. Falcón participava da obra que tentávamos realizar, mas ao mesmo tempo sabia que tinha que encontrar melhores condições de trabalho intelectual e artístico.

Que éramos naquele tempo? Onde a profundidade da obra realizada? A dimensão do mundo, o esforço *far eug* que toda obra artística tem de encerrar? Falcón sabia da profundidade necessária e por isso se foi, partiu num caminho que não contém as fáceis elogios, escolheu em verdade uma trilha aspera, mas que leva à estação final. Rio, São Paulo, Uruguai, Argentina e Chile, um ano de andanças e experiências marcantes que não tiveram tempo de se cristalizar de todo na obra interrompida. Cidadão deste imenso país, ele soube ainda moço — o que é raro — que havia todo um mundo por descobrir, fazer, por conhecer em sua alma mais íntima e neste sentido ele não só viajou por América, ele penetrou em sua linguagem lírica, seu espírito viril e romântico, em sua literatura vanguarda e que será o futuro dentro em pouco, como disse Rosa. Em julho de 1970, nosso poeta chega a Santiago, num anoitecer da frio, um par de livros, alguma roupa, pouca. Co-

nhece o amigo Jaime, irmão dos Faiva e filhos de Violeta, artistas todos de talento, ela uma das maiores compositoras latino-americanas, falecida em 1968. O sobrado "europeu" da Bellavista, depois a casinha de La Reina, ao pé da montanha, quase bosque. Eduardo León, Sergio Infante R., María Angélica, outros amigos, a luta para conseguir trabalho, casar-se com a moça Virginia dos olhos rasgados. A proximidade do inverno, desemprego, não todos os conflitos de uma sociedade ebuldante, a antiga doença volta a se agravar e uma pneumonia fulminante no anoitecer de 13 de maio de 1971, ante a impotência de médicos, amigos e Virginia. Jaz no Cemitério General de Santiago.

José de Oliveira Falcón deixou uma obra incompleta. Interrompida, partida bruscamente. A doença que nunca o deixou, as mudanças, a pobreza, impediram-no de fazer uma obra mais profunda, de realizar um trabalho sistemático e continuado. E ele tinha consciência da dimensão do realizado, da obra feita, sabia que era hostilidade, principalmente quando tinha excelentes possibilidades pela frente: estava dominando outros idiomas, conhecendo outras culturas, vivências, paisagens. Muitas vezes, na casinha de La Reina, à noite, ele me dizia enquanto tomava seu pitico "o nordeste e o altiplano se parecem", e me falava de seus planos, de juntar a dura feição do pampino, do salitreiro, do índio, com o naco nordestino: suas palavras, ritmos, musicalidade, cores. E ele incorporava as duas culturas em seus rascunhos, misturava palavras castelanas e nordestinas, que mais que um jogo de palavras era uma busca de sínteses enriquecedora entre os Andes, o deserto, e a caatinga. Neste e outros aspectos, Falcón foi um dos mais lucidos de nossa geração: por sua real desco-

beria do além Bahia Brasil; pela intuição do belo profundo; e sobretudo pela coragem imensa, pela tenacidade de ir buscar seu destino, de viver e morrer por ele. Falcón e sua obra são uma só totalidade, um não se compreende sem o outro, formam um bloco coesente. E quem está "dentro" do poema de Falcón? quem éle mais amou na vida? "Dorme meu filho dorme, / que dormindo a fome some", nestes versos res'dem alguma das chaves para a compreensão existencial da obra de Falcón: o amor ao homem como a um filho indefeso e faminto, faminto de tudo, e que encontra proteção no abraço da mãe, do sono, da morte. No fundo, José de Oliveira Falcón foi um cristão, no sentido mais antigo e puro. Cristo está no *trafundo* de sua poesia. (Veja-se por exemplo, "Canudos"). O homem desamparado e agonico, os humildes, foram não apenas um tema para sua poesia, mais que isso, foi uma prática de vida, a substância de sua arte. Deixou uma só obra completa; "Canudos" e uma série de poemas e notas d'esperas.

Em um de seus últimos poemas, escreveu: "los ojos son como mar puerto / vacío, bien de adós", presentiria o poeta a morte próxima, gestando-se lenta e imperceptível no peito?

"Todo acabó en la puerta / cara a esra, vida y muerte, / Falcón o ciego, en la sombra / que espera esta luna muerta?"

Falcón-flauta e fábula

Acalanto

dorme meu filho dorme
é a fome que te consome
dorme meu filho dorme
senão a fome te come.

dorme meu filho dorme
que dormindo a fome some.

(pausa)

morre meu filho morre
prá que crescer e ser homem?

morre meu filho morre
que morrendo a fome some

Antiode à liberdade

liberdade: não a ideia
com a sua contradição
não a síntese poética
de outro alienação

liberdade: não o nome
fenômeno estado ação
verbete em dicionário
semântica e cisão

antiode ódio idolo
no processo e dicção
uma antiteses-problema
pela libertação



Acauã

pedra e pó penhira branca
farinha e lepra de luz
rendeira rasgando renda
nos gumes jamacarus

calma e cal víbora açosa
tortura nos olhos crus
chuvisco de agulhas vivas
navalha nova de luz

sêde e sol fuzila o fulvo
na coivara os gravatás
— leva e larva famulenta —
coluna coleia cai

Canto livre

canto livre que se canta
de olho aceso no luar
canto livre não encanta
contra canto do aguçar

rio sêco de ternura
voz madura de escutar
canto livre do quebranto
grita o galo a lampear

cantochão não é seu canto
canta a luta e seu forjar
contra a fuga do acalanto
não descante pra ninar

canto livre de um aboio
que interrompe o vaquejar
berrante ao quebrar da barra
albatroz de um outro mar

azulão

azul, quase um noturno, negro, negro grana, lagrimente estrido
e desamado — "sofre" — o azul de asa espalmana em vô
e vai "a" voa pruta de alma branca no impulso que lhe arranca
noite noturno bico em minha boca, o seu grito — a noite quase à boca
em minha alegre infância noturno... à noite e só: seu negro ave'l'u' dado
rutila salpicado de azul azar cele-te monóia, não-te-esqueças-de-mim
roget-me-noi... aziago de azul na asa aasombra
e seu peito inda quente espedação pela pedra, estilingue/atiradeira,
pela funda/badogue na fogueira da tarde já não arde...
terida mais sangrenta a vida inteira, na esquecida alegria não passado,
nunca vi esqueci perdoei ou senti...
tinha os olhos de um negro enlazarado
de fruta/fior/mulher (olhos cabelos) de fruta/fior sexual (ancios beico)
o bico de um cinema azulado no canto que amo tanto apaixonado
te um grave e baritono ch'ama'do de flauta (vôvo vivo e xintocelo

... um cântaro um poeta, um menino (fui meigo) tão calado
que o silêncio (que agora é rebelião) soluçava, rugia e presentia
por ver a vida morta e ave'l'u' dado azul — quase um noturno, traspassado
pela rosa de um rubro torturado, e a alma da poesia se azulando
na mão e no sorriso desalmado meu silêncio infantil, desesperado
presentia (seu medo e seu lamento), em mim, um fim de tarde assim sangrento
de rojo carazón, de azul manchado de sangue pois no peito estacalhado
do azulão (vô e voz) assassinado o menino lá em Brotas antevia
seu fim mais tarde em tarde assim sombria, seu fim de dia e allegro
de ALEGRIA

seu começo de aurora lhe sorria, e tocando o azulão (olhar e mão)
jurou no guira sangra ser irmão dos puros, dos que voam, lutam, morrem
pra que brote da pedra a poesia... dos livres contra o ódio/escravidão
e guardos o azulão nos olhos fundos, na memória, no mundo em que se a'funda
o Davi que usa mal a sua funda... — e é livre, vô, luta, sofre
porque herdando o azul a voz se agar, continua a cantar pelo

Azulão.

O livro de horas de Guimarães Rosa

Antonio Callado

A partir da publicação em 1956, de Grande Sertão: Veredas, todo romance brasileiro considerado de alguma importância, na opinião de um ou outro crítico, foi a ele comparado. Grande Sertão, longo exame de consciência do jagunço Ribaldo Tatiana, passou a constituir, graças aos seus altíssimos padrões artísticos, uma espécie de pedra de toque, de Hora de Greenwich, para acertar todos os relógios, ou daquele metro de platina existente em Séves, para conferir todos os metros. Ora, o importante é que a cordilheira rosiana não se transforme em mera medida, de montes e rios menores, em lugar de ser escalada com naturalidade pelo leitor comum. Deve ser frequentada e explorada em seus parâmetros às vezes gelados mas sempre fascinantes de soi. Paulo Rónai, com muita modestia, acaba de trazer sólidos ramos de alpinismo no penedo da obra de João Guimarães Rosa. Rónai fez um pequeno livro exemplar, uma Seleta do Rosa que, bem mais que isto, constitui, por virtude do amor com que foi composta, uma espécie de Livro de Horas de João Guimarães Rosa.

Rosa me disse um dia que começara por assinar suas produções J. G. Rosa. Depois passou a assinar J. Guimarães Rosa. Finalmente — completou ele com sua justa e atraente modestia — "descobri que o perfeito, o lindo, era o nome inteiro, que sou tão certo: João Guimarães Rosa". Isto me foi dito em Bogotá, quando já aparecera Sagrada, enquanto grande Sertão, como Corpe de Baile, tomavam forma na cabeça de Rosa. Nas ruas, eram os livros e mortes do bogotano, enquanto Rosa, na residência da missão diplomática do Brasil, bairro de Chapinero, regia Frost. As grandes e violentas imagens da sua obra estavam de tal forma sedimentadas no Autor, senhoras trancadas do seu espírito, que em nada lhe interessou a mania nas ruas. "Estou restando Frost", regia a história de Chacab e de Albertina mas já havendo reconstruído seu tempo perdido. Inventava suas onomatopéias, juntava sons que um dia iam por te

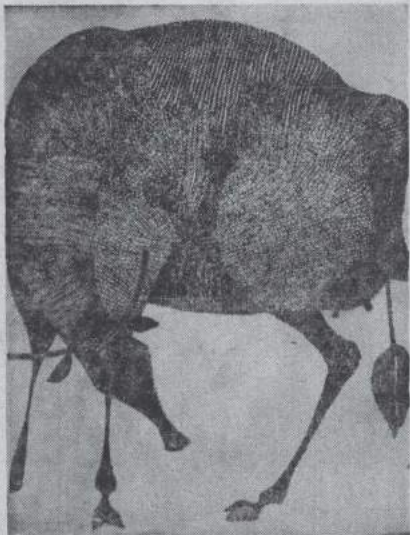


Ilustração de Jonasz Parahy

das as aves gramantas do Brasil a voarem por cima de todos os carnes de bot: "No Urubiquá, no Pirabó". O alto nível de Seleta de Paulo Rónai me faz lembrar outro livrinho, o *Introducing James Joyce*, de T. S. Eliot. Publicado pouco depois da morte de Joyce, a introdução de Eliot visava também a não deixar que a parte difícil da obra de Joyce se transformasse em jardim fechado de intelectuais. Mas Eliot apenas apresentou Joyce e fez sua seleção da prosa do mestre, no livrinho elegante, magro, que, como uma agulha, procurava levar o leitor à própria trama da tapeçaria do *Ulysses* e do *Finnegans Wake*.

Rónai, não. Fala o tempo todo, interrompe a leitura com suas observações — mas não se, em seguida, a voz velada de admiração, como um guia, numa catedral, que apenas nos ensina a ver melhor, com um fio de voz. "Separe ali no vitral, aos pés do profeta rissip, o cordeirinho do canto esquerdo..."

Li o livro inteiro, de ponta a ponta, não como uma Seleta e sim como um livro de crescimento uma história do autor em suas metamorfoses. Para mim a Seleta deve passar a fazer parte das obras completas de Rosa como seu prefácio. Ela traz mesmo a lembrança da gente conversa com o Rosa, como as várias que tive no Itamarati, em seu gabinete de embalador e chefe da Divisão de Limites, encantado com o que fazia, falando do que fazia, falando sobre seus livros enlameados, intor acides, em tudo e por tudo semelhantes às que, com muito de devoção, nos dá agora Rónai.

Arthur Waley, o grande tradutor inglês de obras clássicas da China e do Japão, costumava convidar amigos para lerem em sua casa, na hora do chá. "Não esqueça o livro", dizia. O amigo trazia o livro que estava lendo, Waley abria o selo, e ambos tomavam chá. Ler a Seleta é um pouco assim, um pouco como tomar chá com o Rosa. Não se pode pedir muito ao Rónai.



D. GIZA ASSUNÇÃO CRUZ BRASILEIRA, CASADA E FELIZ.

Proprietária de um apartamento de 3 quartos, living, área de serviço e cozinha realmente amplos, garagem, dependências completas para empregadas, parque infantil para Orlandinho e quadra de esportes.

Tudo isso no melhor clima da cidade.

No ponto mais alto de Brotas, acima do ruído, da poluição, do salitre e com acesso rápido pelas avenidas de Vale.

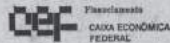
A cinco minutos do centro e das praias.

D. Giza paga apenas 777,00 mensais por seu apartamento de 3 quartos.

Menos, muito menos, que um aluguel.

EDIFÍCIO JURUPARI AV. D. JOÃO VI-76 - BROTAS APARTAMENTOS DE 3 QUARTOS PRONTOS PARA MORAR

777,00 MENSAIS - MENOS QUE UM ALUGUEL



Flanciamento
CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL



Na Construção e marca
de qualidade
cohabita
Rua Floriano Peixoto, 111 - 1º andar
Fone: 3.007, 3.042, 3.168 e 3.233

VENDAS NO LOCAL DAS 8 ÀS 22 HORAS,
OU NA IMOBILIÁRIA DE SUA CONFIANÇA

As palavras malditas

Arnoldo Jambo

O primeiro palavra teria nascido com a primeira língua. Pois é possível que os monstros da polinésia tenham utilizado nas canções profanas da época sua palavra original, criada por uma necessidade de escape em de expressão. Fora dessas imensas incoerências invenções que se palavra — ou palavras malditas — são muitas vezes pronunciadas, o nome são boas. E exprimem impulsos sentimentais, humor, e comportamento e estados. Não dá para o descritivo de reflexo, aliterações, e fatos que outras palavras apenas sedimentam, transmitem em redundância, estereotipadas.

Ora, a elaboração de um dicionário das palavras chamadas feias há de se considerar tão desajazé sociologicamente como os livros destinados a explicar adjectivos, pronomes, molimentos da linguagem. O escritor Mário de Souto Maior vai dar-nos o primeiro livro sendo gênero — no que falta muito bem. Porque ao lado de algar e campo do an subconsciente verbalizar, ainda na queda das tabas e das indicações prometidas aos quais não escaparam propositos e postas de todas as línguas.

Os palavras sempre foram uma real realidade, mesmo para se hipotéticos e aproximadamente bem compreendidos. Se for asseguramos que o pai Adão no experimentou a surpresa de não admitir não teria estado uma intervenção que fizesse, se sentido conceitual nos puristas ou estranhos, certamente. Depois de palavras são palavras tão densas de sentido, tão tradutoras da realidade dos homens e da vida, como qualquer outro vocabulário dignamente tratado no rigor do "Anoking" ou do "summi-Jack".

Na literatura, na guerra, nos mais íntimos momentos, e até nos livros sagrados de palavras sempre lutaram lutar. Realidade, disse muito por famoso na era tempo crônico postergadas limitações com palavras e frases fortemente representativas daquilo que de fato pretendiam representar. O seu diálogo de Guaxupira com o Irajá é uma delícia, até pelas palavras interativas. Ela mesma forma a colônia do Irajá em se- to de sua casa, independentemente do que de qualquer lugar naturalmente treco. OI Vicente foi outro. Registra uma rotina preguiosa, lendo-lhe seus olhos brevemente presentes e cada vez mais reforçados no linguajar prosaico nos países, mas nascido significativamente no meio do livro de prosa, como nas palavras bem firmadas.

É sobre o Manuel Maria Barbosa de Viana, cuja vida "libertina e solta" que- vites tanto: editores interrompidos — que ganhavam um dinheiro ligando com do poeta, versos falantes e barbaços que nada tinham em comum com o famoso Esmar. Não se pode de uma palavra recusada, criada fora de sua vida. Elycia foi sua esposa. Na sua ode ao preto Filipe — A Biblioteca — obra a história de uma visita acadêmica de um se palavra — é designativo do apêndice geral. Aplicação e nome Em Barbosa que se exporberia de sua geração, virto palavra em outras línguas, enquanto que se a sua vez seu nome: de uma palavra de- talente.

Até mesmo das palavras e filigranas das Canções, que os livros de aventura são apresentados como se fossem profissões de impiedade o palavra gravata até entre os estranhos. Em "Orem da Invenção do Brasil" — Intervenção. Ver, de três meses até além com o dicionário anulado por Mário de Souto Maior — Alberto Romero, pesquisando tão somente, as obras de autores estrangeiros que visitaram o Brasil em seus primeiros séculos, refere Jean de Lery para entreter que os nomes todos se vieram muito entre si — o que não poderia ocorrer sem palavras sentidas.

Essas, por exemplo, era um termo muito usado entre os selvagens para se insultarem e qualificarem desprezadamente muitas vezes. Significava adormecida, inerte. Liberalmente livre ou livre guerra para em logo homens do tratado não. E seu — impetores — entre genes "vestidas de indecência" no rigor de Cristóvão Colombo.

Pois isso e pelas vezes de quando se insultaram o palavra entre os humanos, conheciamos que define uma palavra maldita que se usava e que se usam sempre, nada um de comensais, com de conceito sua, de inerte. Inerte não cria uma-lhe a existência prosaica e pulchremente sociológica.

A primeira sentido vendedoro "propriedade" sobre a língua dos chamados línguas éric das palavras feias. O que é preciso é libertar das canções de proleção e fragmentos. Porque mais importante mais livre do que se mudas palavras em a servida e a palavra — palavra de via dar e pela impetora gerada na igno- rância cultivada através das línguas que sua voz, e sentido de palavra, veias de ARI, o hácio de palavras anulado.

A presença de Viegas

Antonio Loureiro de Souza

Quando à noite eu me acordar um livro e uma carta. Era de Jorge Amado. O livro era "Terra, Batação" e a carta era de Viegas. A carta a que se segue: "Caro amigo a 'Terra, Batação' vai lhe agradecer pelo 'Batalão Diestro', livro extremamente útil para todos nós que nos interessamos pela cultura brasileira. Ficou muito contente em ver, entre os integrantes, o nome grande e intocável Sérgio Costa, um dos maiores poetas brasileiros de nosso tempo. Mas por que Figueira Viegas não conseguiu figurar no livro? Grande poeta, grande articulista, grande jornalista... sem falar nos epigramas clássicos, no entanto que vive à sombra de Viegas e o cita e seu nome? Um abraço muito cordial do velho administrador Jorge Amado". Propõe-me, todavia, escrever sobre esta e citarei outras coisas, óbvias para quem quiser de qualquer nome de grande escritor. Viegas citado, por vital no seu livro, não foi suficiente. Não há livro, não há trabalho "Poesia Literária" em preparo. O grande e querido vale batido foi, na verdade, tudo o que sobe de última a grande literatura. Hoje, quando das comemorações, bem merecia se lhe revelar o nome, para que se possa saber quem foi o seu gênio que a botina empunha. Espírito colunar, desde que criança, sempre soube de ler em sua passagem, morreu, ainda há pouco, um capítulo no livro de memórias de Agripino Grieco. Desconhecido leitor, o volume contém também um artigo sobre Viegas chegou a revelar a grande figura de, como a justa crítica. Não é grande poeta, grande articulista, grande jornalista. Figueira Viegas não pode ser atribuído em qualquer, sendo profundamente pelas várias coisas que contribuíram a sua inteligência notavelmente desenvolvida, que sua perfeição que havia de Brasil. Merece, como poeta, Jorge Amado, sempre lembrado, acontece quando se fala de literatura brasileira, quando se fala de literatura de alto nível, além de poeta e crítico literário. Figueira Viegas seria, entre nós, o mais autorizado para falar sobre a vida e a obra que não podem ser jamais mais do que o esquecido. Merece como o dele precisava ser estudado, porque deturpou uma marca indelével na vida cultural brasileira e, por isso, o esquecimento seria injusto. Foi o exemplo do que tentei fazer com o grande Sérgio Costa. Com Filinto de Lima, Com Alves de Carvalho, Jorge Amado com a sua vida e obra que foram e das outras, zozos a falta, que não foi intencional, e bem assim em me advertir que Viegas está e continuará vivo, merecendo ter o seu nome ressaltado. Diferente de Sérgio Costa que foi um misantropo, um asilado no sentido próprio do vocábulo. Viegas foi um personalidade aberta de racismo e de amor, que o destino feroz, feroz, com o seu acido impiedoso. Como Oreste de Nival, foi muito maior quanto ao sentimento pela sua existência na literatura e na poesia e extrairam na revolta a sua vida superlativa. Foi uma figura singular que passou pela vida cheia de aventuras e contrastes, e assim durante de, entre outros, tem lutado honrar as letras de de melhor qualidade que houve na Bahia. José Gregório de Mattos e Guerra.



Ilustração de Hansen Bahia

Escrita da bateação

(fragmento)

Geraldo Dias da Cruz

- 1-1 Da pedra
é a escrita da bateação
é a nobreza do cascalho
e das lavras e monções
é a urdidura
que se derrama por aquelas rios
polindo furnas
elaborando
debaixo de pedras
no curso da lenha
em lance
os aços
os cascos
os cascalhos
- 1-2 A escrita
é o metal na lembrança
é o diamante cegando
é o estalo na lenha
é a areia no ventre
é a fome na gema
é a mulher na memória
é a morte na rede
- 1-3 A escrita
está sempre desatando
o peso e o peso
o ajuste e o engodo
a fome e a língua
o homem e a pátria
- 1-4 A escrita
escrita o cascalho
celebra o solo
- 1-5 A escrita
é como areia
alvo e carne
é como pele
bolso e tempo
é como relógio
ouro e fama
é como faca
gume e aço
- 1-6 A escrita
está no sono
uma agulha
dentro da colcha
um herói
dentro da batalha
a lâmina
dentro do corpo
a gema
dentro do cofre

Meio Escrito, 1973

CHANCE

Conto de Fernando Ramos

Ai o homem deitou as saopunas, o cavalo com a língua de fora.
— Um debocha.
Sol, um doido. Pôs o chapéu na testa, marotamente.
— Não faz mais. Vai ver.
Havia ruína da viração, que sopra nos paus-de-macaco e nos marmeiros, ali sagrados.
Cavalo era pangaré, péduro danado, mas o magarefe não se preocupava com isso. Freinando, tinha conta a acertar. A vespa, numa certa desconfinança, pensosamente indo num esquí, poderia ser mentira. E, p o e r i a ser mentira. Não os pegara na raça, no asfregante, e há uma estória que conta que os olhos não os últimos a serem queimados.
Urubus mexericando podridão de gálio morto, levantam vôo, e nuvem num acobicho, longe. Tem relógio guia-se por ele. Casando a conversa como ela fora contada, apruma a consciência.
Alcebiades (o nome), farto já de jogos. Segue montado, o pelo cabeludo, a camisa aberta, o céu aberto, fuma cigarro, foga fora, acende outro. Retira a vista. Aqueles pés de pau lembram bira-

cos, fôlhas aflorecidas pela ventania, a estrada tem calombo. Toma o rumo da direita, pode vir carro em contramão, o dia é herge.
Não era possível que o compadre fizesse aquilo com ele. Demônio patinou, duvidoso. Visuebrou a essa.
— O Samuel!
Apareceu alegre num pouco de susto. Não esperava o compadre aquela hora. Alguma coisa de grave? E a família? Traziu penhora na mão, era penetrante. O magarefe não estava com a cara desamarrada, só fez amarrar o cavalo. Entrou, sem dizer palavra, Samuel sem compreender.
Saíram em tres minutos, cada um em seu cavalo. O revólver de Alcebiades era "porabellum", e antes houve tentativa de decompostura em Samuel, mas o vento carregou.
— Desconfiel.
— Tá doido, Alcebiades? Maria é minha comadre.
— Desrespeitador. Vou botar na frente dela. Não tinha certeza. O remorso aflorando. Levou-o para longe algum olhar indolente

que passasse sem querer pela estrada vazia. Samuel não conhecia a encruzilhada, lugar escondido na curva. Então teve a idéia. Como não queria fazer injustiça, tirá-lhe uma chance. E a mulher não teria vexame.
Há tempos, o pai lhe disse que um cabra fora colocado ali, à força, sobre um dos caminhos. Só havia um caminho bom. Davo no Balaço. Se o cabra fosse pelo caminho ruim, era culpado, morreria. O tal fora culpado, morreu.
Pararam. Enxalozinho de brisa amoreada.
— O destino dirá se você mente. Escolha um dos tres caminhos. Um deles tem areia movediça. O outro, cobras e urtigas brabas. O terceiro é bom. Se descobrir que tem areia movediça ou urtiga e voltar, é culpado e eu lhe mato. Se achar o caminho certo, vai dar no Balaço, volta pra casa e não lhe falemos mais.
Samuel desmontou, benzeu-se e seguiu.
Tomara o caminho da esquerda, o bom. Alcebiades puxou o cavalo do compadre, satisfeito porque ele era inocente. (1969).



TRADIÇÃO S. A. Crédito Imobiliário

Letras Imobiliárias e Caderneta de Poupança

Rua Portugal, 16 - Salvador Ba.

Rua João Pessoa, 257 - Aracaju Se.

Feira da Poesia 73

A praça é da poesia como o verso é do povo

A poesia entra na lei
da oferta para criar a procura.

Uma verdadeira
feira de poemas
chamará a atenção do público
para o trabalho poético
de autores daqui e de fora.



O Jardim da Piedade
será ocupado por quase vinte
barracas,
de 8 a 15 de outubro,
quando da realização da
"Feira da Poesia / 73",
patrocinada pela
Secretaria de Educação e Cultura,
através do Desc.

o
u
t
u
b
r
o

O mês de outubro será marcado por um acontecimento cultural dos mais importantes para os balaios: a "Feira da Poesia / 73", no Jardim da Piedade. Muita gente vai achar estranha a expressão, mas será realizada, de 8 a 15, uma verdadeira feira com trabalhos de poetas universais, nacionais e balaios. O patrocínio é da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Bahia / Desc.

Muita gente importante virá a Salvador para participar da "Feira da Poesia / 73". João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, Raul Bopp, Pascoal Carlos Magno e Mário Quintana são alguns dos convidados. Vários estados do Nordeste, como Ceará, Pernambuco e Acre, já se farão representar pelos principais grupos de poetas da nova geração.

Aberta às 18 horas do dia 8 de outubro, a "Feira da Poesia / 73" terá, diariamente, barracas com livros de poesia, ocupadas por diversas editoras e livrarias, barracas de grupos de poetas jovens, de trovadores e de representantes de mo-

vimentos poéticos de vanguarda. Todas as noites haverá apresentações de música popular, desafio de violeiros, além da "Noite do Encontro com a Poesia", quando os poetas estarão declamando em praça pública seus versos.

Os organizadores da promoção fazem questão de dizer que não se trata de uma simples feira de livro, o Jardim da Piedade estará movimentado com muita música (uma "parelhação" estereotípica se está instalada) e ainda com uma grande barraca para aqueles que gostam de tomar uma cervejinha fregia. A direção do serviço de bar foi confiado ao jornalista Maneca Muniz.

Explicam que o principal objetivo da "Feira da Poesia / 73" é chamar a atenção do público para o gênero poético que, por se tratar, dentro as artes, da mais profunda de um gênero que vem se diversificando das massas. Acreditam os organizadores desta semana de cultura que com todo o movimento feito em torno da "Feira" o público terá oportunidade de um contato direto com a poesia. E para que este con-

tato não seja apenas na base de ouvir música ou sentar numa barraca, estão programadas palestras no Gabinete Português de Leitura, projeção de filmes de poetas e sobre vidas de poetas.

Os representantes dos diversos movimentos de poesia de vanguarda poderão solicitar para o grupo uma barraca. O Desc, órgão da Secretaria de Educação e Cultura que patrocina o encontro, oferecerá gratuitamente com luz e tudo o mais, sem qualquer despesa para os interessados em apresentar seus trabalhos.

As editoras e livrarias também receberão as barracas gratuitamente, se comprometendo apenas a expor unicamente livros de poesia ou sobre poesia e poetas (ensaios etc.), bem como em procurar oferecer um preço abaixo da tabela aos compradores. Aqueles que nunca tiveram oportunidade de um contato com a poesia poderão descobrir novas preferências, dentre os autores famosos, bem como procurar a barraca de poemas mimeografados, onde estarão trabalhos de poetas balaios.

8
a
15

Fica-te at,
parada na memória.
(Carlos Anísio Melhor)
Uma cidade
não é feita de sonhos,
mas de remorsos.
(Antonio Brasileiro)



Noturnos vagões
carregados de amargura, correm
sobre o horizonte dos dias
(Florisvaldo Mattos)

Há um resto de mim
em toda parte,
que nunca pode ser inteiramente.
(Ildázio Tavares)

bahia,
7 de outubro
de 1973

Jornal de cultura

suplemento do diário de notícias

circula
no primeiro domingo
do mês

PABLO: PACTO COM A ETERNIDADE



O poeta Pablo Neruda, quando da sua visita à Bahia, em 1968, apreciando o painel de concreto de Caribé em companhia do escritor Jorge Amado. (Foto de Zélia Amado, especialmente cedida a este suplemento)

Uma praça cheia de poesia

O Jardim da Piedade estará movimentado de 8 a 15 deste mês com a "Feira da Poesia '73". Barracas com livros de poesia, lançamentos, conferências, debates, apresentações de violões, retretas e espetáculos de música popular são alguns dos programas que o visitante da Feira verá. Escritores bairanos e de outros estados estarão autografando seus livros e mantendo um contato direto com o público.

Como lançamento nacional, Orígenes Lessa virá à Feira da Poesia para autografar "Getúlio Vargas na Literatura do Cordel", ensaio que reúne as pesquisas feitas por este estudioso de cultura popular, depois de viajar por todo o Nordeste coletando material.

O grupo concretista baiano, liderado pelo poeta Erithos Albino de Souza, vai fazer uma exposição de poesia concreta no mês da praça, além de promover o lançamento do "Re-visão de Kilkerry", de Augusto de Campos.

O gráfico Gley Cabral de Melo fará uma mostra de poemas cartazes e desenhos de poemas bairanos lançando seus últimos trabalhos.

A Feira da Poesia tem o patrocínio da Secretaria de Educação e Cultura e, por isso mesmo, os seus coordenadores tiveram que fazer um movimento aberto a todos os grupos, quer sejam de poetas já conhecidos ou de estudantes. Deste modo, não se trata de um encontro que visa defender tal ou qual movimento, mas um ponto de união entre público e poetas. A oportunidade maior será para os novos, que não têm outros meios de mostrar seus trabalhos. A Feira da Poesia, além das noites de declamação, terá uma barraca com poemas mimeografados.

Veja no corpo deste suplemento matérias sobre os autores que estarão lançando seus livros na Feira da Poesia, bem como a programação oficial, na oitava página.



Trovador volta à Feira

A Feira da Poesia '73 marca a volta do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante, um dos mais conhecidos autores de folhetos de cordel do país. Há muito tempo que Rodolfo não vende seus romances de povo, uma vez que os fiscais da prefeitura impediram que ele "trabalhasse na Praça Cairu", local que lhe foi cedido para vender os livros.

"A História de Tereza Batista Cansada de Guerra", baseado no romance de Jorge Amado, é o mais novo folheto de Rodolfo, editado sob a responsabilidade da Feira da Poesia. Trata-se de um versão popular da obra do romancista baiano. Rodolfo Coelho Cavalcante terá uma barraca onde poderá vender sossegado seus livros do cordel, além de marcar as histórias aos curiosos.

Como se sabe, há mais de dois anos que o trovador não vende seus livros, em virtude das perseguições feitas pelos fiscais. Os jornais noticiaram amplamente o fato, sem que nenhuma providência fosse adotada. Deste modo, as autoridades estão condenando ao desaparecimento este gênero de cultura popular. Como autor de cordel, Rodolfo é citado em diversos ensaios escritos no Brasil, chegando mesmo a ser estudado em universidades dos Estados Unidos, como autor "de um gênero literário muito conhecido no sertão do Brasil".

Até hoje ninguém sabe porque não deixam o trovador Rodolfo Coelho Cavalcante vender livremente seus trabalhos. Não existe proibição oficial da prefeitura, mas os fiscais — que com a costumeira agressividade se arrogam a sub-prefeitos — impedem por conta própria que o poeta vá às ruas.

O trovador, falando ao JORNAL DE CULTURA, pediu que tomássemos a palavra em seu nome, adiciando providências. Assim é que estamos dando conhecimento, mais uma vez, do fato ao prefeito, esperando que ele se pronuncie.

Rodolfo Cavalcante diz que só voltará à praça para ler e vender seus livros com uma autorização por escrito das autoridades "porque, nesta idade, não posso mais ficar sendo desfechado".

Vimando resolver este e outros problemas dos trovadores ainda existentes, este suplemento fará uma reunião com todos os trovadores da Bahia e Sergipe, de onde será iniciado um movimento de amparo à literatura de cordel. As conclusões da reunião (ou, possivelmente, Congresso de Trovadores) serão encaminhadas às autoridades, solicitando uma série de medidas que permitam reviver este gênero condenado à extinção, tanto pelo progresso quanto pela falta de apoio. Leia na página 3 o folheto "A história de Tereza Batista Cansada de Guerra".

Não tenho inveja às cigarras:
também vou morrer de cantar.
Cecília Meireles

Raul Bopp escreve

Florestas da Amazônia

As florestas da Amazônia não descansam. Estão em elaboração constante, dentro do seu arcabouço gigantesco. O rio é quem comanda. A natureza inteira sente-se dominada por uma trama de forças ocultas. As raízes trabalham no processo de crescimento, com as suas fórmulas cifradas. Alimentam células, de um conteúdo mágico. Percebe-se, com sentidos transcendentes, a batalha silenciosa da química orgânica. No seu misterioso laboratório, elaboram novos elementos para enriquecer a escola de formas.

Atrás de profundas espessuras desenvolvem-se embriões desgovernados, ensaiando desenhos para tecidos das folhas. Estendem-se pelo solo de aluvião a massa rasteira, de formação vegetativa secundária, delineando silhuetas estranhas. Arvorezinhas, em jejum, oprimitam a figura vegetal. Mas a grande floresta, fechada e sombria, com árvores de corpulência tropical, recua para o fundo do maciço verde, com árvores desconhecidas, de aparência taciturna. Outras, num grupo diferente, emergem imponentemente com um perfil geométrico alongado. E entra brechas de luz espalha-se o mata empilhado, com árvores abraçadas, nas vibrações da vida vegetal.

A floresta modela a sua variedade de plantas dentro de formas que se harmonizam com o ambiente. Arqueta sua oficina de elaborações botânicas, na faixa de um submundo, sem se impertar com fórmulas dos velhos deuses sacerdotes. Cria o próprio ambiente, para garantir-se de uma proteção de mistério. Sêres incorpóreos povoam a selva dominada por uma submissão mágica.

A mata virgem, agitada por rumores indistintos, produz o milto. Desprendem-se espectros dos fundos envidrados. Há lugares de mata embaxado, entre comparsas ramarias, onde sempre é noite. Tudo se envolve de escuro. Em meio de uma vegetação nervosa, move-se a prole dos fantasmas, em aparições impalpáveis e erráticas. Fere o silêncio rios de aves ocultas; Acaá, Ajarco e Minkicó. Passa o Caapora, Salta o Mapinguary.

Agita-se a mata virgem. As fronteiras verdes ondulam, como uma pressa vegetal. Desliza a ventania, em rajadas furiosas, formando redemoinhos na galbaria alvorçada. As folhagens se encapulam. A beira d'água, encolham troncos arrebatados, como destroços do último temporal. Feriantes se despeçam das margens espantadas, carregadas rio abaixo, como lihas flutuantes.

Nada mais gostoso que as viagens de canoa, rio abaixo, rio acima, para se ouvir o marulho da correnteza. Pode-se acariciar, com uma estranha voluptuosa, a epiderme fluvial. Nos lagos sombrios, descobrem-se ironias rutilâncias. Ramos roçam as canaranas das margens. Resmungam as águas. Nas faixas de terra úmida, posam bandos de puzá de plumagem vermelha. Um socóbi filosofa. Penetra-se na mata por caminhos apertados. Nesse mundo profundo, forças incógnitas se aritam. Em frêntes vegetais, ouvem-se queixas íntimas. Os sapos estão de guarda. Nos travejamentos da selva, aranhas tecem os seus planos de engano.

O homem da Amazônia afincou a sua sensibilidade no mistério. Fêz-se um curso imemorial de mata. Encheu-se de credencia, com um paladar de humildade. Ficou, por isso preso aos seus próprios códigos de obediência. Guarda um respeito ancestral pelas forças totêmicas. A mitologia indígena distribuiu, obscuramente, os seus diâmetros para guardar o espírito da selva, em legítima defesa. Nos seus longos silêncios, o abengaba capta as profundas vibrações do ambiente, em um clima surrealista.

Lá fora, o luar espessa lambes o mata, numa hinosa vegetal. Cria-se uma geografia de reunir-mundo, com viagens do lá-se-vaí.

Um estudo de Marco Gavazza



Os rios de João Cabral

Joaquim Inojosa

Curioso a influência dos rios em alguns poemas do Modernismo, ou de suas raízes isoladas. Já em "Faulcécia Desvalhada" publicava Mário de Andrade o poema "Tietê"; — "Era uma vez um rio... pelo qual "as embarcações singravam rumo do abismo Descumbino"... Vinte anos depois alargaria o âmbito da desvalhada poesia para a "Meditação sobre o rio Tietê", cujas águas "não são águas que se beba" (sic); são águas do vício da terra", "malditas e dão morte"; rio que "murmura num banheiro de água pesada e ciega"...

Rio da demagogia e da "incompetente solidão"... Em Raul Bopp possuem os rios outro sentido: o do telurismo amazônico. Rio que "bebia floresta" ("Princípio"); rio que "atrassado que ocupa as margens/arrebenta os burranos. Desniveia e corrige" ("Floresta"); "rios afogados/que vão bebendo o caminho" ("Cobra Norato"); rio que escravizava as árvores — "Ai ali — Nós somos escravos do rio", que é a rua do Sem Fim; e que pode gritar para a floresta imensa... "A floresta vem caminhando/Atra-se que eu quero passar!" (CN).

Em João Cabral de Melo Neto, quer nas "Poesias Completas", quer agora, nesta excelente "Antologia Poética" (Ed. José Olympio), o rio igualmente inspira, mas é diferente, na longa viagem descrita do Capibaribe, do sertão as "terras fêmeas da mata". Caminhada época, de fugarejo em lugarejo, de cidade em cidade, passando até mesmo pela aldeia onde nasce — "Depois é São Vicente/Muito morta e muito antiga" —, onde ainda se chama Capibaribe-Mirim, de cujas águas saíram os meus primeiros banhos de água lustral — as do rio amável das origens vicentinas.

Se o rio de João Cabral, ou os seus rios, difere do Tietê ou do Amazonas, a arte em que se definem é a mesma, aperfeiçoada, porque adaptada à sensibilidade moderna. Difícil perceber até que altura a triste caminhada do Tietê,

"serpente rio" à procura de um "porto seguro na terra dos homens", do "barão moçoim" Mário de Andrade, teria sugerido ao poeta da "Marle e Vids Severina", a "a relação da viagem que faz a Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife". A passagem nordestina imprimiria a descrição os mesmos tons de asperas sociológicas. Nas "meditações" andradas e estrías é solitante e longo: — "e lá na curva do rio vêm outros estríes e mais outros/lá na frente são outros, todos solitantes".../de um Tietê que assim destina, em vez de ir "se alastrar arrojado nas liberdades oceânicas"; e ao atingir à capital, na Ponte das Bandeiras, o menos que acontece é rolar uma lágrima — "uma lágrima apenas" —, no párao final do poema.

A mesma triste sina no destino do Capibaribe de João Cabral, que ao chegar ao Recife nem acredita que seja uma capital, tanto as misérias se assemelham com as que viu pelo interior, inclusive a subleidade dos mangues — "Se é também capital/Será uma capital mendicará". Continua esta impressão nos poemas seguintes: "paisagem do Capibaribe", dedicados a Joaquim Cardozo, "poeta do Capibaribe" — na verdade do Capibaribe mano, como aquele outro, Austro Costa. Outros rios (sem nome, mesmo a poesia de João Cabral; e podem ler-se nesta "Antologia Poética" o louvor dos "rios sem discurso ou dos "rios de um dia", até registrar o poeta ao passo Tietê perambulando, nos versos "Vale do Capibaribe".

Pena que na "Antologia" redidida tenha o autor reproduzido apenas fragmento do poema "O Rio", que, uno em espírito e temática, não deveria mutilar-se por exigência de espaço no gênero do livro. Surprende toda a grande e emocionante marcha do Capibaribe pelos sertões e litoral — e lá se foi a minha outrora aldeia muito morta e muito triste no instante em que ela entra no Recife — "Ao entrar no Recife, não pensam que entro só"...

Entro pela mão de um grande poeta pernambucano.

Rodolfo Cavalcante, o mercador de poesia

A história de Tereza Batista cansada de guerra



Autor:

Rodolfo Coelho Cavalcante

Inspirado no romance
Do Escritor Jorge Amado
Dei o título do meu livro
Por ser amigo estimado
É o romance de Tereza
Cuja história, com lhanças,
Vou fazer o meu versado.

Nasceu Tereza Batista
Na cidade Barracão,
Que hoje é Rio Real,
Situada no sertão;
Entre Sergipe e Bahia
Nasceu ela em pleno dia
De agosto, no verão.

Trazendo signo de "Leão"
Tereza, com precisão,
Tinha coragem e destreza
Da travessa do Leão,
Foi a mulher pecadora,
Atraente e sedutora,
Forém de bom coração.

Sua infância de pobreza
Suportou a tirania
Da desventura da sorte...
Perdendo seus pais um dia
Ficou sózinha orfã,
Para fêmeis camilheira
Sem a menor covardia!

O sertão — já disse
Euclides — é um forte...
Tereza não succumbiu
Com o vendaval da sorte,
Com quinze anos de idade
Deixou a sua cidade
Fugando ruda transporte.

Conseguiu uma passagem,
Viajou no trem da Leste
Com destino a Anápolis,
A capital do Nordeste,
Onde a vida é agitada,
Pela classe desprezada
Do homem "castra da peste".

Era Tereza uma Ninfa
De um porte magestoso,
Com ar de menina pobre,
Tinha o coração bondoso,
Mas seguiu a triste sina
De sofrer esta menina
Um viver mais infelizo.

Um certo dia um Doutor
Mais boêmio, na cidade,
Vestia-lhe como Rainha
E na sua puberdade
Conheceu o meretrício,
Caindo no gauscípio
Da negra fatalidade.

Logo as noites se via
No "Edifício Vaticano"
A mulher-moça mais linda
Do estado sergipano,
Que atraía os boêmios
Os quais lhe ofertavam prémios
Em troca de amor profano!

Era Tereza Batista
O ídolo da juventude,
O anelo dos artistas,
Do Vete em decrepitude.
Porém Tereza vivia
Naquela mar de carnia
Sem se importar da saúde.

Foi amante de doutores,
De ébrios, de lavadores,
De poetas mais notáveis,
De humildes jangadeiros,
Não se sentia infeliz,
Era a doce meretriz
Dos ricos, dos carroceiros.

Jamais queria Tereza
Vender sua liberdade,
Como qualquer meretriz
Viu na sexualidade
Seu signo, sua profissão,
Na natureza — um leão —
No coração — a bondade!

No "Paris Alegre", às noites
De sábado à segunda-feira,
Tereza Batista era
A Deusa da Gasleira,
Enfrentou mil desordeiros,
Apanhou de cachaceiros,
Enfrentou punhal, peixeira...

Quando surgiu um valente
Que com ela desejava
Ter relações amorosas
E ela a ele não topava,
Tereza enfrentava briga
Que a própria polícia, diga,
Como a tragédia fundava!...

Jamais Tereza entregou-se
A qualquer autoridade,
Era uma fêmea feroz,
Conhecida na cidade,
Quem a ela não bulisse
Era a virtude em melguço,
O retrato da Bondade!

Descrever toda odisséia
Da vida desta mulher
Só o Escritor Jorge Amado,
Cuja descrição requir
Um romance volumoso,
De seu viver indolente
Que nem Santarém o quer!

Depois de muito gozar,
Depois de muito sofrer,
Tereza deixou Sergipe,
Veio à Salvador viver,
Sua vida de mundana
Foi ela a mulher balana
Que gozou todo o prazer!

Os mais notáveis artistas
Da Bahia apaixonados
Conviveram com Tereza
Deveras enamorados,
Mesmo triste e maltratada
Era a mulher cobizada
Por inúmeras capatazes!...

Foi amante de sultão,
Foi mulher de magistrado,
Foi concubina de padre,
Foi meretriz de soldado,
Foi prazer de marinheiro,
Foi deusa de jangadeiro,
Tereza um esposo ao seu lado!

Porém Tereza Batista,
O teu romance contemplo,
Foste entre meretrizes
No sofrimento um exemplo,
Por seres mulher-perdidã,
Na tua luta aguerrida,
Na coragem foste um Templo!

Infeliza da pobre moça
Que se entrega ao lupanar,
Pensando que esta vida
Só tem um fim: é gozar...
E neste viver sem noço
Tereza — devido ao sexo —
Foi Santa sem ter Altar!

Se Tereza não tivesse
O seu signo de Leão
Não venceria na vida,
Foi a prostituição,
Acredito plenamente,
Ser a vida equivalente
De maconheiro ou ladrão.

O fim de toda mulher
Que se entrega ao meretrício
É apastar-se na lama
Como verme, em seu ofício;
É a criatura marcada
Como uma desventurada
Que não sai do meretrício!...

Porém Tereza Batista
Foi um poder orfundo...
Se o mundo a fez sofrer
Ela fez sofrer o mundo,
Amou, gozou e sofreu
E no dia que ela morreu
Chorou até vagabundo!

Tereza no nosso Século
Foi a Pecadora Santa,
Foi a Santa Pecadora
De tanta beleza, tanta,
Que o Nordeste a consagrou,
Outra igual não se gerou
Como a mais sublime planta!

Tereza foi um exemplo
De mais pura realidade,
Distribuiu seu amor
Como exige a Sociedade,
Jamais praticou um crime,
Todo o seu viver exprime
Pureza, fidelidade!

Quando ela, na verdade,
Por alguém amar sentia
Era a fiel companheira
Que ao amante não traía,
Mas o amor pouco durava,
Pois o seu signo marcava
De morrer solteira um dia!...

Tereza nasceu mulher,
Mulher ela sempre viveu,
Conseguiu-se ao amor vivo,
Sofreu, lutou e venceu,
Jamais foi uma cafetina,
Mesmo como libertina
Nenhuma honra vendeu!

Assim Tereza Batista
Que viveu na podridão
Foi uma Cansada de Guerra
Dentro a sua geração,
Hoje o seu nome é famoso,
Cujos dramas dolorosos
Vive em nosso coração!

Vê-se muitas meretrizes
Neste mundo de meu Deus
Como Tereza Batista
Com todos os dramas seus,
Mas igual nunca haverá,
Pois Tereza hoje está
Mais santa, leitores meus!

Se é que existe um Inferno,
Este Inferno está na Terra...
Quem sofreu como Tereza
Na verdade um mártir encerra,
Tem razão o Romancista
Chamar Tereza Batista
Magistral Cansada de Guerra.

Mãe-Descolpe Jorge Amado
Se fui franco trovador,
Mas o drama de Tereza
É o drama da minha dor,
Hoje "cansado de guerra"
Vou morrer na minha terra
Distante do meu leitão!

NERUDA — O HUMANISMO DO POETA

Trânsito em Isla Negra

A Pablo Neruda, in memoriam.

Estavas só
quando sobre ti rolaram pedras
estavas só
quando sobre ti singraram naves
estavas só
quando sobre ti cantaram pássaros
estavas só
quando sobre ti cruzaram homens.

Estavas só
quando sobre ti passaram rápido
todos os passos do mundo.
Passou o dia e a noite.
Passaram rios
animais florestas cordilheiras
argila e nuvens
o que amavas e choravas
o imenso rol que acendias
canto plural
com tua espada de amor —
terra ventos mares sangue
asa céu lumes bandeiras
mineral madeiras búzios.
Códigos que decifrava
tua verdade inconsútil.

Nada te podia acordar
do silêncio primeiro.

Estavas só
quando sobre ti fincou o tempo
innumeral residência e rodas.
Mais do que sombra. Cimento.

Florisvaldo Mattos
24.09.73

Bibliografia de Pablo Neruda

(primeiras edições)

Comunicación Santiago, Chile, 1910.
Canción de amor, Buenos Aires, Losada, 1950.
Canción de guerra Havana, Cuba, Edición del Departamento Nacional de Cultura de 1941, 4.ª edición, 1960.
Las piedras de Chile, Buenos Aires, Losada, 1951.
Cantos coreográficos Buenos Aires, Losada, 1951.
Miembras de Isla Negra, Buenos Aires, Losada, 1951 (2 tomos).
Arte de labutar, Santiago, edición original con introducción 1950.
Ode ouz en la arena, Barcelona, Espasa, 1951 (obra de Neruda, fotografías de Oreste Latorre).
Palmas y muerte de Joaquín Murieta, Buenos Aires, Losada, 1951.
La barrera, Buenos Aires, Losada, 1951.
Las manos del día, Buenos Aires, Losada, 1951.
Año Santiago, Montevideo, 1951.
La espada escondida, Buenos Aires, Losada, 1951.
Los poemas del ciclo, Buenos Aires, Losada, 1951.
Po de mundo, Buenos Aires, Losada, 1951.
Cuatro poemas escritos en Francia, Santiago, Montevideo, 1973.
Geografía introductoria, Buenos Aires, Losada, 1972.
Bastinado al ziborichillo y alabanza de la revolución chilena, Poesías Escasas de la Biblioteca, Quilmes, 1973.
O G R A
De crédito con un librito de Neruda con edición de revista "Crux" de Buenos Aires em Junho último, e depois um livro de poemas diversos (1968). Esos poemas de Neruda: Libro de las Promesas de Neruda, Buenos Aires, Delicias Escasas de la Biblioteca, Quilmes, 1973.
Cinco sonetos de amor Santiago, edición primera 1910, Buenos Aires, Losada, 1950.
Canción de guerra Havana, Cuba, Edición del Departamento Nacional de Cultura de 1941, 4.ª edición, 1960.
Las piedras de Chile, Buenos Aires, Losada, 1951.
Cantos coreográficos Buenos Aires, Losada, 1951.
Miembras de Isla Negra, Buenos Aires, Losada, 1951 (2 tomos).
Arte de labutar, Santiago, edición original con introducción 1950.
Ode ouz en la arena, Barcelona, Espasa, 1951 (obra de Neruda, fotografías de Oreste Latorre).
Palmas y muerte de Joaquín Murieta, Buenos Aires, Losada, 1951.
La barrera, Buenos Aires, Losada, 1951.
Las manos del día, Buenos Aires, Losada, 1951.
Año Santiago, Montevideo, 1951.
La espada escondida, Buenos Aires, Losada, 1951.
Los poemas del ciclo, Buenos Aires, Losada, 1951.
Po de mundo, Buenos Aires, Losada, 1951.
Cuatro poemas escritos en Francia, Santiago, Montevideo, 1973.
Geografía introductoria, Buenos Aires, Losada, 1972.
Bastinado al ziborichillo y alabanza de la revolución chilena, Poesías Escasas de la Biblioteca, Quilmes, 1973.



— "Cada día mais drístico as entrevistas. Não sei como pude dar a primeira, mas depois já se tornam um vício e um abuso. Um vício da parte de um, um abuso da parte de outros. Creio que as entrevistas literárias não condõem a nada. As entrevistas são válidas quando se pergunta aos cronistas sobre as experiências que têm ao regressarem à União Soviética ou aos Estados Unidos, ou quando Crístico Ochoa, um pouco antes, regressa de América do Sul. Porém não vejo nem o objeto nem a finalidade de molestar-se e molestar aos poetas que estão fazendo estranhamente uma coisa só: poesia. Depois resulta que essas entrevistas vão-se fazendo cada vez mais rotineiras, acumulam-se repetições, repetições que foi dito por um e por outros. Chega um momento em que nesta veracidade, provocada e artificial já ninguém sabe a quem pertencem as idéias. Ademais não tem tanta importância saber a quem pertencem ou não.

O principal motivo essas parece contrariar-se em algo que considero completamente indesejável, que é o processo literário, o processo do trabalho poético, o que se chama o caminho da criação. Todas estas palavras para definir a urgência que tem um escritor de escolher em escrever sua prosa ou sua poesia. Nunca entendi poetas deste assunto, porém posso dizer que meu trabalho tem sido contínuo desde que tenho uso de razão. Não tenho certo uso de razão porque toda a não alcanço. Mas, desde que tive a meu alcance os implementos necessários nunca deixei de faz-lo e nunca me verguei porque o fazia nem tampouco poderia explicá-lo. Dentro deste trabalho, especial ou especial, melhor dito, tem que dizer-se que existem dois ou três fatores que alteram de quando em quando esta coisa sistemática de meu trabalho (falo somente de mim de mim em si mesmo (...)). Um é a necessidade de escrever sobre certas temas de atualidade, sobre certos acontecimentos que, frequentemente, são acontecimentos públicos e que têm tal importância decisiva e profundidade dentro de alguém que chamam com urgência a atuar em um determinado lugar no todo os meios a sua disposição.

Outra coisa deve levar em conta a poeta que está contra a preceptiva tradicional, ou a superstição tradicional ou a herança lírica e romântica, é que o poeta deve também sobreviver nos compromissos que se lhe pedem isto é, a poesia que se escreve em fazer o trabalho de um determinado grupo humano deve ter a qualidade decorativa para sobreviver. Isto é importante porque o trabalho pequeno-burguês dos poetas cultivos — sempre por aqueles das classes que mandam na sociedade capitalista, quer fazer ser o poeta que sua liberdade resulte manchada se atende a uma solicitação. Existe a poesia escrita a pedido de uma sociedade evidente de um poema, que este resulte verdadeiro, impreciso ou pelo menos tenha a forma, o conteúdo e a coisa necessária para servir em um momento de alívio e de ajuda a um grupo ou intimamente que naturalmente está intimamente de acordo com o poeta. Este é um fator é uma ordem que o poeta deve observar se para cumprir com direito. Em meu caso particular tenho consciência de que, muitas vezes poemas meus feitos e dirigidos, solicitados e pedidos, foram dos que mais me satisfizeram até agora.

(...) "A mim me agrada a que também com meus livros se fazesse o que se tivesse vontade. Eu concedo enorme importância à espontaneidade, ao agrado das coisas. Não creio que a matéria literária seja uma coisa tão absolutamente sobria e limitada ao mesmo. Recordo-me de que quando muito jovem, em um de meus livros, chamado "Tentativa de homem infinito", eu já havia servido a pontuação, como era a usança do Ulisses de Joyce por esse tempo.

Ademais também tenho tido irresistíveis desejos de deixar que façam o que quiseram com meus poemas, muitas vezes me têm adivinhado de que em tal parte suprimam por uma razão e outra parte de um poema meu um fragmento. Eu não protesto, estou de acordo já de antemão; não sei se



chegarei a esta de acordo também com o que se lhe acrescenta aco, porém em geral não tenho essa rubrica disposição para pensar que o que eu faço é bilioso, é insuportável deve ser um texto absolutamente definitivo. Se eu não sou definitivo por que o seriam meus poemas?"

(Trechos de uma entrevista concedida à revista "Crux" n. 4, de Buenos Aires, agosto de 1973).

"Eu não aprendi nos livros nenhuma receita para a composição de um poema: e não de xerei impresso de minha parte para escrever um conselho, modo ou estilo para que os novos poetas recebam de mim alguma coisa de suposta sabedoria (...). Porco que a poesia é uma coisa masculina ou solene em que entram em medida emparralhadas a solidão e a solidariedade, o sentimento e a ação, a intimidade do indivíduo, a intimidade do homem e a secreta revelação da natureza. E penso que não menor é que tudo se manifesta — o homem e sua sombra o homem e sua atitude o homem e sua poesia — numa comunidade cada vez mais intensa, em um exercício que integrará para sempre em nós a realidade e os sonhos porque de tal maneira os uns e os outros. E digo de igual modo que não sei, desde de tantos anos se alguma vez me recebi a cruzar um rio vertiginoso, ao balar ao redor do eixo de uma vela, ao banhar minha pele na água purificadora das águas altas regionais, digo que não sei se aquilo está de mim mesmo para comunicar-se depois com muitos outros seres ou se a comunicação se dá entre os homens que eu estava em comunicação com o mundo. Não sei se soule o viúo ou escrevi não sei se foram verdade ou poesia, transição ou eternidade, ou apenas uma eventual manifestação momentânea, as experiências que cantei mais tarde.

De tudo isso, amigos, surge um entusiasmo que o poeta deve aprender dos demais homens: não há solidão impossível. Todos os caminhos levam a um mesmo ponto: à comunicação de que somos. É preciso atravessar a solidão e a separação a incomunicabilidade e o silêncio para chegar ao ponto máximo em que podemos dançar alegremente ou cantar com melancolia: mas nessa dança na nossa condição melancólica os mais silenciosos ritos da comunicação, da consciência de ser homens e de crer em um destino comum.

(...) "O poeta não é um "dequeno deus". Não não é um "dequeno deus". Não está assinalada por um destino cabalístico superior ao de quem exerce outros mistérios e ofícios. Amádo expresso que o melhor poeta é o homem que nos entrega o pão de cada dia; o pão de cada dia que não se considera deus. Ele cunha a natureza e humilde faz de amassar, meter no forno, dourar e entregar o pão de cada dia como uma obrigação comunitária. E se o poeta chega a alcançar essa singular consciência, poderá também a singular consciência converter-se em parte de um colossal artesanato, de uma construção simples ou complexa, que é a construção da sociedade, a transformação das condições que rodeiam o homem, a entrega de sua mercadoria: pão, verdade, vinho, sonhos. Se o poeta se incorpora a essa nunca esgotada luta para construir cada um nas mãos dos outros nos raios de compromisso, sua dedicação e sua ternura para com o trabalho comum de cada dia e de todos os homens, o poeta tomará parte os poetas tomaremos parte no suor, no pão, no vinho, no sonho da Humanidade inteira. Se por esse caminho inalienável de ser homens comuns chegarem a resultar à poesia o amplo espaço que lhe vão cortando em cada época, que lhe vamos cortando em cada época não mezes". (Trechos do discurso pronunciado na solenidade de entrega do Prêmio Nobel, em dezembro de 1971).



NERUDA - POESIA - NERUDA

Los hombres

Yo soy el peregrino
de Isla de Pascua, el caballero
extrano, vengo a golpear las puertas del silencio:
uno más de los que trae el aire
astutándose en un vuelo todo el mar;
aquí estoy, como los otros pesados peregrinos
que en inglés amanzan y levantan las ruinas:
egregios comensales de turismo, iguales a Simbad
y a Cristóbal, sin más descubrimiento
que la cuenta del bar.
Me confieso; matamos
los veleros de cinco palos y carne agusanada,
matamos los juroz pákidos de marinos menguantes,
Nos trasladamos en gases luminosos de aluminio,
correctamente sentados, bebiendo copas ácidas,
descendiendo en hileras de estómagos amables.



Estão reunidos nesta página alguns dos últimos poemas escritos por Pablo Neruda, o grande poeta latino-americano, falecido em Santiago do Chile no último dia 23, aos 69 anos de idade. São poemas ainda inéditos em livro. Em se tratando de uma homenagem a quem tanto fez pela Poesia e pela Humanidade, tudo indica que melhor seria organizar uma antologia de poemas que refletisse os momentos culminantes. Todavia, pareceu mais aconselhável oferecer ao leitor os poemas mais recentes de Neruda que demonstram muito bem a unidade de sua visão de mundo. Dos poemas selecionados, "Los Hombres" foi publicado na revista "Sin Nombre", de San Juan (Puerto Rico), Vol. III, nº 1, de julho/setembro de 1972. Os restantes foram divulgados pela primeira vez pela revista "Crisis", nº 4, de Buenos Aires, agosto de 1973, um mês antes da morte do poeta.

Triste canción para aburrir a cualquiera

Toda la noche me pasó la vida
sacando cuentas
pero no de vacas,
pero no de libros,
pero no de francos,
pero no de dólares,
no, nada de eso.

Toda la vida me pasó la noche
sacando cuentas,
pero no de coches,
pero no de gestos,
pero no de amores,
no.

Toda la vida me pasó la luz
sacando cuentas,
pero no de libros,
pero no de perros,
pero no de cifras,
no.

Toda la luna me pasó la noche
sacando cuentas,
pero no de besos,
pero no de novias,
pero no de camas,
no.

Toda la noche me pasó las olas
sacando cuentas,
pero no de hoteles,
pero no de dientes,
pero no de copas,
no.

Toda la guerra me pasó la paz
sacando cuentas,
pero no de muertos,
pero no de flores,
no.

Toda la lluvia me pasó la tierra
sacando cuentas,
pero no de caminos,
pero no de canciones,
no.

Toda la tierra me pasó la sombra
sacando cuentas,
pero no de cabellos,
no de arrugas,
no de cosas perdidas,
no.

Toda la muerte me pasó la vida
sacando cuentas,
pero de qué se trata
no me acuerdo
no.

Toda la vida me pasó la muerte
sacando cuentas,
y al salir perdiendo
o al salir ganando
yo no lo sé, la tierra
no lo sabe...

Etcétera.

La situación insostenible

Tanta se habló de los difuntos
en la familia de Ostrogodo
que pasó una cosa curiosa,
digna de ser establecida.

Hablaban tanto de los muertos
cerca del fuego todo el día,
del primo Carlos, de Fel pe
de Carlota, monja difunta,
de Candelario sepultado
en fin, no terminaban nunca
de recordar lo que no vivía.

Entronce s en aquella casa
de oscuros patios y naranjos
en el salón de piano negro
en los pasillos sepulcrales
se instalaron muchos difuntos
que se sintieron en su casa.

Lentamente, como abogados
en los jardines centenarios
pulsaban como murelétigos
se plégaban como paraguas
para dormir o meditar
y dejaban en los sillones
un olor acre de tumba,
un aura que invadió la casa.

un abanico insoportable
de seda color de naufragio.

La familia Ostrogodo apenas
si se atrevía a respirar;
era tan puro su respeto
a los aspectos de la muerte.

Y al amonados sufrían
nadie les escuchó un susurro.

(Porque hablando de economía
aquella invasión silenciosa
no les gustaba los bolidos;
los muertos no comen ni fuman
sin duda esto es satisfactorio;
pero en verdad ocupaban
más y más sitios en la casa)

Colgaban de los cortinajes
se sentaban en los floreros,
se disputaban el sillón
de don Filiberto Ostrogodo,
y ocupaban por largo tiempo
el baño, puliendo tal vez
los dientes de sus calaveras;
lo cierto es que aquella familia

fué retirándose de fuego,
del comedor, del dormitorio.

Y conservando su decoro
se fueron todos al jardín
sin protestar de los difuntos
mostrando una triste alegría

Bajo la sombra de un naranjo
cumían como refugiados
en la frontera peligrosa
de una batalla perdía.
Pero hasta allí llegaron ellos
a colgarse de los ramajes
serios difuntos circunspectos
que se creían superiores
y no se dignaban hablar
con los benignos Ostrogodos

Hasta que de tanto morir
allos se unieron a los otros
enmudeciendo y falleciendo
en aquella casa mortal
que se quedó sin nadie un día
sin muertes, sin vida, sin sus,
sin naranjas y sin difuntos.



El gran orinador

El gran orinador era amarillo
y el chorro que cayó
era una lluvia color de bronce
sobre las cúpulas de las iglesias,
sobre los techos de los automóviles,
sobre las fábricas y los cementerios,
sobre la multitud y sus jardines.

Quién era, dónde estaba?

Era una densidad, líquido espeso
lo que caía
como desde un caballo
y asustados transeúntes
sin paraguas
buscaban hacia el cielo,
mientras las avenidas se anegaban
y por debajo de las puertas
entraban los orines incansables
que iban llenando aceras, corrompiendo
placa de mármol, alfombras,
escaleras.

Nada se divisaba. Dónde
estaba el peígro?
Qué iba a pasar en el mundo?

El gran orinador desde su altura
callaba y orinaba.

Qué quiere decir esto?

Yo soy un simple y pálido poeta
y no he venido a descifrar enigmas,
ni a proponer paraguas especiales.
Hasta luego! Saludo y me retiro
a un país donde no me hagan preguntas.

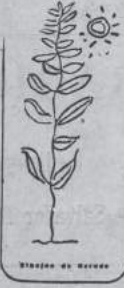


Animal de luz

Soy en este sin fin sin soledad
un animal de luz acorralado
por sus errores y por su follaje;
ancha es la selva; aquí mis semejantes
pulan y retroceden o trafican
mientras yo me retiro acompañado
por la escolta que el tiempo determina:
olas del mar, estrellas de la noche.

Es poco, es ancho, es escaso y es todo.
De tanto ver mis ojos otros ojos
y mi boca de tanto ser brasa,
de haber tragado el humo
de aquellas frezas desaparecidas;
las viejas estatuas desparecidas
y el polvo de incensantes liberales,
el hombre, y el mortal se fatigó
de ojos, de besos, de humo de caminos,
de libros más espesos que la tierra.

Y hoy en el fondo del bosque perdido
oye el rumor del enemigo y huye
no de los otros a no de sí mismo,
de la conversación interminable,
del coro cantaba con necrosos
y del significado de la vida.
Porque una vez, una vez, porque una
silaba o el transcurso de un silencio
o el son de insecto de la ola
me dejan frente a frente a la verdad,
y no hay nada más que descifrar
ni nada más que hablar; eso era todo;
se cerraron las puertas de la selva,
cruza el sol atravesando los tejados,
sube la luna como fruta blanca
y el hombre se acomoda a su destino.



Orígenes Lessa: "Getúlio Vargas na literatura de cordel"

Filho do pastor protestante Vicente Theodoro Lessa, Orígenes Lessa nasceu em Lençóis Paulista, a 12 de julho de 1908. Com três anos de idade, foi levado por seus pais para São Luís do Maranhão, de onde, com nove anos, veio para São Paulo. Dessa influência resultaria, em 1955, o romance "Rua do 20", que mereceu o Prêmio Carmen Dolores Barbosa. Ainda gineasiário, publicou em "O Cielone" um artigo cheio do pessimismo natural da idade, "Evangélio paródico". Aos 19 anos ingressou num Seminário Teológico, que abandonou dois anos depois. Transferiu-se em 1934 para o Rio de Janeiro, onde seus primeiros artigos foram publicados na coluna "Tribuna Social-Operária" do jornal "O Imparcial". Tentou, sem sucesso, vários cursos superiores. Em 1935 voltou para São Paulo, onde ingressou no Departamento de Propaganda da General Motors, o que teria grande influência na sua vida profissional: tornar-se-ia, mais tar-

de, um dos publicitários de maior renome no país. Em 1929 começou a escrever no "Diário da Noite" de São Paulo. Nesse mesmo ano publicou a primeira coleção de contos, "O escritor proibido", calorosamente recebida por Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Menotti del Pechia e Sud Mennucci. Seguiram-se "Garçon, garçonne, garçonnière", menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, e "A idade que o dia-bo esqueceu". Em 1932, tomou parte ativa na Revolução Constitucionalista, que descreveu em "Não há de ser nada" e "Ilha Grande, jornal de um prisioneiro de guerra". Volta aos contos em 1935, com "Pissa-Três". Em 1937 publica "O joguete", novela que não pensa reeditar. A seguir, "O feijão e o sonho", romance que mereceu o "Prêmio Antônio de Alcântara Machado" e já teve 15 edições com mais de 200.000 exemplares vendidos, sendo várias vezes radiofonado e televisionado. Fundou em 1941 e dirigiu

"Planalto", quinzenário de cultura de repercussão internacional na época. Em 1942 fixou-se em Nova York, trabalhando no "Coordinator of Inter-American Affairs", tendo sido redator da NBC em programas irradiados para o Brasil. Regressou em meados de 1943, passando a ressaltar novamente no Rio. Reportagens e entrevistas escritas nos Estados Unidos foram reunidas no volume "OK, América". Novas coleções de contos: "Cinetele em Bombaim" (1946), "A destituição da morte" (1946), "Bailão, homem do mar" (1960), "Histórias urbanas" (1963), "9 mulheres" (Prêmio Fernando Chinaglia, 1963). Entre os romances publicou "Rua do sol", "João Simões continua", "A noite sem homem" (Prêmio Fernando Chinaglia), "Beco da Fumaça" e "O Evangelho de Lázaro" (Prêmio Pen-Clube, 1973). Sua obra tem sido traduzida para o inglês, espanhol, romeno, tcheco, alemão, árabe, hebraico, polonês etc. Nos dois últimos anos, o escritor

fez uma nova experiência. Temendo já incluída de certo modo de 1932, em "Aventuras e desventuras de um Cavalo de Pau", incursionando pela literatura infantil-juvenil com muito sucesso, "Publicos" "Memórias de um cabo de vassoura" (que, em dois anos, bateu a vendagem de "O telhado e o sonho"), "Memórias de um fuzca", "Napoleão e parda de Lucas", "Aventuras de moleque Jaboti" e muitos outros.

Um dos mais concluídos conhecedores da literatura de cordel e dono de milhares de folhetos que formam uma das mais importantes bibliotecas especializadas do Brasil, Orígenes Lessa demonstra, neste ensaio sobre Getúlio Vargas na literatura de cordel, de características inéditas, profunda visão analítica, erudição ímpar e, o que talvez seja mais importante sob o ponto de vista humano, genuíno e sincero amor para com os modestos trovadores do sertão nordestino.

Sobre o tema

Originado prosaicamente do etnoconceito ibérico, o romanceiro nordestino adquiriu, com o tempo, suas características peculiares. Partindo da poesia improvisada, cantada nos "cantorias", surgiu depois poesia impressa, ainda pobremente, e seguida nas feiras e mercados do Nordeste. Os centros de impressão e venda situam-se em Juazeiro, CE; Campina-Grande, PB; Caruaru e Recife, PE, e Salvador, BA. A esta poesia — que constitui a literatura de cordel propriamente dita — é dado o nome de poesia tradicional. Seus autores constituem-se poetas populares distinguindo-se assim dos cantadores, que são autores e executores da poesia improvisada. Contudo, tanto os poetas populares quanto os cantadores denominam-se trovadores, tendo que o uso deste termo medieval de origem provençal reforça a tese de ter sido esta poesia transplantada para o Nordeste da península ibérica e eventualmente da Provença. A própria temática por se compor esta hipótese: os assuntos piarcarcos popularizaram no Brasil os heróis como Pedro Maiorante ou João Soldado. A constante presença dos temas medievais (como "História de Carlos Magno" e os doze pares da França", para citar um entre vários títulos) tampouco deixa de ser significativa dentro deste contexto

Além de temas picarescos, a literatura de cordel aborda vários outros, que — sob a denominação de ciclos — são esquematizados para os fins de estudo da seguinte maneira: ciclo heroico (que inclui obras épicas e trágicas), onde as obras dedicadas a Luís de Camões destacam-se pela abundância quantitativa; ciclo histórico, onde se destaca Padre Cicero, se bem que muitas vezes tratado de maneira extravagante; ciclo marvilhoso, onde predominam seres sobrenaturais e acontecimentos mágicos; ciclo religioso e de moralidade, ciclo de amor e fidelidade, ciclo cômico e satírico e, por fim, ciclo circunstancial. Este último inclui o que se costuma chamar folhetos de ocasião, escritos sobre os acontecimentos políticos ou sobre os fatos ocorridos recentemente. A este ciclo pertencem quase todos os folhetos dedicados a Getúlio Vargas — principalmente os que foram escritos sob o impacto de sua morte —, embora muitos possam ser classificados como pertencendo ao ciclo histórico.

A forma das poesias de cordel segue certas normas, embora seja bastante variada. Uma das mais populares é o quadrado, escrito de quatro versos de sete sílabas rimadas na forma ABCD. Outra é a sextilha, que é composta de seis versos

de sete sílabas rimadas na forma ABCBDB. Da sextilha surgiu o mourão, que é sextilha adalgada, com rimas AB/CE/DBB. Outra estrofe bastante popular é a décima; tem dez versos com rimas dispostas na forma de ABEACCEDE. Os versos da décima têm sete sílabas ou dez, chamando-se neste caso, martelo. A repetição do quarto e décimo verso (ou do nono e décimo) chama-se mote. Existem ainda outras estrofes, como a lenda algueira, a primaveira (em geral com o refrão ou com al-al-al), oito-pés-de-quadrão etc. A apresentação estrutural também permite distinguir diversos tipos de obras: além dos romances, há peças, os abecês etc.

Regionalmente o folheto de cordel é de importância individual. O folheto impulsiona a alfabização do sertanejo, que aprende a ler e a escrever quer para saber "o que está acontecendo no mundo" — e "acontecer" o que o folheto lhe apresenta como acontecimento —, quer para eventualmente tornar-se um trovador, um poeta popular, que é o caminho ao "status" social. Contudo, a importância do cordel ultrapassa os limites do Nordeste. No setor de letras, a literatura de cordel influencia substancialmente poetas como João Cabral de Melo Neto, escri-

tores como Jorge Amado, teatrólogos como Ariano Suassuna; no sentido artístico, a cinematografia que, gravada na madeira, acompanhou as obras literárias, influenciou vários artistas; e, bastando mencionar o produtor Gilson Sarmiento, premiado no Biêni de Veneza.

Vários estudiosos dedicaram-se à análise da literatura de cordel, e suficientes citar aqui, entre os nomes de culto, Síleto Romero ("Contos Populares do Brasil"), Custazo Barroso (do som da viola), Leonardo Mota ("Violões do Nordeste"), Manuel Cavalcanti Proença ("Literatura popular em versos"), Luis de Câmara Cascudo ("Vaqueiros e cantadores" etc.) e outros. O presente estudo de Orígenes Lessa rompe de certo modo com a linha de análise genérica dos autores acima mencionados, pois trata do enorme manancial da literatura de cordel apenas um tema — no caso, o de Getúlio Vargas — analisando não só a temática e literariamente, mas também como fenômeno político e social que, de maneira alguma, pode deixar de ser mencionado quando se trata da literatura que espelha, genuinamente, com vigor e dinamismo, os anseios e frustrações de todo um grupo humano, ainda autêntico e crente, embora tão sacrificado. — ED.

Poema retrospectivo de Santa Maria da Vitória

Jehová de Carvalho

Nas colheitas de janeiro
tenho os olhos do meu filho
erescidos na sacristia
da Senhora da Vitória:
recolhe os frutos do tempo
de tal modo fecundados
que surgem vivificados
em suas pupilas paradas.

Estão-me diante do altar
— é minha avó quem me guia
ao Coração de Maria.
E a criança que eu sinto
— Atráido, Saul e Efraim —
nascida dentro de mim
liberta do seu exílio
são os gestos do meu filho.

Primeiro Salmo: é o anjo
meu arcango Gabriel
não Gabriel de Lívino
desperto do seu cansaço,
peleis pancadas do sino.

"Tantum ergo, Sacramentum,
veneremur cernui"

Vou deixar meu pensamento
em penitências aqui.
Ah minha mão vacilante!
Ah meu bordão de Isaacar
que eu já não posso encontrar

Muitas preces vaporosas
vão-se estender ao arêdo
sob pedra paralela
onde demoram meus passos
vigilados por dois olhos
vindos de alguma janela.

Ah corações de tracoma!
Ah devoções de tuberculose!
Ah corações cancerosos!
Enfermas preces da terra
vagarosas abismais
que por frágeis se desfazem
em meio à longa viagem
às côrtes celestiais.

Segundo Salmo: a seixoras
sobre as águas do Corrente
traí um remeio de volta
a um batélio decadente.

Vara ao peito, bázio à boca,
boca aberta, peito morto,
condus a vara e o peito
à reticência do pórtio
— pórtio de Santa Maria
que amanhêce antes do dia.

Dá que possamos, Senhor,
ter paz, mais paz, mais amor!
E, no João, três, dezessete,
mas o seu corpo não cáli.

Sento-me à mesa das horas
lado a lado com meu pai
meestre, o mar se revolta,
mas o seu corpo não cáli.

Deixo uma luz intranquila
aos meus pés predestinados
penetra dos mundos vazios,
das mezes tediosos cansados
explode na Sambaíba
dá-se às espigas de milho
faz-se gládio de vaqueiro
e dos olhos do meu filho
as colheitas de janeiro.

O poeta de sua gente

Jorge Amado

Um mundo romântico, o da poesia de Jehová de Carvalho, da qual dirão talvez ser vez de acérrico lírico, despida de modismos, falta de certa base modernista. Mas, em verdade, pode-se dizer da poesia que ela é antiga ou moderna, pode-se julgá-la partindo de seu condicionamento à última receita diluída em qualquer parte do mundo? Simples e clara ou resultando de experiências novas e obscuras, a poesia será sempre o pão do homem. No canto apaixonado de Jehová de Carvalho, encontro o homem e o mundo, sua dor, seu protesto, sua luta, "a aurora e sua mensagem rubra" e o mar "roibar o tempo e sobre a vida".

Seu canto de protesto não é simples arrumação de palavras nem demagogia nem generosa inconsciência: o poeta tem plena consciência de seu tempo e seu gesto nasce do conhecimento: "Não por ser o jardineiro entregue a rosa a quem ama. Entregou-a a quem por amor continua o tempo havendo e põe o povo na aurora".

Certos poemas seus recordam-me Nicolas Guillen não em ordem de influência mas num pa-etiloso de ritmo, como o "Canto ao Agogueiro Morto" ou a "Proclamação da Paixão". Outros poemas parecem-me reclamar música, feita popular à maneira de Geraldo Vandré. Não sei se Jehová de Carvalho, homem do jornal, do comércio, da vida da cidade na hora do quotidiano, pensou em dar nova dimensão a certos poemas seus entregando-os a um compositor com a mesma linha de inspiração e de temática. Louvo, por fim, a qualidade humana — e porque não dizer brasileira — desses poemas pois a atmosfera da cidade circula no sangue e na respiração dessa canção de ternura generosa. Jehová de Carvalho é homem de sua cidade e de sua gente. Credo que ele não deseja ser mais do que isso, essa é sua condição, sua "intima dimensão" e é também o dever primordial do artista.

Há 139 anos damos crédito à cultura



BANCO ECONÔMICO S.A.

FEIRA DA POESIA-73: DO CORDEL AO CONCRETISMO



Começa amanhã, dia 8, a Feira da Poesia, 73, patrocinada pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, através do Deac. O pesquisador de cordel Origênio Lessa virá especialmente para o lançamento nacional do seu livro "Getúlio Vargas na literatura de cordel", no dia 12. Além de Origênio, vários poetas estarão autografando seus trabalhos, no Jardim da Piedade.

A Feira da Poesia será aberta às dez horas e trinta minutos de amanhã, indo até o dia 15. Conferências no Gabinete Português de Leitura, espetáculos de música popular e desfile de violões completam a programação. O Grêmio Brasileiro de Trovadores também estará presente, através de uma programação organizada pelo trovador Clodoaldo Duarte.

LANÇAMENTOS

A Feira reunirá desde trovadores populares, como é o caso de Rodolfo Coelho Cavalcante, Honório Santana, João de Jesus Maciel, Francisco Filgueiras, os violoneiros Caboclinho e Dadinho, até representantes do movimento concretista na Bahia. Uma exposição de poesia concreta e o lançamento do livro "Re-Visão de Kilberry", de Augusto de Campos, marcam a participação do grupo concretista.

Entre os poetas que estarão autografando seus livros durante a Feira da Poesia/73 destacam-se José Carlos Capinam, Adélmo Oliveira, Antonio Brasileiro, Ildefonso Tavares, Myriam Fraga, Fernando da Rocha Peres, Carvalho Filho, Samuel Nogueira, Maria da Conceição Patrinhos, Ruy Espinheira Filho, Florivaldo Mat-

tos, Humberto Fialho Guedes, Carlos Cunha, Godofredo Filho, Cid Seixas Fraga Filho, Evandro Barreto, Carlos Anísio Melhor, Tessa, Wilson Rocha, Jhoná de Carvalho, Sérgio Mattos, Antonio J. Santana, Walter Nogueira Teles, Terezinha Cordelero Saraiva, Walter Cajazeira, A. Mendes Neto, Humberto Lício, Jorge Faria Góia, Ivan Dória, Antonio Short, Osvaldo Sá, além dos jovens iniciantes na arte poética, que compõem o Grupo Manopó.

Participam ainda da Feira da Poesia/73 além da União Baiana dos Trovadores, as bandas da Polícia Militar, sob a regência do maestro José do Espírito Santo, e do Corpo de Bombeiros, sob a regência do maestro Roberto de Aquino (Xaxá), apresentando retretas de música popular.



Programação

Dia 5

- 18.30 — Abertura.
- 20.30 — Concerto livre.
- 21.15 — "A situação do poeta na sociedade industrial", palestra do poeta Florivaldo Mattos, no Gabinete Português de Leitura.

Dia 9

- 20.30 — Noite de lançamentos: livros de poetas balanos / revistas de poesia / poemas mimeografados / plaquetinhas / canções / álbuns de poesia / biografia de poetas / ensaios / abecedários / folhetos de cordel.
- 21.15 — Abertura da exposição de poemas cartazes do gráfico Glei Cabral de Melo, no Jardim da Piedade.

Dia 10

- 20.30 — Noite da Música Popular Baiana, com o espetáculo "Bahia, trevo de samba",

participação de Batatinha, Riachão e Faneia.

- 21.15 — Lançamento e autógrafa do long play "Samba da Bahia".

Dia 11

- 20.30 — Noite da Poesia Concreta na Bahia, por Erthos Albino de Souza / Orlando Pinheiro / Jiljo César Lobo / Haroldo Cajazeira Alves / Nivaldo Silva Silva Costa e Alma Andrade.
- 20.30 — Tocata de Banda.
- 21.15 — Lançamento do livro "Re-Visão de Kilberry", estudo do concretista Augusto de Campos.

Dia 12

- 20.30 — Noite dos Trovadores e Violões.
- 21.15 — Lançamento do livro "Getúlio Vargas na Literatura de Cordel", de Origênio Lessa. Após a noite de autógrafos haverá debate com o autor no Gabinete Português de Leitura.

Dia 13

- 20.30 — "A Semana de 22 na Bahia", palestra do poeta Godofredo Filho, no Gabinete Português de Leitura.
- 21.15 — Declaração de Poemas, no Jardim da Piedade.

Dia 14

- 20.30 — Dobrados e Cantigas Populares.
- 21.15 — "Literatura Comparada: Brasil / Estados Unidos", palestra do poeta Ildefonso Tavares, no Gabinete Português de Leitura.

Dia 15

- 20.30 — No Tempo das Retretas...
- 21.15 — Projeção de filmes de curta-metragem sobre literatura poética, no Gabinete Português de Leitura.

Encerramento.

jornal de cultura.

suplemento do diário de notícias - iracula no primeiro domingo do mês



ARIANO SUASSUNA

ARIANO SUASSUNA GANHOU O PREMIO NACIONAL DE FIÇÃO, COM O "ROMANCE DA PEDRA DO RHINO" ESTEVE EM BRASÍLIA PARA RECEBER OS 40 MIL CRUZEIROS DO PREMIO, FALOU DA SUA CRIAÇÃO DE CABRAS E CONTOU PIADAS DE GAGO. O HUMOR DE SUASSUNA FOI O PONTO DE DESTAQUE DE TODA A SOLENIDADE. OBRIGADO A FAZER DISCURSO, ENQUANTO A PLATÉIA PERMANECIA DE PÉ (INCLUSIVE O MINISTRO DA EDUCAÇÃO), ARIANO PUXOU UMA CADEIRA SENTOU-SE TRANQUILAMENTE E TIROU UM PAPEL MACHUCADO DO BOLSO:

— "VOU SALTAR UNS TRECHOS, ASSIM NEM EU PASSO PELO VEXAME E NEM VOCÊS PELO APERTEIO". PERGUNTADO POR UM REPORTER (IRÔNICO OU INGENUO) O QUE PRETENDIA FAZER COM O DINHEIRO DO PREMIO, DISSE QUE IA COMPRAR TODO DE CABRAS. NO DISCURSO, COM SEU HUMOR SERTANEJO, SUASSUNA DEIXOU FALAÇÃO:

— "FUI PERGUNTAR A MINHA MÃE SE DEVIA VIR RECEBER O PREMIO. ELA ENTÃO ME DISSE: VÁ, PORQUE O MINISTRO PODE TOMAR A SUA AUSÊNCIA COMO UM DESPRESTÍGIO PARA ELE".

LEIA NA PÁGINA OITO UM POUCO DA IRRÉVERÊNCIA MONARQUISTA DO CAVALHEIRO DE ARMADURA DE COURO.

PREFÁCIO PARA SERIAL

ANTONIO BRASILEIRO

Nossa esperança é encher o mundo de Poesia, inundar a humanidade de Poesia. Para isso fomos feitos.

Não é, todavia, estranho que enxerguemos o real, embora vária a nossa realidade — o mundo, sabemos, nos olha avesso; há demasiada democracia e, nesses reinos, conta é a quantidade.

Somos minoria.

Dai sermos, com frequência, heréticos: poupamo-nos da contaminação, do bafo. Nos lêem os mais vorazes, os que montam águias, os que sabem decifrar os reflexos do Triássico. A estes nos dirigimos: somos poetas da Bahia; a casa é de vocês

(Leia na quinta página)

SONETO EPICÉDICO A CARLOS PENA FILHO

GODOFREDO FILHO

O entendimento claro. A voz submissa
em novilúio à Virgem de seu signo,
e os passos que não voltam à rubra missa
da aurora do zodiaco squecido

O gesto esquivo, Carlos. A girândola
das mãos que a noite densa agora alcançam
e, em verso ardente, a dúcida calêndula
que escorre de seus dedos giratórios

O mar de Olinda, as palmas, as areias
e outro Nordeste, e outro destêrro, e as várzeas
de bois pastando os olhos das sereias,

antes que o sono lhe prendera os cílios
com o grampo etéreo e, na distensa bruma
do azul, Recife e Junho se perdessem.

SÍNTESE

Um grupo de escritores está se movimentando com o objetivo de fundação de uma editora destinada a publicar livros de autores da terra, com distribuição nacional. Contatos neste sentido já foram mantidos com o Gerente de Livros Avulsos da "José Olympio", quando da sua visita a Salvador. A Editora "JO", que atualmente distribui os livros publicados pela Civilização Brasileira, Sabá e outras, está interessada na distribuição, através da sua rede nacional, dos trabalhos a serem lançados por este grupo.

O movimento já recebeu o nome de "Edição Cooperativa dos Escritores da Bahia", devendo funcionar como uma espécie de clube de livro. Os estatutos estão sendo elaborados e a meta primeira a atingir é a montagem de um pequeno estúdio gráfico, onde os livros serão impressos. Não se trata de uma tipografia com todos os recursos modernos, mas de um estúdio de artes práticas, onde poderão ser executados, apenas, trabalhos de pequena tiragem, mas de grande requinte artesanal.

O custo para montagem deste estúdio já foi levantado e é bastante reduzido, devendo agora serem mantidos os contatos com órgãos públicos para o seu financiamento, através de convênios.

REVISTA HERA

Feira de Santana conta agora com um grupo de estudantes fazendo literatura de um modo bem atuante. Os novos escritores, poetas, contistas etc. são orientados pelo poeta Antônio Brasileiro, que fundou as revistas "Korure" (contos) e "Hera" (poesia), integralmente feitos pelo pessoal novo.

Na Feira da Poesia, realizada aqui em Salvador, no mês passado, o grupo lançou o livro "Iniciação ao estudo de um", contendo poemas de Brasileiro e de R. Ferey. Uma publicação com pouco mais de trinta páginas, com o selo das Edições Cordel.

Agora nos aparece o número dois da revista "Hera", com bem maior número de páginas que o de estreia. As histórias são de Wilson Almeida, Washington Queiroz, Normangela A. Brasileiro, R. Ferey, Zilma Damasceno, A. Carlos Vilas Bôas e Luiz Antonio de Carvalho Valverde.

Na contracapa, onde a edição é apresentada, Antônio Brasileiro escreve:

"Ela o terceiro número — mais cheio, mais nitido. Alguns nomes já nos permitem, quicá, ousar profecias! A tiragem duplica, a coragem também. Mas tudo modestamente. E com muito esforço. Estas letras, tão fundamentais na vida, a literatura sabe ensinar."

PREMIOS DA UFBA

Aguardados os resultados do Concurso Literário "Universidade Federal da Bahia", cujo prazo para as inscrições apresentarem seu veredicto terminou no dia primeiro. Serão atribuídos prêmios de Cr\$ 1.000,00 às seguintes categorias: Poesia, Teatro, Enredo, Conto e Romance.

O número de concorrentes foi bastante reduzido, apesar do grande número de universitários que se dedica a estas atividades. A justificativa de alguns grupos é só uma: o pequeno valor do prêmio. Além, se no próximo ano a Reitoria não instituir uma premiação realmente compensadora, o concurso terá uma repercussão ainda menor. A boa vontade de Nelson Araújo e outros não é suficiente. É preciso, ainda, a destinação de uma verba menos reduzida.

SERGIO MATTOS

Sérgio Mattos lançou no mês passado o seu "Nas Trevas do Mundo", bem recebido por leitores e bastante divulgado, como se esperava. Sérgio já é conhecido nos meios universitários pois, quando estudante de Comunicação, criou a revista de poesia "Experimental". Atualmente é o Editor do "Jornal de Utilidades", do vespertino "A Tarde".

Os poemas do livro representam a produção do poeta desde o início até agora. Seguindo suas próprias palavras, desejava com este livro fazer um registro da evolução do poeta. Assim, encontramos versos evocativos da infância ao lado de outros que já tentam o aprimoramento dos instrumentos poéticos.



RETORNO

CARLOS ANÍSIO MELHOR

Anunciando estão os frutos no silêncio
Enquanto a vida é segredo no fundo do corpo.
Nacela pouco dormem as aves e no fundo
Do silêncio a vida é um segredo.

Pelas portas da varanda estão as flores em botão,
E o silêncio é 19 fim no começo do corpo.
Enquanto no chão, as aves pulam em vôo inesperado
Para um estágio sem tempo ou persistência.

Senhora: as flores estão flutuando no silêncio do poço.
Enquanto a vida dorme no fundo do corpo.
O braço que vai por sobre o mar
Traza no bôjo a esperança de voar.

POEMA ANTIGO

ADELMO OLIVEIRA

A Lua no meu quarto invade
branca, molhada de sereno
entra na mandala um caminho
que termina onde fui requerido.

Vaga, de luz opala veres
entra devagar pela rua
de menino de calça curta:
que idade eternamente sua.

A vida, a vida passa mesmo
nem sei quando isto aconteceu
só sei que a Lua vem bonita
dizer que a infância já morreu.

MAITA

EVANDRO BARRETO

alma. Nascera no dia 2 de novembro.

— Dia dos mortos?
— Sim, mas a minha família transferiu-o para o dia 1º, lá em casa, dia 2 era meu dia. Eu fazia 15 anos. Papai e Mamãe convidaram todos os rapazes e moças da vizinhança, amigos dos meus irmãos; não tenho amigos ou amigas. Festejava-se também a nova casa, agora perto do Campo Santo; novamente, desde que nasci a morte comigo. Quinta dos Lázaros, a casa primeira; lá fora o dia 2, aquela festa às avessas, flores para os mortos e para mim. Sou muito estranha. Não gosto de ninguém. A escola sempre foi um suplício, aqueles meninos, aquelas meninas, não suportei ficar num lugar com muita gente. E aquela festa aquela música loucura aquelas risos gargalhadas por aquela angústia crescendo crescendo crescendo aquelas lágrimas que não vinham graças sem graça gargalhada gargalhada gargalhada para nome dito redito. Por por todos por Maita Maita Maita alto e suave suave e alto acordei tudo branco. Só lembro da festa, um pouco, cheiro de clorofórmio me enjoa, como agora, este cheiro de mar.
— Maita, desculpe, não devia perguntar...
— Nunca se deve perguntar. Vamos embora...

— Pra casa?
— Não, lá também se recorda...
Maita morava perto da estação. Ou a estação sempre estava onde Maita estava. Brinquê, um dia:
— O trem chegando saindo não lhe dar vontade de partir?
Maita ficou seria, fez silêncio pela vez primeira e não respondeu. As palavras em magia.
— Saimos andando sem destino ou à procura de um ponto perdido. Pomos parar na cidade alta, do outro lado da baía, em frente de um grande porão de ferro — Inútil entrar cá e lá. Sr. Pedro, um senhor já senão pela dor e pela vida, abriu o portão e saudou-me:
— Feliz aniversário, D. Ermita 1
— Obrigada, respondi quase sorrindo.
— Ei, tá me esquecendo de contar, hoje são 2 de novembro, dia dos mortos, meu aniversário.

Lisboa, 21/08/1972.

A última vez que comemorei aniversário Maita estava comigo. Saimos sem aviso ou roteiros e ganhamos à cidade, inesperado assalto. Maita repetia, pela terceira vez, naquele dia:
— Não guarde nada nada do que vejo ou faço nesta cidade. Estou aqui há muito tempo e não reconheço paisagem.

Nada respondi desta vez, continuamos andando, sem destino ou à procura de um ponto perdido. Fomos parar na cidade baixa, havia um bar, entramos, ecoamos uma rocheta na varanda, suspensa sobre o mar. Sentamos e pedimos alguma coisa para beber. Como era meu aniversário, informal convívio:
— Hoje quero a bebida mais forte desta casa.

Maita retornou (ela sempre o fazia)
— Não há dúvida?
— Sim, temos. Disse o garçon.
— OK, queria o daínter? Disse.
O garçon, um senhor venozido pelas nuítes e pela idade, concordou com um sorriso, agulha em mão.

Fitamos o mar pensando contra a amurada cinzenta; Maita era silenciosa, humilde qualquer coisa na mesa, a canção acordou em Maita alguma coisa.

— Pare com isso! andas sempre a cantar.
— Quem canta seus males espanta.
— Tcha...!

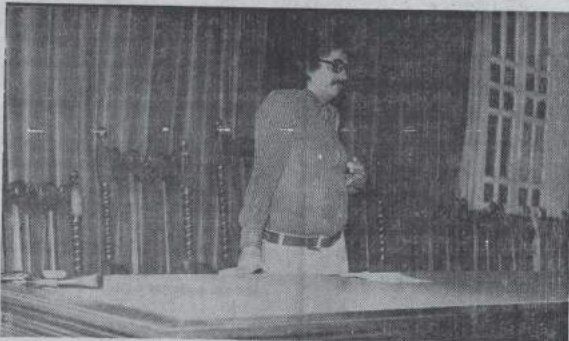
Intensamente ouvi-se um apito de trem e Maita fez-se pálida, cor de cadáver. Do outro lado da baía estava o estorão — e aqueles pontos luminosos, ao longo, movendo-se, engulindo a escuridão. Maita de pé, no quarto em penumbra, aquela casa bem perto da estação, nós, ao não interrompido e Maita recordando-se, falando sempre, gostaria de ver o trem, o trem partir — e de pé, completamente nua, ficou à janela, olhando o nada, e eco, a voz sempre igual do trem partindo. Lá estavam os casais perdidos na noite não vivam a sua mulher.

— Você se lembra quando festejou seu último aniversário, Maita?

— Lembro e não gosto. Não gosto de ninguém, de minha família, dos amigos, do meu pai, de minha mãe. Não sei ser alegre ou triste. Nem sei se sei ser...

Maita falando suavemente, enquanto bebia daínter vermelho-sangue fogo, queimando-nos a

POESIA E CULTURA DE MASSA, UM TEMA EM DEBATE



Texto de
FLORISVALDO MATTOS
que serviu de base
à palestra e debate
"a situação do poeta
na sociedade industrial",
na abertura da
FEIRA DA POESIA,
no auditório
do Gabinete Português
de Leitura,
em 8 de outubro de 73

As reflexões sobre a problemática da arte cultural contemporânea podem comportar naturalmente um seu número de indagações da parte de quem esteja realmente preocupado com o destino do verdadeiro artista e com o quadro da realidade com que se defronta. Mas algumas dessas indagações podem ser mais ajudadas, neste que colocadas no terreno da poesia, se se consideram os aspectos positivos que a poesia tem representado para o desenvolvimento da humanidade e sua grande tradição.

1. A questão poderia ser: existe lugar para o poeta na organização da cultura das sociedades marcadas por uma economia industrial? A poesia, como arte da palavra, pode tornar-se um objeto mercantil e, em consequência, pode o poeta aceitar a condição de agente mercantilizador de seu produto cultural?

O assunto me interessa e torna-se necessário — e justo — manifestar um ponto de vista. É sabido que a industrialização acelerada e o desenvolvimento tecnológico deram origem modernamente ao que a sociologia rotula de sociedade de massa, caracterizada pelo aparecimento de elites de acesso menos rígido, menos exclusivas por um lado, e por uma participação bem maior das massas na vida cultural e política (cf. William Kornhauser).

Dentro deste quadro, a preocupação das elites se orienta quase sempre no sentido de promover a organização da cultura e de exercer o controle da produção cultural de conformidade com os interesses da sociedade industrial. São claros os objetivos: infundir conformismo nas massas e obter lucros com o consumo de bens culturais. A cultura da sociedade de massas é produzida pela indústria cultural que se torna assim o veículo autorizado da ideologia da sociedade industrial.

O consumo de bens culturais em massa, como é natural, deixa muito pouco espaço à criatividade artística, porosa à regra de valorização do produto cultural passa a ser a quantidade e não a qualidade. Isso afeta os intelectuais de um modo geral, que vivem sua produção intermediada pela indústria cultural e não têm condições de organizar nem controlar a recepção dos bens culturais que produzem. Todavia, afeta ainda mais — e dramaticamente — os poetas.

Desde o desaparecimento do poema épico, por volta do século XVII, e seguindo uma tradição do renascimento, a poesia teve como princípio falar ao indivíduo. E a mensagem impressa constituiu-se no seu principal instrumento de difusão, através do livro e dos recitais. Nos últimos 50 anos, o extraordinário desenvolvimento tecnológico provocou grandes mudanças na ordem da comunicação: não só a reprodução técnica tornou-se um fenômeno de grande força na área do registro de mensagens, como também se tornou possível a difusão da cultura por meios audiovisuais, que desenvolvem à palavra falada e à imagem uma condição que a invenção — a escrita impressa — parecia ter arrebatado para sempre. Grande parte do trabalho intelectual se estabeleceu pelo desenvolvimento dos instrumentos impressos da comunicação de mensagens e pelos êxitos da educação pública, nos últimos dois séculos (cf. Jean Duvivier).

No entanto, todos os intelectuais, e mais especialmente os poetas, acabaram por ser atingidos pelo impacto das transformações que a tecnologia moderna impôs. Já não se formava mais necessário ser alfabetizado para receber informações, armazenar conhecimentos e, assim, participar da cultura numa sociedade. A indústria cultural desenvolveu extraordinariamente essa nova frente e nela instalou seu poderio. Surgiram novas formas de arte, das quais a mais destacada foi o cinema, e de reprodução artística.

Os poetas e outros especialistas em comunicação simbólica, os que tinham sua criação centrada na palavra, permaneceram de um modo geral fiéis à tradição, tendo na página impressa o principal veículo de sua produção intelectual. Mas o desenvolvimento acelerado dos meios audiovisuais (fotografia, cinema, rádio, televisão, disco, fita magnética) já tinha provocado o grande impacto, ocupando enormes espaços na disponibilidade moral e intelectual das pessoas, impondo nova hierarquia nos processos de apreensão de mensagens. A partir daí, afastando paulatinamente as massas da leitura, se

fôr tomado por base a evidência material e duradoura daqueles meios na vida das populações principalmente urbanas.

Com isso, todos os artistas literários, como os poetas, começaram a perder influência e prestígio na organização da cultura, agora dominada inteiramente pelos interesses da indústria cultural. Motivo: não possuem esses especialistas em símbolos diáspora a seu modo desses novos meios que mudavam o panorama da comunicação coletiva. A fruição do poema — objeto de culto social em outras épocas — ficou reservada à atitude reclusiva (e por que não sociológica?) de uma pouca sintonia. O próprio poeta perdeu a função de profeta, de um criador em permanente diálogo com o futuro, com que o ornamentaram as lutas de romantismo. Emfim, o carisma se arroubou. E a saída para esses intelectuais repentinamente marginalizados do processo cultural foi até certo ponto melancólica: vão na sua maioria buscar refúgio nas instituições mantidas pela sociedade industrial, entre elas a universidade e os meios múltiplos de divulgação impressa, como os jornais, as revistas, as casas editoriais; ou simplesmente, como ocorreu francamente, são compelidos a trabalhar para firmas de arte claramente comercializadas como a ordem da indústria cultural, como o cinema e a música, para criar arvensas diárias, tornando-se com isso (às vezes sem o saber) novas escravas tecnológicas da produção cultural. Um exemplo, entre muitos, quando um poeta resolve, como alternativa, aderir à música popular para que seus versos se difundam em disco ou no vídeo e alcancem milhões, não pode evitar o comprometimento de seu nome e sua arte com toda uma linha de produção industrial de som e da imagem. É simples: arrastado pela mecânica do consumo em massa, o bem cultural por ele produzido, o poema, sómente será recebido — e consumido — pela utilização de outros produtos industriais (rádio, toca discos, gravadores, aparelhos de TV, etc.). Isto se deve facilmente à presença de canais artificiais no processo de difusão, sem se atentar para o aspecto ético da posição secundária da poesia, deslocada do centro da mídia, que funciona como o principal fator de sensibilização das massas nesses casos. O poeta e sua poesia são apenas instrumentos. Em si e por si mesma, isto é, pela sua própria natureza, a poesia lírica poderia estabelecer contato com os valores mercantis da sociedade de massas, se estivesse em sintonia com a consciência artística e a dignidade humana do poeta.

A única saída honrosa, mas de consequências pouco previsíveis, e exigindo pesados sacrifícios, e que é uma continência do artista em geral, tem sido o poeta incorporar-se a movimentos ou partidos revolucionários acusados pela promessa ou possibilidade de instauração de uma nova ordem. Todavia, a experiência histórica tem demonstrado que em sua maioria, esses contextos são pouco duradouros, apesar de grandes exemplos como Pablo Neruda, Malraux e Paul Éluard, se se consideram o número de poetas que se encaixam a linhas de pensamento político e depois delas se afastam por motivos vários. Mas a saída política pode não ser honrosa. E nesse caso lembre-se de Dantoni e Marinetti que serviram ao fascismo, e com fé à ideologia de guerra.

2. Outra questão para suscitá-la debate: seria possível hoje restaurar a velha instituição do mecenato, como amparo à sobrevivência da poesia e de outras artes atingidas pelo dilúvio de fluxões gerado pela indústria cultural? Ou melhor: não se teria tornado a grande indústria efetivamente no grande mecenas das artes que rememoram a seus interesses conformistas e lucrativos?

Minha opinião é que os poetas pelo menos não podem aspirar a grandes cotas. Sabe-se que o instituto do mecenato — seja de natureza individualista (personalidades ou famílias preocupadas em incentivar as artes) seja de natureza institucional (igrejas, associações, acadêmicas) — desempenhou um importante papel no desenvolvimento das artes desde a antiguidade. Lembremo-nos das famílias peritras de Roma e da Igreja Católica e dos nobres da Renascença italiana. Mas os últimos mecenas dignos desse nome desapareceram por volta do século XVII. O pensamento da ilustração procurou liquidar com este sistema de dependência, criando seus próprios meios de propagação do pensa-

mento. Em certo sentido da mensagem racional (Lembrem-se as academias de aristocratas ou de sábios, os salões burgueses, etc, no século XVIII).

Embora a forma do mecenato ainda sobreviva embaçada nas sociedades subdesenvolvidas ou em desenvolvimento, o pensamento de Aufklärung, ligado à realidade social ao sistema do conhecimento, e estabelecendo o primado da razão e da liberdade abriu grandes vas no progresso de espírito humano. Em consequência, a instrução obrigatória e a crença na livre discussão das idéias numa sociedade racional também foram abrir um mercado para a cultura.

A imprensa representou um grande papel nesse quadro histórico. Mas não foi ela o eixo de um século de mudanças e transformações de mentalidades. Foi-se que as atividades eram essencialmente. E esse foi o tema central do grande romance do século passado (Balzac, Stendhal, Dostoiévski, Tolstói). Nem a sociedade racional em que os avanços do espírito humano marchavam lado a lado com o movimento das instituições sociais, tornou-se receptiva, nem as sociedades afluentes e pluralistas desenvolveram as economias industriais permitiram sua a cultura tivesse rumos que não fossem tão diferentes como os intelectuais mais realistas (e por que não mais idealistas?) das classes dirimidas. A chama revolucionária pôde de sonhos e profecias, não avançou. A sociedade industrial chegou a seu apogeu antes de implementar efetivamente, essencialmente as modernas invenções. A tecnologia tornou-se a espada do verdugo.

Parece evidente na atualidade do mundo ocidental que a sociedade industrial se transformou num gigantesco mecanismo de artes, ocupando o lugar do antigo mecenas individualista. E mesmo os simplesmente marginalizados todos os artistas que tentaram romper contra a corrente. Por de arte seu próprio instrumento de propaganda e de comunicação cada vez maior de poder. Foram inúmeros os movimentos que surgiram com intenções revolucionárias ou apenas inovadoras que acabaram diluindo e espoliados pelo sistema estabelecido, ou simplesmente desapareceram.

A ordem industrial transformou a arte em geral num objeto mercantil, instrumento de consumo e venda, razão de lucros e arma de conformismo dirigida para as massas através dos mecanismos de reprodução técnica ou pela mídia de som e da imagem. Logo que a verdade: poeta como toda arte verdadeira, só poderia está fora dessa rede de mecanismos mercantilizantes, uma vez que um dos resultados mais indesejáveis das sociedades afluentes é fazer o homem perder a visão da totalidade do real e, por isso, afundar-se em isolamento, angústia e infelicidade. Perde o homem sua dimensão humanística tornando-se incapaz por força das pressões do mundo cotidiano da vida, de alcançar as mensagens de uma arte verdadeira, como são os objetivos de toda arte séria e comprometida com o homem e sua história.

A ordem industrial constitui-se no grande mecenas que só após a arte que lhe serve. Não se age diretamente do desaparecimento mecenas individualista que por princípio e crença, marginalizou seu destino, pôde exibir finalidades menos mediatas. Com isso, a ordem industrial, na condição de mecenas, conseguiu retirar do poeta — e do artista em geral — toda a capacidade de intervenção na vida pública, quando identificado com o homem e seu futuro.

Éis uma questão presente: pode o poeta reger a tal continência que flagra as possibilidades de sua arte? Creio que a resposta está na retomada de valores artísticos em nível comunitário para enfrentar as pressões dos processos massificadores extrapolando todas as potencialidades da palavra falada e escrita, e até da representação oral ou visual, através de mensagens de conteúdo crítico da realidade, num diálogo direto e sincero com o homem, visando à reconquista do terreno perdido, sob a bandeira do humanismo.

Dessa maneira creio a poesia deverá estar muito mais próxima não só de suas origens humanísticas, como também de suas próprias finalidades básicas em qualquer época. Mas isso é assunto para outra conversa, naturalmente mais longa.

SERIAL

SERIAL

SERIAL



AS DISTANCIAS

(terceiro fragmento)

RUY ESPINHEIRA FILHO

De mim

que podes conhecer? Por carta
a roupa que visto, a cor
da minha pele, a inclinação
do meu corpo ao caminhar.

Nada te revelei do cão trizance
que partilha comigo as horas mortas,
do meu traje de orfeu, dos frêmitos
argonúticos.

Ah, todo coração

é ultramarino

e muito nos guardamos, líbãs esdoras.

No entanto repousas

em sossego

nos meus braços.

DESENHOS RUPESTRE

(primeiro fragmento)

MYRIAN FRAGA

Erecto

Cravo os olhos no mundo

E face a face

Invento um semelhante

Ao meu distarce.

Estalo em dor,

Celesterrados azuis

Dividem-se em meus braços

E os líricos pelos de símblo

Em que distarço

A solidão já presentida

— e que eu arrasto —

Tapam-me a boca para

De Sintaxas.

SETE POEMAS DE ESPERA

(VII — Alquimia)

CID SEIXAS FRAGA FILHO

1
E com o passar do tempo
nos tornamos alquimistas.

Desfiamos as horas,
trabalhamos a esperança
e chegamos à espera.

2

E novamente principiamos.

A alquimia da espera
inventou a permanência.

VINDIMA

EVANDRO BARRETO

Quebrou-se o silêncio

— suave como uma prece —

O poema caiu

e para resguê-lo

— já perdido —

houve o gesto simples

de quem colhe estrelas

O SEMEADOR

(3 — Giramola)

IDALINA AZEVEDO DA SILVA

as flores louras
plantadas num chão amarelo,
o vaso rosa pálido.

outras marrons de centros brancos,
inclinadas para os talos,
pétalas despenteadas.

de espinhos e redondas,
vascours cômicas
de runhos cômicas
gritantes de sangue e de azul,
olham-nos ensolaradas de todos os ângulos,
— bocas exultantes frágeis.

TARDE DE AGOSTO

(em memória de Sosígenes Costa)

FLORISVALDO MATTOS

Ao ver escorregar o tempo, fico olhando
solidão de moringas na janela.

Na casa, os utensílios sinem, quando
entra o vento da tarde sob aquela

túnica de perfumes espalhando
no chão de agosto folhas de squareia;
já pelo espaço úmido o sol revela
afinidades com verão normando.

Aves adotam poses de osgonha
sobre muros pintados de cinzento.
A hora respira infância; o tempo cotinha.

Ajustada à matéria dos domingos,
a visão recompensa o pensamento
de retorno à janela de moringas.

LE TROUBADOUR

ANTONIO BRASILEIRO

Vem o amor como se em ondas
e, como as ondas, regressa;
despota, como em ondas vem
e encontra-me morto na areia.

SÉTIMA SINFONIA

(Soledad)

FERNANDO BATINGA DE MENDONÇA

Quando em ti me reencontro,

Quero-te quando chegas

impressentida e nua.

Soledad, te quero

em panorama regressos,

quando vens

com os viejos amigos:

Ludwig, Amadeu, José.

Quero-te quando em ti

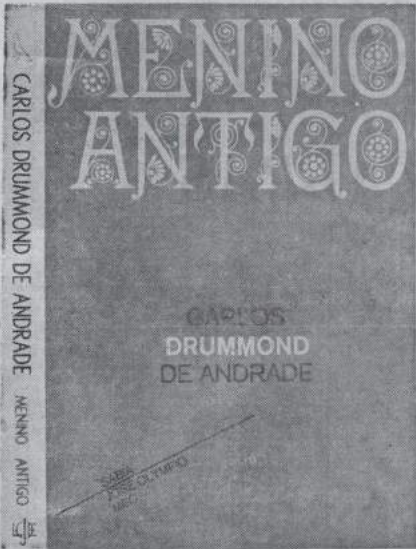
me reencontro

e sobrevivo

no novo passo.

Quando desces sôbita

com teu sono.



MENINO ANTIGO

JOAQUIM INOJOSA

A escuridão começa agora em novo estilo, o da poesia, representada neste Menino Antigo, de Carlos Drummond de Andrade. O poeta, nascido em 1901, em amor evoca o poeta de suas primeiras obras. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo.

Neste poema como que todos. Carlos Drummond de Andrade, poeta de uma linguagem simples e direta, mas não menos profunda. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo.

Uma obra de grande beleza, que representa o melhor da poesia brasileira. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo.

Compreendendo a obra de Carlos Drummond de Andrade, o leitor percebe a importância da poesia para o homem. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo.

Esta obra é uma verdadeira obra-prima da poesia brasileira. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo.

OS VERMES

JORGE MEDAUAR

Você tem os sintomas de seu passado. Não é de hoje que você se lembra. Você sente o peso das coisas que foram, que foram, que foram. Você sente o peso das coisas que foram, que foram, que foram.

Quando a lâmpada arde com um poderoso autor, toda a obra de um poeta é iluminada. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo.

Se os versos muitas vezes o dia de amanhã, para seu espírito, é a certeza, o modo de fazer e de fazer, o povo de amanhã. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo.

E foi assim que você se convenceu que era exatamente como tudo era. Então a luta começou entre os vermes de seu passado e os vermes de seu presente. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo.

Você não sabe medir — até nos extremos. Não é possível alargar, fugir, ou dissimular mais do que você. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo.

Se você não sabe medir — até nos extremos, não é possível alargar, fugir, ou dissimular mais do que você. Há muita doação, mas não há de escuridão em si mesmo.

Há 139 anos damos crédito à cultura



BANCO ECONÔMICO S.A.

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, circular no primeiro domingo do mês. Não pode ser vendido separadamente. Endereço: Rua Carlos Gomes, 57, Salvador, Bahia. Telefones: 3-3531, 3-2945 e 3-2847. Endereço telegráfico: GREMIO.

As colaborações enviadas para este suplemento são, indistintamente, submetidas à comissão editorial, a qual se reserva o direito de vetar a publicação.

EDITOR:

CID SEIXAS FRAGA FILHO

ARIANO SUASSUNA

E O REINO DAS CABRAS

BRASÍLIA — Ariano Suassuna é tímido e gago. Estere aqui na capital da República e fez duas coisas que odeia; as únicas alíás, nessa vida que tanto ama; discurso e viagem de avião. Voltou para Recife levando o cheque de Cr\$ 40 mil do Prêmio Nacional de Flocão, que recebeu numa cerimônia pública oficial, que há de ficar nos anais da história de Brasília. E sua presença é ainda recordada e evocada... Ele não queria falar. Insistiram. Muito. Então, deitou do bolso o discurso. Tremendo. E leu. "Vou saltar uns trechos. Assim, nem eu passo pelo vexame nem vocês pelo apertado". O cenário era um dos salões do Ministério da Educação e Cultura. Lá estavam o Ministro Jarbas Passarinho, a Diretora do Instituto Nacional do Livro, Maria Alice Barros, e Presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, numerosos outros escritores, funcionários do MEC e personalidades de incontáveis setores de atividade. Todo mundo querendo conhecer Ariano Suassuna. E comprometido se houvesse uma oportunidade. Era a festa do Prêmio Nacional de Flocão, que ele ganhou com seu "Romance da Pedra do Reino".

Nun canto, encolhido, assustado ainda com a primeira viagem de avião que fizera do Recife para Brasília, Ariano Suassuna esperava, como outros premiados que fosse chamado. Então, a própria diretora do Instituto Nacional do Livro disse, quase gritando, seu nome. Ele foi, recebeu o cheque e voltou para seu cantinho, quando foi avisado que deveria fazer um discurso... Ele quase sumiu. Tremeu. E protestou. Recordou que fora dispensado. Não adiantou. A ordem era ditada pela tradição. Declarou-se tímido, indolente. Como poderia falar em público?

As mãos tremiam quando ele, vencido pela imobilidade do tradidido, foi obrigado a obedecer a D. Maria Alice Barros. Todas olhavam e com uma ponta de sorriso. Como é que ele, Ariano Suassuna, venceria a situação? A curiosidade quase podia ser vista...

"Vou saltar uns trechos. Assim, nem eu passo pelo vexame e nem vocês pelo apertado. Só tenho uma saída, apelar para o riso e confessar o meu medo".

Aquela tremedeira toda, o riso de uma simpatia poucas vezes registrada, a espontaneidade absoluta, envolveram ainda mais o público imenso. Todo mundo riu. E aplaudiu. Alguns lançaram observações encorajadoras. Até o Ministro Jarbas Passarinho, que declarou a Ariano Suassuna que não era "menarquista", numa referência ao "Romance da Pedra do Reino", onde, como se sabe, há dois períodos — o "Tepirama" (de tepir, menarquista) e o "Ondano" (de onca, socialista).

Com aquele seu sotaque de nordestino, e sotaque bem carregado, Ariano Suassuna parecia, a essa altura mais encorajado. O público ri e aplaudia. Discurso na mão (trêmulo), ele contou que aquele era seu primeiro e único discurso. E era também um esterepe na aviação... Quase desistiu de receber o prêmio, só por causa do avião. Mas, como far em todas as horas de abertura, foi consultar sua mãe. E ouviu este conselho: "Se você não for o ministro, que está no fim do mandato, pode tomar como desfeita e sentir-se desprestigiado".

O discurso durou menos de meia hora, e só foi ouvido mesmo pelas que estavam por perto, porque a aparelhagem de som não funcionava direito. Então, aconteceu algo inesperado: já na parte final do discurso, Ariano Suassuna pediu uma cadeira e se sentou calma-



mente. E sentado continuou, enquanto todos os outros, inclusive as autoridades, permaneciam de pé... "FOI BEM COMO A GAGUEIRA..."

Depois do discurso os cumprimentos, os apertos de mão e abraços Ariano Suassuna fica "afundado" naquele mar de gente. O Dr. Austregésilo de Athayde faz um convite à Academia Brasileira de Letras. A gagueira da emoção quase impede que ele agradeça. Uma grande honra. Mas, quase chorando, tremendo e sem falar, ele acaba dizendo que está de viagem já marcada para Recife no dia seguinte de manhã e de avião. Mas tinha tanta vontade de atender... "Não faz mal. Fica para outra vez" diz o Dr. Austregésilo de Athayde.

As moças queriam um autógrafa. Quase nenhuma tinha papel. E quase todas apresentaram, como salvagem, o livro "Panorama do Desenvolvimento Simbolista no Brasil" que o Prof. Andrade Muricy lançara pouco antes. O autor quase não foi procurado. Ariano Suassuna fica constrangido e mais gago ainda. Mas acaba desabafando: "Eu autografando livro dos outros..."

Uma senhora pede uma conversa em particular. E consegue com muito sacrifício e ajuda de outras

amigas, levar Ariano Suassuna para um cantinho, um ou dois metros da multidão, e falam em sussuro... E ele acaba anotando qualquer coisa num guardanapo de papel. Ela se despede e ele volta. E depois confidencia, a um amigo íntimo, enquanto nós, indelicadamente, oviamos: "Imagina que estava me propondo um tratamento contra a gagueira na clínica da irmã dela. Logo eu, que convivo tão bem com a minha gagueira..." O amigo riu. Nós rimos. Outros riram. Então, gaguejando, ele contou várias piadas de gago...

AS CABRAS

Fotógrafos e jornalistas também fecham o cerco. Ariano Suassuna de repente perde o controle. Deixa-se conduzir... Quase como um autômato. Fotos apertando a mão, abraçando, abraçando. Ele vai atendendo. De repente um repórter pergunta o que fará com os Cr\$ 40 mil. E todo mundo pára para ouvir a resposta. Ariano Suassuna sorveteia a língua e se recupera.

Vai comprar cabras. Sim. Esclarece quando alguns riam. Conta que com o dinheiro autorais do "Auto da Compadecida" comprou uma fazendinha em Taperoá, no Estado da Paraíba. Já tem 300 ca-

bras. Espera, um dia, chegar a duas mil.

Mais tarde, só com a reportagem, ficou alegre quando pedimos detalhes.

É um lugar maravilhoso. Uns doze graus abaixo da Linha Equinocial, onde se encontra a terra do Nordeste metida no mar, mas num planalto pedregoso e espinhento onde nascem os bodes, jumentos e gaviões, sem outro roteiro que os serrotes de pedra cobertos de corcos-de-frade e mandacaris.

Fica tão entusiasmado que desenha até um mapa. "Taperoá, ali fica bem a sul. E revela que ali vai terminar mais dois livros."

— Dois livros que faltam na série "Romance Armorial — Popular Brasileiro. O primeiro, "Romance da Pedra do Reino", foi uma raneola introdutória, referindo-se a um certo dia de 1935. O segundo, já quase pronto, mas sem data de lançamento, vai de 1912 a 1930, a época da infância do narrador — Pedro Diniz Ouderna, e se chamará "O Último Rei Descolado". O último da série terá o título "Sínodo o Alunoso", e se passa em 1930.

E diz, sério, que depois do sucesso do "Romance da Pedra do Reino", a melhor coisa que lhe poderia acontecer é a criação de cabras. E não precisa, um dia, que sonha ser em breve, andar ma s nas cidades.

MOVIMENTO ARMORIAL

Ariano Suassuna é o mais entendido, no Brasil, de brases e heráldica. Seu Taurino-Ibério Armorial do Nordeste, descrito no "Romance da Pedra do Reino" é uma prova. E não ficou no livro só. Hoje existe em Recife um movimento de artistas plásticos, músicos e escritores que pesquisou o popular, o antigo e o muito antológico e inicialmente a música, que apresentam em forma erudita.

E a música Armorial é interessante com instrumentos da época medieval — rebeca, piano, e instrumentos da música sertaneja do Nordeste: viola sertaneja de 10 ou 12 cordas, violão e marimban, feito com arames e latas.

E graças a ele que conseguiu até verbe do Departamento de Cultura da Universidade de Pernambuco, que se formou uma orquestra e um quinteto.

Ele toca violão. "Violão brasileiro, isto é, tiro uns acordes entre amigos". Mas o instrumento em que se amarra mesmo é a rebeca, e explica: "Porque tem aquele som áspero, arranhado, como nos instrumentos árabes".

Um detalhe, entre tantos e tantos vale destacar: entre os participantes do Movimento Armorial está o artista plástico Gilvan Samelo, premiado pela Bienal de Veneza, que faz gravura em madeira. Inclusive para ilustração das capas de folhetos de literatura de cordel. E ainda muitos estudantes de música, compositores. Ariano Suassuna aponta um que — ele apostou! — vai ser o substituto de Vila Lobos, Chama-se Antônio José Mendonça.

Ariano Suassuna vive a orquestra. Mas prefere o quinteto. Porque usa instrumentos nordestinos, populares. Participe das penitências, ajuda coopera, de corpo e alma.

Além de escrever, a ler, sua vida é o quinteto e a orquestra Armorial. Além das cabras de Taperoá. E claro!

Brasília tá sonha com uma nova vida do homem do "Romance da Pedra do Reino" do "Auto da Compadecida" e tantas outras. E — ninguém duvida — a dia em que for anunciada sua ida ao Rio, muita gente há de se arrancar para a Cidade Maravilhosa só para ver, aplaudir e cumprimentar aquele simpático gago dos sertões nordestinos.

jornal de cultura.

suplemento do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês



O lançamento da revista "Serial" foi o fato coletivo que encerrou o ano editorial de 1978 na Bahia, durante a Festa da Poesia. A foto registra o acontecimento (da esquerda para a direita, os poetas): Ray Espinheira Filho, Adélmo Oliveira, Antônio Brasileira, Flávio de Melo, Carlos Cunha, Fernando da Rocha Pires, Eríthos Albino de Souza e Cló Seixas Fraga Filho. Veja ainda neste número matéria sobre "O Livro dos Adinara", de Myriam Fraga, alguns poemas do álbum "Itirere Ressuscitado do Natal", bem como o prefácio de Dom Timóteo Amoroso Anastácio, Abade do Mosteiro de São Bento da Bahia, para esta coletânea de poemas natalinos.

A CIDADE SOLAR DO APOCALIPSE

Timóteo Amoroso Anastácio

admodum speravimus in te
IN te Domine speravi
non confundar in aeternū

GRATIAS tibi De-

us gra-tias tibi Vera Una

Tri-nitas Una & Summa

Ve-ritas Sancta & Una Ve-

ri-tas Li-bera nos sal-va

Quiseram os promotores desta edição dedicada ao Natal, que eu tivesse a honra de apresentá-la aos leitores. Faço-o com alegria, já tocado pelo encanto misterioso dessa festa. E louvo-lhes o acerto: traduzir o Natal em poesia. Esta é capaz de penetrar até aos seus humildes umbralés, onde a fé abre olhos maravilhosos. Deixemo-nos pois, levar pela mão da Poesia: eis tem o dom de iniciar à surpresa do mundo.

Esta coletânea de poemas de Natal quer apresentar, na linguagem poética, um mundo de reações que o Natal é capaz de despertar nos homens. As vezes, as mais contraditórias. Por que não? O Natal é festa da humanidade e, por isso, está incorporado a todos os níveis da experiência humana, inclusive a que se passa fora do domínio da fé. Natal não aceita ser apenas um tema, mesmo que este seja teológico. Ele é algo de mais profundo, que nos atinge nas fontes do ser e repercute em ondas de experiência criativa.

Os leitores verificarão a variedade das emoções que ele pode mover, e dos estados de espírito que a riqueza das suas correlações é capaz de alimentar. Sendo festa da humanidade, ele se reflete na cultura, que sedimenta e socializa as experiências individuais da condição humana, e torna-se tema tanto de alegria, como de melancolia.

Os leitores sentirão com os poetas o lirismo, a amargura, a nostalgia, que o Natal destila na sua experiência, marcada de ternura ou de tristeza, de exuberância ou de depressão, de plenitude ou de carência.

As vezes penso que uma das razões da sua familiaridade com os poetas é que ele facilmente se iden-

tifica com o tema da infância perdida, de tanta força em sua inspiração.

Qualquer que seja, porém, a motivação do poeta, eu lhes peço: atenção! Pois, diante do Natal, é preciso fazer silêncio. Só ele nos introduz a fundo no mistério do Natal. "É bom esperar em silêncio a salvação vinda de Deus" — já dizia um dos antigos Profetas de Israel. Ele capta a ressonância do Verbo que nos vem pela mão, pelo silêncio da mulher, e na forma inesperada da criança.

É infinitamente divino que Deus escolha os meios mais frágeis para comunicar ao mundo a sua Palavra humanada: a noite, a mulher, a criança — em síntese, a Beleza.

Naquela hora, Maria é o silêncio do mundo, o silêncio dos serrotecido de esperança e de paz. Desse centro, ao qual converge a história dos homens, rola sobre as colinas a descontração da sua angústia profunda, e faz-se a paz. É silêncio. E a natureza exprime esse estado, fazendo-se noite. Os romanos chamavam a chegada da noite "nox intempesta", que poderíamos aqui traduzir por noite sem tempo, noite abscrevida pelo eterno. Só uma humilde estrela indica sem palavras a presença do Verbo. E Maria é o próprio silêncio da criatura que dá sim, ou não mesmo aguçada e fecundada: um filho, um homem verdadeiro, aberto de modo inefável à profundidade mesma de Deus...

Deixemo-nos levar a esse cósmico pela mão da Poesia. É uma brilhante réstia de eternidade nos revelará a grandeza do homem, misturando à areia da nossa construção terrena em obra na história algo de infinitamente puro que é capaz de transfigurá-la na cidade solar do Apocalipse...

O LIVRO DOS ADYNATA DE MYRIA M FRAGA



! Mais uma vez vem Myria Fraga a público, com o selo de Macunaima, com a participação Ilustrativa de Calá, prova de que o poema ainda se quer em livro, e em livro bem cuidado.

O Livro dos Adynata é um caminho natural nos rumos poéticos de quem iniciou já há tanto tempo uma busca de comunicação forte, densa metafórica mas substantiva.

Oportuno será observar o processo unitário de maturação da obra que se começa a fazer volumosa.

Marinhas, de pequena tiragem, em 1964, revela já e desde então uma fixação temática que depois repercute na série Pescadores e que vai permitir ao poeta assegurar uma certa verticalidade. Mas é ao mesmo tempo uma espécie de descompromisso, uma fixação intensa e momentânea, captação de astú, luz aos sentidos. Já não encontramos agora "ansios" dormindo nos céus / sonhando auroras / e peixes. No entanto todo um percurso a cumprir-se deixa entrever e detectar em Marinha IV. De então comece agora.

MARINHA IV
O que te doma é o caso
(em dilacero)

Adaga que separam rastro
espuma

Nas profundezas no entanto
Permanece.

Vela dormida
Ou máquina intranquila,
que dente mastiga

A carne de teus peixes?
E que metal corretepe
A língua do saltre?

Com Sesmaria consegue o poeta a unidade que lhe permitia lograr um verdadeiro "romanceiro" da Bahia. O romanceiro que faltava, tarefa que requer consistência e o uso contínuo de alternâncias, contra o perigo da monotonia. (Do da

Inconfidência até a Mensagem. Sesmaria arrimenta a incuria do poeta pelo fático e pelo fictício, na utilização de novos modos de fazer. Trata-se de um poema épico moderno, em moldes tradicionais, e sente-se neles a contribuição tripartida de uma tradição de literatos mas a participação num caminho de vanguarda, de "concretos" e "Praxis" até.

A RECONQUISTA

Passou o passo
Mortalha passo
A paço o cristal
telha
destilha
metralha.
Aqui o sangue
Na praça e pedra a pedra
A rua se descaça.

O Livro dos Adynata é a ruptura da linguagem anterior a partir de sua afirmação maior e mais intensa. É uma explosão que ceteros deva continuar-se em muitas outras.

Nasce da impotência do poeta frente a um mundo aparentemente vasto. Da impossibilidade de dizer pelo esfacelamento da própria linguagem ele passa a impossibilidade de ver — não por defeito próprio ou perda de visão mas pela dolorosa consciência de que as coisas escondem, à medida que se desvelam.

"Aqui não vejo
Que a luz é chave
De dois segredos".

Na verdade o poeta sabe que a realidade tem duas faces, que a própria identidade está comprometida com o esse e tem a consciência dolorosamente lúcida, de não saber mais onde termina a máscara e onde começa o rosto.

O lançamento do "Livro dos Adynata" será às 18 horas do dia 7 no Museu de Arte Sacra.

POEMAS. FRAGMENTOS. POEMAS.

XXIX

Agora assumo
O que invento,
Idiota ou verdade
Não lamento.

E já corro fivelas
Sôbre o rosto
E me inauguro Persona
Nos espelhos.

Hoje sei do que sou
(Do que não sou)
Por exclusão, cansaço
Ou desespero.

E diante da cõrte
Me curvo
E lanço o repto:

Eu, idiota profissional
— POETA.

VII

Um canivete
Em ponta na garganta
Arde.

E no entanto
É tarde.

E um florete
de fino aço
Sustenta o passo
Das tibias gastas.

O exato corte
Da faca exata
Range nos dentes
Por onde passa

E as palavras
Com suas patas
Crescem na densa
Saliva amarga.

XXXVIII

Minha vingança
É tudo
Que me resta.

Don Bibas de pano
E estopa,
Carminado e amarelo.

Minha vingança
É o sarro
Na garganta

É a marca da coleira,
A escara
No gasnete.

Minha vingança é
Tudo apodrecendo
E eu
Vendo o que vejo
E não dizendo.

VI

Cidade de não ver,
De não dizer.

Antes os olhos cegos
As mãos algemadas,
Que este súbito saber
De segredos fechados.

Urbis selada
Sangrando o lacre
De seus sinetes,

Emparedada
No seu silêncio
De sete portas
Se abrindo ao medo.

A ÁRVORE DE NATAL

Conto de Th. Dostoiévsky

Sou romancista. O meu destino é estar sempre escrevendo histórias. Esta foi imaginada do princípio ao fim. Apesar do que bem poderia ter sucedido em qualquer parte, na véspera do Natal, numa grande cidade com um rio horrível.

O meu herói é um menino de muito poucos anos, talvez seis ou menos, ainda não bastante crecido para que desde já o façam mendigar. É provável, contudo, que em um ano ou dois o mandem estender a mão.

Certa manhã acordou num porão úmido e frio. Está envolto numa espécie de roupão sujo e frouxo. Sua respiração sai como um vapor branco; está sentado, a um canto, em cima de uma mala; para se distrair, éle atira de propósito o biscoito da boca e se diverte com o vó-o escarpito. Mas tem muita fome. Várias vezes já, desde a manhã, éle se aproxima do leito de tábuas, recoberto por um colchão de palha, ríno como um creco, onde está deitada a sua mãe. Por que razão estará ali? Terá vindo, provavelmente, com seu filho, de uma povoação d'istant'e e terá caído enferma. A proprietária do porão foi presa, há dois dias, e condurida ao posto de polícia; hoje é dia de festa e os demais locatários asiram. Um desses moltrapilhos, contudo, está deitado, há vinte e quatro horas inteiramente bebado, sem ter esperado pela festa. De um outro canto vêm lamentações de uma velha, ortogonária atada de rematamento. Essa anelá foi, noutros tempos, ama de leite em algum lugar; agora morre sózinha, queixa-se, geme, chama pelo menino que começa a recear a proximidade do canto onde com esta estérora. Encontrou o que beber, no corredor, porém não pôde arranjar o menor resto de pão e, pela décima vez éle acaba de acordar a mãe. É que éle terminou por ganhar médo da escuridão; a noite já vai alta e ninguém acende fogo. Tateando, éle encontra o rosto da mãe e se surpreende de que ela não se mexa mais e se tenha tornado fria como a parede. O corpo está inerte. "Fas muito frio!" — pensa éle. Fica imóvel algum tempo, a mão no ombro da morta. Depois põe-se a sonar nos dedos para os aquecer e, encontrando o seu tenquente guizo sobre a cama, procura docemente a porta e sai do porão. Terá saído antes se não fosse o médo do grinde cão que lá em cima, no patamar. A porta do vizinho, látu durante todo o dia. Mas o cão já não está lá e eis a criança na rua.

"Meu Deus!" "Que cidade!" Nunca vira nada de semelhante. Lá longe, de onde éle veio, a noite é bem mais negra e não há senão uma lanterna para toda uma rua; casinhas brancas de madeira, fechadas; na rua logo, que anottece, ninguém; todo o mundo se fecha em casa; sómente uma multidão de cães que uivam na noite sombria; centenas, milhares de cães uivando e ladrando por toda a noite. Mas, em troca, havia calor e tinha-se o que comer.

"Ah, meu Deus, como seria bom comer! Mas, que algazarra, que barulho! quantos luz e quantos gente! quantos cavalos e carruagens! E o frio, o frio! O corpo fatigado dos cavalos desprende uma fumaça fria, e os seus fofinhos ardentemente respiram um fumo branco; as ferraduras soam no calçamento, através da neve mole. E como todos se atropelam... Meu Deus! Como eu queria comer um pedacinho de qualquer coisa... Isso me fas dóer os dedos..."

Um polícia acaba de passar e virou o rosto para não ver o menino.

"Aqui está outra rua... oh! como é largal! Vão me esmagar aqui, decerto; como correm... e luz, luz! É isto o que será? Oh! que grande vitral! E atrás da vidruga, uma sala, e na sala uma árvore que vai até o teto; é a árvore de Natal... e quantas luzes sobre a árvore! papéis dourados e maciás e bonecas em toda a volta, e covilhões de pau. Há crianças na sala, bem vestidas; fimpinhas; e riem e brincam e comem coisas. Eis uma menina que se põe e dança com um rapasinho; como é linda, a menina! ouve-se a música através do vidro..."

O menino olha, admira, e já sorri; não sente mais dor, nem nos dedos nos pés; os dedos de sua mão ficaram inteiramente vermelhos; éle já não pode dobrá-los e sente dor quando os mexe... e de repente os dedos começam a doer; éle chora e se afasta. Percebe, por um outro vidro uma outra sala; ainda árvore e bonecas de toda espécie em cima da mesa; amédoas vermelhas e amarelas. Quatro lindas senhoras estão sentadas, e quando alguém chega, dão-lhe um pedaço de bolo, a porta se abre a cada instante e entram senhoras. O pequeno introneteu-se, abriu bruscamente a porta e entrou.

Oh! que barulho fizeram ao vó-o, que agitação. Logo uma senhora se levantou, meteu um kopek na mão e lhe abriu, ela mesma, a porta da rua. Como éle teve médo, o menino!

A moeda caiu-lhe das mãos e rolou no degrau da escada; éle não podia mais fechar os pequenos dedos, de modo a segurar a moeda. O menino saiu correndo e caminhou rápido. Onde éle não sabia. Gostaria bem de chorar, porém, tem médo demais. E corre, corre, soprando os

mãos. É tomado de tristeza; sente-se tão só, tão espantado e, de repente, meu Deus! que será ainda! Uma multidão de pessoas ali, de pé, que admira. Numa vitrina, por trás do vidro, três bonecas lindas, vestidas de roupas vermelhas e amarelas exatamente como se fossem vivas! E o velhinho sentado que parece tocar um violoncelo. Há também dois outros, de pé, que tocam violino pequeno e balançam a cabeça em compasso.

Olham uns para os outros e seus lábios se mexem: éles falam, de fato! apenas não se ouve, por causa do vidro.

O menino pensa, a princípio, que éles são vivos; quando compreende que são bonecas, põe-se a rir. Nunca éle viu bonecas semelhantes e nem imaginara que os houvesse assim. Ri quase que tem vontade de chorar; Mas... Que ridículo chorar por causa de umas bonecas!

Perto d'ele está um rapaz grande e mau, que lhe dá um sôco na cabeça, lhe arranca o guizo e dá-lhe um pontapé.

Éle cai. Ao mesmo tempo, todo o mundo grita; éle fica, por um momento, rígido de horror. Depois se levanta de um pulo e corre. Corre, mete-se pela porta de uma escochina e se esconde num pátio, por detrás de uma pilha de lenha.

"Aqui ninguém me vai encontrar; está bem escuro".

Põe-se de cócoras e se encolhe todo; em seu terror, éle mal pode respirar. Falta-lhe o ar, e ar... Mas de repente, que estranho! sente um bem estar; seus pés e mãos já não lhe causam mal algum e éle se sente quente como se estivesse perto do fogão e todo o seu corpo estremece. Ah! éle vai adormecer.

"Como é bom dormir aqui! Demorei um pouco e depois irei ver as bonecas outra vez" — pensa éle e sorri à idéia das bonecas. "Direitinho como se fossem vivas..."

Depois éle ouve a canção de sua mãe. "Mãe, eu durmo... Ah! como é bom aqui para a gente dormir!".

— Vem a minha casa, criança, vem ver a árvore de Natal, murmura uma voz suave.

Éle pensou, a princípio, que era sua mãe; mas não, não era ela. Quem o chama, então? Éle não vê. Mas alguém se debruça sobre éle e o envolve na obscuridade; éle lhe estende a mão e... bruscamente — Oh! que luz!

Que árvore de Natal! Nunca sonhara com uma árvore assim tão linda! Nunca viu coisa semelhante.

Onde se acha éle agora? Tudo reluz, tudo brilha. E as bonecas em toda a volta. Não, bonecas não; são meninas e meninos, apenas são muito brilhantes. Éles rodam em volta d'ele, voam, abraçam-no, conduzem-no e éle próprio voa. Vê sua mãe que olha, sorrindo para éle alegremente.

Mamãe! Mamãe! Oh! como é bom estar aqui! — Grita o pequeno. E novamente abraça os meninos e pensa em como gostava de lhes contar a história das bonecas atrás da vitrina. Mas domina-o uma curiosidade.

— Quem são vocês, meninos? — pergunta éle.

— Nós somos os pequeninos que viemos ver a árvore de Cristo — respondem todos em coro.

É a árvore de Natal de Jesus. Em casa de Jesus, neste dia, há sempre uma árvore de Natal para todos os meninos e meninas que não têm suas próprias...

E éle soube que todos esses meninos e todas essas meninas eram crianças como éle; a maioria de frio nas costas em que os abandonaram, à porta dos funcionários de São Petersburgo; outros, mortos nas "Istas" sem ar dos Tehaukhinas; alguns mortos de fome de Samara; outros envenenados pela infecção dos vagões de terceira classe. Todos estão aqui, agora; todos são anjos, agora, em casa de Jesus, que sorri, no meio d'eles, atendendo-lhes as mãos, abraçando-os, a eles e às peccadoras suas mães...

II CONCURSO DE POETAS INÉDITOS DA BAHIA



II CONCURSO DE POETAS INÉDITOS

DA BAHIA

REGULAMENTO

I — O II CONCURSO DE POETAS INÉDITOS DA BAHIA, promovido pelo JORNAL DE CULTURA, tem como finalidade divulgar a produção poética ainda não publicada em nosso estado.

II — Poderão concorrer autores que ainda não tenham lançado livro de poesia, bastando para isso solicitar inscrição a partir do dia 10 de dezembro, no Gabinete Português de Leitura, das 14 às 16 horas.

III — Cada trabalho concorrente deverá preencher as seguintes características:

a) Conter cerca de cinco poemas, ou cem versos.

b) Estar datilografado em três vias, espaço dois.

c) Ter um título geral na capa, com o pseudônimo do autor.

d) O verdadeiro nome do autor deverá constar em envelope anexo ao trabalho, especificando o título do mesmo, o pseudônimo, idade e endereço do autor.

IV — Cada autor poderá concorrer com quantos trabalhos julgados convenientes, restando preencher os pedidos de inscrição.

V — Serão proclamados vencedores até dez trabalhos considerados de nível pela comissão julgadora.

VI — O trabalho de maior qualidade poética receberá o prêmio Luís Camões, em homenagem a o quarto centenário de "Os Lusíadas".

VII — Os demais trabalhos serão contemplados com prêmios diversos, a serem anunciados no decorrer do concurso.

VIII — A comissão julgadora será formada por poetas locais e nacionais, de prestígio.

O critério do julgamento não deverá ser restringido a escolas ou correntes poéticas, mas ao nível dos trabalhos.

IX — O veredicto da comissão será irrevogável, ficando os casos omissos neste Regulamento a critério dos organizadores do Concurso.

X — Além da premiação os classificados receberão diploma de participação no Ciclo de Palestras realizado durante o certame. Os trabalhos escolhidos serão publicados por este suplemento e reunidos em uma coletânea das Edições Arnoador, com distribuição nacional.

XI — O encerramento do Concurso será marcado com um recital dos poemas premiados, por um grupo de autores teatrais.

XII — O encerramento das inscrições está previsto para o dia 30 de janeiro de 1974.

BREVE ROMANCEIRO DO NATAL

ESTRELA DO NATAL

Carvalho Filho

É a estrela primeira da tarde, a que surge
alta e só num céu ainda claro
de silêncio e luz inerte,
em pleno espaço violáceo que coroa
os horizontes submersos do crepúsculo.

A que arde lívida além da alma dos longes
no escampo ar marinho,
luz intensa e solitária que nem no mistério
das águas anelhecendo enlameadas
se reflete.

Queima no ermo a estrela virgem do Natal:
é asa de fogo, asa de fogo resuscitando
num obscuro céu de memória.
É a anunciação apocalíptica da noite.
É a luz da Eternidade.

Cintila única na tarde descolorindo
e no universo parado
a estrela rutila do Natal:

- sobre os morros flutuando na luz crepuscular
- sobre os mares exaustos
- sobre distâncias de tempo azul e cinza
- sobre distâncias siderais
- sobre a cidade satânica
- sobre o coração humano.

É o espírito de Deus velando a treva.

COMPOSIÇÃO DE MENINO

Fernando Batinga de Mendonça

1.

no fundo da sala
seus dedos de arrata
ind'cam pedras,
não dizem palavras.

seus olhos escuros
transitam na sala,
bem dentro de mim
mentiros, arratas.

2.

é porta de casa
meninos esp'ram
os homens que passam
levando marmitas.

no mundo das lutas
a simples com'ida,
tijolos, a máquina
de fogo aquecida.

no tempo operário
labor integral,
seus dedos explodem
os muros, a cal.

3.

a infância operária
— em plena manhã,
comêdo os brinquedos
achados no rio.

manhã operária
de cal e fumaca
brinquedos achados
no rio de São.

Nesta página apresentamos alguns dos
poetas participantes do álbum "Breve Roman-
ceiro do Natal", publicado pela Editor-
a Beneditina, com planejamento do grá-
fico Abílio Cândido de Jesus. Este Roman-
ceiro foi considerado o trabalho de melhor
nível gráfico publicado no ano passado, pe-
lo Pen Clube do Brasil.

Participam do álbum os seguintes poe-
tas: Adelmo Oliveira, Antônio Brasileiro,
Carlos Cunha, Carvalho Filho, Cid Seixas
Fraga Filho, Fernando Batinga de Mendon-
ça, Florivaldo Mattos, Godofredo Filho,
Humberto Fialho Guedes, Idáris Tavares,
José de Oliveira Falcão, Maria da Concei-
ção Paranhos, Marinho Costa Rego, O. S. E.,
Ruy Espinheira Filho e Wilson Rocha.



POEMA DE NATAL

Ruy Espinheira Filho

Neves e sinos na vinheta cor-de-rosa.
A paisagem enquadrada na janela não
concorda:
aqui são pessoas apressadas e mar azul.
A diferença está aí

Mas o coração não quer saber.
clara
evidente.

O coração dissolve

funde tudo
num só sítio:
neves sinos pessoas mar azul
circulam em nosso sangue e nos esquecem.

(Como compreender naturalmente
se
tanto e sempre nos ensinaram a ser
focados,
sem milagres?)

É o rosearil recobre o dia
sufoca o es'unto
suaviza formas suaves
boia longínquos
uma romã.

É nossas mãos repousam inocentes.

CANÇÃO DE NATAL

Wilson Rocha

Não sei que sinos distantes
o Natal resuscita.
É música tocando em nós
e sentimento que nos visita.

É uma saudade indefinida
que buscamos tecê-la.
Soldado de José, silêncio de Maria,
ó noite, ó paz, ó estrela.
A livida aurora

DOS DIÁLOGOS DO DEUS

COM AGAPANTO

Antônio Brasileiro

Poeta, ergue-te deste túmulo
de rosas

plásticas,
ouve meu canto, meu canto, ouve
meu canto e minhas líras, alvas
manhãs renascem nos meus ombros.

Tu, ó perfeito, o que ensina aos girasóis
o espanto, o que canta as borboletas, tu
ó perfeito, vem, vem a mim, tange
meus eláides.

frange
meus olhos, luz, cega-me, ama-me!

2001, NATAL

Humberto Fialho Guedes

Quando à hora do amor for concebido
não trará nas mãos o seu destino?

Amor e anti-amor em gesto de semelo
ancorantismorengestamorem?

Os anjos deste tempo, um tempo de

insugura,
aguram sobrevivência a força que transam
à hora de aguardar a vinda de outra era.

É deste tempo novo, nova e rara,
Luciferina luz e tempo chamar

é hora de somar amor e anti
num resumo
e fazer-se em AL ou EL, e NAT
num assombro
UNICO

NATAL

Godofredo Filho

A liv'ida aurora
Os galos ferem,
De cantos vermelhos
Com debruns amês:
— Nasceu em Belém
Menino Jesus!

Do acíve das horas
Por ermos caminhos,
Os Reis Mages vêm
Nos seus dromedários.

É mais as ovelhas,
E ledos pastores,
Jumentos, cordeiros,
E abelhinhas de ouro.

Agora, são anjos
De asas translúcidas,
Com a noiva de astros
Nas sandálias brancas.

— Nasceu em Belém
Menino Jesus!

(E esfolham-se, trêmulas,
No resaca da alva
Verbenas de trió).

— Vamos a Belém,
Vamos a Belém
Que nasceu Jesus!

HENRY MILLER: LITERATURA OU PORNOGRAFIA?

Otto Maria Carpeaux

Évandro Barreto

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

Henry Miller é hoje mais que um autor mundanamente famoso. É mais que um grande escritor. É uma bandeira. É o espírito, é o espírito da liberdade, da liberdade, da liberdade. Para uns Henry Miller é um gênio da literatura. Para outros Henry Miller é um escritor obscuro. O problema é este: este livro, estas páginas, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem, estas palavras de um homem...

BALADA DAS MULHERES DE NAZARÉ

Vim de longe, muito longe
Mulheres de Nazaré
Pra sentir o seu destino
num mundo que não se quer

Já despiram as sete salas
e atoram o seu futuro
no negro de suas vestes
no branco de suas casas

Nas faces o espanto-morte
do pai, do irmão, do sobrinho
e seus corpos são molduras
do negro, ausência da cor

Vim de longe, muito longe
Mulheres de Nazaré

Ficai-as dentro dos olhos
contemplando as próprias almas
crucificando seus corpos
pelo irmão, pai ou sobrinho

Será que deixam no leito
as sete lágrimas de amor
que atoram seus corpos
feitos de Água, sem cor

Vim de longe, muito longe
Mulheres de Nazaré

Imóveis em portas brancas
contemplando a própria alma
crucificando seus corpos
pelo irmão, pai ou sobrinho

De sua espera do nada
vão estes negros marcos
vária forma de negar
viva vingança deste mar

Mar que levou suas vidas
mar que lhes dá nova vida
pra sua morte gerar
Mulheres de Nazaré

Esquece suas sete dores
lava seu corpo nas águas
do negro, ausência da cor
do sal, brando deste mar
feito escravo e não senhor

E verá como uma Fênix
seu sonho de virgem nascido
branco, mais que branco
branco, no único luto possível

Oh Mulher de Nazaré

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal do DIÁRIO
DE NOTÍCIAS, circular no primeiro
domingo do mês. Não pode ser vendido
separadamente. Endereço:
Rua Carlos Gomes, 87, Salvador,
Bahia. Telefones: 3-2522, 3-2845 e
3-2947. Endereço telegráfico:
CIREMIO.

As colaborações enviadas para
este suplemento são, indistintamente,
submetidas à comissão editorial,
a qual se reserva o direito de vetar a publicação.

EDITOR:
CID SEIXAS FRAGA FILHO

Há 39 anos damos crédito à cultura



BANCO ECONÔMICO S.A.

GREGÓRIO DE MATTOS, VIVO E DO CONTRA

ERA no tempo em que o Padre Antônio Vieira, com bela voz e intrincadas metáforas, enchia a igreja com barcos sermões contra o gentio, os judeus e os mulçumanos. Era no tempo em que nas ruas enlameadas uma coluna de bandeirantes desaparecia na floresta em frente sonhando com esmeraldas e rios de ouro. No tempo em que os espanhóis possuíam o mesmo direito que os portugueses para explorar as riquezas da terra e as duas línguas se confundiam nas esquinas. Nestes tempos o primeiro poeta do Brasil — Gregório de Mattos — entrava numa taverna, e com indecorosas redondilhas, ao som de violas, ridicularizava o clero, o governador e os colonizadores.

É um bom sinal: a poesia brasileira começou protestando. E se seu protesto permaneceu durante 350 anos desafiando e intrigando, é porque ele é ainda vivo e verdadeiro. Para isso, talvez fosse preciso que o poeta fosse meio louco, tenha perdido suas fortunas e amargado um tempo de sua vida no exílio. Gregório de Mattos e Guerra é um dos chamados casos, dos poucos, da quase sempre tradicional e bem comportada poesia brasileira. Como Augusto dos Anjos foi muito lido pelo povo, mas a elite torcia o nariz, diante dos seus poemas, considerando-os de mau-gosto.

Mas, há o pior: a vigilante censura que sua obra erótica — a mais importante — sofreu. Boicotada pela instituição literária, ela é uma mera referência dos historiadores de literatura. Nenhuma antologia tem coragem de editar um poema erótico seu. Cheio de palavras chulas e saudável humor. Outro tipo de censura obscuro a poesia erótica de Gregório de Mattos: a falta de um estudo atual, sobre a modernidade dos seus versos, superando sem dúvidas a retórica candoreira de Castro Alves, de grandiloquente modéstia e servindo de tema para infinitos estudos.

... seria pessoa muito principal... (Manuel Pereira Rabelo, Licenciado)

Não se tem muitas referências biográficas sobre o primeiro poeta brasileiro. A própria data do seu nascimento é confusa, pois muitos consideram que ele nasceu na Bahia em março de 1623 e outros em dezembro do mesmo ano. A melhor biografia é a do licenciado Manuel Pereira Rabelo que escreveu a Vida do Excelente Poeta Lírico, o Deuter Gregório de Mattos Guerra.

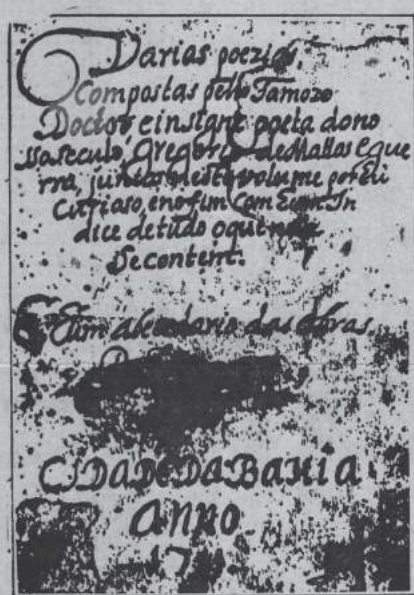
Embora seja a mais séria biografia de Gregório de Mattos, pelo menos traz alguns dados verdadeiros sobre o poeta — ela não tem um grande defeito. O licenciado era provavelmente um admirador do poeta e na sua biografia, escrita meio século depois da morte de Gregório, além das impressões biográficas, de data e indicações, há o fato desabonador de tentar salvar o poeta do "inferno". A biografia é mais um texto pedante em defesa do seu ídolo, na época vítima das acusações mais demolidoras. O licenciado teve por fim realçar a dignidade do poeta e alertar ao linguão desleal de provar que ele não fora tão mau cidadão quanto se proclamava. Daí decorre a impressão da biografia, e também a imagem distorcida que o Licenciado criou.

Lá pelo menos narra que ao pai de Gregório eram "de tal" maneira ricos, que possuíam entre outras fazendas um sítio caseiro na Patativa, fabrica, com perto de cento e trinta escravos de serviço, que repartia a safra por dois engenhos: cujo rendimento supria largamente a caridade com os pobres". De família rica, Gregório estudou em Coimbra se formando em Direito. Depois foi advogado na Bahia, mas suas impiedosas sátiras acabaram arruinando negócios e não clientes. Depois, pelo crime de sua poesia, foi degradado para Angola, embora o licenciado Manuel Pereira Rabelo garanta que Gregório de Mattos tratou uma conjuração e por-

Este ano o primeiro poeta do Brasil estaria de aniversário.

Faria 350 anos. Em vez de comemoração novamente silenciaram o poeta. Talvez porque há três séculos o poeta é do contra. Por isso o chamaram de "O Boca do inferno". Autor de sátiras que demoliam as autoridades, foi preso, deportado e proibido de fazer versos, ele é ainda hoje uma ameaça ao conformismo. Porque a poesia brasileira iniciou rebelde, Gregório de Mattos, parabéns para você.

Texto de Wilson Nunes Coutinho.



tanto pôde ser reenviado para o Brasil, a verdade não se sabe. Também não se sabe a data em que, retornando ao Brasil, foi para Pernambuco, mas se sabe que ele fora proibido de fazer sátiras.

Como a data do seu nascimento, a de sua morte também se perde em névoas. Para uma, faleceu em dezembro de 1696, para outros em janeiro de 1696, quando chegava em Recife a notícia da morte do negro Zumbi dos Palmares. Como nota o licenciado Manoel Pereira Rabelo não basta ser rico "para que um poeta, sendo grande, se enuncie de morrer nos braços da maior miséria". De fato, segundo a tradição, Gregório de Mattos foi enterrado como indigente no cemitério do hospital do Convento da Penha dos capuchinhos franceses.

As reduzidas notas biográficas se soma o fato de que não existe, como no caso do Marquês de Sade e do poeta Lautréamont, nenhum desenho ou pintura do seu rosto. Para crescer ainda mais o seu mistério e sua lenda, muitas das que são consideradas suas poesias estavam em cadernos sem assinatura, os quais de alguns anônimos que compilaram de memória seus escritos. De tudo, o que ficou de verdade foi seu apelido: "O Boca do Inferno". Uma maneira de sintetizar as chamadas das suas devastadoras sátiras.

"Portugal, Portugal, és uma sandea" (Gregório de Mattos)

acontecimentos. A poesia, naquela época, não tinha futuro. Seu tempo era o presente, momento em que o poeta cantava seus versos em festas, reuniões, lugares públicos, nos pontos em que se aglomeravam tocadores de viola ou cantadores. Isso explica que pelo caráter fugaz da poesia do seu tempo, ele não tenha tido a preocupação de assinar suas obras, o que mais tarde viria a confundir a maioria dos pesquisadores.

Numa época em que a tribuna sagrada era o principal local para a transmissão das ideias, Gregório de Mattos desiludiu-a para os botecos e passou a ser, segundo o historiador Nelson Werneck Sodré, "o melhor intérprete de uma nacional burguesia cidadã em protesto contra as injustiças dos grandes proprietários, do clero, da nobreza e dos funcionários reais". Além do mais, ele assume uma posição já maliciosa, sendo neste sentido um precursor dos poetas da Arcádia. Severo crítico da dominação portuguesa, assim diz ele num dos seus poemas antes de ser enviado para o degredo:

Que os brasileiros são bestas, e estarão a trabalhar toda vida por manter maganos de Portugal.

"Na crítica do gosto pode repetir-se o amor" (Gregório de Mattos).

Numa obra variada, que foi dividida em sacra, lírica, satírica e burlesca, a parte que traz mais problemas é a erótica. Para muitos seria a parte mais peregrina da sua obra pelo abusado mau-gosto, para outros, permanece ainda hoje revolucionária. Há um clima quente de tropicos na sexualidade de Gregório de Mattos, diferente da poesia erótica de Bocage, mais teórica, mais européia. Bocage, por exemplo, quando descreve uma cena erótica, é ao amor que ele se refere. Gregório, ao contrário, descreve o acontecimento do ato amoroso pelo acontecimento, é a completude da ação que lhe interessa. Há também uma valorização sexual da mulher e da mulher negra, que cantavam o erótico carnal do homem branco. Em relação a mulher branca, há uma atitude burlesca e pouco sexual. Em vez de falar do ato sexual, Gregório de Mattos fala do corpo da mulher branca como se ele fosse apenas um órgão fisiológico, talvez para lembrá-la que atrás das suas brancas fendas um corpo se move, sus, fede e morre.

"As maravi, maravi, maravihas" (Gregório de Mattos)

No meio do movimento tropicalista em 1968 um nome não se cansou de ser lembrado o de Gregório de Mattos.

O próprio Caetano Veloso em uma de suas músicas, usou versos do poeta baiano. E na edição das suas obras completas o editor com razão viu na música incomformada de Caetano Veloso uma ascendência, remota mas verificada do Boca do Inferno. Depois, na raiz do movimento tropicalista havia o nome de Oswald de Andrade, e é precisamente com este que Gregório mais parece, tanto pelo deboche como certas maneiras sutis de ver o Brasil.

Num poema como este a letra chega a admirar de tão moderna. "Ouçam, olhem / venham, venham verão / o Friso, da Bahia / que está retratado / As maravi, maravi, maravihas". Também há um soneto chamado As altas prendas do desembargador Dionísio de Avila onde o poeta explora visualmente o poema, dispondo-o na página sob forma de constelação gráfica de sílabas e letras, uma atitude precursora da poesia moderna de vanguarda. E para acabar ainda com línguas tropicalistas, basta recordar o que conta o licenciado Manuel P. Rabelo na sua biografia. Como na época era costume colocar em casa plantas odoríferas, Gregório de Mattos optou por uma espécie nacional, enfiou no seu coto um cacho de maduras bananas, porque além de cheirar eram boas para comer.

Outro aspecto é que o poeta funcionava como uma espécie de jornalista. Ele narra os principais acontecimentos da cidade, registra por assim dizer o dia-a-dia com a mesma precariedade das jornais, pois logo que passava de boca em boca ou era cantada por outros, a poeta já se preocupava com novos

jornal de cultura.

suplemento do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês

II CONCURSO DE POETAS

INÉDITOS DA BAHIA



REGULAMENTO

I — O II CONCURSO DE POETAS INÉDITOS DA BAHIA, promovido pelo JORNAL DE CULTURA, tem como finalidade divulgar a produção poética ainda não publicada em nosso estado.

II — Poderão concorrer autores que ainda não tenham lançado livro de poesia, bastando para isso solicitar inscrição no Gabinete Português de Leitura, das 14 às 18 horas.

III — Cada trabalho concorrente deverá preencher as seguintes características:

a) Conter cerca de cinco poemas, ou cem versos.

b) Estar datilografado em três vias, espaço de 12.

c) Ter um título geral na capa, com o pseudônimo do autor.

d) O verdadeiro nome do autor deverá constar em envelope anexo ao trabalho, especificar do o título do mesmo, o pseudônimo, idade e endereço do autor.

IV — Cada autor poderá concorrer com quantos trabalhos julgar conveniente, bastando preencher os requisitos de inscrição.

V — Serão proclamados vencedores até dez trabalhos considerados de nível pela comissão julgadora.

VI — O trabalho de maior qualidade poéti-

ca receberá o prêmio Luis Camões, em homenagem ao quarto centenário de "Os Lusíadas".

VII — Os demais trabalhos serão contemplados com prêmios diversos, a serem anunciados no decorrer do concurso.

VIII — A comissão julgadora será formada por poetas locais e nacionais, de prestígio.

O critério de julgamento não deverá se restringir a escolas ou correntes poéticas, mas ao nível dos trabalhos.

XI — O veredicto da comissão será irrevogável, ficando os casos omissos neste Regulamento a critério dos organizadores do Concurso.

X — Além da premiação os classificados receberão diploma de participação no Ciclo de Palestras realizado durante o certame. Os trabalhos escolhidos serão publicados por este suplemento e reunidos em uma coletânea das Edições Arcoador, com distribuição nacional.

XI — O encerramento do Concurso será marcado com um recital dos poemas premiados, por um grupo de autores locais.

XII — O encerramento das inscrições está previsto para o dia 30 de março de 1974.

AMOR E SEU TEMPO

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Amor é privilégio de maduros
estendidos na mais estreita cama,
que se torna a mais larga e mais velvosa,
roçando, em cada poro, o céu do corpo.

É isto, amor: o ganho não previsto,
o prêmio subterrâneo e coruscente,
leitura de relâmpago cifrado,
quem, decifrado, nada existe

valendo a pena e o preço do terrestre,
salvo o minuto de outro no relógio
minúsculo, vibrando no crepúsculo.

Amor é o que se aprende no limite,
depois de se arquivar toda a ciência
herdada, ouvida. Amor começa tarde.

(In "As Impurezas do Branco", JO)



O POETA GODOFREDO FILHO, UMA DAS MAIS REPRESENTATIVAS FIGURAS DO NOSSO MUNDO CULTURAL, NOS APRESENTA UM BRILHANTE ENSAIO SOBRE A VIDA E A OBRA POÉTICA DE PETHION DE VILLAR. O TRABALHO CRÍTICO DO POETA/ENSAYISTA, PELA SUA EXTENSÃO, FOI DIVIDIDO EM DUAS PARTES, SENDO A PRIMEIRA PUBLICADA NAS PÁGINAS 6 E 7. A CONCLUSÃO DO ESTUDO VIRÁ PUBLICADA NO PRÓXIMO NÚMERO DO

JORNAL DE CULTURA

OS JUDEUS E A INDEPENDÊNCIA

J. ALBERTO NETO

Um trabalho de pesquisa e grande erudição veio enriquecer as nossas tão poucas fontes bibliográficas sobre a nossa história pátria.

As Edições Convergência Bahia lançaram, sob o patrocínio da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, através do DESE, "A Contribuição Judaica à Independência do Brasil" de Jaime Sapinik.

Fruto maduro de longa investigação que coloca na mesa da discussão nova problematização de questões antigas e sempre atuais.

Segundo o Autor, trata-se de "um exame retrospectivo sobre a presença e a participação dos judeus na formação da nacionalidade brasileira, considerando não apenas os judeus propriamente ditos, ou seja, aqueles que como tais se declararam, voluntária ou involuntariamente mas também os cripto-judeus, os "cristãos-novos" e seus descendentes."

Adverte-nos o Autor que o leitor está apto a analisar e interpretar a visão da presença judaica, tomando como elemento de referência todo relacionamento entre nomes de família, coisas, objetos e animais: "a versão, amplamente divulgada, de que somente os nomes de família relacionados com coisas, objetos ou animais, corresponderiam aos descendentes de judeus "cristãos novos", não passa de folclórica. A variedade dos nomes de família dos que foram processados pelos tribunais Inquisitoriais dão-nos uma idéia de quão difícil é a identificação dos "cristãos novos". Mas ainda, depois das leis do Marquês de Pombal, proibindo a menção de "cristãos novos" e cristãos velhos", sob pena de pesados castigos, isto se tornou quase impossível. Como única fonte, restaram os anais da Inquisição."

O que caracteriza — e magnificamente — tal exposição é a sua estrutura ilustrativa: "apenas a título de ilustração, citamos alguns nomes de família que foram identificados através desses Anais: Alfoforado, Antunes, Costa, Dias, Duarte, Favelha, Ferraz, Franco, Gonçalves, Lopes, Maia, Mendes, Miranda, Nunes, Reis, Souza, Teixeira, Ulhôa, Velho, Bueno, etc. A adoção de nomes de família tradicionalmente usados em Portugal e comuns entre os cristãos resultava do interesse da Inquisição em desmascarar sua procedência judaica, que continuava a prejudicá-lo mesmo após a conversão."

Em outra parte do ensaio o Autor principia por traçar os alicerces da presença judaica, reportando-se às épocas mais remotas, e, com lucida proficiência histórica, faz referência a presença dos judeus já na época dos descobrimentos, retrocedendo aos dias do Infante e da Escola por ele fundada, para evidenciar a influência no destino de Sagres.

Em nosso desenvolvimento e estrutura politico-econômica, a participação judaica tem uma função de grande relevo histórico: "Foram judeus os primeiros que, em 1535, plantaram a cana-de-açúcar no país. Fizera-mos primeiramente em Pernambuco, trazida de Madeira e São Tomé. O açúcar, até os princípios do Século XIX, foi o principal eixo da economia brasileira, e, segundo Rocha Pombo, já em fins do século XVI estavam funcionando dezentes engenhos. Foram eles, também, os promotores da indústria do fumo e grande plantadores de arroz e algodão."

Depois de nos mostrar que o primeiro arredorário do Brasil foi o judeu Fernando Noronha, o Autor nos transporta para outras dimensões do contributo judaico a nossa economia: "foram judeus a primeira mestre, Branas Elias e primeiro construtor rodoviário, Garcia Rodrigues Pais; o primeiro impressor Antonio Ledo da Fonseca, o primeiro autor dramático, Antonio José da Silva; o fundador da siderurgia brasileira, José Antonio de Mendonça..."

Para nos oferecer uma visão clara e acessível do comportamento judaico na Independência. O Autor nos informa pormenorizadamente e com elementos profusamente reconhecidos as presenças marcantes de Hipólito José da Costa Pereira Furtado Mendonça e Joaquim Gonçalves Ledo. O segundo a quem se devos acontecimentos que culminaram com o Grito do Ipiranga, e a presença de Hipólito José de grande importância no exterior.

Findado o seu magnífico trabalho de pesquisa e avaliação da presença judaica em nossa Independência, aqui retratada de maneira breve e noticiosa, encontramos no seu desfecho a reação que causou ao Marquês de Pombal, quando da extinção da expressão "cristão novo" pela Carta de Lei de 25 de maio de 1773: "Consta que o rei manifestou e disse de que os marranos fossem, pelo menos, reconhecidos por um sinal especial. Então, Fomabal ficou três dias amarelos, dos que usavam os judeus em Roma, explicando que um seria destinado a ele próprio, outro ao Inquisidor Geral e o terceiro ao Rei, visto que "ninguém" — disse ele — podia estar certo de que nas suas veias não corria o sangue dos marranos".

E num remate feliz do escritor Jaime Sapinik, "o mesmo pode, e com maiores razões, aplicar-se ao Brasil, à população brasileira."



ASPECTOS CONSTANTES NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA

GERALDO REZENDE

"A vida inteira que podia ter sido a que não foi", sendo o ponto de fuga uma outra vida que lhe Deixou "Cada vez mais cheia do tudo".

Ainda, próprio Bandeira e afirma em seu "Histórico de Pasárgada" numa página altamente esclarecedora descrevendo o findamento do seu mundo literário de uma maneira que nos permite de um possível bom argumento, dando-nos em línguas que foram os melhores pontos de fuga os tempos, a doença e o "um tipo profissional" a poesia, transformando-o em poeta profissional e apontando como disse Otto Maria Carrara, "consciência dos seus hábitos de sua arte, e consequente do resultado atingido".

Ele o retratou, através de um de sua vida passada: "Quando não dormia em 1906, fiquei certo de morrer dentro de pouco tempo; a tuberculose era coisa e — nenhuma que não perdia". Mas foi vivendo, morreu-alto-morre e em 1914 o dr. H. V. Mour, médico-chefe do sanatório de Clarend, tratou-lhe no sanatório quanto anos me restaram de vida me respondeu assim: "O sr. tem lesões laboralmente incompatíveis com a vida; no entanto está sem sintomas como hem, desde bem, não apresenta nos meus exames sintomas alarmantes. Pode viver cinco, dez, quinze anos... Quem poderá dizer...".

Continou esperando a morte para qualquer momento, vivendo sempre como que profeticamente. Mas primeira anos da doença me amargurava muito a ideia de morrer sem ter feito nada depois a força do trabalho. Já disse como presidente A Casa das Horas casa de corte, sendo hoje a mais sentida de vasta inutilidade. Esta só começou a se cumprir quando fui tomando consciência de pelo os meus versos sobre amigos e, particularmente sobre desconhecidos. Uma tarde voltei para não certamente impressionado de ter escrito, no Livro de José Olympio. Rêdeis de Espirito me disse: "Você não sabe o que a sua poesia representa para mim". Foi a força de testemunhas como esse. As vezes de poeta quis de todos outros a literatura, que se sentia a aceitar sem amargura a meu destino. Hoje me revolta sua arte em sua casa e a ponto para o que ele e vive".

A poesia bandeiriana breves o mais completa realização de si mesmo e, por consequente, a realização de sua personalidade. Ele próprio reconheceu o mistério realizado pelo poeta em sua existência, quando começou esta consagrada quadra, em perfeita redondilha maior:

"Entre a vida inteira,
Da vida que poderia
Ter sido a não foi. Poesia,
Minha vida verdadeira" (v).

E MB confidit o seu Histórico de Pasárgada, funcionando a revelação do segredo de sua vida, transformada em poesia. "De fato chegou ao apogeu de suas ideias e realizações e das ideias revistas para desdobrar de ser lido a significação de muitas palavras. Agora a morte pode vir... — sua morte que chegou desde o dia seguinte, tanto a impressão que ela encontrará, como em óculos de não ser". "a casa limpa, a casa poeta, com cada coisa em seu lugar".

Profundamente impressionado do sentimento de aproximação, da morte, "o poeta está agora, mais do que nunca, no mais essencial; seu repertório, conhecido para os seus descendentes, através a literatura de uma "uma palavra" (8). As grandes filantrópicas artísticas (a tradição, a moderna) de MB a arte, no dizer do mesmo João de Deus, "desse, furtivos e justas a serviço do seu nome fundamental". A longa sobrevivência, o transformar de "poeta do amor e da amizade" em "poeta da morte" "esquadrinhando o perfil, ressaltando, pelo contraste, a imagem do verso, o Mário de Andrade e a João de Deus".

Apesar de ter dito, entre um,
— "Eu faço versos como quem morre"
Manuel Bandeira viveu sobre o grande literário chamado de Poesia — a sua Pasárgada.

IV — CONCLUSÃO

As concepções bandeirianas em torno do problema da morte são, certamente, novidade dentro da literatura brasileira. Além de Anísio, Cavalcanti de Albuquerque, Albuquerque de Albuquerque, Augusto dos Anjos e outros poetas há li-

zadas em muitos temas até a morte, porém da, no propriamente exclusiva do grande criador de Pasárgada.

A caracterização de MB no caso, é que ele, atingindo a longuíssima ultramarina também agiu fortemente instável de desdém e de indiferença, assim a todos. Exceção formal de sua atitude inicial é o poema "Discurso", inscrito no Livro A Casa das Horas de Inspiração Alambique "intitulado":

Eu faço versos como quem morre
De discrição... de descomento...
Poesia e não livro, se por agora
Não tenho motivo nenhum de pranto.

Menos versos e angústia. Volúpia ardente...
Tristezas apenas... memória vão...
Odiemo das vezes. Amargor e gozo,
Cal, esta e gota do coração.

Eu faço versos de angústia como
Anjos dos lábios a vida corre.
Dissolvido num amor sobre o bonec.

— Eu faço versos como quem morre.

Temos nestes poemas a primeira atitude de MB diante da morte, nos traços de traços anímicos, ao lado de uma definição de sua poesia.

A segunda atitude de Bandeira perante a perspectiva da morte caracterizou-se por um sentimento de revolta e de incompreensão diante daquilo que ele chamava de inutilidade de sua vida, chegando mesmo a uma indignação radical, em poemas como "Momento Eum Caeli" e "A Morte Absoluta".

Apesar de sua habitual serenidade refletida até mesmo em poemas de intensa angústia, tristeza e revolta, como neste verso:

"Mas que não pode, estabelecer seu ser, de ou"
na problemática bandeiriana cabe muito bem a pergunta: MB foi realmente um "poeta sem Deus"? ou, então, "um cético, sério"? De seu "Histórico de Pasárgada", há momentos de criação lírica que não deixam margem para dúvidas sobre o sentimento que governa sua criação. O conteúdo emocional com problemas da dor artística de MB normais, emocional e expressiva, transformando-o em poeta que faz versos como quem morre. Por isso afirmamos que toda a experiência pessoal se traduziu para o plano artístico.

A serena atitude máxica, definitivamente, a vida bandeiriana da morte, numa aceitação total de sua vida, em poemas como "Coronado", "Preparado para a morte", "Preparado para a morte de Minha Morte", "Preparado para um poema justificando as linhas de matáculas. Incluem-se abrangente a transcendência do exterior do mundo, além do desproporcionado de casualidades lógicas, para extrair outra realidade a sua obra, tudo, assim que aliado, resultando em busca de uma explicação para o fenômeno vida, e mais do que isto, para o fenômeno universo".

Vida e morte parecem, portanto, a sua visão de MB. tal é o seu fundador de literatura literária com aquilo que ele chama de "convívio". Tranquilizante, a poesia se revela na expectativa de morte, como quem aguarda uma vida. Profundamente sua angústia distingue Manuel Bandeira como o grande poeta da morte.

Logo, ainda aponta outra característica de ter sido esse o poeta da redescoberta dos conceitos de infância. Faz de MB um poeta "convívio de ter convívio um humano destino".

Depois de uma estrutura, como a de Manuel Bandeira, de vida em poesia e em sentimentos profundamente humanos, são poemas, assim, encontrar com suas palavras em "Andanças":

"Andanças lá fora, esta esperança —
— "Poeta o dia à luz, à luz"

Andanças, andanças, minha castiga é mais triste:

Frazer a vida à luz, à luz...

Não passara a vida à luz, à luz, sem o olhar, através de sua poesia, uma grande mensagem para a angústia existencialista do mundo atual.

CONCEITO DE OBSCENIDADE

MOACIR AMANCIO

Um dos livros mais autênticos e vigorosos da literatura brasileira acaba de ser proibido na Argentina e a publicação de La Flor que já publicou há alguns anos uma primeira edição da obra está sendo processada. O livro — "Margem das Lembranças". O autor — Hermilo Borba Filho. O motivo não é de ordem política, ou melhor, é de ordem política um pouco mais complicada do que simples tabela de valores determinadas por uma constituição: a obscenidade. Mais uma vez, os censores traçam de volta a velha discussão a respeito do que é obsceno e do que é pornográfico. E mais uma vez por causa de uma obra aplaudida pela crítica. "La Nación", de Buenos Aires diz: "Sou o tom autobiográfico o livro traz uma visão corajosa e sincera do Nordeste brasileiro", assinalando que o romance é um "um clima constante e definido cheio de impeto, memória e furo vital". De acordo com o Estado de São Paulo, o diário "La Prensa" também destaca a "força narrativa utilizada para descrever as mais simples situações" e que dá "uma dimensão sumamente verdadeira à novela".

"Margem das Lembranças" é o primeiro volume de uma tetralogia composta por "O Cavalo da Noite", "A Janela do Mundo e Deus no Pasto". A série deve estar encerrada na edição brasileira. A primeira e única edição nacional de "Margem" é de 1966. Mas quem estiver interessado e souber francês, tome nota. A série completa será lançada na França pela Stock, nos próximos meses.

O QUE É OBSCENIDADE

Naturalmente os argumentos da crítica não querem dizer nada para a Divisão de Moralidade da Polícia Federal de Buenos Aires. A crítica argentina compare o trabalho de Borba ao de Henry Miller. As vezes infelizmente, o nome do autor norte-americano é lembrado com impropriedade, porém tendo ele se transformado numa espécie de bandeira para os que lutam pela liberdade de expressão, pela quebra dos tabus sexuais e outros do nosso mundo, temo e temo-se de que neste caso é uma citação obrigatória. Mesmo porque falar no caso de Madame Bovary de Flaubert; de Ulysses, de Joyce; de Lady Chatterley, de Lawrence, apesar de se-



rem exemplos clássicos do que a parvoza pode fazer contra a cultura, estão um pouco distanciados do grande público. Vejamos portanto o que é obsceno, para uma autoridade no assunto que é Henry Miller.

"Discorrer sobre a natureza e o significado da obscenidade é quase tão difícil como falar de Deus. Até começar a me aprofundar na literatura acumulada sobre o tema, nunca me dei conta do Senegal que devia atravessar. Se se começa pela etimologia sobra à vista que os lexicógrafos não são menos confusos que os juristas, moralistas e políticos. Aqueles que têm tentado seriamente rastrear o significado do termo, se viram forçados a confessar que não haviam chegado a nenhuma conclusão. No seu livro "To the pure", Ernst e Seagle afirmam que "não há duas pessoas de acordo sobre a definição dos seis temíveis adjetivos seguintes: obsceno, libidinoso, lascivo, porco, indecente, imundo". A Liga das Nações se encontrou em dificuldades quando insistiu em definir a obscenidade. Provavelmente D. H. Lawrence teve razão ao assegurar que "ninguém sabe o que significa o termo obsceno". Para Theodor Schreder, que consagrou toda sua vida à luta pela liberdade de expressão, "a obscenidade não existe em nenhum livro ou quadro; é tão só uma propriedade da mente de quem lê ou contempla". "Não existe nenhum argumento que abone a supressão da literatura obscena", afirma tal autor, "que por inevitáveis inferências não chegue a justificar o não tenha justificado já, todas as demais limitações que se impuseram alguma vez à liberdade de pensamento".

Levando-se em conta que além dos autores já citados, Shakespeare, Petronio Sade e outros ilustres cidadãos também podem ser acusados de imortalidade (é bom não esquecer a Bíblia por sinal) isto é, acusados de algo que ninguém sabe o que é direito como ninguém sabe definir e que seja o homem ou deus, surge uma pergunta um tanto quanto irônica e muito leviana: mas não é uma honra para Hermilo Borba, Filho entrar para a lista desses caras? É possível que sim, mas também é muito triste ver o homem passar a limpo pela milionésima quadragésima vez um atestado de burocracia ociosa.

O SUICÍDIO DE PETÚLIA

CONTO DE ALMIR VASCONCELOS

Na ânfora de vinho do entardecer o cálice se derramava em tons violáceos tingindo a cortina notívaga de um espaldaculo de bronze.

Mareia e sonho no cristalino das dobras das crinas do cavalo andaluz dos céus, rubro como uma rosa de maio atrás das colinas tristes encapuzadas prestes a fechar os olhos verde mungo para dormir.

As pálpebras da noite entanto continuavam abertas. Pedço por pedaço braços cabeças e pernas flutuavam no desconhecido protoplasmático que haveria de formar o corpo do mundo.

Atrás de mim o poledro do dado acusava a quinta perfeita. Sequência máxima nos bocões que à noite já dava o elefante pardo pela viciada cruzada crispa, o seu mestrin nas estrías extremas da roleta.

Um rato aqui outro acolá, vagabundos visitantes dos esgotos, atravessam a calçada molhada.

Maria do Carmo, ouvia o tamborilhar da chuva nos casilhões descidos da vidreca do ônibus. Meditava. Após um ano letivo intenso na Faculdade de Agronomia vinha passar as férias com seus pais em Salvador.

Dr. Gustavo, já a esperava na estação rodoviária. Estação minha filha, passada em todas as matérias do currículo?

Olhar vago em negro tom, formas harmoniosas de um moreno acenitudo. Maria do Carmo responde:

Sim papai, o curso é duro o segundo ano é puxado mas vou indo bem. Média para passar em todas as matérias e conjunto é até agora. Até e fim do ano devei ter uns 8 ou 9 de conjunto.

Pontagudas as pontas da Urna Menor arrastavam-se. O Cão ladrava constelções. Caras do luto fúnebre os lados das faces partidas tratavam-se para a formação de estranho quebra-

cabecoa, onde às vezes se colavam diferentes lados dando expressões às mais descontraídas.

Pomari saía do banho semi-nua índia perdida nos vagalhões dos mares desconhecidos. Entretanto os ratos beijavam num beijo frio, o arfado molhado, e a noite sorria porque o encanto de sorrir é a mística dos seus lábios dormientes.

Dentes brancos, aguçados e sensitivos em estranho sorrir, deduzia o intervalo dos pensamentos onde as inclinações se traduzem à luz dos instintos mais variados.

D. Vanda, muito alegre porque a sua Carminha estava progredindo nos estudos, filha única e que vinha dando gosto nos seus 19 anos, sem pensar em númora que tanto perturbam a vida das raparigas nesta idade.

Era muito conhecida a família Viana. Dr. Gustavo, médico clínico e sua esposa D. Vanda, professora de primeiras letras.

Carminha tinha as suas amiguinhas na rua, vizinhas antigas, a Emeralda e a Sueli e a Niva. Conversavam. Estão Carminha, não tem nenhum namorado em Cruz das Almas? Não deixas nenhum coração partido de saudade por algum tempo? A Niva, sorrindo em seus dentes brancos inquiria.

— Não, não tenho ninguém. Quero os meus estudos. Preciso me formar em engenharia.

Escuta você não acha que engenharia é uma profissão bastante esquisita para uma mulher?

— Sem responder, respondeu: Olhem, vou lhes pedir uma coisa. De hoje em diante não me chamem mais de Maria do Carmo nem Carminha. Chamem-me de Petúlia. Quero que me chamem de Petúlia.

Mas porque perguntou a Emeralda? Que se passa com você? Não está doente? Tãdas, passaram com aquele repente de Carminha.

O colturno de Jazéu desluzavam seu ouro nas sandálias ligeiras buacando o feixe de luz

de antigas fias de tardes desconhecidas já arrumadas no estojo de praia do tempo.

Os ratos continuavam o seu passeio. Agora arrastavam algo assim como um pedaço de queijo de alguma mercearia próxima.

O formigamento da noite deixava ver multidões de rostos antes nunca vistos por aqueles arredores.

Bem os dias foram transecorrendo. Petúlia aproveitou bem as suas férias, foi a banhos de mar na Barra e Amaralina com as amiguinhas, dourou as coxas brancas no sol de verão.

Porém, estranho, as amiguinhas comentavam. Não olhava para rapazes. Seu andar era algo desagracoso e sem jeito.

Dr. Gustavo gostava de ouvi-la falar sobre o problema do adubo da terra, empório, cultivo, e tudo atinente à sua profissão futura.

D. Vanda admirava muito aquela filha que mesmo nas férias metida em calças de homem, lia os seus livros de estudo.

Com o passar dos dias porém, Petúlia deu de sumir das amiguinhas. Almas em outras férias isto tinha já ocorrido.

A Emeralda, porém, via-a num deste dias no largo da Sé conversando muito animadamente, de braços dados com uma moça alourada e muito bonita. Pensou-se a conhecida. Não, não tinha a menor ideia...

Em outro dia a Niva também a viu na máquina do Excelsior com a mesma criatura, pois Emeralda lhe contara.

Nas luxúrias de um amor ardente Petúlia e Vandelto se escondiam e se enroscavam como serpentes naquelas apartamentos da Barra. Beijos apaixonados, clames e recuos. Domingo e paixão. Suas respirações arquejavam na tarde morta. Meu amor disse Petúlia: quero-a somente minha daria tudo por eternizar estes instantes...

A igreja da Piedade tocava os seus carrilhões pesados chamando para a missa do domingo de tarde.

D. Vanda pensou: Meu Deus, esta menina ainda dorme? Deitou-se depois do almoço, são cinco horas e ainda está a dormir. Vou chamá-la para assistir a missa. Almas eu também quero ir.

Subindo as escadas do sótão, chegando em seu quarto, esta dormia. Mas estava tão quieta, não respirava. Meu Deus, que tem esta menina? Aproximou-se, deu um grito que branuiu pela casa inteira: Meu Deus, minha filha está morta! Venha cá em cima Gustavo, venha depressa... Desmalou!

Dr. Gustavo subindo o mala depressa que pôde, ficou estarelecido... Sim estava morta... ao lado uma garrafa de refrigerante e ainda um embrulho com uns restos de algo que ele constou ser formicida.

Procurou em suas vestes, em sua cama apalpendo tudo, alguns explicação, nenhuma. Foi em vão. No chão jazia D. Vanda. Chamou pela empregada que lhe trouxesse a comida em gotas em um pouco d'água. Com algum sacrifício, deu a D. Vanda para beber. Foi melhorando aos poucos ainda alheada a tudo. De fora do comum, dr. Gustavo só encontrou um papel escrito com a letra da filha, estas passagens: Quero que me chamem de Petúlia.

No dia seguinte, um caixão branco saía acompanhado por suas amiguinhas, a Emeralda, a Niva e outras, além do Dr. Gustavo, parentes e amigos.

D. Vanda não teve condições de assistir.

O padre benzeu o corpo, e o caixão branco foi sendo pouco a pouco escondido pelo mestrin terroso.

Os ratos agora mais belicosos morriam as pernas rãs e ulceradas dos mendigos que dormiam no frio molhado dos passeios...

TRÊS POETAS DE FEIRA

O Jornal de Cultura abre espaço para três poetas jovens: Luis Pimentel, César Ubaldo e R. Pereyr. Todos são de Feira de Santana, pertencentes ao grupo da revista "Hera", que conta com a supervisão de Antonio Brasileiro atualmente, Diretor de Educação do Município.

POEMA

R. PEREYR

Cantei setembro nos céus: cantei-me nas horas vastas auroras dúbias manhãs no leito, cantei setembro.

(Mil canários de setembro em mim sopraram seu canto: cantaram longe tão longe mais longe do que sem fim, cantaram longe tão longe mais do que em mim).

Cantei-me nas horas vastas auroras dúbias manhãs no leito; cantei espera dos canários de setembro. Cantei longe muito longe mais longe do que sem fim.

ESTUDO

LUIS PIMENTEL

Estendi meu corpo ao sol e convidei os abutres.

Fui vê-lo depois de seio quando os abutres se foram.

Apanhei um Asso velho e coloquei na estante.

O Asso gerou um gênio que cuspiu em minha face. Estendi minha face ao sol e nunca mais fui buscá-la.

CANÇÃO MUTILADA

CÉZAR UBALDO

A primeira nota feriu-se ao passar pelo campo minado. A segunda, cegaram com antigos punhais a terceira escondeu-se no subterrâneo e perdeu ar. A quarta nota partiu-se quando do seu vôo desesperado. A quinta nota envelheceu milhões de anos e esburdeou. A sexta nota foi atirada aos céus sem mordidas. A sétima nota chorou até que a última gôta se misturasse com o sangue das outras.



F. SCOTT FITZGERALD

A GLÓRIA E O AMARGOR DO SONHO NORTE-AMERICANO

HELEN D. SEBOW

"Ele foi sua melhor história", começou o romancista norte-americano Strindberg Burt sobre seu contemporâneo, F. Scott Fitzgerald. "Este, por sua própria vida, foi o melhor protagonista que criou — um protagonista triste e desesperado, mas de grande beleza".

Francis Scott Key Fitzgerald tornou-se uma lenda em seu tempo, uma pessoa que foi quase esquecida à época de sua morte — em 1940, aos 44 anos já falecido — mas que continua a ser revivida, Cheesley captar toda uma década da vida norte-americana, a dos anos 20, última época em que o gin corria livre e ilegalmente, em que o cinema era abundante e a moral conservadora; uma época de ritos e mitologia — as pessoas cujas vidas Fitzgerald retratou — uma época à qual Fitzgerald passou a pertencer e, posteriormente, tornar-se representante dela.

Foi também a época que procurou o grande sucesso no mercado de valores e o desmantelamento dos Fitzgeralds. Ele sempre disse que não havia seguido não na vida nos norte-americanos. Infelizmente, em relação a ele próprio, provou ter razão.

Scott nasceu em uma família recém-arrivada abastada de origem irlandesa em St. Paul, no Estado de Minnesota, a 24 de setembro de 1896. Entre seus avós estava figura Francis Scott Key, autor de letra nacional norte-americana, e Fitzgald autor recebeu de sua mãe esse nome através um homenagem ao antepassado famoso.

Os Fitzgeralds dispunham de meios suficientes para criar o filho a uma academia particular próximo em St. Paul, em seguida, em Nova Jersey, na esperança de tê-lo estudar.

Nada conseguiram. Foi enviado então a Princeton, passou os três anos em que permaneceu quase famoso por situação econômica, comédias musicais, beberrão, jogando e estudando apenas ocasionalmente. Suas notas eram baixas sua saúde, piorava ele decidiu, então, tirar uma licença temporária. Regressou para estudar o quarto ano, mas abandonou os estudos antes de formar-se em 1917, para lutar-se no Exército quando os Estados Unidos ingressaram na Primeira Guerra Mundial.

Embora, para sua decepção, nunca tenha sido enviado para o campo de batalha no exterior, foi durante os anos que passou no Exército que começou a escrever seu primeiro romance, "The Romantic Age" (O Romântico). Embora o livro tenha sido elogiado pelos editores, Fitzgerald não conseguiu publicação.

Após a guerra, tentou arrumar emprego como jornalista em Nova Jersey, mas não obteve êxito. Finalmente, começou a trabalhar para uma agência de publicidade, onde fez um "blogue" de grande sucesso, para uma lavanderia, o que lhe valeu um aumento. Amarra disso recebeu abandonar Nova Jersey e regressar a St. Paul, onde poderia viver sem qualquer dor na casa de sua mãe, e dedicar-se inteiramente à literatura seria.

Mas durante o tempo em que permaneceu em Nova Jersey...

TRAJETO

ROBERTO MACHADO

Os olhos não criam-descobrem a verdade que as mãos aprendem a moldar, reforçando os ferros da mentira. E, assim, reunindo

vento e argila, tecer vasos onde depositar sonhos e flores. A análise dos pés é que constrói o caminho, passo a passo

amassando pedra e espinho, horizonte sugerindo a trajetória. O porto, já presente na memória,

ansia igualmente essa chegada, e enquanto laboramos a estrada, tingimos de vermelho a incerta rota.

que encontraram-se de uma bela jovem, que via a sua inspiração e sua cruz. Seu nome era Zelda Sayre, e pertencera a uma rica família do Alabama. Ela conheceu em particular com ele desde que pôde estabelecer a amizade que julgava merecer e com a qual estava acostumada.

Em St. Paul, o jovem Fitzgerald foi bem recebido sob todos os aspectos. Escreveu "This Side of Paradise", publicado em 1920. O livro vendeu 40.000 cópias em apenas um ano e trouxe a fama e a fortuna a seu jovem autor, que pode casar-se com sua amada. Contou-se que nesta época ele foi visto chorando, copiosamente dentro de um taxi, em Nova Jersey. Indagado porque um jovem tão bem sucedido chorava tanto, respondeu que sabia que jamais seria tão feliz novamente. E tinha razão.

Seu livro foi publicado a 26 de março. A 3 de abril casou-se com Zelda Sayre na Catedral de St. Patrick em Nova Jersey. Tinha iniciado uma jornada que terminaria em estagnação servindo para ele o total para ele. Mas nesse mesmo tempo foi escrito um dos maiores romances norte-americanos, "The Great Gatsby".

O jovem casal Fitzgerald foi o protótipo do boê rianizado "Jet set". Entre as frequentes viagens à Europa, o casal tornou-se conhecido pelas fantasias feitas que atraíam em sua luxuosa residência de Great Neck, em Long Island.

Em 1925, Fitzgerald publicou "The Great Gatsby", um livro sobre a vida em uma rica comunidade de Long Island, onde a beleza e o sexo imperavam livremente. O livro, sagaz e atenciosa da altura década de 1920 e tornou-se um clássico da literatura norte-americana. Uma versão cinematográfica deste livro, sob o nome, rodado pela Paramount e o lançamento de filme está previsto para 1974.

Com o final da década, veio também o colapso da bolsa de valores e da vida pessoal dos Fitzgeralds. Em abril de 1926 Zelda sofreu sua primeira crise mental, diagnosticada como esquizofrenia. Fitzgerald acabou em emprego de escritor de roteiros para filmes em Hollywood e mergulhou na bebida e no desespero.

A miséria, os problemas conjugais e a decadência deste período fortaleceram interiormente a última romance que conseguiu completar, "Tender is the Night". Zelda nunca se recuperou e Scott entregou-se totalmente à bebida. Os romances escritos por sua jovem sanidade resultaram em uma série de estudos que foram publicados pela revista "Esquire" entre 1934 e 1937.

Seu último trabalho "The Last Tycoon" uma crônica sobre Hollywood, não chegou a ser concluído. Morreu naquela cidade após sua segunda crise mental. Ela morreu nove anos depois, vitimada por um acidente ocorrido no estuário onde se encontrava internada. O casal deixou uma filha.

Dentre os trabalhos de Francis Scott Key Fitzgerald figuram ainda "Flappers and Philosophers", "The Beautiful and Damned", "Tales of the Jazz Age", "The Vegetable" e "Trapeze and Devils".

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, circula no primeiro domingo do mês. Não pode ser vendido separadamente. Endereço: Rua Carlos Gomes, 87, Salvador, Bahia. Telefones: 3-2823, 3-2846 e 3-2847. Endereço telegráfico: GHEMIO.

As colaborações enviadas para este suplemento são, indistintamente, submetidas à comissão editorial, a qual se reserva o direito de vetar a publicação.

EDITOR:

CID SEXAS FRAGA FILHO

JOAQUIM CARDOZO

ANJO E DEMÔNIO DE DEUS



UMA FALA DO VELHO BEDEGÜEBA

Mentira! há tanta mentira
Tudo no mundo é mentira
Daqui ninguém me retira
Quem quer que seja que fira
As cordas de minha lira.
Tudo no mundo é mentiroso
Tudo no mundo se estira,
Todo patife conspira,
Toda mocinha suspira
Pelo amor de um caipira
Só Bedegüeba é que aspira
O ar que ninguém respira;
Nem há ninguém que sugira
Queimar no campo uma pira
Aqui vai tudo na imbirra,
Cada mocaco se inspira
E do alto gallo se atira
Boas donas tenho em mira
Seja Tatânia ou Zulmira
Qualquer que me admira.
Que seja mesmo Belmira
Que fala só e delira.

- Pode também ser Alzira.
Aqui é tudo mentira
Não tenho a quem me refira
Nem conta que se confira
Nem verbo que se prefira
Tudo vai vira-não vira.
Aqui eu tenho uma tira
Que não entorta nem gira
Ora vejaml Que mentiral
Mas falemos de Zulmira
A pastora que sumira
Raubada pelo caipira;
A pastora que fugira
Cavalgando nun pequirá.

E voltemos a Belmira
Que me deixou numa tira
Por lhe dar uma safira.
- Até parece mentiral
Com mentira e mais mentira
Aqui meu canto é que expira.



Joaquim Cardozo desenhado por Di. Cavalcagi

UMA FALA DO DEMÔNIO BELIAL

A imortalidade dos homens! Quem são os homens, entre os seres imortais do Universo Infinito? a não ser o Padre Eterno n-ninguém mais sabe da sua existência; a linguagem que eles falam não é compreendida, as suas comunicações não são recebidas e respondidas; o homem até hoje não entendeu a linguagem dos próprios animais. E se acham, apesar disso, muito cultos e inteligentes, ignorando tudo sobre a natureza que os envolve; morar num pequeno planeta que está apodrecendo com os seus dejetos; se não conquistarem a imortalidade imediata ficarão sobre esse pequeno planeta que, um dia, não terá mais força para mantê-los e morrerá; como se extinguiram os animais pré-históricos; não se tornando imortais eles e os seus descendentes ficarão a respirar o ar atmosférico poluído pela podridão da sua própria carniça. Jesus não poderá salvá-los porque eles não sabem que terão de pagar um preço muito alto, precisam saber que entre eles deve reinar um grande empenho pela fraternidade, pela humildade, pela verdade; pois as causas principais da sua infelicidade são: a hostilidade, o orgulho e, sobre tudo, a mentira.

A HISTÓRIA DO POETA

Um notável ecletismo estará certamente entre as virtudes de Joaquim Cardozo. Formado em engenharia seu tempo disponível costuma ser dividido entre a literatura e também a física e a matemática pura.

Filho de um modesto guarda-livros, Joaquim Maria L. Zentgraf Cardozo, nasceu numa arruado de Recife, o Zumbi, a 26 de agosto de 1897. Ao que parece, adquiriu o hábito da leitura de um de seus pais (talvez mãe, mas não se sabe), morto, aos 23 anos com um livro para publicar. Aos 14 anos, colaborou romances como "Oso Vadio" e, também, Eça, César, Júlio e Alberto de Oliveira. Mais tarde, na Biblioteca Pública de Recife, veio a conhecer Machado de Assis, Abílio Azevedo e Franklin Távora.

Mas foi somente por volta de 1923 que seu interesse pela literatura começou a se consolidar, usou embora tivesse antes colaborado para várias publicações, entre elas o "Diário de Pernambuco", o "Diário da Tarde" e "O Arrabalde", pequeno jornal literário que fundou com alguns amigos.

Pouco a pouco, então, Joaquim Cardozo foi se aproximando de alguns modernistas, sobretudo Joaquim Rego Monteiro, João Vaccaro e Otávio Mello.

Em 1934 Vaccaro os publicou, no "Jornal do Commercio" um artigo sobre o modernismo, onde colocava um poema de Cardozo — "O Sufete Morito". Por essa época, embora escasso, o poeta permanecia isolado. Logo, entretanto, passou a colaborar para a "Revista do Norte" de qual acabou diretor em 1934; e também para outras publicações entre elas a revista "Apagação", fundada por Oswald Alarcão e onde também colaborava Afrânio Luz.

Depois de ter interrompido os estudos por alguns anos, formou-se finalmente em 1936, tendo trabalhado em seguida na Diretoria de Arquitetura e Urbanismo, para a qual Duarte Moraes projetava seus primeiros projetos.

Comprou-se e ampliou em Recife os primeiros estudos modernos. O primeiro prêmio, por Cardozo, foi a Escola Para Anormais na estrada de Água Fria, que não chegou a ser concluída. Em 1938 pensou-se a turma de Escola de Engenharia de Pernambuco. Mas seu discurso, no ocasião, levou-o a ser despedido das Obras Públicas sob a alegação de "insuficiência técnica". Voto então para o Rio e um ano depois foi contratado por César Blumenthal para alguns projetos no Piauí.

QUANDO RAPAZINHO EU REZAVA A NOITE OS MEUS POEMAS... ATE HOJE A POESIA DE JOAQUIM CARDOZO É, AO MESMO TEMPO, SUA RELIGIÃO E FORMA DE EXPRESSÃO. A RELIGIÃO NO SENTIDO ETIMOLÓGICO: RELIGARE TORNA-SE LIGAR, COM OS ANJOS E OS DEMÔNIOS DA INFÂNCIA, OS VENENOS E OS PERFUMES, QUE ELE A TODOS SENTE, SEM JULGAMENTO OU RAZÃO, ACERTANDO.

EM AGOSTO DE 1907 — QUANDO DISSSE NUMA ENTREVISTA QUE REZAVA SEUS PRÓPRIOS POEMAS — JOAQUIM CARDOZO ESTAVA COMEÇANDO, COM A "A NUVEM CAROLINA" O SEU RETORNO A FABULA, GÊNERO PELO QUAL SEMPRE TEVE UMA SIMPATIA E UMA INCLINAÇÃO MUITO PESSOAIS. "A NUVEM CAROLINA" FOI FEITA TAMBÉM NA ÉPOCA EM QUE ELE DESCOBRIA O ORIENTE, CHEIO DE ESPANTO E ALEGRIA E AO MESMO TEMPO, LAMENTANDO QUE A LIÇÃO TIVESSE "CHEGADO TÃO TARDE".

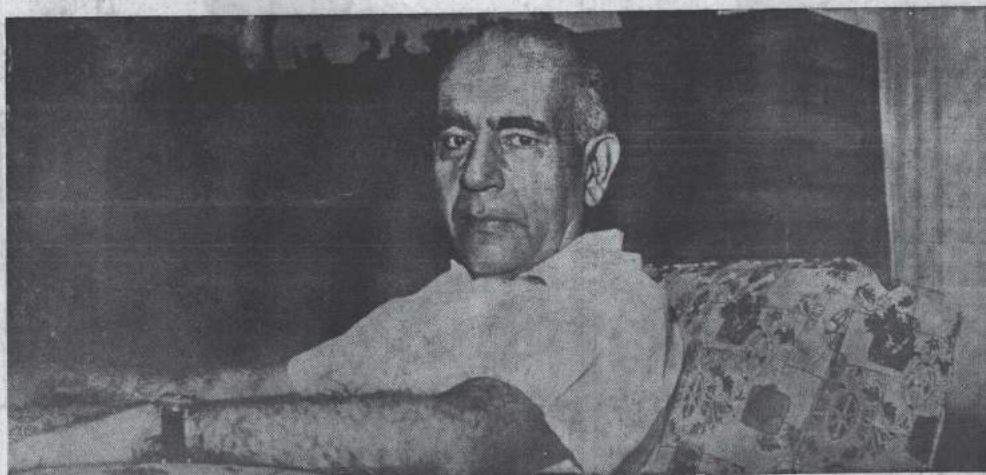
"OS ANJOS E OS DEMÔNIOS DE DEUS" É A CONTINUAÇÃO DA POESIA DE JOAQUIM CARDOZO PELOS CAMINHOS DA FABULA. DA MESMA MANEIRA QUE O SEU OUTRO ENCONTRO DAQUELA ÉPOCA — ENCONTRO COM O ORIENTE — TAMBÉM ESTÁ SE CONFIRMANDO NUM OUTRO TRABALHO DE JOAQUIM. ESTE TRABALHO QUE ELE VEM FAZENDO AMOROSAMENTE, É A TRADUÇÃO DO "PANTSCHATANTRA", UMA COLETADEIRA DE LENDAS ORIENTAIS DO SÉCULO NOVE AO DOZE NUNCA EDITADAS EM PORTUGUÊS E QUE JOAQUIM ESTÁ TRADUZINDO DIRETAMENTE DO SANSKRITO.

OS PERSONAGENS

- A MESTRA
 - (do cordão encarnado)
 - e mais 4 pastoras do mesmo cordão
- A CONTRAMESTRA
 - (do cordão azul)
 - e mais 4 pastoras do mesmo cordão
- A DIANA
- O VELHO
- Bedegüeba
- OS ANJOS
 - Miguel verde-denso
 - Sismael amarelo-cromo
 - Rafael vermelho-púrpura
 - Anjo dn Mar am-azul-mar
 - Nisanael azul-cobalto
 - Cassiel amarelo-cadmio
 - Ansel verde-claro
 - Anjo do Sol amarelo-ouro
- OS DEMÔNIOS
 - Anel cinza-claro
 - Salá cinza-escuro
 - Belial cinza entre claro e escuro
 - Belzebu escuro quase negro
 - Lasbel cinza muito escuro
 - Lúclifer branco absoluto

jornal de cultura.

suplemento do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês



SOLO DE CLARINETA de Erico Verissimo, chega a uma segunda edição, pouco tempo após o seu lançamento pela Editora Globo. Trata-se de um dos livros mais lidos no momento. Quando escrevia este trabalho, Erico assim falou sobre o papel deste livro dentro da sua vasta obra: — "No momento escrevo com o maior interesse as minhas memórias, que espero ainda possam aparecer em livro esta ano, sob título de "Solo de Clarineta". Não se trata dum documento histórico, mas dum documento humano. Remetendo na infância e na adolescência estou descobrindo as sementes de algumas personagens de meus romances. E outras coisas, muitas outras coisas mais. Acho que aos 67 e nos um homem já pode pensar em memórias. Desde que tive um enfarte, em 1961, estou vivendo de prorrogações com juras cada vez mais altas. Se eu conseguir fazer esse livro como penso, terá fechado o círculo da minha vida literária. Tudo mais que vier depois será empréstimo de favor, que aceitei com alegria, porque gosto da vida." (Pág. 2)



RELÓGIO

CASSIANO RICARDO

Diante de coisa tão dóida
conservemo-nos serenos.

Cada minuto de vida
nunca é mais, é sempre menos.

Ser é apenas uma face
do não ser, e não do ser.

Desde o instante em que se nasce
já se começa a morrer.

(In Seleta em Prosa e Verso, J. O.)

CASSIANO, SEM -- CHORAR

A literatura brasileira perdeu uma das maiores expressões poéticas de todos os tempos: Cassiano Ricardo. Sendo se iniciado na poesia com sonetos parnasianos o mestre modernista chegou a realizar trabalhos concretistas que colocaram como uma das figuras de vanguarda mais discutidas. Não se trata no entanto de um poeta ligado a tal ou qual corrente, mas de um clássico da poesia brasileira do nosso século.

A nossa homenagem ao grande poeta é manifestada através do ensaio "Perfil de Cassiano", escrito há alguns anos pelo ensaísta José Guilherme Merquior, nome ímpar na nova crítica.

"SOLO DE CLARINETA"

REGINA MARIA DE CONTI

O tempo que fiquei na casa do Erico foi como um gato preto, lúcido, no sol. O gato se abotoava no meu colo, a cola mais engraçadinha, e eu fiquei fazendo cafuné nele. Ele costuma subir no colo de todo mundo, um dia desses subiu no colo do Conselheiro americano. O homem tinha alegria a galos, ficou com os olhos cheios de lágrimas e teve que ir embora. Loucura...

O último livro de Erico Verissimo não foi lançado em outubro na Feira do Livro de Porto Alegre, como estava nos planos da Editora Globo. Motivo: a AMM Propaganda encaminhou uma edição especial e fora de comércio do 1º volume (o livro completo vai sair em dois), para oferecer aos seus clientes como brinde, neste fim de ano. Assim a Editora teve que entregar os 4.000 exemplares adquiridos ainda inéditos.

No entanto cumprindo o compromisso o livro foi posto à venda nas diversas livrarias desde 30 de novembro. O nome — J Solo de Clarineta. Por que ele mesmo respondeu: "Prefiro que o leitor descubra no texto do livro a ligação entre a obra e o seu título que sendo aparentemente estranho lá é justificável".

Não há realmente muito o que dizer sobre um livro de memórias e o Solo é um livro de memórias, as memórias de um escritor: Erico Verissimo. Tudo o que se disse, por certo estará dentro da narrativa, que ele justifica: "Decerto quis contar a minha estória a mim mesmo e às pessoas que passassem de algum modo, estar interessadas nela. Por outro lado, o livro de memórias é quase "fatalidade", não só no caso do escritor que tem contido a vida de tanta gente, como na do político, do aventureiro, do viajante..."

Por falar em políticos já pediram ao Erico que se definisse politicamente. Ele perguntou se definitivamente é pegar um cartaz ou uma metralhadora e sair pela rua a proclamar a revolução. Tudo o que ele diz ou faz mostra claramente a sua posição. Sem rótulos, partidos ou crenças, ele sempre se definiu pela defesa da liberdade de expressão. O que escreveu recentemente para uma publicação especial de "Visão" — Quem é Quem na Economia — é o que de mais radical já se disse sobre a situação do escritor no país. Ele mesmo disse que não sabe como deixaram publicar: "aquilo"...

Apenas para se ter uma idéia do que ele considera "a missão do escritor", uma passagem escrita há algum tempo, publicada na revista "Realidade" em fevereiro de 1972 e que está incluída no livro de memórias: "... sempre achei que o menos que um escritor pode fazer, numa época de violência e injustiças como a nossa é a acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele esta a escuridão propícia aos ladrões e aos assassinos. Segurar a lâmpada a despeito da náusea e do

resto. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, jogamos fósforos repetidamente como um sinal de que não desertamos nosso posto".

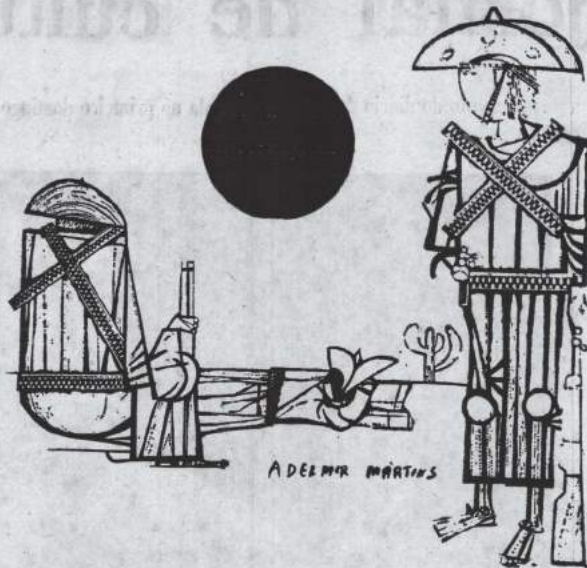
Sincero consigo próprio, coerente com a sua posição de dia a dia e seu livro de memórias: "Espero não ter feito ficção. O que usei foi a técnica, a experiência pessoal na arte de contar histórias. Claro, uma vez ou tra, o memorialista sentiu a necessidade de amalgamar fatos para evitar que o volume se alongasse muito. Solo de Clarineta tem uma epígrafe de Paul Valéry em que este escritor diz que a medida que o tempo passa se relembrar as coisas as pessoas e os fatos do passado mais e mais o escritor vai recordando de usar sua imaginação e no fim o que fica "est tout: fable pure".

E justifica: "Não é possível contar toda a verdade. No simples ato de transformar em palavras uma emoção, um estado de espírito ou uma pessoa física, há já uma deformação inevitável".

Erico não tem predileção especial por qualquer das muitas obras que já escreveu, embora seja sua primeira tentação dizer que foi O Continente, primeiro volume da trilogia O Tempo e o Vento, sua obra preferida, ele reconhece "que não é possível comparar romances de naturezas diferentes". Todavia, se lhe pediasse para escolher as obras pelas quais deseja ser julgado — "sei que no Dia do Juízo Final ninguém sem Deus vai pensar em literatura" — ele indicaria O Tempo e o Vento, O Senhor Embaixador, Nôite, O Prisioneiro e Incidente em Antares.

Um detalhe que pode ser observado em sua última obra particularmente neste primeiro volume, é que o escritor "enredou" no que se referiu à sua infância e adolescência. Para ele, o Homem é apenas e tão somente o que foram o Menino e o Adolescente. Tudo fica traçado, determinado, ali, nestas duas fases da vida, principalmente na primeira. O adulto apenas vai cumprir o que lá ficara em forma de promessas.

O segundo volume já escrito em parte, pretende mostrar, no seu final o escritor diante do espelho. Erico diante dos seus vários "eus", das suas múltiplas facetas, analisando todas elas com a maior sinceridade e um pouco da teoria de Sartre: eu e os outros. Sem, contudo, considerá-los "o inferno". No volume pronto ele destaca "todas as capítulos que mostram minhas relações com o meu pai, minhas ambivalências na apreciação de sua pessoa". No momento está trabalhando no segundo volume do Solo, "que imagino poder dar um só". Tem um romance estruturado: O Dia do Sétimo Anjo, mas não sabe se vai escrevê-lo. Gostaria mesmo era de "escrever uma novela. Isto é, um romance curto, mas intenso". Como ele mesmo disse: "Vamos ver o que virá..."

DOIS POEMAS DE
ANTÔNIO BRASILEIROEXÉQUIAS NOS
JARDINS DE AGAPANTO

Nos jardins de Agapanto surgiu um dia uma fere que comeu todas as rosas e camélias e lírios.

Conta-se que Agapanto perseguia a fere fero, fita a comer tantas rosas e tantas camélias e lírios

que a pobre fere fere após refeição tantas rosas tantas camélias tantos lírios

de tudo que fere era hoje é quem das rosas cuida nos jardins de Agapanto.

INTER INTRA

Fôra preciso eu te denunciar o desejo. Em teu ventre antropófago, feto em teu amor mais amor que o mais amor me digerias.

Aos poucos, sentia a carne fendo-me sugada mas sem dor, que a dor se esvalia no orgasmo todo mator.

Era um desejo imprécio e nos brilha; aorta uretra útero finalmente laço. O tempo seus sequeas.

E pôsto que amos se infiltrava e nos pediu suspirar. suspirávamos.

PRAIA REMOTA

RUBEN STOYANOV

Um cavalo azul passará sobre o mar, vermelho do poente.

Um boi trará entre os chifres a lua

E a escuridão será de areia branca.

E o silêncio terá um sabor de milho verde

E se ouviré o crescer afogado das algas

E tu sorrirás

Dos teus lábios voarão gaivotas

E do pentagrama dos teus dedos penetrar-me-á a música do teu corpo.

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal de DIÁRIO DE NOTÍCIAS, circula no primeiro domingo de mês. Endereço: Rua Carlos Gomes, 97, Salvador, Bahia. Telefones: 3-2522, 3-2845 e 3-2847.

Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas à comissão editorial, à qual se reserva o direito de vetar a publicação.

Editor:

Cid Seixas Fraga Filho

Coordenador:

Carlos Cunha

IONESCO, ROMANCISTA

AIRES DA MATA MACHADO FILHO

Nascido em 1912, Ionesco é, como se sabe, um escritor romeno de língua francesa. Seu teatro, revolucionário nas ideias e na composição, tornou em se impor ao público; sobretudo a crítica. Já agora, e há bem tempo, conquistou a um e convenceu à outra. Suas peças costumam arrancar aplausos. A Lição e A Cantora Carca, ambas encenadas em uma só noite, estão em cartas no Théâtre de la Huchette, anos a fio. Seu Théâtre, com prefácio de Jacques Lecoq, apareceu primeiro em Paris, em 1953, e saiu em dois volumes, editado por Gallimard (1954 e 1958).

Agora, uma surpresa. "Toda a minha vida, desejei intensamente escrever um romance. Minhas peças, só as fiz, na esperança desse momento". Refer-se a seu primeiro romance, algo tardio, Le Solitaire, que entrou a circular no princípio de julho e ocupa atualmente, as atenções da crítica.

Narrativa na primeira pessoa, O Solitário reconta a pobre vida de um "faleto aposentado" de trinta e cinco anos. Uma herança põe ao abrigo do trabalho, mas não do tédio, da solidão, do álcool, das revoluções, da "fuga do tempo". E o homem que enfrenta a si mesmo e à miséria da sua condição, quando nada mais o diverte da angústia. A instalação do narrador no edifício, as relações com a saladora, com a doméstica, suas refeições no restaurante, uma breve ligação com o essencial da sua existência, até o momento em que arrebatada uma guerra civil imaginária, que muda o ritmo do livro, nele introduzindo a violência e o sangue.

Le Monde, no seu número de 28 de junho de 1973, divulga excertos ilustrativos desses dois monumentos. O romance, apesar do pessimismo, termina com uma visão de esperança. Curioso é que, de modo particular, a conclusão, decorre do sabor da lógica onírica, inicialmente censurada em suas peças, o que, de certa forma, vem confirmar o papel de preparação que lhes atribui.

A linguagem, enuta como a de Cloran, outro romeno de língua francesa, não chega a ser incisiva, como no estilo afiado do grande ensaísta. Tento responder ao desafio da tradição, penetrante manufatura de ler.

Aos trinta e cinco anos, é tempo de se retirar da corrida. Se corrida existe. Estou farto do meu emprego. Era já tarde, não estava longe dos quarenta anos. Morreria de tédio e de tristeza, se não tivesse recebido essa herança inesperada. É muito raro, mas ainda há tios da América, salvo se o meu fosse o derradeiro. Em todo caso, nenhum dos colegas tem pai, primo ou tio americano. Estão com inveja: imagine você não ter mais precisão de trabalhar! Minhas despedidas foram breves. Ofereci uma reunião no Café da esquina. Nem convencei Julietta. Ela ainda envergonhada. Depois de três termos abandonado um ao outro, estamos abandonados. O chefe estava ainda mais envergonhado que a amiguita: "Eu esperava por isso", disse-me ele. Curioso, pois eu mesmo não esperava. Devo anunciar a minha partida com 3 meses de antecedência. Era a regra, explicaram-me. "Vou ter muita dificuldade em encontrar alguém como o senhor", quantas vezes ele me tinha repreendido por trabalhar mal, ameaçando todos os dias substituir-me, o que me fazia tremer. Onde encontrar emprego idêntico a esse a que eu já estava ou bem ou mal habituado? Depois de cada ameaça, o medo dava-me um impulso de atividade que durava dois ou três dias. Depois, tudo relaxava. Ao cabo de duas semanas, novas ameaças. Trabalhava então com assiduidade seis ou sete dias por mês. Pouco mais ou menos. Estava farto. Não concedi ao patrão nem um dia de mais; era a desfeita. Com prazer, paguei-lhe a indenização de um mês. Acabou recusando a quantia, por ser bonito. Não sou mais. Permiti-lhe essa situação.

Quando entregava as mãos para faz-las brilhar, ela me repreendia, dizendo que eu vivia indeco-



romamente. Verifiquei que eu bebia demais, e que prejudicava a saúde. Não fica bem para um homem na força da idade. Será que eu tinha de me entregar ao trabalho novamente? Recebera uma herança? É claro. Não era uma razão para não fazer nada, pelo menos casar. Tinha a intenção de viver inteiramente só, como um impotente? Era preciso fundar uma família. Devia ser pai de filhos. O homem é feito para isso. Eles são tão bonitinhos quando são pequenos... E depois, quando crescem e você fica velho não o deixam na miséria; ajudam. Morrer inteiramente só abandonado de todos, é ainda mais triste do que viver inteiramente só.

Efetivamente, tudo vai bem. Sim, sim, respondi eu à sua pergunta. Tenho ainda algumas sessões a impressão de estar separado do resto, a impressão de estar em uma espécie de gaiola de vidro. Evidentemente, isso é bastante enfadonho. Justamente, contra o estado é que devo lutar, além do mais quando não me sentia já em uma gaiola de vidro e dava moralmente a mão aos outros. Os muros de vidro recuavam e era todo o universo que parecia cercado de muros invisíveis. Através dos quais, contudo, nada se via. O céu era uma abóbada e por trás das casas, por trás da cidade, por trás dos campos, havia o horizonte, a porta fechada do horizonte. Era isso normal? O tempo era, simultaneamente, muito curto e muito longo, ao que me parecia; os segundos eram intermináveis; cada segundo uma comichão, e os anos, breves. Isso-se tudo. Bem sei, não é novo: todo mundo lamenta o tempo que passa. Mas essa contradição era para mim insuportável. Carregava todo o peso do momento que me acurruava ao ponto de me fazer possibilidade de aproveitar, sequer de fruir esse momento. Os outros também têm essa triste a exprimir o tédio, o esmorecimento. Você acredita que não faço mais que projetar-me, que emprego aos outros meu terrível tédio, a minha depressão? Acredita que os outros estão alegres, estão descontentes ou que têm pequenos ou graves aborrecimentos que todavia não se acurruam? Você pensa que os outros vivem? Não é normal. Andaria bem se trabalhasse. Mas fazer o quê? Certamente não posso voltar para o Escritório e fazer minhas oito horas por dia. Prefiro abortecer-me um bocadinho. Aliás, nem sempre me aborreço, não me aborreço o dia inteiro. Há o despertar. Claro que é

penoso. Um dia diante de mim, uma imensa praia deserta da qual não se vê o fim. Mas levanto-me; bebo o café que eu mesmo faço. Joana lavará a xícara, o pires, a chaleira. E quando eu bebo o café, é de qualquer forma um bom momento. Como vê, tenho bons momentos. Os bons passam logo. Será preciso encontrar o meio de aprofundá-los e estendê-los. Há sobressaltos de júbilo e de alegria. Depois, recuem também logo. Mas se há esse sobressalto, se há esses jorros, é que há uma nascente inesgotável uma fonte, talvez ainda um lago inteiramente novo, cercado de moedas e brancas, as encostas douradas pelo sol e a luz de um paraíso interior. Deve existir isso em alguma morte. Digo-o comigo, acredito um pouco, acredito menos, não acredito absolutamente. Quanto mais me aprofundo, não encontro senão a lama. Um atoleiro sujo. Contradigo-me, sim, eu me contradigo.

Não é verdade, nem tudo foi cinzento. Todavia as lembranças luminosas são bem raras — uma ou duas, e o resto o chão sujo, o chão úmido, a noite. A imagem de minha mãe também me atormentava. Miuda, cabelos grisalhos, roupa cinzenta, cara cinzenta e a sua simbiose de que "eu chegasse". Chegava afinal a alguma parte? E depois o Escritório, as folhas de presença, as discussões políticas com o colega, as brigas também. Reconciliava-se à ansiedade, na hora cinzenta do aperitivo. Tantas passagens sombrias, negras, porque eu bebia demais e o álcool apaga as imagens. Aqui e ali, uma vaga claridade, uma semelhança nas cortinas das trevas. Tinha havido também revoluções, guerras civis, a bofetada que me deram. Passaram-se coisas em derredor de mim. Sem mim. E contudo me interessava. Tinha havido escáveres. Tinha havido archas revolucionárias, homens encolerizados. Um jovem morto no passeio, cercado pelos vizinhos da rua que mudou tanto... Esses velhos, esses apertados, tão magros, tão miúdos... Existiu tudo isso? E como se nada disso jamais existisse.

Um belo dia fui despertado pelo gorjeio dos pássaros. Tudo florido, tudo branco, elevava-se uma árvore até à minha janela aberta. Um dos seus ramos estava-me ao decore de mim. Sem mim. E verdes voltavam, tornavam depois para a árvore, uma árvore desconhecida. É verdade que, cidadão inveterado, eu ignorava a natureza. Montes de

estereo do pátio, transformado em grama. A árvore tinha crescido. Era um tronco liso cujas cortas de ramos e de flores ia-se tornando, abrindo-se na altura do meu andar. Aparei três flores immaculadas do ramo que estava ao alcance da minha mão. "Venha ver", gritei, "venha ver". Só o eco me respondeu. A saladora bateu a porta suavemente. Abri. Notei que ela envelhecera. "Que bela árvore no pátio", disse eu. "Cresceu em uma noite. Venha ver, se não acredita. Ouvirá os pássaros". "Não estou ouvindo coisa alguma", disse ela. Dirigi-se para a janela, a contragosto. "Não há nenhuma árvore; que dia é isso?" Olhei pela janela, por minha vez e verifiquei que a árvore não mais estava lá. "Há no entanto essas flores que eu arranquei do ramo! Lá: está vendo? Coloque-as na mesa".

Examinei-as: "Sim, efetivamente são flores, nunca vi parecidas. Onde vêm?" "Da árvore, da árvore de que acabo de lhe falar!" Olhou de novo as três flores. Acomodou-as em um copo d'água, e depois as foi, de cabeça alta, sem consentir.

Sentime derrotado. O tempo poderia ter passado essa árvore? Lá estava ainda há pouco, como previam as três flores. Fouz, senti-lhes o perfume. A saladora também as viu. Eu estava em estado mas também convencido. Pus-me de novo à janela. Houve uma como vibração nas paredes e no teto, vibrações luminosas na luz resplandecente. As paredes e o teto pareciam deslocar-se, os seus cantos tornavam-se moles. Perdi-me a esperança. Ficavam, e recuavam mais que simples cortinas, eram mais que simples transparentes, penum brancas, sombras evanescentes. Via-a inclinar-se levemente, para a esquerda, para a direita, tremulava como imagem na água que corria. Via-a rasgar-se e afastar-se lentamente. Perdi-me na distância luminosa; fumo transparente, desapareci. Diante de meus olhos estendia-se o deserto, imenso sob o luminoso, no sol ardente, até ao horizonte. Nada mais havia senão areia cintilante na luz. Meu quarto parecia estar suspenso, silencioso um ponto na imensidão.

Isso foi precedido por um longo momento de silêncio. Estendido em meu leito eu olhava para o armário, com duas portas, encostado à parede, no fundo. As portas abriram-se. Pareciam ser duas grandes portas. Já não via os ternos, nem a roupa branca. Somente a parede nu. Desapareceu a parede, por sua vez. As duas portas afastadas, transformaram-se em duas colunas douradas, sustentando um frontão, muito alto. No lugar da parede constituíram-se imagens, lentamente. Tudo se tornava intensamente luminoso. Uma árvore, concada de flores e flores. Depois outra. Outra. Várias. Uma grande alameda. Ao fundo uma luz mais forte do que a luz do dia. Tudo isso aproximou-se, invadiu tudo. Como poderia caber no meu quarto? É muito maior que meu quarto. Não senti o vento que fazia fremir os ramos, as flores azuis e brancas. Sim, como brisa leve. Foi um pra do. Como era bela, a brisa. Para quem, esse prado, esse jardim, essa luz? As árvores, bem alinhadas, ce- tendiam-se até muito longe. No meio, surgiu uma árvore no primeiro plano. Uma árvore ou um tufo de folhagem? A sua direita, à minha esquerda, uma escada de prata, sus- pensa a um metro do solo, perdia-se no céu azul. Contemplei, lentamente, sem osar levantar-me nem aproximá-me, de medo que tudo desaparecesse. Eu podia tocar nessas folhas, eu podia tocar nessa escada. A luz era forte mas não me fazia mal aos olhos. Degraus brilhavam. O jardim aproximou-se de mim, cercou-me, eu fazia parte de- le, bem no meio. Passaram-se anos e segundos. A escada aproximou-se de mim. Mantive-me sobre a minha cabeça. Passaram-se anos e segundos. Tudo se afastou, pareceu fundir-se. A escada desapareceu, depois o tufo de prado, depois as árvores. Depois as colunas com o arco triunfal. Restou alguma coisa dessa luz que me havia penetrado.

PERFIL DE CASSIANO

JOSÉ GUILHERME MERQUIOR

Cassiano Ricardo é hoje um dos nossos maiores poetas. Através de quarenta e sete anos, sua obra mudou muito — comparativamente mais do que qualquer outro grande modernista — mas sempre alterou da maneira mais legítima, de acordo com as necessidades mais autênticas de expressão. Um poeta que vestiu com a maior humildade todas as roupas que a emoção da vida lhe exigiu; e escolhendo um novo estilo, quase se limitava a obedecer ao curso dos acontecimentos e dos ambientes sem querer fugir de isolado ou evadido. A sua estréia como parafuso foi superada pela participação histórica embora retardada no processo de modernismo e da nacionalização da literatura. Martin Cerret sintetizou essa atitude teórica de praxe pela terra e amor pelas suas origens. O poeta cantava a esperança-Brazil. Mas dava por superada a eliminação do alienado do culto ao estrangeiro e preferia se lançar de uma só vez na tentativa de penetrar a aventura nacional. Não admira que tenha irritado alguns dos outros rebeldes ainda na fase da demolição. Seus ritmos foram suspensos de vez por quando ao antigo. As imagens, as rimas como essas, de Luis Chiari:

*Bolão de leite
 que a Noite leva
 com mãos de treva
 pra não sei quem beber.*

E que, embora levado
 muito devagarinho,
 vai derramando pingos brancos
 pelo caminho...
 Cheiravam a heresia... E no entanto, para descobrir o Brasil, a sábia algumas vezes deveria ceder à reconquista do estado lírico. Que essa retomada não desentendiou a técnica da poesia nova, é evidente; as suspensas eram bem intencionadas, e a prova é a velocidade os adjectivos sintácticos, o "mood" eletrizante de Belimpago —

*A onça-pintada saltou tronco acima que
 nem um relâmpago dá rabe comprido e ca-
 beça amarela*

ada!
 Mas uma flecha ainda mais rápida que o relâmpago já rola até mesmo aquela mataíra garão elétrico e bigodudo que ficou estendido no chão feito um friso de céu que tivesse caído de uma doreal. Mais tarde veio o momento em que Martins, sem deixar de ser brasileiro, troca a paisagem externa pela moral: Um Dia Depois do Outro (1947) reúne os poemas de contemplação interior aos da percepção do mundo moderno. Os erlitoses audazem essa mudança como uma restria; e de fato, essa é evolução mais audacia que o modernismo conheceria. Cassiano se humanizou; ou melhor aprofundou-se no humano, escavando no "tribulário" as camadas sensíveis de conduta universal. Do pitoresco ao psicológico; mas psicologia de homem-entre-outras de-núncia da dor contemporânea de quem se sente inocente pela própria extensão dos crimes alheios (Elegia) — ao mesmo tempo que sabe ser índio e espantoso passivo, e propõe uma outra forma de ser "não-abdicar diante da vida". Um poeta presente, querendo viver sem evasão, que aceita a luta e considera a eternidade uma forma de não-existência: não-existência, porque a força do atual, aqui a agora, aqui a eternidade como abstrato sem peso e sem resultado. Cantor solidário, de convívios, cheio de terror diante do suicídio; por a sente, no gesto do suicida um assassinio coletivo, uma resposta social — a negação violenta da existência em comum, da sociedade e da natureza:

*Ah, de conserva ainda
 na mão a arma com que apagou o sol e as
 estréias.*

Cassiano se compromete, se divide, se prende de aos homens e ao tempo e ao lugar de todos. Embora guarde as origens do lirismo individual, como quando a mãe morta envia esses versos infinitamente comovidos:

*Só me resta agora
 esta graça trida
 de te rapa esperado
 adormecer primitivo.*

*Son um ramo seco
 onde duas palavras
 gozjavam. Não nada.*

E sei que já não ouves
 estas três palavras
 Um universo espelho
 dá em mim com rotas
 de tristeza e elegria.
 Mas já tuas são a face
 da noite e a do dia,
 ou busca dentro de si próprio as dolorosas verdades da condição humana: a angustiante compreensão de hereditário —

*Não fui quem sou, quando nasci,
 Nem sou quem sou, quando amo,
 Nem quando sojro.
 Porque coexistio. Porque a angústia
 é uma herança.*

■ na descoberta ferida da sua individualidade

irredutível:
*Este rosto que é meu, mas não por causa
 dos retratos ou dos espelhos,
 Este rosto que é meu, porque é há
 que o destino me dá como uma bofetada,
 Porque não estou eu, originalmente,
 Porque tudo o que faço se parece comigo,
 Porque é com ele que entro no espetáculo
 Porque os planetas jogam de mim, se o descobro
 ou não possoar em mim quando eu o
 escondo.*

Com A Paço Perdida (1950) essa nova órbita de expressão adquire maior apuro técnico. O estilo amadurece com o autor. A imagem é cada vez mais forte ("O beijo com que a tarde/ me -manueia a boca"), o ritmo mais seguro. O erotismo de Geografia Amoraosa é tão cerrado quanto poderoso. O poeta do distorção ("Só -apo as coisas / que não têm forma") é, paradoxalmente o dono de formas progressivamente entéricas. Mas continua a sentir-com-os-outros, mesmo inteli:

*Já me desceu ao corpo
 uma tristeza exata*

porque reconhece, na vida, um fazer-se, uma criação (Desejo), e, da sua pessoa, sabe que vive em luta, em pena e inquietação:

*Eu sou eu mesmo, o que nunca foi outro,
 Eu mesmo — o eternamente condenado
 a obedecer à fúria do estômago.
 Não obstante ao póo prejerir a rosa.
 A existir meu sinal, qual fez Ulisses,
 ao retornar aos seus, e id ignorado.
 A ter na vida um número de porta,
 por onde entrou, e há de sair meu corpo.*

*Eu sou eu mesmo o vira sempre torçado
 a seguir para a frente de batalha
 a voltar caminhando, em carne e osso,*

*Sobre minhas feridas. E — id morto, —
 a provar, quanto mais desfigurado,
 que nunca fui tão eu, tão nenhum outro,*

até no último instante recusando evadir-se. Os seguintes Poemas Murais ainda seguntam o tom coletivo, com a visão precisa do valor da máquina e a afirmação de que a luta se faz aqui "abaixo": "oito a glória não está nas alturas / Está no chão está na luta -erriva / da planície da rua" — enquanto o poeta, cada vez mais fructuoso, se mostra honesto até a extrema simplicidade

*Os meus maiores inimigos
 seriam a combinação o ornato,
 o colorido duro, o parnasianismo
 e a gravata.*

O Arranha-céu de Vidro, de 1954 é uma firme preparação do último Cassiano: ritmo bem lançado, cada vez mais para o curto; imagens límpidas e quase inteiramente funcionais. A Ode Sábica já pode ser um grande exercício no modelo grego; pois a potência de Orfeu permitiu muito ao poeta livre do mundo, da natureza e sobretudo de qualquer lei mecânica e prevista. Ao mesmo tempo se apura a vigilância do presente, a consciência prática do instante agora. O poeta se decide sem hesitação pelas atitudes de assumir o universo. Nunca se colocara tão longe das gratuitas fantasias —

*Não quero mais saber do surrealismo,
 nem o branco nuzem,
 quero a minha cabeça.*

como agora, quando nada mais consegue iludi-lo, na sua sólida convicção de que só a mais estrita responsabilidade pelo atual é realmente palpável; de que é vão tentar fugir desta existência, querer a fuga impossível:

*Não espero outra vida, depois desta.
 É esta é má
 por que não bastard aos deuses, já
 a pena que sojri?
 Se é boa a vida, deixard de ser,
 repetida.*

O modo de dizer essas coisas da vida e de dura moral, nesse estilo também vivo, pelo privilégio de Cassiano, e só lembra Fernando Pessoa. É a conclusão natural, nascida de um pensamento fechado, definitivo, inabalavelmente gravado. Reconhecimento mais pleno da vida eu não conheço; nem sei de simplicidade mais grávida do que esta:

*A paisagem é minha
 porque tenho olhos.
 O pássaro e meu
 só porque tenho ovidos.
 Amo com a mão as coisas
 que o estar aqui me dá.*

canção que nos surda, palavra de vó direto, grito, no entanto sereno e calmado pelo acharem de que se verte: essa beleza severa do último estilo dos grandes poetas.
 De mais "último", no entanto, são os dois

volumes de 1960, Montanha Russa e A Dificil Manhã. Do Cassiano, por excelência, filósofo concreto: impondo pensamento ao cotidiano ao trivial e singular. Poeta pensador; mas sem abstrações, que não especula fora dos objetos e surprende o conceito ao longo do diário, de amável e comum. Sem usar portanto as abordagens tradicionais do poema filosófico a que prefera a rapidez de um flash de um instante da idéia e ampliar; conversa com o mundo. Captação de uma intimidade onde o lirismo é o primeiro a surgir do que menos se espera, na instagem mais viva:

*o relógio
 solta-se como um pássaro
 em meu bôto
 e onde o ritmo se faz dócil ao pensamento; vejama
 a propósito, como o balanço do metro sugere a
 instabilidade da existência —
 id a ser inquiete, não
 está em nenhum lugar
 porque a inatividade já
 é uma forma de não
 entrar nunca estar.*

O verso nasce como a primeira idéia. Talvez por ser tão vário, chegue a casa grande dose de funcionalidade; pois vai das fronteiras do concretismo ao sonho passando por uma espécie de contrarresto irresistivelmente expressivo de metros confrontados num tipo de fino equilíbrio. O ritmo (e o timbre) de um poeta -douro para enfrentar as quatorze linhas da maneira mais pessoal —

*Não amo o espaço que o meu corpo ocupa
 nem Jardim Público, nem estrão de bonda.
 Mas o espaço que mora em mim, his interior
 Um espaço que é meu como uma flor
 Que me nasceu no dentro entre paredes,
 Nutrido à custa de secretas sídica.
 Que é a forma? Não o símbolo adorno,
 Não o corpo habitando o espaço, mas
 dentro do meu perfil do meu contorno.
 Que haja em mim um chão visto em outra
 nasso*

(mesmo nas horas mais óbvias) para que eu possa amar a fúria da criação. Morte: retorno ao iniciado. Espaço: liberdade de forma em campo verde. A para fazer do sonho uma voz profunda clara e dominante. Essas doze linhas de Cassiano abrem toda uma técnica. Há néces uma clima de culminância de arte contida -no-emo-meena e que por isso reinventa a cada verso um lirismo. Um "lirismo" verbal de poeta chegado se mais alta lirismo tornando "lirismo" com o arquivamento de formas — como em Verso — que são personificações-simbolo. As drmitis pessoas de Montanha Russa têm essa estrutura; e entre elas, pelas menos uma o sonho Jim Hill é capaz de fazer carreira com o Jura -M-lado da nova poesia grave. Um lirismo verbal -expressivo- empreendendo que do próprio assunto lirismo em gova de extrair seus símbolos: o ele Marafuto. Arte da palavra -deliciosa expressão do que há de ídico na língua:

*Natacaito tem o hábito
 das palavras em grilo.
 Natacaito orla muito
 tudo quanto me dá.*

Os temas só podem se beneficiar de um tratamento assim. E de fato a paisagem escultórica de Festa no Morro com sua forte -no-emo-: a exemplo, tema clássico em Cassiano, imagem da imperativa existência de viver melhor, o espelho que não poupa nada e indica a necessidade de autocorreção; a consciência do outro, também -no-emo- na obra do autor, agora dramatizada até as últimas consequências (estar no mundo é viver em arundo) —

*Não me tardas sem que, no mesmo ato,
 te suicides num só relógio exato.*

e, sobretudo, a velhice a aflição de se sentir velho, são motivos poéticos massivamente desenvolvidos pelo Cassiano de 1960. O último é realmente superior, pela emoção, pela absoluta nudez dessa grande dor da idade, às vezes sublimada e contemplativa:

*Meu coração é hoje um pássaro
 possado na árvore que eu fui.*

outras vezes quase violenta, ressentimento contra a vida muito áspere, cansaço de viver em guerra; um lirismo que poderia ser uma fala do Rei Lear:

*Arraquem os meus olhos
 já sujos de prazar.*

Vamos deixar por aqui — simplesmente interrompido — esse perfil de Cassiano Ricardo. Perfil que é uma parábola; a grande curva de uma porta que -mais foi surdo ao ardo do mundo e do século. Que praticas hoje em dia exprimir e mestre uma poesia objetiva não por excluir a emocionalidade intervenção do indivíduo — mas objetiva -da-vela objetividade essencial que consiste em dirigir o sentimento para o coração de todos, a emoção para o nervo social e daí retirar uma soma de pensamento simultaneamente lógico e dramático, concreto e paradoxo. Cassiano falando entre os poetas do modernismo é -no-emo- o mais vasto tradutor de uma poesia de endereço coletivo.

CASSIANO EM PROSA

SERENATA
SINTÉTICA
Lua
nocturna
Rua
fria
Tua
porta

RICARDO EM VERSO

SEGUNDA LADAINHA

Por que o raciocínio,
os músculos, os ossos?
A automação, o cérebro dourado,
O cérebro eletrônico, o músculo
mecânico
mais fáceis que um sorriso.

Por que o coração?
O de metal não tornará o homem
mais cordial,
dando-lhe um ritmo extra-corporal?

Por que levantar o braço
para colher o fruto?
A máquina o fará por nós.

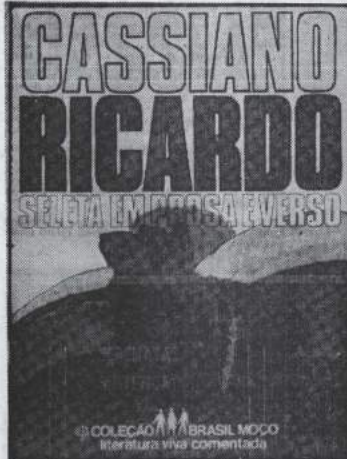
Por que labutar no campo, na cidade?
A máquina o fará por nós.

Por que pensar, imaginar?
A máquina o fará por nós.

Por que fazer um poema?
A máquina o fará por nós.

Por que subir a escada de Jacó?
A máquina o fará por nós.

Ó máquina, oral por nós.



COLEÇÃO LIT. BRASIL MOD. Literatura viva comentada

Cassiano Ricardo acompanhou pessoalmente a edição da sua "Serenata Sintética", editada pelo José Olympio, com direção de Paulo Rónai. O próprio poeta escreveu uma notíssima nota introdutória explicando os objetivos do volume. Os textos são comentados pela ensaísta Nelly Novaes Coelho. Trata-se da melhor antologia para os não iniciados na poesia do autor de "Martim Cerere", graças ao sentido didático emprestado ao volume. Para os estudiosos de literatura, as notas de Nelly Novaes Coelho representam fundamentalmente e de grande lucidez crítica.

ANDORINHA NOS FIOS DO TELÉGRAFO

Andorinha incauta
no sol da paula,
ouço o teu chiro
de ave e bairo.

Os 4 reis
do barão humano
correm fogo para o ar
e ouço teu chiro
de ave e bairo.

Andorinha incauta
pousada na notícia
de que o bonno em
Vietnã
sem chorar
se fés queimar vivo.
E ouço o teu chiro
de ave e bairo.

Andorinha incauta
antes de um segundo
estrá obsoleta.
Se porque com minha
vareta
de cristá de rubi
enviarei à Lua
antes de um segundo
uma mensagem
do meu telégrafo
agui.

Como pode restar
em teu chiro
de ave e bairo
tanta vida temo
tamanha inocência?

"MEUS HERÓIS"

OUTROS COSTARÃO MAIS DE 10 mil realidades no dia 1.º de fevereiro. De mim sei, uma página de notícias e de 100 milhões de meus heróis mais modestos ignorantes.

Mas não é só isso que me faz sentir a presença deles. É porque eu sei que os meus heróis existem. Não são apenas nomes escritos em livros. São pessoas que vivem e se movem. São pessoas que vivem e se movem. São pessoas que vivem e se movem.

Mas heróis são aqueles que lutam por uma causa. São aqueles que lutam por uma causa. São aqueles que lutam por uma causa.

Além do herói, não há outro que não seja herói. É porque eu sei que os meus heróis existem. Não são apenas nomes escritos em livros. São pessoas que vivem e se movem. São pessoas que vivem e se movem. São pessoas que vivem e se movem.

Essas palavras, essas palavras são as palavras que me fazem sentir a presença deles. É porque eu sei que os meus heróis existem. Não são apenas nomes escritos em livros. São pessoas que vivem e se movem. São pessoas que vivem e se movem. São pessoas que vivem e se movem.

Aperfeiçoamento simbólico. Cite-se. Mas pra quê é o meu herói que não tem nome? É porque eu sei que os meus heróis existem. Não são apenas nomes escritos em livros. São pessoas que vivem e se movem. São pessoas que vivem e se movem. São pessoas que vivem e se movem.

Depois não os procurava do norte. O meu herói é aquele que luta por uma causa. É aquele que luta por uma causa. É aquele que luta por uma causa.

Mas o meu herói é aquele que luta por uma causa. É aquele que luta por uma causa. É aquele que luta por uma causa.

Mas o meu herói é aquele que luta por uma causa. É aquele que luta por uma causa. É aquele que luta por uma causa.

entra com desesperação soberana de vida? — OoO —

Curitiba, dezembro de dezesseis, fundadora de cidade legítima, de louros, meus valentes se para se tempo e de esperteza de para servitude no chlo com a barreira das fofas!

Mais caridos, espanhóis e magros, que choraram primeiro a. Brasil que "uma causa", — ponto de convergência para local a, rapta que veio provar a propriedade de tudo isto.

Porque a humanidade, esticada, muitos milhares brasileiros...

Alô Brasil que se encontram na parte de trás, que os olhos são grandes para, com o convulsivo do map de América. De nada isso servirá com grande heróis, há se são multiplicados que como digno de.

"O respira levou os seu, estreme em march, talvez grande e muito indústria servira de mundo. A parte do sertão de é quem recorre e um grupo que cresce. O estreme não eram pelo, vive do paralisado de que o cubo puzira invirta, à frente de, solidário, verde, o seria sem essencial.

À ajuda precisa compreender que o que o Brasil possui de mais seu e de mais em aculturas está guardado por nós, há de ocorrer, ou, se o caso não, no processo como daveria promover. E, e nos pontos de não dar de Eudides "o crime suas e se separam completamente, de vagueza da nacionalidade".

— OoO —

O Brasil se vai a futuro.

Os legisladores se reuniram na sala de que se passava no interior de sua primeira casa. Dona Tereza de dona, dando, que arde para penetrar o sério assim provedo e cada legislador diante do homem "intelectual" e sobre com referência de suas populações e de seus formáveis processos. E se não, talvez para, entretidos na ação de, questões nacionais.

É verdade que isso, ocorreu, na ocasião, talvez repulsa. "A honra de conquista da capital para e puzido de César hoje para glória nota uma resolução como se o subconsciente brasileiro tivesse que, não, de abrir, que naquela época não passava do papel.

Mas não há de se representar, do

para que apertem para a verdade interior do para. Pois a política de estado, espumas em seus nomes, não deformam, a vida, pois a vida e pelo governo. As populações, portanto — se dita as populações, multidões, em oposição, as multidões — são fúrias nos diversos pontos, como elemento, para fôr de reforma. O primeiro Rui, 14 o não de nos de 24 de fevereiro, isto, dita do atual, mas, de, se, tendemos hábito de nos re que claudicam de "opção entre de tudo após mais, só se há em sua opinião, que, dita, que responde pelo nome da campanha crítica.

Porém foi Eudides, o maior denunciador desse conflito entre o "interior" e o exterior. O estado do homem brasileiro, hoje no vazio de o restar, a política pública e destruidora se, não a população brasileira e o que diz, sign fôra na formação, da nacionalidade.

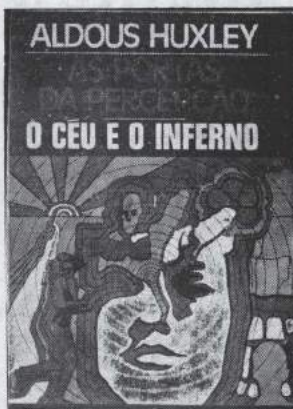
Quando a tarefa de clamar a atenção das massas nacionais, e acionou o patriotismo, para um sistema humano que não tinha sido aprovado, uma comissão, nasceu. Isso não é outra maneira de clamar, estando o Brasil de Clamores como o crime contra de uma civilização, apesar como é a situação, em relação a "uma sociedade incompreendida e ovoida".

O País e Pedro C-bra, e Major Almeida, o Chico Bua, e o autor, João Abade "entre do povo" e Antônio Berto o seu, irmão Boca Tortal foram heróis a seu modo em série de "gestões heróicas" que deixava uma profunda impressão e seu modo — e que prova, e o mesmo — "e que prova, e o mesmo — e que prova, e o mesmo —".

Num era só Eudides, quem tinha razão. Há uma razão, e não mais nenhuma razão de seu caráter, seu e heróis apólo, de Clamores — seu mesmo — é: "Eis verdade se, tipo quanto as nações brianem com a, nações, e Brasil com e Brasil...".

À situação, hoje é muito outra. Brasil se encontra que se faz com de norte e sul e de um e de outro, com que e Brasil são mais heróis com Brasil. (EM O HONOR CORRAL)

ORELHA DE LIVRO



Não é de hoje que o famoso autor de tantos livros fascinantes como *Contra-ponto*, *Admirável Mundo Novo*, *sem olhos em Gaza*, se dedica a especulações de ordem filosófica e religiosa sobre o problema — ou os problemas — do mundo extraterrestre. São conhecidas de muitos suas pesquisas sobre os místicos, os exaltados, as religiões da Índia, as figuras exponenciais ou controversas da Igreja Católica (*In Eminentissima Perda* e *The Devils Of Loudun*).

Nestes dois livros, que publicamos num só volume, o grande escritor nos oferece um novo aspecto — e muito mais dramático — dessas preocupações que de há muito lhe vêm caracterizando a obra: o da experiência a que se entregou, tal qual cósmica humana, em busca da percepção material desse mundo extraterrestre.

Submetendo-se aos efeitos da mesalina, droga que se obtém de um cactus (*Ahalonium Leucum*) muito comum no México e na América Central, onde é conhecido pelo nome indígena de *Pepeot*, o Autor se viu transportado ao limiar dos dois mundos o real e o irreal, sem que perdesse a consciência. Muito pelo contrário, Aldous Huxley nos afirma que sua capacidade visual e sensorial foi grandemente aumentada, de forma a permitir-lhe uma "visão sacramental da realidade".

"Eu estava podendo ver" continua Huxley — "o que se descontinua perante Adão, no dia em que foi criado", além de descrever em termos vivos e lúcidos o que foi e como foi sua experiência com a mesalina, o autor analisa os aspectos morais e espirituais, da mesma, inferindo daí uma série de conceitos sobre a natureza do conhecimento que o homem tem do mundo e de si próprio.

Fascinado e deslumbrado pelas inmensas possibilidades de análise e de reflexão que se abrem à sua frente, já que, para usar uma frase de William Blake, *"his doors of perception were cleansed"*, Aldous Huxley continuou o relato de sua descoberta de novos e admiráveis mundos em um outro livro, *O Céu e o Inferno*, que reunimos neste volume no primeiro que publicamos.

Defendendo a tese de que *Percepção e Revelação* (em seu sentido místico) podem ser um só fenômeno, e constatando que as capacidades visionárias podem ser obtidas hoje em dia por meio de drogas (como a mesalina), do hipnotismo e da lâmpada estroboscópica, Huxley visita — e nos convida a acompanhar-lhe a viagem — as Antípodas do mundo a que chamamos de *consciente*, revelando-nos o que têm de elevada significação, de intrínseca pureza. *Este Mundo Novo* dependendo da forma pela qual nos aproximarmos dele, pode ter as características do Céu, se chegarmos de peito aberto, puro e simples, ou do Inferno, se nos deixarmos dominar pelas nossas emoções negativas — temor, ódio, falsidade ou malícia.

Não tínhamos dúvida de que estes livros de Aldous Huxley estariam fadados a suscitar polémicas, algumas das quais até amargas e violentas. Mas é precisamente por isso que o público exigiu novas tiragens da obra: os debates evidenciam a importância do trabalho e despertam a curiosidade em léxico dele.

Pode-se aceitar ou rejeitar as conclusões do Autor, mas é preciso que qualquer das atitudes seja fruto de inteligência. Sem isso, jamais se abrirão as portas da percepção...

CORPO VIVO

Foram amargos aqueles tempos servidos os problemas que gravaram a memória: os sonhos que lhes deram tomados e infelizes como as atmas que empunhavam.

O desejo de vingança de reparar a qualquer preço a injustiça e a covardia sofridas, levou um grupo de seres humanos a se comportar como fera, a que o ponto de sangue a um tempo veio a vida.

O mito e o punhal se transformam em questionário dramático, a novela se converte numa nova arte sequenciada, e assassinato a fim num esporte cujos recordes ainda são formos batidos.

ADONIAS FILHO é um escritor à altura da intensidade dramática que vive seu livro com transe. A técnica primorosa do romancista, sem deturbações verbais ou sentimentais, está presente e abunda nos detalhes. Quando nos retrata uma personagem, dá-lhe vida realística. De tal sorte que, uma vez criada, passa a independenter do autor, como que seguindo por si mesma a trilha que escolheu. Quando nos descobre um ambiente, seja o misterioso da selva quase impenetrável, seja o interior de um barco e sobreviver a qualquer custo a uma pequena vila do sertão caçador, como que nos transporta para lá, nos transportando nele. Em tudo, e por tudo, os contos cinematográficos, de diálogo vivo e direto, e sem vigoria e rancidez nos estruturam e nos prendem da primeira à última página.

Não se pode concluir que o grande escritor se limita à superfície das personagens e dos fatos que elas vivem. Uma e outras são, trabalhos e fundo são a segurança de condições sociais e o drama adquire o caráter de imortalidade, as características — em suma — de autêntica obra-prima.

É e provavelmente isto — uma obra-prima da literatura brasileira contemporânea — que ADONIAS FILHO consegue realizar em **CORPO VIVO**.



FALA, AMENDOEIRA

Residindo há mais de 30 anos no Posto 6, Copacabana, em ruas arborizadas com amendoeiras, não foi difícil ao poeta-cronista Carlos Drummond de Andrade entender-se com uma dessas árvores, bem em frente de sua casa. Fluxos conversas, e pediu-lhe que respondesse. E a amendoeira falou.

Este livro, publicado pela primeira vez em 1957, surge agora em 5ª edição, e seu vigor não esmaeceu durante o tempo transcorrido. A amendoeira de Drummond continua em forma observando o que se passa no Rio de Janeiro e um pouco por aí fora, e comentando-o com amenidade e sedutora veios. Ser tranquilo, filosófico, esse arvore parlante não cede à paixão, ao cálculo, à má-fé. Tudo que consta destas páginas é limpo, vem de uma sensibilidade madura, que encara os homens com benevolência, e de um humor que tem raízes nos ante-passados britânicos do autor, prolongadas na ambientação mineira.

Ficaram famosas, nesta seleção de crônicas, as duas em que se narra a permanência de Gréta Garbo em Belo Horizonte (segredo guardado durante 26 anos, e desfeito em poucos instantes). Mas há muita coisa a assinalar, além disto. Por exemplo: a conversa no ônibus, sobre comidas da Amazônia: aventuras de um morador que mandou varrer a testada de sua casa: fragmentos do comportamento infantil; estórias de bichos que acompanham o nosso cotidiano: perfis de Oswald de Andrade, Roquette-Pinto, o pintor Viçconti e outros. Tudo em linguagem ao mesmo tempo fácil e aprazida, que estabelece comunicação imediata com o leitor. De um episódio mínimo, Drummond costuma tirar a lição de viver em harmonia com a vida, sem renunciar à visão crítica: Sua crônica reúne poesia, sátira, ironia e acuidade psicológica. Em certas ocasiões, quase vira conto. E tem outras, misteriosas, interessantes que a leitores jovens quer, a leitores amadurecidos.



AS MENINAS

O que reinam as meninas — desconhecido fado por Lygia Fagundes Telles a três moças órfãs de uma família destituida e moderna — é um destino passionante religioso destinado antigamente a protegê-las contra os riscos da cidade notadamente contra o perigo dos homens. O que evoluiu em redor de Luvena de Ana Clara e de Lu não podem tão voluntária quanto elas próprias, porque o passaporte não é mais um santo inocente — depois, que se tornou como toda a sociedade humana dos nossos tempos as diferentes formas da fraternidade ou do amor: política, amor e drogas.

O que — na diversidade de acontecimentos, ações e contradições — uma estas três jovens brasileiras não é apenas a educação: as filhas do tempo e do tempo. A romancista se vê por fora e por dentro, no relacionamento com os companheiros. Com as irmãs e a família. Através do fato, da memória e da imaginação.

O tecido assim tecido de presenças humanas esperanças frustradas, objetos e sonhos, nos encanta, atormenta e submete porque o pungente universo de **AS MENINAS** é o das letras de Lygia Fagundes Telles.

És pois um livro perturbador de uma inocência que evidencia porque é pura. Que nos toca ainda mais fundo quando constatamos embora da própria contaminação talvez a esperança.

o Livro não sóo quanto inquietante — vivo e corajoso testemunho de um tempo com suas perplexidades não padecendo nas atmosferas constantes de tensão e suspense como se a sorte de propria condição humana estivesse em jogo e cada minuto, usando numa linguagem extremamente original e estruturada numa técnica que foge aos automatismos dos padrões consagrados — **AS MENINAS** representa, sem dúvida, a experiência mais alta de Lygia Fagundes Telles como romancista e vem situar-lhe o nome em definitivo, na primeira linha de novos autores modernos.





O MOTIVO INFANTIL NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA

HENRIQUETA LISSCA

O autor de "Migulim se assemelha, de certo modo, a Chesterton, o homem que faz questão de chegar até a velhice sem se aborrecer. E por isso cultivava com extremo carinho, voluntariamente e até mesmo grotescamente, o dom de prolongar a infância inventando personagens extravagantes como aquele Smith que promovia piqueniques no telhado, para escândalo da turma dos sorumbáticos. Como se vê, porém, o escritor inglês possui métodos diferentes, mais agressivos; busca o prolongamento da infância por determinação e convicção de que, para entrar no reino do céu, o homem precisa recuperar a simplicidade perdida. Ele age como cristão, inspira-se na ética dessa propagação. Rosa identifica-se quase inconscientemente com o mundo que o inspira e no qual mergulha por completo por ser este o seu próprio mundo e da iniciação e do perpétuo nascimento das coisas.

Diz-se que "o ato instintivo é uma espécie de concatenação regular que não é interrompida, e os movimentos sucedem os movimentos, evocados uns pelos outros". Pois bem: podemos afirmar que o estilo de Rosa é um ato instintivo. O que não impede — escusa repetir — sua capacidade seletiva. Em estudo sobre "Grande Sertão: Veredas" escrevi com a habitual dividiência Casca Monteiro: — "Primitivo e elaborado — estes dois conceitos não são de modo algum antitéticos. A sua fala é emanção de sua natureza em luta com um instrumento inadequado precisamente pelos seus elementos lógicos".

Em verdade, o que surge à tona de seus livros, é um borbulhar de formas buscadas em fontes auroras, coisas prematuras, antecipadas ao uso, à base da noção do eu físico do escritor, vale dizer, de sua consciência.

Como ser instintivo, ele é evidentemente, emotivo. Não caminha para marcha natural do espírito, não vai do sincretismo para a análise e desta para a síntese; vai e volta como sem rumo, à feição do rio a íngrem curvas e obliquas, levado por energia redonda, obscura porém eficaz e sempre a evoluir.

— "A emoção tende a perpetuar-se; quanto mais se foge, mais medo se tem". É o que dita uma corrente existencialista. Nesse caso se explica a emotividade crescente e secundária de Guimarães Rosa, a medida em que se acumulam as suas expressões. Escritor apaixonadamente levado pela palavra ao contexto, vive a aventura de uma linguagem paroxística, a deseno velar-se em redemoinho. Não é em vão que uma palavra — monada — e outra palavra — travessia — assinalam o começo e o deslize de seu grande romance.

Entretanto, é de notar-se: "o complexo psíquico adquirido sobre as percepções que se acham na consciência" a que se refere Dilthey, ao fazer a distinção entre a loucura e o gênio, aqui funciona com lucidez. O poeta encontra na palavra o princípio e o fim das revelações. Turbulências e abundâncias, suas palavras acusam uma riqueza psicológica digna de maior estudo. Dificilmente lograríamos separar, para análise, os valores do verbo e os de seu significado. A invenção de Rosa é o esquema total, dentro do seu poder de transferir e aproveitar sentimentos e experiências de ordem afetiva, de amarrar fatos

e sensações, de recordar eventos longínquos ou satamente colocados à distância.

— "Na própria precisão com que outras passagens lembradas se oferecem, de entre impressões confusas, talvez se agite a maligna estíptica da porção escura de nós mesmo, que tenta incompreensivelmente enganar-nos, ou, pelo menos retardar que perscrutemos qualquer verdade". Al está um desabafado pensante em meio à nebulosidade contida de "Nenhum, Nenhum", página em que se reproduz uma das mais fugidias reminiscências do Menino.

Gostaria mesmo o nosso escritor de recordar com maior nitidez tudo quanto enriqueceu sua infância, ou essa vez representa apenas um recurso de evasão e deslize para enredar a narrativa?

Também Chesterton se impressionava com os processos da memória. Eis o que diz ele na Autobiografia: "Em verdade, as coisas que recordamos são as que olvidamos. Isto é, quando nos visita a memória repentina e aguda, perfurando a proteção do olvido, parece, durante alguns instantes, exatamente com era. Se pensarmos nisso a médio, suas partes essenciais permanecem verdadeiras porém se transformam, cada vez mais, em nossa própria recordação da coisa, em lugar de transformar-se na coisa em si". Ainda mais: "Podemos fazer a prova do estado do espírito infantil, pensando não só no que ele continha mas também no que poderia haver contido".

Numa de suas crônicas, alude Mário de Andrade a preocupação idêntica: "As memórias são fragilíssimas, degradantes e alitélicas, pra que possam nos dar a realidade que passou tão complexa e intraduzível. Na verdade, o que a gente faz é povoar a memória de asombrações exageradas. Estes sonhos de acordado, poderosamente revestidos de palavras, se projetam da memória pra os sentidos, e dos sentidos para o exterior, mentindo cada vez mais".

Esta é a grande margem para a imaginação erradica. De alguns vagos elementos pode renascer algo mais porte do que aquilo que desapareceu; pode surgir a maravilha, palavra tão cara ao autor de *Corpo de Baile* que foi por ele transformada em "vilhansera", num alvitre pueril, de passagem.

O conto-poema "Nenhum, Nenhum", construído de forma revolucionária, tramado de névoa com uma ou outra luctação termina de modo convenientemente realista, em corte insólido, como se fosse o término da própria infância subitamente arrancada ao seu reino: "Nunca mais soube nada do Moço, nem quem era, vindo junto comigo. Reparei em meu pai, que tinha bigodes". Depois do que vem e choro de raiva, os gritos de revolta do Menino, porque os outros já não sabiam de nada... Tanto é verdade que cada ser humano é uma ilha. For talvez esta uma primeira experiência da solidão, do sentimento da solidão.

Tratamento diverso mereceu o romancelho "Campo geral", que ultimamente passou a ter o título de "M'gullim". Nessa biografia da infância, em sentido genérico, em que há uma boa dose de transferência, quer dizer, de evocações colhidas aqui e acolá para efeito de conjunto e

teatralidade da fábula, os traços autobiográficos são nitidos.

Se observarmos o comportamento de Migulim em diferentes encontros, seu piquismo, intuições e reações, experiências afetivas, reflexos mentais, problemas morais, deslumbramento diante da natureza, apreensão sensibilidade, fascinação pelas sete cores, desejo de compreender e ser compreendido, poder no sofrimento, facilidade de contempção, fantasias disputadas, chegamos à conclusão tranquila de que se trata de um menino poeta.

Com 8 anos, já gostava de inventar "estórias da cabeça dele mesmo"; sonhava "fazer as coisas — tudo com um viver limpo, de consolo". Era delicado: "a alma dele temia gritos; tinha 'nojo das pessoas grandes' que matavam tatu por jodição. Começava a sentir "uma saudade de não sei que que é" presença "a diferença toda das coisas da vida". Era tímido, "não tinha vontade de crescer". E logo ressentido: "ser menino, a gente não valia para querer mandar coisa nenhuma". Bastante orgulhoso, de acordo com a opinião palerita: "instinto que despreza os outros e se dá muitos penachos". Fez de nervos superintencionalmente marcava dita para morrer. Magoava-se com facilidade: "porque era que um bicho ou uma pessoa não pagavam sempre amor-com-amor de amizade de outro?". Com "gusto senso moral observava em momento de dura prova: "A coisa mais difícil que tinha era a gente poder saber fazer tudo certo para os outros não ralharem, não quererem esgügar".

Tal pensamento se torna obsessivo; passa a perguntar sucessivamente aos que o rodeiam, em primeiro lugar ao irmãozinho predileto: — "Diz, como é que a gente sabe certo como não deve de fazer alguma coisa, mesmo os outros não estando vendo?". A empregada: "Rosa, quando é que a gente sabe que uma coisa que vai não fazer é mal feito?". Ao empregado: "Vaqueiro Jô, malfeito como é que a gente se atibe?".

Nenhuma resposta o ajudaria no difícil transe de resolver se entregava ou não o bilhete cuja gravidade não podia aguilatar mais já viúlvubrava. Nenhuma resposta o ajudaria senão a da própria consciência de sensitivo, por isso mesmo precoce.

A emocionante obra-prima que é todo o romancelho atinge nesta passagem uma grandeza estranha, tanto mais delicada quanto mais densa. Mesmo dentro da noite, a de muitos medos, o menino sofre sem poder dizer a ninguém a causa de seu sofrimento por uma questão de honra. É a luta entre o dever e a amizade, o gosto de ser dócil e o desgosto de praticar o proibido, entre o bem e o mal, forças todavia ainda obscuras para o seu débil conhecimento da vida. Ensaia várias hipóteses de evasão e fuga de si mesmo. Na hora decisiva, chora. Mas cumpre o que era para ele uma imposição moral.

Neste dramático momento em que eventualmente o menino poderia sair vencido ou vitorioso, se faz patente uma linha de caráter dotado de escrúpulos. Ganha a partida. "M'gullim chorava um resto e ria, seguindo seu cambalhino... Andava aligeirado, desestregado, não carecia mais de pensar".

jornal de cultura.

suplemento do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês



Em memória de Sosígenes Costa

TARDE DE AGOSTO

Ao ver escoar-se o tempo, fico olhando
solidão de moringos na janela.
Na casa, os utensílios zinem, quando
entra o vento da tarde sob aquela

túnica de perfumes, espalhando
no chão de agosto folhas de aquarela;
já pelo espaço úmido o sol revela
afinidades com verão normando.

Aves adotam poses de cegonha
sobre muros pintados de cinzento.
A hora respira infância; o tempo sonha.

Ajustada à matéria dos domingos
a visão recompensa o pensamento
de retorno às janelas de moringos.

FLORISVALDO MATTOS

UM DIA NA VIDA DE SOLJENITSIN

ALEXANDRE SOLJENITSIN: - "Um dia Dostoiévski deixou escapar esta observação enigmática: A beleza salvará o mundo. Que quer dizer isso? Durante muito tempo pensei que não passava de palavras. Como seria possível? Pois, no decurso da nossa sangrenta História, quando a beleza salvou quem quer que seja de alguma coisa?

Enobrecido, exaltado, sim.

Mas quem foi salvo?

O JORNAL DE CULTURA, no momento em que o escritor russo, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, torna-se alvo das atenções internacionais, transcreve um trecho do seu discurso "O Grito", traduzido por Paulo Mendes Campos. Leia na página 2.

FUNDAÇÃO CULTURAL

O II Concurso de Poetas Inéfitos da Bahia, certamente promovido pelo JORNAL DE CULTURA, conta agora com o patrocínio da Fundação Cultural do Estado que oferecerá um prêmio de dois mil cruzeiros ao primeiro colocado. As inscrições continuam abertas, no Gabinete Português de Leitura, onde os interessados receberão todas as informações necessárias. Esta, aliás, é a primeira promoção sob os auspícios da recém-criada Fundação Cultural, que está elaborando seu programa de ação para o ano de 74. Dirigida pelo prof. Ramakrishna Bagavan, a Fundação terá diversos setores destinados a dinamizar os vários aspectos da cultura na Bahia: museus, bibliotecas, artes plásticas, folclore, teatro, música, dança, literatura etc. Deverá contar ainda com um setor editorial, destinado a elaborar um plano de publicações de caráter nacional. No próximo número, o

JORNAL DE CULTURA

terá uma entrevista com o diretor executivo, prof. Ramakrishna Bagavan, na qual será discutido todo o programa cultural a ser executado no ano em curso, bem como o leitor terá a oportunidade de saber o que é, afinal, esta tão anunciada Fundação Cultural do Estado.

— "Modificará, em alguma coisa, a situação precária da nossa política cultural?" — perguntam uns. — "Implicará num aumento das verbas destinadas à cultura?" — indagam outros.

Diante destas e de outras perguntas, o JC fará um amplo apanhado de opiniões e sugestões de escritores e intelectuais, bem como apresentará o plano de ação a ser discutido e aprovado pelo diretor executivo da Fundação e pelo secretário Rômulo Galvão, da Educação e Cultura.

REGIONALISMO E UNIVERSALIDADE

HELIO DE FREITAS PUGLIELLI

Até que ponto uma literatura pode ser compreendida como singular numa época histórica cuja índole essencial é exatamente a propagação universal das ideias e a superação das visões unilateralis da aventura humana? Era que sentido é lícito falar numa literatura "nacional", ou numa literatura "regional"? Estas são questões que se colocam liminarmente ao exame das perspectivas do conto como gênero literário.

1. — Antes de partir para a abordagem do problema, cabe considerar que o fenômeno literário não constitui manifestação isolada, mera transposição em palavras da subjetividade individual. É um produto superior da cultura num determinado meio, frisando-se que o termo "cultura" é aqui tomado em seu sentido sociológico de totalidade das técnicas, concepções e valores pelo homem e independentes do mundo natural. O fenômeno com que nos preocupamos deve ser compreendido, assim como a expressão parcial dessa totalidade, num prisma individual, interpretada através de uma forma específica: a comunicação literária.

Observa-se que, mesmo alcançando as dimensões da genialidade, a criação literária (como de resto a artística) continua inevitavelmente influenciada pela etapa histórica e o nível de cultura a ela correspondente (nem os autores de obras ditas eternas eqüilibraram-se à contingência histórico-cultural; Homer e expressão grandiosa da mitomania helênica. Dante provavelmente não teria surgido para a literatura sem a idade média gravida do renascimento italiano, nem Balzac poderia ter erigido a sua obra romanesca fora do clima de saturação burguesa do século XIX).

2. — Dentro dessa ordem de ideias, chega-se a constatar ser viável a "singularidade" da literatura quando, por força de condições históricas particulares, o contexto cultural que a envolve apresenta "originalidade" que contrasta com o padrão universal. Ora, a tendência atual é universalizante. A cultura tende a ser patrimônio comum do homem, uma vez alcançada a uniformidade que repele o pluralismo cultural historicamente tendente a ser superado (não é por acaso que culturas autenticamente diferenciadas só se encontram hoje em estado fossil).

A universalidade da cultura decorre diretamente do ecumenismo da sociedade industrial: à proporção que ultrapassam o primitivismo pré-capitalista que se desentocaram das questões do socialismo, os povos em desenvolvimento assumem a problemática das nações mais adiantadas. A tendência atual e para o completo desaparecimento de "metrópoles" e "colônias". Os centros metropolitanos de difusão cultural, é bem verdade, continuam exportando seus produtos, mais a "intelectualidade" dos países periféricos aprendeu a assimilá-los criticamente. Essa crítica, vitalizada pelo próprio dinamismo do surto desenvolvimentista, contribui para levar a cabo a dialética interna do processo cultural, de forma que o marginalismo das nações periféricas (o Brasil inclusive através da reversão de sentido daqueles valores que, antes, funcionavam como instrumentos de sujeição cultural).

Os problemas da civilização, assim, são mais ou menos compreendidos da mesma forma por mim ou por uma jovem francesa, por exemplo, ou por um habitante da Islândia. O que vale dizer que a Idade Atômica tende a unificar o mundo cultural humano, ultrapassando o pluralismo que enclausurava em compartimentos estanques as várias famílias da humanidade.

A superintendência dessas forças centripetas de unificação cultural, porém, não elimina magistralmente os vestígios de um longo passado histórico. Por isso pode-se falar ainda numa literatura "italiana" ou numa filosofia "alemã", compreendidas como algo mais do que a soma das obras dos escritores italianos ou dos filósofos alemães. Por esta mesma razão é ainda lícito, por exemplo, incluir Jean-Paul Sartre na linha tradicional do cartesianismo francês, apesar de sua aparente integração no existencialismo irracionalista alemão, bem como expor a feição torçada de William Faulkner como representante de uma ética puritana (tipicamente anglo-americana) que explode num mundo incoerente e dislocado.

Sobre o problema do ultra-estocicismo português em Faulkner: Jean-Paul Sartre, "Situations I", páginas 7 a 13, Gallimard, Paris, 1951.

Pode-se admitir, portanto, que a literatura de determinado país tenha conteúdo até certo ponto "nacional", como consequência de sólida tradição cultural que a singularize. Mas, estruturada, como nação num momento histórico em que já começava a se fazer sentir" com relativa intensidade a tendência universalizante, foi o Brasil marcado desde o início por uma tripla contradição: a assimilação de uma cultura importada (ibérica), a "originalidade" que se semia esta cultura em contato com condições ambientais inéditas (incluindo a fusão com elementos culturais aborígenes e africanos) e, ainda a fase colonial, a absorção maciça de supérsticios culturais originários das nações metropolitanas (a França, a Inglaterra, os Estados Unidos). Iniciado há séculos, o processo não alcança



cou ainda a síntese, que possivelmente será a assonância a um plano universal, rejeitando-se as veleidades barrocas no que tange à formação de uma cultura peculiar, inviável à esta altura do desenvolvimento histórico.

Longo de constituir uma "vantagem", a posse de um rio (e às vezes exótico) passado cultural situa-se frequentemente como obstáculo à compreensão de situações novas, dificultada pelo estrabismo que asarreta uma visão parcial não obstante altamente elaborada. O Brasil atinge sua maturidade numa época histórica em que caem vozes as barreiras que fragmentavam a cultura humana numa colcha de retalhos e, sobretudo, numa época em que o nacionalismo, se pode ser justificado nas relações econômicas internacionais, é só com relação aos subdesenvolvidos, não é mais conceitual no âmbito cultural, onde as fronteiras já tendem a não existir mais. Para afirmar-se culturalmente, o Brasil precisa de um "status" nacional compatível com as necessidades de seu povo não "o um metafísico" espírito nacional".

"Sabe-se que é corrente a atribuição de aspectos da vida dos povos a entidades místicas, tais como "alma nacional", "espírito nacional", "ethos" coletivos. É corrente nos meios populares, mas também entre os que se consideram doutos. Estes pontos de vista caracterizam, aliás, certa pseudociência em que excedem Spengler, André Siegfried, Keyserling, Salvador Madariaga, Ruth Benedict, Margaret Mead e outros antropólogos norte-americanos que têm usado a noção de "etnos". Sem pretender, aqui descer a uma discussão pormenorizada desta falácia, observamos que esses autores tomam um estágio transitório da psicologia coletiva como definitivo, os confundem uma condição fasciológica de um povo com a sua própria natureza.

"A história está repleta de exemplos de mudanças radicais na psicologia coletiva dos povos quando passava de uma etapa de desenvolvimento para outra e nem por isto desaparece aquela pseudociência. Guerreiros Ramos — "A Ideologia de 'Jeunesse Dorée' — in "Cadernos do Nosso Tempo" n. 4 (abril/agosto 1955), págs. 198 e 199".

Se um francês, um alemão, podem opor-se

à dinâmica de nossa época, para aferrar-se insensatamente ao passado, nós não podemos. Nossos escritores não dispõem da herança cultural que recebem os franceses, por exemplo; têm que fazer, quase tudo e não simplesmente que "continuar", inserindo-se como um elo à mais extensa cadeia de autores que descende de uns dos outros e amadurecem dentro do mesmo "lento" intelectual. O escritor brasileiro não encontra esse acervo de afinidade psicológica, não dispõe de um equipamento cultural típico para compreender o mundo. Dando não ser herdeiro de uma tradição, mas da totalidade dos esforços da humanidade pela criação de um universo de valores culturais. Daí esse estranho paradoxo que envolve o escritor brasileiro, sem tradição que o repalde, mas com um ilimitado horizonte pela frente.

Certamente o patrimônio bibliográfico que constitui a literatura do país distingue-se do acervo literário dos demais povos pela temática específica, pela cor local e principalmente pela língua (considerando-se que o "português" da literatura brasileira não é o mesmo português da literatura portuguesa), mas o conjunto dessas circunstâncias não é suficiente para caracterizá-lo como "brasileiro", no sentido etológico que é empregado sem relação a outras nacionalidades. O "espírito" francês é produto de todos aqueles fatores somados e de mais alguma coisa, que se traduz numa estrutura de nexos quase imponderáveis que se cristalizam através de longo desenvolvimento histórico, espécie de arpanca cultural que solidifica as atividades criadoras. Talvez por julgar sinceramente indispensável um "espírito" brasileiro (quando os "espíritos" das culturas nacionais antigas estão em desintegração), há quem edulcorasse certos aspectos do como cultural do País na tentativa de mostrar que também nós não paramos as nações de fisiologia "espírita" inconfundível (sem perceber que o excessivo personalismo fisiológico leva à caricatura). São as miragens do historicismo e do documentalismo. Contudo, o fato de ser incorporada à literatura a ambiência brasileira não implica em criar uma tradição literária própria. A natureza será sempre "paisagem", "cenário", "back-ground", "decor". Embora sempre presente como suporte material, ela estará sempre "fora" do mundo especificamente humano, por mais típicas que sejam os ambientes e mais deslumbrantes as belezas naturais.

"Naturalmente veio à baila o argumento de nossas condições telúricas, os "tipos de convulsões biológicas" nos climas tropicais, que modelavam aqui uma civilização original. Haveria certa dose de verdade no arrazado? Estudosos de alto valor defenderam a tese. A configuração das culturas, conduziram-nos a conclusões que não podemos rebater devidamente por que nos desviaríamos do assunto. Mas o sistema de produção, que se desenvolve aqui, é o mesmo sistema que vigora em parte da Europa, na Austrália, na África do Sul. As nossas florestas, as quedas d'água, as riquezas minerais, as montanhas são apenas os meios de subsistência e os meios de trabalho, que serão mobilizados. Os problemas que nos assobierham estão exprimindo, porém, os conflitos de estruturas, existentes nos quadros herdados da civilização europeia. Não são problemas situados nos idos e nas jazidas, mas nas relações entre os homens, quando mobilizaram aquelas riquezas naturais".

O elemento telúrico na literatura deve, assim, ser encarado com reservas: o que criou o "espírito" francês não foi a "terra francesa", que nada mais é do que uma ficção político-jurídica, mas a solidariedade de propósitos e convicções estabelecidas entre gerações sucessivas, num processo de relações que formaram um conjunto histórico-cultural "passado-presente". A perspectiva brasileira é, ao contrário, presente-futuro, e o futuro conduz à universalidade.

Torna-se necessário ponderar, agora, que o "universal" a que aludimos não se traduz de modo algum em desvinculação absoluta de um meio dado. Nem por tender a ser universal a cultura, poderá o homem transformar-se num ser intemporal e etéreo, prerrogativa exclusivamente divina que por certo jamais logrará arrebatá-lo. Por isso mesmo a literatura — não obstante universal — será sempre uma literatura "situada". O escritor estará sempre "situado" no espaço e no tempo, "situado" no interior de um contexto social, e a literatura que fier será fortemente influenciada pela sua "situação" formada dada circunstância histórica, pois ninguém pode romper os limites humanos. As experiências regionalistas que enriquecem o patrimônio da literatura brasileira, assim não podem ser subestimadas, mas compreendidas em toda a sua extensão, como tentativas válidas de situar o homem no seu contexto e compreendê-lo em sua circunstância. O que deve ser rejeitado é o "artificial", o "interessante", o "pitoresco", o folclore pelo folclore, em suma. Pois, ao contrário do que possa parecer, o regionalismo é um caminho para atingir o universal, serve como suporte do universal. A cultura humana tende a ser universal, mas a existência humana, ao nível dos povos, continua sujeita a condições e implicações variadas. É compreensível, portanto, que a literatura tenda a se tornar universal, embora exprima através do regionalismo as situações existenciais peculiares a uma determinada sociedade.

O TEMPO, DISSEMINATIVA - RECOLECTIVA EM "A PAIXÃO": UM CAPÍTULO

MARIA DE LOURDES NETTO SIMÕES

Almeida Faria situa-se no momento português em novos caminhos que, hoje se constata estão surgindo desde 1950, e ainda não apresentam uma definição comum, embora estejam concordes pela busca de outros postulados estéticos.

Talvez dos mais revolucionários de sua época, quebra com os quadros do romance tradicional, no que se refere à estrutura da obra romanesca, e, por este aspecto, aproxima-se do "novo-romã" francês (2).

Autor de duas obras publicadas em 1962 e 1965, respectivamente "Rumor Branco" e "A Paixão", realmente surge causando enorme impacto pela inovação singular, principalmente no que se refere ao discurso, onde as intrínsecas mais se realçam.

Neste momento, detemo-nos em "A Paixão", primeira parte — "Manhã", capítulo 24 — "André" com o objetivo de observar o processo de criação temporal.

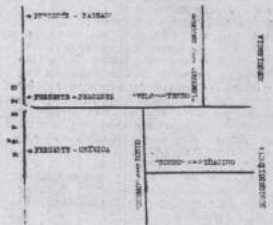
O tratamento que Almeida Faria dá ao tempo neste capítulo é sem dúvida, singular, aproximando-se em verdade, do processo barroco de "desmembrar" — re-colectivo, onde elementos estruturais básicos são espargidos por todo o texto para, no fim do mesmo, serem re-colectados, num processo integrador de significação.

No capítulo em questão, o tempo apresenta-se psicológico ao nível da história; entretanto é neste próprio tempo psicológico que (evidentemente, efetuando-se na mente do personagem) encontramos variações de zonas de consciência. É nos, no nível do discurso, no jogo que o autor faz com estas zonas, que detectamos a singularidade.

Notemos uma ampla fragmentação do tempo que vem evidenciar o estado de inconsciência mental do personagem. Através deste tratamento, ao nível do discurso, vamos perceber claramente a situação psicológica de André, receber uma aglomeração de estados íntimos que não se situam somente na consciência, pois nem sempre ele está acordado e pensa, imagina ou divaga mas também na subconsciência, quando dorme e sonha. Assim, o autor desintegra o tempo em todo o capítulo para no fim do mesmo re-colectá-lo com a assertiva: "dorme, vejo, sonho, lembro".

Partimos desta recolectão e constatamos o tempo fragmentado nestes termos:

| | |
|------------|----------------|
| "dorme" — | sonho |
| "vejo" — | pensos divagos |
| "sonho" — | imagino |
| "lembro" — | recordo |



A partir do esquema psicológico observamos que a fragmentação temporal se dá em vários níveis da consciência e subconsciência, em uma mesma situação, externa, espaço-temporal, pois encontramos o personagem na cama, pela manhã, perto da hora de acordar, de-lá-se-embalar pela consciência e vagueia entre os estados de pensar, sonhar, lembrar e imaginar.

Este hábito de ficar, durante as férias, toda a manhã na cama, no quarto, de janela fechada, ainda é noite, e sua dorme e acordar e está instante envolto em sonhos (p. 85).

E aí ele pensa, "vejo". O processo disseminativo inicia-se desde a linha 1.

Atentemos para os tempos verbais; em "vejo" — penso é presente; André está acordado e seu pensamento está ali, num presente presente.

Na linha 4 o tempo verbal já aparece passado, o tempo faz-se memória; ele lembra o que sonhou, o estado mental é já outro: era uma torre, um escuro aranha-céus em obras, com escadas e cubículos, corredores e quartos, peregrinação de padres e de freiras (...) e era um subterrâneo tudo aqui, sem ar e com o desconforto de pedras sem reboco pelas paredes tal um colégio inglês... (p. p. 86-87).

De-se aí uma ligeira fragmentação, quando André volta ao presente, penso — "vejo" — "Recordo-novamente" (p. 86) — para logo, em seguida, mergulhar outra vez em lembrança — "lembro":

... era um lugar de sonho e eu corria, es-
tava na memória e no sonho? ou o agítam,
e então o tempo-fragmento é "vejo";
desejo, medo, ódio, sentimento para os quais
não existem palavras, pois pobre é de facto
o nosso dicionário, inútil, limitado, e não
acho encontro nem semelhança do que penso
(...) agítam... (p. 86)

Logo, e quase imperceptivelmente, (o leitor desatento corre o risco de não perceber) o nível de consciência muda, passa ao estado onírico, sem que outra percepção tenhamos dele e não ser o notar que realmente ele já "dorme" — sonha. O tempo verbal é o mesmo desde quando, realmente, ele está vivendo agora, no sonho. E tudo então se passa como aconteceria: finalmente uma porta entreaberta, gente passa, não vejo-a, agora quero entrar, es-
cancoro — a com calma, num gesto de clareza, era o que eu esperava, eis ali me esperava (...) chama-se Carmen, diz e eu não sou José, sou tão, tão outro... (p. 86)

André acordá e pensa — "vejo": "acordei, tenho pena" (p. 86); imediatamente passa, então, a recordar o resto do sonho que, nós leitores não acompanhamos, mas que, percebemos, aconteceu antes que acordasse, o tempo — fragmento passa a ser memória — "lembro", e pelo fato de ser memória — presente-passado-o tempo verbal também é passado:

quando acordei já o outro ali estava, Jacob erecto, rígido, austero como a maré; olhava-me do alto da sua face branca, com um sorriso ao canto, e eu via nos seus olhos a minha maldição (...) foi esta a sação que os deuses me concederam. (p. 86)

Em seguida a fragmentação se faz mais acentuada e vamos notar um embriçamento — "vejo" — penso X "lembro" — recordo. Atentemos para os tempos verbais:

estou ainda na cama, afundado de sono ("vejo") e já sonhado de me chamavam des-
perto; então segui-me lento, ("lembro") ao dentro da cabeça, ("vejo") sob uma luz intensa (...) apelo, ("lembro") mais funda do que aqui, ("vejo") talvez uma cidade (...), depois vejo vindo um canto, ("lembro") (p. p. 86-87)

E o processo repete-se, nestes mesmos termos, numa alternância significativa, evidenciando a instabilidade mental do personagem que vagueia nas zonas que denominamos de presente — presente, presente — passado e presente — onírico.

Sem que percebamos uma ordem lógica, ou um tratamento comum, os tempos fragmentos realmente surgem desmembrados paterne e desintegrados, temporal que se acha sistematizada assim:

"vejo — lembro — vejo — lembro" —
"vejo — durmo — vejo — lembro" —
"vejo — lembro — durmo — vejo" —
"sonho — durmo — vejo" —

Consideramos a prevalência do fragmento tempo "vejo"; pensa é o estado mais constante, é a partir dele que toda a desintegração se efetua. Ocorre um total vai e vem onde a zona presente — presente é sempre o ponto de confluência. Em verdade o fato dá-se durante todo o desenrolar do capítulo até quando se efetua o processo recolectivo, que, como se constatá, dá-se no tempo — fragmento "vejo", então todos os elementos são retomados num mesmo presente — presente:

— adormeço; acordei; vejo durmo sonho, lembro (...) a vida é isto: tempo (p. 88).

A recolectão vem patentear o que já anteriormente detectamos quando da análise do processo de disseminação, a alternância de estados íntimos por que passa o personagem. Adorme-er e acordar são estados externos nos quais se são implícitos as zonas presente — presente, presente — onírico e presente — passado onde a fragmentação temporal se faz através do processo disseminativo — re-colectivo: uma técnica.

(1) — ALMEIDA FARIA, A Paixão, Lisboa, Portugal, 1965. Parte Manhã, esp. 24 — André, p. 85-88.
(2) — FERREIRA, Virgílio, "Préface à 19ª edição" in Almeida Faria, Rumor Branco, 2ª edição revista, Lisboa, Portugal, 1970, p. 10



PABLO NERUDA, O INVENTÁRIO DO ACESSÍVEL

ELIANE ZAGURY

É hora de reapreciar o que tanto amamos, ao ler o livro de Pablo Neruda. A Editora Seltia, agora dirigida por José Olimário, em duas publicações está, com um novo resultado: como sempre e motivado por uma obra futura e abrangente de Neruda, que tem, desde há muito, a importância de um sistema original e uma interpretação em língua portuguesa. Sendo esta e outras de maior nível crítico, a obra traduzida de uma edição destinada aos leitores, especialmente, praticamente toda a poesia de Neruda, está ali, em 600 páginas para um trabalho de género.

"Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada" (1), obra de José Olimário de Pablo Neruda (1904), está longe de ser apenas uma edição em língua portuguesa, mas também um trabalho de género. Seu valor individual é também que tem sido sempre considerado pelo público como um livro independente, embora de grande importância, de língua espanhola e é esta obra mais — de todos os livros amados e conhecidos de Neruda, o caso de uma obra de grande importância, em contradição com a poesia global, desde há muito, que é o "Canto dos Caracóis", especialmente reconhecido por interpretações emocionais de ideologias posteriores ao século, cultural em que foi produzido, e também de Neruda se remeteram pela natureza da sua obra. Assombrado de atividades sociais, promove a ação e a presença final que leva a campo de generoso. Não sabe o saudável amor feito e realizado de Bulamín e Bolamín.

Volando a edição brasileira, junto ao texto original tem-se a tradução de Dom N. de Carvalho de Silva, que lê e diz, com a simplicidade de Neruda e a elegância, veia e descoligular o seu vocabulário "Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada" é interpretado em língua portuguesa.

(1) Neruda, Pablo, Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada, Rio de Janeiro, 1971. Tradução de Domingos Carvalho de Silva.
(2) Neruda, Pablo, Antologia Poética, Rio de Janeiro, 1968. Tradução de Eliane Zagury. Cpg 25.80.

II CONCURSO DE POETAS INÉDITOS DA BAHIA "PRÊMIO FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO"

Inscrições abertas no Gabinete Português de Leitura



O PINTOR JENNER AUGUSTO

JORGE AMADO

Temperou o caráter na pobreza. Sempre onde nasceu e ali se alimentou de orgulho, pois se assim não fosse, como levaria adiante o fôlego ardente a lha consumi-lo e o coração? Trazia nos olhos a paisagem e a figura, a alegria nua e a tristeza vestidas de cinzas, todas aquelas cores de céu e mar, de rio e prado, de casinhas e calçadas, e um cenário pobre. Na Bahia, aprendeu a humildade da criação, a necessidade de trabalhar diariamente seu duro ofício de pintor. Viu-se o jovem ante as tintas, os pincéis e a tela; dentro dele um mundo de revolta, de injustiça, de beleza, de revelações, a proclamação e os cânticos lá no fundo do passado em Laranjeiras, em Lagarto, em São Cristóvão, as solteirinhas se queimando inúteis nas janelas de Estância, os loucos mancos nas ruas, os pobres de Deus, os pássaros e a manga cor de ouro. Saía rua a fora pela cidade grande para conquistar a luz, a cor, o ritmo, a gente, essa doçura e o saber profundo. Cresceu na Bahia o pintor Jenner Augusto em mestre brasileiro e universal de seu ofício, de sua arte, de sua criação. Orgulho e humildade, o conhecimento bebido nas fontes vitais e a decadência de quem nasceu civilizado e jamais fez concessões porque temperou seu caráter na pobreza inicial.

Nada foi fácil a esse homem num caminho sem vacilações: contra a corrente, com os companheiros de aventura na entranha da arte moderna na Bahia, contra todas as formas de

injustiça armado cavaleiro, indo buscar na luta os temas para construir não só arte mas também vida e alegria — artista e cidadão. Não quis a arte vã, o luxo de classe, a paisagem sem a perplexidade do homem, não quis o isolamento, jogou-se inteiro numa verdade viva e vivida, olhos fundos, boca de pouco riso, por vezes igual a um empalme com a repetição e inesperada violência. Teria que ser, fatalmente, o pintor dos Alagados, dessa outra face da Bahia, das casas mais pobres, entre as mais pobres, das pontes orientais sobre a lama, dos saveiros mortos e dos meninos sem jeito. Entrou mar adentro, atravessou as águas do golfo, mas foi parar logo adiante na tragédia de palafite, na explosão dos anzóis e dos vermes, realizando essa pintura onde a emoção cresce num ofício como bem poucos o possuem, pieno domínio da arte. Nada do que pintou, nem um só traço de desenho, nenhuma obra posta na tela o fez por acaso, levemente, sem consciência de valor, de sua necessidade absoluta e tanta consciência soma-se a uma sensibilidade, a um bom gosto de tal apuro que o nordestino de Lagarto parece chegado da Renascença, como se nasce do fidalgo em Florença ou em Veneza — fidalgo sergipano.

Os críticos de arte, na clássica linguagem estética em que existem conhecimentos e validades, dirão de Jenner e da pintura por ele criada na Bahia acertos e falhas. Os invejosos do sucesso e da decadência não perderão vez de negá-lo,

de tentar diminuí-lo. Ninguém conseguirá, porém, fazer menor o que é grande de humano, o que é realmente arte e criação. Só o próprio Jenner poderia fazê-lo se traísse os valores fundamentais em que amou o pó do seu verdade então já não seria Jenner Augusto, pintor da face do povo, intérprete mágico da realidade, bravo hoje como no primeiro momento. Livre de todos os compromissos com o sucesso, com o vândalístico, com o slogan fácil, com o circunstancial, pôde voltar-se para dentro de si e para o mundo em torno e recriar um universo que sendo de tudo quanto viu e viu, que sendo de todos nós e de cada um, é apenas e exclusivamente dele, Jenner Augusto.

Outros dirão as palavras justas e certas, analisando a pintura de médio sergipano, do artista de Bahia. Eu diria apenas que poucos fizeram tanto de maneira tão séria e dominaram assim completamente o ofício e dignificaram a arte da pintura. Direi que Jenner Augusto é uma presença estimulante na cidade e que dele nascem mesmo aqueles que o negam nas fúrias do amadorismo provinciano pois em cada um dos nós está algo da luz da emoção, da beleza que ele criou. No incêndio da Fera da Água dos Meninos, no entardecer dos Alagados, no casar e na paisagem azul, no tabuleiro da cidade de Lagarto onde, menino, ele jogava futebol, em cada quadro seu, Jenner Augusto é o irmão do homem traz o sal e o pó.



CONSCIÊNCIA, CONHECIMENTO, CRIAÇÃO

RICARDO RAMOS

A época é dos primitivos, ingenuos e espontâneos, da manifestação do pensamento, e o indivíduo de estrada ganha, do cotidiano, os bastos doces e experimentais. Em meio a essa desproporção gera, onde se aglutina interesse e se entrosam elegância e se destacam, e cada vez mais, difíceis aparar o novo da novidade de sempre, ver ação, o talvez informado do verdadeiro artista. A essência, no formal, como sempre, dá-las muitas vezes, uma ausência total do que transcende. Ou, como sempre, como, diz-se, os sentidos.

Nessa grande coisa favorecida da arte, em que o diálogo e o clima de cultura se sustentaram, é possível que a pintura seja da total e mais sacrificada, e mais difícil, sujeita ao transe lírico, aos gozos de bem trilhada, empunhada, ao conteúdo na sua aceção mais degradada. Entretanto, a arte permanece. Resistir, reposta, afirma-se. Como provavelmente a única justificação do homem, em nome dos sonhos de humanas explorações. E se o trabalho de buscar um quadro, de um pintor brasileiro vivo, que possa valer pela umidade de factos pedacinhos, suspirios, as muitas culpas acumuladas que de um modo não podem, reconheçamos, inicialmente um trabalho de Jenner Augusto. Nenhum trabalho, em todos os sentidos. Principalmente aquele em consciência, conhecimento, criação.

Uma paisagem de cor viva e delineado desce. O céu de azul, o mar de verde, a noite, as pedras, a estrada, o nevoeiro. Iluminado e fundo. O traço com o tom de quem sabe a paisagem por dentro, como, sim,

larar, o poeta e a vé de um realismo, sem entes, desestruturado, na sua beleza e calma. A paisagem sonora, e se saque com figuras Amas, animadas e, lomas, e feitas em duas direções para o horizonte despojado e para o interior da cena se abita, despartido revolvendo, memórias gentis, pedação, de terra, vida, e festivo noção. O no nordestino, humildes, sergipano.

Dizer que Jenner Augusto, sendo a sua mãe a, e esse o seu a realidade no aproximada, nos afirmar somente um trabalho da sua arte. Que ele vem buscando, finalmente, se também dizer apenas, um pouco. O sentir e o saber não andar aqui separados, como parças, que se conectam, com mais harmonia maior, um sentido global, o caráter é a marca do grande artista.

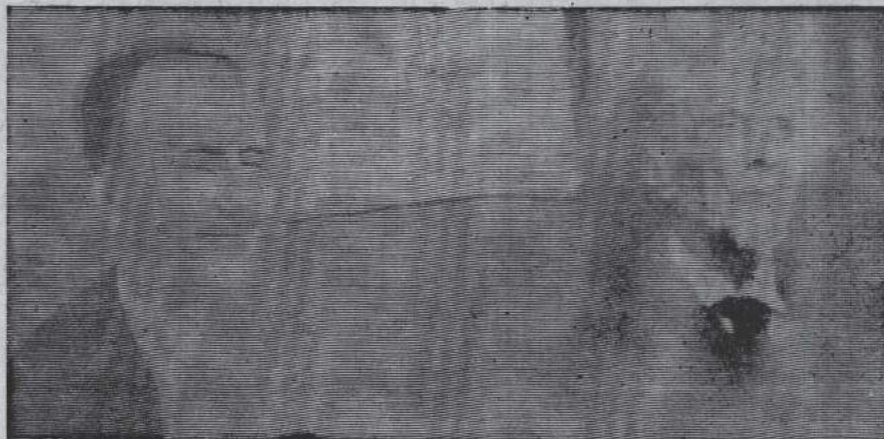
Muitas vezes nos perguntamos, democraticamente diante de um quadro seu, qual os caminhos que levam um porter a tal obra, polimento, a sua e adequada amplitude no puro encontro do essencial. Os atos que se fazem experimentais a personalidade que força se expressa? Ou é o título que ergue a essa interpretação e procuramos nos educar, tomando uma referência básica, de Jenner Augusto: a consciência. Ele é dos poucos que sabem o que está fazendo, sua obra é arte e ofício em plenitude. Ele é dos que sabem mais, e por isso que mais realizam. Bem dá-las a que está respondendo, no sacramento de tudo, esse conhecimento. A via de ver a beleza, o amor, a magia, e de fazê-lo pintura.





jornal de cultura.

jornal de cultura -- suplemento literário do diário de notícias
cidade da bahia, 7 de abril de 1974 -- número 11



MURILO MENDES talvez seja o único poeta brasileiro que conheceu e conviveu com um dos mais importantes e discutidos poetas do século XX que foi Ezra Pound. Na foto, o registro do encontro de Murilo e Pound, na Via Politeama em Roma. "Tive sorte nessa primeira reunião de 1961: encontrei Pound ainda jovem. (Mais tarde pude abordá-lo em reuniões literárias romanas e no encontro internacional de poesia em Spoleto, colegas com outros poetas via no mesmo espetáculo de leitura de textos nossos.) Desde muito, Pound fala sagazmente, por monossilabos: fazendo o desespero dos jornalistas, que não conseguem extrair dele nenhuma declaração". (Página 2)



JOSÉ LINDE DO REGO, criador do chamado "ciclo da cana-de-açúcar", é visto por Edilberto Coutinho, num ensaio sobre sua obra e vida, onde ressalta o episódio do autor de Menino de Engenho, quando de sua posse na A.B.L., surpreendendo os acadêmicos por não fazer o elogio de seu antecessor, Ataulfo de Paiva, de quem disse: "Chegou ao Supremo Tribunal Federal sem ter sido um juiz edílico, e à Academia sem nunca ter gostado de um poema". (Página 3)

SONETO DA SEXTA FEIRA DA PAIXÃO

(inédito)

Morto. Como também já morre o dia
Mas continua a ser noutros lugares?
Ou morto diariamente nos altares
por ser diversa a morte que morria?

O corpo morto: azul melancolia
do mesmo azul perdido pelos ares,
Vivo azul sobre os campos, sobre os mares,
sobre a clara manhã ou a hora tardia.

Um corpo morto. Um corpo morto de homem
Igual a esses cadáveres da guerra
Que as batalhas atraem e consomem?

Ou um que junta o mundo à sua sorte,
Contempla a sombra em torno e desce à terra
E morre em solidão e vence a morte?

CARLOS PENNA FILHO

ENCONTROS COM EZRA POUND

MURILLO MENDES

Acho-me diante de Ezra Pound, no apartamento dum seu amigo, na Via Poliriana em Roma. Um apartamento qualquer, sem a marca duma personalidade. Quirio modesto, guardado de móveis semelhantes aos da Rua do Catele. Cama-divã, mesa, cadeiras, uma estante com livros e revistas; retratos familiares na parede. (Em compensação, no Alto Adige, o poeta mora num castelo do século XIII, de propriedade do genro, o escritor Boris de Rechevitz).

Pound tem 76 anos, é magríssimo, as faces cavadas. Fala pouco. Digo-lhe que é a mais perfeita imagem física que até agora conheci de Dom Quixote. Responde: "Sim, por causa da loucura". Alado à admiração que lhe dedicam muitos poetas brasileiros, à tradução de alguns Cantos publicada recentemente pelo grupo neopragmático. Ele comenta: "É uma ótima tradução. As boas traduções têm a vantagem de esconder os defeitos dos originais". Logo a conversa, dos poetas do "Desencanto", em particular de Guido Cavalcanti, desloca-se para a pintura informal e a música eletrônica. No meio, Eliot. Diante deste nome Pound anima-se encorajando Sândia a traduzir *The Steersman*.

Two sorte nasce primeiro encontro de 1961: então Pound falava. (Mais tarde pode abordá-lo em reuniões literárias romanas e no encontro internacional de poetas em Espinho, colégias com outros poetas num mesmo espetáculo de leitura de textos nossos). Desde muito, com efeito, Pound fala vigorosamente, por monossílabos; fazendo o desassêso dos jornalistas, que não conseguem extrair dele nenhuma declaração.

Curioso é que a figura de Pound atual — sua própria ruína sobrevivente — condur-me ao tempo duma mocidade, quando ele aconselhava os jovens poetas a não desbarar para a emoção, e praticar o exercício de vocabulário em línguas estrangeiras e fim de sustentar a dinâmica do texto. A desconitualidade e falta de estrutura de seus poemas — segundo alguns críticos imperitantes — talvez provenham da sua intuição do valor positivo do silêncio em toda grande poesia, como em toda grande música, há que esperar a força do silêncio. E não será a palavra a metáfora do silêncio? A *dissonância* — recurso político que procede de Mallarmé — acaba-se plantada na pessoa de Pound tanto quanto nos seus textos.

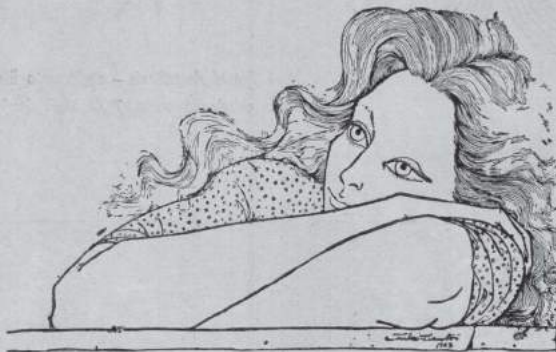
Ninguém ignora que ao tempo do fascismo Pound fez na Itália palestras pelo rádio, ligando assim seu nome a um regime político negativo. Um escritor romano, de cultura marxista, explica-me que essa atitude do poeta origina-se num engano sobre o regime da sua imigração. Após a o programa econômico do fascismo porque o supunha oposto ao sistema capitalista americano. Sempre combateu o fenômeno da usura, fulminando-o (como o Fiorentino) em várias passagens da sua obra. A usura tornou-se a sua *bête noire*. Segundo apurei, não extraiu proventos materiais do regime mussoliniano, recebendo pouco pela sua colaboração. O crítico Neri D'Agostino, também marxista, escreveu que "as simpatias de Pound pelo fascismo são sem dúvida aspectos laterais e periféricos do seu sistema; neste caso a aberração do homem não deverá ser considerada distintamente da atividade do poeta". Há na vida de Pound episódios dignos de figurar na *Distina Comédia*. Cuida a ditadura fascista, ninguém mais se lembrou dele. Sem uma lira no

bolso atravessou a pé, como um peregrino da Idade Média, diversas regiões da Itália. Um dia os americanos das tropas de ocupação prenderam-no, levando-o para os Estados Unidos onde pelo espaço de trase anos foi trançado num manicomio: ali encontrado para devê-lo da morte. Penso que assim purgou amplamente suas erros políticos. Em contrapartida, cito um episódio ameno: desembarcando em Nápoles após sua libertação, Pound entregou aos jornalistas uma folha de papel onde alinhara "tudo o que é necessário saber sobre os Estados Unidos", principalmente contra os Estados Unidos".

O sistema de Pound acha-se não à estrutura dum forte personalidade literária, mas também à época da sua juventude, a um complexo de circunstâncias culturais, mormente anglo-saxônicas, representativas dum estado de espírito romancista, esteticista, de que ele foi uma das figuras maiores. O crítico R. P. Blackmur considerava-o um poderoso porta-voz de cultura, julgando mesmo que Pound *transmissor* é mais realizado que Pound poeta original: "Desde que começou a publicar suas poesias ele tem jogado com a palavra latina *persona*, que, do ponto de vista etimológico, significa alguma coisa através de que os sons se fazem ouvir; portanto, máscaras. Os stores usavam máscaras através das quais grandes pensamentos e ações adquiriram voz. A obra de Pound tem-se reunido em engendrar *personas*, tornando-se ele próprio, como poeta, uma máscara por meio de qual tudo o que mais lhe haja interessado na vida e nas letras possa investir-se de voz". E ainda: "Faltando-lhe suficiente substância própria para sustentar uma disciplina intelectual, Pound é sempre melhor quando lhe basta a disciplina do artesanato".

Talvez não haja outro poeta contemporâneo a suscitar opiniões tão divergentes. A comparação que se tentou com Dante não me parece feliz: da obra do Fiorentino, apesar de enorme carga de erudição e de austeridade, transbordava sempre o coração do poeta, poroso na sua humanidade. Tais paralelos, de resto, são duvidosos, porque Dante já passou a filtragem analítica de seis séculos. (Também vacilo em atribuir a Mallarmé o título de "Dante da idade industrial": creio que caberia antes a Baudelaire). De qualquer modo não se poderá recusar a Pound o título de *inspensor*, e de fundador de poetas, alguns de alta categoria, como Eliot. O que não é pouco.

Sândia disparou a Kodak, faz uma foto — documento vivo, que será publicada anos depois na edição brasileira, cuidada por Augusto de Campos e José Paulo Paes, do *J B C of Reading*. Despedimo-nos do poeta que, talvez mais do que nenhum outro neste século, levantou a linguagem — estruturas. Aquê-lo que usa a palavra com economia dos antigos chineses (Pound, aliás, sempre viu a China). Volto para casa, meditando na crise do mundo atual. Na crise da poesia analítico-discursiva. Na crise da poesia concreta. Na crise da aventura do homem, na desintegração do sagrado, no erro crítico que consiste em taxar de humano somente o que vem da sensibilidade e do instinto, separando do intelectual. Quem traçou as fronteiras entre o humano e o desumano? Enfim, ligo Pound agora já não a uma figura (Dom Quixote) mas a uma imagem intelectual, à do seu busto antecessor Guido Cavalcanti: "le vo come colui ch'è fuor di vita..."



LITANIA DA LUA

LUA dos parques fantásticos de Verlaine, lua que faz sonhar os pássaros e sol-par de extase os charlatões, lua dos jasmims e dos lilases de Juan Ramon Jimenez, quando Beethoven chorava sob mãos brancas ao piano, lua das estradas líquidas de Antônio Noire, lua negra de veludo, eterna freira dos conventos do céu, sol de Portugal, adeus para nunca mais!

LUA do silêncio eterno do espaço infinito de Pascal, lua de pedra de Sócrates, Arfémis ao mesmo tempo, lua ruída, lua das montanhas de Minas de Augusto de Lima, lua fosforescente de Lawrence, caravela perdida no mar alto de Alphonse, religio a medir a eternidade celeste, croça do tempo submersa no céu, lua de Neruda, adeus para nunca mais!

LUA atroz do menino Rimbaud, amiga dos insensatos de Valéry, branco e pequenina lua de Vinicius, lua dos dez mil narcisos dourados de Wordsworth, pálida hermafrodite de Lautréamont, lua velha com a tua ruína nos braços de Sir Patrick Spence, flor noturna de William Blake, lua inconstante de Shakespeare, lua lenta serena e fiel de Cecília, envolvendo os noivos abraçados e os soldados já frios, lua hirta das gelarias de Mário Quintana, das fragatas de marfim, lua dos corredores dos hospitais, adeus para nunca mais!

LUA nata de Ben Jonson, lua das candeias mortas das cantigas de roda, lua do lunólogo Laforgue, das népticas de Laforgue, virgem carregada de fogo branco de Shelley, lua urbana e docente de Baudelaire, vaca celeste de Ovalle, bruxa lantvaga adormecida, Verdica do Sol, morena, uniformo gris e verde, lua-lua de Louca, das sarrasilhas de prata de Walter de la Mare, dos frutos de prata em árvores de prata, das patas prateadas dos animais, das plumas prateadas dos pombos, dos peixes prateados em rios de prata, lua dos desceparos palestos de Dylan Thomas, galeão fantasmagórico em mares nevoados de Alfred Noyes, lua russa de Chagall, lua da tristeza perfeita de Debussy, lua contristada dos serafins de Mallarmé, lua de memorizada, piscando o olho nas equinas, lua de rock, rachado pela varíola de Eliot, lua dos sonhos brancos de Cruz e Sousa, das inconscíveis esperanças, dos tremúlos mártires, das flores amargas da morte, lua lutuosa, clorótica, adeus para nunca mais!

LUA que se empoleira no espelho, descondoente amiga das metáforas de Mário de Andrade, lua de Murillo Mendes, que talvez não fosse tão bela como é vista da terra mas onde talvez o demônio não tenha penetrado, lua de Augusto Frederico Schmidt, cansada, frágil e pálida, tangida pelo vento como um barco de louras velas enfunadas, lua que Li-Po foi buscar bêbado no fundo de um lago, lua turva e clara do primeiro céu de Dante, lua do sertão de Calilo, dos quartos de dormir de Lamartine, lua das piastrolhas de Noel, Lady Godiva de Tennyson, lua de Arno Holz, imensa, rubra, suave como o sonho, lua de Raimundo Correia, lua dos tristes e enarrazados, golfo de cimas fascinosas, astro dos loucos, sol da demência, adeus para nunca mais!

LUA morta no céu de terras de Byron, lua pálida de Goethe, lua de amigo entre a alegria e a dor, lua sagrada e surgir das montanhas da Asta de Holderlin, lua serena a brincar sobre as vagas de Victor Hugo, lua d'or: bouques argênticos de Morgenstern, lua alta a campar sinistra de Soares de Passos, lua dos vestidos de noivado da rainha de Gomes Leal, lua da loucura a flitar no espaço, lua irmã de Francisco de Assis, lua cheia e branca do noturno de murmúrio e perfumes de Asunción Silva

quando as sombras se buscam nas tristezas e nas lágrimas, lua a brilhar no ilimpido espelho de Antônio Machado, lua de março despida pelo vento de Langston Hughes, pálida lua das baladas de Vicente de Carvalho, lua de Fernando Pessoa, na estrada de Sintra perto de meia-noite, lua da linda barquinha bailando no mar, lua nova de Manuel, lua indolente e diuéstica de Drummond, lua embuçada de James Joyce, lua do ódio depois da tormenta de Day Lewis, lua sinistra sítua a paz do mundo de Augusto dos Anjos, lua sangrenta das batalhas do Homero, lua silenciosa de Virgílio, lua da triste e léda madrugada de Camões, lua do adeus, adeus, adeus para nunca mais!

PAULO MENDES CAMPOS

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, circula no primeiro domingo de mês, com a participação da Fundação Cultural do Estado. Endereço: Rua Carlos Gomes, 37 Salvador—Bahia. Telefones: 333-2522, 33-2945 e 33-2947.

Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas à comissão editorial, à qual se reserva o direito de vetar a publicação.

Editor:
CID SEIXAS FRAGA FILHO
Coordenador:
CARLOS CUNHA

JOSÉ LINS DO RÊGO, ETERNO MENINO

EDILBERTO COUTINHO

A compreensão e interpretação da obra de José Lins do Rego dependem, em grande parte, do conhecimento de sua infância, a sua infância livre e atormentada, que decorreu — como ele próprio conta — numa triplice angústia: tormento de saúde, ausência da mãe e destemperos de sexo.

Desses conflitos advindos dos amargos verdes anos — sugere seu amigo, o médico e escritor Perezgrino Júnior — resultaram múltiplos e estranhos medos: medo de doença, medo da morte, medo do fim do mundo, medo da solidão, além de exaltado erotismo. E como sãona e expressão remota de tais vivências, esta síntese paradoxal: amor da vida, amor das criaturas, amor do ar.

Antecipando-se a seus mais insignes críticos e estudiosos foi o próprio José Lins do Rego — no prefácio ao livro de memórias *Meus Verdes Anos*, — quem ofereceu a chave para melhor compreensão de sua obra, quando disse que se alimentou das substâncias de sua infância.

José Lins do Rego Cavalcanti nasceu a 3 de junho de 1901, no engenho Corredor, município de Pilar, Estado da Paraíba, filho de João do Rego Cavalcanti e de Amélia do Rego Cavalcanti. Morreu-lhe a mãe, no ano de seu nascimento, e o pai vai viver longe, em outro engenho. Fica no engenho do avô materno, sob os cuidados de uma tia, substituta destinada, a cuja saúde vive preocupado. Mas, já demonstrando o seu caráter complexo, contraditório, por vezes acompanha os moleques livres na bagaceira, os primos nos banhos de rio e outras aventuras. E assim o "zinbozinho" — às vezes sócio outrossim tímido, retratado — vai encostando nas histórias ouvidas das negras velhas do engenho, na língua soa do povo, na contemplação encantada da natureza e dos acontecimentos — alegres ou trágicos, desses primeiros anos — o lastro fundamental para sua obra de romancista, de memória. "É o nosso Proust", disse diria a Blaise Cendrars, em Paris, o afrancesado Paulo Prado; dando a ler, ao escritor francês, "um jovem escritor brasileiro que encontrou o tempo perdido", então um modo lanterna posição polêmica, participante e constituidora na renovação do pensamento e do romance, no Brasil, com a publicação de seu *Menino de Engenho*, em 1932.

Em 1909, aos oito anos, sofre uma espécie de segredia orfanado, com a morte da tia, seu internado numa escola de Itabiana, Paraíba. É o internato Nossa Senhora do Carmo, que aparece transfigurado no romance *Doidinho* como o colégio do professor Maciel. Dura três anos esse internato, que deixará marcas profundas no "menino enjeitado" que se sentiria sempre. Transfere-se para a capital do Estado da Paraíba, onde cursa o Colégio Diocesano Pio X, em cuja Arcadia faz conferência sobre Oliveira Lima e publica artigo sobre Joaquim Nabuco na Revista Pio X. São antecipações do escritor e do pensador, já voltado para temas relativos à sua terra e à sua gente, começando a demonstrar — no estudo de obras alheias — o amor à terra e ao homem do Nordeste, o interesse e culto pelas tradições, além da atração pela nova linguagem, por vezes pouco burlesca, e que procurou aproximar-se da língua falada, mais rural que urbana, características fundamentais da obra que o projetaria como um dos principais romancistas do Nordeste.

Depois de 1915, para José Lins do Rego, é a descoberta do Recife, ainda hoje não apenas capital do Estado, mas metrópole de toda a região nordestina, com passagens pelo Instituto Carneiro Leão e Ginásio Pernambucano, ingresso na Faculdade de Direito, leituras desordenadas, farras, os chamados desregramentos de toda ordem na cidade que então se abreia às suas descobertas de adolescente inquieto. As férias, passava-as quase sempre no engenho do avô, cuja figura se fixa em sua memória.

Rapaz "perdid"o, a si mesmo se chamaria ao evocar aquela vida de estudante e boêmio no Recife, a gritar pelos credores da vetusta Faculdade de Direito, a cantar em voz alta e desafiada ária das operetas da moda, já com o hábito de botar apelido — que nunca abandonaria e lhe valeu não poucas antipatias — e fazendo-se o terror dos que não entraram no quadro de formatura porque consumiu em cerveja num botiquim da Rua Santo Amaro as verbas que o avô lhe mandara.

"Muito ouvi falar a respeito de nossa vida de estudante no Recife", disse-lhe Austregesilo de Athayde, em resposta ao seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, "naquela mesma escola onde se formaram os bacharéis dos nossos romances. Não sequer sabia bem eram as salas de aula e a muitos dos professores só de nome conhecia".

Não era por certo — e isto também assinava Athayde, que pouco depois assistia entrecruço ao discurso que foi o mais contrário às suas regras e às boas maneiras acadêmicas que ocorreu na Academia Brasileira de Letras — nada mais daquele menino amável, criado junto às salas de aula, com o mimo das negras do engenho e que, quase sempre, ficava invadindo de longe os outros mentes tomarem banho de

rio, correrem no lombo dos cavalos em pélo e pintarem as disbruras perigosas dos garotos do sertão.

O ano de 1923 assinava, para José Lins do Rego, um episódio bem mais importante do que a formatura na Faculdade de Direito do Recife. Conheceu Gilberto Freyre. "Foi numa tarde do Recife, do mesmo querido Recife, que nos encontramos" — escreveu Zé Lins, no prefácio a *Região e Tradição*, de Gilberto e de lá para cá a minha vida foi outra, foram outras as minhas preocupações, outros os meus planos, as minhas leituras, as minhas entusiasmos. Pode parecer um romance, mas foi tudo da realidade".

José Lins achou que tudo, nele — o jeito de viver desregrado, os assuntos, a vida de rapaça demasiado desenvolvido — seria para desagradação ao jovem "scholar" do Freyre que estudava em Oxford, depois de formado em Columbia. No entanto, fizeram-se, grandes amigos logo ao se conhecerem numa caquela do Café Lafayette. O Recife então começava a se descaracterizar, perdendo alguns de seus melhores encantos. "Estávamos no Brasil de depois da guerra" — é a voz evocadora de José Lins do Rego — "com o aquecer de Pernambuco em elevação, um governo novo abrindo avenidas, um higienista pondo problemas de saúde em foco, uma prefeito metódico e borrando de feio a bela cidade do Capibaribe. O Recife em plena inflação de mau gosto. Conheci Gilberto Freyre nessa época de prosperidade e estupididade".

Por esse tempo, o futuro autor de *Menino de Engenho* era um jornalista de oposição, exaltado pelo panfleto político e que, em literatura não fora além de alguns franceses políticos e que, em literatura não fora além de alguns franceses e de Eça de Queiroz, embora escrevesse por instinto crônica e contos em que Gilberto Freyre encontrou algum interesse. Gilberto Freyre lhe revela um outro mundo, o mundo das idéias, em literatura não fora além de alguns franceses e de Eça de Queiroz, embora escrevesse por instinto crônica e contos em que Gilberto Freyre encontrou algum interesse. Gilberto Freyre lhe revela um outro mundo, o mundo das idéias, em literatura não fora além de alguns franceses e de Eça de Queiroz, embora escrevesse por instinto crônica e contos em que Gilberto Freyre encontrou algum interesse. Gilberto Freyre lhe revela um outro mundo, o mundo das idéias, em literatura não fora além de alguns franceses e de Eça de Queiroz, embora escrevesse por instinto crônica e contos em que Gilberto Freyre encontrou algum interesse.

— cada qual a seu modo — de denúncia e reivindicação social, sobretudo na fase heroica dos primeiros livros, que levou seus autores a serem incomodados pela Polícia Política daqueles anos. Após quase dois anos de convivência diária com Gilberto Freyre, intensas leituras e profunda identificação espiritual com a cidade do Recife, Zé Lins parece subitamente querer dar um novo rumo à sua vida. Casase, em 1924, com D. Filomena Maria — Maria, filha do Senador Antônio Maria, e deixa o Recife, indo exercer a magistratura em Maranhão, Minas Gerais, onde pouco se demora; o mau estudante de Direito não seria um bom Promotor Público. Na terra mineira, se entusiasma: o exercício profissional da Justiça não o seduz. Lá Proust, Thomas Hardy e assim a *Nouvelle Revue Française*, onde vai encontrar, num texto de Mistral, inspiração para as páginas iniciais do *Menino de Engenho*.

Destilado dessa experiência em Minas Gerais, vai exercer a função de fiscal de bancos em Maceló, e na capital de Alagoas convive com — entre outros — os escritores Aurélio Buarque de Holanda, Rachel de Queiroz, Jorge de Lima e Valdemar Cavalcanti, mantendo sempre contato com seus amigos pernambucanos, principalmente com Gilberto Freyre e com o crítico literário Olívio Montenegro.

O ensaísta e colunista literário Valdemar Cavalcanti disse considerável... José Lins do Rego, um acontecimento na minha vida. Faz quase trinta anos" — Valdemar escreveu esse depoimento para "O Jornal", do Rio de Janeiro de setembro de 1967, ou seja, no dia da morte de Zé Lins — "ele me apareceu em Maceló, fiscal de bancos, usando bengala, monóculo e colete. E, desde o primeiro contato, senti a força dominadora de sua personalidade. Escrevia, então, José Lins, rodapé de crítica literária e pequenos artigos sobre os mais variados temas, despertando, nessa época, no meio pequeno, enorme reação pela agressividade de suas afirmativas e pontos de vista. Tivemos, desde então, a mais íntima convivência. Ao adolescente, que eu era, José Lins transmitiu, no cotidiano, lições de amor à Literatura. Vi-o madurar lendo os seus livros franceses, que sempre foram a sua paixão. Vi-o escrever o primeiro romance de livro, um livro sobre Gilberto Freyre, que foi depois rasgado e esquecido. Em seguida, houve a colisão inesperada de *Menino de Engenho*. José Lins escreveu essa obra-prima no ritmo de sempre: toda as manhãs, punha seus garrafinhos em exatamente três páginas de um caderno de exercícios escolares. E, em seguida, iamos para uma velha praça abandonada da cidade, onde ele passava a ler e que ficava, às vezes aos gritos, separando uma ou outra criança acesa que por ali andasse. Foi o dattilógrafo" — prossegue Valdemar Cavalcanti — "dos seus primeiros livros, e foi por intermédio minha que *Menino de Engenho* teve seu primeiro editor — Andersen Editores — de dois amigos meus".

José Lins do Rego pensou, inicialmente, em escrever uma biografia do avô, espécie de monografia de um senhor de engenho, visto pelo meio, e foi então que a veia romanesca teceu e ensaiou, valendo em eraticidade do que sociólogos — o que deveria ser obra puramente documental de uma região e de uma época. Mas, nos seus legítimos caminhos, encontrou a vocação, a de romancista da memória. Sucedem-se os livros, em que o crítico Wilson Martins vê como uma constante "a busca do Superego, manifestada da mais variada maneira", através de sua personalidade, em sua personalidade típica de Zé Lins, que é por excelência o homem solitário, perdido no escuro entre dois mundos. Ele afirmou sempre a sua crença na literatura — e reserrou no prefácio ao livro de ensaios *Gordos e Magros* — como "em coisa substancial à vida e essencial para a grandeza do homem". Na sua capotidade entre "dois mundos", surpreende Wilson Martins a coerência de mundo mental do escritor, na colação em sua obra do sexo como um tipo de "exercício místico, restaurador da vitalidade e terapêutica espiritual", criando Zé Lins um mundo interior que não pode na verdade ser dividido e classificado com rigor, com a sua "essência íntima, suas leis próprias, e "governado por um sistema solar" — escreveu Wilson Martins — "cujo centro é a estrela negra da decadência".

Fundamentalmente, por certo, são certas constâncias que podem ser observadas na obra de José Lins do Rego, desde o primeiro romance, *Menino de Engenho* — cujos quarenta anos de lançamento se comemora este ano — ao último segundo e último, *Compocitors*, de 1968. São as projeções de homem com seus complexos de "menino enjeitado" — malgrado a grandeza e a riqueza do avô — que o tempo jamais apagaria — mitigada a grandeza e glória, ainda em vida, do escritor. Ao mesmo desajustado sucede um adulto complexo, figura humana das mais curiosas. Todos os amigos de José Lins do Rego e evocam com ternura, mas não deixam de apontar suas idiossincrasias. Aurélio Buarque de Holanda, o descrever: "já homem maduro, pai e avô, no Rio de Janeiro: com o horror à solidão, levando os amigos para dormir em sua casa, e ele próprio dormindo um sono inquieto, cortado de terríveis noturnos; e desparando os amigos de madrugada: "Acordem seus grandes chefes" (corruptela de chantagistas, adotada para uso pessoal) — mas homem generoso, cuja obra é toda um transbordamento de sede de justiça social, dentro do complexo econômico, sociológico e psicológico da vida dos bangas dos engenhos e das minas, criando uma epopéia rural do Brasil — pobre, melancólica, dolorosa — como a própria vida intrahumana daquela sua gente que se move nos partidos de cana, nos engenhos, nas bagaceiras da vida nas casas-grandes do Nordeste. O romancista se humaniza com a própria experiência pessoal: seus sofrimentos, suas angústias, as inquietudes da carne e da alma, que o atormentavam, sua desajustamento, seus terrores e seus pecados, resultando tudo em última análise, numa espécie de sublimação a um tempo erótica e angélica; a sensualidade, o amor, a piedade, a incerteza, a paixão da liberdade da justiça social.

"Vou ao futebol e sofro como um pobre-diabo." Nesta frase de José Lins do Rego, várias vezes repetida, está todo o seu brasileiro e mais uma síntese de sua integração ao ambiente carioca e com o povo do Rio, porque a estira maior do seu "sofrimento" eram as campanhas do Flamengo, o time de torcida mais popular da cidade, o Mengo do Zé-Ninguém carioca, ao qual se filiou; já insignificante escritor. Envolto na bandeira do Flamengo foi espartilho, aos 36 anos.

Foi eleito, a 15 de setembro de 1965, para a Academia Brasileira de Letras, tomando posse somente a 15 de dezembro de 1968 com um discurso de excepcional repercussão em que não fez o elogio de seu antecessor. Ataulfo de Paiva, de quem disse: "Chegou ao Supremo Tribunal Federal sem ter sido um juiz sábio, e à Academia sem nunca ter gostado de um poema".

Era o eterno menino de engenho, o doidinho, o homem espontâneo que não se traja, que ao vestir o fardão comprado com o dinheiro dos contribuintes paralisados estrecha-se através do seu discurso de posse em toda a autenticidade, sempre p a r t i e p a n d o — ora errando, ora acertando — e nunca deixando de viver intensamente cada momento, como homem e como escritor. Oferecendo-se sempre vivo, vibrátil, vibrante, dando razão ao crítico Otto Maria Carpeaux, quando disse: "A obra de José Lins do Rego é mais, muito mais do que um documento sociológico: é qualquer coisa de vivo, porque o seu criador: lhe deu o próprio sangue, encheu-a de sua graça e tristezas, risos e lágrimas, de sua grande sabedoria literária. Deu-lhe o hábito de vida. Essa obra não morre tão cedo. É eternamente jovem, como o povo; é eternamente triste, com o povo".

POÉTICA, UMA SUBVERSÃO LINGUÍSTICA, SEGUNDO JAKOBSON

CID SEIXAS FRAGA FILHO

O pensamento de Roman Jakobson, desde o Círculo Linguístico de Moscou, em 1914/1915, até os dias de hoje, foi enriquecido pela argúcia crítica e pela sensibilidade perquisitiva deste grande mestre da Poética e da Linguística do nosso século. Já em 1917, com a Associação para o Estudo da Linguagem Poética, de onde nasceu o tão combatido e combativo Formalismo Russo, escola que conferiu um cunho autônomo e sistemático à ciência da literatura, Jakobson colocava-se num posto de vanguarda em relação aos linguistas que impunham limites apriorísticos ao então indemarcado campo de pesquisa. Sua posição crítica já era bastante sólida, embora então não tivesse formulado os conceitos de Poética que seriam a tônica da sua maturidade e abririam novas perspectivas para o estudo do poema.

Cabe, portanto, aqui, antes de iniciarmos estas anotações, deixar claro que a expressão "Poética, uma subversão linguística" não mais reveste a um confronto comparativo com a ausência do pensamento de Jakobson de hoje. É o que tentaremos, ao curso deste trabalho: compreender o núcleo de idéias do primeiro Jakobson (para usarmos de uma distinção feita por Merquior) e chegarmos às suas mais importantes e definitivas constatações.

Este artigo (extralido das anotações que serviram de núcleo à introdução de um ensaio que estamos concluindo, sobre o pensamento de Jakobson) não tem, naturalmente, pretensão de abordar aspectos de exclusiva competência linguística ou formular proposições originais dentro do poema; visa apenas, fazer uma breve referência para melhor compreensão de uma das mais importantes correntes poéticas do século vinte.

É conveniente, como ponto de partida, lembrarmos que, entre nós, somente a partir de Augusto e Haroldo de Campos se passou a ter uma noção objetiva e concreta da natureza lírica, mais recentes movimentos de vanguarda se aplicaram ao trabalho teórico dos concretistas, os cam a um levantamento do texto poético para chegar a um sistema semiótico ou a um semiótico. Acreditamos ser de pouca valia se tentarmos discutir estas correntes que, somente, agora, começamos a formular uma consciência estética com base científica. É muito mais útil acordarmos para o exemplo de Augusto, Haroldo e Décio Pignatari, ou seja, o estado sistemático da Poética.

Façamos, portanto, numa abordagem a Roman Jakobson, ao formalista, aos estruturalistas e até mesmo à Linguística de Saussure e à Semiótica de Peirce. A partir daí, estaremos munidos do instrumental adequado a uma discussão e consequente análise do universo poético, de maneira menos caótica e mais específica.

TEORIA DA REFORMAÇÃO ORGANIZADA

Uma das primeiras preocupações das linguistas foi delimitar o campo da nova ciência. Tal esforço exigiu um trabalho rápido e exato de acompanhar a celeridade da chamada era mecanicista, o que, muito naturalmente, implicou numa série de conclusões apressadas e que necessitam o repulso dos novos estudiosos. Muitos linguistas não exatam, por exemplo, em repulsa a semântica dos seus domínios, vendo maior relação com outras ciências. O mesmo ocorre com a poesia. Estranho deslize no seu: na Antiquidade Clássica foi espúria da República de Platão e, na modernidade, da Linguística. Mas, do mesmo modo que, na Grécia, Aristóteles promoveu a sua valorização e a declarou mais filosófica e mais séria que outras ciências (Poét., 1541 A), o Formalismo Russo iniciou a sua incorporação ao campo da Linguística moderna.

Vamos lembrar que Ferdinand de Saussure, ao estudar a linguagem, não "desmontou" a sua função emotiva, tendo se concentrado na língua como "sistema transmissor de ordem intelectual", para usarmos as palavras de Matteo Carara Jr. Coube a Charles Bally o estudo do plano emotivo, criando assim uma estilística. De mesma maneira, outras funções ficaram à margem do domínio linguístico, teoria que o primeiro Jakobson reservou para a maturidade. Mas isso vemos: mais adiante. Fiquemos, por enquanto, no fazer poético como violentação da língua corrente.

Jakobson, citado por Elkenbaum, derruba a teoria da conformidade absoluta do verso ao espírito da língua, propondo uma deformação organizada da língua pela forma poética. Desta maneira, o ensaísta brasileiro José Guilherme Merquior, no artigo "Sobre Alguns Problemas da Crítica Estrutural" estranha como "o jovem R. Jakobson, por exemplo, definiu o poético em termos de violentação da língua corrente; a deformação semiótica era a seus olhos a marca do signo poético, porque assegura a emancipação da palavra de todo potencial denotativo".

Nos seus escritos iniciais, Jakobson proclamava que "a particularidade principal da semântica poética reside na formação de signos marginais". Afirma, muito embora o Formalismo Russo tenha apresentado proposições de grande validade para uma compreensão moderna do texto poético, grande parte das afirmações iniciais estava destinada a sofrer uma revisão das mais



radicais. Consequentemente, o enfoque do fazer poético não escaparia a este fato, tão compreensível num movimento revolucionário e destinado a por em pénculo toda uma tradição cultural. Um outro formalista russo — O. Brik — dizia que o verso é "uma semântica particular que existe de maneira independente e se desenvolve segundo suas próprias leis".

A SEMIÓTICA COMO GÊNESE POÉTICA

Desta maneira, a idéia predominante era que o campo da Poética transcendesse os domínios linguísticos, usando, inclusive, elementos que se confundem e enquadram na teoria global dos signos — quer sejam eles verbais, pictóricos, musicais etc. Assim, a Poética estaria diretamente filiada à Semiótica.

Ferdinand de Saussure já falava em uma "ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social", consequentemente reunindo todos os tipos de sinais discursivos e s'gnificativos. E professava: "A Linguística não é senão uma parte desta ciência geral; as leis que a Simbologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e essa se achará vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos".

Talvez isso parecesse aos linguistas uma credencial suficiente para considerar a Poética uma irmã da Linguística (ao contrário de uma subdivisão), não lhes cabendo nenhuma responsabilidade quanto à abordagem e ou à compreensão dos fenômenos verificados na estrutura do poema. A verdade é que a sistematização da Semiótica, bem como a formulação de leis iminentes aos sinais, nos mais diversos níveis, criou certa perplexidade em meio aos linguistas e a algumas correntes da poética de vanguarda, que continuam ainda pretendendo desvincular a poesia da ciência da linguagem e admitir-lhe tão somente em conexão com o inventário geral dos signos.

Tal pretensão, não parece contraditória: expulsar a Poética do território da linguagem implicaria na criação de um novo sistema, semiótico (que pode ser — e é — válido) mas não poesia, pelo menos dentro de um conceito que não dependa de circunstâncias presentes, como base única, mas tome um critério ou princípios poéticos considerados fundamentais pelo consenso geral dos poetas e estudiosos, no curso da história. Sabemos que a poesia é um sistema simbólico de "signos existentes" para criar o seu instrumental expressivo. Quando o Jakobson dos primeiros anos diz que o poema deforma as significações linguísticas, ele estava almequando o germe das suas posteriores afirmações ou seja: estava admitindo que a poesia se utiliza das leis da linguagem. Coube-lhe então, estudar este fenômeno, assumir as responsabilidades de uma abordagem, ao invés de confinar a um domínio de ninguém uma função

cada vez mais evidente, pela sua natureza específica.

Roman Jakobson deu o grande salto para um entendimento amplo do que propunha, quando disse: "estamos diante da tarefa de incorporar as significações linguísticas à ciência da linguagem". Anteriormente (desde o Círculo Linguístico de Praga), ele já vinha lutando no sentido de anexar os sons da fala à Linguística, constituindo assim a fonologia.

O campo estava finalmente pronto para o seméio da Poética.

Hoje, inclusive, o estudo das relações entre som e significado vem sendo a tarefa a que Jakobson se dedica com afinco. Este relacionamento, que não existe em Linguística (pelo menos assim propõe a teoria da arbitrariedade do signo), ganha plena validade no poema.

UMA FUNÇÃO HÍBRIDA

Assim como Bally estudou a função emotiva da linguagem, indo além da mera abordagem do seu caráter intencional e/ou referencial, outras funções foram sendo postas em evidência. R. Jakobson, no seu discutido ensaio "Linguística e Poética", diz que a linguagem deve ser estudada em toda a variedade das suas funções: "A Poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise de pintura trata da estrutura pictorial. Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da mesma".

Respondendo, de modo irrefutável e definitivo à questão que apresenta vários traços poéticos pertencendo não apenas à ciência da linguagem, mas à semântica, Jakobson afirma que tal ocorrência pode ser apurada, igualmente, em todas as variedades de linguagem — quer sejam elas emotiva, referencial etc.

Tem importância decisiva o que chamamos de "predominância de funções" e "funções aditivas". Em outras palavras: quando R. J. afirma que a estrutura verbal depende da função predominante, fica explícita a existência de outras funções que completam a emissão da mensagem.

Todos nós sabemos que a linguagem familiar, por exemplo lança mão de recursos pertencentes a outro inventário de signos que não a linguagem. Os gestos, o tom da conversação e a expressão facial são elementos d'verbo incorporados à elocução, na qualidade de funções aditivas. O fato de conversar entre amigos compreender um novo sistema de elementos convencionais não implica nunca desvinculação com o campo da Semântica. Isto todos conhecemos pacífico, por que estão lançando mão de diferentes escalas de valores em se tratando do poema?

A tentativa de exclusão da função poética seria uma poética híbrida, é bem verdade, mas parcial — nas duas acepções do termo.

Chegamos, por consequente, à conclusão que a Poética está d'ramente ligada ao que se chama de metalinguística, uma vez que a metalinguística parece bastante restrita; ainda mais se considerarmos o fato de muitos estudiosos chegarem a sentença como "a mais alta construção analítica". A metalinguística compreenderia todo o potencial do texto poético além da função referencial ou seu nível estabelecido ou a estrutura dos sinais entre a língua e os demais sistemas culturais.

No tocante se quisermos ser absolutamente fiéis ao pensamento jacobsoniano, teremos que resultar dos pontos de partida invertebrados: o primeiro é o fato de ligar a Poética com a metalinguística resultar numa alternância da sua natureza transcendendo a competência específica da Linguística; o segundo é a aderência do mestre formalista, com relação aos perigos da criação dos termos meta- e metalinguística pois apesar de pretendem uma maior exatidão de enfoque, estabelecem uma outra imprecisão: o caráter dubio do significado.

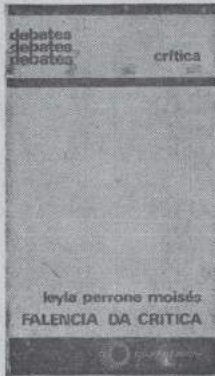
Mas o importante é que, através d'observações ao longo deste artigo, chegamos ao ponto pretendido, onde vemos a poesia como fenômeno mais complexo que a linguagem (por ser sistema simbólico de segundo grau). Constatamos que ela deve ser estudada sempre em relação com outros elementos, nunca isoladamente, em virtude do híbrido da sua natureza.

Admitamos igualmente que a predominância dos fenômenos linguísticos cria uma indelével dependência com relação à ciência da Linguagem. Visturbamos as correspondências das manifestações e significados, além de nos aproximarmos de Guimarães Rosa, quando ele afirma que "a metalinguística da língua deve explicar e que a lógica da língua obriga a errar".

Sabemos mais exatos: metalinguagem e instrumental verbal se confundem em poesia. A mensagem linguística é a própria realização linguística (como Poética, já dissemos) é uma função híbrida. A mensagem do texto existe em simbiose com o primeiro texto através do processo de transformação alquímica que Merquior chama de "síntese da mimese".

Mas esta já é uma outra questão — ainda em foco a definição forma contida — a qual esta pequena nota introdutória não se propõe a abarcar.

ORELHA DE LIVRO



A FALÊNCIA DA CRÍTICA é um trabalho que investiga em profundidade os fundamentos teóricos da própria crítica, seu campo, seus objetos, seus métodos. Para isso a autora elige uma obra-limite, a de Frédéric Ducasse, em literatura Contada de Lautréamont. A crítica francesa do fim do século XIX não estava preparada para enfrentar Lautréamont. É aquela que veio depois? O brilhante ensaio de Leyla Perrone-Moisés percorre sistematicamente os estudos críticos sobre um único autor dispersos no período de um século e através dessa aplicação analítica discute também a situação presente da própria literatura...

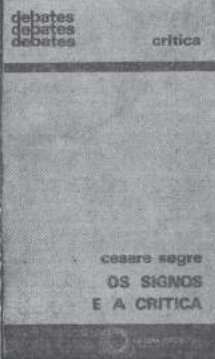
leyla perrone moisés
FALÊNCIA DA CRÍTICA

Quando um livro é apresentado ao público, o normal é dizer-se do excepcional da obra, da excelência de seus autores. Em Calabar, o elogio da fruição, isto não se faz necessário. Chico Barque, o compositor; Ruy Guerra, o cineasta; são nomes que dispensam elogios. Cabe, assim, falar de Domingos Fernandes Calabar, um vulto de nossa história, a personagem título desta peça teatral.

Quem foi Calabar? Para uns, um patriota; para outros, um desertor; para muitos, um traidor. Dele, com certeza, só se pode dizer: covarde não era. Era um bravo; um forte, um hábil guerrilheiro, um mulato de talento.



OS SIGNOS E A CRÍTICA faz o balanço das novas correntes de crítica literária analisando-as a partir da noção de signo onde Segre mostra como a Semiologia não substitui o Estruturalismo nas artes mas antes o continua e completa. Livro imprescindível por permitir ao estudante de Linguística, Teoria da Literatura e outras áreas afixa, uma visão comparada e crítica dos métodos mais atuais de análise do fato literário em que nomeados como o de U. Eco, Barthes e Metz, entre outros, são discutidos e analisados.



O DIA DO VENDEDOR DE LIVROS

Harry Costa, gerente nacional de vendas da Editora José Olympio, enviou ao "Jornal de Cultura" um artigo no qual considerava o dia do vendedor de livros um dos mais nobres do calendário das comemorações humanas. Este suplemento, sensível àqueles que desenvolvem um trabalho de alta significação social que os põe na mesma linha de importância cultural dos professores, editores e livreiros, considera benéficos estes disseminadores de cultura. Homens de fé, fiéis à missão de promover o livro em todos os cantos, em todos os lares, escritórios, empresas, fábricas, organizações de trabalho, inspiraram-se no seu patrono, o poeta Castro Alves, quando cantava em seus versos:
"Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!"

RESTOS

ILDÁZIO TAVARES

Há um resto da noite pela rua
Que se dissolve em bruma e madrugada.
Há um resto de tédio inevitável
Que se evola na ténue antemanhã.
Há um resto de sonho em cada passo
Que antes de ser se foi, já não existe.
Há um resto de ontem nas calçadas
Que foi dia de festa e fantasia.
Há um resto de mim em toda parte
Que nunca pude ser inteiramente.

O OVO

ROBERTO MACHADO

O ovo é um voo
alcançado na semente,
o horizonte do pássaro
em estado latente.
Mala do que a ave
que gosta, o ovo
gera o infinito
espaço onde lançá-la.
Assim que, concluído
o projeto, eleva
sua branca parede
à região das nuvens.

O BITUM

GERALDO VASCONCELOS DE JESUS

No mundo, desde infância, todas as coisas, todas as situações de radicadas de coexistir os mínimos penhorados. Imagina-se é temporário. Ao seu redor existem todas idéias todas submissões e renúncias que propendem a serem e manifestadas. Por vezes vê-se como um pouco, coisa rebuçada, nervosa, tremendo e que se funde à si mesmo. Não, ele não tem grêmios. Ele é arredo e misterioso, "gestivo". Chama, tipicamente pelas avessadas fugidos, fugidos, a um objetivo indeterminado e variável. Sai daqui até ali volta e retorna, muitas vezes por onde passa, se sentações que o atingem pelo caminho, os estímulos que inevitavelmente vêm, mas não se resolve ao nível da consciência. ou de, nada importa, apenas o fim.

Beleza. De tudo, da vida, de si mesmo. Com um sorriso raro esse é interessante e divertido, esgravidas nas suas manias e loucuras — mas distante perigos. Não compreensível. Ao mesmo "transmitir", mostram o que ele "se" pensa sua angústia, procura-se ver por fora, corrigir-se, estruturar a postura, as forças, o tédio por tudo. Mas não nunca se distende ao aborrecido aquilo que faz, chama, ele não pode, não tem o direito. A natureza (ou humana) o impõe. De viver sempre num meio-termo, num intervalo do mundo, entre um real invariável e bom, que se traduz em gestos e palavras — "dele" — estilizadas, acusticas, ou em sua significação, toda refletindo a presença "sua" a presença e um mundo sentido, não completo, apenas abençoado com tentativas de se tornar tudo, inteligente, um homem de conhecimentos e um homem fora a realidade. E um ser intermedietário, não há dúvida, vive numa outra dimensão, uma dimensão povoada de idéias de inutilidade, coerência, inquietude.

tudo e desolado propósitos de "furar" algo definitivo algo que realmente "vale" e "pode". Mas tudo não, porém, tudo é relativo, tudo revolta-se facilmente mas e feito e a sua decepção perante as pessoas e coisas e sempre constante. Condição de pensar o ideal, o absoluto. Melhor, ideal. Heretico, trabalho, sempre, tudo sem divergir em a petição o outro dos outros. Mas jamais é assim. E ele se descepciona. Com as pessoas os amigos, miticos, ideias, revoluções. Dá ele não toma decisões, iniciativas, apenas espera passivo e "desentorvar" os acontecimentos. E as pessoas não o deixam por ele é criado a agitação e prurimento.

Mas esse que o Todo, sempre o Todo, sempre detalhes, apontamentos, simplificações. Inevitavelmente porém verdadeiras e reais de ponto de vista prático e objetivo. Distingue o significado profundo de idéias mas é intrínseco de fé-las. Antes de tudo ele prima em fragmentos, porque indolente de ideias, sem hipóteses fixas e ligadas entre si. De o seu estilo de vida tão lento e equívoco. Não despenso de si mesmo. E tudo isto o torna uma espécie de Deus malogrado e não, mas também solitário e muito distante de todos. Como Deus ele compreende e como Deus ele não age. Está adma e abando de tudo: e reconhece sua impotência. Sem eficácia na vida ele deve ser destruído ou não se modifica. Assim como Deus ele também se arranca suas próprias contradições e dúvidas e posturas de abdicar. Enxameado à relatividade, à superfluidade, à eficácia, e à potência. Queris, ter o direito a "falar" a palavra contraponto e ideias firmes e transmissivas. E não, depende apenas de uma decisão, uma única decisão, que é tão difícil de tomar. Enquanto isso vive apenas um Bitum, um habitante de um mundo inaproveitado e intermedietário, ancorado entre duas paredes, duas ideias, duas verdades. Entre, o mundo.

ESTRADA

HELENA PANTE

Tenho vontade de parar
E olhar a grande estrada percorrida
De relembrar o que amamos
E reviver o sonho que foi vida.

Quem como nós tanto andou
E repertório vem o mesmo amor.
Traz em seu coração o anseio
De regressar ao que lhe deu calor.

Mas, em nós fica só vão desejo,
A alma tobiada de pausadas ressonâncias,
E nos quedamos em última prece
Sem conseguir voltar a esta distância...

ADÁGIO

ANTÔNIO BRASILEIRO

Meu filho, o homem
é um vago animal
despetalado.

Olhe aquela flor
que nasceu na rua.

VARIAÇÕES SOBRE O MAR

TESSA

(terceiro canto)

Este mar é meu
pelo azul
que me oferta
de domingo.

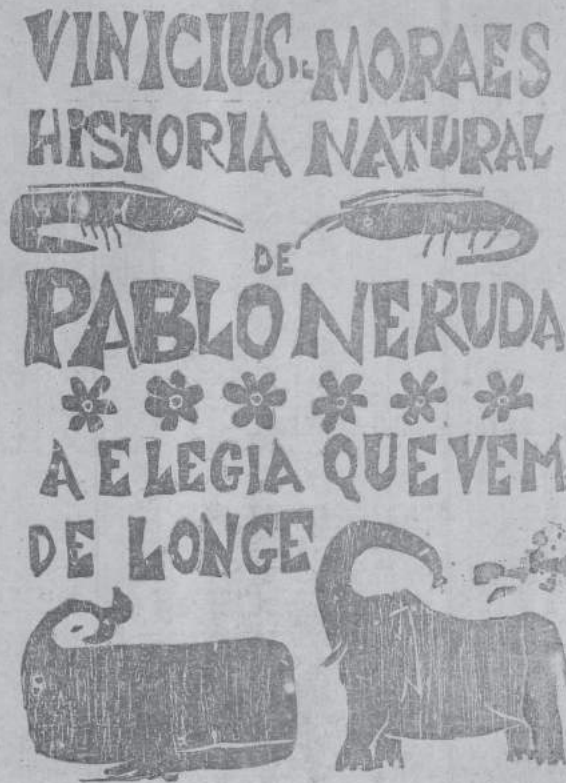
Ah, este mar
que r' inventa
de naufrágios
por que me sei
de abandonos

Pavanas
para o mar,
Mremotos
não são.

Marés de março
mas o que somos
despedaçados
em penhascos.

Este meu mar
principia do segredo
que o mistério
da areia
cria os búrfos
e onde não há
nave de sonhos
que aportar.
Pavanas
para o mar.

Esta "História Natural de Pablo Neruda" também chamada "A Elegia Que Vem De Longe" foi escrita no principado livre e autônomo de Iiapuá no mês de outubro do ano de Iemanjá de 1970, com muito amor e muita dor pelo poeta VINICIUS DE MORAES, na trágica circunstância da morte de seu amigo fraterno o grande poeta chileno que partiu dez dias mais tarde do que devia, tendo sido ilustrada com gravuras em madeira por CALASANS NETO e composta e impressa em Salvador, Bahia, no ano de OGUM de 1974, que assinalou os 80 anos de mãe MENININHA DO GANTOIS, na tipografia dos monges beneditinos, para as EDIÇÕES MACUNAÍMA, em tiragem limitada de 300 (trezentos) exemplares, fora do comércio, havendo contato com a coordenação do poeta FERNANDO DA ROCHA FERES e supervisão gráfica de ALCINO BEMBY. O lançamento foi na casa do poeta VINICIUS DE MORAES, com a presença de várias figuras da vida cultural baiana.



EDIÇÕES MACUNAÍMA (este é o seu título). Para resistir ao marasmo provinciano, em 1957 quando da encenação de As Jogralascaz (no Colégio da Bahia) e da fundação da revista Mapa os então jovens Calasans Neto, Glauber Rocha e Fernando da Rocha Peres fundaram as Edições Macunaíma. De lá até hoje, uma série de títulos e autores foram editados (Gregório de Matos, Godofredo Filho, Florisvaldo Matos, Miriam Fraga, Pedro Nava, Carvalho Filho, dentre outros), todos em tiragem limitada e fora do comércio. As edições nunca saíram em bases comerciais, pois se destinam a um círculo muito restrito de leitores, que prezam a qualidade gráfica dos trabalhos, no caso de Macunaíma, na maioria das vezes finalizados pelos próprios autores. Agora, Macunaíma vem de lançar o livro de Vinicius de Moraes. "História Natural de Pablo Neruda".

1947. Breve retorno ao Chile e criação de "Canto General"

(O Senador Pablo Neruda
Perseguido pela polícia de González Videla
Refugia-se no seio do povo, que o oculta
De casa em casa, de choupana em choupana
Cada vez que o perigo ameaça, o povo
Ama o seu poeta, faz em torno dele um muro
De silêncio, dá-lhe pão
Queijo e vinho, a morte ronda com os patrulheiros
A senha passa, à noite levam-no embuçado
Para outro sítio, mil olhos campesinos
Vigiam, as estrelas vigiam, a Lua
Se oculta entre nuvens para que não o vejam
Os assassinos, súbitas tormentas
Desencadeiam-se à aproximação furtiva
De seus passos, o poeta com a cabeça
Em chamas vê distante a cordilheira, os altos
De Maechu Picchu, a queda dos meteoritos
Sobre o crepúsculo da Iguanda, as rosas
Proclamações, o pastor ruano
À tanger doces thamas
Os pueblitos, as nações
Empapadas de sangue, a mão
Em garra dos tiranos, e o poeta
De rua em rua, rio em rio, casa em casa
Cidade em cidade dá adeus ao cobre
Se afasta do salitre, come pétalas
De vermelhas papoulas, transpõe Mguas
Em lombo de muaras, o poeta
Contra os azares, contra o vento
Fossil a América!)



Um poema - canção de amor desesperado.

Cuerpo de mujer, blancas colinas, muslos blancos
Te pareces al mundo en tu actitud de entrega.
De coordenadas tales y horizontes tan grandes
Que asísin, inmersa en amor, es una Atlántida!
Como todas las cosas están llenas de mi alma.
Emerges de las cosas llenas del alma mía.
E ponho-me a ciemar... — mulher, como te expandes
Que inmensa es tu! — motor que o mar, maior que a infância!
Cielo desde un navio, campo desde los cerros
Onde, a mides vestida só de luan branco
Eu la mergulhar minha face já triste.
Fero cae la hora de la venganza, y te amo
Cuerpo de piel, de musgo, de leche ávida y firme,
Como o mar ao penhasco onde se afira insano
E onde a bramir se aplaca e ao qual retorna sempre,
(Ya no la quiero, es cierto, pero tal vez la quiero
Es tan cierto el amor, y es tan largo el olvido.)
Fuy tuyo, fuiste mía. Tu serás del que te ame
Del que corte en tu huerto lo que he sembrado yo.
Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderé partir
Num amor cheio de rendúcia. Yo no lo quiero
Amada, para que nada nos amarre, que no nos una nada.
Eu dehetrei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos
que são doces
Porque nada te poderé dar senão a mágoa de me veres
eternamente exausto,
Fuy tuyo, fuiste mía. Que más? Juntos hicimos
Un recodo en la ruta donde del amor pasó.
Meu sonho, eu te perdí, tornet-me em homem.
O verso que mergulha o fundo de minha alma
É simples e fatal, mas não tras caricia.
Confesso que me canso de ser hombre.
O que sou eu senão um grande sonho obscuro em face do Sonho
Senão uma grande angústia obscura em face da Angústia?
Puedo escribir los versos más tristes esta noche...



jornal de cultura.

suplemento literário do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês
cidade da bahia, 5 de maio de 1974 - número 12



O poeta Godofredo Filho, único baiano que participou das atividades literárias do grupo responsável pelo movimento de arte moderna no Brasil, completou setenta anos no dia 26 de abril. Foi homenageado pelos amigos (na foto aparecem: Carlos Cunha, David Salles, Carvalho Filho, Godofredo, Humberto Filho Guedes, Ramakrishna Bagavan - Diretor da Fundação Cultural do Estado - e Cid Seixas Fraga Filho, O JORNAL DE CULTURA que com este número completa uma ano de existência comemora o acontecimento dedicando esta edição ao velho poeta. Outras homenagens serão prestadas no dia 7, às 19, na Igreja do Mosteiro de São Bento, com celebração de Missa pelo Abade Dom Timóteo Amoroso Anastácio, declamação de poemas e lançamento da plaqueta "Soll'loquio", sob os auspícios da Fundação Cultural do Estado. O DN será representado nas comemorações pelo seu Superintendente Florentino D'Anunciação.

CODOFREDO FILHO

MANUEL BANDEIRA
(in O JORNAL, Rio, 1927)



Silhueta de Godofredo Filho

A apresentação vale a pena. Godofredo Filho é um admirável poeta. Tem 29 anos e nunca saiu da Bahia. Sensibilidade ardente e pronta técnica poética, ao par dos últimos jicadas da vanguarda. E, o que é inestimável, a ausência de preconceitos modernistas. Sem dúvida que detesta passadistas, mas não é dos tais que desejariam botar abaixo a Sé Velha abrir avenidas amplas e arejadas. É namorado de todas as velhas casas da Bahia que ele conhece palmo a palmo. Sabe a hora propícia em que se de olhar lá fechada, tal pético, tal saúdo, tal juncia. E confia-nos ao ouvido, como se revelasse intimidades de amigo, os detalhes históricos daquelas pedras veneráveis. — Aqui, nesta Capela, Vieira pregou o famoso sermão contra as armas holandesas... E o perfume que lhe vem da terra natal não é cheiro de velharia, mas odor virente de mocidade que o exalta:

No silêncio da tarde americana...
(O cheiro bom da mulher moça!)
Perfume da minha terra!

A poesia de Godofredo Filho é tão bem educada como a de Ronald ou de Guilherme. Porém, de baixo daquela sociedade elegante de cidadão há sombras desatinadas de jagunço, há dentes chiando no fogaréu vermelho e rumores inquietantes de arapuz danadoe...

GODOFREDO SEGUNDO ALCEU, SCHMIDT E GRIECO

1

ALCEU AMOROSO LIMA

Queria dizer-lhe, — e aqui o faço nas poucas palavras que o tempo me permite (pois embarco daqui a 2 horas) — queria dizer-lhe, primeiramente, quanto me comoveu ter Você se lembrado do meu nome para oferta tão admirável, incluindo-me no rol dos seus mais íntimos. Isso me tocou muito. Em seguida, pelo prazer autenticamente requintado que a leitura dos seus sonetos, dignos de Horácio e Gôngora, me proporcionou.

Como o nosso Albano, dos tem-

pos simbolistas, Você se manteve fiel à sua mais pura inspiração clássica, não neo-clássica, nos campos do modernismo. Como um Guilherme de Almeida, ou como um Alagar Renault ou um Odylo Costa Filho. Você pertence à grey (ponho um ípsilon de propósito) que para acima das controvérsias. E que escreve uma língua tão pura e tão alta, que nos transporta para lá do tempo e do lugar.

Haverá maior poder para a Poesia?

(Rio, 18 de setembro de 1971).

2

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Mestre Godofredo Filho move-se com lentidão e dignidade. Vossa o assidua das jarcas antigas: — Godô, Goduinho, Godosô! Godofredo promete vir tomar café um dia, mandar um pete, não talar a certa cerimônia ou festa. E caminha sereno desceendo ou subindo as ladeiras. Lembro-o quando chegou o Mestre ao Rio em mil novecentos e vinte muitos pagueado por Mário de Andrade. Moço em flor, mas já nascido, civilizado, correto. Agora é

um maduro como eu mas continua o mesmo homem fiel às preocupações de sempre, aos temas balneares bem amados. Acontece apenas que Godofredo Filho já se misturou para sempre à atmosfera, ao espírito, aos azeites balneares. É um baiano que à força de o ser universalizou-se. Tão baiano que é um grande da cultura, de toda a parte.

(Páginas de "Galo Branco", em "Revista da Semana", n. 14, Rio, 1957).

3

AGRIPPINO GRIECO

Godofredo é um místico que ainda não achou a sua mística. Sufocado, compõe umas arietas sentimentais, tramas sérias de versos quase incorpóreas, que recita com voz autocada, de quem está sendo estrangulado pelo garroteador da tela de Goya. Na virtuosidade do abstrato, Godofredo converte tudo em visão arcaica. É um alucinado dos séculos esse pobre menino per-

rido num mundo sem alma, num mundo de bichos de ferro. Doido pelo acarajé e também pelas vendedoras de acarajé, sabe toda a Bahia de cor, trecho a trecho bequinho a bequinho. Conhece a cor do tempo, a cor dos olhos de todas as criaturas. Romântico cantor de Ouro Preto e da sua Feira de linhas retas, dormecinha de planura, como a bela do conto de Perrault...

(In "O Jornal", Rio, 18.11.1934.)

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, circula no primeiro domingo do mês, com a participação da Fundação Cultural do Estado, Edredêço. Rua Carlos Gomes, 97 Salvador—Bahia. Telefones: ... 3-2022 3-2045 e 3-2047.

Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas à comissão editorial, à qual se reserva o direito de vetar a publicação.

Editor:
CID SEIXAS FRAGA FILHO
Coordenador:
CARLOS CUNHA



Foto de 1950, onde aparecem Caribé, Odorico Tavares e Godofredo Filho

MESTRE GODOFREDO

JORGE AMADO

Fernando da Rocha Peres, poesia e memórias da Sé, comunica-me ao telefone: — Festa no país da cultura, seu Jorge, Mestre Godofredo Filho completará setenta anos na próxima semana.

Setenta anos? Godofredo Filho? Grande festa, sem dúvida para todos aqueles que amam a cultura, a beleza, mas restam dúvidas no ar, sinto-me envolvido por elas, numa atmosfera obscura, um tanto misteriosa, própria de poetas.

Pois outro poeta, Odorico Tavares, familiar de Godofredo desde os idos de quarenta quando o cidadão Odorico desembarcou em nossa cidade vindo do Recife em busca de santos antigão e de arte moderna (e como trabalhou bem numa e noutra especialidade!), afirmou com convicção e conhecimento de causa terem sido comemorados há alguns anos, em ignota intimidade de cururus, ratapiás, moquecas e vinho francês, os verdadeiros setenta anos de Godofredo Filho, poeta principal da Bahia. Festa íntima mas que festa!

Com quem a verdade, com qual dos poetas? Com Odorico, com Fernando? Devido esclarecer-me no meio do povo, pois, sendo um requintado do verso um erudito de alfarrabos e vinhos, mestre J. bebeu também na sabedoria popu-

lar, nas fontes mais puras onde beber se possa o sentimento vital da alegria. No odor do azul e da pimenta, aqui, é o elo do poeta de lábios populares e competentes.

— Setenta anos? Mentira dele, tem tudo o que... Pouco mais que cinquenta, sessenta talvez, é um moço de brio, língua de mel. Do mel da poesia que é licor capiteado para nossa leve embriaguez quando provamos os sete sonetos do vinho de porto, do m'café, do lerez, do madeira, do toquá, do malaga, do constantia quando entramos Gô-gô a dentro no talar mais doce, na luz mais líria. Ou nos becos da cidade da Bahia, no mistério noturno de sombras mornas e na secreta fonte da vida de onde nascem a beleza, a ode, o canto de amor, onde mata alto se eleva a poesia de Godofredo Filho.

Mestre poeta sem idade, moço de brio, senhor da sabedoria dos livros e da sabedoria do povo, na estrofa, na transcendente defesa do patrimônio artístico, na mesa destilante natureza morta, no calor da estabade, nas obscuras encruzilhadas e no largo caminho da criação, Godofredo Filho, enriquecendo-nos.

Longa vida, mestre Godô, para que a poesia continue a desabrochar cada manhã na nova sven'da de largas pétas, luzes inúmeras, e no mais distante e pobre beco de Salvador da Bahia.

BILHETE DE MARIO DE ANDRADE

Boato de Barros
Fui aqui omitido de Godofredo
Filho e quero pedir pra você
passar o... horas da minha terra
e da minha gente pra ele. Si
crio misto porque aqui car-
tão? Carta até ora mala pra
de lá no hotel e eu nesta
babaça grande comendo uma
peixada, comida da casa
com vinho branco e uvas.
deixe tudo de falar. Oxi-
leiro, diante de tanta tra-
dição e gosturas. Mostre
coisa, leve bozitas, belem!
Arquiteto, Tarsila, São
Paulo, que vivera com a
Baby, do ce pseudonímico e a
com... etc. e abracão do
me aqui! Godofredo e J. J. J. J.

Fac-símile do bilhete onde Mário de Andrade apresenta Godofredo Filho a Couto de Barros. (1927) — "Ela gostou muito de Godofredo Filho e quero pedir pra você fazer as honras da nossa terra e da nossa gente pra ele. Escrevo isto porque não sei quanto tempo está na mala grande lá no hotel e eu nesta Cabeça grande comendo uma peixada à moda de casa com vinho branco e uvas desistindo de falar brasileiro diante dessas tradições antigas. Mostre coisas bem bonitas, belem! Arquiteto, Tarsila, São Paulo, Guilherme com Baby, você graduação e com... etc. Me abraça! Godofredo e poeta. Abraço do Mário".

O TRADUTOR E O ENSAISTA

SALOMÉ

AS MÃOS

APOLLINAIRE

VERLAINE

Senhor, para que João uma outra vez sorrisse,
ou quisesse dançar melhor que um Serafim.
Porque vos vejo tão tristonha, ó mãe, disse-me,
em trajes de Condessa, ao lado do Delfim.

A sua voz somente, o coração batu-me,
e a dança que eu dançava, ó pobre coração!
Também lírios bordai na faldinha que ao vento
ondearia, de cima, em seu fatal bastão.

E, agora, para quem hei de tecer tais flores?
Hoje, o beirão floresce, é margem do Jordão.
Vieram prendê-lo, aqui, seus guardas, Rei Herodes,
enquanto em meu jardim lírios murcham no chão.

Andai sob esta fronde, ou mais além. Avança.
Nem fiquês a chorar, lindo bufão de El-Rei.
A cabeça por entre e, não, seus guisos. Dança.
Ó mãe, sua fronte estira. Amor, não n'á toques.

Ida à frente Senhor: segui, alabardeiros.
Abriremos um fosso e lá a enterraremos.
Mas flores plantarei e à volta balançamos
nã que pela terra eu perca a minha lago.
O Rei, sua taboalreira,
e a infanta, seu roário,
e o cura, o breviário.



Godofredo Filho, foto de 1939.

As leves mãos que foram minhas,
Tão pequenas e tão belas,
Depois destas horas dançadas,
E de tormentas, de quebras,

De viagens brutais, de surpresas,
Do abismo das mares medonhas,
F'algas, reais, como Princesas,
As tuas mãos abrem-me os sonhos.

Mãos que adormecem na minha alma,
Sabria o que, em vossos orçulos,
Entre perfidias tão sem calma,
Segredariês num marulho!

Iludir-me-á a visão casta,
De afinidade espiritual,
De uma simetria tímida e vasta,
De doce anêpiu maternal!

Remorso que afaga, doçura
Senhor nos na penumbra boa,
O mãos unidas de ternura,
Fazei o gesto que perdoad!

MISTÉRIO JEREZANO

GODOFREDO FILHO

Que presidente se há de eleger e a forma da sua eleição já se tem decidida. Mas a pergunta é se há de eleger o candidato da direita ou o da esquerda. A pergunta é se há de eleger o candidato da direita ou o da esquerda. A pergunta é se há de eleger o candidato da direita ou o da esquerda.

A história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância.

Quando a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância.

Quando a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância.

Quando a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância.

Quando a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância.

Quando a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância.

Quando a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância.

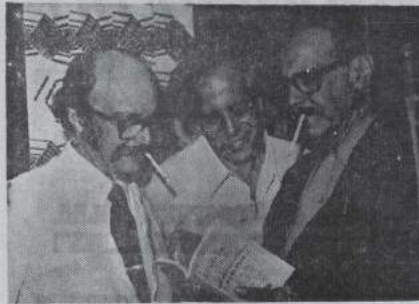
Quando a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância.

Quando a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância.

Quando a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância.

Quando a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância. Mas a história seguinte não tem qualquer importância.

POEMAS E TEXTOS INÉDITOS



Godofredo Filho
 e Gilberto Freyre,
 no
 Alto do Bonfim
 (em junho
 de 1954).

Maurro Mota
 oferece
 um dos seus livros
 ao poeta
 do "Lamento
 da Perdição de Erone"
 (1971).
 Entre os dois
 aparece Fernando
 Leal.



SINFONIA

Troça dos gritos,
 lentas,
 honras gargalhadas
 perfurando
 o cristal
 da noite azul,
 inteiramente alerquinal!
 Percecente ruído
 minido
 agudo,
 pontagudo,
 trilo que dói
 na memória auditiva...
 Malassombramento selvagem dos ermos...
 (6 risada glacial)
 Cri-cri-cri!
 (tremendo,
 tremendo)
 Cri-cri-cri!

TAUROMAQUIA

vieram
 soloadas
 marinheiras
 boxeiras
 atores de cinema
 prostitutas
 cantores de rádio
 boemos
 e bêbedos
 (Verlaine e Rimbaud se beijavam
 Napoleão e Lénine X comilan kerzenos
 Venus de Milo conquistava o bacherel mulato
 que punha talco nas axilas)
 vieram
 as coures
 os repolbos
 os nabos
 um tenente teosofista
 um açougueiro espirita
 o frade
 um rei de copas
 e todos os banqueiros de bicho
 veio o Poeta Manuel Bandeira
 com sua noiva a Estrela da Manhã
 Stalin (tomando vodca)
 o Padre Cicero Romão
 meu avô Pedro para inorror
 frange cartola vendez-vous marcado
 e Sara fazebdo xixi
 as homens querendo as mulheres
 as mulheres mais querendo os homens
 curro bofetadas venoz
 úlceras vitriolo chifres

ASTRONÁUTICA

O time é imaginário,
 aberto como um cubo de luar, diáfano
 e armado de ozane.
 Na projecção da pena distensa,
 a nebulosa amorfa do Cisne.

DO DIÁRIO DO POETA

Bahia, 18/2/1964

Prieuro revisar o meu conceito de gula e
 lelo a respeito os troços. E que deve saber até
 onde os prazeres da comida e do vinho, tão per-
 sistentes nas implicações de minha vida, cons-
 tituem pecados graves que cumpre evitar. Evi-
 dentemente, para que sejam falhas que privem
 a alma da graça habitual, pecados inócuos en-
 tre os captais, há que alguém encontrar, nas
 vandas e bebidas que consomse, um fim, sobre-
 tudo se, na diligência de aprimorá-las ao extre-
 mo ou de locupletar-se delas, buca uma *ultima*
 e soberana razão. Se a gula, como a definem os
 tratadistas, "é o amor desordenado dos prazeres
 da mesa, da bebida, ou da cam'nda", tal desor-
 dem advem de precurar-se o prazer do alimen-
 to por si mesmo, "considerando-o explicitamente
 como um fim", ou de usá-lo com excessos o pro-
 pulso de prazéria vida. O pecado grave não con-
 siste no crasser legítimo de comer e beber, ale-
 gria que Deus nos facultou, mas no abuso desse
 prazer de forma atentatória à dignidade da
 condição humana. A sabedoria estabelece re-
 versas que o gulozo nada infringe de várias mo-
 das: quando como sem necessidade — *præter-
 nere*; quando beneficia-se, com auro e reu'n-
 te sensua, de iguarias raras — *laute et studio-
 se*; quando consume alit'ões para, feita-se,
 com risco da saúde — *similia &*. Finalmente,
 quando atira-se à comida com a sofregão dos
 anjels devidos de rãdo — *ardenter (sancti
 Ad. Tanqueray Com. Theol. Arc. et Mst)*. Inte-
 ramente, tenho andado por muitos desses ata-
 dos e de tal me penitência, não podendo de se-
 dr a Deus que me alude a vencer, neste parti-
 cular como em outros, a fraaldade da carne.
 Mas não haverá, ne item dos que pecam *laute*
et studiose, uma justificativa ou excusa bonita-
 ría para osem situa a boa comida e o bom
 vinho na categoria dos prazeres pãdicos, ave-
 rido da Beza que não é somente a que se nos
 revela pelos olhos numa tela de Rembrandt, pe-
 los ouvidos n' *A Flauta Mágica* de Mozart mas,
 igualmente, através de sinais pãdicos e tem-
 porais ext'ivos pela figura do santo esse no-
 bilit'no sentido com que o Senhor nos favore-
 ceu n'ra governocômputo da esnéte e conse-
 quente louvor de sua misericórdia? O mísero
 mísero do Cristo não disse remeto só ao vi-
 nho, ao vinho que ele recolheu para, sob essa
 ardente manifestação v'ra e realmente neces-
 sária aos homens? Não foi o Santo de Agulha quem le-
 vou de madroada, por sua misericórdia não um
 dos humildes religiosos de seu convento a far-
 tar-se a não mais poder, durante umas que tan-
 to e isto, secretamente amparado? E não está sus-
 t'nto nos v'ra tróicos not'ocores servit' a vida
 de Deus, como curris São Paulo — *Sine eruo
 manducatis sine bibitis... emnia in gloriam Dei
 factis (Cor. X, 31)?*

PERSISTÊNCIA DA IMAGEM

Na tábua do peito teus seios regrediram
 à mancha escarlate dos bicos.
 O L'ndinava dos cabelos de chama!
 O S'ra...
 Silenciosa
 como a rosa dos lábios da aurora.

FIAU

— Zum!
 — Fiau.
 A vaia do vento,
 pela boca entreaberta da janla,
 esguincha,
 esguincha,
 pincha
 e rãiva, fria,
 uma ironia
 bravia
 que assovia...
 — Fiau!
 Bulindo, tinindo, rindo dessa tranquill'ade ingênua
 dos interiores,
 em brusca troça, brava, boa,
 rechina
 estoura,
 espouca
 a vaia
 que assovia,
 do vento
 agora bronco, meio brco
 enrouquecido,
 apalermado
 o vento...
 — Fiau!

GÊNESIS

teoria que os céus ergetta
 a graça de Deus o aroma
 do amor infuso e diluido
 os anjos não servem al
 nem ambrosia no limbo
 teoria que apaga estréas
 a um estalo do computador
 que fecha os lábios do sono
 e cria o silêncio apenas
 com uma fórmula química
 os anjos não servem al
 nem ambrosia no limbo
 têm avental e jaqueta
 que as asas se descol'ram
 que as plumas viraram cinza
 Totônio pena da pena
 val erlar de novo o mundo
 a Unta p'nga da pena
 meu Deus que será do mundo?
 (mas do avesso desse mundo
 descrem anjos de av'ão
 trazendo mata-borrão)

CONFIDÊNCIA

esse momento foi feito para que eu
 te dissesse
 o altíssimo segredo
 esse momento que parece evadido
 do próprio tempo
 mas ele pesou demais sobre o meu coração
 eu ignoro a eternidade
 e não te pude dizer nada:



GODOFREDO, O IMORTAL

'PIEIDADE, SR. GODOFREDO FILHO,
PARA OS "SONETISTAS INSIGNES"!

ALOYSIO DE CARVALHO FILHO

TRECHOS DO DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Senhor Presidente, Benfazez Acadêmico:
A presença consagrada com que nos acolheram o re-
do do sagrado, todavia, não foi uma homenagem de
sentido, tão significativo, que me tornaria desconfor-
to e orgulho, não fosse a certeza que, ao vos considerando
Estado, de vossa singularidade que, vassalagem, poderia, con-
tar-me, talvez, ao meu respeito.

Largo tempo antes, longe ainda, e hábito notório, de
ter que dizer, no âmbito da amizade e da liberdade, casti-
nga e luz do larde, me abalanzasse a vossa sabedoria
e a vossa força, que, ao longo do tempo, me ajudaram
a entender, em vossa obra, o significado da palavra "poeta".
O que, porventura, alguma palavra de vossa, venha
de vossa obra, de vossa, ou simplesmente de vossa,
poderia, de vossa, de vossa, ou simplesmente de vossa,
inicial, convencer, talvez.

Mas, não, não, é preciso que vossa, paciência, mas uma
vez se escreva, e não, especificamente, por falta de uma primei-
ra, mas, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
e porque, talvez, vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
se, porventura, e vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,

FORTUNA

Quando fortuna, das melhores, entra entre a, mais
grata, com que a vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,

de seu limite de convencional, tanto, valendo, em si, mas,
uma, o momento, de um, ato, ou, da, conexão, de
Abertura, vassalagem, como, vassalagem, que, em, qualquer
vassalagem, por, sua, humildade, a, vassalagem, a, vassalagem,
de, a, vassalagem, por, vassalagem, pela, vassalagem, a, vassalagem,
de, a, vassalagem, por, vassalagem, pela, vassalagem, a, vassalagem,
de, a, vassalagem, por, vassalagem, pela, vassalagem, a, vassalagem,
de, a, vassalagem, por, vassalagem, pela, vassalagem, a, vassalagem,

VERDADE

É precisamente por esse caminho, e na busca dessa
ideal, que, talvez, talvez, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,

de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,

de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,

FORTUNA

Quando fortuna, das melhores, entra entre a, mais
grata, com que a vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,

de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,

de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,

ENCANTAMENTO

Ma, a sequência dessa busca não se interromperia
quando, porventura, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,
de vossa, de vossa, de vossa, de vossa, de vossa,

de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,

BONDADE

Pois, talvez, talvez, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,

de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,

de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,
de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa, de, vossa,

CANTAR DE AMIGOS

CANTAR DE AMIGOS

TARSILA

A Godofredo Filho

Essas molduras elípticas
que se multiplicam refletidas
ao longo do f'nte contido
no cristal do espelho
que inexistir;

Esses braços e asas caídos em verde
da folhagem alta do tronco
vegetal e humano
equilibrado só
como perfil de som profundo
oculpido no silêncio;

esse chão oval sem substância
e esse ar cônico de metais
adendo plástico ao véio da memória

— eis o núcleo revelado do sonho
contido em margens circulares
de tempo.
Sobre ele o ser unânime se debruça.
E dele vivem as raízes imemoriais
do ser.

CARVALHO FILHO



Dois amigos constantes, Carvalho Filho e Godofredo aparecem numa foto bem à maneira da década de trinta.

O ALQUIMISTA

Para Godofredo Filho

Pó-e branca janela de +suera
Fenestrata na ausência
Onde dormem as palavras.
Turvo lugar de estrelas
Ou límpida escura
Onde o verso vinho azul
Galga fios cristal
E fura.

E chora um pranto avulso
De perd'ças Enomes.
Borda decapitada e inanes
Em galpões de vidro,
Apegando na noite
O murmúrio das gargulas.

Mas se chove o silêncio
Sobre rotas desistidas
E destazem de ponteiros
No relógio impossível
Restarem o tempo
Na invenção dos seus dias
Poema a escuras
Na ampulheta infinita.

MYRIAM FRAGA

GODÔ, O VELHO MÁGICO

No campo dos pentagramas
sete fonemas sonoros
proclamam em consonância
a convocação da palavra.

Sobre a clareza da folha
combatem sinais discretos:
unidades de sentido
engendram as estratégias.

É a transmutação dos metais
em verbo cortante e precioso
que o velho traxo enleva,
no condão da sua pena.

As vinhas estão florindo
por entre os dedos do mágico
que retira do chapéu
os prazeres do sentido.

CID SEIXAS FRAGA FILHO



A CEIA

A Godofredo Filho

(no restaurante)
o cardápio serve
a elegia do dia.

nenhuma companhia, ruminação apenas.
nem mesmo a grã e língua não goza
nem o mel
nem o sal.

não há partilha.
nem cabe ao suco outro tempo
só natureza morta ou estampa
líquida.

(sem gustação)
alimento ou processamento
tritura-se.

cifra simulação,
privação de domicílio:
(fruteira)

CARLOS CUNHA



SONETO DE MÁLAGA

A Godofredo Filho

Silêncio moure, o Abral'aro espreita
as montanhas ao fundo recurvadas,
água e plantações de luz chegadas
que os acóritas destararam sem colheita.

Mar, galope de azul sofrido, seta
de peritões e viagem malograda,
que desafiando o fogo das estradas
a um céu navegador mais aproveita.

Branam remos, desnudam-se ra'agens.
Ao tráfico de heranças e doçuras,
recobrando as antigas equipagens

do mito vigilante das lonjuras,
sobre-se em febre Málaga, tecida
mistura de onda, lâmpada e ferida.

FLORISVALDO MATTOS

CÔNCAVO-CONVEXO

A Godofredo Filho

De nuvens se afilenta — sabe o tempo
das rontas. De fôrca das guirlandas
(gritadas nas varandas): no silêncio
desta casa o poeta canta e ri.
É o tempo — sabe a hora
das maciã colidas nas varandas
(em grinaldas ou guirlandas) fuma/dimipa
de rontas.

Babe-se a fura
do que f' — a mesma soubra tenues
de um b' espaço em que se adensa
norme e se levanta: em f'no traço
dest'ando sobre o aço (tempo neutro
do sem tempo) avançado para o alto.
Para o salto
no lado côncavo/convexo
de um nazo, do sem nazo.

HUMBERTO FRALHO GUEDES

SETENTA

A Godofredo Filho

(a)
do vida e poesia,
anco que os anos
nos olhos, espalmam

(b)
lâdeiras e versos
e setas de acas.

(c)
elemento do
sonho
presente nos paços
componho-te inteiro,
hábito teu mundo e
poeta de Feira.

ADÁZIO TAVARES



AS MULHERES IMAGINÁRIAS DO PINTOR CODOFRE DO FILHO

Para este, com vida, que começa aos quarenta, também começou a pintura. Mas só agora, depois de demoradas pesquisas, resolveu tornar conhecida mais esta face de sua personalidade proustiana. Pinta de preferência mulheres imaginárias, que sempre nos trazem à mente aquela história terrível do filme "Inspiração Trágica", com Humphrey



Bogart. Trabalha presentemente numa aquarela (seu meio preferido) mostrando o Pelourinho. Sobre o mesmo assunto nada conhecemos de semelhante. Alegre, cheio de vida, cor local, sente-se até o cheiro da culinária baiana.

(- In seção "Artes Plásticas" do suplemento do "Diário de Notícias", 11 de dezembro de 1949.)

JOSE VALLADARES

AUREA LENDA

Outra amante não tenho. Ela somente é a Amada.
Helianto, ave de luz, a Princesa que eu vejo,
Dentre a púrpura e o ocaso, assim transverberada
Pela véspera de amor de um sempiterno beijo.

Liberta dos grilhões, pasma, transfigurada
E aborta, ao vir são Jorge audaz, que, num lampejo
De glória celestial, a flâmigera copada
Brandiu para salvá-la e venceu no áureo ensejo.

Bruna, da cor do chá numa taça chinesa,
É a Sempre Ausente, a Noiva esquiva por quem ardo,
Lírio azul de indolente e de eternal belesa.

De harém de meu desejo ou de onde o címe a esconda,
Ela que vai surgir — a flor de alambre e nardo,
A Princesa aromal de Smyrna e Trebizonda!

PERDIÇÃO DE MARIANA

Dentre as coisas que o tempo consumiu,
mas que a lembrança guarda, amarga e doce,
ninguém distante, mais presente se afigura,
que Mariana esguia, Mariana pálida, Mariana triste.

Lembro seus longos e negríssimos cabelos,
desmanchados em bandós sobre a nuca trigueira,
e rosto oval, seus olhos pretos e obliquados
sob a lenda oriental dos recurvados cílios.

E lembro ainda como a valsa, em giros suaves,
a fazia ondear com o tale esbeto da palmeira,
quando o vento da noite os palmeirais agita.

E numa tarde morta, a Infância ardente miçgas
de ouvir dobrarem os sinos lentamente
por Mariana esguia, Mariana pálida, Mariana triste.



jornal de cultura.

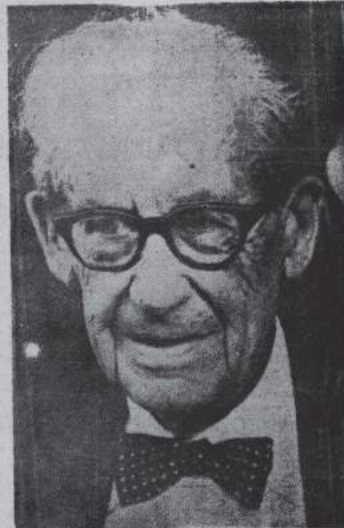
suplemento literário do diário de notícias - circula no primeiro domingo de mês;
cidade da bahia, 2 de junho de 1974 - ano 2, número 13



NOEL NUTELÉ, memórias e depoimentos, volu me organizado por Antonio Houatis e editado pelo José Olympio, foi lançado na Bahia no dia 29 com a presença da esposa Nutela. Entre os depoimentos do livro estão o do pintor Corbê e do romancista Jorge Amado. Leia na segunda página.

GROPIUS, HUMANISMO CRIADOR

WALTER GROPIUS,
o arquiteto
que
fundou a mais famosa
escola
de arquitetura,
a BAUHAUS
(Casa de Construção),
é exposto
no Solar União.
A BAUHAUS
renova inteiramente
o ensino
da arquitetura,
da pintura, do design,
impregnando
toda
a cultura do nosso
século.
(Página 6)



PRÊMIO FUNDAÇÃO CULTURAL

O prof. Kamakrishna Bagavan, diretor executivo da Fundação Cultural do Estado da Bahia, fará a entrega dos prêmios aos classificados no II Concurso de Poetas Inéditos da Bahia, no dia 4 às 17 horas, no Salão Nobre do DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Mais de trezentos poetas concorreram e o certame promovido pelo JORNAL DE CULTURA, em colaboração com o FCBR, que oferecerá um prêmio de dois mil cruzeiros ao trabalho reputado de melhor qualidade. Dos trabalhos foram classificados: "O Piano entre as Horas", de Antonio T. Stampato dos Santos - Prêmio Fundação Cultural do Estado; "Iniciação no Poema Contábil", de Lúcio Emmanuel Silva - Prêmio Instituto de Estudos Califormia, IEC; "Cinco Poemas", de Roberto Alves Pereira; "Poemas", de Márcio Simão; "Flor de Lotus", de Jonas de Oliveira Borges; "InAÇÃO", de Benedito Sequeira; "Viagem Cósmica", de Almir de S. Vasconcelos; "Odisséia", de Rivaldo Lima Miranda; "O Filho Hipodético", de Milton Manoel do Nascimento; e "Poemas de Eu", de Sérgio Nonato Marques. Todos os classificados receberam o Diploma conferido pela Fundação e pelo JORNAL DE CULTURA. Na página seis será publicada uma poesia de cada um dos classificados. Nos próximos números deste suplemento dedicaremos um espaço exclusivo aos trabalhos destes dez poetas que, através do II Concurso de Poetas Inéditos da Bahia, se incorporam à vida cultural e editorial da cidade.

SONETO

CARLOS ANISIO MELHOR

fica-te aí parada na memória.
Reveste com o outono a luz da Face
ou sempre adormecida que a vitória
do amor é conservar consigo a Face

E assim vencer o tempo na memória
e atingir o eterno do traspasse
fatal, trazendo adiante na memória
a visão emblemática da Face

Na ilha de agosto fazes tua morada,
e em setembro haverá ressuscitada
Se trouxeres adiante na memória

que nunca aparecestes na jornada
houveras sido, existirás amada
se ficares presente na memória

O MOÇO NOEL NUTELS

JORGE AMADO

Moço ELE Foi até o dia derradeiro, quando nos deixou ampuado em nossa alegria, a todos que o conhecemos e tratamos. Jovem, pleno de amor à vida e ao ser humano, transmitindo juventude e alegria, assim até a hora da morte. Juventude, alegria e doçura, eis Noel Nutels. Sujeito mais direito era esse, me disse um homem do povo no interior da Bahia, falando sobre ele quando a notícia me alcançou com atraso de dias. "Como não saber?" — perguntei ao caboclo na feira da pequena cidade de repente coberta de tristezas. "Andei com ele pelas matas" — respondeu tirando o chapéu, enxugando o suor na testa, esboçando uma lágrima nos olhos ardidos e cansados. "Homem direito", repetiu.

É tão difícil escrever sobre alguém de quem se foi amigo a vida inteira e que se susenta para não mais voltar. Fica-se recordando o timbre, a doçura sem par, enfim a injustiça dessa morte. Por que logo ele? Não adianta perguntar, não se resolve mais nada. Apenas a ausência persiste, irremediável.

Busco na memória o moço Noel Nutels, moço em idade, nos fins da década de 30, nos começos da década de 40, no Rio de Janeiro, e o vejo em mil momentos de juventude ardente de sonho e ação. Mas não o faço para cobrir com essa imagem de plenitude de vida, estante a do homem maduro, de infatigável dignidade, dos últimos dias, superpondo-se ao sofrimento em todos os instantes, mais moço do que nunca em sua grandezca. Não desejo esquecer essa imagem da infância de um homem que nem com o seu sofrimento quis magoar aqueles a quem amava. Foi o vejo na cabeceira da mesa, no ruidoso almoço de amigos: esbanjando-se comendo, estrangulado num estirado de dor, sua presença era alegre e criava aquele mesmo clima de confiança na vida, de plenitude.

Na mesa de almoço, entre outros, estava Samuel Wytner. Hoje trago do fundo do tempo o rapaz chagado de Pernambuco, a quem encontrei em casa de Samuel, por volta de 1938, na conquista do Rio. Era um tempo de certa maneira heróico — vésperas da guerra, a luta contra o nazismo e a ditadura do Estado Novo. Um punhado de jovens reunidos em torno de uma pequena revista perseguida (que, com o passar do tempo e os rumos da guerra, se transformaria numa grande revista de irradiação nacional), uma pequena luz fôsea no escurecido do ambiente.

Moços diversos na maneira de ser, vindos de caminhos os mais diferentes, cada qual seu mundo, rapazes e moças anônimas e generosas. Entre eles, Noel Nutels era uma espécie de nordestino lotro, quem até se zangava, dono de um bom humor contagiante, de uma sabedoria popular extraordinária, a cantar enloucadas, autêntico filho dos canaviais de Pernambuco. Ninguém mais brasileiro do que aquele jovem, nenhum tão da terra nordestina, de tal maneira identificado

com a vida, os costumes, a língua, o povo.

Em que cidade do Nordeste nasceu aquele caboclo alourado? Em toda a região que vai da Bahia a Pernambuco, em lares de Sergipe e Alagoas, de quando em vez numa família de mais acima e para melhor brasiliteira, nasce um caboclo lotro, de olhos astutos, repontando no nariz o avô holandês, daqueles no lundaneses que, após a derrota da conquista baiana, se internaram pelo sertão e ali puseram excelentes raízes mulatas. Quem sabe, o exuberante Noel cantador de modas do Nordeste seria produto de uma dessas cruzas? Pois não sei, nada disso. O nordestino nasceu em Odessa, na Rússia e era de sangue judeu. Viera menino para o Recife.

Só conheço um caso semelhante em matéria de identificação tão profunda de um indivíduo com terra estranha à de seu nascimento, o de Orythê com a Bahia. Mas o pintor nasceu em Buenos Aires quase por acaso, filho de mãe brasileira aos oito anos veio para o Rio através da Itália e, por consequência, ao nacionalizar-se brasileiro e bairrão já trazia no sangue e na carne a nossa mestiçagem. Para ele foi relativamente fácil fazer-se o mais balanço de todos os cânones.

Noel não tinha uma gota sequer de sangue brasileiro foi brasileiro por amor, única e exclusivamente. Não houve para ele outra terra, outra gente — sua mãe, sua mãe em seu, suas alegrias, suas masoalas e a floresta, o índio, o mundo obscuro, a batalha contra a doença — a morte de um povo.

A batalha começou naquele tempo distante quando conheci Noel e me tornei seu amigo para sempre. Ele encarou como ninguém o burocratismo brasileiro desde aqueles anos da Segunda Guerra Mundial, a luta pela sobrevivência da democracia e da esperança num futuro melhor para o homem sobre a terra. Sua bandeira foi a da fraternidade e da beleza.

Eramos donos das ruas do Rio de Janeiro, rumoroso bando de jovens, sem dinheiro, sem emprego, sem garantias de nenhuma espécie, mas conscientes de nossa responsabilidade e dispostos a seguir avante.

Noel varou depois a mata virgem e descobriu os nascentes dos rios, foi o irmão do índio amarelo, o herói solidário, o coração ardente. Quando chegava de viagem para o encontro dos amigos trazia nos olhos e na voz a revelação de um Brasil ignoto, grávido de mistério de vida e morte, as fúrias, os pântanos, o homem condenado. Esse homem e essa pátria foram sua vida.

Não envelheceu no passar do tempo. O jovem que eu conheci quarenta anos antes conservou-se igual na presença de um velho e se transformado em realidade.

Vivemos um tempo belo e fértil e muitos tentam encontrar o herói na violência, por vezes até no crime. Mas o verdadeiro herói do nosso tempo, o que constrói o mundo novo, esse é o igual de Noel Nutels.



TAMBÉM AO VENTO AS FLORES DA PRIMAVERA

conto de JOSE BENJAMIM

Quem do vento tenha sido passageiro em inverno de lugar armo, nem companhia imprescindível a poder dar as mãos no esquivar sobre raizida descompassada, sabe, a corpo no, qual doç de frio lhe banhava a solidão, dos que o O grau o manteve imutável, indicou-lhe o termômetro do sentir se.

... Não achava escape. Continuava se indo no vento, transporte gratuito; antes fosse pago com moedas de vida, pois poder-se-ia ergê-lo parada para descanso, onde, então, alguém com olhos amigos também talvez o acoltasse em suas ondas pousasse corpo e cansaço, abandono e bo-vontade. "Quem do vento tenha sido passageiro...". Quem no vento, passageiro, abriria espaço no espaço e no abraço infinito do corpo nu — onde a dor em flor-calor desabrochava — abrigaria esta aurora da primavera — pessoa. Mas, um dia, de —alguma forma ela chegou lá-pá, de azul. Vento em brisa passageira, já permitindo outra passagem, antes pura neve saída em floco da mais recôndita, fúria humana. Paisagem agora em estalos de cores cálidas, das quais a brisa desce de se aproxima a traze e entrepar, tranquila, dois Seres de mãos dadas para andares sobre a realidade de um sonho contínuo e vivente.

Leva o vento, a brisa, muita gente, quantas vezes a pedido insustentável... Tem sero masculino feminino? Tem nome Manoel Maria? Tem sim, nas mãos passagens surtidas das fúrias, das lutas da resistência: passageiros para o transport, transportados por sem mais forças. Bando-

so vento a levar pessoas por aí, sabendo a vida curiosa a separar crises neias, sabendo a vida alquimista a preparar-lhes invíveis fluidos possíveis soluções. Bando-se veio no momento exato a depositar responsabilidades nos lugares certos. Quando não — culpado não é. As vezes, as situações do destino estão deturpadas ou suas luzes verdes se acendem por igual em todos os sentidos ficando o condutor desorientado... sujeito a... quem sabe, se desatras?

Aurora da primavera — pessoa — chegada no inverno almejo. Que transformação consegue em sobre sobre aquilo com o coração dependado da ponte, sentido entalado a vida fria irrepresentável. Que transformação consegue você, mulher, com o tocar de mão no ombro daquele por último e se despedir da ponte; no ombro daquele com olhos já de limbo? Sua mão tão leve de flor? ou toda a terra extraviado que é você? No último instante sentiu laço o aquece e da ponte em ponto final... e voltou-se contra ela. O olhando e os terros desta perderam sua carne. Oh tênis mão de fúrias indecifráveis... E você, mulher, foi no necessário, não mais do que a mão; só depois os olhos, quando ele viu-se, e netes acordou.

Que interessei nos dois os circunstantes, circunstantes transientes e outras coisas pesadas assim como: "O que foi isso?" — laço! A ponte de ferro insistiu para o sentimento nascido e tão rápido ferido na mesma primavera — amor-gratidão. — pois se olham. Tem nome?

LA TRAGEDIA DEL SIGLO

CLODOALDO DE ALENCAR

El drama de Managua acombra el mundo!
Todas las gentes, todos los países
Abrazan sus hermanos infelices
Y que pierieron todo en un segundo.

El cuadro es tan dantesco y tan profundo
Que tiene los más trágicos matices,
Y la ciudad, con tantas cicatrices,
Es un cadáver del gran siglo ortuado.

Pero una alma se mueve, lentamente,
Entre las otras, por las noches calmas,
La testa coronada aurifluigante:

— En Darío que extiende, en cruz, sus brazos,
Para, llorando, confortar las almas
Del paisaje natal becho em pedacos!

PEQUENO POEMA DIDÁTICO

MARIO QUINTANA

O tempo é indivisível. Qual o sentido de calendário? Também as folhas e fca a árvore. Contra o vento inoleto e vário.

A vida é indivisível. Mesmo A que se julga mais dispersa E pertence a um eterno diálogo. A mais inconsequente conversa.

Todos poemas são um mesmo poema. Todos os porres são o mesmo porre. Não é de vez que se morre... Todas as horas são extremas!

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, circula no primeiro domingo de mês com a participação da Fundação Cultural do Estado. Endereço: Rua Carlos Gomes, 97 Salvador—Bahia. Telefones: ... 3-2523 3-2845 e 3-2847.

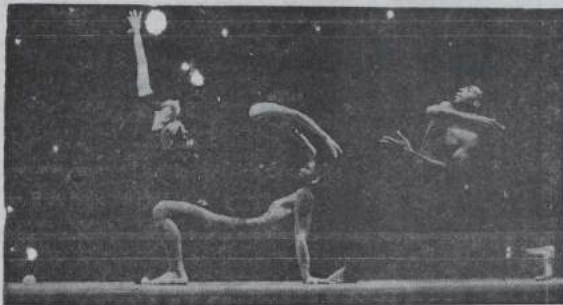
Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas a comissão editorial, à qual se reserva o direito de vetar a publicação

Editor:
CID SEIXAS FRAGA FILHO
Coordenador:
CARLOS CUNHA

Página Aberta

Ildázio Tavares

CLYDE MORGAN: LIVRE NO ESPAÇO



Sóto no ar com leveza, ou plarado solidamente no palco, Clyde Morgan irradia uma patitante energia, que se desprende dos ritmados movimentos que executa, em tudo por tudo um verdadeiro dançarino. Temos acompanhado o seu trabalho desde o Teatro Vila Velha, e em seguida o Solar do Unhão, onde apresentou respectivamente a Suite Nordestina e o espetáculo Porque Oxalá Usa Ekodidé, uma dança baseada numa lenda yorubá escrita em português por Ildá, Desceócedes Maximiliano dos Santos, filho da saudosa Mãe Sinhora.

Mas Clyde Morgan não é apenas um dançarino ou um coreógrafo como muitos poderiam pensar. Ele teve uma forte formação humanística antes de se dedicar inteiramente à dança, que como ele mesmo diz hoje em dia, "é tudo para mim". A sua inquietude intelectual, a sua busca de um identidade no convulso universo cultural americano, a sua sede saber, fizeram-no perceber diversas tribunas antes que chegasse aos palcos com sua potente figura negra, Estudou música, Estudos história, Estudou antropologia. Sempre preocupada com o problema racial, nos seus anos de calouro na universidade já escrevia um trabalho onde comparava a situação da escravidão nos Brasil e nos Estados Unidos.

Seus estudos humanísticos levaram-no a uma conclusão: O instrumental teórico da cultura europeia ocidental não era adequado para entender a cultura negra. Havia toda uma complexidade própria, inerente à cultura do continente negro, que as gatas ferramentais da Europa não podiam destrinchar. Clyde, cada vez mais preocupado com o problema do negro, pensou em unirse a guerrilheiros de Moçambique, ou lutar abertamente contra a opressão do branco. Mas depois sentiu que esta não era a sua missão. E partiu para o teatro. No teatro ele podia lutar sem agredir, xingar sem ferir, morrer sem morrer. Realizava intelectualmente os seus anseios de lutar pela libertação de seus irmãos de cor. E foi um amigo seu, David Larrin, que lhe ensinou a fórmula para conseguir o que queria. Larrin ensinou-o a concentrar sua energia, a poupar sua energia e usá-la no momento certo. Clyde entendeu a mensagem. Abriu os olhos. Aprendeu a ver as pessoas, os bichos, as coisas. E hoje quando ele dança, ele procura-se concentrar e transmitir toda a sua energia para o público. E consegue isso de uma forma íntegra.

Seus espetáculos são assistidos por um público que ora permanece no mais respeitoso silêncio, ora prorrompe em aplausos, às vezes em momentos que nem sequer devia. Um público que está permanentemente preso aos movimentos do palco, que numa seqüência harmoniosa escrutina os olhares do público, justamente para poder totalmente libertar o artista.

E o artista realmente se liberta no palco, onde faz valer não só sua capacidade de disciplinar seus movimentos, como também a de inventar. A dança do grupo de Clyde Morgan é, de

Dados Biográficos

Nasceu em Cincinnati, Ohio, Estados Unidos em 1940
Bacharel em Artes pela Universidade Estadual de Cleveland
Mestre em Belas Artes pela Universidade de Bennington
Dançarino - Coreógrafo - Professor de Dança
Destacada atuação em Nova Iorque onde fez balé, dança moderna e dança africana, e foi solista e primeiro dançarino do grupo de José Limón, um dos mais importantes dos Estados Unidos. Atuou durante algum tempo na África a convite de várias universidades. Trabalhou no Rio a convite de Tatiana Leskova e Mercedes Batista. Convidado pela Universidade da Bahia a ensinar dança moderna e dança africana. Convidado para atuar no VI Festival de Inverno em Ouro Preto, e foi com brilhantismo. Convidado para participar do VIII Festival, também em Ouro Preto.



...ta, uma dança livre. As seqüências se sucedem em ávida concentração e a coreografia tem o efeito de um todo onde cada movimento puxa um outro movimento que destina para um outro, assim por diante. Clyde afirma que aprendeu muito com a técnica de Alwin Nikolais, mas não é a técnica que o preocupa, pois vem há muito incorporando inúmeras outras técnicas num trabalho de fusão harmoniosa. O que o preocupa é justamente o conteúdo que pretende expressar e que não se escraviza a uma técnica qualquer. Esta é que lhe serve de veículo de ex-

pressão, e com efetividade ele incorpora passos de capoeira, candomblé, zoté, xaxado, e outros. Na base de tudo, uma viva mensagem humana de paz de amor, de força — a força maior do amor que Clyde tem pela sua arte.

No último espetáculo que o grupo dirigido por Clyde apresentou, pôde-se notar o que mencionamos. A Suite Camerun fecha-se num círculo, terminando como começou. As seqüências narmônicas se interpenetram e a dança adquire nuances diversas para findar num resumo de toda ela.

O ponto alto do espetáculo, porém, é Eclísio, com música do conhecido Ernst Wigner, onde se estabelece a fusão maior do embasamento negro de toda a coreografia clydiana, com uma música moderna e vigorosa. Num clima de total mistério, aparece a figura de Clyde envolta em roupagem branca, e rola pelo palco uma outra figura em branco. As técnicas de iluminação emprestam maior força à atmosfera surrealista e daí em diante o bailado se desenvolve até romper a fronte de mistério e voltar a ela. Num determinado momento, Clyde posa com os braços abertos e cobertos de suas roupas, numa atitude de um verdadeiro Cristo. Eclísio é a prova maior do talento deste artista que soube fundir a força do povo africano com a cultura europeia ocidental e retirar daí algo de novo. Quem quer que se preocupe com os aspectos técnicos externos do espetáculo perderá sua inteligência que está exatamente neste processo de fusão.

O Grupo de Dança Contemporânea da Universidade da Bahia, que Clyde dirige, é um grupo muito bem integrado contando com a participação de Laila Goes, Maril Sarmento, Guio, e muitos outros, inclusive um mestre de capoeira. Este grupo executa um trabalho sério e harmonizado sob a regência de Clyde, e preenche inteiramente os requisitos de um grupo de dança moderna.

Na terceira Suite do espetáculo, vemos uma atmosfera lúdica e alegre. Cresce a movimentação e o ritmo, e as características africanas mostram-se com mais evidência. Dividem-se os grupos de homens e mulheres e como disputam entre si, numa atmosfera de cordialidade e graça.

Porém, voltamos a dizer, o clima do espetáculo é a peça Eclísio onde um perfeito trabalho de coordenação do grupo conduziu a uma total participação, e as palmas e sucoem, o entusiasmo do público recompensa o trabalho do artista. E o que é melhor, Clyde não é uma vedete, não projeta espetáculos para si e sim para o grupo, dentro do qual ele se integra. Não há aquela idéia de um solista permanente, todos têm oportunidade de mostrar suas habilidades, num equilibrado trabalho de conjunto.

Escolhendo a dança como a forma ideal de expressão de seu drama intelectual Clyde Morgan nela realiza uma verdadeira conquista artística e brinda o espectador com toda força do seu talento e energia.

O HUMANISMO CRIATIVO DE GROPIUS

Walter Gropius, o criador da Bauhaus alemã, em 1901, é o resultado de sua atividade como diretor do Departamento de Arquitetura da Universidade de Harvard, de 1897 a 1903. O pensamento humanista e estético de Gropius é logo definido: "Naturalmente um espírito preocupado, a etapa e a expressão de todos os lados, por causa de atividade que é obrigada, a tomar quando, quando mudanças, episódios. Em algum tempo, eu era obrigado de "verme. Ser" pela maioria, de "expone máximo de sociedade capitalista" pelos comunistas e de "estranho alheio ao modo de vida democrático" por alguns americanos. Todas estas designações dirigidas à mesma pessoa mostram a sociedade que pode considerar, em nome termo, um indivíduo que se pretende expressar sua própria convicção".

Esse indivíduo foi sempre Gropius. Terminada a I Guerra Mundial, Gropius aceita a presença de novas necessidades, e relações entre o indivíduo criado e seu meio, que são brutalmente esmagadas, e transformadas, por novas solicitações sociais e humanas. Era preciso criar para o arquiteto — e mais ainda dos profundos —, o "designer", o artista, o artista, uma nova mentalidade que melhor o relacionasse, com a sociedade industrial em sua essência, transformada e esmagada da personalidade. Foi quando, em 1919, na Bauhaus de Weimar, "criar um novo tipo de homem".

A Bauhaus tinha como elementos formadores de arquitetura, "designers" e artistas. A grande de todos os países do mundo. Era internacional, embora, não, deixasse criar um estilo internacional moderno. O "estilo Bauhaus" veio da unidade de propósitos de seus membros. Visão, a des-clarar (construir) profissões como artesãos de artes, tendo a arquitetura e o urbanismo como unificador, de um estilo que poderiam chamar de social e viver o homem, como ser criativo, de maneira impetuosa pela utilização de conceitos de nova era industrial. "Novo alvo", diz Gropius, "era eliminar as desvantagens da máquina; sem sacrificar nenhuma de suas vantagens reais". O que a Bauhaus criou foi uma comunidade onde funcionavam todas as formas de trabalho criativo, manufatura e interdependência de um ao outro. Não se criou, mas sim em atrair o artista criador de seu distanciamento, com o mundo real do trabalho; assim como humanizar a atitude rígida tradicional, das formas de expressão em relação à criação.

Gropius, e suas escolas, sempre repetiu a designação que muitos deram em projetos arquitetônicos, produtos industriais, projetos de comunicação visual — todos despojavam de estruturas estilísticas — como parte de um "estilo" interno, disse Bauhaus, "A meta não consistia em propagar um "estilo" qualquer, mas

sim em atrair uma influência no "design" ("gestaltung", ou seja, projeto, de forma em todos os domínios)". Para Gropius criar um "estilo Bauhaus" seria sair sem todo academicismo, seria quanto a des sessões, de belas artes, em fundamento do estilo, era ensinar a cópia do antigo.

O elemento principal da Bauhaus era colocar a arquitetura, e principalmente, o arquiteto, como o coordenador ("o designer") responsável sobre todos os domínios das artes, com sentido em que se refere ao futuro social. Na Bauhaus de 1928) empregaram-se nomes que jamais poderiam ter sido, agrupados, e não foram as atividades de Gropius (a parte faz parte de todo e a todo faz parte da parte), próximo da concepção que levou à construção dos maiores monumentos de arquitetura do Ocidente: as grandes, catédrais medievais. Nelas, o arquiteto-artista projetava o plano geral do edifício, coordenando, uma multidão de escultores, pintores e artesãos, das mais diferentes profissões. Mas era o arquiteto (o coordenador do projeto, o "designer") que desenvolvia a cada um a superfície a desenvolver, com um conjunto unidade estilística e intenção social e espiritual pertencendo a cada um.

O arquiteto construído por Gropius, temperamento, diversos e modos de vários países, sem perderem sua originalidade, obedeciam à unidade do maior estilo, de cada um de nosso tempo. A meta era a integração das artes e o estímulo à criação individual.

O estilo da Bauhaus deve ao aluno todos os seus intelectuais e artesanais que lhe permitiram integrar-se ao mundo de seu tempo. Havia, em seu currículo, além de intensa pesquisa, técnico-dicas, arquitetura, urbanismo, pintura, escultura, séries de comunicação visual, música, cinema, teatro, "ballet", esportes; diálogos entre alunos e professores. Segundo Gropius, "o ensino humanístico e o aprendizado da visualidade do tempo, foram essenciais a uma base teórica, e que podem disciplinar a mão planejadora, e fornecer fundamentos objetivos para que certos indivíduos, dotados de capacidade criativa, possam trabalhar em conjunção harmoniosa. Nos leões, não é naturalmente nenhuma receita para a produção de obras de arte, porém é o mais, mais importante para a realização de qualquer trabalho de "design" em grupo".

Gropius, falando de arquitetura, dá a definição perfeita de sua posição social: "A chave para a reconstrução efetiva de nós, mundo moderno está a grande tarefa de arquitetura — reside de novo, decisão de reconhecer de novo o elemento humano como fator dominante. Toda, as leis técnicas, em relação, ao manufatura, para o século XX".



II CONCURSO DE POETAS INÉDITOS DA BAHIA -- PRÊMIO FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO
Recital dos poemas concorrentes, quarta-feira, no Teatro Vila Velha, após a peça "Tio Vânia" de Tchecov

GUIDO GUERRA

SEGUNDO BRUNA BECHERUCCI



Médico excelente, boa pessoa, depois de falecido, o dr. Salu aparece de vez em quando na terra de Santa Luz. Pisca o olho, diz uma palavra de consolo, faz um milagre.

Mas em torno dessa visão místico-realista (realista por aquela irreversível picada) que constitui o tema-base do livro de Guido Guerra, não há presunções metafísicas de parte do autor, nem superstições de parte do povo. Há apenas fé na volta daquele que tinha sido um homem bom.

Perto do dr. Salu, todos os outros inferiaes que vivem e pisam o solo do antigo vale de lágrimas existem menos que a plácida e indulgente alma do defunto. Existem menos provavelmente porque carregam ainda o fardo de uma

vida cheia de incoerência e de amarguras e dr. Salu talvez piague meio alegre porque finalmente conseguiu libertar-se de seu peso.

Cada personagem desse livro profundo e superficial, é fim de si mesmo; a história de cada um é um beco sem saída acaba de repente como de repente começaria. Aníma impulsiva, um pouco rebelde. O próprio autor, protagonista melancólico. O coronel ingênuo cuja memória não é abençoada por netos e bisnetos e porque há muitos anos atrás tinha feito "um bom negócio com os gringos". A literária negra Pepeta. O variável Totônio. A ardente Dedê.

Todos aparecem e desaparecem como titulos improvisados perto da única realidade real de Santa Luz: o dr. Salu. Além da sombra do médico existe no livro só uma outra realidade, ainda mais impalpável e amor casto do protagonista-autor por Aníma.

Amorosa de sonho — Mais do que com as histórias e os personagens Guido Guerra parece preocupar-se com seu estilo, deliberadamente cheio de imprevistos enxuto e rico, empolgado e simples, ao qual ele impõe um ritmo heróico e elementar. É evidente a sua obtenção de "feather" o leitor. Um exemplo: "Notícias primeira página, jornais todos todos os jornais. Dr. Salu, em estado de coma. Viva Dr. Salu, que viva Dr. Salu, viva Dr. Salu. Notícias primeira página, todos os jornais..." e assim por ainda por muitas linhas. De qualquer modo o autor consegue sem dúvida criar um ritmo que esconde a dor da vida e a magia da morte. Mais adiante: "Amanhecerá amanhecendo..." — e outros achados que provocam um caso de exasperada eufonia, como se Guerra quisesse construir uma atmosfera de sonho.

É verdade que se trata de lembranças e que as lembranças costumam vir assim, confusamente nítidas e organizadas numa sobriedade desordenada. Mas o leitor fica perplexo de tanto de paros de palavras e palavras, porque a substância do livro fica marginal e asoberberada pelas ambições do estilo.

Pode ser que Guerra tenha inventado um estilo exclusivamente seu. Mas também se pode imaginar que o seu desdém pelo período tradicional e pelas exigências da gramática e da sintaxe acaba sendo ou parecendo um esforço na busca do "novo" e qualquer outro.

AS AFARIÇÕES DO DR. SALU, de Guido Guerra, Brasil-América, 118 páginas; Cr\$ 15,00.

UMA CARTA ANÔNIMA

RUBEM BRAGA

Recebo uma carta anônima. Não é a primeira que me vem; é entretanto, a mais bela de todas as cartas anônimas. E me comove nesta manhã de sol, porque é um gesto de beleza pura.

Trata-se de uma "corrente", dessas que a gente deve copiar várias vezes e mandar a várias pessoas diferentes. Mas não se trata aqui de receber ou mandar nenhum dinheiro, nem de fugir à malícia de desastres. Não se aplica para a nossa vã cobardia nem para a nossa vã superstição. O que devo mandar, anonimamente, a seis pessoas, é um poema de Pablo Neruda. Se fosse um poema político, seria propaganda. Mas é apenas o vigésimo daqueles Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada. Faltou com emoção essas versos: Pude escrever los versos mas triste esta noche. É um poema de amor e de saudade; nada mais. Ele pensa na amada que já não o ama e diz De otro. Será de otro. Como antes de seis meses. Su voz, su cuerpo claro. Sus ojos infinitos.

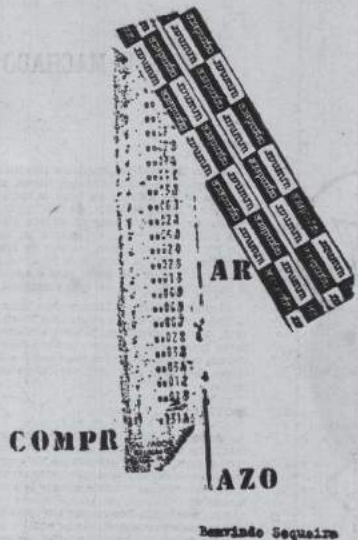
Há, neste Rio de Janeiro, em meio a tanta tropélica vulgar e triste; uma pessoa que se emociona com um poema e conspira pela poesia.

E manda este apelo anônimo e por isso nôbre e por isso grave e puro. Porque em noites como esta la tuve entre mis brazos, mi alma no se contenta com haberia perdido.

Há quarenta anos, um moço, no Chile, sofria de dor do desprazo, tão banal e tão ruim, e fazia versos quase vulgares: ainda que belos. Subitamente alguém acha que é urgente que todos saibam, estes versos; e pede a seis pessoas que tenham carbono em sua máquina e mandem a mais trinta e seis, que os mandarão a mais duzentas e dezessete, que os mandarão a mais de sete mil oitocentas e seis... dezessete, centenas de milhares, milhões de pessoas a ler. Como me háber amado sus grandes ojos fijos... ou Pensar que no la tengo, sentir que la he perdido.

Não sei, mas não sinto ânimo de continuar a corrente. Alguma coisa me parece subitamente de uma tristeza monstruosa na progressão geométrica desse lamento noturno. Mi corazón la busca, y ella no está conmigo... O encanto da voz do poeta, ouço a mesma voz grave murmurando isso em milhares de bocas, e essa multiplificação mórbida e bela me faz mal.

II CONCURSO DE POETAS INÉDITOS



FLOR DE LOTUS (trecho)

JONE DE OLIVEIRA BORGES

Vivo
Na flor de lotus
Que se renova
Eterna

Vivo no mar
Que não cansa
E volta

Vivo na nuvem
Que se vai
E perde

Vivo
Como o sol
Que morre
Vivo
Nesta
Metamorfose
Nova.

O RETRATO

Antônio Teodoro Sampaio

não modifique nos retratos —
a cinquenta malha das gravatas,
as abas do chapéu de gaucho e castiçal
peléa.

o desalinho dos cabelos — é simétrico —
dos passaros caído em espelhos fumos
não modifique.

nem remova dos olhos os cílios (mas)
só pedrarias de pupilas díficas.
não modifique...

o tempo que desbotou nas dobras —
a hitas, molada de espuma e musgo —
só crepúsculos reunidos.

nas mãos se houver cristal — não toque —
todo brilho é mitológico, a carícia afoga
tu — fo de consumir sortilégios.

não modifique.

VIAGEM CÔSMICA (trecho)

Almir de Souza Vasconcelos

I
Lustrei o céu
Infinitas
Com a agulha do sal das eras

II
Enterrei emoção após emoção
Na saltegem perdida
Das verões aderências...

III
Lá no verde a relação do azul
Acendo o lampadário cromático
Das precipitações do átomo...

IV
Orei a prece dos afetos
Chorando o pranto das galáxias
No ventre arávido de Deus

POEMA

MaGrace Simão

Pássaro alado,
Alças teu vôo;
Incerto, errante.

Está longe o infinito,
— O nada.
Teu vôo agora se faz baixo,
— Parado.
Dobras teu peito sobre ti mesmo
— Armado.
Tombar teu rosto sobre a alma ferida;
Cerra os olhos,
— Sorria —

De força tomam suas asas,
— Agora.
E distante,
A liberdade deste teu se magoado.

VIA NEGRA Nº 4

Roberval Alves Pereira

Dizem todos que meus rostros
ficaram pelos caminhos
que eram rubros que eram vastos
nas estradas de setembro.

Dizem: quando eu passava,
e flores da beira da estrada
refugiavam-se nas matas; vastas
matas das estradas de setembro.
Dizem, é o que dizem: eu não me lembro.

DAS PALAVRAS

LOCIO EMANUEL DA SILVA

palavras soltas o vento
são contínuas esquecidas
porque difíceis de momento.

mas as outras escondidas
elaboram sentimento
no fundo das costas vídas.

outras secam ao relento
porque bocas comedidas
sufocando sentimento

mas as palavras sentidas
estas resistem ao vento
nunca serão removidas.

O FILHO HIPOTÉTICO (trecho)

Nilton Manuel do Nascimento

Falar desta tristeza (s)biológica
(In extremis, mascarada...)
de "paração dos blocos amaranter"
que antes coesos o acicularam.
E vê-lo no madeiro oculto

fruto cáustico, arto renegado
crucificado incendiado carbonizado.
Oh, horror!...

Filho recôndito. — Mas
todo se alinha conforme o inesperado
e indesejado: Sombras — ou Indecifráveis
Veredas
de sombras
infiltradas no nosso momento atual, riscam

sendem, alteram nossa rota
insensibilizam-nos hipnoticamente
para teu Mundo sem existência
de mundo.

AGONIA

Sérgio Nonato Marques

sei da voz como espada
Que talha o silêncio
Como lâbio a carne
A carne sensível de disperso corpo.

Enquanto haja treva
Com sentido insonso
E a mancha roxa se encanta em gestos
de estranho languor
Mala espada

Enquanto vos ferido é o amante oxidado
Feito ao milagre necessário da poesia
Durante seu busto depositado ao chão
Mala espada

Covices sua dor em distância
Ao corte lapidado d'alma
Como se banquetes de si fosse
Ao tato da voz mala espada!

ODISSÉIA

Iderval Lima Miranda

o poeta saltou o muro
da adolescência
das lamentações
de sarite

e com a perna tripartida
pelo salto
pelos cartuchos
pelos estilhaços

sobre
ainda hoje
manquejando verços
silenciosos à amada distante

CORDEI, A SOFRIDA LITERATURA DO SERTÃO

WILSON MACHADO

A imaginação do poeta popular é rica e dela brota fácil a crônica dos acontecimentos que o rodeiam e que sequelem, na sua inspiração, dimensões de tragédia grega. D'ali é o caminho que a mensagem do trovador tem a percorrer até a grande público. A não ser a comunicação direta nas praças e nas feiras, ele é obrigado a recorrer ao papel barato, impresso em remotas tipografias do sertão.

Mas, bem ou mal, a mensagem chega levando, em inúmeras estrofas, histórias de crimes, de amor, de retirantes, de santos e guerreiros e de peijas policiais, dando em forma de verso, notícia e reportagem e comentário e a crítica. Há quem diga, por certo com exagero, que a literatura de cordel é o jornal de pelo menos 40 milhões de brasileiros. Vá lá o exagero pelo significado da importância do folheto popular, como veículo de comunicação de massa no Norte e Nordeste brasileiro.

INTERESSE

Não é pequeno o número de pesquisadores de assuntos folclóricos que as universidades estrangeiras têm despachado para o Brasil à cata de informações sobre costumes e tradições. O cordel é tema obrigatório nessas coletas. Há pouco, aqui esteve o bolsista e hoje professor Mark Curran, da Universidade do Texas, de cuja pesquisa deixou feito, em português, um pequeno volume editado pela Universidade Federal de Pernambuco, sobre o folheto de poeta.

O pesquisador converteu com cantadores, folheteiros, esquadrinhos praticamente todo o processo literário e editorial do cordel, levantando dados talvez ainda desconhecidos do público e voltos para seu país com informações sobre o quadro folclórico brasileiro para trabalhos que irão enriquecer, ainda mais, as coleções dedicadas, nos EUA, ao conhecimento da realidade nacional dos países pesquisados.

Um dado concreto e recente sobre o interesse externo pela literatura de cordel a cadeira de Literatura Popular Universal da Sorbonne, em Paris, a cargo do professor Raymond Canal, sendo a obra poética do repertista Antônio Gonçalves da Silveira, a *Parafraza do Assaré*, integrante do Conjunto Folclórico Itaytera, do Crato, Ceará. Esse grupo tem viagem marcada para o Rio, em maio, para apresentações na Sala Ceclia Méireles, Escola Nacional de Belas-Artes e na residência do escultor Cevaldo Teixeira, segundo manda dizer, do Crato, o diretor do grupo, Pedro Teixeira.

DESENGANO

Há dias o escritor e folclorista Vicente Salles, do Conselho Federal de Cultura, recebeu cópia da mais recente produção de Antônio Gonçalves na qual em 23 estrofas, que variam de quatro a 22 versos cada uma, o poeta fala com desengano do tempo (cronológico) que lhe deu e roubou inúmeras ilusões.

Nos versos, que começam falando do lado bom da vida, o poeta canta os males que o tempo fez, ao seu redor, na paisagem humana:

Num certo ponto da estrada
Tão bela e tão familiar
O tempo — o grande ladrão
Com sua cara fingida
Sem nenhum acanhamento
De cara lisa e lambida
Pagou a me moitôz colô de Belas-Artes e
Pra mim bem desconhecida
De home perdendo a honra
Ingarjado na bebida
Os irmãos contra os irmãos
Numa luta desmedida
E muitas casa bonitas
Chia da miséria perdidas
Na jornada através do tempo o poeta vê e

crítica

... os rios orgânicos,
Podando a primavera,
e também
... os feroz patrão
No seu papel de sururo
ou os
mistos mistogando
Desarrando seus ané.



"Nunca houve neste mundo
outro boi tão destemido"

O RABICHO DA GERALDA



SÍMBOLO

Os poetas populares brasileiros têm seu símbolo máximo em Leandro Gomes Barros, autor de cerca de mil folhetos dos quais se extrairam pelo menos 10 mil reedições. De Leandro foi publicada, recentemente, uma bibliografia editada pela Biblioteca Nacional, organizada por Sebastião Nunes Batista e com prefácio de Brasília Nascimento. Não há caminho do Nordeste, nem fora do sertão que não tenha visto e aplaudido os improvisos do maior dos seus cantadores.

Leandro nasceu em 1865, na localidade pernambucana de Pomal e morreu em Recife, em 1918. Viveu, ainda, em Teixeira e Vitória de Santo Antão onde começou a publicar folhetos. Um dos seus trabalhos mais populares é a *Batalha de Oliveiros e Ferrabrás*, editado em Recife, em 1913.

PROBLEMAS

Além das razões econômicas, que tornam dramática a sobrevivência do folheto de cordel, seus autores sofrem outros tipos de pressões. Constantemente, os poetas populares andam às voltas com agentes policiais, porque seus versos tratam de fatos ocorridos ou até mesmo imaginários, contendo informações tão detalhadas que os cantadores são chamados a dar explicações que, entretanto, não são exigidas dos jornais ou das rádios cujo noticiário serviu de inspiração ao poeta.

De tipo de equívocos falsos e o repertista João do Couto, na última estrofe do folheto *A Prisão do Diabo*, editado em Belém:

Desculpe meu bom leitor

Se a história foi mal contada,

Contei o caso que li

Não fia a tal marmelada

Brevemente voua história

Que já está engatilhada.

Os problemas e as dificuldades, entretanto não desanimam o cantador que vai por aí, de feira em feira, de povoado em povoado, numa mobilidade que causa espanto. Habitualmente, eles buscam os grandes centros no Norte ou no Sul para a venda das suas produções poéticas ou das suas xilogravuras populares.

CARTA

José Francisco Borges — o J. Borges — é um poeta de cordel que ilustra sua poesia com xilogravuras da sua própria autoria. Como todos os colegas ele vive as dificuldades da classe para editar e vender suas produções. Há pouco ele mandou para Vicente Salles, no Rio, a seguinte carta:

"Venho por meio desta dar-me a conhecer consigo. Por correspondência, faço-lhe envidear pequenos trabalhos de minha fraca lima gineáica (folhetos) e peço-lhe desculpas pelo atrevimento de interrompê-lo com isto, mas fico fazendo apelo que os mestros sejam acérrimos pela sua digna pessoa. Peço também desculpas por que sou matuto sem cultura e querendo me colocar de amigo com gentes assim tão importantes, gostaria de adquirir um exemplar desta revista (*Revista Brasileira de Folclore*) e espero ser alguma pela mesma. Gostaria de colaborar consigo e estou neste endereço ao seu entalro desmor na espera que futuramente faça algo pelo pequeno popular que se esforça muito pela literatura de folhetos e gravuras".

Em outro bilhete J. Borges pede ao escritor que o ajude a divulgar os seus folhetos: "para comprar tipos para funcionar o meu prelo manual".

Vicente Salles, com o conhecimento que tem dos problemas editoriais da literatura de cordel e das dificuldades que enfrentam os poetas populares para desenvolver legalmente sua atividade artística, sugere a formação de um tipo de associação que imprima e distribua os folhetos tornando econômica e viável uma comunicação mais rápida e ampla com o público.



jornal de cultura

suplemento literário do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês
cidade da bahia, 14 de julho de 1974 - ano 2, número 14



MIGUEL ASTURIAS, um dos grandes expoentes da literatura latino-americana, faleceu aos 74 anos na Cidade de Madrid. Foi laureado várias vezes com os prêmios Sylla-Monsegur na França, Léonide da Paz em Moscou e em 1957 conquistava o Prêmio Nobel. Deixou o seu último trabalho a novela "Duas Vezes Bastar do", inacabada. Os seus livros de maior penetração na vida editorial brasileira são: Week-End na Guatemala, Vento Forte, O Papa Verde e o Senhor Presidente. O JORNAL DE CULTURA, em homenagem ao grande escritor guatemalteco, publica um dos seus mais expressivos poemas - Nochebuena en América - que integra a sua antologia poética Sien de Alondra, ainda inédita no Brasil. (Pág. 2) Na foto acima os escritores Adonias Filho, Eduardo Portela, Miguel Asturias e Jorge Amado.

O PÓRTICO DE OUTRA ETERNIDADE

RAUL BOPP

CENA I
Ambiente interno do céu, com decorações chagallescas. Alguns anjinhos avulsos ensaiam passos de ballet, informalmente. Entra Deus, com vestes brancas, barba comprida. Mostra-se ligeiramente cansado. Dá um longo bocejo e chama o chefe dos anjos da guarda (João) para dizer que vai tomar as suas férias. Voltará no fim do século. Pede a João para cuidar da administração celestial. Entrega-lhe o bastão de pastor e desaparece.

CENA II
João exhibe o bastão do Padre Eterno, com mostras de grande contentamento. Vai dar aos anjos notícia da sua encarregatura. Onde estão eles? Toca a trombeta para chamá-los, mas ninguém aparece.

CENA III
Os anjos estão embaixo (do lado de fora do céu) divertindo-se com o diabo (todas de vermelho), que faz magias com o átomo. Alguns anjinhos hesitantes (italiânicos) tocam no átomo, com um leve susto feminino e logo adquirem um enorme talento coreográfico. Exhibem uma a uma, entre aplausos, as criações de dança de que são capazes: clássicas neo-clássicas, modernas, etc. Nesse momento, surpreendido com a alegria ruidosa dos anjos, João aparece numa prominência do cenário. Toca de novo a trombeta:

- U que é isto? - disse ele autoritariamente - Entrem pra dentro, imediatamente!

Os anjinhos, obedientes, entram na fila e voltam contritamente pelo caminho do céu, dando algumas voltas em 88 pelos fundos do cenário. O diabo aproveitou a ocasião para distaçar-se, com vestes brancas, e entrou na fila dos anjinhos.

CENA IV
Suocem-se cenários conversíveis, de longos corredores de cristal, com ressonâncias estranhas. O diabo entra, esguarando-se por um corredor imenso. Depois se some no cenário. Reaparece em outro corredor, de outra cor, e assim por diante até dar com a parede do grande laboratório cósmico. Procura nervosamente o segredo da porta. Depois de várias tentativas, consegue abri-la.

CENA V
Aspecto interno de um vasto laboratório, com decorações à maneira de Léger. O diabo mexe em mecanismos pesados. Folheia apressadamente os livros (tamanho de moedas), à procura de fórmulas. Faz experiências com tubos de ensaio até assenhorar-se do grande segredo. Com indistintável contentamento, observa, nos mostradores, efeitos sensacionais no planeta terrestre.

CENA VI
A mesma decoração da primeira cena. Depois de uma descarga sonora da orquestra, imitando ruidos de trovão, Deus aparece indignado (vestes ao vento) chamando: João! João! João!

Os anjinhos assustados recuam agrupados num canto. O Padre Eterno pergunta:

- Quem mexeu nas minhas fórmulas secretas?
Após um momento de suspeita, pede para proceder à contagem dos anjinhos. Descobre entre eles o diabo, vestido de branco, com rabo e chifres. Deus manda botar o diabo pra fora do céu. Mostra-se desconsolado com os acontecimentos.

CENA VII
Ambiente de um cenário confuso, com dois exércitos antagónicos (um branco e outro de vermelho), que fazem exercícios bélicos (abstratamente). O diabo aparece com um gorro basco (tinge-se de comunista) e começa a fazer intrigas entre os dois grupos mil-tares, desconfiados um do outro. A intriga provoca agitações crescentes. A população civil (figuras abstratas, com trouxas, crianças ao colo, etc) abandona os lares e foge espavorida da cena. Travam-se combates violentos. A música concreta adquire um enorme volume, com dissonâncias metálicas. Enche-se o palco de bombas coloridas, cada vez maiores. Crescem cogumelos de goma entre relâmpagos atômicos e destroços inusitados. O cenário toma aspectos apocalípticos e se desmancha lentamente entre nuvens de vapores coloridos (gases).

EPÍLOGO
Começam a aparecer, silenciosamente, projeções fantasmagóricas de um planeta morto.



FERREIRA DE CASTRO era o maior escritor português dos nossos tempos. O legado de sua vasta obra literária é incomparável. Foi que o melhor escreveu sobre os aspectos sociológicos dos grandes problemas amazônicos. Renoua para além do pórtico do seu universal e grandioso livro - A Selva. Desenho de Roberto Nobre aos 29 anos do romancista. (Pág 2)

DIABOLUS

(esquema de um balé)

FERREIRA DE CASTRO

Joaquim Inojosa

Houve um tempo em que o ideal de muitos portugueses era viver no Brasil. Deitando a sua pátria para integrá-los conosco, apenas transferiam residências. Rio Santos ou Belém do Pará, batavam-lhe na imaginação como um Eldorado. E nós os recebíamos com a fraternidade familiar que ainda hoje define o espírito da luso-brasilidade mais alta. Vinham comerciantes, artesãos, homens de letras. De preferência os pobres, desejosos de prosperar e integrar-se na sociedade brasileira.

Dentre os que aqui desembarcaram no começo deste século, estava um menino, órfão de pai e mãe, chamado José Maria Ferreira de Castro. Saltou no Pará, onde o destino lhe seria ávaro em alegrias, mas fértil em trabalhos e emoções. Embarcou-se pelos mares das Américas, com a resistência do caráter lusitano, e instalou sua barraca de trabalho no seringa Paraisópolis. Como ao velho Camões, a adversidade lhe seria útil. Consciente, observador, estudou a dramaticidade da vida dos seringueiros, a luta contra a natureza e contra o próprio homem. A barragem material não era grande, mas a espiritual lia transferiu-o num dos maiores escritores do seu século, da sua raça. O Brasil o devolveu, jovem ainda, com alguns títulos raros que a alta cultura não censurava: ideias do que era a selva, o que Portugal e o mundo conheciam nas descrições palpitantes e realistas de um roman-

ce. Surgiu "A Selva", fruto quase de um acaso, porque Ferreira de Castro poderia ter permanecido em Belém do Pará, em trabalhos de bórrio ou pregando cartazes nas ruas, não fora o espírito de aventura que lhe havia de modificar o destino ao contato dos dramas das matas e ignoradas amázonicas. Talvez não pensasse que ao reduzir a romance a realidade brasileira na sua região mais rica, porém mais abandonada, preparava um livro interessante universal. E "A Selva" saiu por aí fora, como um presente régio aos dois povos de língua portuguesa, pelo assunto, o entredo e o estilo, tudo quanto se pode exigir para a eternidade de um romance.

Ele, porém, que Ferreira de Castro nos rende outra homenagem: publica o "Instituto Supremo", já agora penetrando a Amazônia pelos caminhos de Cândido Rondon, a cuja memória e dedica assaltando-o como uma "grande figura moral do nosso tempo", e aos seus companheiros de empreitadas épicas, "todos aqueles que realizaram nas profundidades dos sertões brasileiros, à luz das suas ideias, uma epopéia de humanitarismo".

Desfilam pelo novo romance Rondon e os co-atores da "epopéia", completando o escritor o estudo sociológico dos grandes problemas amazônicos, numa realidade brasileira que somente agora estamos penetrando e compreendendo.

RETROSPECTIVA

Ferreira de Castro (José Maria) nasceu numa aldeia do Estado do Maranhão, de Oliveira de Assensio no dia 4 de maio de 1888. Fez seus estudos primários e secundários nas escolas locais e em Belém do Pará. Em 1911 emigrou para o Brasil. Viveu em várias cidades brasileiras, incluindo São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Foi um escritor prolífico, autor de romances, contos e poemas. Seu trabalho mais conhecido é "A Selva".

que emigrou ao Brasil, onde passou o tempo de sua infância e juventude. Em 1920 Ferreira de Castro abandonou seu trabalho em Belém, publicando "A Selva", que é o documentário em forma de romance mais conhecido da Amazônia. Com esse livro introduziu em São Paulo a língua e a realidade portuguesa ocupadas a sua porta literária, oferecendo ao Brasil e ao mundo uma obra que se tornou um clássico da literatura brasileira. Deu por dentro o espírito de luta do maior valor literário. Ferreira de Castro estava consciente, como o maior romancista vivo de Portugal, ESTERNAIDADE, TERRA FRIA, PESQUISA ANTI-INDÍAS, A TEMPERADA, A LUZ E A NUVEM, A VOLTA AO MUNDO (3 volumes), A CURVA DA ESTRELA, A MISSÃO E O INSTINTO SUPREMO foram suas obras principais universalmente conhecidas. Sobre o último livro escreveu assim: Trata-se de um romance que se impõe à grandeza da literatura. "O Instituto Supremo" conta a paródia de uma nação de índios terenos: os paraitubas. O romance conta com realismo a vida cotidiana de uma sociedade no Amazonas, em um fim de estampa no interior do sertão. O importante é que a obra se desenvolveu em sua vida e inspiração do livro da literatura brasileira: "Morre, se necessário há, maior coisa".

Sua morte no mês passado deixa uma lacuna literária, que somente será preenchida por grandes de sua obra universal.

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, circular no primeiro domingo de mês com a participação da Fundação Cultural do Estado. Endereço: Rua Carlos Gomes, 57 Salvador—Bahia. Telefones: ... 3-2522 3-2545 e 3-2847.

Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas a comissão editorial: a qual se reserva o direito de vetar a publicação.

Editor:
CID SEIXAS FRAGA FILHO
Coordenador:
CARLOS CUNHA



NOCHEBUENA EM AMÉRICA

Íguel Angel Asturias

Lloriqueo de niño en el rebozo de la noche. Recuerdos de añidueñas sorprendidos al estallar retozo de cochetes. Serrín de lentejuetas.

Una chipsa de Dios quema un establo, que la luna recubre con las palmas de sus rayos húmedos y hay un vocablo de astro en el resplendor de las almas.

El racén mueve la noche con sus marcos estrellitas marinas con d'os dedos de luz y un Angel, broche de cuña, remeço aguas cristalinas.

La Virgen, blanda que se huele, busca en su cantita al Niño, que apañaba a la punta de sus labios de gozoso.

Florecedo azahar luce el Patriarcado detrás de una fazca de alegrías; no oca tocar al Niño en su camaron, sus manos eran di carpintería.

Vienen los Reyes Magos, rauda foca estelar les guía. Como señales un camello se postra, habla una roca y los algodoneros sus zagales.

En un cesto de flores se adorna la Sagrada Familia. Todo vaga entre el buyo y la mula, en una plia de pienso con olor de verdolaga.

Juguete hecho de tronco de colores y enjorjado de aromas de villancicos, en fiesta de cohetillos tronadores y de parloterías de pericos...

Olor a plno y hoja de naranja alinda Gochra al Padre. Campanillas. Nochebuena de América. La granja, los árboles, las nubes, de rodillas,

O "SOLILÓQUIO" DE GODOFREDO FILHO

Heitor Pólvora

Os 70 anos do poeta Godofredo Filho não foram "uma novidade" para os leitores de sua obra. Desde a publicação de "A Selva" em 1920, o nome de Godofredo Filho já era conhecido em todo o Brasil e no exterior.

Apesar de ser conhecido em todo o Brasil e no exterior, Godofredo Filho não recebeu o reconhecimento que merece. Durante sua vida, ele sofreu com a falta de reconhecimento e a falta de recursos financeiros. Ele morreu em 1974, deixando uma obra que merece ser conhecida e estudada.

Godofredo Filho nasceu em 18 de maio de 1904, em Governador Valadares, Minas Gerais. Ele estudou no Colégio de São João e no Colégio de São Paulo. Ele começou a escrever em 1920, com a publicação de "A Selva".

Godofredo Filho foi um poeta, escritor e jornalista. Ele escreveu vários livros, incluindo "A Selva", "O Instituto Supremo", "A Volta ao Mundo", "A Curva da Estrela", "A Missão e o Instinto Supremo". Ele também escreveu contos e poemas.

Godofredo Filho morreu em 1974, em Salvador, Bahia. Ele deixou uma obra que merece ser conhecida e estudada.

Godofredo Filho nasceu em 18 de maio de 1904, em Governador Valadares, Minas Gerais. Ele estudou no Colégio de São João e no Colégio de São Paulo. Ele começou a escrever em 1920, com a publicação de "A Selva".

Godofredo Filho foi um poeta, escritor e jornalista. Ele escreveu vários livros, incluindo "A Selva", "O Instituto Supremo", "A Volta ao Mundo", "A Curva da Estrela", "A Missão e o Instinto Supremo". Ele também escreveu contos e poemas.

Godofredo Filho morreu em 1974, em Salvador, Bahia. Ele deixou uma obra que merece ser conhecida e estudada.

Godofredo Filho nasceu em 18 de maio de 1904, em Governador Valadares, Minas Gerais. Ele estudou no Colégio de São João e no Colégio de São Paulo. Ele começou a escrever em 1920, com a publicação de "A Selva".

Godofredo Filho morreu em 1974, em Salvador, Bahia. Ele deixou uma obra que merece ser conhecida e estudada.

TEXTOS INÉDITOS DE CARLOS ANÍSIO MELHOR

SONETO

Exíntia da memória, em muitos campos
Persistirás ainda. Percepção nenhuma
Logrará tua antiga presença, só a noite
Dos sentidos em que estás adormecida.

Nem a pena onde escrevi teu sonho
De existir. Nem o fundo do mar
Nem o túmulo: não poderá conter
Forma ou sombra: o teu despertar

Persistirás ainda, forma ou sombra,
Atra em torno de tudo em que viveste
Ou morreste: além de ti ou de mim.

Numa estrela, numa flor, no mar
No povo: corporificação do invisível.
Para além de ti mesma é o teu despertar

(1960)

FLÓRES E SÂNDALOS

Existem pessoas flores e pessoas sândalos
As flores são belas e têm perfume
Forno-las nos vasos e alegrem a vista,
Mas os deuses que invejam o belo
E são traidores pelos perfumes
As fenecem
E já não ficam conosco.
Os pótres sândalos jogamos nas gavetas
Mas seu perfume permanece
Inescrevível para sempre.

POEMA

Entre o que fora em surdina revelado,
Em noites de magia e esquecimento,
Nas sombras da infância ora abrigados
E do humano convívio separados,
Nas palavras ditas em surdina,
Nacidas pela noite em nossos lábios,
(Como os anjos da fresca primavera
Rosas assoprando aos pés de Venus)
O mistério do Amor faz-se mais forte
E mais amplo o jardim que se fechou.

Até à madrugada dias velavam
À luz da infância inapagável e pura
Ora as delícias do jogo regozando,
Ora os medos e pavores decifrando,
De quem, em Tebas, viu do monstro, a face,
E era livre do espanto a madrugada
E na partida mais forte se tornara
Que o mistério faz-se mais fundo
E mais amplo o jardim que se fechou.

SERENIDADE

Serenidade é auréola do Silêncio
Em torno às flores submersas
Dessem do silêncio os demãos véus
Projetando a luz da lâmpada

Serena, na perda consciente
Visto a imprecisão das horas,
pondo, onde além do sono,
o sonho no silêncio desdoblado.

E o saber-te agora santa, distante apenas.
Do rosto, dos gestos e das falas
Entre as coisas que tocamos todo o dia

Mas que guardam em seu segredo
Por trás da superfície toda
Serenidade, silêncio, flores submersas

(1960)

CARLOS ANÍSIO MELHOR é o poeta de quem lhes falo,
a quem me refiro Um enviado dos deuses que se toca e
ama. Morto de luz, se embriaga. Se derrama. Como nes-
tas páginas, seus poemas. E tudo.

Humberto Fialho Guedes

3. POEMA DO QUOTIDIANO

As pombas estão descendo pelo casarão antigo
As pombas estão descendo mansamente a tarde
Elas estão descendo pela tarde, silenciosas

Silenciosas aguardamos
Longe as pombas desinquietam-se
(Cores velhas do crepúsculo de minha cidade)
Não estou só
Ná conlgo a mesma paisagem
E a lembrança de tua imagem
Confundida

Simplicidade. As pombas estão descendo a tarde silenciosas
Nessas vozes há pouco acesas. Falávamos
Amiga: circundemos o silêncio
E nele construímos um horto
Fiquemos com as flores douradas
Que fazem as luzes do silêncio.

(1960)

NARRATIVA

No Penha a hora é crepuscular. Forma não
há nem péso, nem matéria. Tudo um macio de
violatas — a luz. Brisa não corre, como se re-
poucar. A pele o tempo se refreza: a hora.
Tem-se vontade de parar de pensar e de sentir,
apenas estar vendo transluídos corpos como
sombras claras, corpos cheios de luz, boçados,
ampliando-se sem limites pelo mar. Tudo luz.
Levas, um pouco angustiadas, como num sonho.
Esqueçemo-nos o que somos, em que condições,
olvidamos o fim que nos obriga a chegar. Não
há mais sei visível, nenhum ponto luminoso no
espaço violáceo, mas tudo extrai de si mesmo a
côe e nos confunde. As andorinhas se perdem
nas rotas do Sul. Só, no fundo de nossos senti-
dos, trabalhamos mar-horizonte-côe, refletidos
como num espelho, simplesmente. Uma vela, al-
va horizontalina. Atravessamos românticos ar-
cos, da Penha aqueles arcos, curvas claras.

Desamplo. Veludo escuro abrindo-se pela
superfície. A brisa em seus corredores. No ante
côe, mais espessa a luz. Escurece. Menos som-
bras. Some Sono Ainda demorava. Jantino fu-
mando aquela hora. O cachimbo preso à boca.
Só. Fumaça, caminho de todo espaço... Dis-
tantes olhos. Nas pedras escuras, mal curtidro
e marulho das águas, era uma figura. Na fila
de casa defronte, as luzes nos lustres ou pen-
dentes simples. Sentando permanência, quase
imóvel vendo o mar oscilante. Voltou o rosto
ainda uma vez mais para o mar.

Defronte, na parede, a fria claridade da ma-
nhã. O sol não se via. Lúcia queria dormir.
Fletava a perna. Aconchegava as mãos. Com-
primia os seios. Lúcia movia-se por baixo dos
lençóis. Os lençóis nas costas, acariciando.
Fretas a outra face do travessão. Viro-o.
Apanhou o travessão e pôs entre as pernas.
Gostava de fazer isso às vezes. Com a cabeça
ao nível do corpo a respiração lenta e custosa.
Ficar assim por muito tempo, não podia. Sen-
sação incômoda: dorzinha, irritação, ardor. De
outro lado da janela, a luz feria-lhe os olhos.
Foi abrir as janelas: o mar.

As sombras se afundam dentro dos corpos.
A florinha do tamarindo estido desceve ele-
gantes círculos. Seus ademanos. A folha amare-
la treme luz: a única coisa que se moveu. O sol
não brilha sobre o mar. Entesta-o. Trançados
ferros. Na Penha a hora é vertical. Tudo se
prende oteante a terra. Arqueja. Um cachorro
deitado na areia refreza com a língua o focinho
ressequido. O mar pendre gravemente. Mar fe-
rido. Mal ferido. Serenos vasos. Jantino nem
fuma nem lê. O pensamento espessa sombras.
Recostado na árvore sob a sombra e com a perna
encolada presa nas mãos: e resto é de santo.
Lúcia lá no fundo passa, com uma bola verme-
lha na mão. Passa junto ao mar.

POEMA

Nem distante, nem presente — entre um <sup>esp-
pauculo</sup>
cheio de frutos maduros e um amanhecer de
cristais partidos.
Nem distante, nem presente: longa viagem
por sobre de agora e sempre. Nem distante
Nem presente — inerte, latitude entre o orien-
te do verso e tardes calmas
Com mãe e irmãs e flores na janela.
Nem distante, nem presente: silêncio: espaço
grando
Luz inerte, frias madrugada, aves em repouso.
Tudo isso, nem distante, nem presente,
Enquanto meu sonho principia
(nem distante, nem presente)
O verão amadurece seus frutos
(Nem distante, nem presente)

Um ventre cheio do Espírito
(nem distante, nem presente)
Os mortos esperam impacientes
(nem distante)
Agora nesse verão, Amor,
(sem presente)
Entre crepúsculo e manhã
O meu sonho se amplia
Onde tudo principia.

(1961)

CONCRETISMO

Paulo Leminski

AS VANGUARDAS BRASILEIRAS I A POESIA CONCRETA

Um Caso Encerrado — A poesia concreta foi o gesto mais radical da literatura brasileira na década de 50 e continuou a sê-lo na década de 60. Nos seus treze anos de existência oficial, ela desenvolveu uma ação teórica e produziu uma constelação de obras, suficientes para deflagrar uma revolução. Hoje, a poesia concreta não mais faz questão de discutir sua história, ela não consiste mais em suas plataformas e manifestos; é trabalho feito. A seiva que alimenta todas as novidades da poesia brasileira mais avançada de hoje deriva desse trabalho. O experimentalismo, característica básica da poesia brasileira atual, foi ela que o defendeu como traço indispensável de qualquer criação literária no momento mesmo em que toda a literatura brasileira o repelia.

1. Histórico

45, a República ao Novo

A poesia brasileira, no início da década de 50, vivia horas de profunda anemia. A efervescência experimental e revolucionária do Modernismo, após sucessivas diluições e estrangulamentos, foi estilhaçada oficialmente pela chamada geração de 45. Os poetas que começaram a publicar por volta dessa data, e que a caracterizam, promoveram a recuperação do soneto, do verso mediano e da linguagem acadêmica. A poesia de 45 voltou a padrões anteriores à revolução modernista, num neo-parnasianismo confesso.

A poesia de 45 é representada pelas obras de Ledo Ivo, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva, Mauro Mota, José Paulo Moreira da Fonseca, Paulo Mendes Campos, Geir Campos, Lupe Cotrim Garauê e inúmeros outros. De Tristão de Atalide é a expressão Neomodernismo, às vezes aplicada particularmente a esse grupo. Para facilitar a compreensão do leitor, segue uma tabela de contrastos entre os traços mais notáveis da poesia de 22 e aquela da geração de 45, confrontado facilitado por suas marcadas oposições.

22 x 45: o confronto

22, os modernistas:

- a) abolição da métrica, o verso livre;
- b) a pesquisa de formas;
- c) a brutalidade de realização;
- d) o compromisso com a cultura e a realidade brasileiras;
- e) a objetividade luminosa e cronológica;
- f) a fala viva;
- g) a imagem violenta e dinâmica.

45, a contrarrevolução:

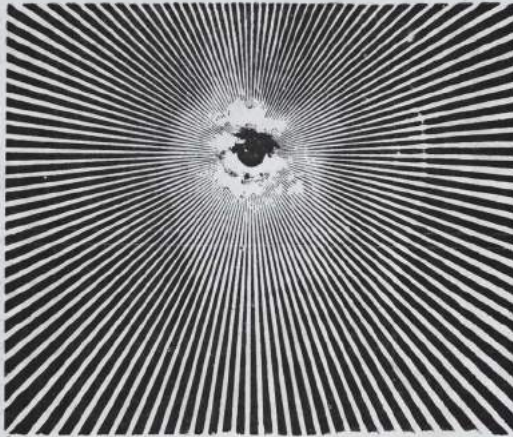
- a) o retorno à métrica, ao verso e à rima;
- b) o conformismo formal, a forma;
- c) o requinte prosaico pela tradição;
- d) a defesa do intemporal, uma meta física de transcendências;
- e) o subjetivismo hermético, o devaneio;
- f) o purismo, o estilo correto;
- g) a imagem abstrata, as arbitrariedades da metáfora.

Cabral puxa Drummond, a poesia concreta puxa Cabral.

O poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto é dos representantes da geração de 45 o único a abrir caminho para algo de novo. Sua linguagem despojada e anti-sentimental, vazada em quadras de acabamento exemplar, contrasta fortemente com o derramamento e as facilidades lamentáveis da maior parte de seus contemporâneos: a imagem precisa, sua exatidão plástica, sua obsessão pelo mundo físico. Cabral criou um universo facilmente reconhecível de "desertos", "facas", "guncos", "arestas", de coisas materialmente corretas em sua configuração plástica; o novo, o rio, esse gosto pelo palpável fez com que o acusassem frequentemente de "prósico". Mas é um prosaico buscado, proposital.

Esse prosaico encontrou seu aliado natural num amor à geometria e ao mundo matemático. O símbolo da poesia de Cabral é a pedra, pelo que ela contém de disciplinado, de confido e de plasticamente definido. Mas essa pedra já se encontrava no trabalho exemplar, contrastante fortemente com o de Drummond de Andrade.

Não é difícil encontrar na obra de Drummond traços embrionários daquilo que Cabral levava às suas últimas consequências, essa gana pelo objetivo, pelo rigor. Mas a pedra no caminho de Drummond é apenas um símbolo. Ela se transforma em forma ante o olhar e a memória, até "as retinas fetidas" do poeta, medusa à avessas. A pedra de Cabral é pura e simplesmente pedra, uma entidade mineral concreta.



POESIA DE EXPORTAÇÃO

ta. O que motivou Drummond foi o que ele podia dizer da pedra. A Cabral interessa o que a pedra lhe tem a dizer, a cantar. Os Poetas invertem-se.

Drummond descobriu o mundo das coisas. Mas a poesia continua sendo apenas uma consciência passiva ante o poder das coisas. Drummond está de fora com as coisas que assim não chegam a lhe culminar nada. Cabral e ao contrário um admirador fervoroso do mundo dos objetos. Para Drummond, as coisas por valerm tanto são nojentas. Para Cabral, por valerm o que valem, as coisas são preciosas. Cabral vive já-lhe a precisão, a serenidade. O poeta que falará de coisas e só de coisas não pode estar suado de sua exatidão e certeza. O poeta tem que ser coisa também.

Mas Cabral, tendo dado um passo adiante de Drummond, não dá o passo seguinte. Tendo transformado seu discurso em coisa, por amor às coisas, Cabral caiu numa armadilha que não previa, as coisas são congeladas, imutáveis. A linguagem de Cabral imobilizou-se, congelou-se, cristificou-se. E ficou com a mulher de Ló, perdida lá no meio do caminho, logo adiante da pedra que Drummond não conseguiu esquecer.

O passo seguinte vai ser dado por aqueles que descobrirão que a coisa não é um ente mas uma relação.

DADOS HISTÓRICOS BÁSICOS

A poesia concreta nasceu da revista *Neogramas*, cujo primeiro número foi publicado em S. Paulo em 1952. O nome "concreto" foi cunhado por volta de 1955. O lançamento oficial do movimento deu-se em 1956, tendo seu plano-piloto publicado em 1958. O órgão do grupo concreto é atualmente a revista "Invenção", também publicada em S. Paulo; seu primeiro número é de 1962.

A EXPRESSÃO "POESIA CONCRETA"

Quando os criadores do movimento, Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, fundaram a revista e o grupo "Neogramas", a expressão "poesia concreta" ainda não existia. Os textos de "Neogramas" — 1 não justificavam ainda a criação de um nome distintivo. Mas à medida que sua poesia, coletivamente considerada, evoluiu num sentido espacial geométrico e antidiscurso, nitidamente diversa da que se fazia, a necessidade de um nome impunha-se.

Essa poesia, pelo que adquiriu de geométrico e de plástico, aproximava-se da figura dita "concreta". "Concreto" aqui significa não-figurativo; define uma arte que não imita a realidade, mas vale por si mesma, por suas formas. Em 1955, os poetas paulistas entraram em contato com Eugen Gomringer, na Alemanha, que fazia experiências, de certa forma, aproximadas, às do grupo brasileiro. Eram poemas sintéticos, onde o jogo espacial de um pequeno número de vocábulos, pintava um retrato ou configurava uma situação lírica. Gomringer chamava seus trabalhos de "constelações". Em nome da unidade do movimento, os brasileiros propuseram-lhe o nome "concreto", que o poeta sulco aceitou; o movimento ganhava assim empoatção internacional.

Mallarmé, Pound, Joyce

As descobertas técnicas de Mallarmé, Pound e Joyce, em suas obras máximas, quando se localizam, produzem uma reação-explosão comparável a uma reação química violenta e decisiva. Esses recursos eram semelhantes ao enxofre, ao salitre e ao carvão, que, inofensivos sózinhos, reunidos, produzem a pólvora.

Quais eram essas descobertas e recursos?

A constelação de Stéphane Mallarmé

A poesia do Século XIX culmina num climax e numa catástrofe: o grande poema "Um Lance de Dados" (Un Coup de Dés) (1897), de genial simbolista Stéphane Mallarmé. É um poema revolucionário sobre o Acaso e a Obra de Arte.

Técnicamente, "Um lance de Dados" representa a conquista do espaço da página; é a matriz da poesia espacial. Influenciado por recursos jornalísticos de manchete e paginação, Mallarmé líquida com o verso distribuindo as linhas pelo layout da página, estréias formando uma constelação no seu entender.

O poema utiliza recursos tipográficos alternando várias formas de tipos. Sua obra caiu de surpresa na literatura de época; nem o discípulo mais chegado de Mallarmé, Paul Valéry, compreendeu-lhe o alcance.

Mallarmé é o pai maior.

O Conto Ideográfico de Ezra Pound

Pound foi o grande animador e incentivador das vantagens europeias do início do século. Foi um dos líderes do imagismo e sua obra teórica e crítica é tão importante quanto sua poesia; Pound foi, aliás, o poeta que mostrou não haver diferença entre crítica e criação. Elas se alimentam mutuamente. A obra crítica é crítica e a crítica só interessa na medida em que ela transforma a criação.

Sua obra máxima, "The Cantos", é um longo poema épico onde rotaciona idéias das preocupações literárias, culturais, políticas e econômicas de Pound.

Utiliza nesta e recurso ideográfico aprendido da escrita figurativa de chineses e japoneses. O ideograma justape blocos de textos que se interrelacionam por ação de presença. O ideograma deu a Pound uma solução completa ao problema da palavra justa e da expressão direta, que sempre o preocupou.

Embora o problema do ideograma implique em problemas espaciais de sintaxe visual — centrais em Mallarmé — o poeta americano trabalhou sem se dar conta do Lance de Dados, do poeta francês.

O "Finnicus Revém", de James Joyce

O irlandês James Joyce é conhecido por seu "Ulysses". Mas sua obra mais radical e revolucionária é o "Finnegans Wake" ("O Despertar de Finnegan"), publicado em partes sob o nome de "Work in Progress" ("Obra em Progresso"). Em suas centenas de páginas, é com certeza a obra mais difícil da literatura mundial. Damos acima um resumo das características do texto que define sua radicalidade e sua revolução:

a) o texto é circular; a última palavra do livro (the "A") é o artigo definido que precede a primeira palavra (riverrun = corrente do rio)

b) é uma fusão e superposição de múltiplos universais com temas irlandeses;

c) o texto não é propriamente escrito numa linguagem; ele é essa linguagem. A linguagem passa de veículo a personagem principal;

d) Joyce pratica nele, intensivamente, a palavra-montagem, processo pelo qual duas palavras se fundem, dando uma terceira que as dinamiza. (P. ex.: "constata-tar", fusão de "constatação" + "constelação").

RAÍZES MEMÓRIAS

Outros autores, embora criadores de uma obra de menor alcance que a dos três estudados, desenvolveram processos que vieram trazer ao projeto concreto "vos subsídios de impulso. São Apollinaire e Cummings.

a) Apollinaire —

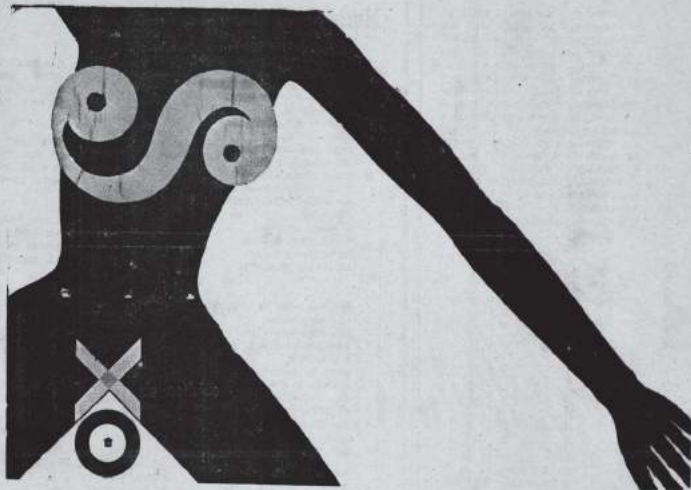
o) estrutura figurada, o poema figurado. O poema em forma de.

b) Cummings —

CONCRETISMO: CONTINUAÇÃO

UM ESTUDO

MARCO GAVAZZA



Cummings desmonta, desarticula e atomiza as palavras em seqüências, sílabas e letras, explorando as sonoridades, as associações ocultas e o perfil fononômico das letras.

RAIZES BRASILEIRAS
Os dois grandes precursores da poesia concreta no Brasil foram Oswald de Andrade e João Cabral de Melo Neto.

Oswald com seu poema minúto, sua capacidade de humor através da sintaxe e da surpresa. Em João Cabral, os concretos aprenderam o rigor geométrico da composição e a seca precisão de uma poesia como que de arquiteto.

**FINO DA ARTE
FINO DO MUNDO**
Mas a poesia concreta não tem apenas raízes literárias.

Em manifestos de 1956, já aparecem as preocupações com a revolução dos meios modernos de comunicação: imprensa, tipografia, cinema.

Aliás, muitos dos elementos mais inovadores da literatura moderna nasceram de uma meditação dos meios de massa. É fato sabido que a espacialização do poema, praticada por Mallarmé, é fruto de uma absorção literária das técnicas jornalísticas de manchete.

Podemos imaginar a vanguarda concreta com um rio, tendo por margem de um lado, os elementos revolucionários da literatura moderna; a outra margem representaria as contribuições da técnica moderna, do cinema, da TV, da publicação, da massa média, enfim.

A poesia concreta é que veio mostrar não haver contradição entre essas duas esferas: elas se completam, nutrem-se, se alimentam e coexistem ambas ao mesmo ponto — um novo conceito de comunicação.

**DE NOIGANDRES A RODRYNIL
— A VANGUARDA NO**

QUILHO DA RUA
A revista-livro Noigandres foi publicada de 1962 a 1968. Nela nasceu a poesia concreta e, junto com ela, toda a problemática das vanguardas atuais.

a) o poema visual (o espaço)
b) a manutenção do vocabulário (fósses, desarticulações);

c) novas sintaxes; espaços cromáticos, analógicos;
d) o poema com jogos fonéticos em vários idiomas ("poemas em", Augusto de Campos);

e) o poema-cartaz (Noigandres, n. 4, é um álbum de cartazes);

f) o poema-livro ("A Ave" de Wladimir Dias Pino; LIFE, de Décio Pignatari);
g) a estrutura dinâmica e cênica-cinematográfica (os dois poemas-livros acima citados).

Em 1966, já existindo o nome "poesia concreta", inclusive com circulação internacional, um novo grupo de poetas e críticos importantes responde ao desafio. Pertenciam a esse grupo:

Mário Faustino — notável poeta e crítico, desapareceu em desastre aéreo;

Reinaldo Jardim — diretor do Suplemento Literário do Jornal do Brasil que prestigiava os novos e que marcou época por sua qualidade;

Ferreira Gullar — o poeta de "A Luta Corporal", livro ousado e inventivo, que se bateu pela nova poesia com inteligência e comotividade;

Wladimir Dias Pino — autor de "A Ave" (1966), poema-livro de estímulos radicais, onde se realizavam plenamente muitas das exigências da poesia nova;

Olíviera Bastos — crítico altamente afastado da atividade literária, que soube ver com inteligência o momento crucial que a poesia brasileira atravessava.

Posteriormente Ferreira Gullar e Reinaldo Jardim romperam com o grupo de São Paulo com cuja metodologia e com cujo racionalismo discordavam. Estes promoveram então a corrente que chamaram de "necessarismo".

Wladimir Dias Pino é atualmente o líder da chamada "poesia-processo". Nos anos que se seguiram, a poesia concreta traça o caminho de uma radicalização crescente que trouxe como resultados: a) uma resposta de novos poetas brasileiros que surgiram, e b) uma repercussão internacional, que jamais movimentou algum da literatura brasileira livreira.

Depois da adesão de Ronaldo Azeredo e José Lino Grunwald, a equipe "Invenção" é organizada, contando com a participação do grupo paulista, dos poetas alemães e máximos Pedro Xisto, Edgard Braga, Már e Cassiano Ricardo. Estes dois últimos viriam a liderar o movimento dito "poesia-praxis", após sua separação da equipe.

Em 1962, sai o primeiro número da revista "Invenção", seguido de um segundo número nesse mesmo ano.

Temos aí num rápido relance, a história do movimento que foi o iniciador entre nós da problemática da vanguarda e que se mantém até hoje como o mais radical e o mais bem fundamentado teoricamente.

Mas a intensa atividade literária da Poesia Concreta não foi obstáculo a um tipo de influência que já estava previsto nas perspectivas do grupo: referimo-nos ao impacto causado pelas técnicas da Poesia Concreta em áreas culturais não literárias, letras de música, nomes de filme e textos de publicidade. Muito recentemente a Rodrynil lançou na praça pública de publicidade cupos discursivos literalmente um texto concreto.

Fecha-se assim um círculo iniciado em 1956: a poesia concreta, nascida em grande parte do impacto da "massa-média" sobre a poesia brasileira, volta aos meios de massa ao mentando uma nova linguagem, agora acessível a milhões.

Resumindo o balanço histórico que fizemos, pode-se traçar como resultados das atividades da poesia:

a) influência na poesia nacional que se modificou violentamente nos últimos dez anos;

b) irradiação internacional (aliás, de certa forma, esta precedeu aquela);
c) impacto na linguagem dos meios de massa.

Longe de ser um caso liquidado, a poesia concreta contém atualmente sua trajetória de radicalidade e seus frutos mais recentes são um determinado tipo de poesia não verbal (os poemas atmosféricos de Décio Pignatari e os trabalhos concretos de Augusto de Campos) e experimentos que se situam mais no parâmetro da prosa ("Livro das Galáxias", de Haroldo de Campos e "O Pensar" de Paulo Leminski, de próxima publicação).

CRÍTICA

Evidentemente a crise da poesia e do texto que a Poesia Concreta representa, exige novos instrumentos críticos, instrumentos esses que ela provocou e que constituem a única aparelhagem crítica capaz de estudá-la.

A essa nova crítica, pertencem os trabalhos de Décio Pignatari na área da Semiótica e da Teoria da Informação representados pelo livro "Informação, Linguagem, Comunicação".

Suscitando numa área própria da mesma problemática, Haroldo de Campos publicou recentemente "Meta-Linguagem" e publicará em data próxima o livro de ensaios "A Arte no Horizonte do Provável".

A NOVA MÚSICA & A CONCRETALIA

Primeiro foi a influência da poesia concreta no novo música erudita brasileira, cujos manifestos e plataformas teóricas, em Invenção, nº 3, são assinados por Rogério Duprat, Júlio Madaglia, Willy Corrêa de Oliveira, Dumanoir Costa. Alguns destes nomes da nova geração de música brasileira de vanguarda, estavam ligados à poesia concreta desde o início e são responsáveis por orações, partituras e composições de textos concretos.

Depois, foi a vez da música popular brasileira cujo setor mais avançado e criativo, o grupo Tropicalia, compreendeu e assimilou a nova experiência.

Nas letras de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto. Os Mutantes, a poesia concreta está presente tanto em soluções particulares de vocabulário quanto no espírito geral da invenção verbal.

Augusto de Campos, cujas preocupações com a música popular brasileira deram no importante "Balanço da Bossa", mantém Caetano de toda a bibliografia concreta. A contraparte do ion-play "Panteão Circense", do Grupo Tropicalia, menciona aliás a Antologia Noigandres.

"Gêlia Geral", a canção de Torquato Neto & Espinosa, é uma expressão de Décio Pignatari no prefácio de Invenção, n. 5.

Caetano havia convidado Augusto de Campos para elaborar a letra de uma canção, projeto interrompido pela prisão de Caetano.

O RATO X DO PROBLEMA CONCRETIVO

Produção

O CORPO DAS PALAVRAS

- a) descoberta da palavra como centro do poema e
- b) abolição do verso como unidade básica de poema;
- c) os valores físicos da palavra. — sonoridade — forma
- d) são o ponto de partida do trabalho poético através da
- e) repetição, fusão, fragmentação e espacialização.

E A PALAVRA NO ESPAÇO

- f) espaço x discurso; abolição do discurso pelo
- g) criação de uma sintaxe espacial (visual) por
- h) utilização de todo o espaço em branco da página;

COM RELAÇÕES EM MOVIMENTO

- i) a palavra gera o poema movendo-se na página quando
- j) estabelece relações com outras palavras por
- k) semelhança e/ou proximidade dos elementos semelhantes;

DE SOM/FORMA/SIGNIFICADO:

- m) forma e significação são inseparáveis poéticas
- n) forma e conteúdo criam-se um ao outro simultaneamente;
- o) isomorfismo;

O CORPO DO POEMA

- p) é organizado, geometrizado, dinamizado por
- q) uma lógica do próprio poema.

CONSUMO

- r) o poema é um objeto
- s) útil,
- t) livro, display, cartaz.

A prática intensiva desses recursos pela poesia brasileira atual deriva diretamente da poesia concreta que os sistematizou e os colocou em circulação.

A Poesia Concreta é o "Sinecer" da Literatura Brasileira

A poesia concreta não é uma solução fácil para os problemas da literatura brasileira; é o maior problema lançado contra ela. Teoria dramática e E-finec, — a literatura brasileira tem que resolver esse problema urgentemente.

ORELHA DE LIVRO



Este livro é uma guerra. Dificilmente ele deixará de constituir uma surpresa para o leitor. É mais difícil ainda será a interrupção da leitura depois de passadas as primeiras páginas.

Trinta anos depois da Segunda Guerra Mundial, o autor consegue nos transportar de maneira contundente para o cenário das batalhas e trincheiras onde medo e bravura se juntavam ao mal, bem no limite da morte e da vida.

Guerra no nível de praças, cabos e sargentos, alhosos quase sem pre às estratégias gerais, mas cujos sentimentos humanos são os mais universais possíveis.

As histórias reunidas em *O General Está Pintando* se inserem na linha que orienta toda a ficção desse inquietante pernambucano, a do desnudamento da árdua condição do homem nordestino, sufocado por limitações geográficas e sociais avassaladoras, desnudamento esse, porém, que não se restringe à dimensão regional, mas alcança proporções mais amplas ao fixar os pequenos dramas do cotidiano e da existência sofrida que é, eternamente, a de todos os homens.

Fendo por palco uma pequena cidade do Nordeste, com seu peculiar colorido folclórico, os personagens — que o leitor encontrará mais de uma vez ao percorrer as várias histórias — vivem episódios que não se podem qualificar senão de fantásticos.



A psicologia de nossos dias remete-se em diversas correntes e múltiplas escolas. Seu quadro heterogêneo, que a muitos impressiona como caótico, é, a rigor, reflexo de uma crise de crescimento: crescimento de conhecimentos, de campo e de métodos que ampliaram prodigiosamente as áreas do saber e de ação psicológicas. É inegável que a irrupção desta onda de novas teorias e de novos métodos produz, também, aturdimento e desorientação. A solução, contudo, não está em desconhecer tal profusão de linhas de trabalho e de refugiar-se num isolamento partidário. A legítima e insuspeita adoção de uma atitude e a crítica subsequente devem buscar-se no conhecimento extenso do que se contradiz e critica.

Raros têm sido os psicólogos que se dedicaram ao estudo do panorama da psicologia atual. Eis porque o presente trabalho de Hedna Heidbreder, retratando ampla e ilustrativamente a história, teoria, significado e crítica das escolas mais significativas de nosso tempo, vem ocupar o merecido alto nível de verdadeiro clássico, neste importante ramo da cultura humana.



Não há dúvida de que a expressão de **VILMA GUTMARAES ROSA** se casa perfeitamente à sua concepção atual de conto. A magia das situações ficcionais encontra na maneira de narrar o tom preciso. Há uma mágica vocabular, uma poderosa alquimia que revaloriza adjetivos e verbos, envolvendo o texto numa atmosfera de sortilégio, de encantamento. No fundo e na forma, o seu conto pretende impressionar pela música vibratória, pelo tom de fábula um tanto oriental, em que se exerce. Ele me parece algo deslojado em relação à nova corrente da história curta brasileira, que se despe da impregnação poética para reduzir o plot a um pequeno universo ferozmente tirado à vida. Mas os gêneros literários estão em mudança constante — e o conto de **VILMA** traz a sua marca inconfundível. O tempo dirá se a sua beleza é apenas formal ou se ultrapassa a expectativa literária.



A MORTE DO POETA

Maria da Conceição Paranhos

Todos os poetas do mundo morreram nessa hora. O dia calou, calou-se e madrugada, idas, vindas, caminhos sem rodas. No entanto é noite, noite ainda alta, e não se quer mais nada da velha porta aberta. Palavras. O passo no papel é máquina, é tecla, hora, muita hora de buscar palavras.

Mandi colar na máquina tira de veludo, amolecer as teclas, acrescentar sinais e retirá-los nada foi bastante. E junto saudades, com as mãos ausentes, dia pena de pato que nunca usei. Sinto saudades de mim que me perdi quando nasci.

Agora a hora é vária: sei que sou poeta mas isso não é bastante (sentar à máquina, fabricar poemas que não serão lidos, ou não o bastante).

De viver a culpa anterior e mudar sem palavra certa sem morrer sem alma.

Nr hi-fi a noite, ainda aberta, anuncia a morte do poeta.

Os homens continuam, e os poetas, mas a poesia nunca foi o bastante, e nunca foi bastante o estar no mundo.

DIÁRIO

Evandro Barreto

A agenda preparada para o dia — seu sustento: notas e sub-notas fronteiras do respirar

Sobre o pulsar natural o tic-tac de aço o tempo gerando formas para estátuas de sal

Que imagens bem filtradas em: cores fundamentais (foculos de lente neutra para o sol de quase inverno)

Indo só de peito aberto Sentindo em cada gesto que o homem não é membro se encontra na paisagem (castelo antigo secreto) que na memória dormia conquistas essas saideiras da mais nova romaria

Quebrou-se a lente do olho vislumbra-se o pomo maduro de outro lado da rua falce o tempo geral:

o mar devia estar calmo...

PERCEPÇÃO DO RUBRO

Lúcio Emanuel Silva

que outro vermeelho sensô o mítido, sangüineo rubro de rosas rubras?

nem quero orvalho em madrugada, só o alacalino, gôto: lúxiva

e uma folce fina, seifando rosas, dítida ou restido nas comisuras

POEMA

Ma. Grace Simão

Olhei-te longe, — perdido — Criança só, — e mal amada.

Meu caminhar rápido — dor apressada Alcança teu abraço — avidez incoitada.

Olhei-te perto — inacessível Pedra cristalizada — e mais fechada.

Velei teu corpo esfido — leito de noites escuras Velei a chuva — tua lágrima fria E penetreste em mim — água parada, obscura.

Perfu-me o silêncio de teu corpo — cansado — E caminhei lenta — perdida E fui criança só — e mal amada.

ENSAIO MENOR 3

Antonio Brasileiro

Despeço-me de ti, planta inocente, que nasceis pallidamente por entre as frestas. Eu, o imortal, absovido embora do julgamento dos mortos, olho a vida como se olha a névem que passou e se dissolveu no canto da paisagem.

BHAGAVAD -GITA

Samuel Nogueira

Mística e angelical, santa sabedoria, sublimada Canção eis a Bhagavad-Gita... O iniciado exulta ao ler tanta poesia, como se fôra Vyasa ou mesmo Jôse Asitai!...

Através da leitura em prosa, que harmonia o contexto retrata, e nos atrai e incita ao plano vertical... muito melhor diria, a rebucar Narada... e nós nos ressuscitai!...

É muito mais que o Sama o Cântico dos Cânticos, superior ao OM, o mantra oriental, e rebucar Narada... e nós nos ressuscitai!...

Sete mil anos há já de existência física, é mensagem divina e sobrenatural, do Evangelho de Cristo, a fonte metafísica!...

A PROPÓSITO DE UM INÉDITO SOBRE RUY BARBOSA

Fernando Diniz



No mês em que o Ministério da Educação e Cultura pelo seu Departamento de Atividades Culturais, e Universidade Federal Fluminense e a Fundação Casa de Rui Barbosa, se empenham para criar o traçado do itinerário da morte do jurista jurista, promovendo este Centro de Estudos de suas obras e da grandeza de sua vida intelectual, jurídica e humana, a grandeza de sua grandeza no Brasil, sua grandeza em termos de valores humanos, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra...

Em verdade, o perfil de Rui Barbosa padroniza o Brasil, sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra...

Ninguém, com espírito, mais evocado e invocado nos momentos cruciais da nacionalidade, para combater, ao mesmo tempo, o oportunismo e a corrupção, a oligarquia e a injustiça dos seus...

Em verdade, o perfil de Rui Barbosa padroniza o Brasil, sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra...

Em verdade, o perfil de Rui Barbosa padroniza o Brasil, sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra...

Em verdade, o perfil de Rui Barbosa padroniza o Brasil, sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra...

Em verdade, o perfil de Rui Barbosa padroniza o Brasil, sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra...

Em verdade, o perfil de Rui Barbosa padroniza o Brasil, sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra, a apresentação à sua obra e a sua obra...

"Ela, as doutrinas jurídicas ao lado que refutou o oportunismo pela organização do Estado" (Id., p. 24).

De lembrar, sua doutrina e a inauguração de uma nova lógica e doutrina e grande injustiça, pensar, de própria, declaradamente a outra como ardoroso estado do momento momentânea brasileira em sua ciência de filosofia do Direito na Faculdade Livre de Direito de Bahia, em que, substituído, em 1906, após inúmeras controvérsias, a Lezíria Filgueira, segundo com a força do seu pronunciado talento e ideário jurídico-filosófico da Escola de Bahia, dos Ilvins Romero e Tobias Barreto, Artur Orlando e Paulo Cardoso, além de autor, já na altura de 1905, marcado com o anátema de uma produção eclesiástica.

A tal imperiedade, porém, sempre lhe correspondeu a do grande brasileiro, que jamais lhe reagiu apegando a obra de justiça e pensar, honras de letras e ciência, que alcançaram de seu País Brasil, o "Curso de Esclarecimento Jurídico em Uma Teoria Geral do Direito" (Liv. Catilina, Roma - do seu Brasil - edit., Bahia, 1913), que lhe vem com justiça dedicada, como autor honrado, ainda com o autor de "O Mundo Interior", o delimitamento do Direito Incompleto "Diccionario Enciclopédico das Filosofias" no abandonando, a 4 de setembro de 1913, mesmo 1913, a tribuna do Senado a la sufrágio-lhe o nome no Senado Brasileiro à voz de Afonso Arinos, a ser o seu que quis inaugurada teórica do jovem filósofo e jurista brasileiro e crítico de ingresso ao alto socialismo, formando, assim, com o prestígio de seu apoio, com a representativa ideológica da Casa que Machado de Assis que se lhe sempre realizou nas demonstrações de apoio ao seu valor.

Não se restringiu, entretanto, ao só apenas palavras de honra e justiça o interesse e o desenvolvimento insuperável do também brasileiro, polêmico a pensar pelo voto nominal do presidente jurista. De sua obra política se dá nas relações as seguintes publicações e depósitos que ainda aqui estão incluídos na bibliografia citada: "O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).

"O Eixo Imperialista e o Partido Rui Barbosa" - (Sobre o processo Almeida Leal) - Artigo, in "Diário da Bahia", Salvador, 1906 (Vol. II, II - 192, 3a.).



EM BUSCA DE UM PROUST "PURIFICADO"

É difícil antecipar a repercussão e o sucesso de livros de Marcel Proust, desde o pela natureza - confissão do autor. O livro que saiu há alguns anos, em 1924, pretende dizer a verdade sobre a vida intelectual de um escritor francês praticamente esquecido pela atualidade para ocupar o lugar de um escritor francês. O livro que saiu há alguns anos, em 1924, pretende dizer a verdade sobre a vida intelectual de um escritor francês praticamente esquecido pela atualidade para ocupar o lugar de um escritor francês.

O livro que saiu há alguns anos, em 1924, pretende dizer a verdade sobre a vida intelectual de um escritor francês praticamente esquecido pela atualidade para ocupar o lugar de um escritor francês.

que seria também seu amante. Ciente apenas de uma verdade: Proust não era pago a ele um estudo de plágio de estilo por sua personalidade e a beleza física de Apollinair foi atribuída à sua natureza, que simplesmente não o dava seu País.

Com respeito ao "boloi para o novo" que Proust teria fundado, o texto escrito de dizer claro o nível de seu país, não lugar, afirmado que o escritor francês "a buscar informações sobre alguns aspectos frequentes" dos livros em "claros" seu estado - a maioria política e humana, de sentido - seria exclusivamente literário. Marcel Proust também não se detinha de todos os que tentava o que por detinha iluminada e pela reação do escritor as coisas do dia-a-dia.

Com o título de sua obra "A Reminiscência da Tempo Perdido" serve hoje como velho resumo para personalidades em linguagem, porém a complexa personalidade "revelada" através a get "indivíduo de todo" quanto se refere a realidades humanas. E seu nome sempre houve motivo de reflexão recorrente. A julgar pelas críticas de Marcel Proust, publicadas recentemente pela revista "Novos Horizontes", não contém sequer de livro nenhuma crítica a essas lembranças e documentos que se lêem do seu perfil a figura de Marcel Proust. Pelo contrário, ainda que de uma maneira bastante parece impossível. Primeiro, transpõe claramente a necessidade de Coléu - resultado em verdade de uma análise mentalidade humana - de "salvar" a representação em realidade, o espaço de tempo de Marcel Proust, em 1913.

OLHOS ACORRENTADOS

Almir Vasconcellos

No tribunal do mundo, as rosas púrpuras e murchas traz am a maioria dos pedregos caspitas.

O fascínio do caudal dos deuses se estroava na pilastra dos séculos. Os pulsos da noite empurravam o carro do destino, onde PAULO e só calçava os pés. O verde era o contraste da sombra e do ódio, nos olhos do homem, que caminhava na central eletrônica do mundo.

Na covardia do triste, movimentado o téd o das ancestralidades que passaram. Era e a masel passeavam no lago dos desejos. O verde do destino poremava humores na noite quente e pegajosa.

Pastelado, o crepúsculo debatia-se como um Deus ferido. Mas os macacos passeavam na tarde creps e clamarenta, onde os olhos acorreatados de PAULO contundiam as sombras.

Os sonhos voltam disse o fund. do ódio e um dos macacos sberu. A vida vem do ódio, disse a segunda voz. Ai lo que eu entrei esparvado no conto, ao contato da terceira voz de contrato que o sistema urduu.

O sono é o ópio dos tráficos, disse a voz outra vez. PAULO secutou e o sorriso da mulher surgiu. A mulher dançou na ribalta dos olhos acres do homem e a apocafes desambrou os vultos encapuzados dos monges empalidecidos.

Foi quando a quarta voz empalideceu a luz das velas, sai bu o vocábulo da tração e um dos macacos tremeu. A quinta voz era um ciclo de urina e PAULO tinha e verde nos cabelos grossos de espumas das ondas.

Diz que as bicicletas corriam na linha d'água dos olhos mas que os sonhos voltavam outra vez...

QUE FAZEM OS POETAS COM AS PALAVRAS

ROMAN JAKOBSON

A poesia é um fato inelutável. Dizem os antropólogos que não há um só grupo étnico desprovido de poesia, mesmo nas sociedades denominadas "primitivas". Trata-se, pois, de um fenômeno universal, exatamente como a linguagem. Em certos grupos étnicos apenas existe, a par da linguagem quotidiana, a linguagem poética; desconhecem-se, porém, sociedades em que além da linguagem corrente, se cultive exclusivamente a prosa artística. Esta é uma superestrutura, algo já de mais complicado, a meio-caminho entre a poesia, que é um dos polos, e a linguagem de todos os dias, que é o outro. Note-se, por outro lado, que em certas sociedades só existe poesia sob a forma de poesia cantada: é o sincretismo primitivo da palavra poética e da música. Mas, em certas tribos que não possuem música instrumental opõem-se o conjunto poesia-música de um lado e a linguagem corrente do outro. Nas tribos que possuem música vocal e música instrumental observa-se, por via de regra, uma estreita ligação entre a música tal observada, por via de regra, uma estreita ligação entre a música instrumental e a dança. Logo, dois sincretismos: música instrumental-dança e música vocal-poesia. Se considerarmos os movimentos da dança, o fenômeno ganha maior complexidade: as funções desses movimentos são duplas: signos de dança que acompanham a música ou por ela são acompanhados — e música que acompanha ou substitui a linguagem. É interessante registrar que, em princípios (pomos de remissão não poucos fatos intermédios), são os movimentos da parte inferior do corpo que mais se ligam à música, e do cabeça e dos braços que se associam à linguagem.

Seja-me permitido passar agora ao problema essencial da poesia. Como se sabe, a palavra poética, que é de origem grega, prende-se a um verbo que significa "criar", e, na verdade, a poesia, não sendo o único aspecto criador, é o domínio mais criador da linguagem. Quanto à palavra verso, tem a mesma raiz que prosa, visto que prosa deriva de proza, próxima origem da poesia, e aquela que caminha rotineiramente em frente, com uma direção estrita. Além disso, versus quer dizer "retorno", um discurso que comporta regressos — e penso ser este um fenômeno fundamental, de que podemos tirar grande número de lições.

Aqui, ao falar de poesia, retroiro-me à poesia em verso, não me ocupo de formas transitivas, e sempre preferível conceber poesia prosa. Obtemos: que há no verso que não se observa na linguagem quotidiana? No verso temos unidades linguísticas de toda a espécie, mas, enquanto na linguagem corrente o seu regresso não conta, abstraímos da repetição desses unidades no verso a repetição desempenha um papel de que estamos conscientes. Projeta-se na linguagem poética o princípio da equivalência na sequência, as sílabas, os acentos tornam-se unidades equivalentes. No verso livre não são os acentos, não são as sílabas, mas é a entonação da frase que se repete, formando por essa reiteração regular a própria base do verso. Onde vem a importância da repetição? Cumpre não esquecer que as frases são feitas de palavras e grupos de palavras, e se, por assim dizer, "vivemos" a repetição das sílabas, dos acentos, das entonações, as palavras que se correspondem pela sua posição avaliamos-las subconscientemente do ponto de vista da sua equivalência. Vejamos que se passa com a rima: o que importa não é só a repetição de um grupo de fonemas, em finais de verso, importantíssimas, sim, as palavras a que esses fonemas pertencem. As palavras que rimam podem ser substantivos com o mesmo sufixo (revolução, renovação, etc), mas podem ser termos de categoria gramatical diferente que nada tenham que ver uns com os outros. Há poetas, escolas que se orientam para as coisas gramaticais, e poetas, escolas que visam antes às



rimas agramaticais, ou, mais exatamente, antiagramaticais. A questão fundamental reside, em poesia, nas relações entre som e sentido. Age a cada momento, estabelecendo entre as palavras novos nexos, metafóricos ou metonímicos. Se atentarmos, por exemplo, em Fernando Pessoa, veremos que a rima é uma das coisas fundamentais na sua poesia, uma das razões da sua grandeza, pelo poder de suscitar inesperadas alianças de termos, de sentidos, que aceitamos como novos valores. Fala-se de estruturas rítmicas, fala-se de aliteração ou de rima: são sem dúvida realidades, mas não se trata só de música, está sempre em jogo a relação entre som e sentido: tudo na linguagem é, nos seus diversos níveis, significante.

Um problema que me impressionou é o papel da gramática na poesia. Quando estudante, li nos manuais que existem poemas (de Puskine, por exemplo) sem imagens, sem tropos, cuja força única reside na força da ideia e do sentimento. Na altura actual, depois de ter lido o texto, mas acreditado, não vou dizer, com certa surpresa. A profundidade das ideias! Mas não são textos magníficos, cheios de ideias profundas, a Declaração dos Direitos do Homem ou a Teoria da Relatividade de Einstein? E a quem os classificará de textos poéticos? Logo, para haver poesia parece necessário algo mais. Lá, por outro lado, conhecemos cartas de amor ou laciniantes cartas de despedida de pessoas que iam matar-se. Pois bem: eram textos repletos de sentimento, não eram poemas! E não se trata apenas da organização rítmica: toda a organização interna está em causa.

Voltei a pensar no assunto quando tive de organizar alguns volumes de traduções de Puskine em checo. Os melhores poetas checos puseram mãos à obra. Conquanto entre as línguas russa e checa existam grandes semelhanças, comecei a observar certas falhas de correspondência. Alguns poemas foram traduzidos com perfeita exactidão no concernente à estrutura dos versos, à estrutura das rimas, à escolha das imagens, etc. E, de repente, percebi que a tradução não estava bem: manquejava aqui ou ali. A razão estava nas diferenças de estrutura gramatical entre as línguas eslavas.

Em certos casos, impõe-se uma grande atenção ao papel das categorias gramaticais. Cito um exemplo, entre tantos que poderia aduzir. Uma tradução do russo, não já em checo, mas noutra língua eslava, o polaco; a tradução dum poema de Puskine feita por um grande poeta polaco, J. Tuwim, excelente conhecedor do russo e dotado de sin-

gular sensibilidade linguística. O poema, "Amei", é daqueles que se costuma considerar desprovido de tropos e figuras. Pois bem: a versão em polaco falhou completamente. Por quê? Por não se prestar a necessária atenção a uma diferença que existe entre o russo e o polaco: em russo os pronomes pessoais, acompanham normalmente, como sucede em francês, as formas verbais; a omissão dos pronomes pode ocorrer, mas tem uma função enfática, denuncia uma forte emoção; em polaco dá-se justamente o contrário; normalmente não se empregam os pronomes, as distinções bastam para indicar as pessoas e usar os pronomes provoca uma impressão afetiva, envolve um tom retórico. Dostoevski compôs uma breve narrativa onde diz, troçando dum publicista russo: "Fizera-se tão vaidoso que omitia sempre o pronome da primeira pessoa". Ora no poema de Puskine, onde dialogam um herói e uma heroína, há um jogo fundamental entre os pronomes eu e vós; conservando, na tradução, o pronome da 1.ª pessoa, dá-se ao texto um carácter excessivamente teórico.

Se surgem complicações com a 1.ª pessoa, o mesmo sucede com a 2.ª, porquanto em russo, como francês, há duas possibilidades: tu e vós. Tu no poema de Puskine, seria um polaco, demasiado intimo; que tu a vós, não existe em polaco; ou se emprega tu ou então a 3.ª pessoa. Assim, Tuwim encontrou-se perante um dilema: ou usar um modo de tratamento intimo de mais, que o poema não permite, ou a 3.ª pessoa, tratamento tão cenouroso, são "oficiais", que destruíra o texto. Aqui está, bem evidente, a importância das categorias gramaticais em poesia.

Dediquei-me ao estudo dos problemas de paralelismo, já detidamente analisados na China do séc. IX com a penetração que se diria dum linguista do nosso tempo. Gerard Manley Hopkins, grande poeta inglês do séc. XIX, incompreendido em vida mas considerado hoje um clássico, e também excelente teórico da poesia, fez, ainda estudante, observações muito sagadas sobre o paralelismo, indicando a repetição de sons, a repetição de categorias gramaticais, a repetição de construções frásicas, fenômeno que é fácil descobrir na Bíblia mas que — acionava Hopkins — se multiplicam também na poesia contemporânea, apenas a um nível de maior complexidade. E é exatamente assim. Nos manuais (nunca se deve acreditar nos manuais!) lê-se que o paralelismo cantônico é monótono, outras vezes que, bruscamente, é desrespeitado. Mas não se vê que, por exemplo, no fragmento mais antigo do Cântico dos Cânticos, nos

versos "Ven do Líbano, minha noiva, / Ven do Líbano vem", o paralelismo não foi quebrado, já que o imperativo (ven) e o vocativo (minha noiva) se correspondem na função copulativa; a poesia do Cântico dos Cânticos é mais sutil que os manuais. Observe nas aqui formas diferentes com idêntico valor a combinação da identidade com a diferença que, como já notava Edgar Allan Poe, gera a poesia.

Encaremos o problema dos pronomes gramaticais. Aparelentemente não tem qualquer importância, mas a verdade é que não repartimos todas as coisas, não só os seres animados como os inanimados, pelas categorias do masculino e do feminino, dividimos o mundo segundo esta perspectiva. Quando, na Infância, li os contos de Grimm, onde a Morte assume a figura de um velho, protestei junto de minha mãe: "Mas a Morte é uma mulher!" Só depois aprendi que a palavra Morte (der Tod) é masculina em alemão. Mas tarde, deparei-me o caso dum tradução dos poemas de Pasternak em checo. O livro, em russo, intitula-se: *Seitna meja zítia* ("Minha irmã, a Vida"). Mas em checo o vocábulo que significa "vida" e masculino; e era impossível traduzir *Minha irmã*, mas igualmente impossível *Minha irmã, a Vida*. O tradutor, Josef Hora, poeta de elevada classe, ia dando em doido... Um último exemplo: o poema de Heine (*Ein Fichtenbaum steht einsam* (...)) *Er trübet von einer Palme*, em que duas árvores boasdas — um pinheiro, no Norte, rodeado de neve, e uma palmeira, no Sul, envolvida no calor meridional — sonham uma com a outra, exprimem um amor que a distância não permite saciar.

Pois bem: traduzido em russo o poema fica adequadamente de mais, um pouco perverso até, porque as palavras que, em russo, designam as duas árvores são ambas femininas; na versão francesa o efeito n.º é menos estranho, visto que as duas árvores (um pin solitário, um beau palmier) têm nomes masculinos, sempre que li esta versão francesa sem explicação prévia, os ouvintes acharam-na grotesca...

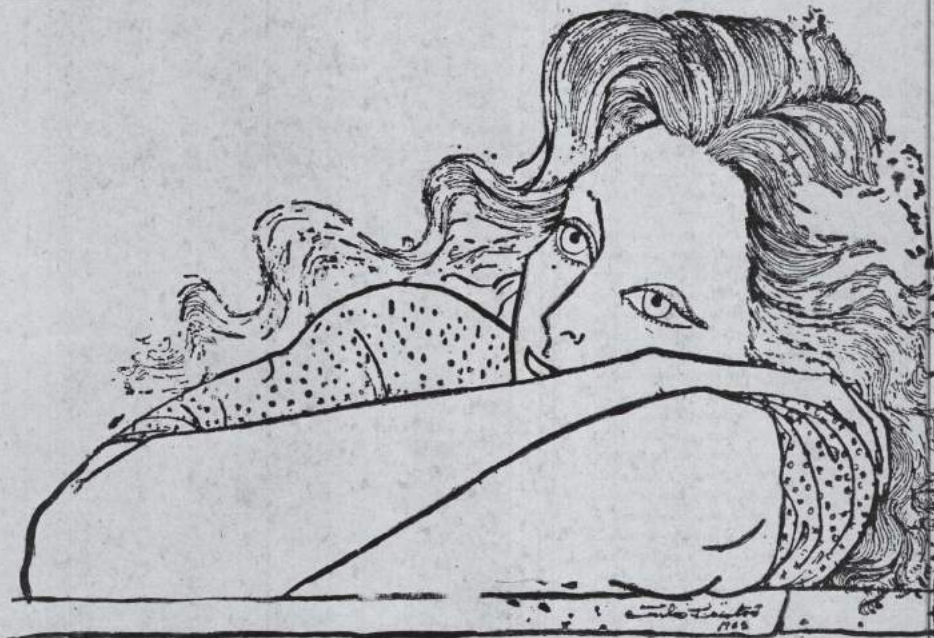
As considerações que estou a fazer levantam o problema das lições entre Linguística e Poesia. Diz o Santo Agostinho que um homem que não tem em conta a poesia e não compreende a poesia não pode arrancar-se a qualidade de gramático. Estão intimamente de acordo com esta grãnde autoridade. Para ser gramático — hoje dizem linguístas — é preciso conhecer a língua em todas as suas funções, e a função poética é universal, existe sempre. Compare-se na poesia, onde organiza todas as restantes funções (não as elimina: organza-as), e na prosa, na linguagem corrente, onde se torna subalterna. Em Santo Agostinho não está expresso mas parece implícita uma verdade complementar: não nos podemos ocupar de poesia sem ter em conta a ciência da linguagem. Decerto, há linguístas que, escrivendo da matéria verbal, não se mostram sensíveis ao valor estético. *Esses, porém, são os meus linguístas*. Adotando uma atitude meca e está, escrivem a extraordinária utilidade da linguagem, a grande variedade das funções que esta desempenha. Claro é necessário ter o sentido da poesia, saber distinguir na descrição linguística de texto o que é pertinente e o que não é pertinente do ponto de vista poético.

Por outro lado, há críticos ou historiadores da literatura que, interessados pela mensagem em si própria pelo que as palavras significam. Mas esses são críticos defetuosos. Como no século XVI respondera Sir Philip Sidney, um poeta não pode mentir, com efeito, só mente quem faz asserções, e um poeta não faz asserções. O que dá valor a um poema, convém insistir, é a relação entre sons e sentidos, é a estrutura dos sentidos — problema linguístico no sentido mais amplo do termo.



jornal de cultura.

suplemento literário do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês
cidade da bahia, 4 de agosto de 1974 - ano 2, número 15



OS MUROS

Humberto Fialho Guedes

Os muros em volta são de sombra
e limo aos corpos que se arrastam sobre o lodo;
vergastas ferem os olhos já sem brilho
vibrando em mãos de anjos luminosos.
As mãos despedaçadas já não sangram
as faces liquefeitas são repouso;
lâmpadas, os corpos nus em abandono
que se apagam lentamente. E no entanto
relâmpagos denunciam o ouro dos portais!
Já não é de agora, ovelhas submissas
que o milenar repouso nesta porta
vos antecipa - que cegueira,
nobres guerreiros, vos domina? que
tremor vos aflige? ou
que ausência - de brilho nas espadas -
vos tolhe o arremêso tão seguro?

Anjos luminosos cujas mãos
fazem vibrar látigos archotes - puro fogo -
hão de aparar no peito vossos saltos . .

PLÁSTICOS DA BAHIA

NUMA PROMOÇÃO DO JORNAL DE CULTURA
FOI INAUGURADA TERÇA-FEIRA A EXPOSIÇÃO
COLETIVA PLÁSTICOS DA BAHIA,
DENTRO DA PROGRAMAÇÃO DO
CENTENÁRIO DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS,
ORGANIZADA PELO POETA ILDAZIO TAVARES,
A MOSTRA ESTÁ ABERTA NO SALÃO NOBRE DESTA
JORNAL, COM TRABALHOS
DE CALASANS NETO, EMANOEL ARAÚJO
HANSEN BAHIA, SONIA CASTRO, MARLENE CARDOSO,
RESCALA, FLORIANO TEIXEIRA, CARLOS AUGUSTO
BANDEIRA, PORTELLA, SANTE SCALDAFERRI,
ILSE HANSEN, LENA ROBATTO,
CARLOS BASTOS, GENARO DE CARVALHO,
ONIAS CAMARDELLI, WASHINGTON SALES,
FERNANDO COELHO, MARIO CRAVO JUNIOR,
KOSMAS GUMAS, PAULO MATTOS,
VERA LIMA, CARDOSO E SILVA, CHICO LIBERATO,
MARIO CRAVO NETO, EDMILSON RIBEIRO,
RENATO XAVIER, ANNA GEORGINA,
LEONARDO ALENCAR, YEDA MARIA, ANGELO ROBERTO,
GATO, MIRABEAU SAMPAIO, ANTON SCHOUTZ,
JUAREZ PARAÍSO, JENNER AUGUSTO,
LIGIA MILTON, CALIXTO SALES,
J. MARIO, TATI MORENO E CARYBE.

GODOFREDO, O SUPERBAIANO

Gilberto Freyre

RECIFE — Godofredo Filho, que é um superbaiano do mesmo modo que Manoela é uma super Manoela, acaba de entrar para o número de brasileiros notáveis cuja idade cronológica atinge os setenta anos. Digo idade cronológica porque na realidade, sua idade é outra: menos idade e mais vida. Certamente, autor de uma frase memorável sobre o assunto, poderia ter escrito também esta: que até os oitenta e, em alguns casos, até quase os cem, muito homem ainda é um jovem cheio de vida. Um jovem — o caso de Bertrand Russell, o de Pablo Casals, o de Picasso — por extensão de vida no tempo. Tempo que não flui de igual maneira para todos.

Conheço há muitos anos o agoroso setentão Godofredo Filho. Sou seu velho amigo. Tenho sido seu constante admirador. Seu companheiro de geração. Seu discípulo nas artes da baianidade: palavra que aliás fui eu quem inventou ao mesmo tempo que inventei pernambucanidade e mineiridade, não aceitando, para mineiridade, o substituto que propõe, em livro, aliás, notável, o mineiro ilustre e também meu companheiro de geração e meu amigo, Pedro Nava: mineirice. Mineirice dá um tom demasiadamente faccioso ao que há de por vezes gravemente malicioso — humor mais do que espírito — na complexa palavra que é mineiridade.

Quando digo arte da baianidade penso menos na oratória embora sinceramente admire a de Pedro Calmon, que cresceram Gregório de Matos e até certo ponto Castro Alves e escreve de modo esplendidamente moderno e próprio Godofredo. Menos na arte política — de que os baianos são mestres tão sutis — e na qual Godofredo é um tanto fraco — do que na culinária; nesta o autor do recente e suave como mistes "Stolléqui" é supremo. Porque Godofredo junta ao bom gosto no seu conhecimento profundo da arte barroca de Igrejas baianas — foi quase — frade — o bom gosto em assuntos de paladar: ganharia em concurso, neste particular, para qualquer mestre-cozua profissional.

Não sei de brasileiro mais apurado no paladar: — não só como

"gourmet", porém como mágico no preparo de quitutes baianos os mais difíceis, os mais delicados, os mais sutis — do que Godofredo Filho. É quase uma Villa-Lobos da culinária tal o seu quase gênio no preparo de quindins que saídos de suas mãos juntam ao que neles é gostosamente tradicional alguma coisa de saborosamente e ineditamente godofrediano. Gabo-me de que para mim — especialmente para mim — ele tenha preparado, mais de uma vez, algumas dessas delícias, como me ufano do fato de que, mais de uma vez, no Rio, Villa-Lobos me levou para o seu apartamento e lá compôs improvisos maravilhosos, alguns dos quais fui o único no mundo a ouvir. Alguns dos quitutes preparados ou recitados por Godofredo Filho, creio ter sido o único a saborear, pois ele os compôs para o amigo sem se servir ortodoxamente de receitas tradicionais, alterando o tradicional com a sua criatividade, no gênero, repita-se quase genial.

Esta uma das nossas afinidades desde que surgimos, ele e eu, nas letras brasileiras, como provincianos, fiéis à Província: ele, à sua, e um tanto minha, a gorda e doce Bahia; eu à minha magra e um tanto acre — embora com doçura secreta — "pátria chica", que é Pernambuco Nossa afinidade principal está, desde aqueles velhos dias, em juntarmos ao nosso tradicionalismo e ao nosso regionalismo ou provincialismo, o nosso próprio modernismo. Nunca nos deixamos anegar, nem ele — autor de alguns poemas ousadamente modernistas — nem eu, com o meu "Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados" — ao "modernismo" que outros provincianos do Nordeste e do Norte receberam enlatados do Rio São Paulo e o adotaram passiva e inermemente.

Há em Godofredo Filho um poeta admirável cujo poder poético foi proclamado por Manuel Bandeira. E além de um quituteiro mestre de sutilezas do paladar quase mágico, um homem a quem se devem notáveis defesas de arte tradicional das Igrejas da Bahia. Nesse agora setentão, teve Rodrigo Melo Franco de Andrade um dos seus mais valiosos colaboradores.



Oleo de Sante Scaldafferi

CASTANHO

Fernando Bafinga

SOMOS OS HOMENS CASTANHOS

vimos da mesma ferida
três caminhos continentes
são de ferro e sacrifício.
pantanos se arrastam na memória
como cães rascando nas minas
oceano que trafegam
negros se climbam
— traveçias.

SOMOS OS POVOS CASTANHOS

nos olhos pedras feridas
raagam planícies muralthas
que separam nossas vidas
estanho, ferros que lavrêm
nos pulmões as ferrovias
nordestes, fundas usinas.

SOMOS OS MORTOS CASTANHOS

os que vieram das esfinges.
os que sobreviveram aos pantanos
algodonais, canaviais

os que não partiram nas minas
venceram as cidades
sobrerromperam as oficinas.

SOMOS OS MORTOS CASTANHOS

os que sobram dos bolings
dos gases, da gelatina.
os que encontraram suas mãos no Congo.
os que viram aforrimena
— pétalas pétalas sobre a cidade.
somos os mortos castanhos
os que não morreram
nas ruas de São Domingos

vimos de dentro do tempo
densos, à noite, de medo.
tenso despojosos trasemos
— mil léguas de sofrimento.
e rompe, à luz, o silêncio.

SOMOS UM TEMPO CASTANHO.

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, circula no primeiro domingo do mês, com a participação da Fundação Cultural do Estado. Endereço: Rua Carlos Gomes, 57 — Salvador-Bahia. Telefones: 3-2622 — 3-2845 e 3-2847.

Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas à comissão editorial, a qual reserva o direito de vetar a publicação.

Editor:

CID SEIXAS FRAGA FILHO

Coordenador:
CARLOS CUNHA

A MULHER NA SEMANA DE ARTE MODERNA

Elias Fonseca

Nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922 realizava-se no Teatro Municipal de São Paulo a Semana de Arte Moderna, semente do que viria a ser a mais profunda revolução literária e artística do Brasil, talvez mesmo a única a que se possa dar esse nome.

A principal noite da Semana foi a segunda, que se iniciou com o discurso de Menotti del Picchia e prosseguiu com uma mostra da poesia e da prosa modernista. O público reagiu historicamente. Mário de Andrade confessou mais tarde que não sabe como teve coragem de enfrentar uma vaia tão barulhenta. Houve quem latasse como cachorro ou cantasse como galinha, ou, conforme a frase feroz de Oswald de Andrade, aconteceu "a revelação de algumas vocações de terra-nova e galinha-d'angola muito aproveitáveis".

O público, acostumado aos chavões gasta de uma arte distancada da problemática nacional, alçou ferocemente aquela que tiveram coragem de levantar sua bandeira contra todos os arcaísmos. Se quisermos estabelecer um paralelo com uma situação mais próxima aos dias de hoje, basta lembrar a reação violenta da platéia que, em 1968, Cristiano Veloso apresentou em São Paulo a sua música, *É Proibido Proibir*. Mudaram as roupas e o cenário, mas a intolerância permanece a mesma.

A luta que começou na Semana iria levar seus participantes às posições mais diversas — do deboche às atitudes sérias — e uniu em torno de si gente das mais variadas tendências e pensamentos. Mais tarde, alguns dos participantes ajudaram a fundar o Partido Democrático, outros derivaram para a extrema-direita e acabaram no integralismo e outras ainda aderiram ao comunismo. De qualquer modo, ela pode ser considerada como um relâmpago violento e verdadeiro no céu tão sem movimento da cultura brasileira.

OS PIONEIROS

É muito difícil citar — sem injustiças — aqueles que tomaram parte na Semana, mesmo porque até hoje se discute esse assunto. De qualquer forma, o grupo mais engajado foi composto por Mário e Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Paulo Prado, Villa-Lobos, Gilmer Novais, Graça Aranha, Anita Malfatti, Sérgio Millet, Guilherme de Almeida, Raul Bopp, Couto de Barros, Menotti del Picchia, Rubeiro Couto, Renato de Almeida.

A Semana não constituiu um movimento repentino, que explodiu de repente. Ela teve toda uma preparação e foi a exteriorização de um processo que vinha ocorrendo há muito tempo. As grandes causas do modernismo foram a total liberdade estética, assuntos brasileiros, o antiparnasianismo, veros lívres, sintaxe mais próxima da linguagem usual e maior simplicidade na poesia. O movimento modernista — que nasceu sob o signo da euforia — da festa e da juventude, que produziu a blague, o deboche e o poemápido — à medida em que a crise mundial progrediu, que novos conflitos armados estouraram, que apareceram os problemas criados pela tecnologia e pelas posições político-ideológicas, foi mudando de atitude e assumindo o drama gerado no curso da história contemporânea. A história do modernismo é a própria história da vida moderna. Os movimentos que o compuseram — desde os provincianos aos dos grandes centros — fizeram conquistas fundamentais que justificam a luta travada. O modernismo trouxe consigo o direito à pesquisa estética, atualizou a inteligência brasileira e ascendeu à consciência nacional. Alguns artistas seriam sacrificados nessa luta, mas de qualquer modo, a abertura de caminhos que escritores e poetas mais jovens puderam trilhar com menos dificuldades. Dentro desse quadro, a situação feminina teve a maior importância, e entre as figuras de maior relevo, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Zina Alta e D. Olívia Pentecoste.

ANITA, O ESTOPIM

Anita Malfatti foi uma das figuras mais desastadas do modernismo. Sua exposição, em 1917, seria o primeiro grito contra o espírito acadêmico e reacionário que dominava as nossas artes plásticas. Ela era filha de um engenheiro italiano e estudou pintura na Escola de Belas-Artes de Berlim. Em 1914, voltou ao Brasil: "Só me perguntavam pela Mona Lisa e eu... nada. Durante os anos de estudo, pintava simplesmente por causa da cor. Não fora para iluminar a humanidade, nem para enfeitar as casas, nem para ser artista. Não houve preocupação de glória, nem de fortuna.

Em 17, num salão cedido pelo Conde de Lara, inaugurou-se a mostra de arte da "brasileirinha quieta e meio tímida etc" como dela diria mais tarde Mário de Andrade. Anita expõe todo o resultado de sua experiência artística e humana em Alemanha e nos EUA. "Essa coisa tão simples tem-se uma tempestade de insólitos dissonâncias de pura invenção, sem nenhum fundamento", como disse a pintora.

Nunca ninguém foi tão atacado por exposições novas. Monteiro Lobato, com o famoso artigo "Paranoia ou Mistificação?" foi um dos crí-



A Semana de Arte Moderna foi um marco revolucionário no nosso panorama artístico.

Com ela, o velho cedeu, com relutância, o lugar ao novo e seus integrantes foram — para usar um expressão que eles aprovariam — os parteiros do nascimento da verdadeira arte no Brasil.

É preciso destacar ainda um outro de importância fundamental: a revolução modernista teve suas raízes no movimento de solidariedade a uma mulher: a pintora Anita Malfatti, atacada e injustificada em 1917. Na medida em que o modernismo foi uma espécie de abre-caminho para os intelectuais brasileiros, de abriu perspectivas também para as mulheres.

Antecipando-se ao feminismo, ele foi o primeiro movimento em que a mulher brasileira teve lugar ao sol.

Na caricatura acima, Raul de Queirós, que também representou a consolidação dos ideais renovadores,



íticos mais ferozes. Mas os resultados foram contrários aos que esperavam mas que a atacavam. O escândalo serviu para chamar a atenção para o movimento. Segundo Menotti del Picchia, "Anita passou então para o nosso martirológico artístico. Ganhando terreno para o modernismo a pintora tornou-se uma espécie de santa da ala decorativa das reformadoras. Seu nome traxo o prestígio dos taumaturgos e dos mártires".

Anita Malfatti estopim do modernismo diretrizes apesar de ter hesitado por mais de um momento ferida pelo escândalo que foi sua exposição. Participaria ativamente da Semana e se firmaria dentro da nova corrente.

Se Anita foi quem primeiro levantou a bandeira e contribuiu para a implantação dos ideais revolucionários. É curioso notar que — enquanto os homens preferiam a literatura — a renovação das artes plásticas foi iniciada corajosamente por essas duas mulheres.

Tarsila — que como participação intelectual e artística quer como figura humana — marcou profundamente sua época e apascentou a todos que a conheceram. Quem melhor souber definir seu charme foi Manoel Bandeira:

— A impressão que causou a Bahia foi tão gostosa que eu fui logo dizer a meus amigos: A Bahia é mais bonita do que Tarsila do Amaral. Que razão profunda ligou dois termos tão afastados — a ilustre pintora paulista e a velha cidade do Norte? Não conseguí até hoje explicá-lo. Talvez o gosto do Brasil. Nunca vi beleza

tão brasileira como a da pessoa e dos quadros de Tarsila do Amaral. Nunca vi cidade tão caracteristicamente brasileira como a da boa terra.

Jose Estanislau Amaral — pai da profeta — era dono de 22 fazendas e numa delas passou a infância. Segundo os costumes da época — fazer da filha uma moça preguiosa — a família deu a ela uma educação requintada. Mas foram os costumes a paisagem e as festas-vilhas que contavam história de asombrações que iriam marcar profundamente sua personalidade. Tarsila fez mais de vinte viagens à Europa que foram parte do seu aprendizado artístico e lhe deram boas recordações.

— Me lembro que certa temporada promovia almoços brasileiros todos os domingos em minha casa em Paris. Convidava sempre um grupo animado: Fernand Léger, Supervielle, M. Leveillé, etc. A mulher de Léger adorava batida. Assim que voltou, engajou-se no modernismo, levada pela mão de sua amiga Anita Malfatti, depois, pelo exortação, que aprendeu a Oswald de Andrade, com quem esteve casada 4 anos.

O grupo dos 5 foi formado quando Anita me apresentou a Mário, Oswald e Menotti del Picchia. Iamos todos os domingos passear em Santos no Cadillac de Oswald, que ele comprou só por causa de um cinema. Era grupo dos 3 porque só cabiam 5 pessoas Tarsila e Oswald viajavam juntos a Paris, um ano depois da Semana ficando amiga de Blaise Cendrars — poeta e pintor — que viria ao Brasil duas vezes, fascinado pelo país — segundo Tarsila — e fascinado por Tarsila — segundo os amigos da época. Oswald, no entanto, sempre foi ciumento.

— Meu casamento foi um acontecimento. Até Washington Luis — o presidente — foi padrinho. Acabei brigando com Oswald porque nossos temperamentos eram muito diferentes. Ele queria fazer o que tinha vontade e eu sempre tive o espírito emancipado. Mas reconheço que Oswald foi uma pessoa muito inteligente. Ele acabou se casando com outras mulheres e sempre me chamava no consultório para servir de teste-munha. Tinha tanto respeito por mim que cultivava suas outras mulheres esse respeito.

O amor de Oswald por Tarsila produziu esta bela poesia:

— A preguiça paulista reside nos teus olhos/ Que não vivem sem Paris nem Peadilly/ Nem as exclamações dos homens/ Em Sevilla/ A tua passagem entre brinco, Locomotivas e bibos nacionais/ Geometrizam as atmosferas nítidas/ Congonhas descola sob o palio/ Das profissões de Minas/ A verdura no azul kiazon/ Cortada Sob a poesia vermelha/ Arranha-céus/ Forás Viduetos/ Um cheiro de café/ No silêncio emoldurado/ O movimento antropofágico foi liderado por Oswald, mas, na verdade, provocado por Tarsila. Eu queria dar um presente a ele e pensei: vou fazer um quadro bem estranho. Vamos chamar o quadro de Antropofagia e fazer um movimento intelectual em torno dele", disse Oswald. Certo ao dicionário e del o nome de Abaporu, para ficar mais selvagem.

Tarsila era tão empolgada com a criação artística que acabou não sendo compreendida em sua época, surgindo atualíssima nessa época 60 e 70. Ela continua pintando tranquilamente em sua casa em São Paulo. Dela, diz seu amigo Sérgio Millet:

— Seu trabalho ficou como um projeto para ilustrações de uma história do Brasil contada em linguagem popular. Uma história que dissesse mais da vida cotidiana do que dos feitos militares, mas sim do desbravamento contemporâneo do sertão.

OLÍVIA E ZINA

Dona Olívia Guedes Pentecoste pertenceu a uma das famílias mais tradicionais de São Paulo. Apesar disso, seu nome está indissolvelmente ligado ao modernismo, do qual foi uma ativa estimuladora. Num pavilhão de sua casa, decorado por Lasar Segall os modernistas — que eram contra a tradição — comem os excelentes pratos da cozinha afro-brasileira e discutiam os problemas do Brasil e do mundo. Dividindo-se entre São Paulo e Paris, em 1923, por intermédio de Tarsila e Oswald, tomou contato com o ambiente artístico parisiense. Acompanhou os modernistas e Blaise Cendrars na histórica viagem às aldeias mineiras do Ciclo do Ouro em 1924. Participou também, em 1927, de uma longa viagem com Mário de Andrade à Amazônia, tendo o grupo chegado até Iquitos. Foi um dos membros fundadores da Sociedade Pró-Arte Moderna em São Paulo no ano de 1932.

Zina Alta este entre os artistas que participaram da exposição montada no saguão do Teatro Municipal durante a Semana, mas sua importância foi bem menor. Nasceu em Belo Horizonte em 1900 e era descendente de italiano. Foi pintora e ceramista. A respeito de sua participação na Semana, disse Araci Amaral:

— Zina tinha uma pintura, que puxava no impressionismo, cores claras, embora sem maior interesse. Em 1924, foi morar na Europa estabelecendo-se em Nápoles, onde viria a ser diretora da Associação das Senhoras Artistas.



RUA

A. Mendes Neto

Ali existiu uma rua. Onde? Não sei. Sei que ali existiu uma rua. Hoje é praça, estacionamento. Mas ali existiu uma rua. Uma rua. Rua lembra casas. Há rua sem casas? Então não é rua, é estrada. Casa lembra gente. Gente lembra humana, mulheres, meninos, bichos. Bicho também é gente. Fols é gente lembra mulheres. Mulher lembra. Mulher lembra muita coisa.

Ali conheceu Dadá? Morou ali. Hoje é uma árvore. Não, não é Dadá que é árvore. É a casa de Dadá. Veja: a árvore é grossa, mais grossa que uma perna de Dadá. Dadá era toco, tinha seis dentes e dentadura bonita. Eu gostava de Dadá, todo mundo gostava de Dadá. Um dia Dadá sumiu. "Fegou barriga com o espelho do armazém", disseram. O espanhol não ficou, mas o fato é que Dadá sumiu. E a rua não conheceu outros seus opulentos. E por falar em outros, ah os outros pequeninos de Isabel! Não, não eram seis muchot, eram seis bem pequenos, pontudos, querendo rasgar a blusa. Isabel era dentada, loura, olhos vivos. Tinha dois narizes e um preto. Outro branco. O preto usava óculos e lia Montequieu. Sempre lia Montequieu. O preto falava francês. Era intelectual, era poeta, era metido à testa, era preto. O branco jogava futebol e era analfabeto. Viviu sujo, vivia descalço, vivia sem livros, vivia na bola. Jogava futebol. Era branco.

Dona Malvina também morou ali, ali quando era rua. Dona Malvina não prestava. O marido sortia o diabo! Os filhos choravam, eboravam. As nádegas ardiam. Falava das rimadas. Se Dona Malvina era louca? Não sei! Talvez fosse louca. Você conheceu alguém como Dona Malvina?

E a Mariçota? Cotidã da Mariçota! Venda amendoim, pipocas, doce de coco. Você ninguém pagava! Mariçota era velha como a rua, enrugadinha, parecia um fruto murcho. Os dentes estragados iam à toa. Isso não, estou enganado: Mariçota não tinha mais dentes, tinha gengivas. Ou também não tinha gengivas! Um dia foi tomar banho no duche. Que duche? Ora, no duche, você não sabe? Foi Mariçota morreu tomando banho. No duche. Foi a Mãe Dáguas. E eu nunca ouvi dizer que duche tem Mãe Dáguas. Mãe foi a Mãe Dáguas. Quando pescaram Mariçota ela parecia um peixe frito.

Eulália. Eulália morava junto da Mariçota. Casa pareva-meia. Teelhado só correndo por cima. Um dia eu puxei tanto as tranças de Eulália que ela resolveu puxar uma coisa em mim. Eulália era amarela como, sem de ovo de galinha de granja, ração balanceada, sem milho. Estudava dactilografia. Tinha o cabelo molhado, cheio de Pastilhas. As tranças pareciam cordões de ovelha sujas de pize. Eulália era engraçada quando tocava violão. Por que? Não sei. Souzete sei que era engrasada, todos rezar isso. Na última festa de São Jêsu, ia de macaréu. A mãe de eu chorou muito. Os olhos ficaram congestionados pra sempre. O pai mergulhou na cachorra, não voltou à casa. A rua toda ficou a sorte de Euália. Se rua isso? Ah se tal! Rua fala muito. A boca da rua é

do tamanho da rua. Alô, eu acho que tá só tá boca. Um uóco. Mas Eulália casa! Casa. Quem disse isso foi o carteiro, que narrava a mulher de Dr. Ramiro. Como o carteiro soube, é lá com ele. Chegou espalhado e à rua acordou. Por falar na mulher de Dr. Ramiro, a Eulália, ela mulherinha bon! Bonita como gata angorá. Quantas vezes sonhei com a Eulália! Eram sonhos estalados, eu acordava cansado, danado porque não era o carteiro. O Dr. Ramiro? Não, eu preferia ser o carteiro. Uma vez conversamos. Ela divagava. Quando soube dos meus devoto anos, despatchou-me. Também não avançou. O Dr. Ramiro era nome enorme, pigarreava grosso. Eu ficava impressionado com a coragem do carteiro.

Ali também morava a Laura. Laura tinha sido freira e naquela época era zeladora de igreja protestante. Veja que contraste! O que, protestante não tem zeladora em igreja? Resão Laura Mentia! Não pode ser, Laura era direita, não mentia, não falava mal de ninguém, era mansa, pacífica, era a melhor criatura que conheci até hoje. O mundo devia ser povoado de Lauras. Tomava conta de uma velha parálitica, aquela que sabia mais História do Brasil que a professora Do Carmo. A professora Do Carmo morava por cima do armazém de Pepe, lembra-se dela? Magrinha, moça, mais sangalha, parecia um espectro. Você já viu um espectro? Leticia morou na rua. Leticia no poste. Quero dizer, ali onde está aquele poste, aquele do lampião, bem do lado direito. Leticia perleu-se cedo. Foi o filho de Dona Nona, a vizinha da quitanda. O men no casulo grande, gordo, quase cinco quilos. Dona Nona sentiu otulho do neto, era a cara do pai. Leticia hoje trabalha num calçad, o marido deve estar com duas anos e o filho da Dona Nona mora na cadela. Por causa da Leticia? Não. Matos um sujeito. Um sujeito qualquer. Na rua. Não. Lenge da rua.

Artemísia foi minha namorada. Morou na rua Quatro meses. O pai era viajante. A mãe, contadora. Artemísia gopececeou-me bons momentos. Economizei dinheiro, mas gastei forcas. Artemísia era bonita, mala velha do que eu dois anos. E não tinha irmãos, o que era uma vantagem: eu jogava solto, sem marcação, e podia fazer os tentos que quisesse, mesmo porque a equipe de Artemísia não tinha mais goleiro. Também nunca soube, nem perguntar, quem havia comprado o passe do goleiro. Não interessava. Fera que a família logo se mudasse para o Rio. Acho que no Rio, Artemísia foi longe. O Rio tem Maracaná!

Dona Leocádis era a mendiga da rua. Quem dava esmolas recebia graças. Quem não desse ia para o inferno. Muita gente ia para o inferno. Uma vez a Polícia prendeu Dona Leocádis e a rua "preendeu" a Polícia. Foi o diabo! Dona Leocádis fazia parte da rua. Certo senão vi Dona Leocádis na rua. Dona Leocádis bebia até gasolina.

É isso: ali existiu uma rua. Onde? Não sei. Sei que ali existiu uma rua. Hoje é praça, estacionamento. Mas ali existiu uma rua. Uma rua.

A CONTINUIDADE DOS PARQUES

Júlio Cortazar



deixando-se levar pelas imagens que se teciam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do dilúvio encostado na calçada da montanha. Primeiro entrou a mulher, recosta; depois, o amante, e o rosto sangrando pelo arranhão de uma rama. Admiravelmente, ela tentava estancar o sangue com seus beijos, mas ele rejeitava suas carícias: não tinha vindo para repetir as cerimônias de um amor proibido, protegido por um mundo de folhas secas e de caminhos furtivos. Aconchegava ao peito o punhal e, como ele, a liberdade escondida. Um diálogo envolvente correu pelas páginas como um rio de serpentes. Já se sentia que tudo estava decidido desde o começo. Mesmo essas carícias ao corpo do amante, que de desajando retê-lo ou dissuadindo, desenhavam abominavelmente a imagem de um quivo, corra que se fazia necessário morrer. Nada havia sido esquecido: empecilhos, azares, possíveis erros. A partir de então cada instante seria um momento decisivo. O reexame dos fatos feito por ambos era interrompido apenas para que a mão de um acariciasse a face do outro. Até que começou a anoitecer.

Já sem se olharem e unidos firmemente pela tarefa que os esperava, separaram-se a porta da cabana; ela tomara o caminho que levava ao norte, enquanto, na direção oposta, ele voltava-se um instante para vê-la correr, os cabelos molhados ao vento. Correu por um vez, livrando-se das sebes e desviando-se das árvores, até desaparecer, imerso em ténue bruma crepuscular, o caminho que o levaria à casa. Os esboços não estavam; e nem ladraram. O mordomo não estaria naquela hora; e não estava. Sabia os três degraus da entrada e entrou. O anatroz galgando nos galvões e as palavras da mulher que devia repetir: primeiro, uma sala azul; depois, uma galeria, uma escadaria atpetada; no alto, duas portas: nada na primeira, nada na segunda. A porta do salão e, então, o punhal nas mãos, a luz que penetrava os janelões, o enchoço de uma poltrona de veludo verde e a cabeça de um homem na poltrona, lendo uma novela...

(Tradução da Revista "EL CUENTO", nº 29 — Janeiro/febrero, 1967, por Humberto Flávio Guedes.)

A TRAVESSIA DE HERMES LIMA

Joaquim Inojosa

Continua a astra de livros de memória. A colheita é boa, de primeira ordem mesmo. Frutos aborçosos, que começam pela árvore mais próxima, "Travessia", de Hermes Lima (Editor José Olympio). Solietudão, o que se nota aos diversos autores é a preocupação do registro histórico sobre os acontecimentos de que participaram. Nesta sua "travessia", por exemplo, Hermes Lima criança ou jovem logo desapareceu, para surgir a maturidade, quando atuante foi a sua presença na política do País Claro que o Hermes Lima homem feito, professor universitário ou ministro de Estado, fora prevara do desde a infância, no interior da Bahia, pela influência do lar e, depois, pelo idealismo da mocidade, que o projetou, bem cedo ainda, no jornalismo, na vida intelectual bem antes da marcha para a cátedra ou a vida pública.

Didilvide-se o livro em três capítulos para campo o propósito do autor em que fossem bem distintos, como se um novo Hermes Lima aparecesse em cada brilhante fase da vida, como no palco surge por vezes mudado o mesmo personagem do ato anterior.

As duas últimas partes de "Travessia" o comprovam quando se descreve, minuciosamente, o que se passou nos bastidores do Estado-Novo 37, ou no governo João Goulart, que a sua vontade de amigo tenta preservar de críticas severas.

Antes, porém, alguns episódios merecem referência. Por exemplo, aquele que em 1922 me fez escrever no Recife um violento artigo contra o tenente Magalhães Barata, por haver invadido a Faculdade de Direito da Bahia, espantando estudantes, desalojadosamente. Outro, agora que fui de certa forma injusto, quando leio que o tenente, mal informado, cercou o edifício, não penetrou apenas com um ordenança "ouviti as três duas investidas dos estudantes ardentes de indignação. Conterve-se e retirou-se sem causar dano ou ferimentos". Muita história mal contada se há de retirar assim, através do tempo.

Outro episódio a que se refere Hermes Lima com a prudência do bom historiador, é a suela de natureza igualmente histórico-política rela-

tivo à reação de João Dantas contra João Pessoa e o pretório suicídio dequile.

Foi a primeira vez leio, num escrito do porte de Hermes Lima, esta afirmação de verdade sobre o assunto: primeiro, que no curso da crise política estavam em João Dantas a decisão de matar João Pessoa.

— "Mas quem lhe armou a mão foi o orgulho ferido, a honra lançada à carniça".

Quanto ao assassinio do mesmo Dantas e cunhado Caidas, na cadeia pública do Recife, invadida pelos "revolucionários" da Paraíba transformado em suicídio por um passe de magia do interventor pernambucano de então, Carlos de Lima Cavalcanti, pôe em dúvida HL esta versão quando escreve:

— Outra versão é que teria sido morto na prisão por sicários libertados da penitenciária da Paraíba, juntamente com o cunhado, Augusto Moreira Caidas. Fera similar suicídio, cortaram a ambos os pulsos na enfermaria de presidio".

Resolmente, assim teria sido. Duas versões distintas e uma só verdade ra: esta foi eu, apenas a carolida e não o pulso frô que cotaram em talhe de mestre com um bisturi encontrado na cela como o instrumento que João Dantas teria usado para matar o cunhado e matar-se.

Boa fôção histórica em que alguns anda acreditam. Não Hermes Lima? Já historeta verdade de disto documentadamente, numa reportagem para "O Cruzeiro", de 13 de outubro de 1970.

Depois de passar pelas boas letras — o momento em São Paulo e na Bahia e enha-se o memorística na fase crítica dos destinos do Brasil, lete é dos governos Jânio Quadros — João Goulart. Mantem, parece que ainda in-taltes, os contos de vista paravele diennela época tráfédica, quando por exemplo, afirma que a política externa independente do Brasil surgiu, pois "inveada no governo Jânio Quadros pela mão do chamante Afonso Arinos, termina no governo João Goulart" ou, melhor dita, se inlela com a condenação de "Chico Oliveira em Brasília e finda com a fuga de Goulart pra Montevideu. Durara pouco sim.

OLHOS VERDES

Benedito Cardoso

Vendo-te os olhos, celestial criatura
Penso no velho mar: sou marinho!
Ouço o saímo das ondas, na brandura
Dos áureos ritmos desse grão trevoiro!

E, tal qual o Jasão da lenda obscura,
Sinto a atração do abismo aventureiro!
Erro, dias e noites, à procura
Da Cólchida imortal, no meu veleiro!

Olhos verdes e vagos como as vagas...
Olhos que recordais remotas plagas...
Por serdes vós assim, por assim serdes,

É que, em vos vendo, desvairado, vejo
Que, ao sabor da maré do meu desejo,
Vogam volúpias de veludas verdes...

GETÚLIO NO CORDEL DE ORÍGENES

Júlio César Montenegro

A vida de Getúlio Vargas, presidente, não espanta os meus leitores. Já há 10 anos que eu escrevo e conto a história de sua vida, e agora, em 1974, escrevo a história de sua vida, e agora, em 1974, escrevo a história de sua vida...

Como se sabe, o presidente Getúlio Vargas foi eleito em 1964, e sua administração foi marcada por uma série de reformas e mudanças...

Getúlio Vargas nasceu em 1883, em São Paulo, e foi um dos líderes da Revolução de 1930...

O legado de Getúlio Vargas é complexo e controverso, mas sua influência na história do Brasil é inegável...

Sua administração foi marcada por uma série de reformas e mudanças, incluindo a criação do Plano de Metas...

Apesar de ser considerado um dos maiores líderes do Brasil, Getúlio Vargas também foi criticado por sua política autoritária...

Outro problema é o tema. Existem no Brasil dois modelos de poesia: o tradicional e o moderno. O tradicional é baseado na métrica e no verso, enquanto o moderno é baseado na liberdade e na prosa...

Depois de ler o livro de Getúlio Vargas, sinto uma grande identificação com o seu pensamento e com a sua luta por uma melhor sociedade...

Depois de ler o livro de Getúlio Vargas, sinto uma grande identificação com o seu pensamento e com a sua luta por uma melhor sociedade...

A poesia de Getúlio Vargas é uma mistura de tradição e modernidade, e isso reflete a complexidade de sua personalidade e de sua obra...



SONETO

Ariano Suassuna

Aqui reinava um Rei quando eu menino:
vestia ouro e custinho no gibão,
cantava, com voz rouca, o Deusão,
pulsava junto ao meu coração.

Para mim seu cantar era divino,
quando ao som da viola e do bordão,
cantava, com voz rouca, o Deusão,
o riso e o sangue e as mortes do Serião.

Mas mafaram meu Pai. Desde esse dia
eu venço como um Rei, sem meu Guia,
que se foi para o Sol, transfigurado.

Sua Rígia me queima. Eu sou a presa,
ele a Bala que imbre ao Fogo acesa,
Espada de ouro em Pasto ensanguentado.

POEMA DO AMOR SEM EXAGERO

Joaquim Cardozo

Nem não te quero aqui por muitos anos
Nem por mil meses ou semanas,
Nem mesmo desejo que passes no meu leito
As horas extensas de uma noite.

Para que tanto corpo?
Mas ficaria contente se me desses
Por instantes aprensos e bastantes
A nuñez longuica e de pérola
Do teu corpo de nuvem.

AS DÁDIVAS DO AMANTE

Carlos Pena Filho

Deu-lhe a mãe limpo menhá
que o tempo usara inventar,
Deu-lhe até a palavra lá,
e mais não podia dar.

Deu-lhe o azul que o céu pensava
deu-lhe o verde da ramagem,
deu-lhe o sol do meio dia
e uma colher de selvagem.

Deu-lhe a lembrança passada
e a que ainda estava por vir,
deu-lhe a bruma dissipada
que conseguira reunir.

Deu-lhe o exato momento
em que uma rosa florira
nascida do próprio vento;
ela ainda estava por vir.

Deu-lhe uns restos de luar
e um amanhecer violento
que ardia dentro do mar.

Deu-lhe o frio esquecimento
e mais não podia dar.

ORELHA DE LIVRO



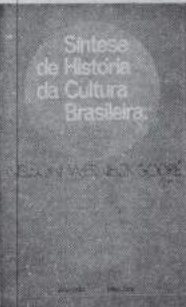
Clarissa ficou em nossa literatura como o retrato puro de uma adolescente que descobre a vida aos poucos, ora tranquila ora sofredora, sempre pronta a surpreender-se e a confiar. "Na monotonia cotidiana da pensão de sua tia Zina", escreve um de seus críticos, "ela é um raio de sol, uma mancha rutilante de alegria. É a poesia da vida no meio do realismo mesquinho. Nela, tudo encanta porque tem a inocência que a angélica e o sabor das coisas naturais que ainda não sofreram as distorções da sociedade... Clarissa é qualquer coisa de agreste e puro. Clarissa é música e poesia. Menina e moça — olhos abertos para o mistério da vida. Alma que amanhece".

Essa é uma das muitas e variadas fascinações de todo o seu procear, seja no romance denso ou no conto breve. É a marca registrada, o laço do seu talento. Por tudo isso é que os narrados de Herberto Sales, desde Cascaho, seu romance mais popular, a este Transcontos, fazem pensar, pela sobriedade e beleza, naqueles antigos tapetes tecidos por dedos imemoriais, quase mágicos. Como eles, que não desbotam nem envelhecem, a prosa herbertiana não tem compromisso com o tempo, porque está acima dos calendários e das modas. É mais nova hoje do que ontem. É cintilante melhor ao sol do ano dois mil do que nas claridades de agora. Em resumo, Herberto Sales, das lavras de Andrade, inventou o Elixir da Longa Vida.

Herberto Sales: histórias ordinárias, histórias extraordinárias, histórias de todos os tempos. Uma terra de muitos, uma terra de poucos. Uma terra de muitos, uma terra de poucos. Uma terra de muitos, uma terra de poucos.



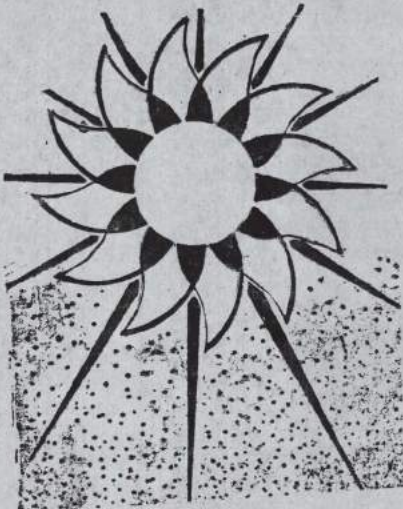
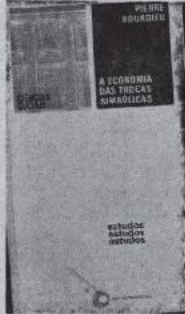
Herberto Sales: histórias ordinárias, histórias extraordinárias, histórias de todos os tempos. Uma terra de muitos, uma terra de poucos. Uma terra de muitos, uma terra de poucos. Uma terra de muitos, uma terra de poucos.



Livro estimulante e polémico. Síntese de História da Cultura Brasileira representa uma contribuição alta para o enfoque de um tema que muito fala ao nosso patriotismo, ao nosso amor pelo Brasil — o Brasil que quer realizar-se na plenitude de suas possibilidades intelectuais de modo a produzir uma arte e uma cultura autênticas, que expressem os verdadeiros sentimentos e anseios do seu povo.

Uma investigação nova sobre a realidade. A sociedade vista como um campo de batalha operando com base nas relações de força manifestadas dentro da área da significação. Atitudes, práticas, grupos de poder e de decisão, níveis de discurso, estruturação de imagens. Informam o campo ideológico de uma dada cultura e para compreendê-lo Pierre Bourdieu reconstrói, de forma original, o estudo da simbolização às suas bases sociais. O sociólogo brasileiro Sérgio Miceli, autor da seleção e organização do material, através de ampla introdução crítica, examina o leitor para os pontos mais incisivos da obra do autor. Trata-se de uma primeira aproximação em língua portuguesa de um pensamento extremamente fecundo para todos aqueles interessados nas Ciências do Homem.

A ECONOMIA DAS TROCAS SIMBÓLICAS
— Uma notável contribuição para a teoria da cultura e da ideologia.



FLOR DE LOTUS

Jones Oliveira Borges

| | | | |
|---|---|--|--|
| Neste teu gesto Meio de fora E um pouco De queda de folha Ou neve Meu corpo Transcende E enlaza Um tanto de mar E muito de vento | Cerra estas garras Que me fazem Podações Deixa Que eu entre Por tua boca E viva Eternamente | Enchi celeiros Reguei jardins Plantei sementes | Teus frutos Doce como o mel Fico à espera ... |
| Em cada passo Teu Me carregas Como o choiro Dos teus cabelos E o barulho Dos teus tamancos | Fiz de mi-ha carne A tua força E de meu suor O teu sangue | Me fiz contente Torna-me enfim O que hoje sou No teu presente | Te trabalhei Dia após dia Noite após noite Cuidei de ti Como quem cuida De quem ama Agora, Tombo de cansaço E, Se não são breços São duas conchas A tua espera! |
| Impresentível Porém Com o eterno Que ficou entre teus olhos E na marca de meus dentes Em tua boca. | Existe Em armadilhas Que te procuram E atraem Nessa linha Horizontal De teu seio Que anseia Adormecido. | Como enxada Meu corpo Trabalhou Teu corpo Infatigavelmente ... | Vivo no mar Que não cansa E volta Vivo na nuvem Que se vai E perde |
| Pássaro Viajante Do meu tempo Interno Abre tuas asas E me acolhe Em teu peito De plumas | Camínhas Mil anos Ao teu excentro | Como enxada Abri caminhos Deixei caminhos Como sementes ... | Vivo Como o sol Que morre Vivo Nesta Metamorfose Noosa. |
| | Preparet-me Um mundo inteiro | Agora, Tudo depende de ti Mulher da terra. | |

ISOLICE POEMA

William Batista Roberval Alves Pereira

Ao desfilar triste na calçada
Trazendo no semblante triste riso
Não queira declinar do seu destino
Predestinada estás ao breve avião

A amargura parca do teu desencanto
Provido de um odor pungente e raro
Sobremaneira sabes que existe
Sentimentos vãos que lhe são caro

E então, no limiar da tua lentidão
Sentindo que te arrastas sem andar
Olha pra Deus e pede teu perdão
E mergulha tua sombra em doce mar

Cantei setembro nos céus: cantei-me
nas horas vastas auroras dúbias
manhãs no leito, cantei setembro.

(Mil canários de setembro em mim
sopraram seu canto: cantaram
longe tão longe mais longe
tão longe mais longe
do que em mim).

Cantei-me nas horas vastas auroras
dúbias manhãs no leito, cantei espera
dos canários de setembro. Cantei longe
muito longe mais longe do que sem fim

Trouxeram-nos os jornais, em dia de João Travenço, a inesperada notícia da morte de Malba Tahan, ocorrida no Recife, a 18 do mesmo mês, pela madrugada — a hora trágica do al-dájar, em que o multíssimo, procedida e abençoada — a purificadora chuva —, prendeu sua ascensão proce, tendo voltado para Meia — o borge do Profeta.

O conto literário de malba Tahan no dia das letras, almanaque, chegando à capital. Prostraram-se as críticas, os livros, os distúrbios — no rhy ritmático —, tocando o solo com a fronte, enquanto a última palavra afluente em algum momento da cent, e qual gestos do Alorá.

Outra época que pariu a panthia os misteriosos camilhões de Alorá — o de estuarcos e morais, e nove nomes conhecidos e um inventado. Mas ao que Aarã — "o ato da eterna separação" — conduziu, seguido de uma filha de Deus — a filha dos bons senhores — para as fúnebres do Deus — a resulto dos insensateiros — barridos pela água tranqüila da Cavalhada — o dia bódico de Amãh.

Amãh!

Contém-se, há dezessete anos, em janeiro de 1957, quando, vindo à Bahia, por desagrado da alta corte da República, e Cultura a manifestar sua curta, de suficiente peso, candidato à rejeição de sua dignidade — a Matemática, de que Tahan, sob a sua distúrbios críticas construídas, de que o cérebro do mesmo ofício, e a contrair toda uma mudança trágica, segundo a mesma forma, e a seguir, sendo mesmo plástica, segundo o comproum numeroso livro seu, como "Matemática Fácil e Avançada", "Matemática para Crianças e Adolescentes", "Matemática Divertida e Interessante", "Matemática Divertida e Curiosa", "Curiosidades e Problemas Matemáticos", "Matemática Recreativa", "Matemática Divertida e Interessante", "Matemática Divertida e Desafiadora", "Diversões da Matemática", "Histórias e Fantásmas da Matemática", "As Grandes Paradoxas da Matemática", "Ficções da Matemática", "Men Ajar de São Paulo" (Lendas, histórias, e curiosidades sobre a Matemática), e ainda muitos outros. "A Matemática é uma ciência exata", e a matemática, que dá o nome à matemática formal "O Esmoo Que Calcular", — também professora, a seguir em "Histórias, Contos, Monstros e Lendas, um livro sobre a Arte de Contar Histórias, um que, ao mesmo tempo, e sob a sua própria expressão, e a Matemática pedagógica dos dias em "A Arte de Ler e Contar Histórias".

Historia, o escritor, em "Histórias, Contos, Monstros e Lendas, um livro sobre a Arte de Contar Histórias, um que, ao mesmo tempo, e sob a sua própria expressão, e a Matemática pedagógica dos dias em "A Arte de Ler e Contar Histórias".

Historia, o escritor, em "Histórias, Contos, Monstros e Lendas, um livro sobre a Arte de Contar Histórias, um que, ao mesmo tempo, e sob a sua própria expressão, e a Matemática pedagógica dos dias em "A Arte de Ler e Contar Histórias".

Historia, o escritor, em "Histórias, Contos, Monstros e Lendas, um livro sobre a Arte de Contar Histórias, um que, ao mesmo tempo, e sob a sua própria expressão, e a Matemática pedagógica dos dias em "A Arte de Ler e Contar Histórias".

Historia, o escritor, em "Histórias, Contos, Monstros e Lendas, um livro sobre a Arte de Contar Histórias, um que, ao mesmo tempo, e sob a sua própria expressão, e a Matemática pedagógica dos dias em "A Arte de Ler e Contar Histórias".

Historia, o escritor, em "Histórias, Contos, Monstros e Lendas, um livro sobre a Arte de Contar Histórias, um que, ao mesmo tempo, e sob a sua própria expressão, e a Matemática pedagógica dos dias em "A Arte de Ler e Contar Histórias".



A MORTE DO CHEIQUE

Fernando Diniz

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

No livro "Parasita", que não é apenas, e a cada capítulo, de um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

"Parasita", que não é apenas, e a cada capítulo, de um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.

...no silêncio das estrelas, das "Mil Histórias de Deus", em um livro de borda de pergaminho, de um modo simpático, do saber e do sonho, ao longo de sua literatura pedagógica, segundo Calamita em a obra destacada.



jornal de cultura.

suplemento literário do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês
cidade da bahia, 1º de setembro de 1974 - ano 2, número 16



JORGE AMADO E O NOBEL

Quando o nome de Jorge Amado volta a ser discutido como possível candidato ao Prêmio Nobel de Literatura, o Jornal de Cultura analisa a questão no seu editorial. A imprensa baiana se ocupou do assunto através de enquete entre intelectuais; alguns favoráveis à indicação do nome de JA, outros apresentando sugestões contrárias. O problema aqui é visto, não desta maneira, mas a partir da sua importância como iniciador do processo de expansão de fronteiras linguísticas e literárias para o português. Uma vez que a condição fundamental para alguém ser laureado com o Nobel é ter prestado serviços ao homem ou a paz, Jorge é talvez o único brasileiro (ou português) cuja obra responde a esta exigência. Ao levar os tipos da nossa cultura às comunidades falantes de outros idiomas, ele inaugurou a quebra de fronteiras e conquistou nova plateia para quanto escrevem em língua portuguesa. (Leia na página dois).



CONVÍVIO

CARLOS ANISIO MELHOR

Neste ano reaprenderemos o convívio
E seremos habituais-cotidianos
Neste ano, iluminemos nosso engano:
Uma estrela, uma criança, algum sorriso.
E saberemos mentir. Poluir a presença
Com o veludo das flores. Amaciar as palavras:
" - Perdão". sem dizer "Cansaço"
Seremos sós este ano, deserdados,
Grimpados em estéreis solidões.
Seremos sós e nulos - amanhecidos
Numa quieta manhã de frio
" - É uma surpresa", direi voltando o rosto
Sabemos, nossa noite é um túmulo vazio,
Mas ao jantar poderemos acender nossas velas

JORGE AMADO: DA UNIVERSALIDADE AO NOBEL

Quando se cogita a candidatura de um escritor de língua portuguesa ao Prêmio Nobel de Literatura, o nome que de imediato se apresenta é o de Jorge Amado. A universalidade da sua obra, como bem mostram as centenas de edições feitas do país, representa a credencial maior para a grande honra. Bem verdade que a literatura luso-brasileira — ou especificamente a do Brasil, para Hearmos apenas em dois exemplos de casa — tem outros nomes de igual mérito, como Carlos Drummond de Andrade e Erico Veríssimo. Mas nenhum destes possíveis concorrentes, não obstante a importância intrínseca das suas obras, responderam à exigência que se precipita da projeção internacional do nome.

Dentre os méritos que o romanista apresenta, está aquele maior — irrefutável (1), que é o alargamento das fronteiras da nossa língua. Jamais um escritor brasileiro ou português conseguiu impor sua obra de maneira tão intensa às comunidades linguísticas mais diversas. E isto responde plenamente à exigência básica do prêmio, que é ter o autor concorrido de alguma maneira para a elevação da humanidade ou para a paz universal. A incorporação à comunidade literária ocidental (e até mesmo oriental) pensamento do homem luso-brasileiro, através das suas histórias e personagens, Jorge prestou um grande serviço aos milhões de falantes de língua portuguesa, cuja expressão se aprisionava entre paredes idiomáticas.

Não seria exagero se afirmássemos que as proposições que recordamos o homem novo, que o papel hoje desempenhado por Jorge Amado, com relação ao português, se assemelha ao de Dante, respectivamente pela unificação da língua italiana. Sabemos que não existem fatores internos que os permitam decidir se uma língua é superior a outra. São os externos que criam, bem ou mal, uma hierarquia entre as línguas. E a coragem ou a timidez dos escritores, o talento ou a mediocridade, que representam uma boa parte destes fatores.

Não estamos tentando afirmar aqui que são os escritores os únicos responsáveis pelo prestígio do idioma, pois seria um raciocínio ingenuo e historicamente falso. Mas lembramos o interesse suscitado pelo estudo sânscrito, cujos motivos são literários, embora com conotação religiosa. Em síntese: os escritores são em grande parte responsáveis pelo prestígio da sua língua; e isso tanto Eliot quanto Pound não se cansaram de afirmar. Não foi por acaso que o falar de Atenas exerceu profunda influência sobre a língua e a gramática dos conquistadores latinos. Não fosse a importância dos escritores gregos, os romanos, senhores do mundo não teriam se submetido de maneira servil aos cânones da cultura helênica.

Podemos afirmar, portanto, que a partir de Jorge Amado um novo território é aberto para os escritores do nosso idioma. A partir da tradução das suas obras em centenas de países, o mundo toma conhecimento da existência da nossa cultura e por ela se interessa. Tivemos, tanto em Portugal quanto no Brasil, escritores do quilate de Eça de Queiroz ou Machado de Assis, mas nenhum deles conseguiu romper a até então, intransponível barreira da língua. Hoje, na Europa ou nos Estados Unidos, universitários se interessam pelo estudo do nosso idioma, quando o enfoque da obra amadiana representa a motivação principal.

Lá fora, as manifestações de respeito pelo romanista são eloquentes, como testemunha, de modo enfático, a saudação com a qual o recebeu na França o jornal "L'Express", numa matéria de página inteira: "Amado, um Zola da Bahia", o relacionamento estabelecido com Emile Zola reflete o modo como foi entendida sua atitude pioneira em relação aos dias atuais.

Esta questão de engajamento foi amplamente debatida durante o Congresso de Escritores Latino-Americanos, realizado em Gênova, em 1965. Na ocasião foram citados os nomes de Jorge Amado e Miguel Angel Asturias, numa tentativa de paralelo entre o pensamento ideológico dos escritores. Guimarães Rosa, em entrevista concedida durante este Congresso (2) e publicada na Alemanha, nos traça um admirável perfil amadiano: "Com certeza ele é também um ideológico, mas sua ideologia é mais simpática que a de Asturias. Asturias tem algo daquele distanciamento incorripível de um Sumo Pontífice. Pronuncia sempre novos e azedantados. Isto é admirável, mas não encanta. As palavras de Asturias são palavras de um pai, um patriarca, que pronuncia sentenças no gênero do Velho Testamento. Amado é um sonhador, ele é com certeza também um ideólogo, mas a ideologia da fábula, com suas regras de justiça e expiação".

Deste modo, a possível candidatura e escolha de Jorge Amado para o Prêmio Nobel de Literatura não representaria apenas "o coroamento da sua glória universal", como disse R. Magalhães Júnior, mas o passo definitivo na trajetória literária de quantos creverem em língua mestiça ou lusitana.

NOTAS:

1 - No artigo "Jorge Amado, o brasileiro de maior prestígio publicado em agosto de 1970 neste suplemento, CID SEIXAS FRAGA FILHO questionava, pela primeira vez, a importância da obra amadiana como instrumento de alargamento de fronteiras para a língua e a literatura luso-brasileira. Este editorial é baseado no referido artigo.
2 - Trecho da única entrevista concedida por Guimarães Rosa, hoje conhecida, e editada em vários países. O entrevistador é o alemão Gunter Lorenz.



Ilustração de Carlos Bastos

ÚLTIMA VIAGEM ATRAVÉS DA NOITE

José Benjamim

O apito polido por dedos e boca, a farda batida — onde crânios atestam luta honesta contra o tempo —, o casquete, três decussos, enfim. Com estes, usando-se o homem, enfrentou a sobrevivência por toda uma vida de esperança, conformismo e cansaço. Suas noites de trabalho sempre foram curtas para viver dias inteligentes, assim, recolheu pobres para pobres para construir fragilmente todo o possuído: casa de sapato e família insatisfeita.

É chegada mais uma vez a hora, o guarda-noturno está pronto para andar a última noite a separação da aposentadoria. Ainda não sabe ao certo o que fará depois, em meio à violência diária; arrotá-la-á como um verdadeiro estranho, olhos miúdos piscando na claridade, de qual forma forçará extrair dobrado, pois ficou velho e cheio de medos. Mas tem de mudar — suas péssimas estás carregadas de sono dos muitos anos, e as pernas não mais aguentam tamanho peso.

Da praça onde se encontra olha firme para dentro da via principal do bairro, levanta os ombros, respira fundo, — movimentos pausados expõem a baderna —, leva o apito à boca, anuncia em som claro, prelozo, sua chegada. Faz-se jovem forte, belo. Deste momento em diante renará sobre suas ruas, principalmente sobre as acobertas das ruas rúas. Companheiros respondem nas distâncias, foi dividida a região, os apitos são guarnições de galos de metal. O guarda, todo ele brilha — desde os olhos. Exigiu aplicação de grande empenho na farda engomada; bruniu pela de quepe, botões, fivela, apapato; peças de roupa e farda, todas limpas, fez questão.

Andam os relógios, correm desta vez. Desentredos transportes coletivos pouco a pouco preenchem aspas maiores entre o seu passar, menos pessoas conduzem: as vindas, desaparecendo rapidamente em transversais ou portas e portões, criam a impressão de nunca terem passado; outras, indo, levam fisionomias mortíferas. Escolas de há muito deveram, às suas casas, lutadores em tempo integral, casais abrigam amores fúteis na proteção das árvores. Ele todo vê, descende, focaliza para nada os maltratar, exceções no mundo deodito, temporariamente. Bairro gráfico, dos cães puro-sangue, documentada linguagem, com grossas vozes a exigiu-lhe presença; dos cachorros "vira-latas" que o saltam brincolando, ventas frias, amizade quente sem preconceitos a ajudá-lo no serviço; dos rapazes fardos desconfiados; bairro das acácias e "famboyants" a se desfizerem em flores e perfume sobre as calçadas encantando-lhe o caminho. Por este vai, repassando lembranças vividas de paz e mesmo algumas de brutalidade e dor, não esquecer aquela luta, — na mão, arma que nunca usou, — luta não só pela obrigação como pela vida ameaçada na ponta da faca e

maldade de "Brugunço", famigerado ladrão, rato sem consciência, causador da cicatriz costada em sua barriga, mas preso por ele grandemente admirado, após Amos também, não poderia negar, a carne e a inconsequência de muitas empregadas domésticas; amou apressado, assustado, intercalando carinhos com olhares vigilantes, não o fossem surpreender. Por alguns dias nascia até o capricho de rir mulher em "fogo" que o tirava à madrugada, e o aconchegava no carro da mansão. Sentiu-se irresistível, admitiu vaidade, fantasiou a saude com a "irreversibilidade desde amor", etc., quando ela se foi... e tudo virou lembrança. Mas dali, dum casa de luxo, levava para o beco distante, com mal de papoêlo e bolsa preta, a Zefinha, maquiagem branca brinco de grande delicadeza. Bruto foi ele marcando-a com nove filhos, dois vivos. Agora é muito difícil nela surpreender alguma graça; muito difícil.

Não há lua no céu. Entretanto inúmeras vira, todas diferentes em suas faces de mulheres. Mudanças. Fora-se o tempo das violões e vozes afinadas de sentimento e bebida romântica. Por vezes, perdura-se nos sonhos vivos dessa música; arrancara-se lamentando o estorço. Se tivesse sido magia, com eles teria-se envolvido em aquecimento do mundo. Mas, se tal poder existisse, não haveria necessidade dos sonhos, o prazer dos sonhos.

Bate os pés no chão, sacode o corpo, atravessa. A noite está perto de decompor o seu em cores evolutivas nas quais a aurora se desleia em ser. E hora das que vogaram nos braços de ilusão, pré-fabricadas em botas, hora das que amaram no escondido de outros abrigos, hora de queques que nada disso fizeram quebreando a solidão e consumiram-se alguns hora de retornarem ao pouco primitivo vivendo emoções no corpo trespassado. Não sabem estes e demais que, nas noites e madrugadas vindouras o guarda gritalho no posto já não estará. Poderão prender olhos e ouvidos pelas ruas vazias, mentos esperando: das sombras não se distinguem, no entrelaçamento dos sons identificáveis, componentes do silêncio noturno, não será possível reconhecer a sonoridade do apito perdido, não seu trinar de melancolia amiga jamais perdurará o espaço a espantar furtivos males. Talvez nem o substituem — a Guarda Noturna está a fundar-se.

Chega o momento. Lá se distancia ele agora no cedo da manhã. Desconhece, mas tem os ombros caídos, seu andar vacila. Melhor assim — que não percebe. ... A cada instante menor, se volta à praça de onde partiu, segue a distribuir "bens dias" aos poucos transientes; a todos deixa um sorriso. Sem despedidas. Melhor, melhor assim. ... Longe, preste a desparecer, pés tateando nova vida, vai... vai-se.

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, cirula no primeiro domingo do mês, com a participação da Fundação Cultural do Estado. Endereço: Rua Carlos Gomes, 37 — Salvador-Bahia. Telefones: 3-2522 — 3-2845 e 3-2847.

Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas à comissão editorial, a qual reserva o direito de vetar a publicação.

Editor:
CID SEIXAS FRAGA FILHO
Coordenador:
CARLOS CUNHA

ישורג

A MINHA CANÇÃO

Biálik, Haim Nakman

Sabes acaso de onde vem a herança da minha canção?
Em casa de meu pai morava um cantor solitário,
Humilde, ignorado, ocultava-se entre as alfaias da casa,
navitava os bucaços, morava nas frestas escuras.
Este cantor conhecia apenas uma canção,
uma canção escureta e mesma e da mesma forma.
Quando meu coração emudecia de dor,
enquanto a língua me ficava pegada no paladar
e uns amargos soluços se comprimiam na minha garganta,
sua canção chegava à minha alma desolada.
Esse cantor era o grilo, o cantor dos pobres.

Meu pai festejava pobremente a chegada do sábado:
a mesa não tinha nem o vinho sagrado nem as tortas;
em lugar de candeeiros, empilhados, brilhavam
com triste luz umas velas seguras com barro,
que tornavam mais sombrias as paredes da sala.
Neste ambiente fúnebre e algumas já adormecidas
se sentavam em redor da mesa, ao lado da mãe enristecida,
e entravam a reza, da saudade dos anos do ofício,
enquanto o pai, atado de espírito, confuso como um culpado,
cortava com uma faca cheia de moedas
o pedacinho de pão preto e o rabo de arnque.
Assim iam passando os dias, até que se cortasse
o pedacinho de pão salpicado de sal,
miguinha azeda, estereotada, insípida,
que tragávamos misturada com as nossas lágrimas como pobres
infelizes.

Ela então levava ao mercado o fruto de seu esforço e de seu sangue.
Ao cair da tarde voltava ainda com alento de vida
e cada moeda que consigo trazia estava como amaldiçoada,
atassada com o suor de seu coração, embebida de amargura.
Quando voltava exausta, com o coração cansado,
não apagara o seu candil até chegar a meia-noite,
suas mãos não abandonavam a agulha, e meia,
e gentilmente o peso de seu sofrimento.
A cada movimento de sua cabeça e das suas mãos,
a chama do candil bailava, como a tremor,
como a querer dizer: "Tenho pena de ti, desgraçada,
é triste que um coração de mãe murche de aborrecimentos
e que o alívio da tua boca se consuma em maldições".
Quando se sentava, por muito tempo, sob o seu frágil corpo,
se ouvia, como a rir, sua desorientada cama,
como a partir-se com o excessivo peso,
e durante muito tempo chegava aos meus ouvidos, na minha cama,
o ruído da respiração da Sberna, acompanhada de suspiros.
Eu ouvia todas as vozes e vigílias que se escapavam de minha mãe
e que eram para mim como mordeduras de escorpíes.

De manhã, levantava-se com a madrugada,
e em silêncio se ocupava da arrumação da casa.
Do céu quanto sorriso, da minha pequena cama,
via pela porta seu frágil corpo
incarnar-se para a amassadeira, à luz de uma pobre vela,
enquanto suas mãos amassavam sem cessar
e variava o humor que a sustentava.

Um suspiro gentil e um desolado suspiro se escapavam
a cada movimento da mão, enquanto a amassando;
e arziu, de lá de onde estava nos chegavam suas palavras:
"Senhor do mundo, socorre-me e sustenta-me!
Quê sou eu e que posso eu fazer? Sou apenas uma mulher!"
E meu coração riu desta, sem dúvida alguma adivinhando-o,
que as lágrimas dos seus olhos se destilavam sobre a massa de farinha,
e quando de manhã repartia por seus filhos
o pão que havia cozido e havia amassado com suas lágrimas
eram suas e seus suspiros que alimentavam as minhas entranhas.

Com nossos cânticos respondíamos à voz do pai,
cânticos escapados de um estômago vazio, de um coração vazio.
Então o grilo também se juntava à nossa reunião
e ao obscuro escondeijo lançava seu canto estridente.

Nas longas noites de inverno,
Tornava em casa de meu pai uma desolada escuridão,
na qual o próprio vazio parecia contemplar-nos tranqüilo
suscitando um pesadelo como de abominação e angústia.
Com tão odiosa miséria, tão extrema pobreza,
se levantavam os sete filhos da família seu olhar faminto
parecia que as paredes se contentavam e reprimiam suas lágrimas,
l'espado ao tórax, o gato mia-va.
Na arca, nada de pão nem levedura,
Da panela, nenhum grão, nem brasa para aquecer.
Então o grilo, de seu escondeijo na parede
entocava sua canção, aguda e monótona,
que riu como um verme meu coração e dilacerava-me a alma;
não era colérico, seu canto, nem suave, não convidava nem a chorar
nem a maliciar, mas era um canto desolado,
desolado como a morte, como a vaidade de uma vida estúpida,
se uma vida triste, sem termo nem fim.

Sabes acaso de onde vêm os meus suspiros?
Minha mãe encurvava, seus filhos ficaram orfãos,
dor e alívios foram as companheiras de seu luto;
em sua mão se esgotaram todos os meios de vida;
volveu os olhos em torno e começou a ver um mundo difícil,
com vivizes e orfandade onde quer que seus olhos pousassem.
O toque tático do religio parecia ter-se apagado,
parecia que mesmo as paredes choravam silenciosamente
e cada canto da casa meditava sobre suas tristezas e compaixões.
"Senhor do mundo, — remia minha mãe —
sustenta-me, para que não caia, pois sou uma pobre viúva!
Socorre-me tom o pão de meus filhos, como socorres aos míseros
vermes!"

BIÁLIK, UM DOS MAIORES POETAS DA HUMANIDADE

Jacó Guinsburg



H. K. Biálik nasceu em 1873, na aldeia de Bódi, Polónia, na então Rússia. Aos sete anos perdeu o pai. Desde então um pobre tazerete vestido na terra que morria em tatur. A mãe, Dina Frenkel, não pôde aver a sua vida e o sustento da família, até que o menino, aos quinze de idade, um piedoso e virtuoso, morreu.

Biálik recebeu a tradicional educação judaica, baseada no ensino do Velho Testamento, Mishná e Talmud, sem curso de estudos elementares comerciais ou agrícolas. Desde cedo, desde os sete anos, além de excepcional aptidão de inteligência, era sempre caracterizado pelo seu caráter de virtude, além das primeiras noções de adoração, no estudo de obras como o "Kvare" de Juda Halevi, o "Ora de Hapilotes" de Maimônides, e o "Zohar" — o livro da mistica judaica.

Após a morte do pai, em 1884, a família sobreviveu graças ao trabalho de Yehuda, já então um jovem, com a ajuda da família de Bódi, onde o menino, além de excepcional aptidão de inteligência, era sempre caracterizado pelo seu caráter de virtude, além das primeiras noções de adoração, no estudo de obras como o "Kvare" de Juda Halevi, o "Ora de Hapilotes" de Maimônides, e o "Zohar" — o livro da mistica judaica.

Biálik ensinou-se aos sete anos e, durante algum tempo, dedicou-se ao comércio e ao estudo da literatura. Em 1891, tornou-se um poeta, e em 1892, tornou-se um escritor. A primeira obra de Biálik, "Mikdash", foi publicada em 1892, no jornal "Ha-Zeman", e foi muito bem recebida. Em 1893, escreveu o primeiro livro de poemas, "Mikdash", que foi muito bem recebido. Em 1894, escreveu o segundo livro de poemas, "Mikdash", que foi muito bem recebido.

Em 1895, após a primeira guerra de Kishinev, escreveu "Na Cidade de Mestrop" o original e belo, mais tarde, de Biálik, inspirado em sua linguagem, escreveu uma variedade em idioma, este poema que abalou a sociedade judaica de Bódi, com o seu grito de dor e de revolta.

Em 1896, em colaboração com I. H. Bialik, fundou a revista "Mikdash", que se tornou uma das principais revistas da literatura hebraica. Em 1897, escreveu o primeiro livro de poemas, "Mikdash", que foi muito bem recebido. Em 1898, escreveu o segundo livro de poemas, "Mikdash", que foi muito bem recebido.

No curso da Primeira Guerra Mundial, transferiu-se para Moscou, onde trabalhou em uma fábrica de tecidos e na "Dinur", de seu avô, até que se serviu, mais tarde, a Palestina.

Após a Revolução de Outubro, Biálik, em 1917, foi enviado a Moscou, onde trabalhou em uma fábrica de tecidos e na "Dinur", de seu avô, até que se serviu, mais tarde, a Palestina.

Em 1924, transferiu-se, finalmente, para Eretz Israel e trabalhou ali, em "Dinur". Biálik é considerado um dos maiores poetas da literatura hebraica. A sua voz, e de comprometimento nacional, o desenvolvimento da cultura e da civilização do povo hebraico. Além disso, Biálik também foi um dos maiores poetas da literatura hebraica.

Biálik também foi um crítico literário. De sua obra crítica, a mais conhecida é "O Livro de Bialik", de 1917, onde ele critica a obra de outros poetas da literatura hebraica.

Entre outros trabalhos literários, escreveu o livro "O Livro de Bialik", de 1917, onde ele critica a obra de outros poetas da literatura hebraica.

A obra de H. K. Biálik não se limitou à literatura moderna, desde que nos dá a primeira voz, caracterizada na poesia literária hebraica. A sua voz, e de comprometimento nacional, o desenvolvimento da cultura e da civilização do povo hebraico. Além disso, Biálik também foi um dos maiores poetas da literatura hebraica.

Mas, Biálik não foi apenas o grande poeta nacional. Não se limitou a escrever e a ler, o grande poeta nacional. Não se limitou a escrever e a ler, o grande poeta nacional. Não se limitou a escrever e a ler, o grande poeta nacional.

Em 1924, transferiu-se, finalmente, para Eretz Israel e trabalhou ali, em "Dinur". Biálik é considerado um dos maiores poetas da literatura hebraica. A sua voz, e de comprometimento nacional, o desenvolvimento da cultura e da civilização do povo hebraico.

Este conteúdo, de 80 anos, vir, a maioria mais característico de erudito, Biálik não é, mas sim, um poeta e um crítico literário. De sua obra crítica, a mais conhecida é "O Livro de Bialik", de 1917, onde ele critica a obra de outros poetas da literatura hebraica.

E agora, algumas palavras sobre a sua vida. Biálik nasceu em 1873, na aldeia de Bódi, Polónia, na então Rússia. Aos sete anos perdeu o pai. Desde então um pobre tazerete vestido na terra que morria em tatur.

Em 1895, após a primeira guerra de Kishinev, escreveu "Na Cidade de Mestrop" o original e belo, mais tarde, de Biálik, inspirado em sua linguagem, escreveu uma variedade em idioma, este poema que abalou a sociedade judaica de Bódi, com o seu grito de dor e de revolta.

POETAS DE ISRAEL

(tradução e nota de Cecília Meireles)

O GALO DE LATA

(IMAGENS DA INFANCIA)

Tomer, Ben-Tsion

Um galo da minha casa
navia um galo de lata
preluzando ao vento
arrastado sem voz.
depois um dia
a casa ardeu
seu grito às vezes dilatarei meu sonho
As vezes vejo-o voar para o oriente
gato-degostado
galo de lata
de posição estendido
muito separado
vejo-o às vezes cair no ocidente.

DESSA ESPÉCIE DE POEIRA

Grinberg, Uri-Tzvi

As foram escolhidas com gritos de alegria:
seu voz acabou-se.
Filhos da cepa de David que, de espada na mão,
caíram.
e são simples e gentis como David
da família dos pastores.
E eles te agradeceram, Senhor,
pela poeira!
Essa espécie de poeira
criaste o primeiro Homem;
deixa espécie de poeira
criaste a Moznah do Temple.
E por essa espécie de poeira
eles te agradeceram, Senhor.
Sua morte não é morte:
quem oina para os seus túmulos deixa de ser escravo!

ROSA SECA

Ioash, (Solomon Blumgarten)

Caiu de um livro no meu regaço
uma dessas velhas
rebitadas de um sonho de juventude:
rosa seca.
e eu desgruntei ao livro de onde vinha
aquela flor.
O livro caiu-se: não chegou ao meu ouvido
nem palavra nem som.
Então meus olhos descobriram uma página
onde havia uma nota.
Há muito, muito tempo alguém tinha chorado.
'Oh, quando e onde?
Beije! e rosa murcha, a rosa seca
e a lágrima também.
Há muito, muito tempo alguém tinha amado:
'Oh, quem? e a quem?'

SEPARAÇÃO

Zangwill, Israel

Um dia, estando entre nós dois o Atlântico,
sestou a tua mão na minha.
Agora, tendo a tua mão na minha,
ainda entre nós dois o Atlântico.



COMO MATAR ?

Hameiri, Avigdor

Eu, criança sensível
que abria a janela diante de uma mosca transida de frio,
que ajudava a formiga em seu trabalho,
suprimir uma vida?
erguer um sabre?
Meu Deus, meu Deus,
e que taria do judeu que há em mim?
Meu Deus, meu Deus,
talvez te hajais enganado,
Katars enganado, talvez.
Exterminarei para sempre
as preces de desespero,
matarei as profecias da morte.
E pela minha vida santificarei
O Nome de Nosso Senhor;
não pela minha morte.

O MURO DAS LAMENTAÇÕES

Cohen, Iacov

Na alta colina há um velho muro de pé,
todo cheio de fendas, de onde sai a erva grossa.
Mas sua torça está íntegra,
no coração forte das pedras.

Diante desse velho muro há velhinhos curvados:
inclinam-se, rezam, choram;
consom seus lutos e reduzem às pedras
seu sofrimento ainda recente e vinte vestes secular.

E da extrema altura, sobre o muro arruinado
nascem raios de sol dourados de piedade;
e o Deus que desce aonde decaem essas luzes
consola ao mesmo tempo os velhinhos e as pedras.

INSONIA

Zakh, Nathan

Tranquilas e desoladas
as águas do teu sono.

Tu não o sabes, tu.
Nossos quartos agora estão vazios.
Mesmo o sócio da brisa foge
como um rato do navio que afunda.

Tu não o sabes, tu
mas eu não ousa tocar
a tua mão.

O relógio canta
e tu respiras.

De sonolenta varas na mão,
embargo para longe.

BEM-AVENTURADO ...

Szenes, Hanó

Bem-aventurado o fáfaro que arde e acende labaredas.
Bem-aventurada a labareda que ardeu no abraço dos
corações.
Bem-aventurado os corações que souberam parar com honra.
Bem-aventurado o fáfaro que arde e acende labaredas!

A CAMPONESA JUDIA

Karni, Iehuda

Protege-me, Senhor, do vento frio
e das rajadas de arca,
para salvação do galinhaeiro, da horta
e da vaca no estábulo.

Pois tu me arrancaste, anêmica,
nos velhos pais,
para tirar, de um chão mortífero, pão
e figos.

E eu acabei
sem orgulho nem medo
todo o bem e todo o mal;
e a vaca morge e o trigo custa a vir
e eu vou ter um filho!

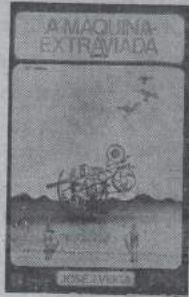
ESPELHO

Amir, Aharon

A noite à noite minha barca voa na onda
à noite à noite meu corpo não foge mais ária
à noite à noite Deus pisana por cima da onda
à noite à noite eu escuto a voz de um pássaro.

A noite à noite eu vejo meu rosto na onda
à noite à noite de meu irmão tenho im-razo medo
à noite à noite o medo de Deus encrespa a onda
à noite à noite o medo de Deus encrespa a onda

ORELHA DE LIVRO



José J. Veiga é ficcionista de primeira plana, aplaudido pela crítica e pelo público ao mesmo tempo — coisas que nem sempre ocorrem. Dada a simplicidade de sua linguagem, a fluência da narrativa e a singularidade dos enredos que inventa, sua obra tem chamado a atenção também dos professores brasileiros. Veiga é escritor de leitura constante nas escolas. Mas não se pense, por isso, que sua ficção seja baseada o obstruamente pedagógica. Não. Não o é. Os didatas lhe distinguem os livros por que são exemplares como texto, tramo da língua e inventiva.

Poeta, filósofo e artista, Kahlil Gibran nasceu perto de Monte Líbano, uma região que tem produzido muitos profetas. Os milhões de pessoas que falam árabe, familiarizadas com esta escrita naquela língua consideram-no o gênio de sua época. Mas ele foi um homem, cuja fama e influência se espalhou além do Oriente Próximo. Sua poesia tem sido traduzida em mais de vinte idiomas. Seus desenhos e pinturas têm sido exibidos nas grandes capitais do mundo e comparados por Augusto Rodin aos trabalhos de William Blake.



Humberto Mauro constitui um dos temas mais ricos para o estudo do cinema brasileiro. Com o presente livro, Paulo Emilio Salles Gomes reúne a versão oficial a respeito da carreira do cineasta e regista, a partir de sua figura, toda a atmosfera de uma época. A contradição da cidade de Cataguases, em Minas, Zona da Mata e da revista Cincart, carrega, para a formação de Humberto Mauro revelam, paulatinamente, através do texto ora publicado, o conflito entre aspirações e fabulantes opostas. Este conflito — a forma mesclada, por vezes ambígua como emerge norteará a sólida linha teórica desenvolvida pelo ensaísta. HUMBERTO MAURO CATAGUASES - CINARTE: pesquisa, humor e agudo senso crítico aliados na transmissão de uma visão nova e original, de Cinema e de Brasil.

Sobre o escritor Osvaldo Devay de Sousa — o inconfundível Loureiro de Sousa escritor, Osvaldo Devay de Sousa, em elaborando os seus livros, não se desvia do caminho do bom escritor, utilizando-se de um estilo claro, embora apurado, porque, antes e acima de tudo, ele sabe escrever, e que, nos tempos que correm não é muito comum. Por outro lado, os temas são atuais e soberanamente humanos, conselheiros e confortadores, o que faz bem a quem os lê, com aquele mesmo sentido das obras de um Marden, um Pouchet, um Smullyer.



O FILHO HIPOTÉTICO

(TRECHO)

Nilton Manoel Nascimento

O filho, filho hipotético
sentado e não gerado
insubstancial ao pai
insubstancial no desejo
insubstancial no querer
insubstancial às mãos e aos abraços
insubstancial às realizações humanas

Hipótese ofertada
deixada no éter
da rosa escarlate.
No amago da fruta partida
experimento
no altar da Virgem Inconsoladora
reco e rogo

na sala de jantar
entrateço
no parque de variedades
contemplo

nas cores azulaes da terra
respiro
nos labirintos asfálticos
destrito

nas paradas incoerências
extravio-me
nas câmaras de tortura
amadureço.

e finalmente,
vou-me esvaindo em sangue
pelas ruas laterais,
belo cortejo de cães mendigos e prostitutas en-
ferrujadas vomitando pedaços triturados de fios
elétricos.

venenosos alérgicos
preços
saídos de sapatos
uma baía,
restos da gula forçada
na elaboração do ser.

AGONIA

ou Poema Específico

Sérgio Nonato Marques

Séi da voz como espada
que talha o silêncio
como nálio e café
A carne sensível da disperso corpo

Enquanto háis treva
Com sentido insonne
E a mancha roedora se encanta em gestos
de estranho sapar
Mas espada

Enquanto voz velado é o amante curvado
Folto ao Milagre necessário da poesia
Durante seu busto depeito ao chão
Mas espada
Convoca sua dor em distância
Ao corte lançado d'alma
Como se banquetes de si fosse
Ao talo da voz mais espada

FOME & FORJA

Iderval Lima Miranda

fome forjando fome
fome forjando forja
forja forjando forja
forja forjando fome
fome forjando luta
luta forjando forja
forja forjando homem
forja forjando fuzil
homem forjando luta
luta forjando forja
forja forjando fome
fome forjando fome

Gravura
de Hansen
Bahia



HELÉBORO: Um Prefácio de Antonio Brasileiro

Dentre as maneiras de se escrever um prefácio a menos comum é a totalmente intimista, pessoal, particular. Dizem que é coisa pela unilateral, limitada a um ponto de vista. Mas há outra maneira honesta.

Criou não ter a verdadeira vocação para a crítica literária (digo isso honestamente). Sou fantasista, poucoíssimo racional. Um crítico verdadeiro penetra o outro, faz aflorar o outro; eu sou demasiadamente eu. O que compreendo é o que amo. Não descubro verdades onde meu amor não chega.

Depreende-se que meu prefácio não será um verdadeiro prefácio (crítica, análise) mas é meu prefácio. Ruy, após Drummond e Pessoa, é meu poeta preferido. Após também não é o termo correto — melhor: juntamente com.

Poesia e metafísica são irmãs. Se acharem que metafísica não é nada, melhor ainda. A melhor poesia não é nada. Que é "um português feérico / aberto ante o teu trânsito embriagado"? Que é "enselgado no amovível / jamais como um que perdeu / seu unicórnio"? E isso: "De onde veno, acende val / com sua coreografia / entre um e o mural" — "Um puno movimento / habitando a periferia tua" — "nossos olhos desalados" — "— coração é ultramarino" — isso é locutura. Isso é poesia.

Que nos importa que não seja nada? Deram os tempos próximos: forma. E tudo, enfim, é

forma. As coisas se perdem; as formas, estas, ficam: nas nuvens, nas retinas, em algum recôndito sítio dentro de nós. Longe de Sirius; desalado. Que saudade é essa, que nos habita? "Recordar-se então da beleza verdadeira; recebe essa e deseja voar para o alto; não o podendo, porém dirige o olhar para cima equacionando os negócios terrenos e dando, dessa maneira, a impressão de delirante. De todos os entusiasmos este é o melhor e da mais perfeita origem; saudável para quem o possui e dele participa. Quem é atingido por este delírio ama o que é belo e chama-se amante". Isso é Platão. Busque-se, no Feiro, o mito dos cavalos alados. Pouquíssimas vezes a poesia esteve tão alto.

Ruy Espinheira Filho, um dos nossos melhores poetas. Esse é uma que sabe; digo: que é. Sua figura de Sileno passeia pelo al, no bar, nos muros, nos ares de Salvador-Bahia. Mas só levemente roça sua poesia o urbano. Visa, espera mais vasto, justamente os vastos espaços da grande poesia. Veja-se, para tal, a "Antitelegia para Alberto Luis Barata". Nos "Fragmentos de uma Viagem com Lemus Gulliver" os achados sonora, ritmicos, ditados até. Cefalíficos — inserem o poeta na melhor corrente formal da nossa época. Há par "Longe de Sirius": a poesia desprende-se de si, não quer ser mais apenas literatura. Ruy Espinheira Filho, um dos poucos. E seu primeiro livro.

ABC RE-OBTIDO

MARIA DA CONCEIÇÃO PARANEOS lançará seu livro de poemas ABC RE-OBTIDO no próximo dia 5 de setembro no TEATRO GAMBOA, a partir das 18 horas.

No novo volume, a autora propõe um re-exame dos signos que diariamente usamos sem ter a consciência do seu real significado. Do re-exame dos sinais do alfabeto, MARIA DA CONCEIÇÃO PARANEOS parte para um re-exame das palavras e das verdades que exprimem, verdades das quais perdemos dia a dia a noção, ao tempo em que perdemos a própria vida.

No seu ABC o poeta faz referências ao estado inicial do signo, nos primórdios da humanidade, quando o simples fato de desenhar uma figura na parede de uma caverna significava a posse do objeto, a previsão que prefigurava sua conquista. O homem moderno perde essa vinculação mágica com a natureza, e os signos com que se comunica em sociedade são arbitrários, convencionais. No ABC a racionalidade é encerrada como um elemento negativo, pois conduziu o homem a novos e novos desencantos com seus mais essenciais realidades. A aproximação com os caminhos do mundo terá de começar da condição de hu-

manidade (a autora refere-se ao réptil que se arrasta no chão e a partir disso conhece seus caminhos).

O escritor ADONIAS FILHO dá no prefácio do seu livro anterior: "Enxajada tão somente com a poesia, o que não quer dizer escapismo intelectual, Maria da Conceição Paraneos desde os primeiros poemas se define pela anti-retórica". E ainda: "A força criadora, negando o abstrato e o subjetivo, embora contida pelas exigências do acabamento artesanal, não transbordava para o informal e o vazio. (...) Há desse modo, e tendo a percepção como veículo, toda uma consciência que integra Maria da Conceição Paraneos — a partir do "Chão Circular" — numa espécie de reconhecimento crítico. E, embora o rigor seja extremo, principalmente na linguagem e na imagem, a verdade é que não sei de outra poesia mais espontânea, e, em consequência, cheia de comunicação".

Capa de Ian Fowld Jr. — na gravura usada, composta eletronicamente, há referência ao conteúdo do livro. Parte de uma estrutura regular para a desagregação sucessiva, atingindo o caos e sugerindo a possibilidade de uma nova ordem diferente da primeira.



NOTAS

BIO-BIBLIOGRÁFICAS

Inicia sua atividade literária em 1966. Desde então começa a publicar poesia e prosa (ficção e crítica) em periódicos locais, nacionais e internacionais.

Em 1967 participou de: *Moderna 1 - da Bahia*, Ed. Tempo Brasileiro, Rio, 1967
 25 Poetas da Bahia de 1633 a 1968, Imprensa Oficial da Bahia, Salvador, 1968 (poemas e gravuras)
 Bone Constatas da Bahia, Grafica Record Editora, Rio, 1969
 Prelúdio, Popypress Ltda., Rio, 1970
 Festas da Bahia, Imprensa Oficial da Bahia, 1970 (poemas e gravuras)
 Breve Romanário do Natal, Editora Beneficente, Salvador, 1972.

Em 1969 obtém o prêmio de poesia "Artur de Sales" Secretária de Educação e Cultura, do Estado da Bahia.

No mesmo ano tem o seu livro de poesia *Operação Contrária* aprovado para publicação pela Comissão de Alto Nível do Instituto Nacional do Livro (INEC) — ainda inédito devido a problemas de custo da edição, pois o livro contém cerca de 200 poemas, elaborados a partir de

1967 e agora compreendendo poemas até 1974.

Nessa mesma época começa a traduzir e adaptar peças para teatro. Em 1972 é encenada a sua versão para o Português do Brasil da peça *A Excessão e a Regra* de Bertolt Brecht, direção de Ewald Hackler, em Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Ainda no mesmo ano conclui a peça *Na Colônia Penal* baseada no conto homônimo de Franz Kafka (filmada para TV, ainda inédita).

Em 1973 escreve a peça *Qualquer Um ou os Sete Pecados da Cidade*, utilizando-se de poemas satíricos de Gregório de Matos, encenada em Salvador e no Festival de Inverno de Ouro Preto, direção de Ewald Hackler.

Exerce atividade crítica em literatura e em teatro a partir de 1969. No momento trabalha em um romance urbano e numa nova peça teatral a ser montada em São Paulo.

É professora de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

LUCIDEZ CRÍTICA DE EDUARDO PORTELA

Ilídio Tavares



Adonias Filho, Eduardo Portella, Miguel Angelo Astúria e Jorge Amado.

Dados Bibliográficos

Nasceu a 8 de outubro de 1925 em Salvador. Seus pais: Enrique Portella, reconhecido advogado e Maria Diva Malles Portella. Estudou em Delfino na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Douze em letras com curso de pós-graduação em filosofia e literatura. Alguns dos seus professores: Ortega y Gasset, Damascio Alcoba, Manoel Balaúdo, João de Barros, Gregório Ungaretti, Carlos Bonomo. Em Recife recebeu muito apoio de Gilberto Freyre, Chafin Faria Filho, Fernando Luis da Cunha Cascaes, Augusto Alves e outros. Começa a publicar suas literárias em Recife em 1946. O primeiro foi no jornal *CARACOL*, nomeado de *Novos Poemas*. Em 1958 edita no Rio de Janeiro *Dantes e seu para o Jornal do Comércio*.

Sua atividade crítica retrospectiva, fez com que Adonias de *Amoroso Livro*, e *convidassem* o primeiro crítico da obra, o Afrânio Coutinho nele identificou a primeira manifestação da crítica de Adonias de "New Criticism" de Pound, Eliot, Kenneth Burke, Robinson Crusoe, Weisk, Bely, Aroux, e tantos outros. No Rio recebe e ajuda de magistrado Afrânio Coutinho, do escritor, poeta e pintor José Paulo Moreira da Figueira, de *Intelectuais* Rosa, Assis Barbosa, César Cury, e Cury dos Reis.

Fundou a Editora Tempo Brasileiro com seu irmão Paulo, Ewald Portella. Sua 1962 fundou a revista *TEMPO BRASILEIRO* com ajuda de Franco Profumo dos cursos de pós-graduação, na Pontifícia de Letras e Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Editor da Faculdade de Humanidades do Colégio Pedro II.

Vice presidente do Conselho Estadual de Cultura da Odebrecht. Em 1971 ganha o prêmio Fernando Chinaglia I, da União Brasileira de Escritores, destinado a melhor obra publicada. Também em 1971 ganha o prêmio "Gotha do Rio de Janeiro" do Museu da Imagem e do Som (OB Ideológica) pela obra *Intelectuais*. Bravura, crítico e escritor que é indicado, em 1972, Adonias Filho eleito de Américo Lima, Elvino Costa e Emanuel Carneiro Leão.

LIVROS PUBLICADOS

1. DIMENSÕES I, 1956 prêmio Silvio Romero de ABU e Prata para promoção governamental da OB
2. DIMENSÕES II
3. LITERATURA e REALIDADE NACIONAL — 1963
4. DIMENSÕES III — 1965
5. AFÍLIXA COLONOS e COMPlices — 1967
6. POLÍTICA EXTERNA e POVO LIVRE 1967
7. Ensaio "Vida, Prospectiva da Literatura no Brasil" no VI volume do *LITERATURA DO BRASIL de Afrânio*, Colégio fechado e solido.
8. "TERRA DA COMUNICAÇÃO LITERÁRIA 1970
9. "CRÍTICA LITERÁRIA: MÉTODO e HIERARQUIA 1970
10. Diretor da Coleção — *INTERPLACIAMENTO DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM 1974*
11. *Os Poetas* — DIMENSÕES IV
12. *Na prosa* — FUNDAMENTO DA INVESTIGAÇÃO LITERÁRIA
13. *VANGUARDA e CULTURA DE MASSA*

Comentário

Pouco resta dizer de Eduardo Portella após uma tão brilhante ficha bio-bibliográfica. Uma das coisas a ressaltar é o seu papel como renovador na crítica de que tantos antes já falaram. Eduardo foi dos primeiros a assimilar as lições do "New Criticism" e valorizar a análise de texto, sem fazer uma crítica impressionista e pessoal. Da leitura de seus textos críticos uma nova avaliação dos talentos em nossa literatura pode ser feita. Eduardo sempre combateu o formalismo vazio e aqueles que agiam como figuras de destaque no cenário das artes muito antes que outros o fizessem hoje confirmam suas predições, entre muitos deles para apenas citar um João Cabral de Melo Neto. Combateu o uso abusivo de retórica, a frase melosa e verso encharcado de adjetivos, e preciosismo verbal, males que afligem quase todos os poetas brasileiros que ao invés de buscarem o "mot juste" perdem-se na verborrágica excessiva. Sempre apontou o caminho da real expressão artística depurada e harmônica que tantos bons poetas conseguiram encontrar. Nisso encontramos uma séria contribuição ao engrandecimento da arte brasileira, pois nessa poesia hoje pode-se embrear com as manifestações no gênero de outros países e a palavra

crítica de Eduardo e de outros serviu como norte a muitos escritores que buscavam-se encontrar no difícil território da poesia.

Cabe aqui também citar a sua contribuição à poesia brasileira, citando pela "Tempo Brasileiro" e antologia "Moderna Poesia Brasileira" e escrevendo a orelha deste livro que já teve poemas traduzidos para o espanhol, como o italiano, para o tcheco, poemas publicados em Sofia, Praga, Buenos Aires, Montevideo, Lisboa, Santiago o que já figura nas bibliotecas das universidades americanas como um documento da expressividade da poesia de uma geração da Bahia.

Merece nota o estilo da prosa crítica de Eduardo Portella. Sua prosa é clara e concisa, não se perdendo em divagações inconseqüentes. Direto ao assunto ele se expressa com toda a clareza e é discreto, elegante e preciso. Escrevendo crítica de toda a forma criativa e ágil, ensina muito gente a escrever, pois a muitos acham que é apenas usar palavras bonitas. Encontramos na prosa de Eduardo Portella um exemplo lapidário de manejo de língua, sem porém aquele descolado purismo machadiano. Eduardo escreve em português do Brasil como legítimo representante que é da literatura brasileira.

I SEMANA DA POPULARIZAÇÃO DO LIVRO

DE 10 A 17 DE SETEMBRO / PROMOÇÃO JORNAL DE CULTURA

DO HUMOR QUE É ARTE À ARTE QUE É HUMOR

Roberto Pontual



As enciclopédias indicam para a palavra humor, em mais a outras definições, a de "via cômica, satírica, sarcástica", um estado incerto, entre lágrimas e riso". A qualquer pessoa que observe mais detidamente as manifestações de arte no mundo contemporâneo ressaltará logo a presença dissimulada, crescente e envolvente dessa via ou estado, quase a determinar um estilo de época, uma fórmula comum de encarar a realidade. O que estaria por trás de tudo isso?

Antes de encontrar a resposta é preciso, fazer um giro pela história. Evidentemente, o curso continuado ao humor, como arcabouço ou arma, não é fato exclusivo de hoje; apenas agora está atingindo ponto irresistível de culminância. Mas longe de nós — e sem querer mergulhar demastadamente no passado acende-se a ambiguidade simpólico-ardônica de Hieronymus Bosch c. 1480 — 1516), com seus temas demenciais de intenção moralizadora, situando por via indireta o perfil ideológico da passagem do mundo medieval para o mundo renascentista que se avizinhava; o humanismo fantástico-realista de Pieter Bruegel (c. 1525/30 — 1569), a quem também apelavam de o "Engracado", aproveitando temas bíblicos, parábolas e provérbios populares, com o propósito de registrar a natureza humana, frágil e instável, tal como ela se projetava na vida política e social da Flandres de seu tempo; e a alegoria já surrealista de Giuseppe Archimboli (c. 1550 — 1593), estruturando pinturas de cabeças e bustos a partir da reunião de estranhos objetos relacionados entre si dentro de uma mesma função, à beira da caricatura, como no caso do retrato de um bilioso resultante apenas do empilhamento de livros.

Bem mais a frente, já no final do século XVIII e início do seguinte, trompia um dado novo nos debates sociais que a arte procurava assumir, para compensar a pompa marcial-palaciana e a frieza do albramento neoclássico, que fizera de Napoleão o semideus impermeável às fraquezas humanas. Esse dado era a ironia, que a arte adotava no olhar cotidiano, deixando as altitudes olímpicas de artes para reconectar o fluxo das coisas diárias, comuns, vitalmente simples. Com William Hogarth (1697 — 1764), na Inglaterra, e Francisco de Goya y Lucientes (1748 — 1828), na Espanha, temos as bases novas desse uso da arte como força de crítica. Ambos, especialmente nas várias séries de gravuras que produziram (capazes de atingir, pela maior tiragem, um público mais amplo e popular), voltaram-se para a denúncia das mazelas das classes sociais dominantes em seus respectivos países, de uma maneira até aquele momento inédita pela clareza e virulência do ataque ao alvo.

É quando surge na França, antes mais moderada, a cruzada das idéias e do traço de Honoré Daumier (1808 — 1879), violentamente voltado para a sátira visual aos costumes políticos e sociais da época, com os milhares de desenhos e litografias elaborados desde 1830, os quais lhe valeram, inclusive, prisões e condenações, a lembrar a caricatura Garibaldi, retratando o rei Luis Felipe. Colaborador assíduo de periódicos satíricos como *Caricature* e *Charivari*, por intermédio de sua atividade "a caricatura chegou a ocupar um lugar importante na história da arte de fins do século XIX como expressão cabal de seu tempo. A caricatura instalou-se definitivamente na atualidade artística", segundo as palavras de Raymond Cogniat. Observa-se, aliás, a maneira pela qual essa emergência e dignificação da caricatura, desde meados do século passado, corre paralela ao aperfeiçoamento dos meios de impressão, com destaque sobretudo para o avanço da técnica da gravura em madeira e do desdobramento recente da litografia, facilitando a ilustração dos novos periódicos e das publicações em livro de narrativas romancadas. Buscando tanto a liberação das paixões humanas quanto o registro dos acontecimentos cotidianos, o romanesco e o realismo daquele século serviram-se das novas e técnicas e vívidas com uma avides capaz de engendrar, não bem o desenho de humor que hoje conhecemos — indireto, refinado, sutilmente conceitual — mas a charge abundantemente denunciativa, gritante incendiária, sem tempo de hímnos. Não engajada a ponto de derrubar monarquias.

Mas isso, logo a seguir, desapareceria quase por completo da produção artística, com a presença dos impressionistas, muito mais interessados em diluir parietalmente o mundo, em captar o doce caráter mutável da paisagem e da figura humana, sem problemas ou dramas visíveis. A agressividade é assim substituída pela musicalidade, o grito pelo acorde harmônico, esse oásis, no entanto, dura bem pouco tempo, já que dentro ainda do século XIX artistas como o próprio Edgar Degas (1834 — 1917), Paul Gauguin (1848 — 1903) e Henri de Toulouse-Lautrec (1864 — 1901) estavam pronunciando a reestrutura do vigor íônico e satírico que se esparia especialmente com os expressionistas, mas também com Henri Matisse (1869 — 1954), Kees van Dongen (1877 — 1968), Maurice Vlaminck (1876 — 1958) e até mesmo com os cultores do realismo trompe l'œil — a destacar os norte-americanos William Harnett (1848 — 1892), John Frederick Peto (1854 — 1907) e John Hebler (1858 — 1933) — e com o patriarca naif Henri Rousseau (1844 — 1910).

Contudo, já era possível, então, detectar alguma coisa de diferente nessa nova escalada do humor na arte. Quando se analisa, por exemplo, o ritmo ultra-realista das pinturas minuciosamente exatas dos três norte-americanos citados, percebe-se com facilidade que o humor começava ali a se dirigir não apenas ao sentido das fraquezas humanas antes preferidas como matérias de crítica, mas se amava também, e principalmente, contra a própria sacralidade anterior da obra de arte, do mistério impenetrável ao fazer artístico e do privilégio conferido ao artista, tão como intermediário da divindade. Num quadro como *A Bachelor's Drawer*, pintado por Haberle entre 1890 e 1894, tudo é registrado com a mais virtuosística das preocupações pelo detalhe e a exatidão realista, inclusive o calco-moldura por ele próprio imaginada, com vistas a aumentar a sensação de profundidade e de terceira-dimensão de cada objeto disposto sobre a madeira, também ilusória, que é o fundo do quadro; depois de espantado-se com a amplitude dessas coisas que parecem ser elas mesmas, mas são apenas uma imagem pintada, o espectador de repente percebe toda a intenção do artista: sobre uma das notas de papel-moldado (pura imagem, fingimento) ele acrescentou a inscrição seguinte, feita à mão tanto quanto aquela nota: "Esta nota, junto com uma quantidade de dinheiro falso, foi apreendida por policiais em New York, 1º janeiro de 1868. Peritos consideram esta verdadeira". O artista situa-se assim no conflito de "medeado falso": a arte, que é o seu produto, ao mesmo tempo revela e falsifica a realidade. Com o espírito de uma nova liberdade — para até mesmo se autogerar e rit de sua própria segurança anterior como coisa sagrada — a arte se modifica substancialmente desde o início do século XX, sobretudo após passar pela transição do cubismo e futurismo e encontrar sua extrema radicalidade no dadaísmo, nascido dentro da I Guerra Mundial. O dadaísmo instaura pela primeira vez no processo, de desenvolvimento das formas artísticas, um conceito de antiarte, de negatividade absoluta e apocalíptica, refletindo, em parte, a situação caótica travada pela guerra, mas também a saturação frente ao bom comportamento do artista quanto ao seu material, veículo e modo de trabalho. Para isso, nas mãos dos dadaístas, o riso não se voltava apenas contra as coisas do mundo, e sim, mais do que tudo, contra a antiga seriedade da produção de obras de arte, levada a ponto de transformá-las em felices.

Coube especialmente a Marcel Duchamp (1897 — 1968) o papel nuclear na passagem de humor-arte até a arte-humor, que o dadaísmo começaria por concretizar. "Fiel a um estado de dissidência constante e generalizada, ao qual jamais se afastou de sua insolença e de seu humor", como disse Pierre Cabanne, Duchamp foi

capaz de reunir num só bloco a mais compacta seriedade e a mais avassaladora ironia, marcando-o e concluindo-lhe tanto a obra quanto a vida. Sobretudo, desde 1914, com os seus ready-made — apropriações diretas de objetos do nosso cotidiano (uma roda de bicicleta, um seccador de garrafas, uma fonte de mictório etc.) — ele subverteu por completo os velhos conceitos de arte, exatamente por compreender, do mundo de sua seríssima ironia, que só assim a própria arte viria a encontrar um caminho seguro de sobrevivência e continuidade no nosso mundo de agora.

Por essa sobrevivência e continuidade, o humor intrínseco, vindo de dentro para fora, tem sido de fato um dos maiores responsáveis; um humor que se antes era propósito, marca de superfície, direção unívoca, acabou atingindo, hoje, o nível de linguagem, autonomia de estrutura originante, pluralidade: a arte está saudavelmente rindo, inclusive de suas maravilhosas fragilidades recém-assumidas. Basta ler os jornais, ir às exposições, conhecer as intenções de tantos artistas inquietos — e esta situação não constitui privilégio de uma única tendência, técnica ou gênero da criação artística; pelo contrário, como sintoma de um relacionamento rídiculo que sempre existiu, mas se acentuou até o extremo na atualidade, ela abraça toda espécie de manifestação de arte, de caráter visual, verbal, sonoro ou dramático.

John Cage (1912), músico norte-americano, é exemplo significativo disto. Suas propostas de composição, atingem tão irreverentemente a música convencional quanto aos ready-made de Duchamp, e tudo que delas derivou nos últimos quarenta anos (a pop-art da década de 1960 foi, como sabemos, uma retomada e prolongamento da iconoclastia dadaísta), conseguiram coroar os conceitos empudernidos de pintura ou escultura. Apoiado na indeterminação e no acaso, o humor em Cage se torna condição mesma da existência humana; é assim que ele compôs, em 1951 *Paisagens Imaginárias nº 2*, para dois receptores de rádio, que devem ser ligados simultaneamente e sem preocupação com a escolha da estação transmissora (qualquer sem sentido será um som, e até mesmo a estética pode entrar no resultado final pretendido); ou, no ano seguinte, a peça *4'33"*, para piano, na qual o executante apenas assume presença no palco e deixa que transcorram os quatro minutos e trinta e três segundos do título: neste aparente silêncio, já que para Cage "não há isto que se chama silêncio", a música nasce dos ruídos de surpresa, inquietação, sombria ou revolta do próprio público.

No fundo, é de idêntica natureza o humor com que Julio Cortázar, trata a convenção da leitura, seja ao fornecer um "tabuleiro de direção" que transforma Rayuela em inúmeros livros contidos num só ("O primeiro livro deitase-se ler na forma corrente e termina no capítulo 86, ao término do qual aparecem três vistosas estrelinhas que equivalem à palavra Fim. Assim o leitor prescindirá sem remorso do que virá depois. O segundo livro deitase-se ler começando pelo capítulo 73 e continua, depois, de acordo com a ordem indicada no final de cada capítulo"), seja ao dividir igualmente as páginas de "Brimo Round" em duas partes, o "primeiro andar" e a "planta baixa" de um móvel que cabe a cada leitor montar. No cinema a correspondência poderia estar no sistema de colagem e de referência permanente ao filme sendo feito, que marca o estilo e o propósito internamente íônico de Jean-Luc Godard. E, no teatro, é notória a quantidade de tes do palco, chegando a se propor, como no caso de Julian Beck, que a representação dramática se processe a qualquer instante por qualquer um de nós, em todo lugar de nossa vida cotidiana. O que acontece é que a arte, uma vez mais, tenta se aproximar radicalmente, visceralmente, da própria vida. E o que parece constituir tanto exercício de humor é que essa tentativa se faz sobretudo pela irreverência, pela capacidade de rir do que estava pronto e tranquilo, pela negação da arte e a que as pessoas já iam se acostumando como atividade séria e, por ser assim, santificada. Crítica e humor não andam por muito tempo separadas.

E andam juntos pelos mais diversos caminhos. Uma visita à última Bienal de São Paulo, realizada entre setembro e dezembro de 1973, forneceu-nos, por exemplo, amostragem sintomática dessa diversidade. Eram inúmeros os trabalhos ali expostos que se serviam, desde a base, de um determinado ramo do humor, a partir mesmo de Jean-Michel Folon, o desenhista e artista gráfico belga vencedor do prêmio maior da mostra. Em Folon — numa linha que entre nós dispõe de alguns excelentes representantes a destacar Millie Fernandes Calules e o prematuramente desaparecido Vagn — tinhamos aquilo que se convencionou chamar mais definitivamente de *humor* suas aquarelas e serigrafias, armando um sistema de crítica a circunstâncias de nosso instante — entre outras, a desumanização da existência humana nas grandes concentrações urbanas de hoje — desejavam expressar, entre a brindeira e a amargura entre o hímnico e a desesperança, o sentido trágico do mundo, embora de maneira menos dramática e aterradora do que esse outro europeu, Topor, ou menos mórbida e macabra do que o holandês Maurits Cornelis Escher.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)



jornal de cultura.

suplemento literário do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês
cidade da bahia, 6 de outubro de 1974 - ano 1, número 17



ANDRÉ GIDE, JULIEN GREEN e FRANZ KAFKA estão entre os autores que o escritor Alcantara Silveira dedica o seu breve estudo: "Diário Íntimo - Uma Forma de Autoconhecimento". - O tema que escolhi, embora fascinante, é de abordagem difícil para os que desejarem aprofundá-lo, pois o diário íntimo - como ensinam os estudiosos do assunto - é o instrumento mais apropriado que o homem possui para conhecer-se - afirma o autor de "Diálogos com os Irmãos". (págs. 4 e 5)



Xilogravura de Calasans Neto para o livro "Tereza Batista Cansada de Guerra", de Jorge Amado. Calá chegou de Londres, onde foi realizada uma exposição das gravuras por ele trabalhadas para este romance do ficcionista maior da América Latina.

ARTE E CULTURA

POLONESA

O JORNAL DE CULTURA, o Governo do Estado da Bahia, através da sua Fundação Cultural, e a Embaixada da Polônia convidam os leitores deste suplemento para a exposição sobre Arte e Cultura Polonesa no saguão do Teatro Castro Alves, de 8 a 17 deste mês.

A mostra compreenderá vários aspectos da vida e da obra de Frederico Chopin, uma coleção de 94 gravuras de plásticos poloneses, a vida artística na Polônia a partir de 1944, a pintura dos séculos XIX e XX, além da exibição de filmes sobre este país na atualidade. Na abertura da exposição, às 19 horas do dia 8 com a presença do Embaixador da Polônia no Brasil, haverá uma apresentação de músicas de Chopin e Villa Lobos, pelo maestro Carlos Lacerda.

No dia 9, às 20,30 horas, na Igreja do Solar do Unhão, o adido cultural da Embaixada da Polônia, Eugeniusz Szadurski, fará uma conferência abrangendo aspectos gerais da cultura em seu país.

SENHORA: A METÁFORA DO DESEJO ECONÔMICO

Afonso Romano de Saní'Anna

A indicação de Senhora para o vestibular de 75 sugere uma leitura dessa obra de Alencar agora surgida em várias edições consumidas por cerca de setenta mil estudantes da Guanabara. O livro possivelmente múltiplas leituras (interpretações) e nesta curta resenha aponto a que me parece a mais pertinente: a metáfora do desejo econômico.

Tal metáfora aparece no nível superficial e profundo do texto. O próprio Alencar se encarrega de explicitá-la dividindo a narrativa em quatro partes: "O Precor", "A Qualificação", "A Posse" e "O Resgate", e assinalando que dentro da sociedade brasileira do século XIX existia já um característico "mercado matrimonial" onde a mulher era o objeto do desejo econômico. Confirma-se aí a observação de Levi-Strauss a respeito das sociedades primitivas: o casamento não é uma resolução entre um homem e uma mulher, mas uma resolução entre dois homens a respeito da mulher. Daí, a vigência do dote como elemento regulador da transação sócio-emocional. O capital passa da mão do sogro para a mão do genro que por seu desempenho o multiplica aliando capital e trabalho num modelo ancestralmente capitalista.

Alencar (aparentemente) inverte o esquema, pois Aurélia assume o controle das negociações econômicas e emocionais de seu casamento com Seixas. Controla seu tutor e impõe a Seixas as regras do contrato matrimonial adquirindo-o pelo dote de cem contos de réis. Mas a inversão pretendida ocorre apenas ao nível aparente das diferenças. No interior da estrutura narrativa o discurso revolucionário de Aurélia se neutraliza quando se rende a Seixas por este ter revelado dois valores fundamentais da sociedade burguesa: a força de seu caráter (na segunda parte da narrativa) e sua capacidade de ganhar (pelo trabalho), o dinheiro de sua alforria. Essas duas virtudes se fundem: o personagem se torna virtuoso quando aliada duas constantes: trabalho e caráter. Ou seja: um conceito moral vinculado a um valor econômico. Torna-se o tipo perfeito quando sua alma se reveste do ouro que adjetiva ideologicamente o concreto e o abstrato.

Não é por acaso que também o nome de Aurélia engloba o sentido

de "ouro". Não é sem querer que Alencar diz que Aurélia tinha "um estilo de ouro", enquanto Lençóis, mau caráter, tinha um "estilo banal". O estilo é o homem e nesse caso, a mulher. Da mesma maneira que os epigramas, as ironias e os notáveis mostram estilisticamente o comportamento emocional de Seixas e Aurélia, também a metáfora áurea revela a metáfora do desejo econômico que estrutura toda a obra. E não deixa de ser sintomático que o desejo e a economia da narrativa só se realizam quando o "homem" e o "belo" encontram apelo na igualdade financeira e social.

Situados economicamente em escalas divergentes dentro da sociedade, os personagens nunca se encontram emocionalmente. Tome-se por exemplo em outros textos românticos: em O Guarani Peri e Ceci só se encontram quando a Natureza e Cultura detizam de se opor e Ceci se integra com Peri na Natureza; em Memórias de um Sargento de Milícias o personagem se casa, mas para tal arranja emprego como policial. Em outros romances, permanecendo os personagens em níveis sociais opostos a união não se dá: em Lucíola o estudante Paulo é impedido de casar com a prostituta Lúcia; em Inocência a jovem inferioriza mãe e Cirilo, personagem urbano, é assassinado por Manecio; em O Semănista a jovem morre e o padre anabolado enlouquece ante o caliz da amada, engravidando pela igreja; em O Bertaiejo, Arnaldo — o capitão, não se casa com D. Flor — filha do fazendeiro; e em Iracema, o branco e a índia se impossibilitam pela morte da virgem de lábios de mel.

O desejo sempre interdito. Interdito enquanto os parceiros não preenchem os lugares e valores permitidos. Nos romances citados isto se representa pelo modelo ético, religioso, racial ou geográfico. Em Senhora a mulher é a metáfora do desejo econômico. Ela é "estrela", "rainha", "ídolo", "rica e formosa". O desejo do macho se transfere das metáforas puramente sexuais para o desejo do objeto economicamente apetecível. E nesta relação, apesar de seu destaque feminista Aurélia continua a ser um objeto no sistema de trocas que tanto as sociedades primitivas quanto as sociedades construíram para se perpetuarem.



"Alegoria da vida", de Edward Habsda, é uma das gravuras de artistas plásticos da Polónia que integra a exposição promovida pela Fundação Cultural do Estado.

ELEGIA DE WALTER DA SILVEIRA

Godofredo Filho

Aquém do espanto, a
fragil traça dividida, tão
tênu, vaga, do azul da linha esquerda,
de mar e céu.

À, do outro lado, em densa névoa,
sobre o chão do silêncio,
a lonjura das horas que distendem
o fio da memória.

E em tudo a textura
do tempo interior,
do grave tempo inciso.

Que a negra aranha heita
e do fático palpo as patas curvas
molham de sono as horas.

O amigo dorme.

Nem há vozes de sombra alevantadas,
nem passos que se ex'nam
do outro côncavo enorme.

O teto só.

O muro que empareda e não mais, longe
o chapitulado canincho
na planície sem fim que ele quisera
pisar com passo branco,
ou tão só levantar
por sob o céu onde cintilam,
aqui e além,
olhos fontôreas,
erisânteros de chuva
ou líseis calmos, de alma

E findo o sonho e pinça algente
as pálpebras restare
do amigo a quem o Amigo, o mais presente
Amigo

procura nos desvãos
do quarto exíguo.

Agora, a face pálida, a solitária. Face
de teto fugitivo exurge e desce.
E os dois se perdem, o visionário amigo e o
Amigo,
em camalhões mais brancos de silêncio.

Já não percebem as horas
o bôjo do devir.

12.11.70.

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, circula no primeiro domingo do mês, com a participação da Fundação Cultural do Estado. Endereço: Rua Carlos Gomes, 57 — Salvador-Bahia. Telefones: 3-2522 — 3-2845 e 3-2847.

Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas à comissão editorial, a qual reserva o direito de vetar a publicação.

Editor:

CID SEIXAS FRAGA FILHO

Coordenador:

CARLOS CUNHA

POESIA LATINA

Tradução de Nélson de Araújo

A LÉSBIA

Catulo

Parece-me igual a um deus,
parece-me, se possível superar os deuses
aquele que, porventura sentado diante de ti,
te contempla e te ouve,
rindo docemente, o que a mim, infeliz,
me priva de todos os sentidos.
Pois mal te vejo, Lébia,
morre-me a voz na boca,
emudece-me a língua,
um fogo sutil percorre-me os membros,
sons interiores ressoam-me
nos ouvidos dupla noite
estende-se nos meus olhos.
O ócio, Catulo te é funesto.
No ócio delliras e te exaltas;
e ócio que já pôs a perder
tantos reis e cidades florescentes.

VIVAMOS E AMEMOS

Catulo

Vivamos e amemos, minha Lébia,
e que os rumores todos dos velhos severos
não tenham para nós a menor valia.
Os sóis podem morrer e renascer;
a nós, quando cessa a breve luz,
so nos resta dormir uma única e eterna noite.
Dá-me, pois, mil beijos, depois um cento,
depois mil outros, depois um segundo cento.
Depois, quando chegarmos a muitos mil,
contundamos tudo; para que não saibamos,
nem nos traga azar um invejoso,
por saber quantos beijos nos trocamos.

OFERENDA

Catulo

Depois de haver atravessado tantas terras,
tantos mares, venho, meu irmão, render esta
homenagem aos teus restos infortunados. Quis
trazer-te a suprema oferenda devida aos mortos
e dizer algumas palavras bem vãs às tuas
cinzas murchas, pois que a fortuna me separou
daquilo que foi tu mesmo, meu pobre irmão.
Não indignamente roubado ao meu afeto. Mas,
hoje, eis depositadas as tristes oferendas com
que honra os túmulos o antigo costume dos
meus pais. Recebe-as, emudecidas de lágrimas
fraternas. E para todo o sempre, irmão, aos
aquele vole!



O JORNAL DE CULTURA oferece aos seus leitores uma seleção de poemas latinos traduzidos por Nélson de Araújo, letrólogo e figura das mais representativas dos nossos meios intelectuais. Além de poetas como Catulo e Horácio, Nélson traduziu jogos infantis e inscrições parciais, que representam "uma poesia não-oficial, não erudita, que se perpetua pelos meios de que dispunha o homem comum: tradição oral e os muros da sua cidade".

JOGO INFANTIL

Rei será quem bem fizer,
quem não fizer não será.

O QUE SE ESCREVA NOS MUROS DE POMPEIA

nosimo sauda vitória
com quem não almoça, este é um bárbaro
alegre, chegamos, mais alegres animos
tu, bonoca

A FONTE DE BANDÚSIA

Horácio

O fonte de Bandúsia, male clara que o vidro,
digna do vinho doce, não sem flores,
um cabrito te dará amanhã,
euja fronte, turgida dos cornos que apontam,
conserva para o amor e os combates.
Em vão! Pois à tua fris corrutis
há te tingir o rubro sangue
deste filho do rebanho inquieto.
Não te sabe alcançar
a hora atroz da cantela ardente
doce frescor restvas
sob bois cansados do arado
e ao gado errante.
Entre as fontes farnesas estará,
pois cantarei o carvalho que frondeja
no cavo rochedo donde se despeñham
as tuas águas murmurantes.

EPITÁFIO DE UM RICO SENHOR

Peirão

Até lá
Cato Pompeio Dímáquia
um metano,
Em sua autêntica fr-
entidade, o sertral.
Podera ter pertencido
a todos os domínios de Roma,
mas não quis.
Podoso, ratino, fitá,
vê-lo de nada.
Diziam tanta milite
de ardente
e nunca deu ouvido
aos filodócos.
Vost que passas,
admiti
diga também,



DIÁRIO ÍNTIMO, UMA FORMA DE AUTOCONHECIMENTO

Alcântara Silveira

O tema que escolhi, embora fascinante, é de abordagem difícil para os que desejarem aprofundá-lo, pois o diário íntimo — como ensinam os estudiosos do assunto — é o instrumento mais apropriado que o homem possui para conhecer-se. Não foi sem propósito que Georges Gusdorf, escrevendo um tratado intitulado "La Découverte de Soi" (PUF, Paris, 1948), dedicou vários de seus capítulos ao estudo do diário íntimo, por ele encarado como "tipo do esforço analítico para o conhecimento de si mesmo".

Conforme escreveu o citado Gusdorf, a elaboração de um diário íntimo corresponde à necessidade que surge a determinados homens, em certos instantes da vida, de saber realmente quem são. Há momentos em que a criatura se sente, bruscamente, como que estranha à sua realidade essencial, sua vida lhe parecendo como um mistério a decifrar. Daí o recurso ao diário íntimo, cuja finalidade pode ser definida, a grosso modo, como a constituição e a salvaguarda da própria personalidade.

Já dizia Miré de Bran, em seu famoso diário, que a distinção entre o homem interior e o homem exterior é capital. Há muitas criaturas que para conseguirem conciliar o homem interior com o homem exterior, usam máscara invisível, necessária à coexistência social. Elas são atores que passam a existência a representar o papel que lhes foi destinado pela sociedade. O diário íntimo constitui para essas pessoas, o mesmo tempo, desdolo e salvação, pois gravando em suas páginas a sua personalidade autêntica, tiram a máscara e procuram salvar-se. Por isso mesmo, Jean Cocteau, ao publicar seu diário, deu-lhe o título de "Diário de um desconhecido", um desconhecido para o seu próprio autor...

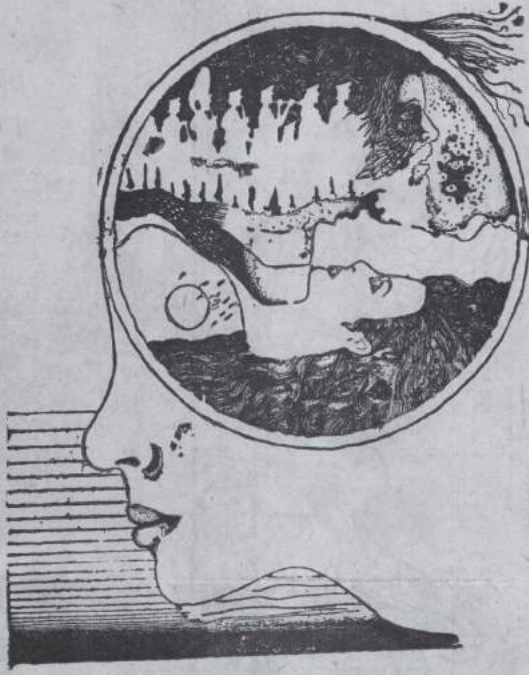
Quantos homens que representam o valente, o moralista, o descrente, se revelam, no diário íntimo, medrosos, corruptos ou temerosos de um possível castigo divino, atitudes que a franqueza es leva a ocultar dos semelhantes! Não foi à toa que escrevendo sobre o diário íntimo de Kafka, Bernard Fitzgerald disse ("La Têta Ronde", n. 83, 1956) que esse diário "não passa de uma meditação, singularmente rica e profunda, sobre a necessária e desconsoladora franqueza humana". O diário íntimo é, portanto, o avesso do homem social, é a substituição da realidade do mundo pela realidade do eu, substituição, aliás, dramática quando o diarista usa sinceridade.

Eu estava, até aqui, evitando escrever a palavra sinceridade, já que em um dos problemas mais controvertidos para todos os que estudam o diário íntimo é precisamente o da sinceridade. Até que ponto usa sinceridade quando escreve? É lícito, por outro lado, no diário que publica seu diário, arrancar páginas das originais re-escrevê-las visando a melhoria do estilo, como fizeram, por exemplo, André Gide e Julien Green?

Não vou responder a essas perguntas que levando a outras indagações, terminam transformando este artigo num capítulo interminável. Na realidade, o diário íntimo, para ser bem estudado, demandaria um curso, uma série de conferências. Deixo de lado, portanto, os aspectos mais discutíveis do assunto, para abordar os mais simples, como, por exemplo, a forma em que o diário é mais praticado. A melhor fase da vida para se manter um diário íntimo parece ser a adolescência, quando os jovens frequentemente experimentam o desejo de partir à procura da verdade íntima, cuja revelação eles começam a sentir. Uma estatística feita por Debesse em 1980, na França, ("La crise d'Originalité Juvenil"), Alcan, Paris, 1956) entre 114 jovens estudantes, 36% dos rapazes e 42% das moças mantinham ou já haviam mantido diário íntimo. Atualmente, os jovens não têm tempo para se dedicar ao diário, embora muitos não lhes faizem para gravar no papel suas perplexidades diante da sociedade em que vivem. Ao invés de confiarem suas dúvidas ao diário, eles preferem a velocidade de possantes motocicletas, o aturdimento das mídias, atualmente, as atitudes que ultrapassam a compreensão dos velhos que pararam no tempo.

Di Marañón que só compreende a existência do diário na juventude, época em que nós nos julgamos o centro do universo, e que os homens que começam a escrever diário na idade adulta, obedecem a uma persistência anormal do sentido narcísista. Discordo radicalmente do mestre porque sempre é tempo para nos encontramos e nos conhecermos a nós mesmos por intermédio do diário.

A fuga à realidade constitui hoje uma das melhores formas para evitar a introspecção, a reflexão e a meditação, mas houve época em que tínhamos tempo para pensar no destino, para discutir sobre a condição humana. "A verificação de que o nos-



so tempo e nossa vida caem no vazio à medida que as horas se escoam — escreve Julien Green — é tão penosa para mim, que esta explicação não é preciso buscar para este diário, para a abundância destas notas". Outra preocupação é o passar do tempo; hoje a preocupação é não perceber a passagem do tempo, o melhor é ajudar o tempo a passar.

Poder-se-á concluir que o diário íntimo tende a desaparecer? Não creio. Sempre haverá — principalmente na Europa — criaturas que, de madrugada, se debruçam sobre o papel, tentando justificar gestos e atitudes que esboçaram ou realizaram, tentando ver mais claro em seu próprio íntimo, como diz Julien Green. Citando o romancista francês, gostaria muito de falar sobre o seu diário, o que, porém, não cabe nestas despretenciosas palavras. Aquelas que, por ventura ou curiosidade, desejarem minha opinião a respeito, encontra-las no meu livro "Diálogo com os Irmãos", onde há um capítulo sobre o tema. Aliás, em todos os meus livros há sempre referências a diários íntimos, dos quais sou leitor apaixonado, sejam eles confessionários ou não.

Um diário que é quase uma confissão é o de Jacques Rivière — "Extraits de carnets de captivité" — escrito no campo de concentração de Koenigsbruck porque em suas páginas o autor de "Aimés" expôs um pouco de sua alma. Não chega a ser confissão porque Rivière achava mais natural ajoelhar-se diante de um padre que debruçar-se sobre folhas de papel, preferindo confiar suas dúvidas a um sacerdote que narrá-las num livro. Confissão é o livro do neto de Tolstói gritando ao mundo que havia roubado para não morrer de fome: é o livro de Evelyn Graham — famosa figura do jornalismo inglês — que descerrou aos olhos atônitos de seus admiradores um passado que muita gente não teria coragem de revelar em público, mas que ele — que se confessou — não sente acanhamento em mostrar; confissão é o livro de Sheila Coussin — outra criatura que resolveu abrir-se ao mundo, e que diz não haver encontrado nenhuma pedra no caminho da perdição; pelo contrário: somente se sentiu feliz quando corou as amarras que prendiam sua vida a um passado de desdém, quando resolveu matar qualquer vislumbre de paraisa que ainda lhe restava na alma.

Falando sobre diários é preciso distinguir os diários feitos para serem publicados futuramente dos que não devem aparecer em público, mas que, por uma circunstância qualquer, saem em volume. As páginas destes são escritas num estilo despre-

ndentes, descolorido e nunca figurarão nas antologias escolares, mas o seu lado humano é profundo avultando justamente por não ter sido escrito para a posteridade. Por que se o indivíduo escreve para se mostrar e começa procurando adjetivos poucos usuais, construções de frases bem arranjadas ou difíceis, trata-se a si próprio.

MODALIDADES
É necessário também distinguir o diário escrito por um qualquer do redigido por um intelectual, neste não é unicamente a vida íntima do escritor que importa, mas também o seu pensamento, pois quantas coisas que ele não tem vontade ou coragem de dizer pelo livro ou a amigos, confia ao seu diário, seu maior confidente, um confidente que chega a causar ódios: as esposas e amantes (Marañón, escreveu uma página deliciosa, na qual procura mostrar a incompatibilidade do diário com a vida conjugal, chegando a afirmar que "uma mulher que no seu completamente frívola deve, em efeito, sentir-se mais celosa de um Diário de seu marido que de quantas amantes pudera ter").

É preciso, ainda, distinguir o diário íntimo daquele que se convencionou chamar de diário externo que, precisamente por ser externo, isto é, voltado para fora, pouco revela de quem o escreve. Muitos desses diários são redigidos só enquanto existem as causas que determinaram a sua feitura. É próprio manuseio, durante certo período, um curto diário externo a que dei o significativo título de "Diário do Túnel" e que relação alguma tinha com minha vida particular.

Como exemplos famosos desses diários externos poderíamos citar o de Héroard, médico de Luís XIII, que deixou um diário médico extremamente preciso, que permite acompanhar dia a dia as doçanças do rei-do-rol, sem nada revelar do diarista. Também os diários do Padre Ledieu, secretário de Bossuet, e do valet de chambre de Chateaubriand, quando de sua viagem ao Oriente, embora contenham revelações sobre o orador sacro e o romancista, nada exibem dos diaristas.

Também diários externos foram o de Dangeau, que se constituiu numa crônica da corte de Luís XIV, serviu de base à feitura das memórias de Saint-Simon; o dos Irmãos Goncourt; o de Jules Renard; o de Vigny; o de Delacroix; o "Journal des Faux Monnayeurs", de Bide... Talvez o mais famoso desses diários externos seja o de Ropington que anotou todos os fatos da guer-

ra de 1818 sem deixar perceber seu pensamento a propósito do conflito mundial. Por isso mesmo, no dia 11 de novembro de 1918, ao invés de tecer hinos à paz ou de confiar ao papel seus sentimentos a propósito do armistício, Ropington escreve apenas isto: "Armistice day. A great day".

O brasileiro não tem o hábito de escrever diários e muito menos de publicá-los. As jovens de antigamente costumavam manter diários em que, geralmente, anotavam sua vida amorosa, mas esses diários, com o casamento e a chegada dos filhos, não progrediam e, dependendo de seu texto, tinham até de ser queimados... Igualmente os nossos homens de letras não avessos à redação dos diários, preferindo as memórias, em que podem escrever apenas o que lhes convém ou convém a outros... Se a lista dos livros de memórias vai aumentando, diminuído é o rol dos diários íntimos. Pelo menos, no momento, eu só me lembro de três: os de Walmyr Ayala, de Roberto Alvim Corrêa, e de Lucio Cardoso. Direi algo sobre esses diários tão diferentes um do outro, quer quanto ao estilo, quer quanto à maneira de encarar a existência.

Difícil é classificar o "Diário" de Roberto Alvim Corrêa segundo a orientação firmada por Michèle Leluz, pois há em suas páginas passagens de fundo espiritual, trechos de crítica literária e observações de ordem íntima, algumas hermeticamente íntimas. É, portanto, um jornal seletivo no qual o diarista revela-se ora sentimental, ora puramente intelectual, ora perplexo diante de certos problemas espirituais ou de ordem sexual.

Roberto Alvim Corrêa, não é um livreco, como pode dar a impressão aos que o conhecem apenas através de sua obra. Tem olhos para a natureza, sabendo apreciar a madrugada ou o desabrochar de uma flor. Interessa-se pelo cinema. E preocupa-se com o corpo humano, "Continuam avulsando-se rostos e corpos. O corpo humano, o inseto encarcerado". E mesmo a criação do corpo leva, quase insensivelmente, a pensar no sexo, este surge e ressurge em várias passagens do diário.

É forte sexual — escreve o diarista — é força, entretém o gosto das criaturas e das coisas. Faz parte da nossa vida, determina nossos comportamentos, nossos amores, nossa felicidade, nossa desgraça. Reconheço, penso eu, não é ser materialista, Cristiano não é aquele que desvaloriza a realidade do sexo", etc.

Abundam as anotações de cunho literário e sobre a vida literária. A este ator pertence esta autêntica jóia: "X, um dos nossos melhores críticos literários, pediu instantaneamente a meu amigo B.C. que se referisse a seu nome, cada vez que pudesse, no 'Correio da Manhã' (e só, aliás, nesse jornal), não o interessava outro). Seria de crescer o prestígio que precisava ser recebido. Mas dessa maneira? Miséria! Mas a respeito do Outsider do Colin Wilson — um livro poderoso, embora falho, nas conclusões (espécie de Billie dos Amery young men britânicos) — que poderia arrastar pelo menos uma página de Roberto Alvim Corrêa, este registra apenas isto: "Mais um documento sobre a inquietação e a angústia dos homens do nosso tempo; particularmente daqueles que não aceitam a mensagem do Cristo".

A maior messe, entretanto, que se poderia fazer no livro de Roberto Alvim Corrêa refere-se ao espiritual. O diário está repleto de pensamentos, de reflexões, de outros pensamentos e reflexões. Escolhi algumas notas ao acaso, apenas para que os leitores sintam o clima do livro: "Não consigo nem conceber o mundo sem cristianismo, mas que se possa concebê-lo sem o cristianismo". "O Evangelho é grande por impor-se como verdadeiro sem ter que explicar coisa alguma, mas revelando uma verdade que prova ser a Verdade, fazendo viver, amar, fundeando, libertando". "... minha fé em Deus, com idade igualmente resplandecente e sempre mais viva, confundese com minha fé, apesar de tudo, no meu sentimento e na vida, naquilo que eles me trazem. A fé é uma forma de vida e viver é o contrário de estagnação, e procurar, descobrir, confrontar". "Transcerver tudo seria impossível".

Num tempo em que cada homem é inimigo do outro homem, em que a desconfiância faz parte da vida social, em que o desentendimento entre as criaturas leva às piores consequências, em que quase todos os atos parecem praticados com má fé, é muito raro ver-se uma pessoa agir como Roberto Alvim Corrêa, isto é: procurar entender os semelhantes, debruçar-se sobre os problemas dos outros, ver em todos um possível amigo. Por isso mesmo compreendese a transcrição que ele faz desta frase de Jean Louis Burruelt: "Cada vez que entramos em contato com desconhecidos, trabalhamos para a paz do mundo".



DIÁRIO ÍNTIMO, CONTINUAÇÃO...

O diário íntimo, quando seu autor se aproxima da sinceridade, é uma fonte profunda de revelações, em verdadeiro confessional de perplexidades diante dos mistérios do sexo, do homem ou do Espírito. Ah, preocupações espirituais... Como tudo nos parece simples, bem concatenado, finaldo calmamente como rio sem pedras. É que como escreveu Graham Greene num de seus romances — unicamente as almas de qualidade conhecem a tentação do desespero. Mesmo entre os cristãos, quantos vivem na beatífica ignorância da luta que se trava cotidianamente entre o Mal e a Graça, cujos efeitos exteriores são fraquezas e quase invisíveis? Quantos deles não sabem que o que lhes foi prometido nesta terra não é a paz, mas a espada?

Os homens comuns são pecadores perfeitamente inconscientes de sua indignidade e não se desesperam por essa indignidade. E como vivem em águas paradas, confundem-nas com a felicidade. Uma digestão bem feita, um sono sem pesadelos, hormônios em bom funcionamento, eis no que se resume a existência para os homens comuns. Por isso ficam eles admirados quando deparam com um ser inquieto e atormentado. É fácil imaginar, por isso, o espanto que causa nestes indivíduos a leitura de um livro como o Diário de Lucio Cardoso. Preocupando-se apenas com os acontecimentos do mundo, o homem comum admira-se que haja pessoas que se voltam para os problemas da santidade, que se estariam distantes dos fenômenos da natureza, que tentam sondar os mistérios da morte.

O homem comum, incapaz de sair do seu universo cotidiano, que ignora o que existe por trás dos gestos e atitudes (e que, por isso, acredita de boa fé na sinceridade de certos gestos e atitudes); que não é atormentado por nenhuma dúvida metafísica, ficaria de boca aberta se, por hipótese, lesse algumas páginas do diário de Lucio Cardoso, caso mediasse sobre as angústias e dúvidas desse romancista tocado pela insatisfação e pelo desespero. O raciocínio simplista do homem comum não pode imaginar que um jovem houvesse tido inquietações desta espécie. Sem problemas de ordem espiritual, sem dívidas a atormentar-lhe o cérebro ou a alma, o homem comum só toma conhecimento do que existe, fisicamente, a seu redor. Para que o trabalho de pensar? Al cêlio as "Seleções", as histórias em quadrinhos e a TV, que lhe modelam a maneira de pensar.

O diário de Lucio Cardoso é livro sério, que deveria ser meditado pelo que — se não sofre as mesmas dores do romancista — pelo menos procura compreender-las e justificá-las. Eis um homem que se interrogava, que se detinha, que procurava uma solução e que sentia, a subsistência de um amaro a quem pudesse confiar suas angústias. Na falta de calor desse ente humano, confiou-se ao diário. "Será este "diário" um dos caminhos por onde recuperarei o que tenho perdido ultimamente, com tanto descaço, como se tivesse um fundo inesgotável e minha disposição? ... Sem dívida é o meu incoerente — ou o meu Anjo da Guarda — que dia a dia me faz mais unido a estas folhas. É um processo de defesa onde entra muito desse instinto de conservação que faz certos doentes prazeres se aparecerem a pequenos detalhes da vida...

Havia um grande fervor em Lucio Cardoso, que ele mantinha contra tudo e contra todos (e já dizia Gide, no Journal, que "o diário não é alívio e fervor, mas conservação nele") e por isso escreveu um diário que está na mesma linha dos diários do citado Gide e de Julien Green, embora este haver polido estas sensações, em respeito a certos leitores nacionais, tão poucos quando percebem certos gestos feitos por outros e não por eles. Tais leitores foram-me lembrados aquela, prostrada cidade por Bandeira em Mos eovera não a eu — que visitando pela primeira vez o Loura, tapou o rosto para não ver certas cenas das telas e das estatuas imortais.

Seria lícito a Lucio Cardoso silenciar determinadas situações já que seu diário, em algumas páginas, assume o tom de confissão? Sim, respondo. Ainda não estamos suficientemente maduros para ler confissões sem nos sentirmos chocados. Sabemos que a culpa existe, mas imaginamos a apenas murmurada aos sacerdotes. Por isso

mesmo compreendo (embora não justifique) a atitude de alguns homens que, diante do espetáculo que o mundo lhes oferece, resolvem afetar a máscara ao rosto, sufocar a náusea e procurar o êxito.

Nenhum deles —, porém se demitiram — pode escrever, como Lúcio Cardoso: "Deus me livre de ter 'chegado', de nada mais me mover senão o sentimento da plenitude. É uma felicidade poder constatar que ainda estamos bem longe do caminho e que esse permanente fracasso — não encontro outro nome para designar o resultado de minhas variadas tentativas — que às vezes, momentaneamente, tanto me orgulha é apenas o sinal mais sério da minha existência, da minha possibilidade e desse constante poder de renovação sem o qual não existe nenhum artista vivo".

O diário de Lucio Cardoso é livro corajoso que perturbará a digestão bem feita do burguês, caso este o leia; comparo-o, sob este ponto de vista, ao excelente livro de Isabelle Rivière — Sur le devoir d'imprimé, traduzido, por exemplo, em português de furor, que este "pequeno tratado de economia prática" provocaria nos que têm como ideal, neste mundo, o cadeado na porta, o corpo sobre outro corpo e o dinheiro no bolso.

SOLIDÃO

Um outro diário de escritor para o qual desejo chamar a atenção é o de Waldir Ayala, poeta, teatrólogo, crítico, mas, antes de tudo, criatura inteligente e sensível, além de amargurado e insatisfeito. Seu diário reflete um ser especial, que raramente se conforma com o mundo em que vive, no qual imperam a sordidez, a brutalidade e a incompreensão. Defende o direito à solidão ("Bô consigo ser amigo — diz ele — de quem respira a minha liberdade de solidão"), e considera a poesia um motivo de sobrevivência: "O dia em que não encontrar mais na poesia uma justificativa para a minha sobrevivência, a vida terá perdido todo o sentido para mim". E o que é poesia para Waldir Ayala? Ouçamo-lo: "Falo de poesia como de uma construção, coisa que se ergue sobre pedra e que vale por um certo volume apressado, um todo em que diversos materiais mas os menos rudes se condicionam a um exercício lúcido de arestas, superfícies e espaços".

Quanto aos poetas acariariam tal definição de poesia? E por falar em poesia anoto este trecho: "Não trabalho meus poemas porque acho que deveria trabalhá-los não é intuitivo. Assim, deixo-os quase forma definitiva. Assim, deixo-os quase como se formaram sob o primeiro impulso. Quando outras pessoas me vêm falar de meus poemas, estranho-os como se não os conhecesse mais".

Eis aí um método de trabalho que muitos não aprovavam, mas que revela uma posição que alguns poetas teriam que adotar a fim de se tornarem mais compreendidos pelo povo. E por falar em poetas, eis o que Waldir Ayala diz de Vinícius de Moraes: "Admito que qualquer mulher sensível adora a poesia de Vinícius de Moraes. Pois não é ele um bom poeta que se quer muito exaltando a fêmea?".

Resalto outros pensamentos deste diário ao mesmo tempo lúcido e amoroso: "Todos nos achamos dignos de felicidade. Mas implicamos nela pessoas que, por sua vez, estão noivas a outras direções. Assim, e sucessivamente, esta cadeia de equívocos em conflito". A vida será realmente esta cadeia de equívocos em conflito a que alude o diarista?

Mas, longe ir-se fosse relacionar todos as reflexões deste diário intelectualista e perturbador. Não posso esquecer, todavia, de transcrever alguns pensamentos sobre a amor. Meditemos sobre este: "Hoje compreendo os gestos extremos por amor, e que seja o gesto a ponto de odiar tudo o que dispensa a atenção do ser amado. Imagino para mim e a um casado murado, com solidão e honra para o cenário de uma paixão tremenda como a que me pertence". Vejamos este outro: "Este amor, sei que não o terei por muito tempo. Mas se soubesse que o teria toda a vida, ainda seria pouco e eu desistiria um prolongamento pela vida eterna. No fundo é meu anseio de eternidade que se ramifica".

AMANHECÊNCIA: AS ORIGENS LUSITANAS E O HÚMOS BRASÍLICO



Nelly Novas Coelho

Escritora versátil, em sua obra bibliográfica se inserem hoje parte de cinquenta títulos. Siela Leonazados, sempre lúcido, seduzido por vários gêneros literários (como teatro, literatura infantil e juvenil, romance, tradução, poesia), e particularmente como poeta que se inspira, profundamente sobre assuntos que estão criando a literatura brasileira de hoje.

Com as "Amanhecências" (Ed. Aquilino, 1974) e o "Romanceiro" (José Olympio, 1974), simultaneamente, firmam-se as linhas estilísticas que vêm singularizando a sua poesia. Poeta desde sempre artística, por um período escrito de pesquisa — a que está sendo atualizado nesta coletânea agora — "Amanhecência" (como em "Romanceiro") e o processo de "interculturalidade" que lhe tem servido de base criativa. Lúcido, em diálogo, "Os Contos" (1962), "Romanceiro de Brasília" (1962), "Supercantos" (1962), "Cantares na Antimanha" (1970) — e o monodrama, processo de evidência. Ainda na mesma direção apontamos suas várias traduções de poesia espanhola, francesa e moldávia, que são verdadeiras receitas de texto.

"Amanhecência" é, em essência, um trabalho lírico-brasílico (com influência de Vinícius de Moraes), cuja poesia mantém e busca perceber a realidade brasileira e a cultura portuguesa que se realizou desde o século XII até o XX, e que participam de um Portugal através do tempo brasileiro em novo corpo plástico.

Concluindo esse período, "Amanhecência" estrutura-se em duas partes. A primeira, de saber sobre os "Códigos Ancestrais" e a segunda, de saber sobre a "Siela Leonazados" e a "Siela Leonazados". A primeira parte tem origem na obra de Siela Leonazados, "Siela Leonazados", e a segunda parte tem origem na obra de Siela Leonazados, "Siela Leonazados".

No primeiro parte, selecionando, temas ou fragmentos poéticos que vão de uma "Siela Leonazados" a outra, e a terceira parte "Siela Leonazados" e a terceira parte "Siela Leonazados".

Partido de textos abertos (colocados em epígrafe ou sublinhado no próprio corpo do novo poema) Siela Leonazados cria um diálogo constante que se estrutura a partir de outros discursos, aliado a um diálogo constante com o leitor. Este diálogo é fundido na literatura contemporânea, não apenas para se encontrar na poesia brasileira, mas para se encontrar na poesia brasileira.

Resumo das mudanças não profundas de Siela Leonazados e de suas obras, visando apresentar não só as obras, mas também as mudanças que se ramifica.

Brasil, com as mais atuais de Siela Leonazados. "Amanhecência" revela alguns aspectos, elementos literários de sua obra, e o vigor documental com que vivem recolhidos os textos-livros em novo corpo plástico que ali se formam. Entretanto, esse rigor, o espírito que compunha, cada poema e o Apêndice final onde se vêem notas explicativas de alguns procedimentos literários, ou filosóficos importantes para melhor compreensão dos poemas. Digamos-se as várias ligadas dos dois trovadores medievais para se a cronologia citada na primeira parte, "Códigos Ancestrais".

No primeiro ensaio crítico, que precede a parte de "Amanhecência", O livro é analisado a partir de uma perspectiva, aproximando-o, com propriedade, da interpretação de Siela Leonazados, para qual "Siela Leonazados" não constitui um modelo de d'Almeida, todo texto é abstrato e transformado em outro texto". É o uso o fundamento crítico, para pôr, escritos poéticos citados em "Amanhecência", sendo também o que define a arte de Siela.

Os poemas de "Códigos Ancestrais" baseiam-se no rigor poético e no rigor poético, poético de povo, e no rigor poético, poético de povo, e no rigor poético, poético de povo.

No segundo parte de "Amanhecência", há um diálogo constante com o leitor, e a terceira parte "Siela Leonazados" e a terceira parte "Siela Leonazados".

Partido de textos abertos (colocados em epígrafe ou sublinhado no próprio corpo do novo poema) Siela Leonazados cria um diálogo constante que se estrutura a partir de outros discursos, aliado a um diálogo constante com o leitor. Este diálogo é fundido na literatura contemporânea, não apenas para se encontrar na poesia brasileira, mas para se encontrar na poesia brasileira.

Resumo das mudanças não profundas de Siela Leonazados e de suas obras, visando apresentar não só as obras, mas também as mudanças que se ramifica.

Partido de textos abertos (colocados em epígrafe ou sublinhado no próprio corpo do novo poema) Siela Leonazados cria um diálogo constante que se estrutura a partir de outros discursos, aliado a um diálogo constante com o leitor. Este diálogo é fundido na literatura contemporânea, não apenas para se encontrar na poesia brasileira, mas para se encontrar na poesia brasileira.

ORELHA DE LIVRO



Jaime Sapotnik é um dos líderes da comunidade judaica da Bahia. Homem de pensamento e de ação, alia o cultivo das letras ao trato dos negócios.

O seu trabalho "A Contribuição Judaica à Independência do Brasil" revela um estudo acurado e uma preocupação constante e salutar de ir às fontes, no caso, nem sempre fáceis de conseguir.

Fazna o leitor não especializado em ver aí o quanto os judeus contribuíram, não só para a Independência senão ainda para o progresso ininterrupto do Brasil, antes até do descolamento.

O trabalho não tem sentido apologético mas só documental, inferindo-se o justo louvor que se deve ao judeu apenas do esforço honesto e muitas vezes anônimo de toda aquela comunidade.

"A Psiquiatria de Machado de Assis" nasceu de uma revista ao mundo fascinante do escritor do "Memorial de Ayres". Na maturidade, com olhos de psiquiatra, as personagens foram entrevistadas como no consultório e examinadas com os instrumentos penetrantes da psicologia e da psicopatologia. Disso resultou, não apenas uma nova abordagem nesse denso mundo de criações imortais, mas uma convicção muito firme de que o interesse de Joaquim Maria Machado de Assis pela literatura o levava a recorrer a guias científicas para penetrar esse continente que Simão Bacamarte alargara.



"APOIADO NO ESTUDO de um sem-número de casos reais, este livro põe o leitor ao corrente de uma importante descoberta da ciência médica, a saber, que a psique está intimamente relacionada com o alma, ou corpo. (...) A psique pode ser a causa principal de certas disfunções, da mesma forma que uma disfunção pode determinar perturbações psíquicas. Não existe isso de mente ou corpo. A mente é uma função do cérebro, e este é uma parte do corpo, assim, formam eles uma unidade" — diz o Prefácio de Dr. Levenez E. Lamb, eminente cardiologista, autor de Seu coração: como viver com ele.

Com a presença de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Carlos Heitor Cony, Rubem Fonseca, Sérgio Sant'Anna, Luis Vilela, Otto Lara Resende e outros nomes expressivos da linha ficcional brasileira — a LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S. B. — lançou "CONTOS".



OS TRÊS CHAPÉUS AMARELOS

Um trabalho de pesquisa e grande erudição veio enriquecer as nossas tão parcas fontes bibliográficas sobre a nossa história pátria.

As Edições Convergência Bahia lançaram, sob o patrocínio da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, através do DESC, "A Contribuição Judaica à Independência do Brasil" de Jaime Sapotnik. (3ª edição).

Fruito maduro de longa investigação que coloca na mesa da discussão novas problematizações de questões antigas e sempre atuais.

Segundo o Autor, trata-se de "um exame retrospectivo sobre a presença e a participação dos judeus na formação da nacionalidade brasileira, considerando não apenas os judeus propriamente ditos, ou seja, aqueles que como tais se declararam voluntária ou involuntariamente mas também os cripto-judeus, os "cristão-novos" e seus descendentes".

Adverte-nos o Autor que o leigo está apto a analisar e interpretar a visão da presença judaica, tomando como elemento de referência todo relacionamento entre nomes de família, coisas, objetos e animais: "a versão, amplamente divulgada de que somente os nomes de família relacionados com coisas, objetos ou animais, correspondiam aos descendentes de judeus "cristãos novos", não passa de folclore. A variedade dos nomes de família dos que foram processados pelos tribunais inquisitoriais dão-nos uma idéia de quão difícil é a identificação dos "cristãos novos". Mas ainda, depois das Leis do Marquês de Pombal, proibindo a menção de "cristãos novos" e "cristãos velhos", sob pena de pesados castigos, isto se tornou quase impossível. Como única fonte, restaram os anais da Inquisição".

O que caracteriza — e magnificamente — tal exposição é a sua estrutura ilustrativa: "apenas a título de ilustração, citamos alguns nomes de família que foram identificados através dos seus Anais: Alcoforado, Antunes, Costa, Dias, Duarte, Pavella, Fernandes, Franco, Gonçalves, Lopes Maia, Mendes, Miranda, Nunes, Reis, Sousa, Teixeira, Ullhôa, Velho, Hugo, etc. A adoção de nomes de família tradicionalmente usados em Portugal e comuns entre os cristãos resultava do interesse que tinha o "cristão novo" em disfarçar sua procedência judaica que continuaria a prejudicá-lo mesmo após a conversão".

Em outra parte do ensaio o Autor principia por traçar os alicerces da presença judaica, reportando-se às épocas mais remotas, e, com invejável proficiência histórica, faz referência a presença dos judeus já na época dos descobrimentos, retrocedendo aos dias do Infante e da Escola

por ele fundada, para evidenciar a influência no destino de Sagres.

Em nosso desenvolvimento e estrutura político-econômica, a participação judaica tem uma função de grande relevo histórico: "Foram judeus os primeiros que, em 1538, plantaram a cana-de-açúcar no país. Foram-no primeiramente em Pernambuco, traída de Madeira e São Tomé. O açúcar até os princípios do Século XIX, foi o principal estio da economia brasileira, e, segundo Rocha Pombo, já em fins do Século XVI estavam funcionando duzentos engenhos. Foram eles, também, os promotores da indústria do fumo e grande plantadores de arroz e algodão".

Depois de nos mostrar que o primeiro arrendatário do Brasil foi o judeu Fernando Noronha, o Autor nos transporta para outras dimensões do contributo judaico a nossa economia: "foram judeus a primeira mestre, Branco Dias, o primeiro construtor rodoviário, Garcia Rodrigues Paes, o primeiro impressor Antonio Isidoro da Fonseca, o primeiro autor dramático, António José da Silva, o fundador da siderurgia brasileira, José Antonio de Montevideo...".

Para nos oferecer uma visão clara e acessível do comportamento judaico na Independência, o Autor nos informa pormenoradamente e com elementos profusamente reconhecidos as presenças marcantes de Hipólito José da Costa, Pereira Furtado Mendonça e Joaquim Gonçalves Ledo. O segundo a quem se deve os acontecimentos que culminaram com o Grito do Ipiranga, e a presença de Hipólito José de grande importância no exterior.

Finalizando o seu magnífico trabalho de pesquisa e avaliação de presença judaica em nossa Independência, aqui retratada de maneira breve e noticiosa, encontramos no seu desfecho a reação que causou a Marquês de Pombal quando da extinção da expressão "cristão novo" pela Carta de Lei de 25 de maio de 1773: "Consta que o Rei manifestou o desejo de que os marranos fossem, pelo menos, reconhecíveis por um sinal especial. Então Pombal tirou três chapéus amarelos, dos que usavam os judeus em Roma, explicando que um seria destinado a ele próprio, outro ao Inquisidor Geral e o terceiro ao Rei, visto que "ninguém" — disse ele — podia estar certo de que nas suas veias não corria o sangue dos marranos".

E um remate feliz do escritor Jaime Sapotnik, "o mesmo pôde, e com melhores razões, aplicar-se ao Brasil, à população brasileira".



DOIS POEMAS DE LÚCIO EMANUEL SILVA

a miguel asturias

o morto não morreu, se em serenas suas feições quando vivia, agora que repousa num leito de agulhas persistem mais serenas do que outrora

e morte não morreu, o morto apenas vê a face do oculto, quando o explora que repousa num leito de agulhas, mais vivo do que o vivo, morto embora

assim, posto que a vida dos sentidos pesca todo o sentido no transporte morto vive em gestos recolhidos

vida que se afigura permanente ao que vence a si mesmo ou quem a morte não consiga matar por mais que o sente

a portuguesa

sua mão era pérola macia e carícia de musgo em lagoa motivo dos cílios que eu sentia quando tocava a mão de outra pessoa

tinha um riso de pura nostalgia que era um lindo cristal e ainda resaca tras em tal riso um jélio tal havia de quem sorrisse por motivo à toa

Nós nos amamos loucamente. Um dia ela me disse: Vou para Lisboa casário verde, mar melancolia depois a sua voz ingênua e boa vinha vindo de longe e espelha que eu era triste até quando sorria

A HORA DE SER CRIANÇA

Jô Matos

Prova, ler e escrever, estudar, ler, escrever em verso que não tem mesmo sentido que sinto. E eu me sinto desconhecida, não acredito "Quem pode estar bem hoje?" Perguntar a quem não responde, não responde. Bem hoje? "Se eu estiver falando a verdade".

Oh, não! — e ao mesmo tempo escrevo e amarro. Vou-me embora. Deus! Deus! Não importa, escrevo e tento, enquanto Dinho me olha, e eu me diverto. Um certo prazer muito bom, certo de mim, rio.

Perguntar-me sobre o passado. Me dá jeito o sentido, um homem não pode deixar outro homem penetrar em sua cabeça sem intenção. E isso desconhecida toda a minha faz, se não se quiser que não de verdade, a minha trair. Porque, tenho que fugir. Não-lhe um, demora qualquer

o não. O agonia da sociedade não é, não de contos, e se encontra para o lugar de sempre.

Reclamar ao pai da salvação do Cabelo. Tudo é aquilo de certo (ou não de verdade) me pergunta, me pergunta, me pergunta. Porco no tempo que que é de certo, tudo na vida de memória e não a repetir, lembrar de coisas que não se esqueça, fugiram, esqueceram, não se esqueça, o tempo não volta.

Em frente ao pai, uma coisa de certo, não, não, não, não se esqueça, não se esqueça, não se esqueça. Tudo é aquilo de certo (ou não de verdade) me pergunta, me pergunta, me pergunta. Porco no tempo que que é de certo, tudo na vida de memória e não a repetir, lembrar de coisas que não se esqueça, fugiram, esqueceram, não se esqueça, o tempo não volta.

CABRAL: NÃO POSSO RENOVAR, CALO-ME.

Há 20 anos atrás, João C. de Melo Neto ganhava o Prêmio de Poesia do IV Centenário de São Paulo. Motivo: O Rio — ou "releição da viagem que faz o Capibaribe, de sua nascente à cidade de Recife". Agora, a Editora Fontana resolveu comemorar o 20º aniversário de O Rio lançando uma edição luxuosa — limitada a 100 exemplares, numerados e assinados — e convidou João Cabral para o lançamento.

— Na verdade, estou no Brasil em férias. Vim conhecer minha neta, que nasceu no fim do ano passado. E vim assistir à Copa, porque no Senegal (onde serve como diplomata) não há a transmissão direta pela televisão.

Talvez estes motivos não satisficam os admiradores de João, e até os decepçionados: afinal, ele não veio nem para tratar da edição de um novo trabalho, nem para ficar muito por aqui. Culpa da carreira diplomática (agora ele é chefe de posto; por causa dela, tem escrito pouco. Falta de tempo; falta de ânimo, até. João prefere esperar que "as coisas amadureçam na cabeça").

Confesso que tenho uma porção de coisas começadas, por acabar, mas está-me faltando um pouco de despreocupação, de entusiasmo. Uma coisa que eu não sei mais melancólico no escritor é o não-saber-envelhecer. Tenho a impressão de que o escritor em geral, a partir de certa idade, pode ser capaz de se renovar muito. Ele tem duas opções: a mais fácil é ficar se repetindo para o resto da vida. Acho que eu poderia escrever, a cada semana um novo Cão sem Plumas ou Morle e Vida Severina, Morle e Vida Joaquina essas coisas que não têm nenhum sentido. Outro problema do escritor, quando está envelhecendo, é o querer ser "novo". Confesso não ter nenhuma fraqueza dessas. Se eu vivesse de literatura, se fosse obrigado a escrever, ou viria a repetição, ou a renovação — numa época em que eu já não me sinto capaz de renovar. Então, calo-me. Prefiro ser ridículo do que ser lido pela primeira vez.

A diplomacia, só não afastou João de Pernambuco. Solzhenitsyn afirma que o criador, fora de seu habitat, encontra dificuldades em continuar falando da terra. Mas João sempre conseguiu. Modis acham, inclusive, que sua vivência pernambucana foi pouca — o que ele desmente e argumenta com seus 23 anos de Pernambuco. Reconhece que "viver 24 horas por dia falando um idioma que não é o seu, prejudica a deformação a língua. Mas garante: este não é o seu caso.

— Eu nunca consegui falar direito um só idioma, nem mesmo o português. Só sei falar pernambucano. Acho que isso me imunita, em relação à deformação do idioma. Acho, inclusive, que minha carreira me possibilita grandes vantagens, como os conhecimentos culturais que não se tem vivendo-se num só país. Acredito que, quanto mais combinações culturais você tiver, principalmente numa literatura como a brasileira, melhor. Ninguém pode ser um grande poeta brasileiro sem sair do Brasil. Isso pode ser possível para um espanhol ou um inglês, ou um francês, povos cuja cultura tem tradições profundas. A diplomacia só "atrapalha" mesmo em termos de produção.

— E que João não é poeta de escrever e deixar o escrito tal como "feito" pela primeira vez. João é rigoroso, formalmente disciplinado, vai mexendo e mudando os versos até se contentar com eles — e só aí seu trabalho aparece na forma definitiva. João não é do tipo do "escritor espontâneo" (que define como sendo "aquele que só considera autêntico o que conservar a forma primitiva, não trabalhada"); trabalha indefinidamente sobre a poesia.

— A primeira coisa que eu faço não vale nada tenho que construir o poema: Valery dá uma coisa muito interessante: tudo aquilo que fuisse "espontaneamente" e conservasse assim, parecia não ter sido



feito por ele, mas por outra pessoa. Se você tentar fazer com que Valery escreva como o Augusto Frederico Schmidt, ou vice-versa, só vai conseguir drogas. O importante é saber a que família espiritual a gente pertence: se à dos escritores espontâneos, não trabalhar o poema; se não, é besteira querer escrever as coisas de "primeiro jato".

Essa obsessão constante de elaborar, de trabalhar a poesia, foi um dos fatores que fizeram com que João fosse considerado, juntamente com Oswald de Andrade, o "precursor" brasileiro do concretismo. A quase ausência de rimas clássicas, o rigor por vezes plástico — atitude consciente de um apaixonado por artes visuais e arquitetura — fizeram com que os concretistas brasileiros, no dizer de João, se considerassem "devedores" de sua obra. Mas ele não entende por quê.

— O concretismo foi a coisa mais importante que aconteceu na literatura brasileira, desde o romance do Nordeste, nos anos 20, e da grande fase criativa dos poetas Mendes, Carlos Drummond de Andrade, as que vinham do Modernismo, como M. Caspary, Cecília Meireles, Vinícius. Sobre tudo porque, pela primeira vez na nossa literatura as pessoas sabiam o que estavam fazendo. Se fomos analisar o Modernismo de 1922, a partir de sua importância aqui, vemos que os modernistas eram profundamente provincianos e desatualizados em relação a tudo o que se fazia na Europa. Eles fizeram, em 1922, o que o mundo fazia em 1800. O concretismo, porém, se não aconteceu antes de estourar no resto do mundo, aconteceu simultaneamente.

— Mas, em termos de atraso, João reconhece que ele próprio está desatualizado em

relação à literatura brasileira. Lá fora, é quase impossível saber o que se está fazendo aqui. Olha com atenção a revista Código, concretista, prefere não dar opiniões precipitadas mas mostra interesse. Lá os poemas concretos do compositor Belchior, ouve atentamente o que se fala de Walter Franco.

— Engraçado, o poema concreto sempre me chamou a atenção por sua beleza plástica. Jamais pensei que alguém pudesse ler um em voz alta, quanto mais musicar. E agora estou vendo que os brasileiros estão fazendo isso. Confesso que nunca tive ouvido para a música, sou totalmente desafiado. No colégio, o padre me colocava no coro por obrigação, mas eu tinha ordens expressas de me manter calado.

— Apesar dessa "desafinação auditiva" — nome que João dá a seu pouco interesse musical —, ele foi muito citado no Trovca-Hemo, venceu os anos e continua citado até hoje: no show de Elis Regina ou na música de Belchior. Voltando à literatura brasileira, João explica:

— Não gosto de falar sobre isso porque moro fora do Brasil praticamente, há cerca de 20 anos. Não posso acompanhar a literatura brasileira, nem mesmo a obra de Drummond. Nos países estrangeiros não há livreria que venda livros daqui, atualizados. Só conheço o que os escritores mandam — quando mandam. E, para julgar a partir da amostragem pequena de que disponho, prefiro não julgar.

— João, um diplomata, um poeta, não se interessa, também em divulgar a nossa literatura lá fora. Sua posição é bem definida: cultura não se exporta; procura-se. Ele mesmo não gosta de ser "exportado" — ou traduzido.

— Só se a tradução for feita para o italiano ou o alemão. Aliás, Alemanha e Itália foram os dois únicos países onde meus trabalhos foram publicados em forma de coleções, livros de bolso. Mas posso dizer que não provoquerei nenhuma terramoto na literatura destes dois países. Agora, se a tradução for feita para o espanhol, inglês, francês ou qualquer idioma que eu conheça — o que não é o caso nem do alemão nem do italiano — procuro geralmente de sensorizar o tradutor. Nunca a tradução me satisfaz. Os tradutores parecem ter medo de "forçar" a língua — uma coisa que você faz, constantemente, no seu idioma. A tradução, em geral, empobrece enormemente a língua. A palavra é muito importante como coisa.

(O que João talvez não saiba é que, em língua portuguesa, sua poesia já virou poder — em Lourenço Marques, África).

— Mas esta não é a única razão pela qual João é contra a exportação da cultura. Para ele, não se pode forçar ninguém a gostar do que se gosta no Brasil. E dá exemplos concretos: quando lecionava Cultura Brasileira na Universidade de Barcelona, entregou a seus alunos alguns livros de Machado de Assis e de Joaquim Nabuco (Machado de Assis, devidamente traduzidos para o espanhol). E não houve o menor interesse por parte deles.

— Mais tarde, já meus amigos, eles descobriram a poesia de Raul Bopp e Drummond — ficaram entusiasmadíssimos. E' isso não forçar. Ditem que Usamuno aprendeu dinamarquês para ler Kirkegaard... Tenho a impressão de que, no dia em que o Brasil produzir um Kirkegaard, qualquer pessoa pode chegar ao extremo de aprender português para ler essas obras. Mas, até agora, não produzimos nada tão importante.

— Talvez o concretismo possa despertar tal interesse. João lembra de que, no Bial de Poesia da Bélgica, viu muita gente discutir a obra dos irmãos Campos, de Décio Pignatari. E sem nenhuma intervenção oficial: o interesse era puro, gratuito.

— E eu fiquei só olhando, sentindo. E a literatura latino-americana? Definida como "realismo fantástico", ela talvez estivesse do lado oposto à poesia de João, que a maioria dos teóricos define como "realismo social". Mas João simplesmente não concebeu com essas definições.

— Isso é coisa de francês, que rotula tudo. Como eu posso chamar Juan Rulfo de "fantástico"? Nesse caso, o que é a obra de Adonias Filho, anterior à dele? Acho que "realismo fantástico", só na obra de Garcia Marquez, Vargas Llosa, por exemplo, nada tem de fantástico. E Cortázar, o mágico, como defini-lo? Não, eu não acredito em definições.

— No mais, João Cabral de Melo Neto, o que fala de Pernambuco, o poeta das secas, da miséria, da fome. O diplomata. E uma coisa que pouca gente sabe: o ex-jogador de futebol.

— Eu tinha 15 anos e era center-half (o atual médio-volante) do América de Recife. Minha família sempre foi muito ligada ao América. Acontece que o time estava em último lugar e minha mãe, que era torcedora do Santa Cruz, deu um jeito de me colocar no time para uma melhor-detrás pelo título. Foi campeão. E fui contemporâneo do Ademir "Queixada" e do Orlando "Pingo de Ouro". O Futebol foi minha grande paixão. Eu nunca conseguiria ser profissional, mas não tinha importância: a literatura chegou logo.

Bernadette Siqueira Abrão.

EXPOSIÇÃO DE ARTE E CULTURA POLONESA
PROMOÇÃO: FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO
(DE 8 A 17, NO TEATRO CASTRO ALVES)



jornal de cultura.

suplemento literário do diário de notícias - circula no primeiro domingo de mês
cidade da bahia, 3 de novembro de 1974 - ano 2, número 18



Foto I

1
EYVIND JOHNSON
E HARRY
MARTINSON,
MEMBROS DA
ACADEMIA SUECA,
FORAM
LAUREADOS
COM AS 500 MIL
COROAS (CERCA
DE 800 MIL
CRUZEIROS) DO
PRÊMIO NOBEL.
AS GERAÇÕES
MAIS NOVAS
CONSIDERAM
ESTES DOIS
ESCRITORES
COMO FIGURAS
ULTRAPASSADAS,
PROVOCANDO
PROTESTOS DA
IMPRESA SUECA
PELAS SUAS
ATTITUDES DE
CONFORMISTAS.

2
FERNANDO
NAMORA É UM DOS
ESCRITORES
PORTUGUESES
MAIS LIDOS NO
BRASIL. O
CONSAGRADO
AUTOR DE "O
TRIGO E O JOIO" É
PRECURSOR DO
NEO-REALISMO EM
SEU PAIS TEM A
SUA NOVELISTICA
ESTUDADA POR
GUDES
AMORIM (PAG. 4).



Foto II

ENTRE ALBAS E SOBRE ELMOS

CARLOS CUNHA

ferindo as vinhas da aurora,
ouço os teus galos andaluzos
e nas rinhãs de onírica luz
recolho gemas do teu sol tupã.

teu azulão é o guerreiro pá,
anti-ladainha em solilóquio
e romeiros sem gruna e gruta
abrigas na lualã do noitibó.

rumina a tua flauta sem mel
do travo o duende da treva,
feroz absinto outro exílio
e a neve cerrou teus cílios.

na memória se te surpreendo
no reino do feérico te diviso,
mas entre albas e sobre elmos
galopas no cristal das horas.

a memória de José de Oliveira Falcão



Jean-Paul Sartre, ao lado de grandes outros escritores contemporâneos da França, é visto na página 4, onde o articulista Charles Brenmond aborda os problemas literários e a possível crise do pensamento criativo francês.

O NOBEL ENTRE SUECOS

A Academia Sueca, na qualidade de júri do Prêmio Nobel de Literatura, designou como laureados de 1974 os escritores suecos Eyvind Johnson e Harry Martinson. Fundamentando a sua escolha, a Academia Sueca credita a Eyvind Johnson "uma arte narrativa de longas vietas históricas e contemporâneas ao serviço da liberdade", e distingue Harry Martinson por uma obra literária que prende a gota de orvalho e reflete o Carmoê.

HARRY MARTINSON

Harry Martinson, como o seu colega da Academia sueca Eyvind Johnson, é um escritor autodidata que, antes de ocupar da literatura, se entregou a outras atividades menos intelectuais.

EYVIND JOHNSON

Eyvind Johnson pode ser considerado um dos mais notáveis representantes da literatura moderna Sueca. A sua obra é vasta, complexa e variada, mercearia, sem dúvida, ser mais conhecida no mundo tanto mais que Johnson tem seus romances, traços de acentos que não tem nada de especificamente sueco, mas que ao contrário, são o fruto, de numerosos anos passados fora da Suécia em França e na Itália, nomeadamente.

O PRÊMIO

O Prêmio, este ano no valor de 500.000 coroas será entregue aos laureados pelo rei Carlos Gustavo da Suécia em cerimônia solene que decorrerá no Palácio dos Concertos de Estocolmo em 10 de dezembro aniversário da morte de Alfred Nobel.

maio, 13 de 1972

RETROSPECTIVA DE JENNER AUGUSTO NO MUSEU DO UNHÃO



JENNER, CINQUENTÃO

Antonio Celástico

A Bahia está já podendo sentir a grande exposição retrospectiva do pintor Jenner Augusto. Depois de São Paulo e Rio, onde os Museus de Arte Moderna a acolheram, cada um por sua vez, cabe agora ao da Bahia a oportunidade de mostrar o que de mais representativo existe na obra do grande Pintor nascido em Sergipe e vivido na Bahia. Essa mostra foi motivada por um acidente igual ao que tem acontecido a várias pessoas com relativa má vontade, mas que, apesar de tudo, ainda é melhor que suceda do que não venha a suceder. O que seria melhor, mas disse ainda se não conseguiu colher a fórmula, seria atira-lo "a sine-die", esperando por tempo mais longínquo e propício a certas fases de inconfessáveis temores. Pois o que está acontecendo, ou melhor está prestes a passar para o rol dos acontecidos, é que, mesmo com aquela juvenil "vide líria e com aquele aspecto de donzel romântico Jenner Augusto é um Senhor cinquentão.

E a exposição a que nos referimos é uma das muitas consequências desse solene evento, pois vamos poder apreciar cuidadosamente o que de melhor há na obra plástica desse jovem artista, desde seus primeiros passos em Aracaju, onde ele queimou os fortes incensos aos deuses que depois amorosamente acolheram sob seus mantos sagrados até às pinceladas transparentes das suas detraídas obras, passando pelas de mão que

Portinari deu, pela escalada duma abstração de coloração tenue e breve pela graça da paisagem duma decisão de valores inconfundíveis, pelas manchas lavadas nas telas de fortes tons vibrantes, pelas figuras bem postadas dos retratos de família, pelas produções em que se reviu revestido da sotaina vermelha de coroinha, ainda menino e moço pelas águas refletidas dos alagados, pelas águas anarradas dos diques da Holanda pelas curvas das mulheres com que zombou e pelas peles dos frutos que tirou das suas aqueceiras, tudo nessa exposição estará disposto, a sua própria vida artística escancarada aberta, esparramada pelas veneráveis paredes daquele nobre Solar do Unhão.

Outro acontecimento comemorativo foi o da edição do livro precisamente chamado "Jenner, a Arte Moderna na Bahia", da autoria do eminente crítico de arte Roberto Frotul e inteiramente dedicado ao estudo da sua obra trabalho de primoroso acastamento gráfico e de contexto tão bom quanto o resto. E um dos livros mais bem feitos que, dentro da sua escala de valores gráficos, já se fez neste País onde já se impetiu tanto livro do melhor padrão internacional.

Assim se marcou principalmente o cinquentenário desse pintor invejado por uns, combatido por outros, criticado por vários. É evidente que nunca a obra de qualquer artista tem, ou teve, sempre a mesma altura por mais notável que ele

seja. As mutações e as fases que as precedem são tiradas do imponderável duma tentativa ou dum esforço que se pretende fixar, nem sempre felizmente atingido. E as inconstâncias duma obra são tantas vezes aquelas de que mais dificilmente o artista se consegue separar. Isto não poderá deixar de ter acontecido com Jenner Augusto e, se em grandes artistas tantas vezes só se destaca a grande obra, por isso mesmo o que de menor qualidade ele produziu, não deixa de existir no seu acervo. E até, de que o conceito estético de valor tenha mudado com o tempo... Os exemplos estão aí patentes, para quem acompanha atentamente o lavrar dessas obras.

Estes pontos, porém, não invalidam um conjunto, desde que este se apresente com as linhas mestras em tensão da alta preponderância dos valores plásticos e até gráficos. A sentença final é sempre dada pela altura a que a obra atinge na sua existência.

E o conjunto que ora se expõe já documenta e fixa a importância da obra do grande artista. É uma rara festa de que todos vamos participar, pois dificilmente se reunirão condições para juntar novamente telas de tão descontraídas procedências. A não ser que os milagres da peritologia permitam ao artista comemorar o seu centenário e a nós, assisti-lo. Mas temos leves suspeitas de que essas responsabilidades vão caber aos nossos filhos... Enfim, aguardemos!

OS QUADROS DA FASE MAIS RECENTE DE JENNER AUGUSTO TRANSMITEM AO PRIMEIRO CONTATO, UMA IMPRESSÃO DE CALMA DE IMOBILIDADE QUASE TOTAL. O PINTOR PARECE SURPREENDER A PAISAGEM DOS ALAGADOS NAQUELE INSTANTE DE EXPECTATIVA GERAL, QUANDO A AGITAÇÃO DO DIA JÁ TERMINOU E A NOITE AINDA NÃO CHEGOU PARA OS SERES E AS COISAS.

James Amado

O PROCESSO COMPOSICIONAL ESTAVA AÍ E SABE-SE LOGO QUE JENNER NÃO ARRISCA A COR, NÃO AVENTURA O PINCEL, O QUADRO É CLARO, NÃO PORQUE USA CORES CLARAS — ISTO SERIA RIDÍCULO! MAS PORQUE A PINTURA É PINTURA DE JENNER NÃO TEM MISTÉRIOS APARENTES, NÃO ESTA EM LINHA METAFÍSICA. LEMBRO-ME DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO EM "PSICOLOGIA DA COMPOSIÇÃO". OLHO AQUILO QUE EM JENNER É O FUNDAMENTO PAISAGÍSTICO, É O FUNDAMENTO DA LUZ, É A VERTEBRAL PLÁSTICA DA CIDADE — BAHIA — TÃO TRISTEMENTE REDUZIDA A ESPOLIAÇÕES DESENHÍSTICAS.

Glauber Rocha



VI TUAS PINTURAS, TUAS CASAS E RUAS POSSUEM EXPRESSÃO QUASE HUMANA E PARECEM CONTAR HISTÓRIAS. NA MINHA OPINIÃO, HOJE, NO BRASIL, NINGUÉM PINTA MARINHAS E CUS MAIS BELAS QUE OS TEUS. VIVO REPETINDO QUE SOU PINTOR FRUSTRADO. SE ME PERGUNTASSEM COMO QUEM EU GOSTARIA DE PINTAR, RESPONDERIA SEM HESITAÇÃO: COMO JENNER AUGUSTO.

Erico Veríssimo

MEU IRMÃO JENNER AUGUSTO PINTOR DOS QUE MAIS SABEM E MAIS APRENDEM CHEIO DE INEXTRIMÍVEL FIDELIDADE PELO HOMEM, ESSE BICHO TÃO PEQUENO, PINTA-ME UMA CIDADE ONDE SE VIVA EM PAZ, SE SOPRA MENOS UMA BRANCA CIDADE SEMPRE CREPUSCULAR E EM TONS SERENOS ONDE EU POSSA ILUDIR-ME SOBRE O AMOR, SOBRE A DOR E SOBRE O TEMPO E MORRER ME ESVAINDO NO DOCE BALBUÇO DAS ESTRELAS.

Vinicius de Moraes



SETE POEMAS INÉDITOS DE CARVALHO FILHO

O Poeta Carvalho Filho, uma das maiores expressões da nossa poesia contemporânea e precursor do chamado Movimento Modernista Baiano ao lado de Eugênio Gomes e Godofredo Filho, publica no JORNAL DE CULTURA alguns poemas inéditos de seu próximo livro: "O Deserto e a Loucura"

A ANUNCIACÃO DO FOGO

O pássaro que em chamas trompeu atônito
em fuga do incêndio das colheitas
é muito de luz primeira em vôo perdido.

As águas em paz que o aguardam
acolherão na queda e anjo da anunciação do fogo.

ALTO E LONGE

! Aceita-me — hoje ardo em flamas de distância,
! Salva-me — para que afinal não restem
apenas escombros sob a luz inútil.

Hoje
Só a redenção vinda do alto e do longe.

Redenção que ignore
o heroísmo do coração sobrevivendo
do coração impoluto ausente da face revelada
do coração que perdoado emergirá na paisagem
sonhada
como estrela de fogo sobre Cidade em ruínas.

AURA

Este céu que me envolve e me elimina
este mar que me destrói e me condiz
este horizonte que me purifica e me arruína
e as montanhas da noite e as estrelas da luz...

... quem me salva neste instante
transubstancial de partida
e leva à morte o ser em plenitude
pelos caminhos rútilos da vida?

SOLIDÃO

A MEMÓRIA DE EUGÊNIO GOMES

O amigo para esta hora
o amigo necessário a esta hora
os amigos de faces lúcidas
que encarnassem o mistério desta hora
mesmo os amigos de espíritos impuros
que amparassem e conduzissem o meu ser
iluminado
a esta hora;

e o amigo em cujo sangue vivo
o meu sangue em degelo repousasse
irmãdo final a esta hora
e os amigos de aura sensível lésante
na distância
chamados e clamados a esta hora

— o amigo, os amigos estão ausentes
no azul e no tempo.

Só os múltiplos de mim mesmo
estranhos entre si e a mim próprio estranhos
se debruçam livres sobre o limbo em chamas
do poço virgem desta hora
onde a incineração da verdade já principiou.

Os amigos para esta hora
o amigo profético desta hora
e o irmão humilde desta hora
que de uma consciência iniciassem comigo
mar a fundo
a ascensão para a morte

— permanecem inconcebíveis no azul e no tempo.

SYLVIA PLATH

Sai em êxtase
sob o primeiro pórtico da solidão tensida
— estendia a alma em rivas secas
e a untava com o óleo das estâncias extintas.
Peregrina ao longo de faces límbicas
que a feriam
a infância sempre presente a abrigo do mundo.
A natureza é muda e repete o humano.
O amor substancial não existe.
Fida: arestas de arcos não punidos.

Amo a poetisa Sylvia Plath suicida.
Ela teve fé em que
— Mãe deserta de orvalho humano —
só os pássaros prisioneiros se salvam do inferno
além da morte.

Carvalho Filho

PRIMEIRO LÍSTÉRICO

A sombra veloz
múltipla na água corrente
não reflete a face oculta delirante
nem a desmente.

Se atende ao gesto
projetado sobre a espuma
desfaz-se à minha voz de amor
temendo o incerto.

HUMANO E ETERNO

Esses silêncios corvando a distância
essa floresta abrigando ruínas
essas horas altas sobre Cidade em delírio.

No fundo iluminado da loucura
o ser em mim.
Inscervo o mistério do coração herético.

No plenifício do deserto reconstruo

Vou para Deus.

Colhes-me neste instante
— sou puro só e eterno.

ORELHA DE LIVRO



O fantástico, como tudo, se realiza. Mas, sem ele, como inventar? Como, sem romper o rammento com a modificação inesperada, fazer fiar a fábula? A arte do mágico parece ser a de esconjurador a estilizada sem sentido do mundo e propiciar a germinação do oneto. O seu discurso, que o desejo parece ler livre passando, enunciado de obstáculos pelas modificações fantásticas, realiza uma trajetória abstrata e destilada das obrigações de verossimilhança realista. Próximo do mito, a sua transformação constante insufla o reino inóculo onde tudo pode acontecer, mesmo as coisas mais absurdas.

Este quinto volume das *Histórias de Amor da História da França* é dedicado ao que Guy Breton chama de *O Século da Libertinagem*. Refere-se ao século XVIII francês, as cortes de Luis XV e Luis XVI.

Essa inóclia historiadora, apontada do sociólogo André Riviere, considera que a queda da monarquia teve "causas sexuais". Asoveria mesmo que "se Luis XV não tivesse sido um libertino, o Luis XVI que se impotente, talvez a Revolução jamais houvesse ocorrido".

Lançamentos

LAIORNEMAS E SOBRIEDADES — Gerson Chadi — Uma sátira de o profeta é sem dúvida o poeta antropológico mais lido no Brasil. Com nova edição de 1974, traz novo capítulo de prosa e poesia. O livro é lançado em 1974, traz novo capítulo de prosa e poesia. O livro é lançado em 1974, traz novo capítulo de prosa e poesia. O livro é lançado em 1974, traz novo capítulo de prosa e poesia.

CORTESIAS CELESTES — Henrique de Faria — História em estilo, as vidas de Lucretia Borgia, Rosângela Fróis, Rômulo, Lucílio. Os três dilemas e outras histórias de rainhas e príncipes. O livro é lançado em 1974, traz novo capítulo de prosa e poesia.

OS PROBLEMAS SEXUAIS DO HOMEM E DA MULHER — Livro de depoimentos, estudos, pesquisas, revisão da grande, melhor científico e educado.

A MULHER DO MINGO — Carlos Pedras e Paulo Lacerda em seu livro, mais quatro romances poéticos. Com estilo, ação, suspense e erotismo, o livro é lançado em 1974, traz novo capítulo de prosa e poesia.

MEU CASO COM A MULHER — O livro é lançado em 1974, traz novo capítulo de prosa e poesia.

AS CINCO LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

Miguel Carneiro

Não há na Bíblia sagrada, um livro de tão grande importância social como o das *Lamentações* (Antigo-testamento) atribuído a Jeremias "o profeta das desgraças".

Jeremias que nasceu na Judá por volta de 650 AC e morreu por volta de 586 em Talmés no Egito. A partir do momento em que foi dada a ordem a Jeremias, veio faz uma verdadeira reforma religiosa na época. Na qual foi dada a tarefa árdua de corrigir seu povo que estava pecando. Foi preso em cisternas de lodo, açoitado pelos caldeus, citado como louco por premeditar a destruição de Jerusalém, invadido do Egito e um exílio de 70 anos para os deportados.

As lamentações de Jeremias é um livro composto de 5 poemas ou lamentações fúnebres em que o poeta-profeta coloca Jerusalém a cidade destruída como uma viúva. E de um grande cunho metafísico o livro das Lamentações. É uma obra que não envelhece devido ao sentido social que ela representa. E de grande força dramática os poemas das Lamentações. Há uma parte em que o profeta cita "Mesmo os chacais dão o seio" a fim de aleitar as suas crias, mas a filha do meu povo é cruel qual a avestruz do deserto". Chega a poeta-profeta a igualar-se aos poetas malditos do século.

A comparação que o profeta Jeremias faz ao decorrer da obra são tão atuais como: "E por motivo porque choro, / Fundem-se em lágrimas os meus olhos / Porém ninguém ao meu lado me consola, / nem me alenta. / Vivem contentados os meus filhos, / porque triunfou meu inimigo".

É riquíssimo o livro das *Lamentações* em termos de imagens poéticas, novamente o sofrimento e a opressão é o tema: "Contra, não abrem a boca, / Todos os nossos inimigos, / Terror e fôssos caíram sobre nós, / com ruínas e desolação / Rios de lágrimas correram-se dos olhos". Não é de se esperar que o profeta brade na aquela época um tema tão atual como: "Vem to do o povo a procura de pão". Os sentidos das obras do profeta Jeremias ultrapassam séculos sem perder a sua bela mensagem. Novamente o profeta-político gene "Cercou-me com muralhas sem qual o poeta-profeta coloca Jerusalém a cidade destruída como uma viúva. E de um grande cunho metafísico o livro das Lamentações. É uma obra que não envelhece devido ao sentido social que ela representa. E de grande força dramática os poemas das Lamentações. Há uma parte em que o profeta cita "Mesmo os chacais dão o seio" a fim de aleitar as suas crias, mas a filha do meu povo é cruel qual a avestruz do deserto". Chega a poeta-profeta a igualar-se aos poetas malditos do século.

As estrelas do céu não envelhecem nem per o tempo do século. O profeta Jeremias continuará sendo "o profeta das desgraças", "o poeta-político", "o poeta", "o homem de seu povo", avançado séculos e civilizações pois "não cessam meus olhos de chorar, pois as desgraças não param".

SOBRE ESTÉTICA MUSICAL

Germano Machado

O homem em si mesmo, música. Ao ser humano a Música pertence de todo o modo. Mesmo se todo o homem não tem a música. A música de Deus ao Deus da Natureza. A voz do silêncio, a voz do silêncio, a voz do silêncio. A música de Deus ao Deus da Natureza. A voz do silêncio, a voz do silêncio, a voz do silêncio.

A música é uma linguagem que se desenvolve através do tempo. Ela é uma linguagem que se desenvolve através do tempo. Ela é uma linguagem que se desenvolve através do tempo.

De um ponto de vista, em grande parte, o homem civilizado, segundo, vivendo Música — mesmo mesmo houvera de ser música. A música de Deus ao Deus da Natureza. A voz do silêncio, a voz do silêncio, a voz do silêncio.

De um ponto de vista, em grande parte, o homem civilizado, segundo, vivendo Música — mesmo mesmo houvera de ser música. A música de Deus ao Deus da Natureza. A voz do silêncio, a voz do silêncio, a voz do silêncio.

De um ponto de vista, em grande parte, o homem civilizado, segundo, vivendo Música — mesmo mesmo houvera de ser música. A música de Deus ao Deus da Natureza. A voz do silêncio, a voz do silêncio, a voz do silêncio.

De um ponto de vista, em grande parte, o homem civilizado, segundo, vivendo Música — mesmo mesmo houvera de ser música. A música de Deus ao Deus da Natureza. A voz do silêncio, a voz do silêncio, a voz do silêncio.

capitais debates crítica

willi bole

FÓRMULA E FÁBULA

O sucesso internacional de Guimarães Rosa, fez com que muito cedo e público leitor passasse a considerá-lo um clássico: sua fama acoberta uma crítica suplementar, panegírica de "artigo de exportação". Willi Bole com o presente título rompe radicalmente com esta visão pré-fabricada da obra do grande escritor.

Em **FLOR DE POEMAS**, reúne-se o melhor do lírico, do romântico e do sensível e do imaginário, no dizer de Darcy Damasceno, que também chama a atenção para a constância e a atenção para a constância de um fluxo constante e o tempo todo corre: que se fundamenta na sagacidade de tudo.

IRIS, ANUNCIAÇÃO EM VERDE

José Benjamin

Pela estrutura da aurora da vida escapam cores; escapam, escapa o verde — com maior. Verde-esperança em idade não mais verde como os verdes anos de um tempo. Escapa e converte-se ao simplesmente presente. Verde lácidia em maturidade, ainda esperança vinda através andamento lento chegada, verdes olhos engastados em louro moldura-cabelo.

Pescas há que dependem-lhe da luz continuam a ser brilhantes. Pessoas assim perquam da noite em que todas as noites recomçam, de noite em que nascimento se reproduz em aniversário, desta noite também surgiu no caminho do homem em "black out", entre infância e o atual noite de "amanhã tomara aconteceu", surgiu (repto sempre, pois sendo o sempre insistido, em sempre se tornar — esperar esperar) voz morna acalanto: voz-luz, cáldio com som do homem em início de caminho, qual?

Verde luz de olho-brilho, círculos de criação na mulher-veludo... E do homem no homem resurgiram coisas escondidas na distância do esquecido que, trazida à flor de um destino análogo, fortemente ostentado desabrocharam em jardim. Nuances de sofrimento de desseper perfume vários desorganizando olfato, transformaram-se coordenando-se esteira de repouso, tapete magêge, perceber. Meta delatou-se não mais em inutilidade, estendeu-se em apoio láz vindo de necessidade total humana, indivisa do Ser, para sair do ant'go estar à outro de achar-se achando-se em algum adiante preciso, início numa realidade de amor-constante. Fez-se o orvalho da vida, seu amigo pintalgando-o de força, e partiu pisando "beirar" há vistas minúsculas "em transformação consequente. Pacífico pacto com o mundo assinou, sem dobrar-se. Verdes olhos, vos acalanto guiam-nos para o Sol, claridade a viver.

DOIS VERBETES DE TZVETAN TODOROV

A RETÓRICA E SUA DECADÊNCIA A PARTIR DO ROMANTISMO

O nascimento da retórica, como disciplina específica e a primeira sistemática, na tradição ocidental, dá-se no século IV a.C., em Atenas. A primeira menção aparece no diálogo "Górgias", de Platão, onde se discute a natureza e o valor da retórica. Na mesma época, Heráclito, filósofo de Efeso, também se ocupa da retórica, considerando-a uma arte que visa à persuasão. Na tradição grega, a retórica é considerada uma arte que visa à persuasão, e não apenas à expressão de ideias. O filósofo grego Aristóteles, em sua obra "Retórica", define a retórica como a arte de descobrir os meios de persuasão disponíveis em qualquer circunstância. O tratado de Aristóteles é dividido em três partes: a primeira trata da natureza da retórica, a segunda da arte de descobrir os meios de persuasão, e a terceira da arte de organizar o discurso.

moderna. Os autores gregos e romanos, como Quintiliano, Cícero e Placido, discutiram a natureza e o valor da retórica, mas consideraram-na uma arte que visa à persuasão. Durante os séculos seguintes, a retórica sofreu várias modificações. No século XVIII, a retórica foi considerada uma arte que visa à expressão de ideias, e não apenas à persuasão. O tratado de Aristóteles, "Retórica", é considerado o tratado mais importante sobre a retórica. O tratado de Quintiliano, "Institutio Oratoria", é considerado o tratado mais importante sobre a retórica na tradição ocidental. O tratado de Placido, "De Dignitate et Virtute Oratorum", é considerado o tratado mais importante sobre a retórica na tradição ocidental.

(Tradução de CID SEIXAS FRAGA FILHO)

UMA SÍNTESE HISTÓRICA DA POÉTICA

Além de a poética ter sido constituída como disciplina teórica, também se constituiu como disciplina prática. A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia. A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

metodologia da Alemanha do New Criticism (New Criticism) e da Inglaterra (da França). O formalismo russo, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. O formalismo russo, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

Artística nos seus primeiros tratadistas e também outros textos podem ser compreendidos na perspectiva histórica, como a "poética" de Aristóteles e a "poética" de Placido. Mas, que um texto, é uma obra de arte, e não apenas uma obra de arte. A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

de um texto, é uma obra de arte, e não apenas uma obra de arte. A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

A poética, como disciplina teórica, trata da natureza e do valor da poesia. A poética, como disciplina prática, trata da arte de escrever poesia.

(Tradução de CID SEIXAS FRAGA FILHO)



O Ministro J. J. Moreira Rabelo, quando recebe as mãos do Dr. Agenor de Sousa, diretor da atual da Editora Alcaz, na Bahia, e primeiro exemplar do livro "No calor da hora", de Walnice Galvão, onde a autora faz um levantamento dos textos publicados por reportagens do "Diário de Notícias" durante a Guerra de Canadós.

A entrega foi feita na sala do JORNAL DE CULTURA, aparecendo ainda na foto os poetas Carlos Cunha e Cid Seixas Fraga Filho, editores deste suplemento.

INTRODUÇÃO

Walnice Galvão

Esta é uma tentativa de estabelecimento do corpus das reportagens sobre a Guerra de Canadós (1ª Expedição). Se a edição das reportagens inéditas em forma de livro se impunha, para salvá-las de um eventual perecimento, tampouco era possível deixar de lado aquilo que não era reportagem: elas constituem apenas uma pequena porção de um imenso discurso político, social e cultural da época.

As reportagens, extensas e completas ou irregulares e falhadas, vão editadas integralmente, na 2ª Parte. Do mais que o jornal disse sobre a campanha, eis um estudo em forma de colagem de fragmentos comentados; foi a maneira que encontrei de mostrar o discurso vivo e variado do jornal a propósito de Canadós.

Claro, não posso dizer que este trabalho seja exaustivo, embora o tenha sido. Foi atrás de tudo quanto era jornal do ano de 1897; e tudo que encontrei, li. Mas sendo inúmeras o material compilado, é bem provável que ainda haja coisas perdidas por si. Este é o núcleo básico; entretanto, se alguém souber de alguma outra reportagem inédita, peço por favor que mande notícias para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Área de Teorias Literárias e Literaturas Comparadas, Caixa Postal 8.105.

SORTILÉGIO DA CACHOEIRA

J. J. Rabelo

No contexto da Psicologia dos baianos, existe um texto de uma espécie, nunca das suas comunidades municipais, que interfere no que acontece aos filhos da Cachoeira.

Seja porque ela, no passado, inscreveu seu nome entre os povoadores do Sertão, na região conhecida dos Adornos seja por que, figura por longo tempo, entre as mais opulentas regiões da Colônia, recolhendo através da Cam no da Gerais, a produção minas que desce, até o seu porto, vinda dos rios mais distantes de Minas, de Goiás, e do Piauí; seja pela intensidade das trocas econômicas que se realizavam na sua praça, rivalizando, em muitos aspectos, com a própria capital do País, então sediada em Salvador; fosse ainda, pelo requilombos que atingira a sua sociedade em moite a provocar o espanto do boêmio aleno que ali confessou ter encontrado a gente mais civilizada e culta do Brasil; seja ainda pelo Mecanato de inteligência que ela ocupa, sem sombra de dúvida, no quadro grandioso e ilustre da Bahia, balizado no quadrilátero luminoso, para citar os mais ilustres — Castro Alves e Teixeira de Freitas entre os homens, e Maria Quitéria e Ana Nery, entre as mulheres;

seja pelo encanto permanente da sua paisagem Sousa, atravessada no flanco da Serra do Caparaçu e, rente à foz da Baía de Todos os Santos, seja ainda pela posição privilegiada entre os brasileiros que se tornaram livres, dois meses antes de 7 de setembro a 25 de janeiro de 1822, animando com o gesto do Senado da Câmara, as instituições do primeiro Deputado seja assim, por outras razões que se encontram no sentimentalismo de seus bardos e na eloquência dos seus oradores, o certo é que a identificação de um filho de Cachoeira equivale a de um baiano com o orgulho da baianidade atingindo os limites de um quase fanatismo.

Eu o tenho encontrado, por estes dias Bahia agora, enlevado à só redoração da pequenina terra, que se diria eternamente fixada nos mais íntimos guardados de seus corações.

E para qual, também eu, aí de mim, filho da terra, há quase meio século, volto o pensamento, buscando, na sua história e nas recordações de uma fase que já se esmagou nos caminhos da vida, o ânimo e o estímulo, e a fidelidade de sentir que não falhei, lá fora, a tradição de sua gente e de seu nome.

ODORICO TAVARES

"MEUS POEMAS AOS MEUS PINTORES"

LASAR SEGALL

A DONA JENY

DEIXASTE A TUA TERRA BRANCA
E TEUS AMIGOS EM MUNIQUE
E VIESTE PARA ESTA TERRA DE SOL
DESCOBRISTE UMA LUZ E FIZESTE
"O NAVIO DOS EMIGRANTES" PARA
ATRACAR NO CANAL DO "MANGUE"
LÁ, OUTRAS EMIGRANTES QUE VIERAM
PARA O BRASIL EM OUTRAS EPOCAS
QUERIAM TOMAR O NAVIO E VOLTAR
PARA SUAS TERRAS
NÃO ESTAVA NO PROGRAMA A VOLTA
DESSAS MULHERES QUE DEVIAM FICAR
SOPRENDO COM AS SUAS COMPANHEIRAS
BRASILEIRAS
NO SEU RETRATO O VELHO PAI CHORAVA
PELA SUA GENTE SOPRENDO NAQUELE
NAVIO
E QUERIA IR A JERUSALÉM PARA SE LA-
MENTAR NO MURO
AS VAQUINHAS DA SERRA PARECIAM
COM AS VAQUINHAS DE SUA TERRA
QUE AQUI NÃO ESTAVAM NA NEVE
PORISSO SEU AMOR PELAS VAQUINHAS
E A TERRA QUE VEIO ABRIGAR
ESSE RAPAZ QUE SE FEZ UM DOS NOSSOS.



MANABÚ MABE

OS TEUS CEUS, PRETO, VERMELHO, AMARE-
LO E AZUL
ESTÃO CHEIOS DE REFLEXOS DO POENTE
E TAMBÉM DE BICHINHOS

PORQUE TODOS ELAS TEM UMA LUA
LUAS SEM BRILHAR
SÃO AS LUAS DOS CEUS DE MABE
ONDE APRENDESTE ESSES SIGNOS
QUE ESTÃO NOS TEUS QUADROS
QUE TEUS PAIS NÃO TE ENSINARAM
E TU POSTE NA TERRA DELES
E ESSES CEUS REPRODUZEM
O BRILHO DOS VULCOES DO JAPÃO.

ANTÔNIO BANDEIRA

DEIXOU A SUA TERRA, NO CEARÁ
E LEVOU UM PEDAÇO DO CEU
E DO CHÃO E DO MAR, NA SUA BAGAGEM
ESSE MATERIAL CHEGOU
EM PARIS, EM PEDAÇOS
QUE ELE USOU NOS SEUS QUADROS
DAI TANTO QUADRO BONITO
COM AS CORES DA NOVA CIDADE
MISTURADAS, COM O MATERIAL QUE TROU-
XE DO CEARÁ
MUITOS QUADROS EM PRETO
QUE E A COR DAS NOITES EM PARIS
E DA SAUDADE DO PINTOR
E ESSA SAUDADE FOI A FORÇA
PARA ELE TRABALHAR
COM O SEU PINCEL.

CARLOS BASTOS, O PINTOR DA BAHIA

COMO O NOME COM QUE ASSINAS OS TEUS
QUADROS
PODIA SER DO TEU AVÓ COM O ROSTO
E A BARBA DE UM ARISTOCRATA
O AVÓ PODIA SER UM "CALÇA BRANCA"
NA PRAÇA DA BAHIA E O NETO DEVIÁ ES-
TAR PINTANDO
E USANDO CARTÃO DE VISCONDE
COM ESSA FIRMA ASSINASTE
OS MELHORES QUADROS DESSA FASE
DA PINTURA BAIANA
O ARISTOCRATA CONTINUA PINTANDO
O QUE QUER SEM PEDIR LICENÇA
E SEM COPIAR NINGUÉM
A LEI NÃO CAI SOBRE A TUA CABEÇA
QUE NÃO PINTA RECEBENDO ORDENS
O ANJO AZUL ABRIU CAMINHO
PARA TU MOSTRARES
A TUA TERRA E SEUS RECANTOS
ESTE SOL BAIANO
QUE TU PINTAS, DEVE ILUMINAR
OS TEUS PASSOS.

POEMAS AOS PINTORES DE ODORICO

Austregésilo de Athayde

Odórico Tavares, amigo e companheiro, tantos anos juntos na seara penosa, sem perder o ideal e amando a poesia das coisas e servindo à beira, distantes de tudo quanto compromete a harmonia da arte. Como foi bom reencontrarmos, e ainda que em circunstâncias de melancolia recíproca, em face de infortúnios que molesta mas não abatem, assim como a tua inspiração de poeta resistindo a tormentosas ventanias e antes pegando a tempestade para afirmar o teu sereno amor a tudo quanto verdadeiramente dignifica e engrandece o culto de que tens sido incansável ministro, pois que a poesia é a tua religião. Que grande idéia a de puoicar em livro os poemas dedicados aos teus pintores e quando dizes que são teus pintores muito bem o dizes, porque ninguém mais os amou com tanto amor. Ali estão vivos na palpitação das suas cores, reunidos numa galeria feita de sensibilidade, os mestres valorosos do pincel, os que transfiguraram em linguagem inoperredoura os impulsos de sua criação. Eis o primeiro poema a Fortinari e antes, para que os olhos se destumbram, uma esboço de paisagem de Brodowski, e celebra o nome do pintor na esquinha de sua rua, com aquela festa inaugural, descritiva do júbilo de todos possuído, desde o governador até os humildes moradores. E Dom João VI também queria participar no desfile da sua Corte, saindo do painel para prestar homenagem, a ti, Cândido, que pintaste o Rei e os seus nobres chegando à Bahia. E também os santos, sem dúvida à frente aquele São Francisco, todos competecendo para dizer-te, agradecidos: aqui estamos. Que espanto aquela mulata do Di, de grandes olhos e boca muito estruda, deixando entrever, nascer-

do do colo, os seios profundos. Ela não a poderia ter pintado sem um pacto com Deus, criador das mulheres e das mulatas, mas que seriam essas delícias, sem o milagroso pincel do Di Panetti e Djanira, Antônio Bandeira e Lasar Segall também foram musas da tua inspiração, o primeiro por tantos lugares das ondas do mar; o segundo é Djanira, pois Djanira é o nome dado a um anjo que na terra lida para mostrar a face do nosso Deus menino. E o Antônio Bandeira, que levou um pedaço do céu azul, do chão árido e do mar verde do Ceará para a sua solidão parisiense. E eis que a saudade foi a força, que moveu o seu pincel. E esse Segall que deixou a terra branca para esta nossa terra de sol, onde descobriu uma luz e com ela fez lágrimas pela gente martirizada e não queria outra coisa senão ir ao lugar santo, só para se lamentar no muro profético. A fantasia a Gulgard e o canto a Aldemir Martins e os sercetos a Manabú Mabe e os que a Cícero Dias foram dedicados, com o engenho da sua infância moendo em Paris, para produzir amor, os namorados e as flores dos seus quadros. E ainda se encontra nesse jardim de fantasia a ode a Barmundo Oliveira, homem do sertão acostumado a sofrer na cidade onde a tua pintura tomou a forma. E outra a Carlos Bastos, o pintor da Bahia, fecho solene de um caminho que o anjo azul abriu, para que mostrasse a sua terra e os seus recantos e este sol baiano a iluminar os passos de tantos artistas que ali entram diretamente em contato com o céu. Querido, Odórico Tavares, também tu pintor, tão vivo e ágil na serenidade da tua poesia, essa sim, jamais atingida tão bela hoje nos primores de todo o sempre.

ALDEMIR MARTINS

A COR.

COM O TRAÇO, O METAL E A PEDRA
COMEÇASTE A LEVANTAR O TEU EDIFÍCIO
E SAISTE POVOANDO AS ESTRADAS
DE CANGACEIROS E DE MULHERES RENDEI-
RAS E CESTEIRAS
E FOSTE APANHANDO AS FLORES DO CA-
MINHO
E OS GALOS CANTAVAM NA MADRUGADA A
A TUA VINDA
DESCOBRISTE AS PAISAGENS
QUE TODOS NÓS TEMOS NO CORAÇÃO
SÃO OS SERTÕES QUE TODOS CARRÉGAM
CONSAÇO.

CÍCERO DIAS

TROUXESTE OS FANTASMAS DO TEU AN-
GELINO
E ELAS FORAM PARA OS TEUS QUADROS
NO SOBRADO DO CAIS DO CAPIBERIBE
DEPOIS FOSTE PLANTAR CANA
E LEVAR O TEU ENGENHO PARA O CENTRO
DE PARIS
E LÁ O AÇUCAR FOI O DE TEUS QUADROS
CHEIOS DE RECANTOS DE PERNAMBUCO
EM CADA RECANTO HAVIA NAMORADOS DO
TEU TEMPO
EM CADA LUGAR QUE ELAS ESTAVAM NAS-
CERAM ROSAS
O ENGENHO DE TUA INFANCIA
MOENDO EM PARIS SÓ PODE PRODUIR
AMOR
QUE SÃO OS NAMORADOS E AS FLORES DOS
TEUS QUADROS.

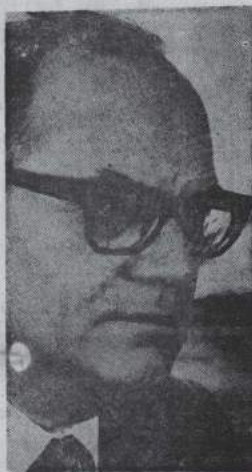


jornal de cultura.

suplemento literário do diário de notícias - circula no primeiro domingo de mês
cidade da bahia, 1 de dezembro de 1974 - ano 2, número 19

1

GILBERTO AMADO, COMO TODA FIGURA MÍTICA, ERA CONHECIDO SOBRETUDO, PELAS LENDAS E ANEDOTAS QUE CIRCULAVAM A SEU RESPEITO, REPRODUZINDO DITOS ESPÍRITUOSOS E ATITUDES INUSITADAS INQUIETAVA-SE COM O DESCONHECIMENTO QUE AS NOVAS GERAÇÕES REVELAVAM DE SUA OERA, DESCONHECIMENTO QUE LHE PARECIA DESCARIDO E INJUSTO, SEGUNDO NOS INFORMA HOMERO SENNA NA APRESENTAÇÃO DO PERFIL GILBERTIANO PARA A "SELETA" DA LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA. (PÁG. 2)



2

HERMES LIMA, UM DOS GRANDES NOMES DA VIDA CULTURAL BRASILEIRA, LANÇARÁ NO PRÓXIMO DIA DEZ NA LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA O SEU MAIS RECENTE LIVRO: TRAVESSIA. O JORNAL DE CULTURA, PARA TAL EMPREENDIMENTO, CONVIDA O MUNDO INTELCTUAL DA BAHIA PARA A TARDE DE AUTOGRÁFOS A PARTIR DAS 18:00 HORAS. (PÁG. 2)



3

MARIA DA CONCEIÇÃO UM DOS MAIORES NOMES DA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA ESTÁ PRESENTE NA PÁGINA OITO DO JORNAL DE CULTURA



COBRA NORATO

"Cobra Norato", a epopéia de Raul Bopp, volta a ser discutida. Desta feita, é o próprio poeta que nos fala do seu trabalho, no anuário "Gênese e Desdobramento de um Poeta Amazônico", na página 8. Apesar do muito que se escreve sobre o "Cobra Norato", o trabalho aqui publicado é de grande importância, não somente por representar um depoimento do seu criador, como também por proceder um levantamento das suas origens, que coincidiram com as origens do Modernismo Brasileiro. Os manuscritos do poema andaram de mão em mão, provocando interesse e entusiasmo. Sua publicação, no entanto, só se concretizou muito mais tarde.

FOTO-POEMAS

O JORNAL DE CULTURA está organizando o primeiro número de foto-poemas, para o mês de janeiro. Trata-se de um trabalho baseado nas experiências de Antônio Lucena, pintor e fotógrafo que pretende nos seus trabalhos conciliar a fotografia e a pintura num bloco único e estruturalmente individual. O aproveitamento da poesia como estrutura temática do trabalho é uma tentativa ainda inédita mas que, segundo o artista, será de resultados surpreendentes.

POETAS

ESCOLHIDOS

Para a realização do seu trabalho, Antônio Lucena selecionou poemas de Florivaldo Mattos, Antônio Brasileiro, José Carlos Capinam, Carlos Cunha, Ray Espinheira Filho, Alberto Luis Barauna, Cid Seixas Fraga Filho, Maria da Conceição Paranhos Myrtam Fraga, Carvalho Filho, Gregório de Matos, Jorge Amado, José de Oliveira Falcão, dentre outros.

ESTUDO 165

ANTONIO BRASILEIRO

Compor um homem
com suas tramas, seus dramas,
teogonias, gramáticas, soluços;
compor um homem,
do orvalho matinal compor um homem,
do céu cheio de estrelas, do mistério
do homem
compor o homem; compor um homem
da criança que há no homem, do homem
a adivinhar-se em antiquíssimas retinas;
compor um homem
com seus soluços, gramáticas, teogonias
- e recitá-lo perante os outros homens

BALZAC OU A VIDA POR DENTRO

Gilberto Amado

UM ESCRITOR que eu iria ler toda a vida e que jamais cessou de me atrair. Balzac, acompanhava-me nessas viagens. Não me deixaria ele perder-me no balançar dos paralelos e comparações fora da realidade da vida. Rastignac e Vautrin debatiam os problemas da realidade prática. E tendo a cabeça repleta dos princípios e regras dos sistemas que avidamente procurava assimilar, lendo Balzac eu não me dava conta — como pude verificar mais tarde — de que nele aprendia mais do que em todos os livros que acabara de ler. Estes me ensinavam a vida por fora, Balzac me ensinava a vida por dentro. Eu ignorava isso... O primeiro livro da *Comédie Humaine* que me caiu nas mãos foi o *Père Goriot*. Lá-o ao embalo murmuro das ondas. "Agora nós!" bradava Rastignac a Paris, do alto do cemitério do Père Lachaise num desafio que não era romântico no sentido literário. "Que é mais triste do que ver, cérebro vazio ou coração ressequido?" perguntava Balzac ao descobridor do cenário onde se passava o drama. Foi esse livro a maior impressão, o maior abalo literário que recebi até então e certamente um dos maiores em toda a minha vida. O livro era uma tradução portuguesa. Há certas coisas, por insignificantes que sejam, que dificilmente se podem perder. A que vou referir é dessas. O *Père Goriot* é o romance do "pai"; o drama evolui entre o amor paterno e a ingratidão e a insensibilidade filial. Goriot é o pai por excelência, mais do que o Rei Lear, pois este ainda era rei, e queixava-se da ingratidão das filhas locoas e outras coisas mais; Goriot era somente pai, pai no paroxismo da paternidade, pai superpai. Pois sabem como foi o livro. *Le Père Goriot* traduzido em português? — *Tio Goriot!*... Certas formas do absurdo molestem o espírito e brutalizam a sensibilidade. Esqueço-me a um ponto inimaginável por terem feito isso. *Pai Goriot* não ficaria bem em português? Oh, haveria tanto meio de obter ao caso! *Paessem Ingratidão... Pai Abandonado...* ou o que seria ainda melhor *O Martírio de um Pai*. No romance

não havia tio nenhum. Creio mesmo não aventurar dizendo que a palavra "tio" não aparecia no volume em diálogo ou frase mesmo epigráfica ou secundária. *Tio Goriot!* No entanto a impressão que tenho hoje é de que a tradução não era má. Não a cotejei depois com o texto original porque nunca mais peguei na brochura lusitana. Mas para que o livro me tivesse acudido e maravilhado como fez, força é supor que Balzac estava dentro dela com todo o seu poder.

Com os anos, no decorrer da existência, tornei-me, como sabem meus amigos, um balzaquista extremo. Li toda a *Comédie Humaine*. Li e relei. Fiz reações no meu espírito e no meu amor com todos os personagens cuja vida acompanhei no desenrolar dos romances e cuja biografia minuciosamente perusei. Foi às fontes e origens dos episódios, dos personagens e eventos. Vulgarizei no Brasil uma observação que fiz e que me pareceu digna de interesse. Notara que Portugal e Brasil eram tratados sempre com simpatia na *Comédie Humaine*. Um dos mais brilhantes dos aristocratas de Balzac era um português, o Marquês de Ajuda Pinto, amante da Condessa de Beauséant a quem abandonou para casar com uma Rochefide. Mesmo o parasma que levou curar a Paris para o envenenamento da Cousine Bette, Balzac o tornou simpático. Julguei ter encontrado explicação num dos memorialistas do tempo, que narra o seguinte episódio: Num recepção dada em sua casa pelo romancista travou-se uma discussão que quase se abateu em conflito. O escritor encarcara-se a ponto de tornar-se bruto. O constrangimento do minou os convidados. "Felizmente — acrescenta o memorialista — entrou na sala le chevalier Ferreira da Silva, genti-homem brasileiro que exercia grande influência sobre o romancista e que pôde acalmá-lo e restabelecer a cordialidade no ambiente." Pelas datas penso tratar-se do autor da *História da Fundação do Império Brasileiro*, estudante de Direito em Paris, onde se formou em 1838.



TRA VESSIA

HERMES LIMA

Em Salvador, a febre literária na década de 20 abrangia principalmente dois grupos, o do Café Guarany e o do Café das Meninas. Questionavam-se livros e idéias, episódios e acontecimentos nesse prosar sem compromisso em que se enversem verve e talento. No horizonte provinciano, as perspectivas de trabalho intelectual reuniam-se ao jornalismo e professorado e, quanto a possibilidades editoriais, mínimas ou nenhuma. Editar livro era façanha pessoal e rara. Arthur de Sáles, grande e nobre voz da poesia, tangia, distante, a lira parnasiana. Ninguém mais discreto, mais avesso a qualquer exterioridade de aparato, recorda Herman Lima em *Poesia do Tempo*, do que esse moreno bronzeado, espiado e coado, homem do povo e de singular nobreza de porte, bonita cabeça em que a densa cabeleira encanecida adocava os traços da fisiologia reveladora de forte vida interior. Professor de vago Aprendizado Agrícola, localizado em velho convento da Vila de São Francisco, encantador recatado do Recôncavo, propício à meditação e também aos vagares do corpo, aí residia, aí traduziu Maebeth, aí escreveu o principal publicado de sua obra, num volume de Poesias. Entre as coisas que produziu, figura o soneto "Ocaso no Mar", de extraordinária plasticidade descritiva, que, por não se encontrar no único livro que publicou, aqui transcrevo:

O céu a vaivá azul de uma senhora senhora
e que outra vaivá e a mar surtida de senhora.
No ponto de junção, a sel — Molhado em chamas
Do inco opalha ao ar a incofada senhora.

Letadas de interior azul, raras de cor vermelha,
Cinzeas manchas de céu e senhora a senhora.
Da luz todos os tons, da cor todos os tons.
Vitrana na vaivá azul que a vaivá verde senhora.

Mas todo que dá que empare e se apaga
Tudo: o céu de sel azul de vaivá azul.
Porque que senhora invade a sua senhora enorme,
E a senhora. Como um pulso, molhada, se eleva,
Desenrola os seus mil tentáculos de vaivá...
E o sel, voador-crescer, fecha as vaivás. Li dorme.

Rafael Barbosa, Hermano Santana, Paulo de Aguiar, Acácio França, José e Joaquim Faria Góes, Jerônimo Sodré Viana, enorme talento lírico e caricatural, e Jayme Junqueira Ayres, cuja fina prosa costuma mergulhar no mais fundo da alma baiana. Não posso esquecer Roberto Corrêa, cujo estro variando do lírico ao condoreiro lhe permitiu perpetrar todo ano, durante três décadas, uma "Ode ao 3 de Julho". No Café das Meninas, "bem junto ao Largo do Palácio, contemporâneos, porém mais moços e dissidentes pelo radicalismo literário e estético, reuniam-se os da Academia dos Rebeldes, liderados por Jorge Amado, preparando-se para os primeiros passos de sua fatidosa carreira de romancista, em companhia de Figueiro da Costa, Edson Carneiro e Das da Costa. Nas artes plásticas, reinava Presciliano Silva, cujo pincel capto a poesia e o silêncio dos interiores das igrejas e conventos (ele era surdo), retratista extraordinário e, ainda, seu maior discípulo, Mendonça Filho.

Três revistas — *Arco e Fleza*, *Jornal de Arte e Revista da Bahia* — embora de vida efêmera, atestam a atividade literária a desse período em Salvador. Observo-me Eugênio Gomes que a Bahia ficou fora da geografia literária do Modernismo. Nem tanto. Em seu *Tradicionalismo Dinâmico* e nos rodapés de *A Tarde*, sob o título geral de "Homens e Obras", Chacchô chefiou uma posição, que não sendo contrária às novas correntes, pedia para uma convergência do novo com o velho, acentuada assim a feição peculiar à perspectiva baiana do Modernismo cujos representantes não quer am diuz a imagem da gente e da terra na onda avassalante dos deuses literários da Paulicéia. Em 1929, Chacchô publicou *Modernistas e Ultramodernistas*, e a partir desse pequeno sugestivo livro, o teor de seu labor crítico tomou em mostrar que às "escolas dependentes" convinha atentar na busca da indispensável unificação entre modernismo e tradicionalismo que identificaria em tradicionalismo dinâmico na fisionomia do pensamento sul-americano e "que não podia deixar também de ser o nosso", pois consistiria "na aplicação intensa do espírito criador à renovação das fontes válidas das temas nacionalistas". Desprezo da tradição? Sim, mas da "tradição improdutiva pura a qual a nossa sensibilidade contemporânea não tem mais frêmitos criadores possíveis". Ao movimento partido de São Paulo reagiu o meu literário baiano à sua maneira, numa área cultural densa de história, de tradições, de mistagem, de afro-brasilismo. Capta a literatura baiana, da pequena à grande, nesse mundo regional tão plástico, na sua gente, mistura tão antiga e tão aumentada de índio, negro e português, temas e sugestões que a arte de seus maiores intérpretes — Xavier Marques, Afrânio Peixoto, Domingos Olímpio, Hermano Lima, Herbert Sales, Wilson Lima, Jorge Amado, Adonias Filho — incorpora à universalidade da vida brasileira. Não é questão de atrazo, é questão de diferença, de caráter, de personalidade.

Por baixo da crosta legal, fervia a política reivindicadora de melhores padrões e de maior autenticidade na vida representativa. A Coluna Frestas cruzava o interior, sua presença no sertão foi uma estrada longa e, por aí a fora, em regiões politicamente adormecidas, ela estimulou populações atarantadas pelo ruído daquele atropelo Coluna. Forte de Capacabana, ocupação de São Paulo constituíram sinais de uma história que se estava gerando. A cúpula de São Paulo pelo general Isidoro Dias Lopes engrossara a torrente protestativa e Impugnadora do sistema. De imediato, obrigas a devir para a Bahia a visita do Príncipe Humberto, herdeiro do trono da Itália, que viajava no encouroado Bonaparte. Acompanhe-o em passeios diurnos e noturnos pela cidade. Houve aparatosa recepção oficial. Em companhia do governador, aguardando ao pé da escadaria nobre do Palácio da Aclamação a presença do Ministro do Exterior, Pálix Pacheco. Ele desceu de seus aposentos envergando o fardão da Academia Brasileira de Letras, que achei espetaculoso e via pela primeira vez.

Era em 25. No ano seguinte, decidi tentar em São Paulo o concurso para a vaga de Direção Constitucional, aberta pela morte de Hercúano de Freitas.

JORNAL DE CULTURA

Suplemento mensal do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, circular no primeiro domingo do mês, com a participação da Fundação Cultural do Estado. Endereço: Rua Carlos Gomes, 67 — Salvador-Bahia. Telefones: 3-2922 — 3-2945 e 3-2947.

Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas à comissão editorial, a qual reserva o direito de vetar a publicação.

Editor
Gid Seixas Fraga Filho

Coordenador:
Carlos Cunha

CARLOS FALK:

OFÍCIO DE CANCIONEIRO

NOTURNO

2/Anastácio OLIVEIRA

Os lampiões duploam
minha sombra
na solidão sem término
das calçadas.

Perambulantes vagam
os mesmos ecos,
os mesmos sons sem côr
das madrugadas.

Meus pensamentos andam
desmedidos
nas solidões tristonhas
de meus nada.

É de meus olhos em
tristemente
lágrimas quentes,
duplas, irmãs.



AUTO-RETRATO

Estou em mim e comigo,
tenho o que tenho e não sou
além do vento de tarde
e sentir que se tardou.

Vou ao sabor do que sinto
e sentimento é razão,
mas o que não me comove
é amente o coração.

Tenho o resto conhecido
e por assim diferente
falo de mim sem ser eu
enquanto estou com a gente.

Mas ao sentir-me sozinho
volto ao que sou e que fui
enquanto a melancolia
calmamente se dilui.

SONETO

Os cavalos andavam na planície
e a planície era próxima do mar;
os relinchos dos bichos assustavam,
do vôo das galvoetas, e passar.

Os cavalos não tinham sentimentos
e sempre conquistaram os quatro ventos
No inverno, descobriram, de repente,
nas cabeças enormes, pensamentos:

Os cavalos pensaram mar e roças,
pensaram galvoetas amorosas
e muitos suicidaram-se no mar.

Mas hoje já perderam o entendimento;
correm mais livres, na planície, ao vento;
ignoram galvoetas e luar

CANÇÃO

Sinto o poema da hora,
a canção impresentida
que tem desejo de nada
e traz a face ferida.

Nada me perco sozinho,
não grito por meu irmão.
Já sinto remota a idéia
de eu ter tido coração.

E sigo no vento frágil
da manhã que me contém,
sem perguntar porque sigo
com desejo de ninguém.

FRAGMENTOS SOBRE A ARTE

Por CARLOS FALK

A Arte sempre elegez, para si mesma, uma linguagem que sendo específica, inclui-se no todo cultural por suas implicações estruturais com as outras formas de linguagem. Dizer, portanto, que a pintura é um modo de ver o mundo não é errado porque a escultura, a dança, o esporte e a técnica também o são. O que implica em erro — e em erro de muito má qualidade — é o fazer-se da interpretação dos fatos da cultura meros dogmas. Nunca se conseguiu que a Arte se visasse inteiramente uma ideologia e continuasse arte. O que se tem ouvido de vário na arte comprometida é sempre a combinação dos valores intrínsecos do artista e uma consequente visão do mundo através daqueles valores. O mal é comício e existe fora da Arte.

O que não posso admitir — e o não admito também a maioria das correntes de pensamento do Ocidente — é a colocação do problema da autonomia da Arte no todo cultural dos povos. A Arte para permanecer arte deve servir a si mesma, isto é, revelar vivências especiais por uma arquitetura original e digna de ficar como avanço do já realizado. A Arte não é uma abstração que visa fracionar o universo através de uma ótica própria e falsa. Isso é coisa de esteticista e a Arte nada pede ao plágio formal que sempre caracteriza os períodos de decadência. O problema deca de ser puramente ontológico para ficar no âmbito da Antropologia.

O homem age. Muda e é mudado enquanto vive. Seu trabalho pode ser dirigido para essa ou aquela direção, e visar os mais diversos fins. Já não se exige nenhum pragmatismo para a ação do homem, porque o próprio pragmatismo não engloba o que é vital em sua totalidade. Quero dizer que não se pode pedir ao artista que faça uma arte útil porque a utilidade da Arte é uma questão de interpretação.

Não sei se acerto quando afirmo ser o Teatro a Arte mais viva que existe. ("Vivo" aqui tem o sentido mais restrito que lhe dá a Biologia). O Teatro comunga a verdade da ação com a atitude crítica (e sempre mais ou menos pragmática) do espectador. Se deve ou não emocioná-lo, depende do ponto de vista estético do autor e escapa ao julgamento puro e simples. E verdade que o Teatro admite uma variedade de aspectos; tal variedade permite-lhe as mais variadas oportunidades de tratar a realidade dramática. E porém errôneo o sectarismo que elege uma determinada maneira de dramatizar e, com isso, procura afirmar a invalidez de todas as outras. O que se elogia em Brecht não é puramente a sua "maneira época" de dramaturgo. O que se elogia em Brecht é, antes de tudo, a grandeza de sua concepção. Se a mediocridade pode descalçar seus métodos, jamais poderá repetir-lhe a criação.

E isso afirma bem o que vem a ser a natureza mesma da Arte. O mundo moderno tem imposto ao homem uma atitude crítica das mais constantes da História. Isso não admira porque o número de reivindicações é tão grande que outra coisa não se pode fazer senão discordar do estatuto por já não corresponderem os seus princípios à realidade humana. Entretanto, tal não basta para que relemos ao esquecimento toda a Arte elaborada fora (ou antes) dessa onda reivindicativa. Se "A" está satisfeito com o mundo assim como está, "B" não tem direito de achar nisso erro algum. Mas sim mudar (ou tentar mudar) o mundo sem se importar com a "felicidade de "A".

Isso é mais um lembrete do que mesmo uma teoria.
Outono de 1962.

SONETO

PJ SANDRA

A pedra se anima sem tortura
no sonho decomposto em poeta.
Eu quero (sem limite) o que figura
na noite em madrugada do meu dia.

Eu quero transformar a criatura
em símbolo de coisa fugidia
que penha no silêncio uma futura
mensagem de ternura. Não sabia

então que, sabendo-te distante,
a luz de sal a lua e diamante
podia-se virar em desencanto.

Também não me lembrei dos outros mares
que servem, em cada onda, meus cantares,
que mesclam de penumbra sete teu canto.

POEMA

Que há em mim de noturno,
de amor pelas coisas tristes?
Amo as solidões vastas
e nas noites sou não durmo.

Abrço nas veigas praças
de monumentos parados;
amo os momentos passados
e os dias de tardes baixas.

Que há em mim de errado?
Gosto de gostar de mim.
Meu preferido jardim
tem estirps por todo lado.

Que há em mim diferente?
Gostaria de saber
se esse meu modo de ser
me põe diverso da gente...

O PROCEDIMENTO DE FICÇÃO

Carlos Falk

A ficção moderna começa com um livro publicado em 1749: "The History of Tom Jones", de Fielding. Livro de ficção e ao mesmo tempo, tratado de estética da prosa, da arte de narrar, graças aos capítulos iniciais de cada livro, onde o autor expõe suas idéias sobre a inventiva e o procedimento da ficção. A partir daí, a prosa encontra na prosa uma concorrente a considerar. E hoje é cabível admitir-se, numa visão horizontal, a supremacia da prosa de ficção no conjunto das literaturas. E, depois, grandes poetas foram também romancistas e contistas. Goethe, por exemplo, Victor Hugo não fugiu à tentação da prosa. Passando da paisagem para a alma, a ficção encontrou métodos de narrar e determinar para si mesma uma perspectiva das mais sólidas. Dostoiévski elevou a prosa russa a uma culminância jamais alcançada porque escreveu seus romances dentro de uma estilização do racional que se modifica com a existência. E assim para muitos outros, Thomas Mann ficção-se em sua literatura e não se encontra fora maior do que a sua até a data de seu falecimento. Joyce não é menos importante como prosador do que T. S. Eliot como poeta. E, se se faz uma revisão consciente do problema, verifica-se que "actualidade" de certos poetas está comprometida pela expressão mesmo de sua poesia, ao passo que, estabelecido os limites necessários para a interpretação de um fato social (o livro) encontra-se para a prosa maior capacidade de resistir ao tempo. E mesmo ao uso. Dizer que a prosa envelhece mais rapidamente que a poesia pode parecer apressado; e não faltariam exemplos contrários etc. Mas isso afirma que, por raras, os acidentes não se prestam como comprovação da vitalidade da poesia. E ainda não ocorre pensar que se poderia provar que o poema que se aproxima da prosa é o que mais perdura (como atual). E estaríamos a argumentar com exatidão, como fazem muitos. Revertida, regra geral, de aspectos racionais (conceito clássico, é claro), a prosa pode alcançar mais rapidamente uma mentalidade simples que não tenha muito tempo para entender algo; e, outra coisa, a ficção se compromete tradicionalmente com o imediato, examina com mais frequência o cotidiano, o efêmero, é mais rara de se aliar, de se prestar ao estetismo piegas. Claro que a prosa pode fazer tudo quanto a prosa faz e ir mais

longe. E de se admirar, porém, uma poesia participante enganada nos problemas do existir no dia comum e, ao mesmo tempo, poesia válida como instrumento lírico, ou épico. Malacovski é tão raro como Pablo Neruda. e no mundo moderno, mundo das máquinas automáticas, e pensantes até, qualquer concepção menos dinâmica leva para a arte e perigo da inocuidade.

Querem dizer que as circunstâncias que regem o tempo de agora exigem do trabalho humano (e o labor literário é um dos mais complexos) soluções precisas para a concepção e a consequente realização. Tais soluções, se corretas, atuam positivamente como veículo da participação do escritor na problemática da espécie. Fora disso, a ficção se repete. E se repete, ai num desses dois pedágios: faz doutrina por crença antecipada nos resultados; ou exprime o que já está estabelecido e é gratuito. A maior saída da prosa que se deturpa sobre a condição social do nicho homem é a fábula. Isto é: Kafka. Dizer que sem o autor de "O Castelo" não haveria uma inteira geração de escritores (poetas, ficcionistas, ensaístas) não é mais a saber. Admite-se que Kafka revelou para sempre o problema da fábulação do cotidiano com eficazes soluções de capítulo; como também apresentou modos desconhecidos de narrar e compor. Daí em diante já se entende Mark Twain, Faulkner, Albert Camus, Graciliano Ramos ou Dalton Trevisan. E, se entende também uma porção de não-convites de histórias como trópicos panfletários que vão de Kipling a Luis Caivo. Entretanto, os gêneros em prosa se contradizem sempre à medida que evoluem, dando margem a que toda uma crítica apressada encontre isso e aquilo para essa ou aquela página escrita por experimentação de nada contra nada.

O teatro cresceu tanto nos EE. UU. que ficou a exigir gêneros para o romance, o conto e a novela. E, se não apareceu nenhum escritor genial naquela literatura a "short story" americana alcançou tamanha posição que se pode equiparar ao melhor teatro. Sinclair Lewis, Fitzgerald e Saroyan escreveram contos importantes para a evolução do gênero. E, depois disso, a inventiva na estória curta passou de simplesmente experimentalista pra buscar equivalências de estilo já encontradas no

romance Edna Forber) e no teatro (Tennessee Willams, Eugene O'Neill). Lançando mão de certos truques de publicidade e distribuição, o conto rapidamente substituiu o romance publicado, nos capítulos, nas revistas. Para o teatro encontrou-se a solução das revistas especializadas e as edições comuns dos livros de bolso. Nunca se identificou maior movimento de renovação em uma literatura como o que tem acontecido nos Estados Unidos nestes últimos 20 anos.

Entretanto, a ficção tem encontrado, com certa assiduidade, uma verdadeira multidão de equívocos que a usam indelicadamente para expressar (se é possível) se falar em "expressão" neste caso) idéias evidentemente aliterárias. Patentando um grande índice de desvio, sociológico e político esquecem que a prosa de ficção é uma forma de arte com leis e fins próprios. E que, portanto, não se presta às inversões e frustrações, de, às vezes, bons ensaístas comprometidos pela alienação de específico da arte de narrar.

Qualquer idéia posta num conto ou numa peça de teatro estará servindo, principalmente, ao organismo literário de que faz parte; suas outras funções derivarão do modo como foi usado o elemento extraliterário: se corretamente, haverá interpretação de suas partes e decorrente propriedade instrumental da expressão, isto é: estabelecido um estilo. Se acontece o contrário, quer dizer, se há supremacia de elementos extraordinários o resultado é igualmente considerado extra-literário. Sartre é um bom exemplo de que a literatura participante pode conduzir a inventiva a bons e maus resultados. Camus, entretanto, muito mais escritor do que Sartre, jamais deixou-se prejudicar pela diretiva filosófica de sua ficção. Entre nós, o aproveitamento indecível do elemento social (política interna) reduziu num livro frágil e anamorfo de um escritor de talento: "Montanha", de Viro dos Anjos.

Excessões existem. Joyce, John dos Passos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa, até agora, interessam mais à Estilística do que mesmo à História da Literatura. Isso porque marcam com suas obras novas e difíceis caminhos para a prosa e escapam a uma conceitualização regular do gênero. Representam um trabalho que pode ser "adida-

do" pela estética interessada na expressão literária de uma geração inteira, pois a filosofia da literatura não vive de acidentes. E o brilho desses escritores (há naturalmente muitos mais casos a se estudar) é ainda uma aurora a se clarificar pouco a pouco, cronologicamente.

Podendo recorrer a um sem número de recursos tradicionalmente considerados como próprios da poesia, a prosa enriquece-se de potencialidades dignas de emprego. E, porém, correta a visão armada de segurança que exige a propriedade de emprego de qualquer recurso, à medida, por exemplo, quase azula a ficção de José Lima de Figue. Houve nesse escritor um apego demasiado à reminiscência e lhe faltou a necessária transmutação ao literário daquele elemento. Tal não aconteceu com Prosa. O autor de "Em Busca do Tempo Perdido" conseguiu estilizar com ficção elementos estranhos a ela; houve como que uma tradução de expressões diversas em uma bem acabada maneira de narrar. Nada mais. O que não acontece com Roger Martin du Gard, por exemplo. Outro caso a se considerar na ficção é a capacidade de se estabelecer um ambiente próprio mediante certas constantes de estilo para ocultar a fragilidade da concepção. É o caso de Somerset Maugham. Sua fuga para o exótico já anuncia a estúpida maneira de entrever o real da situação. E como não se estabelece a ambientação do mítico, tudo redunha em diversão. Repare-se na diferença que se estabelece entre o estetismo gratuito de um Oscar Wilde e a inventiva recorrente de Flaubert. Entre Maupassant e Marinée há sempre a criação do primeiro e a habilidade do segundo. Sem poder lançar mão da eficácia da imagética ornamental da poesia, a ficção é uma constante exigência de segurança e exatidão.

De certa forma, cremos ter abordado, muito ligeiramente embora, o problema da ficção enquanto arte autônoma. E isso não é raro nem mesmo entre nós que já temos em Dalton Trevisan ("Novelas Nadas Explorares" e "Lamentações de Curitiba") um escritor em reconhecida posse da expressão exata que prosa e de uma obra em execução que mostra definitivamente o rápido ao hibridismo e afirma, para o futuro, um passo à frente da nossa literatura.

O COMODORO PETER

Conto de Carlos Falk

No bar ninguém falava. Tudo era frio e silencioso. E para se ver as caras das pessoas era preciso fazer a pura estupeção. Cid fumava seu enorme cachimbo de Marfim e o fumo era contrabandeadado pela Berenice Maria das Neves. Quando Berenice entrou, com a miúda do pick-up e o barulho das copas, também não houve quem a visse. Mas o Comodoro Peter estava lá para pressentir a presença da mulher. Ou pelo menos para justificar que todo mundo pensasse isso. De uma cerveja a outra, sem parar, todos ganhavam sono e os mais fiavelavam sem conversa que aquela gente não tinha cabeça para dizer coisas. A maioria era de marinheiros dos barcos de pesca e em terra lembrava o albatroz do poeta francês. Mas outros, os mais loiros, eram dali mesmo e ainda não trabalhavam a bordo. E, se não diziam nada, era porque queriam aprender tudo da maneira menos trabalhosa: escutando. E como ninguém falava nada se aprendia. A bebida era pedida por copos para o barbeiro que cobria os dedos como os próprios dedos. Mas Berenice estalava como uma flor e nem a fumaça dos cachimbos e o cheiro do homem podiam impedir que seu perfume fosse sentido pelos interessados em aromas. O difícil era enxergar os olhos das pessoas e ela não via o Comodoro Peter, sentado na mesa do canto sul, parecendo um rei. O velho pensava naturalmente na Índia ou no Ocidente. Essas imagens se tinham sido substituídas por dia e isso era uma espécie de ilusão. O homem ali da mesa à esquerda já tinha visto maracá em cima de elefantes cobertos de pedras preciosas. Entraram alguns maruets do Marton e a fumaça aumentou. O Comodoro chamou o barbeiro e retirou-se. Berenice seguiu a sombra do velho marinheiro até a porta e logo deixou de pensar nele. Se pensasse, ficaria triste. Só. Não adiantava. To-



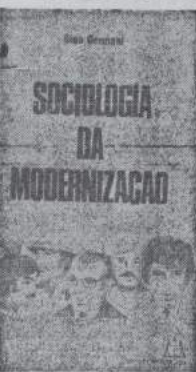
dos pensavam que o Comodoro se ia ao bar porque Berenice trabalhava lá. Isso nunca ficou provado. Porque tudo concorre para que o Comodoro Peter e Berenice jamais se falassem: o inverno, o bar, os marinheiros sem palavras, a bebida, os copos, as copas... E ainda há fora o mesmo cantar do mar, os mesmos navios, gaiócos, pessoas. Ninguém, por mais lírico que fosse, poderia ter tempo para amar numa vida assim. Berenice pensava porque ainda era jovem. Os homens são velhos só pensavam em jogar xadrez e fumar. Viam os filhos crescerem e fatalmente caíam no mar. De pescadores, só saíam peacodores. Palangem e personagens limitados enquanto o tempo corria. Diferente era o Comodoro Peter. Aos sábados, jogava com o Capitão Serra e o dois pilotos do Antar. E até dobrões espanhóis de ouro apareciam na mesa. Além disso, o Comodoro Peter era o mais viajado, experiente, culto. Sabia todas as línguas do mundo e tinha visto coisas de estarrecer. Mas ele nunca contou nada disso. Os outros é que subiam as coisas e passavam adiante, nas rodas de jogo. O Comodoro só fumava fumo da mesma marca Stevenson. Berenice esperava que por fim o Comodoro casasse com ela. Ele era tímido com as mulheres, porém. O inverno corria e com o outono poderia ser tudo diferente. Parando, seria de bom acaso que o marinheiro não procurassem perturbar aquela espera. Berenice já decidiu ser do Comodoro Peter. E ninguém poderá fazê-la mudar de idéia. Daí a minha calma ao saber, por um marinheiro novo de Antar, que havia aparecido uma mans elementar lá no bar a houatira brigas. Briga com o Comodoro Peter. Um deles tentara abraçar Berenice e o velho lobo do oceano te, a de atirar para o ar como advertência. E depois retirou-se com calma para seu navio. Berenice está feliz.

ORELHA DE LIVRO



Em O Passaro de Cinco Asas Dalton Trevisan retrata a sua obsessiva temática, os seus personagens são maquiagem feita de frustrações, ressentimentos, sonhos baldados e desfeitas ilusões. No livro aparecem de novo, maridos traídos, esposas enganadoras, moças solteiras, vizinhos terríveis da mesquinhez e egoísmo — gente que tem por vício sua literatura contante e dolorida. Ressurgem também suas mulheres fatais ou fatalizadas. Mas muitas delas vêm, agora, adaptadas à época, à nova paisagem urbana, calcando botinhas pretas, exibindo perucas loiras e umbigos excitantes, em torno dos quais "mais se aprende do que em todos os provérbios de Salomão".

A Sociologia da Cultura vem a ser a extensão da Sociologia do Conhecimento, disciplina fundada por Karl Mannheim que se aplica a compreender os instanciados mecanismos entre pensamento e situação social. O estudo da gênese social da epistemologia procura a dimensão social dos processos mentais sem todavia pretender que a totalidade da experiência humana se esgote nas categorias sociológicas. Já a Sociologia da Cultura visa abarcar não apenas o pensamento discursivo como também a gama inteira da expressão simbólica, incluindo a arte e a religião.



GINO GERMANI, um dos mais conceituados sociólogos da atualidade, autor de obras notáveis, entre elas *Política e Sociedade numa Época de Transição*, recentemente traduzida por esta Editora, apresenta neste novo trabalho um estudo da modernização concebida como um processo global, no qual é necessário distinguir uma série de processos componentes. A peculiaridade da transição de cada país resulta, em grande parte, do fato de que a sequência assim como a velocidade em que ocorrem tais processos componentes variam consideravelmente, em razão das circunstâncias históricas e políticas diferentes, tanto no nível nacional, quanto no internacional.

O termo percepção visual é amplo. Abarca funções psicológicas menos e mais complexas. Com o presente título, M. D. Vernon, reconhecida autoridade em Psicologia investiga e estuda juntamente os processos perceptivos mais complexos que passam pela experiência e dependem assim, em diferentes graus, da aprendizagem, memória, atenção, linguagem e raciocínio. Enquanto os processos mais simples, pela facilidade de controle e experimentação, têm sido objeto de cuidadosas análises, constituem os outros uma área ainda pouco explorada.



PEQUENO-DENSO ESTUDO HISTÓRICO

Germano Machado



Uma frase que "A primeira Constituição brasileira, promulgada em 1824, instituiu no Brasil a liberdade religiosa. Daí por diante gozou-se no país, de uma liberdade de consciência permanente. Alguns dos marcos, então, relacionam-se ao período. Outros, foram alcançados pela legislação...". Estado e processo revela a liberdade a maneira brasileira, que, no futuro, é universal, que da Independência aos dias de hoje e, esperamos, para sempre, constitui, a liberdade de consciência. Mas, esperemos também, para todos. Para milhões, milhões, milhões, e porque de consciência, para além e além, milhares de quem podemos distinguir, mostra-lhe o lugar e o direito de liberdade de consciência. Para todos nós também.

O que negarmos a todos seria a intolerância da negar a liberdade de consciência, ou o sentido aprender, no entanto, da consciência nacional brasileira, que é consciência da liberdade universal, conforme vimos de Aquino, Vitoria (espanhol), toda a corrente histórica do Direito Canônico, mesmo nos dias de Santa Inquisição... (Veja-se que dizingo "universal" de "internacional" e até "universal", mas dáta muito que tratar. O comunismo como ideologia de prática é internacional; o comunismo, como ação política prática, até como concepção ideológica, é sempre universal. Universal integra as partes no todo, com ênfase; não, internacional, conceito por ser "nada" e termina "nada"... Parecem, é claro).

5 — Sobre a proposta e disse, frase, Jaime Sapelli em "reforma no sistema" e "abolição pela extinção". O livro foi citado, mas deve ser referido. Com respeito a uma e outra. Deveria-se repetir aquilo de Jesus: "Não julgueis para não serdes julgados, porque, com a mesma medida com que julgardes, sereis julgados". Sapelli, o segundo, no seu escrito de viéses — o sistema e traço de maquiagem cultural e pessoal — é demoroso.

6 — No início de seu livro, pequeno e densa, frase de sobre, que, como objetivo de inteligência, aliça, plantar, Sapelli trata de "crisologia", ou "crisologia", e suas doutrinas... Felicidade, diz, "indica proporcionalmente o bem, aquilo que como tal se declara, voluntária e involuntariamente e o resto (crisologia) e sua doutrina) revela, não "uma tragédia humana brasileira". Claro que se elabora História e sua análise como interpretação, não tememos de lembrar por atividade de tipo de direito, mas como humana e como interioridade histórica, não as facetas intertemporais.

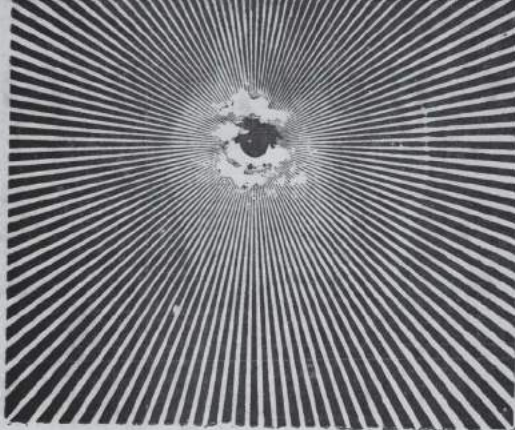
6 — A Inquisição não tem justificativa no presente, hoje. Quanto ao passado é ineficaz — mas totalmente, há muito a analisar. O que a Inquisição fez contra os judeus — e contra os cristãos e até cristãos e contra Jesus de Nazaré, Santa Joana D'Arc... — não era parte do Método da Inquisição, de que falava a viéses, mas sim, em sendo concebido — não semelhante, mas semelhante — Paulo de Tarso da Cilícia — São Paulo? O diálogo de vocês parte da política, que não é monólogo e nem deve ser impoável, mas, contudo, forte e apertado, mas sincero. O Método da Inquisição, como a Inquisição, não está, claramente, nos campos de concentração e de trabalho forçado e anulação; no anticomunismo socialista, igual ao czarista, na espelhação análoga dos regimes, das finanças das estruturas políticas e econômicas de uma e outra; na propensão das superpopulações; no restrito, isolado, de leges ou quantidades de terra. Espiritualmente, como a doutrina e Santa Padre Pio XI, mesmo assim, quer-se conhecer, também, o uso de luz e o uso de uma palavra, o abrir o Abílio Testamento, II e Novo. A linguagem de Jesus contra os "doutores", "fariseus", "saduceus", "herodianos" é de uma violência contida, sobretudo, no fim de quem a si mesmo chama de "homem e humildade de coração". Há uma linguagem histórica passiva e um parte de violência contida por convulsão. E as Inquisições (inquisição) de cristão, judeus e outros — aliados ao logo do destruição do livro e do domínio do mundo? Fica silêncio...

7 — A pesquisa jurídica no Brasil, desde Sérgio, nos dias de Independência, como intelectual e humanamente aprovada Jaime Sapelli, foi decisiva e marcante. Quando o sistema assim. Daí o valor desse pequeno-grande, aplicado, percebido e lido, as evidências mais do que as lidas. As coisas de Vazquez e Rocha Pombo, como a prática... O enfoque de Hipólito de Costa e Gonçalves Ledo é de uma inteligência a toda a prova, como apologia, mas, embora válido. Anunciadamente analisadas e corrigidas, o sistema de formação pessoal apenas no latifundismo florestal-coletivo-religioso, de que trata o livro II.

8 — Inocente a Revolução Praxeira — Mãe de Nacionalidades — que tem a Monarquia não seria hábito ou ocorrido se o sistema, dos a mão, a história como fato...)

8 — Inocente a Revolução Praxeira — Mãe de Nacionalidades — que tem a Monarquia não seria hábito ou ocorrido se o sistema, dos a mão, a história como fato...), nem se teriam tomado livres tantos países, nem surgiram 1815 e 1817 na Alemanha e Itália. O entrançamento jurídico, é evidente como pensamento. Dito, como forma de lida, relida, elida, arcaísmo iluminista e neo-romântico e sacralizado, ideologuarem, pensarem, construírem. Ainda poderiam indicar sobre tanta e importante coisa, mas, de um pequeno volume (relato) Macquarrie-Juliano — relação Macquarrie-anti-monarquia e apoio à Monarquia portuguesa, ou, depois ao Brasil, Dom Pedro I — a relação de apelo histórico inicial e trabalho circunsta, não apenas em por de República e contra, mas já ocorrer demais...)

Vamos finalizar por aqui. Parabenizo, muito de coração, ao senhor Jaime Sapelli, esperando que tenha vontade de escrever mais e mais sobre a história do Brasil, do Brasil, porque seu livro "A Contribuição Jurídica à Independência do Brasil" foi extremamente útil, mas sua inteligência extremamente, é tão poderosamente, que se há tempo e trilha, não que não perdoe o espírito sagrado que não é tamanho, mas estado cultural.



AS MATRONAS DO EAST SIDE

MICHAEL GOLD

Jamás poderá esquecer a rua de East Side, onde nasceu a minha infância. Era a rua de East Side, onde nasceu o meu pai. Era a rua de East Side, onde nasceu o meu pai. Era a rua de East Side, onde nasceu o meu pai.

Uma pequena cidade parvária. Debaixo das árvores, brincavam crianças desconhecidas. Gostas de lembrar-me de certos aspectos da vida em East Side, que estava a ser reconstruída após a guerra. Era uma pequena cidade parvária.

O modo de pensar era diferente. Não havia a mesma liberdade de expressão que tínhamos em East Side. Era uma pequena cidade parvária. O modo de pensar era diferente.

Depois disso, o East Side de Nova York era o mesmo que conhecemos hoje. Era uma pequena cidade parvária. Depois disso, o East Side de Nova York era o mesmo que conhecemos hoje.

As mulheres não tinham nada de novo em suas vidas. De quando em quando, divertiam-se um pouco com um pouco de teatro. Era uma pequena cidade parvária.

Em sua infância, não havia nada de novo em suas vidas. De quando em quando, divertiam-se um pouco com um pouco de teatro. Era uma pequena cidade parvária.

A primavera encostava-se. O céu azul brilhava sobre a minha infância. Era a rua de East Side, onde nasceu o meu pai. Era a rua de East Side, onde nasceu o meu pai.

Uma pequena cidade parvária. Debaixo das árvores, brincavam crianças desconhecidas. Gostas de lembrar-me de certos aspectos da vida em East Side, que estava a ser reconstruída após a guerra.

O modo de pensar era diferente. Não havia a mesma liberdade de expressão que tínhamos em East Side. Era uma pequena cidade parvária.

Depois disso, o East Side de Nova York era o mesmo que conhecemos hoje. Era uma pequena cidade parvária. Depois disso, o East Side de Nova York era o mesmo que conhecemos hoje.

As mulheres não tinham nada de novo em suas vidas. De quando em quando, divertiam-se um pouco com um pouco de teatro. Era uma pequena cidade parvária.

Em sua infância, não havia nada de novo em suas vidas. De quando em quando, divertiam-se um pouco com um pouco de teatro. Era uma pequena cidade parvária.

Uma pequena cidade parvária. Debaixo das árvores, brincavam crianças desconhecidas. Gostas de lembrar-me de certos aspectos da vida em East Side, que estava a ser reconstruída após a guerra.

O modo de pensar era diferente. Não havia a mesma liberdade de expressão que tínhamos em East Side. Era uma pequena cidade parvária.

Depois disso, o East Side de Nova York era o mesmo que conhecemos hoje. Era uma pequena cidade parvária. Depois disso, o East Side de Nova York era o mesmo que conhecemos hoje.

As mulheres não tinham nada de novo em suas vidas. De quando em quando, divertiam-se um pouco com um pouco de teatro. Era uma pequena cidade parvária.

Em sua infância, não havia nada de novo em suas vidas. De quando em quando, divertiam-se um pouco com um pouco de teatro. Era uma pequena cidade parvária.

Em sua infância, não havia nada de novo em suas vidas. De quando em quando, divertiam-se um pouco com um pouco de teatro. Era uma pequena cidade parvária.

Uma pequena cidade parvária. Debaixo das árvores, brincavam crianças desconhecidas. Gostas de lembrar-me de certos aspectos da vida em East Side, que estava a ser reconstruída após a guerra.

O modo de pensar era diferente. Não havia a mesma liberdade de expressão que tínhamos em East Side. Era uma pequena cidade parvária.

Depois disso, o East Side de Nova York era o mesmo que conhecemos hoje. Era uma pequena cidade parvária. Depois disso, o East Side de Nova York era o mesmo que conhecemos hoje.

As mulheres não tinham nada de novo em suas vidas. De quando em quando, divertiam-se um pouco com um pouco de teatro. Era uma pequena cidade parvária.

Em sua infância, não havia nada de novo em suas vidas. De quando em quando, divertiam-se um pouco com um pouco de teatro. Era uma pequena cidade parvária.

Em sua infância, não havia nada de novo em suas vidas. De quando em quando, divertiam-se um pouco com um pouco de teatro. Era uma pequena cidade parvária.

BREVE COMENTÁRIO AO ABC RE-OBTIDO

Rosa Virgínia Mattos e Silva

MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS em seu novo livro de poemas nos propõe — pelo menos assim o lio — uma re-captura e um re-conhecimento desse instrumento que nós, ocidentais alfabetizados, estamos quase que obrigados a visualizar, em geral sem o perceber, desde o momento em que o nosso grupo social atua por hem (e cada vez o acha mais cedo) — e indispensável — que ascendamos à categoria de indivíduos esclarecidos.

Este re-encounter com o ABC nos obriga a fugir ao seu quotidiano de representante secundário e permanente da comunicação verbal oral, e a passar à considerá-lo não apenas o sistema de escrita fonográfico que, vitorioso entre fenícios, gregos e romanos, veio de assalto e por rápidos caminhos a dominar toda a cultura ocidental, e cristã, espalhando-se como instrumento preponderante de tentativa de comunicação universal a outras culturas menos preocupadas com a representação do significado do signo linguístico, mas antes com o seu significado ou então com os contextos/ídolos, externos à língua, mas por essa reconstruídas.

Rompendo com a linearidade dos símbolos

R

Quem trouxe a guerra
também e frutos?
quem devastou as matas
e inseriu em rastro
e a ciência?

Pobre homem
que te julgas
entre os seres o mais alto
a razão fustigando
o triste corpo

Aprender com o réptil
arrastando-se no chão
que desconheces
corpo flagelado
flagelando a terra
abrindo nas suas esferas
líquida do som
recuo da língua em vibração
rubejando o papo
ruínas faminta
de mais planetas
sem guerras mortais
sem sequestro de estrelas
sem porta erecto

Mas tu, esmerado rei?
em ângulo reto
em rua, réu
ousas cantar em rr:
revolução. Mas que?

O que esperas da tua
razão de ouro
que o erro medra
resolando em lutas
teus assombros
resonando meio
a teus escumbros?

É o que fazer do conto
face a tanta guerra?

— Usá-la como arma
re-óbter a terra
embora haja homens
rotulando de quimera
tudo o que se faz
sem granada ou sem moeda

gráficos que, na cadeia do tempo, correspondem, nem sempre com simetria, aos fatos emulados vocalmente, o poeta nos torna consciente do caráter, também mitográfico do nosso sistema de escrita, i.e., por mais corriqueiro se convencionou ser de natureza fonográfica. E assim que explora suas várias leituras possíveis a depender, é claro, dos sistemas semiológicos em que tais símbolos estejam interrelacionados como elementos de significação: é assim que nos leva do corriqueiro uso do a "vozal central/de qualquer constelação/estrela capital" do d "onde a d'or se muda em dança/língua em ápice/sem temer surdez/so: ridade captada" ou do l "surdo rumor/plenamente ataca" aos eruditos caminhos da primitiva transcrição musical ou ao complexo, embora simples para o iniciado, sistema de símbolos dos elementos químicos. Não fugindo ao sortilégio, que envolve mais aos poetas que a nós mortais comuns, da magia do som e da forma — a letra E tem dentes/tridente de algum str./talvez racional/a fustigar a vida", nos conduz e nos dirige em associações imaginosas, mas convincentes, sempre belas, ao mundo quotidiano evocado por aqueles sinais mágicos, as letras e os



TRECHO FINAL DA PARTITURA DE A ARTE DA FUGA DE JOHANN SEBASTIAN BACH, AO QUAL A ESCRITORA SE REFERE NO POEMA B DO SEU LIVRO.

MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS
JÁ LAUREADA COM O PRÊMIO ESTADUAL
DE POESIA "ARTUR DE SALLES"

(CHÃO CIRCULAR. 1969), E DAS VOZES MAIS CLARAS
E NITIDAS DA NOSSA LÍRICA CONTEMPORÂNEA
ESTE ABC RE-OBTIDO É UM PASSO ALEM NA SUA CRIATIVIDADE
V
POÉTICA. EXPERIÊNCIA ARTISTICAMENTE VÁLIDA
DE VALORES SEMÂNTICOS E SEMIOLÓGICOS
DOS EXTRATOS MAIS
PROFUNDOS DO IDIOMA REDUZIDO
AOS SIGNOS LINGÜÍSTICOS QUE O POETA
RE-OBTÉM NA DESCOBERTA DE SUAS POTENCIALIDADES
EXPRESSIVAS. POESIA TRABALHADA,
FUNDAMENTALMENTE ERUDITA,
FOGE A FACILIDADE TANTO QUANTO AO
ESOTERISMO VERBAL.

Hélio Simões

Z

Em matemática incógnita:
o que fazer com ela?

Morando sobre a onda
ajuchada jazas

Nada sei de ti
contigo pouco fazem

vestimta e alfabeto
ignorando o signo

sem mesmo saber
como e por que
grafar o nosso nome
a arbitrária marca
no poco estilizado
dos conceitos

e acobésemos
nada saberíamos
do homem que os fabrica

Porisso imaginei amar-te
ZALIMAR

O que é Zalimar?
ninguém me disse
nem eu lhes sei contar

Zalimar, marília
não é costume
em listas habituais

para nós que acreditamos
é sonho é sol é mar
amado amado luz
ou rima ou lima ou ar
lar ou lama alma ou mira
mara e riso rama e lar

e tudo o que se queira
além de qualquer som
ou sinal já costumeiro

Para que a vida não se perca
para que o sonho não se esgote
para que as letras não se somem
a sortes já lançadas

E cada dia, abríndo o pano
em ópio tecido
repto para mim ou para vida:
Zalimar, Zalimar, Zalimar,
ou qualquer coisa a mais
que nunca ouvi falar.



jornal de cultura.

suplemento literário do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês
cidade da bahia, 5 de janeiro de 1975, número 20 - ano 3

A OBRA DA MATURIDADE DO POETA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, QUE GANHOU UM CUNHO MEMORIALÍSTICO NOS VOLUMES UM E DOIS DE "BOITEMPO" E EM "AS IMPUREZAS DO BRANCO" APRESENTA AS REFLEXÕES DO POETA, TEM SIDO AMPLAMENTE DISCUTIDA E SUSCITADOS POSIÇÕES POLEMICAS. LEIA, NA SEXTA PÁGINA, DE JOAQUIM FRANCISCO COELHO, "UMA NOTICIA DE MENINO ANTIGO", ONDE É ANALISADO O PROCEDIMENTO QUE VISA CONFERIR AO MUNICIPAL UMA POSSIVEL ALEGORIA DO ECUMENICO.



2

O ARTICULISTA JOÃO ALVES DAS NEVES, NUMA MATERIA EM QUE FAZ UM BALANÇO DA PRESENÇA DO NATAL NAS OBRAS DE ESCRITORES BRASILEIROS E PORTUGUESES, FOCALIZA O ROMANCISTA JORGE AMADO (DENTRE OUTROS NOMES), QUE RECONSTRÓI OS PRESEPIOS DA BAHIA NO SEU "GABRIELA, CRAVO E CANELA". LEIA NA OITAVA PÁGINA.



CRÔNICA DE NATAL

Ruy Espinheiro Filho

No fundo, sou apenas um animal sentimental — o que bem se revela nas minhas herbas indisciplinadas, nos meus cochiques inclementes, nas minhas madrugadas flamejante. E é por isso que, neste Natal, abro novamente um pequeno volume de autoria de O. Henry para reler um conto ingênuo, simples e bom — O Presente dos Magos; e me comovo mais uma vez com a suave história de Mr. e Mrs. Lillingham Young — Jim e Della — que queriam se presentear reciprocamente. Em resumo, enquanto Della vende os seus belos cabelos castanhos para poder comprar uma corrente para o relógio do marido, este vende o seu relógio e adquire um rico estojo de pentes — de tartaruga legítima, oriado de pedrarias —, para os cabelos de sua mulher. Sim, este conto me comove. E não me venham dizer os fríos racionais que Jim e Della foram meramente vítimas do condicionamento imposto pela propaganda do comércio. O que vejo neles é outra coisa: é mais puro gesto de amor — a vontade de dar. Sou apenas um sentimental, repetido e não um estudioso de problemas sócio-económicos. Sei que há, agora, pessoas que se acotovam nas ruas, comprim-se nos coletivos, consultam os preços das mercadorias nas grandes lojas.

Retornarão, depois, carregadas de de embrulhos que irão parar em mãos amadas. E todos eles são do pior ao melhor, neste momento, tão maravilhosos quanto o casal Dellingham Young. Todos são os Magos. Não importa o que tenham feito durante o ano. Também eu, meu amor, procuro um presente para te dar. Mais pobre do que Jim nem mesmo dispondo de um relógio possa ser transformado num jogo de pentes para os seus longos cabelos escuros. E assim, humildemente, talvez eu te ofereça o passarinho perdido que entrou pela janela aberta, quando es tua menina; ou o doce ritmo da chuva em vidraças de dezembro; ou um longínquo apito de trem em noite escura; ou alguma tarde em que eu, longamente pensando na morte, vi a Cidade desaparecer consumida pelo incêndio do crepúsculo; ou o meu primeiro soluço de poesia; ou... E inutil continuar. Tudo em mim é dádiva, diante de ti. Oferto-me amplamente, em carne e espírito, sem deixar de lado o mais lábio instantâneo da minha existência. Fim de vida e de morte. caminho serenamente ao seu encontro, ingênuo ou terrível, este é o presente que tenho para te dar, meu amor, neste Natal — e sempre.

Prêmio Gabinete Português

O ensaio "O Esopo Negro, de Herodiano; inventário estrutural da novela", do poeta Cid Seixas Freaga Filho, foi escolhido como vencedor do "Prêmio Gabinete Português de Leitura". Trata-se de uma abordagem estruturalista da obra deste romântico português, na trilha dos estudos iniciados por Wislami Propp, na Rússia, e atualmente desenvolvidos, na Itália, por Umberto Eco e na França, por Todorov, Meta, Barthes, Grimas, Bremond e outros.

A Semiótica da Poesia da Conceição

A página cinco é consagrada a uma resenha sobre o livro "Abc re-obtido", de Maria da Conceição Paranhos, onde o articulista situa a autora como representante de uma vanguarda preocupada com a re-valorização do signo linguístico. A partir do concretismo brasileiro e citando poetas concretistas brasileiros, como Erthos Albino de Souza, o artigo discute um outro aspecto da vanguarda: aquele que subordina as semióticas à linguística, como caminho da reapreensão da palavra.

Contribuição judaica, de Sapornik

O estudo "A Contribuição Judaica à Independência do Brasil", de exepeta Jaime Sapornik, publicado pelas Edições Arpoador (na coleção Convergência), em três edições consecutivas, foi considerado pela crítica como responsável pela abertura de nova perspectiva de enfoque da formação da nacionalidade brasileira. O autor coloca o judeu como presença constante nos grandes momentos do novo povo, identificando, finalmente, brasileiros e judeus como uma só comunidade histórica.

AS APARIÇÕES DO DR. SALU

Carlos Cunha

"As aparições do Dr. Salu" não é uma pura transposição para um novo relevo místico de uma nova entidade messiânica, agora não mais na terra dos germanos, mas em outro território agreste e inculto: a Terra de Santa Luz. É uma rica, poderosa e agressiva denúncia contra a mistificação de uma geografia humana, que intimidada pela privação e encurta na pele anêmica do destino, e entrou na aviltação e o ópio e no desespero e aprovação, alimentando e nutrindo, com sua atormentada miséria e indigência, o seu demônio Dr. Salu.

O autor de "As aparições do Dr. Salu", sem nenhuma preocupação de "ensaiamento" — mas presunção romântica — mas consciente de não mais ser preciso imitar "Astolfo" saiu à luz para uma tomada de consciência do universo humano, nega-se a qualquer espécie de intencionalidade criativa, e na atmosfera mística dos seus personagens, e as almas das caras ossudas de remota em pérfido de miséria, não nos permitindo, porém, dividir em suas entrelinhas de esplendorosa densidade mística, qualquer relação entre o misticismo e o humanismo, não dando margem a uma possível paráfrase:



Capa e contracapa, em xilogravura, de Calceus Neto.

— o misticismo é e humanismo — ou — o místico antes de tudo é um forte — Guido Guerra assume uma posição que consiste em anular qualquer viabilidade de esperança concreta para o homem, que não seja virtualmente em seu terreno moral, psicológico e humano. Para tanto coloca a justiça acima da verdade, e a verdade invisível à maioria.

Romantista de uma linguagem repleta de um mundo que realmente nos surpreende, aproxima nos deuses do universo de sua criação literária, sem debilidade, ou vacilações, das mais nítidas situações da ambivalência existencial.

— realidade e ternura, esplendor e miséria, pureza e sarcasmo. No seu magnífico domínio artesanal, não permite que os frutos do humanismo possam continuar adormecidos, e os apanha e os estrema com uma latência humana e uma dignidade incomparável.

O romance "As aparições do dr. Salu", de Guido Guerra, cuja terceira edição está praticamente esgotada, foi o livro mais vendido na Bahia, e de autor baiano — com exceção de Jorge Amado — figurando também entre os best-sellers nacionais. Traduzido por Ivan Salyk, na Ucrânia, tem sua primeira edição no preço. (Trecho transcrito da publicação *Litros no Brasil*, nº 12).

JORNAL DE CULTURA

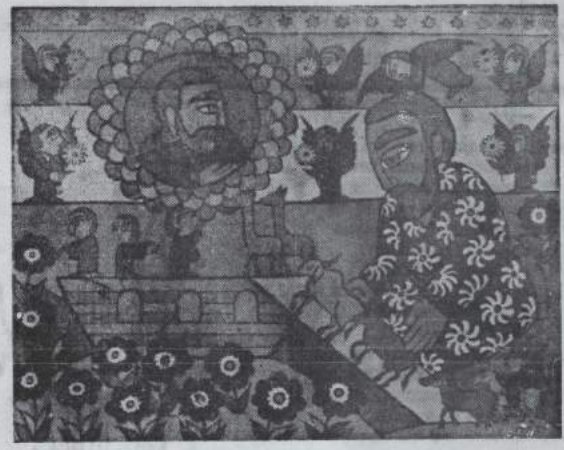
Suplemento literário do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rua Carlos Gomes, número 57. Telefones: 3-2522 e 3-2847. Salvador, Bahia.

Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas ao conselho editorial, que se reserva o direito de vetar a publicação.

Os trabalhos de xilogravura são realizados por Adail.

Editor
Cid Seixas Fraga Filho

Coordenador
Carlos Cunha



Oleo de Raimundo Oliveira

CARLOS CHIAACCHIO

Carvalho Filho

Não sabe nada de gestão de Carlos Chiaccio, mas a sua posição que se afirma de ponto de partida insubstituível em sua vida, integramente dedicada às letras, através de seu trabalho, em sua ilha, é irrevogavelmente importante, no quadro geral da literatura baiana, em linguagem profunda e clara de revisão artística da sua obra, e original mesmo nos diversos pontos da sua trajetória. Morde em julho de 1971, a imagem do homem que diz tal, que nunca se deixou, em defesa obstinada das legítimas fontes de criação de seu espírito, das realidades do quotidiano material, mesmo aquelas que, a cada passo, vêm fazendo aparecer-se para que não os homens se percam sua realidade, se há tempo que ele quis se próter. E está sendo muito próximo do seu destino, que suas experiências e das suas lutas, para que possa ser retida em sua análise, recriação de sentido, que o próprio inventar e testamento impregnado de hábito pessoal.

Não soube quanto passou, em sua história de imprensa, em sua criação, o espírito "Modernistas e Ultramodernistas", era ele, entre nós, o que se chama sua zona íntima, mergulho no trabalho de vida dedicada, em total comprometimento, a preocupação de criar intelectual, e um homem mais técnico do que amado, estas coisas. Muito de amor, mas não figura de artista puro, em realidades concretas, um homem físico e paralisado em sua vigília, no campo "A Nova Crônica", de expressão aliado em nossa língua, mas está todo seu trabalho e interesse do seu leitor, perdido com movimento literário do processo. Talvez o renovar de uma vida intelectual, dirigida, aproximando-se de uma realidade ao termo. Mas não era, porém, um homem que suas experiências estavam a respeito de três livros de política francesa, um que se apresentava como teoria de império de seu comprometimento do mundo de cultura. O primeiro ("A margem de um horizonte", — 1961), em defesa de um de seus projetos, "Tratado de literatura", o outro ("Os grupos", — 1962), representa uma revisão de pensamento sobre os novos caminhos de cultura. Os seguintes de análise, em verdade, como resultado de que por isso se esporos, não devam ser considerados a sua intenção.

"Modernistas e Ultramodernistas" é o peso inicial do livro, como se se trata, e a única preocupação, ao se escrever. A frente do trabalho humano "Modernistas e Ultra", mantido desde o começo de 1968, intertextualmente, em páginas de "A nova", de onde Chiaccio, e como autor, saiu de livros argumentativos para as tentativas de aproximação literária de província, que incluem, inconscientemente, de "Arco de Flores" e de "As das Letras e dos Artes", estão os seus primeiros textos por volta de 1968, e desde então, que caracterizam no Brasil as iniciativas de tal natureza.

Assa da sua criação, não decorre sobre as possibilidades do homem e do artista que foi Carlos Chiaccio. Assim sua vida, sempre, com: suas experiências em livro, o que, de modo natural, se apresenta, em livros, espalhado naturalmente em jornais e revistas do seu tempo, há deitado, e isto é possível, como reflexo de uma das mais autênticas vocações literárias com que contamos no nosso país. Os primeiros, são que atingiu a consciência de seu obra, poderia assim julgá-lo como sereno, informado da estrutura e tendo lá não a sua mensagem; sem dela, sem desejo, sem comprometimento pelo homem, da importância de pontos teóricos, também seu, de natureza intelectual, que tanto comprometera o livro, mesmo de qualquer escritor. Mas propõe à espécie artesanal, que não, por suas páginas, inconscientemente, veio a atingir, Lamentável é que a maioria dessas palavras não tenha sido de natureza da qual, além disso, de uma realidade e da realidade existencial, e artista. Ele não demonstra como muito justamente da verdade, o que no âmbito intelectual de Carlos Chiaccio se encontra um grande poeta, não está referido nas páginas de longo livro que publicou em vida, "Fidelidade" — 1968, e um grande produtor, sempre que explorou temas, além de não poder, não haver, porém, sempre esteve no momento de criar, com que se representa de valor, desde que, desde lá, não pelo forçar, porém de comunicação, e não julgou pelos aspectos negativos de sua obra, com se sempre proceder, como crítico literário, força e apatia, que, assim, assimilar a presença de todo verdadeiro artista, não mais de expressão seja o estágio da palavra escrita, é digno, por todos os graus, do respeito, que seja, que sua atividade literária para, através, como constantemente e realidade, coláptica do homem, e não como, importância de resto, de importância social, em realidade, porém, é uma das formas criativas de manifestação da angústia humana, essencial, essencial, pessoalmente, pela cultura, por que o homem, essencialmente de uma realidade temporal, e realizado pelos humores do mundo, se integrou na realidade do universo e procura viver no alto.



FICÇÃO POLICIAL - MORTE, RENOVAÇÃO OU RETORNO?

Paulo de Medeiros e Albuquerque

Ultimamente tem-se falado muito da "morte" ou da "desmoralização" do romance policial. Luis Martins, em sua coluna em O Estado de São Paulo, de 29 de junho de 1973, comentava esse fenômeno: "Há quem pense — com aparência de razão — que a ficção policial é um gênero morto, ou fadado a morrer, pela impossibilidade de se renovar, visto já ter dado tudo que tinha para dar". Hermilo Borba Filho, em entrevista concedida a O Globo, comentava: "Um amigo meu dizia: cuidado para não limitar a vida senão vão dizer que é mentira. A vida cotidiana hoje já contém todos os ingredientes de mistério e suspense. O dia-a-dia é que é fantástico. Daí a desmoralização da novela policial, dos romances de espionagem. Não é preciso ficção maior do que o homem. O homem é que é importante, e a aventura se passa dentro dele".

São duas opiniões respeitáveis, sobretudo porque ambos são amantes de histórias policiais. Luis Martins chegou a publicar duas antologias, uma de contos policiais outra de contos de suspense. Quanto a Hermilo é leitor constante do gênero como confessou em certo trecho de artigo seu publicado no Diário de Pernambuco de 26 de julho de 1974, ao tratar de um livro de nossa autoria: "Apesar do fantástico na vida real nos dias que correm, a novela policial, em seus vários gêneros, ainda empolga".

Mas pensará mesmo essa ameaça sobre a ficção policial? Terá ela se desgastado tanto através dos tempos que estará a beira da extinção? O silêncio da crítica literária chamada "séria" quanto ao aparecimento de obras do gênero não será um claro sintoma dessa morte ou desmoralização? Acreditamos que não.

Dois gênios literários foram os criadores da narrativa policial. Primeiro a involuntária aula de detenção dada por Zedige Voltaire, no capítulo referente ao desaparecimento do cavalo do Rei e da Cadeia da Rainha; a seguir, Edgar Allan Poe criando o gênero com três histórias magistrais, jóias literárias de todos os tempos.

Outro escritor de nomeada, Conan Doyle, autor de narrativas históricas cria o protótipo do detetive de ficção: Sherlock Holmes. E, pouco depois, um dos mais finos e intelectualizados escritores britânicos cria a figura de um detetive amador genial: o Padre Brown, criação de G. K. Chesterton. Alias Chesterton não ficou aí. Escreveu não só várias outras histórias policiais, como defendeu abertamente o gênero como expressão literária, em seu famoso trabalho A Defense of Detective Stories, publicada em 1901, onde ele não só afirmava a existência da ficção policial como era "a perfectly legitimate form of art", tendo voltado ao assunto várias vezes.

Dei em diante, o gênero que fora criado por Poe teve seguidor em Gaboriau com o seu M. Lecoq e se consolidaria com o personagem Sherlock Holmes, de Conan Doyle, e, sobretudo com o avulso literário que lhe dava Chesterton, progressiva e emancipou-se. Grandes nomes de escritores apenas policiais foram surgindo, tais como Freeman, Crofts, os franceses Leroux e Maurice Leblanc, Ellery Queen, Dickson Carr, Perry Mason e centenas de outros dos quais algumas dezenas de boa qualidade. Mas, como queria S. S. Van Dine, o policial tinha apenas uma tônica: um crime cometido e a novela se desenvolvia em torno da identidade e prisão do criminoso. Um jogo de esconde-esconde, um quebra-cabeça.

De 1841, quando do aparecimento das histórias de Allan Poe, a 1931, durante 90 anos portanto, foi no fundo a mesma coisa. Evidentemente os autores procuravam variações: detetives diferentes — e apareceram de todos os tipos, moços, velhos, homens, mulheres —, crimes cada vez mais complicados e até mesmo o contrário, onde os mesmos se desentrolavam, sofreu a forma de algo novo, diferente, surgindo histórias em ambientes exóticos. Mas sempre guardando a característica de que o mistério só seria desfeito ao fim do livro.



S. S. Van Dine, criador do detetive Philo Vance, chegou a elaborar as suas famosas e discutidas vinte regras para elaborar um bom policial. De tais regras, salvam-se poucas. Algumas são evidentemente com o intuito de criticar outros escritores e outras foram desobedecidas pelo próprio Van Dine.

É óbvio que, por maior que fosse a imaginação humana, chegaríamos a este ponto citado por Luis Martins: "pela impossibilidade de se renovar, visto já ter dado tudo o que tinha a dar", o gênero teria que optar por duas saídas: ou à falta de algo de novo, diluir-se, transformando-se numa subliteratura de banca de jornal, ou, o que parecia impossível, procurar um novo caminho, renovando-se para não cair naquilo

que Hermilo Borba Filho anunciava como a "desmoralização da novela policial".

Mas de que forma poderia a ficção policial renovar-se? Se as regras traçadas — não apenas as de Van Dine, mas todas as demais que faziam o gênero — estavam prestes a esgotar o campo de ação dos autores, parecia impossível a renovação.

Dei termos fixado o ano de 1901 como de capital importância não só para a história como para a própria sobrevivência da ficção policial. Nesse ano surgiu na França que já nos dera o primeiro romancista policial — Emile Gaboriau — que já nos dera o ladrão transformado em herói, o genial Arsène Lupin de Leblanc, que depois de uma tradição de bons autores e boas

obras entra num marasma, invadida e dominada pelos literatos ingleses e norte-americanos, na França surgiria em 1901 o primeiro romance de George Simenon da série Maigret.

Simenon, homem de mil pseudônimos que usara até então para ganhar a vida escrevendo romances de segunda ordem, cria um detetive que é uma espécie de anti-herói. E, sobretudo, conta histórias onde, mais importante do que a descoberta do criminoso, viria a ser o motivo que o levava ao crime. Maigret procura sempre colocar-se no lugar do criminoso, pensar como ele pensaria. E não raras vezes, chegando a um resultado positivo alcançando provas bastantes para condenar um suspeito, o herói — o anti-herói — de Simenon lanterna o rosto pois ele já conhecia tão bem aquele homem como se fora um velho amigo. E melhor do que ninguém, conhecia as razões algumas vezes profundas, que levaram a praticar o delito.

Era o abandono do quebra-cabeças, do jogo de esconde-esconde por algo mais sério. O mistério, base da história, continuava na maioria das vezes. Porém ao lado do frio método empregado até então pelos detetives, havia um lado humano. Havia enfim o homem, fosse ele o detetive, fosse o criminoso.

Começaram alguns a chamá-lo "romances psicológicos" esquecidos de que afinal de contas, todos ou quase todos os romances policiais desde os primeiros, poderiam ser classificados como psicológicos.

Outros escritores franceses, sem imitar Simenon nem seu detetive Maigret, seguiram chegando alguns a aprimorar tal gênero de romance em busca mais do homem e suas reações, do que da simples caça ao bandido. A dupla Bolléau-Narcejac — que além de ficcionistas são estudiosos do gênero policial — parece-nos das mais representativas desse novo tipo de romance, com trabalhos de grande valor como Celle Qui N'Est Plus (Les Diaboliques), Les Louves, D'Entre les Morts (Sueurs Froides), A Coeur Froid, Les Magiciens, Mafécos, etc.

Noel Calef, com seu genial *Ascenseur pour l'Échafaud*, ou Charles Exbrayat, são dois bons representantes desse tipo de romance. Exbrayat, além do mistério, além do estudo do homem, introduz na ficção policial uma nota humorística, não contendo necessariamente por todos os parâmetros das vinte regras de S. S. Van Dine.

Na Inglaterra, John Creasey — autor de uma produção fabulosa — com seu próprio nome como criador de Roger West, ou como J. J. Marry, criando Georges Glendon, ambos policiais nos mesmos moldes de Maigret, também se modifica. Em suas histórias muitas vezes vivemos ao mesmo tempo o trabalho do caçador — a polícia — e as reações da caça, o criminoso. O homem, a reação humana, passa a ser mais importante do que as alternativas da caçada.

Dessa forma vemos que a ficção policial não morreu nem se desmoralizou. Muito pelo contrário com esse novo enfoque onde o elemento humano é mais importante do que a encaenação ou mistério que envolve o crime, ela ganhou mais força, renascendo forte e vibrante e alcançando um público de melhor nível literário. Se, como acham alguns, a imaginação humana esgotara ou estava prestes a esgotar os, vamos dizer assim, truques, que faziam as delícias da primeira fase da ficção policial, encontra na pesquisa do homem e suas reações um campo muito maior, mais vasto, inesgotável mesmo. E quando consegue juntar a isso uma boa dose de mistério, estará realizando uma história policial da melhor qualidade.

Debruçando-se sobre o homem salvou-se a ficção policial do desaparecimento. Mas, afinal de contas, todo esse movimento não será apenas um retorno? Não foi exatamente a reação do homem frente a um século, nos contava em *Crime e Castigo*? *Raskolnikov* terá sido um protótipo do criminoso, como o foi Sherlock Holmes do detetive?

É o que veremos com o decorrer do tempo.



SONETO

Lúcio Emanuel Silva

dissem que é reventar-se de viúdo,
sido que morte sócio obriga,
no alívio da cal, dormiu; cobiçado
os mortos nos supriam, minha amiga

os mortos são vivos? há quem diga
que uns e outros confundam-se no tempo;
quando vivos, deslizam pelas vigas,
quando mortos, revolvem pelas vigas

ou fazem versos no mais livre som,
batendo trapalheiras pelo muro,
à moda de bandeira, ou de drummond

e ao contrário de antiga quadratura,
reviver: lentamente r um loureiro
voto de mágoa e dor, bolero e tango

COLHEITA

J. Carlos Sant'anna

A emendadura do ventre da terra
essência do homem máquina, bordam
somenta, solhida, plantada na terra
entre pedras crescentes raízes embolam?

O degrado alente da pedra do corte
raízes por sobre cabeças de insetos
em meio de relva; crivando-os ao norte
então vitoria, balançando o mérito

do ventre da terra inculta e severa
que faz do sangue secundado na veia
a crença de um grito que o povo espera

do ventre da terra emergente clara
a terra: esperança que se faça reia
lançando a manhã de uma nova mata.

HISTÓRIA DE NATAL

Fernando Diniz

Fôra o Natal... E de milênios passas
A vitraça, e nos olhos mágoa infinda,
Cismava uma criança: "Das encostas,
Papal Noel talvez surgisse ainda!..."

E cando a estrada, a adivinhar-lhe a vida,
Sóbito o vé surgir — faldas transportas
Do morto —, quasi sonhara em noite linda
De barbas, de bordão, bernal às costas...

Era eis, enfim! A mágoa lhe era morta...
E mal acreditando no que ouvia,
Corre-o batendo com o bordão à porta...

Corre a abra-la... e eis que sacoma, aos olhos seus,
Um anelão, a setender-lhe a mão vazia:
— "De-me uma estrofa, pelo amor de Deus!..."



CLÁSSICOS DA PINTURA NA GALERIA CIVILIZAÇÃO

A. J. Netto

clausivo programado uma partida de futebol entre escritores e funcionários da Civilização. O time dos escritores contará com os craques Jorge Amado, Florisvaldo Mattos, Fernando da Rocha Perez, Humberto Fialho Guedes, Idário Tavares, Antônio Brasileiro, James Amado, João Ubaldo Ribeiro, Guido Guerra, Carlos Cunha, Garboggini Quaglia e Sid Seixas.

LANÇAMENTO

Outro atrativo da Civilização é o seu pequeno serviço de bar, para atender aos leitores, durante os seus lançamentos, incluindo a "batida dos sibados", que será uma réplica batana do chá das cinco da Academia. Esta programação será aberta com o lançamento do livro de Roberto Costa, "Traçado Geral das Batidas", com ilustrações de Jaguar que também estará presente.

Uma reclamação dos intelectuais baianos que foi atendida é a criação de um departamento inteiramente dedicado à literatura, com atualizando material de linguística, filologia e estética. O próximo passo, com a inauguração do terceiro pavimento da livraria, será o salão de livros baianos, onde os estudantes, pesquisadores ou mesmo turistas poderão encontrar a bibliografia dos escritores da terra.

Transformando a Livraria Civilização da Avenida Sete de Setembro numa espécie de centro de atividades culturais, Dmerval conseguiu — segundo declarou ao JORNAL DE CULTURA — deslocar os frequentadores das suas outras livrarias, situadas em pontos já tradicionais da Bahia, para a Avenida, que, segundo ele, muito em breve, será o principal ponto do comércio livreiro.

O pensamento do grupo é reviver em Salvador, o tipo de comunidade literária e artística que foi marco de décadas passadas, no Rio, com a famosa Livraria Cotembo.



A Livraria Civilização Brasileira da Avenida Sete está se tornando um ponto habitual de encontro dos intelectuais baianos, depois da inauguração da Galeria de Arte no primeiro andar. São expostas reproduções industriais de telas famosas de Picasso, Renoir, Dali, Ticiano e outros, num excelente processo gráfico/visual. Os quadros, pertencentes a museus europeus e coleções particulares foram reproduzidos por uma fundação italiana, visando possibilitar o acesso do consumidor de poder aquisitivo médio aos grandes mestres da pintura universal.

Além da venda destes trabalhos, a nova galeria conta com um maior acervo de livros e álbuns sobre artes plásticas, preenchendo uma lacuna de há muito reclamada pelos estudiosos e curiosos no assunto. O "Jornal de Cultura" foi convidado pelo livreiro Omerval Chaves para organizar reuniões periódicas com artistas e intelectuais baianos, naquela casa, tendo in-

A SEMIÓTICA ABERTA DO "ABC RE-OBTIDO"

Cid Seixas Froga Filho



O livro *Abc re-obtido*, de Maria Conceição Paranhos, (1) foi, sob vários aspectos, o mais importante lançamento de poesia do ano de 1974, na Bahia.

Importante, principalmente, como atualização da pesquisa estética que não aceita os limites de uma retórica dita "humanística", mas enfrenta uma problemática linguística e/ou semiológica.

Sistemas que os poucos sobreviventes da poesia brasileira se resguardaram a sombra de uma tradição cada vez mais fósil e menos fálax de se impor perante as exigências do tempo. Vivemos, se é possível a referência como paralelo, o "mito da queda", colocado por Fernando Pessoa em *Mensagem*. Entre nós (e aqui me incluo, como poeta baiano da mais nova safra) ainda pesam os preconceitos de uma poesia retratadária e alheia aos novos rumos da vanguarda brasileira. A Bahia — adotado um juízo de valores isento — está, pelo menos, cinquenta anos aquém de São Paulo, Minas, Pernambuco ou Rio de Janeiro; se tomarmos de modo global a sua lírica.

E por isso que se deve destacar o novo livro de Maria da Conceição, aceitando a poesia superior pela autora ao realizar no território poético a dupla e ambígua acumulação: texto-metateixo. Evidentemente, não pretendemos estabelecer uma hierarquia que visa contentar, a autoras um lugar privilegiado no olimpo dos seus pares. Longe de nos o intuito; principalmente pelo valor inegável de poesia como *Lapins*, *Rykim*, *Fraga*, *Falcão*, *Carlos Cunha*, *Fioravante Mattio*, ou *Antonio Brasileiro* — pertencentes à chamada Geração Moderna Brasileira. O que vamos tentar nesta resenha é uma análise tanto quanto possível, descomprometida de projeto e procedimento do *Abc re-obtido* que, sob os pontos de vista acima destacados, se constitui numa quebra da praxe da Velha Cidade de Gregório de Matos.

RE-OBTENÇÃO COMO NATALI NGUAGEM

Sabemos que a Poesia é uma metalinguagem, enquanto o poema é operado através da linguagem objeto. A primeira é a análise do discurso; a segunda, a linguagem como expressão de um conceito. Os textos sobre teoria da informação, estética e poética, frequentemente, tal distinção; qualquer (seja) erroneamente atualizado sobre que a obra literária se utiliza da linguagem objeto; a linguagem como instrumento através do qual a mensagem é transmitida. Inevitavelmente, na obra teórica, onde se discutem a restrição de um poema ou os recursos estilísticos de um autor, a linguagem deixa de ser o objeto ou o instrumento através do qual se comunica a mensagem passando a ser o próprio assunto a ser comunicado.

Existem, porém, poemas metalinguísticos como a *Arte Poética*, de Virgílio, ou a *Procura da Poesia*, de Drummond; os exemplos são inúmeros, onde o tema do poema é a Poesia. O *Abc re-obtido* não se insere nesta categoria, apesar de ser um conjunto de poemas metalinguísticos. O livro não procura tratar da arte de fazer versos, mas realiza claramente o metalinguagem, através da restrição do objeto linguístico. Ao procurar re-constituir e revalorizar a linguagem, atribuindo nova carga semiótica aos elementos fundamentais de sua representação gráfica, o poeta está consequentemente, tornando o veículo como notificação. Além, esta não é uma ideia que tentamos dar corpo em defesa de uma perspectiva estética: tanto o mestre formalista Roman Jakobson, quanto Barthes e Eco, observaram as afinidades entre poesia e metalinguagem. Haroldo de Campos também percebeu o problema e no ensaio "Comentário na Poesia de Vanguarda", cita uma observação de Hegel bem a propósito de nosso problema: "Para a modernidade a referência sobre a arte passou a ser mais importante de que a própria arte".

A constante reflexão do artista em torno do objeto conferiu à linguagem uma nova posição, mais privilegiada que a de simples veículo de transmissão. Os textos acima destacam o centro de gravidade do significado para o significado: os poemas

concretos de Haroldo, Augusto e Décio Pignatari se sustentam mais frequentemente na forma do signo, chegando mesmo a abandonar a sua referência ou o seu sentido, em favor da valorização dos elementos signíficos intrínsecos. Para citarmos um exemplo de casa, o concretista baiano Rêbulo Albino de Sousa (um dos diretores da excelente revista *Cótipos*) deixa transparecer nos seus trabalhos a constante preocupação neste sentido, vinculando a poesia à ciência geral dos signos e promovendo a sua emancipação do domínio linguístico. A este fenômeno chamamos de certa feita, invertendo a expressão de Eco, os conteúdos da forma.

Não é sem causa que o concretismo brasileiro rende tributo a Stéphane Mallarmé e, principalmente, ao seu *Un Coup de Dés*, talvez o primeiro a afirmar que a poesia se faz com palavras e não com idéias.

E neste ponto que o livro de Maria da Conceição se inscreve corajosa e independentemente entre a poesia de vanguarda: o texto é auto-reflexivo, não se trata de um simples discurso emotivo ou de uma retórica comprometida, especialmente preocupado com os fins a serem atingidos. A propósito voltamos a lembrar Haroldo de Campos, que dizia que o primeiro conteúdo do poema concreto é a sua estrutura. Com a citação e frequente referência a esta corrente, não estamos tentando identificar, necessariamente vanguarda e concretismo. Tomamos a poesia concreta como uma das possibilidades da nova lírica, vez que a restrição obrigatória da vanguarda aos procedimentos concretistas representa uma espécie de impedimento ao poeta de nova gramática, ou seja: uma poética normativa e unidirecional. Entendo, porém, que os caminhos da vanguarda são abertos, inclusive no sentido discursivo (entendido como um retorno para efeito de redescoberta). Por isso é que não vejo com olhos de tédio a profecia de Décio Pignatari ao falar das "redundâncias mais ou menos aceitas e que formariam a linguagem comum universal do fim do século". O *Cótipos* é gestante. Não existe, por enquanto, novo perigo de saturação.

Mas insistimos, um pouco mais, no caráter metalinguístico do livro aqui resenhado, no qual é impossível se estabelecer a dicotomia entre forma e conteúdo, vez que o veículo empregado para a transmissão da mensagem é a mensagem mesma. Neste sentido, esta poesia se aproxima mais do modelo teórico do Poema que uma outra que tome a linguagem como instrumento de comunicação. Sobemos que a estética hegeliana não admite a divisão entre forma e conteúdo mas, paradoxalmente, alguns dos pensadores que se proclamam herdeiros ideológicos de Lukács, ao tentarem o exercício da criação, estabelecem a tão famigerada dicotomia, se prendendo ao objetivo a ser atingido (sempre a ideia que pretendem transmitir), esquecendo a conciliação entre fim e meio.

Toda poesia que se sustenta na valorização da mensagem incorre em dois erros essenciais: 1) intrínseco, no sentido aristotélico (Poesia 1460 b 13), a mímesis imperfeita, em virtude da utilização arbitrária da linguagem; 2) historicamente superada, na visão da estética marxista, pela dicotomia evidente entre forma e conteúdo.

Distante destes perigos, o traço fundamental do *Abc re-obtido* é a exigência textual de se conciliar um discurso teórico com a leitura dos poemas. Na decodificação da mensagem, o leitor realiza, forçosamente, uma redecodificação, atitude que implica em dupla posição crítica/criativa, ou metalinguística no sentido poético. Na "Nota do Autor", precedendo o alfabeto multi-semiótico que foi incluído no fim do volume, o poeta chama a leitura do seu livro de redecodificação, evidenciando portanto a necessidade de reflexão. Paralelo ao processo de fruição, o leitor estrutura um tipo de criação polifônica, de natureza, portanto, metalinguística, ao considerar a diversidade de origem dos símbolos utilizados.

O PLURISSIGNO: ABERTURAS OPERACIONAIS

Umberto Eco postula como diferença fundamental entre arte clássica e moderna o fato da primeira introduzir figuras originais no interior de um sistema linguístico permanente e de ídola imutável, ao passo que a arte de hoje afirma a sua originalidade estabelecendo um novo sistema linguístico. Amadurecendo a questão, ele informa: "O poeta contemporâneo propõe um sistema que não é mais o da língua em que se exprime, mas também não é o de uma língua inesistente: introduz métodos de desorganização no interior de um sistema para aumentar-lhe a possibilidade de informação". (3)

E isso que caracteriza a abertura da obra, num dos muitos sentidos possíveis, e é neste sentido que o livro de Maria da Conceição Paranhos representa uma semiótica aberta. Tomamos aqui a expressão semiótica como um dos vários sistemas semióticos: a Semiologia seria a reunião de sistemas ou semióticas, a autora pluraliza os seus signos, transformando-os em plurissígnos, isto é: as letras, ou signos de um sistema de escrita fonográfica passam a ser susceptíveis a várias leituras, porque são re-entendidos como signos de várias semióticas ou de vários sistemas semióticos.

Esta forma, o "A" — primeiro poema do volume — não representa apenas a primeira letra de todos os alfabetos (exceto o grego), mas aparece também como um símbolo nos sistemas da Química, da Física, da Astrologia, da Algebrá, ou da Alquimia, onde o Alfa bíblico é a pedra filosofal. O texto do *Abc...* se ocupa destas ciências enquanto semióticas, restavando tais códigos na mente do leitor para o ato de decodificação da mensagem poética. Em síntese: não existe uma barreira de campo entre Linguística e Semiologia. Transporto *in moi*, b quatro incluindo por cortarem-se *mitis sic explodes* e b em sustenido o b quadrado volta e vaza neutralizados os artefatos brota e mística em cromatismo re-obtido

onde a segunda letra do alfabeto é explorada como símbolo sujeito a várias leituras, em sistemas como Algebrá, Mística ou Química:

"ou negativo triocletado boro metálico"

Outro trecho deste mesmo poema faz alusão a Bach e a sua *Arte da Fuga*, obra inconclusa, vez que o autor morreu debruçado em um sistema para outro os conceitos de Roman Jakobson, (5) dizamos que a linguagem construída pelo poeta neste livro é constituída por várias funções: temos a função predominante, que é a linguística, e as adicionais, que são as diversas semióticas que possibilitam a re-obtenção semiológica do *Abc*.

O segundo poema do livro — cujo título é "B" — começa pelos versos:

"quantidade suposta em dígrafo: na sujeta, o dígrafo"

télico (Poesia 1460 b 13), a mímesis imperfeita, em virtude da utilização arbitrária da linguagem; 2) historicamente superada, na visão da estética marxista, pela dicotomia evidente entre forma e conteúdo.

Distante destes perigos, o traço fundamental do *Abc re-obtido* é a exigência textual de se conciliar um discurso teórico com a leitura dos poemas. Na decodificação da mensagem, o leitor realiza, forçosamente, uma redecodificação, atitude que implica em dupla posição crítica/criativa, ou metalinguística no sentido poético. Na "Nota do Autor", precedendo o alfabeto multi-semiótico que foi incluído no fim do volume, o poeta chama a leitura do seu livro de redecodificação, evidenciando portanto a necessidade de reflexão. Paralelo ao processo de fruição, o leitor estrutura um tipo de criação polifônica, de natureza, portanto, metalinguística, ao considerar a diversidade de origem dos símbolos utilizados.

gado sobre a partitura, quando transpunha o contraponto do tema BACH, ou seja: B — si menor / A — lá / C — dó / E — si natural. Vejamos a estrofe:

"ó Johann Sebastian BACH em si menor, em lá, em dó em si, as natural teu nome interrompido em ato, água que paradas em nó, sem composto prosseguido persistido sem tempo e sem espaço caudal de som que em sem mudasse em som se consentindo eternizado".

O que chamamos de semiótica aberta nesta resenha é a reunião de signos pertencentes a vários códigos num mesmo inventário semiótico, trabalho a que a autora se propõe. Com base na língua, ela renova e amplia as possibilidades do sistema, demonstrando no poema a axioma jakobsoniano, "A linguagem não é um meio de comunicação à linguagem todos os outros sistemas de comunicação. A linguagem é realmente o próprio fundamento da cultura. Em relação à linguagem todos os outros sistemas de símbolos são acessórios ou derivados". (6)

Portando do, o poeta, neste seu livro/ proposta, através de um projeto estrutural sólido e cuidadosamente elaborado, nos dá um admirável modelo de vanguarda voltada para o verso. Enquanto uma corrente declara implicitamente, nos seus textos de criação, a morte da palavra — ou o seu assassinato — Maria da Conceição parte em submissão das semióticas à linguística. (7) O poema está morto, realmente; que re-liquida de uma linguagem poética estatística. Mas o mesmo não se pode dizer quando ela passa a ser elemento do Boleto de Guimarães Rosa ou das Fragmentações de montagem do Boileau de um Casiano Ricardo. A autora viu e sentiu as possibilidades abertas por dois mestres, não citamos outros, e iniciou o seu trabalho, numa mesma linha mas dentro de outros campos e outros corpos. Na verdade, a fareta que se impõe é ampla, o que justifica e explica o fato de não ter realizado poemas individualmente acabados, mas um livro de estrutura bem definida. Este não é um volume para ser tomado por partes (não acredito que existam poemas que, isoladamente, se imponham ao gosto do público leitor como "joias literárias"), mas para ser analisado como um bloco, ou melhor: um sistema de comunicação poética.

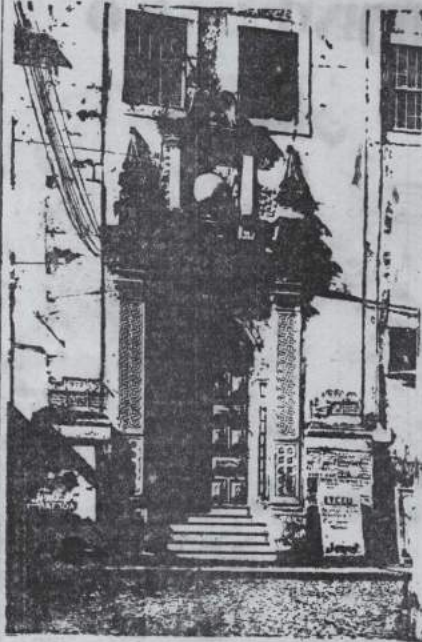
Seu sistema, que a partir do livro pertence a todos nós, testemunha aquela responsabilidade referida por Ezra Pound, no *Abc of Reading*, ou por Eliot, que expressa sua ideia em seus outros livros: "Prosações dizer que o dever do poeta, como poeta, é só indiretamente voltado para seu povo: seu dever direto é para com sua língua, que lhe cabe em primeiro lugar preservar, e em segundo ampliar e meliorar". (8)

As línguas essenciais, Maria da Conceição Paranhos aprendeu e captou com as antenas do poeta (vide Pound, via Mo-Luhani) e nos transmite do modo que não feitas as grandes revelações: a Poesia. (9)

Cidade da Bahia, janeiro de 1975

MEMÓRIA DA SÉ

Pedro Calmon



— O ilustre pesquisador, Fernando de Rocha Peres, sagrou-se na sua monografia monumental um conhecedor primoroso do passado de sua terra. Mais do que isso. Foi da *Memória da Sé* uma ressurreição simbólica, que tanto vale como ressurreição da catedral demolida (esta, a função do livro) e como o grito, para que se preserve o patrimônio histórico e artístico do país (este, o resultado do trabalho). A velha igreja estava a merecer o profundo estudo que lhe dedicou o jovem mestre, com os seus brilhantes dotes de investigador, familiarizado com os arquivos, e de homem de letras, sensível aos problemas e às perplexidades da cultura. Quem a pôs abaixo? Foi o tempo. Isto é, a época em que alguns poucos a defenderam da incompreensão, até da hostilidade da maioria; no tempo ingrato em que (repija-se Pascal) o "espírito de geometria" dominava o "espírito de finesses"; e para satisfogar uma rua destruída-se uma obra d'arte, nem que a exigência da linha reta se sacrificasse a mais bela das curvas; o curvilinear barroco de uma nave empapada de tradição, sob cujos techos a vida da Cidade se agasalhara trezentos anos, pia batismal das gerações, altar da religião e do civismo dos baianos póliplo do verbo tantas vezes transformado em ação, nos fatos nacionais. A tese crucial e original de Rocha Peres corresponde a uma reivindicação; e range as perspectivas do bom combate, Delvídica, em nome da memória da Sé, a memória do Povo. E previna, enfim, conclama, adverte Lendo-se-lhe a crônica do gran de templo, Sé metropolitana da Pátria, no alto da porta o globo e sobre a cruz, indicando na sua heráldica santa, que pertence ao Salvador, Salvador da Bahia de Todos os Santos — voze-se o ambiente poético em que desapareceu, retorna-se ao perigo ruidoso em que se dividiu a opinião, sobretudo se revive, nos lances do debate, o perfil grandioso da igreja primas. Aprende-se, em cada linha deste livro retrospectivo o que representou para a nossa gente o monumento e o vasto detraído por sua queda. Sucedeu à Sé da Bahia o que sucede necessariamente com as imensas construções abaladas: passando um edifício no progresso, vê-se depois que era um insubstituível padrão de grandesa; satisfazendo a técnica — que não soube poupá-la — falhou ao desenvolvimento — que requer inteligência. Se a tivesse conservado, seria testemunho de civilização. Por isso a "memória" é um documento de consciência e justiça. Convida pensar que não se perdeu de todo. Sobrevive no livro. Aqui está.



PERES:

DEPOIMENTOS

1 O livro *Memória da Sé* é o resultado de uma minuciosa, quando crítica, entre os papéis velhos existentes na casa da minha avó, irmã do Dr. Pirajá da Silva. Em volutas estantes de Jacarandá, entre os livros de Medicina do parasitologista baiano, encontrei, quando tinha quatorze anos e colecionava autógrafos, uma grande quantidade de documentos (cartas, manifestos, recortes, plantas, etc.) sobre a questão da velha Igreja da Sé, da sua demolição. Nutri um acentuado sentimento proustiano guardá-la papitada durante mais de vinte anos, para utilizá-la depois, e oportunamente na realização de um trabalho acadêmico, de uma tese de concurso para professor assistente de Departamento de História da Universidade Federal da Bahia.

2 Em verdade a tese é um libelo contra a destruição do nosso passado, da nossa tradição, dos nossos monumentos mais significativos, que procura demonstrar o porquê, e o quando, ocorreu o amadurecimento da ideia de preservação do nosso patrimônio histórico e artístico. É um estudo desenvolvido em torno da mentalidade de uma época, de uma elite, da imprensa regional.

3 A sistemática derrubada de igrejas, na cidade do Salvador, no início da década XX, a partir de 1912 com o patrocínio do governador J. J. Soares, e com a cobertura absoluta da imprensa dentro de um programa de reforma urbana do barão de Tomé de Sousa, levantou uma polémica entre os tradicionalistas e os chamados "palestrantes demolidores". De um lado aqueles que pretendiam modernizar a Bahia, do outro os defensores da tradição e dos bens culturais e históricos da cidade colonial.

admodum speravimus in te
 In te Domine speravi
 non confundar in aeternū

Gratias tibi Deus
 gratias tibi Vera Una
 Trinitas Una & Summa
 Veritas Sancta & Una Veritas
 Libera nos salva

4 Este trabalho nada mais foi que uma pesquisa sobre a derrubada da Igreja da Sé com o levantamento exaustivo das fontes históricas sobre o assunto, e procurando acentuar as polaridades existentes, quando da inicia do processo de modernização da Bahia. A demolição de várias igrejas (Ajuda, Rosário, Mercê, São Pedro, Sé, etc.), para construção da avenida Sete, desde a praça da Sé até o Jardim da Barra, fez desaparecer uma enorme quantidade de objetos sacros (imagens, altares, prataria, pintura, etc.), o recheio dos templos, que hoje decoram palacetes da burguesia paulistana e carioca. Naquela oportunidade, nas primeiras décadas do século XX, o antiquário nascente fez a praça na Bahia encorajou tudo o que foi possível para o sul do país e até para o estrangeiro. Não é preciso dizer, de resto, que houve um desuso muito grande do clero de então, e das irmandades religiosas, ao favorecerem e permitirem a comercialização de objetos do culto católico.

5 É necessário acentuar que IPHAN só ter sido criado em 1937, por inspiração de Rodrigo Melo Franco de Andrade, exatamente para procurar coibir este vandalismo e esta desenfreada nepotista com os objetos da cultura religiosa. E dispõe de passagens que só incutiram o assunto no quadro baiano, acredita-se no resto do Brasil a situação apresentava-se tão negra quanto a nossa. Presentemente a coisa mudou, um pouco. Após a polémica e o surgimento de uma tendência para valorizar estes objetos, do ponto de vista histórico e artístico, e depois da fundação do IPHAN as autoridades civis e eclesásticas vêm, pouco a pouco, tomando consciência da importância deste acervo e do seu sentido cultural. O antiquário está mais cauteloso, os colecionadores mais temerosos, e os responsáveis pelos objetos têm uma consciência do seu valor não estritamente econômico.

PRESEPIOS: DE GIL VICENTE A JORGE AMADO

João Alves das Neves

"Tivemos pelo Natal um devoto profundo na povoação, anão algumas vezes nos ajuntávamos com boa vontade e devota música", relatou o padre Fernão Cardim nos *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, referindo-se ao Natal de 1593, um dos primeiros entre os celebrados no solo brasileiro. E o fervor que despertou foi com certeza grande, já que a celebração foi repetida no ano seguinte, no Rio de Janeiro, conforme se deduz das palavras do missionário jesuíta: "Neste colégio tivemos o Natal com um presépio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal; e também cá Nosso Senhor nos dá às vezes umas consolações e avançadas. O irmão Barnabé fez a lapa e as colinas nos alegramos com seu belíssimo".

Ainda hoje o Natal é a maior festa popular do Brasil, assim como o folclorista Luís da Câmara Cascudo, pois determina "um verdadeiro ciclo com ballados, autos tradicionais, bailes, alimentos típicos e reuniões, etc. De meados de dezembro até o Dia de Reis, 6 de janeiro, uma série de festas ocorre por todo o Brasil, especialmente pelo interior, onde a tradição é mais viva e sensível".

É lícito repetir a interrogação de Machado de Assis, no seu conhecido soneto: "Mudaria o Natal ou mudarei eu?" É evidente que mudou, sobretudo nos grandes centros populacionais, mas algo ficou, muita coisa permanece. Foi o que testemunhou Aloisio Maguad de Araújo: na roça e até mesmo na cidade, ainda é costume armar o presépio, reproduzindo com animais, figuras, casinhas, pequenas conchas, arvoren-



O linguajar do povo está bem perto dos poetas. De ontem e de hoje e, queira Deus, dos poetas de amanhã. A rima é de sempre, veio do mais fundo dos tempos. E o que ilustra um dos mais antigos poemas escritos em língua portuguesa, "Loa", de mestre André Dias, que viveu entre 1348 e 1387, cujo cântico alça, com estes versos: O humana natura, quando era toda perdida, por que assim como trevas era muito escurecida e por a nascença do bom Jesus festei muito encobrida. Não sejas porém desgraçada ao teu muito alto alumador.

Em breve levantamento que fizemos para a Revista Luso-Brasileira de Cultura Portuguesa, que se publicou em São Paulo (n. 10, 1 série, dezembro de 1971), registamos alguns poemas votivos de autores portugueses e brasileiros, caboverdeanos, são-tomenses, angolanos, moçambicanos, goezes, macanês e limonenses. De todo o mundo de fala lusitana. Foi um resumo apenas dos muitos poemas que resendem ao espírito da cristandade tão arraigado entre lusos e brasileiros, africanos e asiáticos que nenhuma loucura dos homens contemporâneos conseguirá apagar.

Coube a Jaime Cortesão sublinhar que os autos natalícios passaram de Portugal ao Brasil e que neste país se mantiveram e desdobraram numa riquíssima floração. "Homando as formas das 'lapinhas', autos dançados em frente da 'lapa' ou presépio, os 'pastoris', de inspiração mais profana e livre, e as 'queimadas', mais pagãs, — uma e outros misturados de elementos novos, ao sabor do ambiente geográfico e social, e da dosagem étnica das populações locais".

Festa popular se tornou é certo misto de profano e religioso, embora as primeiras comemorações pudessem ter sido unicamente cristãs, como lembra o historiador Tito Lívio Ferreira, ao citar uma carta do padre Manoel da Nóbrega, datada de Porto Seguro, em 6 de janeiro de 1550. "Nesta festa de Natal confessamos muita gente por graça do Senhor, embora os meus pecados impeçam tudo". E, a propósito, comenta o historiador de São Paulo: "Pelas mãos

portuguesas do padre Manoel da Nóbrega, na famosa manhã jesuíta de 23 de dezembro de 1548, em Porto Seguro, florescem harmonias cristãs o Natal português, onde portugueses e brasileiros confraternizam, numa festa religiosa, tão simples e tão profundamente humana".

A tradição persistiu e ampliou-se, lê-se nas Viagens ao Brasil, do botânico inglês George Gardner, cujas impressões datam de 1836 a 1841: "em dia de Natal, grande dia de santo, encontramos todos os escravos da fazenda, cerca de cem, dançando no terreiro diante da casa, vestidos todos de roupas que lhes haviam sido enviadas na véspera", os quais se exibiam em "uma espécie de dança dramática".

Quantas mudanças até hoje! "A mim me parece que o mundo, fabricando o seu Natal mundano, mais inocente aqui no sapatinho de criança atrás da porta, e menos inocente acréscimo nas orgias promovidas à sombra da árvore de Natal, cumpre, de certo modo, sua função, quase dita sua obrigação estética, terrena ou sublimar" — escreve Gustavo Corção.

E no entanto, a tradição permanece. Pelo menos entre os poetas, inspirados no povo. Desde Gil Vicente:

He noite do nascimento em que Deus mostrou seu Dia! Desde Camões:
Do Céu à Terra desce a mór Beles,
Um-te à nossa carne e fê-la, nobre;
E sendo a humanidade dançar pôde,
Hoje subida fica à mór alticeza.
Com Gonçalves Dias:

Entre pobreza e miséria,
Em singela habitação
É nascido o Deus Menino
Para nossa salvação.

O tema inspirou muitos outros, desde o terrível apóstrofo do clero que foi Guerra Junqueiro ao melancólico António Nobre, passando por Alvaro de Azevedo, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, José Régio, Casiano Ricardo, Miguel Torga, Jorge de Lima, Assensio Ferreira, Henriqueta Lisboa, Vinícius de Moraes, João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, etc., etc.

Até mesmo a toponímia recorda aqui e além a festa de Menino Deus: a cidade de Natal, por exemplo, capital do Estado do Rio Grande do Norte, guarda este nome, por ter sido na noite de Natal de 1599 que na capelinha construída pelos portugueses se celebrou a primeira missa. E naquela região está igualmente Nazaré, fundada em 1536, outras Nazarés existindo nos Estados da Bahia (a 58 km de São Salvador), do Acre e do Piauí, além de Nazaré da Mata (Pernambuco) e de Nazaré Paulista. Em Goiás, conhece-se a cidade de Natividade e, no Estado do Rio de Janeiro, fica Natividade de Carangol. Sem falar em mais duas povoações que ostentam o nome de Natal, uma localizada no Acre (no município de Sena Madureira) e a outra no Piauí, perto da cidade de Beneditinos. E há Belém do Pará, a cidade onde se celebra, no segundo domingo de outubro, a procissão do Cirio de Nossa Senhora de Nazaré, uma das mais tradicionais do país. E no Rio Grande do Sul anota-se ainda a existência da cidade de Belém Novo.

Em toda a parte, a lembrança que tantos evocaram, como o fez José de Alencar: Finalmente, O Mês Santíssimo, desfeita a grande meada dos séculos, soa a hora feliz do teu parto. Hora por ti suspirada com todos os frutos do teu peito; noite sagrada, única mais clara do que o dia!



O tema perdura através dos séculos: em Gabriela, Cravo e Canela, Jorge Amado descreve os presépios simples da Bahia, ingênuos, bem do povo, relembRANDO a festa de Jesus: "Das suas amélicas, mãos de fada na cozinha, aceitavam, por vezes, encomendas para almoços e jantares de carimónia. Sua celebração, no entanto, era o grande presépio de Natal armado cada ano numa das salas de frente da casa pintada de azul. Trabalhavam o ano inteiro recortando e colando em cartolina figuras de revistas para aumentar o presépio sua diversão e sua devoção...".

O "Natal está indolentemente previsto na obra literária de crônicas e até de crônicas havendo despertado o interesse. Além dos autores já referidos, de Vicente de Carvalho Alphonse de Guimarães, Raul de Leoni, Mário de Andrade, Murilo Mendes, Graciano Ramos, Odysseu Costa Figueira e outros, incluindo Carlos Drummond de Andrade, que nas suas *Confissões de Mimes* nos dá um "Canto de Natal no Bonde" que mais parece uma oração: "Dai-nos, senão a fé pelo menos o esquecimento de nossa realidade. Queremos voltar ao primitivo e ao elemental, lá onde os grandes sons estrelados de sonhos balançam entre cantigas negras, ritas e associações brasileiras. Queremos nasser contigo, nesta noite fibulosa e romântica sob o hábito mouro do boi e a assistência doce do burro...".



sinhas, grammas, etc., a cena bucólica da manjedoura de Belém: "Quem armar um ano terá que armado sete anos seguintes, do outro modo acontecerá uma desgraça. O marido armará primeiramente sete anos, depois a mulher poderá armar outros sete anos... E põe a crença popular que non-trabal, em parte, para perpetuar esse costume, certamente em vias de desaparecimento. É a transição de uma cultura rural".

O vertiginoso ritmo de crescimento e de cosmopolitização de São Paulo mantém e prestigia o hábito, tão cristão quanto político, consubstanciado no belo e originalíssimo Museu dos Presépios, instituído pela Prefeitura Municipal, no parque Itaipava, graças aos esforços de d. Lúcia M'Neil e de seus colaboradores. As peças vieram de toda a parte, desde a origem, que é, sem dúvida, Portugal, passando pela Itália e por outros países europeus e da América Latina, embora seja rica e variada a coleção de presépios brasileiros. É uma visita que se impõe, neste quadro, não como fuga aos problemas do dia a dia, mas como um regresso à pureza original, um contato com o povo, que é a fonte da eterna inspiração dos poetas.

O di casa meu sinhô,
acordai si estais durmindo
arrecebei a vigília alegre
na chegada do sinhô Minino.





jornal de cultura.

suplemento literário do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês
cidade da bahia, 2 de fevereiro de 1975 - ano 3, número 21

1

EUGENE IONESCO, QUE EM 1958 EM EX-RESSIVO ENSAIO NA "NOUVELLE REVUE FRANÇAISE", PUBLICAVA O SEU "EXPERIENCES DU THEATRE", LANÇANDO NITIDAS LUZES SOBRE UMA NOVA ESTÉTICA TEATRAL BASEADA EM UMA DRAMATURGIA ANTI-ARISTOTÉLICA, EM RECENTE ENTREVISTA CONCEDIDA A EMMANUEL JAUQUART, VOLTA A RECONFIRMAR SUA POSIÇÃO OCIDENTAL. (Pág. 7)



2

AS EDIOCES MACUNAIMA LANÇARAM A FOLHETA "A CASA", DE VINICIUS DE MORAES, COM ILUSTRAÇÕES DE CALASANS NETO E CARLOS BASTOS. TRATA-SE DO SEGUNDO LIVRO DE VINICIUS LANÇADO POR ESTA EDITORA BAIANA (O ANTERIOR FOI "HISTORIA NATURAL DE PABLO NERUDA"). AINDA SOBRE O POETA, A LUSO-BRASILEIRA ESTÁ ANUNCIANDO PARA O MÊS DE MARÇO A INAUGURAÇÃO DA SUA LIVRARIA, A AV. SETE, 14, NO EDIFÍCIO ITAIPÉ, QUANDO VINICIUS AUTOGRAFARÁ OS EXEMPLARES DA SEGUNDA EDIÇÃO DA SUA OBRA POÉTICA.



AFFONSO MANTA

Era a cidade toda de azuis lados.
E em quarteirões sonoros dividida.
Os poetas moravam na avenida.
As moças nos mais líricos sobrados.

Havia faixas e lilás nas vias.
E borões de vermelho nas vidraças.
Os coretos lançavam sôbre as praças
Valsas sentimentais e fantasias.

Os amores políticos? Nem trânsito.
Frotas jogavam rosas de helicópteros.
Esquadras de aviões e lepidópteros.

Resplandeciam no esplendor geral
No auge do frevo samba e carnaval.
De acôrdo com as flexíveis leis do âmbito



"Gabriela Cravo e Canela", de Jorge Amado. Incorpora-se à cultura popular, através da sua adaptação para a televisão, numa novela que promete ser de mais alto nível. A configuração cênica da mulata Gabriela representa a restituição da personagem ao seu cenário de origem: o povo. Na foto, aparecem ao lado do romancista maior da Cidade da Bahia, Miguel Astúrias, Eduardo Portela e Adonias Filho.

ARMORIAL BAIANO ESTE MÊS

"Estandarado de Courto / Brasões" é o nome do primeiro espetáculo armorial que se realizará na Bahia, a partir de 28 deste mês. Interpretação da Orquestra Sinfônica, Orquestra Armorial e Fernando Lona. O movimento, como se sabe, consiste na valorização estética dos elementos populares e foi iniciado pelo romancista Ariano Suassuna, no Recife. Atualmente, existe a Orquestra Armorial de Pernambuco, o Conjunto Armorial, no Rio de Janeiro, e agora o Grupo Armorial Baiano. Mas não se trata, apenas, de um espetáculo musical; estão presentes textos de Florisvaldo Mattos, Fernando da Rocha Peres e Myriam Fraga, poetas que embora não pertençam ao Grupo são considerados precursores do Armorial Baiano, desde a década passada. O movimento é liderado pelo poeta Cláudio Fraga Filho, pelo compositor Fernando Lona e pelo maestro Lindemberg Cardoso.

MORREU HERNANI CIDADE

Morreu, em Évora, aos 87 anos, o prof. Hernani Cidade, católico jublando da Faculdade de Letras de Lisboa. É muito vasta a obra de vida pelo escritor, homem de cultura humanística que iria se fixar mais especialmente na biografia histórico-literária e no estudo filológico.

João Calmon em tarde de autógrafos

No próximo dia 19, na Livraria Civilização Brasileira, à Avenida Sete de Setembro 207, o senador João Calmon estará lançando em tarde de autógrafos o seu mais recente livro: "A Educação e o Milagre Brasileiro" em edição da Livraria José Olympio edita e leia, na próxima semana, número 001. breve comentário sobre o livro.

SONETO I

A EDUCAÇÃO E O MILAGRE BRASILEIRO

JOÃO CALMON recebeu, ao longo de cinco anos, uma grande massa de dados estatísticos e de depoimentos de jovens governamentais, que reproduz no esboço deste livro e no Apêndice. Os depoimentos globais com o ensino sempre suscitaram controvérsias, como as que se criticam no Capítulo 2, durante os debates travados numa reunião conjunta das Comissões de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados e do Senado Federal com o então Ministro Jarbas Passarinho. Não se trata de uma discussão sobre o aumento ou a diminuição de verbas destinadas pelos poderes públicos à educação, mas de um debate sobre o comportamento da sociedade brasileira em torno desse problema altamente prioritário, porque tão analisada, também, de esforços do setor privado. O Brasil (e não apenas os governos da União dos Estados e dos Municípios) está gastando suficientemente com educação, em comparação com outros países do mesmo nível de desenvolvimento? O aumento dos recursos destinados à educação tem acompanhado o espetacular crescimento do Produto Nacional Bruto? Outro tema focalizado neste livro é o das causas da má distribuição da renda em nosso país, qualificada pelo ex-Presidente Médici como uma "vergonha nacional" e atribuída pelo atual Ministro da Fazenda, Professor Mário Henrique Simonsen, a "um terrível relaxamento do sistema educacional, antes de março de 1964". Destacada a evolução em termos quantitativos do chamado brasileiro, é também focalizada a queda qualitativa nos vários níveis do ensino, inclusive nas escolas superiores, como o comprova um impressionante relatório de uma comissão de professores de Medicina nomeada pelo Ministro da Educação. O papel do Moura é amplamente focalizado num debate travado na Comissão de Educação e Cultura do Senado entre o seu então presidente, Professor Mário Henrique Simonsen, e vários senadores, no decorrer do qual são destacadas as vantagens

e as debilidades do sistema de alfabetização em massa, em cursos de curta duração. No capítulo seguinte, o de número 18, que tem o mesmo título deste livro — "A Educação e o Milagre Brasileiro" — é colocada em relevo a preocupação dos líderes da Revolução de 1964, desde Castelo Branco e Ernesto Geisel, em relação à necessidade de uma atenuação das desigualdades sociais. Por outro lado, são divulgadas estatísticas e projeções que demonstram, fora de qualquer dúvida, ser o Brasil o único país do mundo com capacidade para se transformar, no espaço, de uma geração, em uma Grande Potência, ao lado dos Estados Unidos, da Rússia e da China. No apêndice deste livro, além de quadros estatísticos atualizados que têm o maior interesse para a análise do ensino educacional do Brasil, estão incluídos projetos sobre os Conselhos Educacionais de âmbito Municipal, nos moldes dos Boards of Education existentes nos Estados Unidos há mais de três séculos, e sobre o Serviço Nacional que pode mobilizar, todos os anos, entre 800.000 e 1.000.000 de rapazes e moças para tarefas de interesse da Segurança Nacional, inclusive e principalmente no setor da educação. A dedicação de João Calmon à cruzada da Década da Educação, que lançou em maio de 1960, inspirou a dois Ministros da Educação — Tarso Dutra e Jarbas Passarinho — as seguintes palavras que traduzem o reconhecimento da Nação a esse batalhador, que modestamente se intitulava "aprendiz da educação". Disse o Ministro Tarso Dutra: "A Década da Educação é um dos movimentos redentores que traduz a aglutinação de esta nacionalidade, pelo idealismo, forças que promove e o entusiasmo virilizador que desperta nas comunidades brasileiras. Ela é acionada por João Calmon, no instante em que as Nações Unidas desferem, em todo o mundo, a cruzada da Educação". O Ministro Jarbas Passarinho assim se expressou: "A motivação nacional da Década da Educação se deve ao Senador João Calmon"

(Extraído do Livro "A Educação e o Milagre Brasileiro".)

CONVITE

JORNAL DE CULTURA
LIVRARIA JOSE OLÍMPIO EDITORA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

convitam V. Exa. e Exma. Família para o ato de lançamento do Livro do Senador JOÃO CALMON, A EDUCAÇÃO E O MILAGRE BRASILEIRO, a partir das 18 horas do dia 18 de fevereiro, na Livraria Civilização Brasileira, da Av. Sete de Setembro, 297.

JORNAL DE CULTURA

Suplemento literário do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rua Caracol (Jones), número 57. Telefones: 3-2522 e 3-2847. Salvador, Bahia.

Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas ao conselho editorial, que se reserva o direito de vetar a publicação.

Os trabalhos de stenoqrafia são realizados por Adail.

Editor

Cid Seixas Fraga Filho

Coordenador

Carlos Cunha

MAR VERDE - CANAVIAL

José Benjamin

O silêncio dobra enado, dentro de igreja, cobrindo o homem cercado de flores promíscuas cheirando a despedida, cercado de tábuas em luto pouco entristecido. Honório não se boia, nem poderia pretender tal. Nas veias as chamadas dançam a dança do fogo em câmara lenta, ardente. O padre encorajado, recomenda, aguabenta chove, por várias mãos, sobre Honório em equilíbrio total. Daí, será convenientemente lavado, sem tombo e atangrem, para a terra — não se adota cimento envoltório —, sete palmos abaixo, dizem todos. Para a terra... Em futuro próximo alguém colherá flores, pisará minhocas, afastará um galho de árvore, terá de tomar antibióticos, gritará da queimadura de urtiga, sem nem se lembrar de Honório — erradamente.

Cortejo fúnebre, não! — carregam mais um, mesmo um. Esquecem-se que o finado teve o cuidado instintivo de ensinar onze filhos, os quais viramaram. Portanto, Honório, com várias lidades, ali mistura-se a todos — subdividiu-se multiplicando-se.

O compadre Filote, homem contrário a certas falsidades, (entende assim), preferiu o boteco de Banjo ao cemitério. Sozinho, pediu duas pinesas, das largas, bebeu-as seguidas, o dono não estranhou. Foi neste ritmo até cair. Antes, falou besteira: — "Vai outra, compadre Nório", e mais. Banjo, simplicidade, lá pras tantas, pegou seu copo especial, então beberam, e beberam,

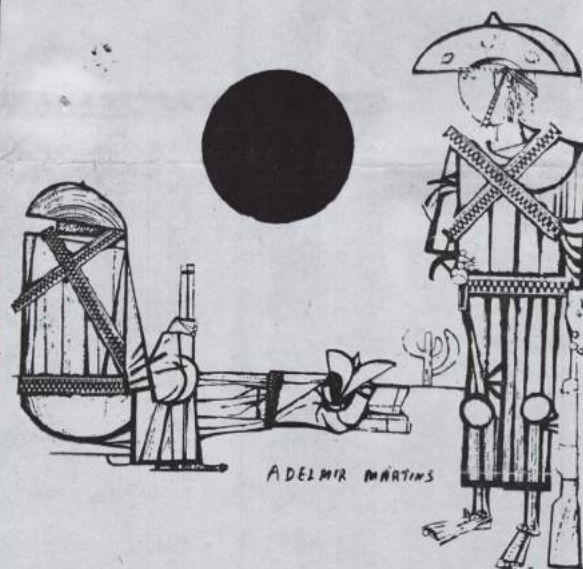
ou... ou três. Quem há-de duvidar, pois se conversaram — ouvidos à distância no medo — em lembranças?

Correu a notícia pelas ruas da vila, muita gente disse: — "Cruz, Crede!", alguns sacotearam: — "Arruda e Salas!", bestas fiseram, com as pontas peladas dos dedos, o sinal da cruz na porta do boteco, lançando baixinho: — "Excomulgados!" Quem não se importou mesmo foi Honório; continuou sua quietude silenciosa.

Os onze filhos homens do desaparecido terão vários empregos, e depender da cabeça; têm, exatamente, vinte e duas mãos a usar pela vida a fora. O pai teve duas, como de costume se tem. Plantou cana, colheu cana... e tomou melia. — um disparate, dizem —, muita "cana". Daí concluírem da sua morte: — "fes açúcar, engoliu fe!". Não soube destas conclusões, e se soube só as comentou com o compadre Filote e o amigo Banjo, no dia do "bate botas", o que deu em nada pela a cachacha destes lavou as memórias.

A viúva, pura negritude hereditária, vestida de preto tem vinte e duas mãos como arrapado — "bons meolhos!" —, sem contar as próprias calças de força no trabalho continuando. Jamais alguém a curtiu recriminar seu homem.

A safra do ano vai ser muito boa... E ao vento o verde das canas — canavial — molida por distâncias com presença íntima de Honório Curvam-se, recurvam-se, em homenagem.



Dois poemas de Antonio Brasileiro:

CALVARIO

Serei o cálice a ti oferecido
e o amargo;
serei o sol e o frio;
serei a lança perfurando a carne;
a mão que não se estendeu;
as clarinetas;
serei o amargo dolorido; a
face; a
complecência divina emudecida;
serei a humanidade e o vento;
serei oito milhões de agonia
e espero; serei o desespero
e o desesperado
e a coroa de espinhos dando flores.

ESTUDO 177

Eu cativo o raio e o trovão.
A paz está morando atrás da minha retina.
As andorinhas
gorjeiam
na minha mão, meus ombros, meus cabelos.
As nuvens do céu se esculpi, são minhas.
Um mudo peixe do mar sabe meu nome.
Meu coração é anã.
Dos ventos
é a força que brota no meu peito.
E, como tudo o mais, vai se extinguir um dia.

DEPOIMENTO: ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA



-- "Escrevo por uma funda necessidade, de me comunicar. Sou um ser incapaz de viver a vida. Então, mero espectador, escrevo para me justificar para fingir que vivo, para suprir esta ausência de vida real, concreta, física, exterior, para de algum modo substituir através da arte o que me falta em termos vitais".

-- "Entre o ato sexual e o ato de escrever, escolheria o ato de escrever. Creio na missão libertadora da literatura".

Desde quando V. escreve?
Escrevo desde menino, menino mesmo. Gostava de escrever minhas comas e guardava. Escrevia para mim. Não mostrava a ninguém. Por que? Talvez por causa da solidão. Para vencer a solidão. Pois sempre fui muito solitário, filho único, menino sem compenheiros, eu e minha solidão. Assim vivi. Menininho, escrevia coisas, descrições, histórias, mistura de imaginação e realidade, meu viver cotidiano, reminiscências, o que fosse. Inventei uma ilha no Oceano, Paquítico, entre o Chile e a Austrália. Mas uma senhora lha, grande. Uma lhaora. Pois fiz a geografia, a história da lha. Didáticas. Descrivi. Era a minha lha, o país que inventei, a terra do meu sonho. Eu lhe dava existência, em mim.

Depois, cansei. Abandonei a ilha. Mas sempre escrevi umas coisas lá minhas. Para mim. Guardava. Depois, passava. Pus tudo fora. Eram exercícios de mera meninice literária. Rascunhos do ser. Mas eu sentia, eu via que o meu negócio era com a literatura. Escrever. Meu reino, meu país, meu castelo interior foi sempre ler e escrever. As palavras. Escrevir através delas o meu ser, o meu viver. O que vi e ouvi. Os momentos do meu periplo, da inocência espontânea a uma inocência restaurada ou reconquistada.

De tal modo que escrever e viver para mim são rigorosamente sinônimos. Viver é escrever.

Por que V. escreve?

Sinto vontade. Há dentro de mim um impulso nessa direção. Escrever é a minha única maneira de ser, de conviver, de sobreviver, de transviver. Sou mesmo é escritor. E só escritor. Não consigo ser mais nada. Primeiro, fui mais leitor do que escritor. E de muito. 1950, há trinta, vinte anos. Hoje, leio menos. Escrevo mais do que leio. Foi uma evolução lenta de leitor a escritor. E que é que eu lha? Literatura, dominantemente. Li muito o modernismo brasileiro. Sinto-me preso a essa herança. Quais as suas leituras e influências?

Bem, li muito Machado de Assis, Manuel Bandeira e Carlos Drummond. Em torno dos 15, 16 anos, minha sensibilidade estava inteiramente voltada para esses autores. Mas, antes, lera todo o Júlio Dinis, o Luis Edmundo, impressionista. Foi melhor fidelidade de Viriato Correa, e dos livros históricos de Gustavo Barroso. Adolescentemente, li muito Rui Barbosa. Me identifiquei bastante com Rui. Li os discursos, as cartas, os artigos. Querria ser bacharel. A leitura dos modernistas me libertou de Rui. Mas sempre fiquei fiel a certa tradição literária brasileira. Gosto de ler, reler o meu Vieira, o meu Rui, o meu Aleixandre Machado, o das Abocções Acadêmicas, o meu Gilberto Amado, tão anti-ruiista. O meu Nabuco de Um Estadista do Império. Os dos Discursos Parlamentares. Que livro gosto so, Minha Formação.

Depois, fui índio. Quis ser monge. Li muito Tristão de Alayde, Maritain, Maritain foi o meu filósofo. Aos 20 anos, fui jogado na corrente aristotélico-tomista. Na verdade por essas águas. Li espiritualidade beneditina, petrologia, história do monaquismo, espiritualidade dominicana, a Suma de Santo Tomás em francês, os comentários dela, como Pegues ou Petitot. Li toda a obra de Garrigou-Lagrange. Para entrar banhaque. Li todo o Leiret. Me aficionei a um romanista como François Mauriac.



Mauriac é um jansenista. Li Bernanos, Bloy, Claudel, Peguy, Paschati, Gilson, Marcel. Foi uma invasão do que se chama a cultura católica. De Fulton Sheen a Germaine de Gardin a Von Le Fort, de Lavelle a Gerson, li aquilo tudo, com uma curiosidade minuciosa. Parece incrível que tenha lido toda a obra de Bergson.

Incuriosizei pela Weltliteratur, depois que sei dos claustrais, Kafka, Pirandello, Joyce, Goethe. As Conversações com Eckermann me sensibilizaram. Li um tanto de Shakespeare e de Proust. Mas é claro que não podia esquecer Camões, Gil Vicente e Cervantes. Gosto mesmo é de livro de memórias, confissões, cartas, ou romance introspectivo.

Mas leio o que encontro. De Henry Miller a Lawrence Durrell, de Moravia a Malraux, de Cezaire a Sartre, de Malraux a Aldous Huxley, ou de Eluard a Aragón. Tudo depende dos contados, do fortuito. Mejer me emprestou Ibsen, Gilberto Amado me deu Goethe. Um dia, a gente descobre Ezra Pound, Eliot, Spender. Li muito Sartre. Foi um momento da minha vida. A leitura de Condição Humana, de Malraux, e do Contraponto, de Huxley, foi importante para mim.

Quanto a estilo, devo tudo a Machado e Drummond e ao padre Vieira, que li muito. Mas a gente deve a todos. Com que ansiedade me pua a ler João Tereza, de Amilal Machado e João Miramar, de Oswald. Ou Serafim Ponte Grande. O que não devo a Eça? Houve um tempo em que lha o velho Eça e Ramalho Ortigo. Li tudo aquilo, inclusive a Correspondência entre eles. Adoro cartas. Tudo que foi epistolário, que caísse nas minhas mãos inquietas, ávidas,

eu lha. Claudel e Gide, Rui, Machado, Vieira, Nabuco, Eça e Ramalho, Jackson de Figueiredo, Mário de Andrade, Terezinha de Lésieux, Foucauld, Marmion, Monteiro Lobato e Godefredo Rangel. Bernanos, Antônio Tárres, Bloy...

Em matéria de estilo, gosto dos sóbrios. Meu poeta é Drummond. Aprendi a escrever lendo Drummond.

E a crise da literatura?

Não sei. Estará em crise a literatura? A nossa tem um Guimarães Rosa e um Dalton Trevisan, um Samuel Rawel e um José Veiga uma Clarice e um Murilo Mendes, um João Cabral e um Murilo Mendes, um Carlos Nejar e um Léo Ivo, um Ariano Suassuna e um Afonso Avila um Flávio Moreira da Costa e um Ary Quintela, um Amâncio Torres, um Renaldo Baitero um Luis Vilela. Tal literatura está viva há gente escrevendo, ouvando escrever, criar. E com a maior seriedade. Veja um contista como Sérgio Sant'Anna, um poeta como Afonso Félix de Souza, um romancista como Nélida Piñon. Há grandes críticos de vanguarda como Eduardo Portela, ou José Guilherme Merquior, ou Luis Costa Lima, ou o poeta Afonso Romano de Sant'Anna. Gilberto Mendonça Teles faz poesia e crítica. Alvia-no Santiago acaba de oferecer-nos um livro admirável, um texto de excelente qualidade.

Ivo Barroso traduz magistralmente Une Saison en Enfer. Rubem Mauro Machado escreve os seus contos Jacaré ao Sol. Elias José nos traz a Viagem no Fundo do Poço. Os irmãos Campos, Augusto e Haroldo continuam as suas pesquisas, de que resultaram Souzaandrade, Kilkerry, Bernardo Ellis está agora no Rio O. G. Rego de Carvalho está em Teresina. Da Costa e Silva, um

Madril. Mas todos criando. Cada qual a seu modo. Um livro como Formalismo e Transição Moderna de Merquior, nos honra. Aguilinaldo Silva, Victor Giudice, Reinado Santos Neves, todos estão trabalhando, e é isto que importa.

Recebo O Piroctônio Zacarias e fico impressionado diante da força criadora de Murilo Buihlo. Eliane Zagury escreve um notável estudo sobre Cecilia Meireles, depois dos de Darcy Damasceno, Fausto Cunha escreve seus ensaios críticos e de repente surge com um livro como O Beijo antes do Sono. Laila Correa de Araújo nos traz um estudo crítico admirável a respeito de Murilo Mendes.

Quer dizer, a literatura brasileira está viva, apesar de tudo. O importante é trabalhar.

E sua obra?

Tenho um pequeno estudo sobre Junqueira Freire. E três livros e confissões e lembranças. O Natis de Morito, O Abel e O Livro de Antonio, todos já publicados. Escrevo neste momento um texto, a que chama-me Monsenher. No prelo, e quase nas livrarias, estão meus dois ensaios históricos. O Pensamento Católico no Brasil e História da Questão Religiosa. Preparo um estudo sobre o senador do Império Cândido Mendes, Como Você trabalha?

Muito irregularmente. De manhã, normalmente. Escrevo logo à máquina. Sem rascunho. Não corrijo muito. Longe de mim o perfeccionismo ou a tortura. Não sei o que seja o tormento da revisão. O que escrevi escrevi. Deixo. Largo. Não releso. O que não quer dizer que não tenha o gosto da palavra exata. Por causa da minha formação, sinto o prazer da exatidão. Mas sem excessos.

Uma vez, Quintela me perguntou com o jeito direto e franco que ele tem, inconfundível — que é mais importante para você, o amor, o sexo ou o ato de escrever? O ato de escrever. Entre o ato sexual e o ato de escrever, escolheria o ato de escrever.

Escrevo porque não sei fazer mais nada. Não saberia fazer mais nada. Escrever para mim é uma plenitude, uma espécie de totalidade. A criação literária, qualquer que seja, por mais modesta ou inegura, como é o meu caso, é quase um absoluto, uma religião. É o que nos religa, religa, religa. É o que nos vincula a nós mesmos e aos outros, ao mundo. Temos de dar testemunho de nós e da verdade da vida. O escritor é uma testemunha. Ele fala em nome dos que não têm voz. Ele exprime a secreta verdade dos homens. Ele é um libertador. Escrever é trabalhar pela causa da libertação do homem.

Creio na missão libertadora da literatura.

QUANDO A POESIA SUGERE REFORMULAÇÃO CRÍTICA

José Louzeiro



Na viagem de escafandrista, porém Ildário Tavares não chega a se utilizar de todos os métodos que dispõe — Apela frequentemente para a metáfora, mas só raras vezes estabelece um jogo de palavras capazes de gerar o campo metafórico de expressão puramente plásticas. É como se o acentuado grau de indecisão passasse no momento da escolha ou como ainda se uma espécie de sofrida inibição o impedisse de entrar no fértil território da semiótica.

Ildário Tavares — não temos dúvida quanto a isso — é o poeta que busca a verdade, tal qual Diógenes, sem considerar que essa verdade, não é única, nem histórica. E não sendo a verdade, não será a justiça, pois justo será sempre aquilo que expressando um ato de autenticidade, junta-se à corrente dos nossos pontos de vista. A procura dessa verdade, talvez nem sempre absoluta, porém verdadeira, está bem definida no poema A Capa:

guarda o segredo
da palavra
interior

Espesso de beleza
em cobertura,
a capa
pede a procura
do sentido
que protege

É oportuno lembrar, aqui, a lição de Bronislav Malinowski, em "The Problem of Meaning in Primitive Languages", quando afirma que "a linguagem está essencialmente enraizada na realidade da cultura" e a palavra no seu emprego primitivo. "É um modo de ação e não um instrumento de reflexão". Sobre suas investigações pessoais entre os indígenas das Ilhas Trobriand, na Nova Guiné, acentua um detalhe importante (as suas palavras), é empregado em ação, não como comentário sobre a sua natureza, ou para refletir sobre suas propriedades, mas para faz-lo aparecer, para que lhes venha à mão, ou para instruir uma pessoa no seu uso adequado".

Acreditamos que a poética de Ildário Tavares confere com a colocação de Malinowski em muitos pontos do seu "Ditado" e, especialmente, com alguns dos melhores momentos de "Imago". Eis como o poeta define O Tigre: veste elegante de/ amarelo/ em lista e lista faz o seu passo sobre as folhas/ vez de repente/ e tração o tigre/ é vulto às costas/ do silêncio.

Note-se que a colocação inversa demonstra hábito clássico, pois a própria ironia do poeta tem muitos pontos de ressonância canônica, embora sua revolta seja de raiz essencialmente popular.

Ditado
ao fim
não faço —
a cabeça
escora o tempo
tempo da minha
cabeça
não obedece
a ditado.

Aqui é necessário herdarmos escudo um "não" as formas de impositivo do sistema e com um símbolo — — designação se torna evidente. Paradoxalmente, a preocupação formal, mais uma vez, invalida as teses da dialética hegeliana ou, como já ficou dito, supera completa reestruturação dos métodos literários de interpretação marxista. Isso é o maior elogio que pode merecer um autor em início de carreira, face à extrema problemática que ancora.

REVISÃO DE PICASSO

Mário Barata

A gente compreende um pintor quando vê e se medida em que vê a sua obra. "Quernus", instantâneo, foi pouco reproduzido nas comemorações israelitas, do 30 ano de Pissarro. Mas não só essa obra marcante e fundamental em sua evolução: "Demissão de Aragon" e o "Solista", "Projeto de monumento" (Dinaro, 1928), "Barricada" (1937) de coleção Peggy Guggenheim, "Poesia Italiana de Antonio" ("Modern Art" de N. York), as obras de estilo Gravat, na Coleção d'Azou "Mansão na Coroa" e tantas outras revelam a potência do artista que mais soberano e autenticamente mestres o século. Mas não só: Klee e Mondrian na pintura, Eisenstein e Chaplin no cinema, Joyce e Kafka, Freud, Brecht ou mesmo, na literatura.

Pissarro foi mais direto e geral na criação de seu mundo e a faz sempre em simulação extensiva de ruptura. Só a arte tecnológica e conceitual não, talvez no plano plástico mesmo: o seu momento decisivo. Tornou elas abstrato e final do século, não toda a pintura — e necessariamente parte que soure e cubismo. Pode-se fazer a Plástica e restringir de não só o futuro, mas de si a própria época de 1900 a 1980. Na proposta em que o artista representa o tempo, o tempo e seu tempo, Pissarro afir: se impulsionando na primeira linha de ação, com a energia e o vigor que a juventude confirma.

Ditos podem ter elaborado uma arte mais humana. O espírito de Pissarro também francês, (1) um estilo, de Goya e Van Gogh, tornou visível, como sabe, as novas forças que a ciência de um lado e humanismo de outro e o espírito destrutor por fim, caracaram para o século XX. A habilidade ao ser do século não era mais — e isso ele profetizava a sua arte — humanitária, a primeira vista, na vivência de sua pintura, na qual sempre a beleza atual e a sua arte são e um momento de universalidade dos tempos e do passado de "tudo: um artista desenvolvido para a simulação e as mudanças. Esteve porém parte de "isto" em alguma obra que Pissarro, como também de surrealismo em certa ocasião. Por colagem iniciais e despojadas algumas vezes, na matéria, sobre a obra da pintura. Contudo — e é a maior dificuldade aparente de sua gloriolidade — ele não representa realmente toda a época que está vivendo, porque lhe faltou a consciência pura do abstrato e a de sustentação completa do ditado. Mas até que alguma coisa se tenha feito, não se trata, nem, de reação oposta entre formas e grau de produção.

Pissarro o último Titano da história, ao que até hoje um Titano muito mais revolucionário, renovador, inquieto e gramático. E com Titano, sua energia física e mental o levou a viver mais de sessenta anos. Convém lembrar de poemas que o ressonância, tendo sido entre o norte e se de uma sociedade como aprende na obra de Zola, é dado como padrão, em 188. Chegou aos sessenta e um anos, respeitado como um mestre e coleno em toda Europa.

Pissarro, em outras condições históricas, não poderia, porém, ser o padre de um movimento. Sua época — a época — já era de individualismo e a de um tipo particular de especulação financeira, em torno da arte em que o artista podia sobreviver apenas de maneira, com recurso independente. O orgulho do artista pode até pensar, se um sistema novo.

Pissarro foi também desmistificado ao ser visto, incluindo estilo e pouco após, entre a sua propensão à liberdade criadora que se levava ao modernismo, e o adesão ao analfabeto pelo seu pai e pela tradição da escola de Beato Artes dos séculos XIX e XX, para usarmos nomes, do século XIX.

A atualidade da obra de Pissarro contrasta com a variedade do espanhol (3) e esse fato documenta "a obra" as dimensões típicas e avulsões de uma época, a que nenhum outro poeta poderia resistir.

A criação de Pissarro em um estilo só terminou de estabelecer-se aproximadamente nos anos 80, e daí por diante ele sobrevive dentro de que alguns momentos de pós-oculto, mas e outros de pós-modernismo. Arte, em todo caso, de um dolorido e intenso expressionismo em que a conformação angústica do vulto duplo e irregular das coisas e dos seres, dos planos e dos linhas, tornou o estilo peculiar do artista. Vi recentemente docentos e quarenta anos de 1971, como vi pinturas de 97 a 99, nos quais a questão de cronologia domina, mas e temos nervoso do século II e mesmo e o tempo de trabalho contante. Admirável lípia, sendo a, talvez pelo mesmo época, com 99 de 90 anos, a amplitude de sua obra só tem equivalente, talvez, na de Goya. Sua capacidade de ser surpreendido em todas as coisas, bastante sé-

rou, com a arte de requisição social-Bul. Ao fazer entre 1897 e 1901 se encontrou Meeting anarquista, a Proeminência alguma, do a Fugitiva, como alegorias da injustiça social que o opressora, o andaluz, catalão, parisiense, espanhol, francês e vislumbrou em um dialeto e mesmo, de longe de um Dandier até chegar à criação genial de Goussier e ao esculpido Massard na Coroa, passando para Goussier e Fra, tipico do final dos 40 no início dos 80.

Mas a criação de uma época de profundeza de ruptura — revolução permanente em setores de que a civilização tem de suas invenções e suas — passou logo a uma re-ferenciada forma que aliana a visão da humanidade do mesmo modo intencional para que os centros de criação abstrairam a Rússia e se ocuparam de temas transformados impulsionados de modo de monumentalidade. Após 70 anos de seu experimento as figuras empíricas, como diáspora, e há sempre dentro de si, na realidade aparente e passou a reconhecer-se contínuo indolente e transtido sob novas formas em realidade também psicológica e estética. O mesmo — com Pissarro — foi a grande revolução da estética no século e aconteceu e promulgou tudo e que se viu na compra, com a realidade e da função simples das artes. O poder formalista anarquista não a com e estragou-se por causa e agra de retrato postumo de Gertrude Stein (1906), de "Metropolitan" de N. York e a obra, de 1906-10 de A. Volpato (1910) e de Kandinsky. Antes, em 1897, surpreendeu o público artístico com o ditado "Demissão de Aragon", em que a estrutura das palavras e a ligação são o ritmo e a influência da estrutura africana e suas estruturas organizadas, empurrando e com recurso a pintura romântica de sua querida Catalina. Este obra de grupos dimensionais iguais (retrato de Gertrude Stein, quadro de preço e retrato de Gertrude Stein, em suas estruturas não se pode contar — e que de, na obra — mas por exigência de unidade, não só porque com a razão estúpida da sequência.

Planície de linha crítica que está em ação as suas estruturas de auto e de sentido dos anos 80 e 70. Do mesmo passo a obra, é tão importante que certa, in-terrupta, com sua adequação, em 1944 quando foi à Barcelona exposto, sua coleção Pissarro, após a libertação de Paris, e pouco depois voltou a se apresentar de novo, em Antis, realizando obra poética de sempre, mostrando, em sua época internacional a guerra tra, a produção, como intuição genética que está nascida, e que se não poderia pensar de maneira e felicidade humana, como faz humanista. Mas não todo momento, e esse ditado, a das suas atualizações de linguagem e história da arte no plano de capacidade de revolução que artistas, se não pararam, é uma contribuição genética à luta pela paz, com a "Tudo" e a participação no Congresso de Paz e Trabalho (1948 e de Paris (1950), que tanto são humanista. Em obra anterior já abordou por exemplo, de Sileno e de Prodicos, como em 1893, representando, sua e colendo no boric do mar, sua obra com a intensidade e quantidade da fase de Antis, marxista à de João João-João-criança que se alteram e convergem em sua obra.

Os países e países, look a cultura mediterrânea, vieram servir a sua finalidade de gerar de viver, como tem a natureza, se as estruturas e os minutos, talvez, ao da materialidade, ao das estruturas de vida, em sua obra, em sua obra de sua obra — a vida, a estruturação e a realidade, cuja estrutura não segue sua própria estrutura.

No decorrer para os baús russos e na fase "clássica", poucos anos após a criação de 1917 em Roma com a obra "Pissarro" também se prova a personalidade do artista. Ele agita a, vive as promessas levando-se a uma situação voluntária, mesmo.

O surrealismo atravessa-lhe também uma contribuição pessoal, bem espanhola. Infelizmente, depois de rara força opulenta e técnica, Pissarro é, não só no momento, a Tietze de suas obras, mas, talvez e inquieto, humano e revolucionário, é como diáspora, o Clape de cerca de 200 anos após. Entre o ditado e a "arte" ele realiza uma obra que anta nos espantos.

Mas sem Pissarro e finalmente arte fi, seu mais claro, como cronologia, e expande o ser; o que há de sua época, qual a importância da arte? Porque ele se trata, se justifica arte e humanismo, arte e reflexão, através da sensação, particularmente importante contribuição à cultura deste tempo contemporâneo, que chegou impetido a uma ideia que pouco mereceu. Ele a natureza.

JOSÉ PAULO PAES: MEIA PALAVRA

EPITALÂMIO

"Aqueles que só reconhecem a poesia em dimensões macroscópicas e em envoltórios floridos podem parecer insignificantes estes mini-poemas, minadas de sarcasmo. Para mim a poesia de Anatômica, sem gritar, sem de (de: peito ou do poeta), é um farol tance de lucidez, no trouxa e emoliente horizonte poético nacional"

AUGUSTO DE CAMPOS

AUTO-ESCOLA VÊNUS

contato
para trás
(devagar)
para frente
(devagar)
para trás
(ACELERE)
para frente
(ACELERE)
pode desligar

TERMO DE RESPONSABILIDADE

mais nada
a dizer: só o vício
de roer os ossos
do ofício

já nenhum estandarte
à mão
enfim a tripa feita
coração

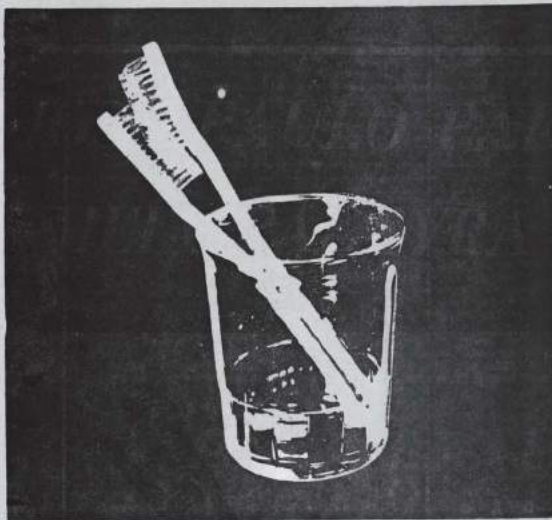
silêncio
por dentro sol de graça
o resto literatura
às traças!

FALSO DIALOGO ENTRE PESSOA E CAEIRO

- a chuva me deixa triste...
- a mim me deixa molhado

LÁPIDE PARA UM POETA OFICIAL

a morte enfim torceu
o peçoço à eloquência



MEIA PALAVRA

Alcides Vilaça

Na tradição de uma crise — que se origina com a admissão de espaço silenciosos e amargos ao território da linguagem poética —, *Meia Palavra*, de José Paulo Paes, se dá em meio à contingência de uma outra ameaça: a de censura exterior, de um sistema em crise nas suas próprias contradições. Há, assim, dois lacônimos de espécie diversa: o da linguagem mesma, querendo ser e não ser, e o que decorre como reação à exterioridade proibitiva. Esta última, censura histórica, denuncia-se pelas perdas da forma amputada e ofendida. E a primeira, auto-censura da linguagem, acaba se expressando como um excessivo, necessário e humano. Ambas as pontas comprometidas com o silêncio, refugia à palavra registrar-se pela metade, em seu miolo de precária sobrevivência. Cabe então ao poeta fazer dessa meia-palavra uma palavra e meia, deixando-a ressoar criticamente num silêncio interpretável. Ilhados, os nomes suplicam por sintaxe que se dá de forma não-verbal na consciência empática do leitor. De natureza essencialmente humana, essa relação recupera as fragmentações do texto para a continuidade da consciência, mas o texto continua a atuar em si mesmo, como tensão contida. Assim a meia-palavra, sem deixar de o ser, sabe ser mais, porque supõe a nós mesmos integralmente.

Tal como vimos dizendo, pode-se pensar numa linguagem dramática, ou apenas dramática. Mas há uma forma, aceita por José Paulo Paes, de atingir a perplexidade das coisas sem se confundir com ela. Esta forma crítica é o humor. O riso de quem perscruta o objeto e se vira de costas para ele é, afinal, o riso de quem o compreendeu em sua condição atônica. Desta forma, rejeitá-lo é ainda assumir-lo dolorosamente.

O lirismo de José Paulo Paes pode ser equívoco, confundindo-se à primeira vista com a facilidade de um humor gratuito, de um humor fragmentário, vertido de objetos esparsos que o acaso da inteligência vai revelando. Poemas como "Minicantiga d'amigo" e "O vagido da sociedade de consumo", pelo trocadilho e aparente imediatismo valeriam como "divertissements" habéis de uma conversa bem-humorada, se tomados na individualidade de seu engenho. Mas é a ideia do "riso" como unidade contextual e não a do poema, que parece vigorar na produção de José Paulo. Melhor dizendo: os poemas, ainda que guardando certa independência, assemelham-se aos traços comportamentais que devem ser remetidos à personalidade completa para atingirem significação plena. De fato, *Meia Palavra* tem uma personalidade forte, coerente e intensamente assumida. A

poesia que "escova, sim, mas como que a conta-gotas", no dizer de Antônio Olinto, não faz escovar as áreas todas do discurso, mas as supõe transbordantes no minuto represso da expressão. Não pode haver segurança numa poesia cujo mérito maior é fazer ressoar, através da ironia, do humor, do ludico, significados maiores apenas depurados. Em sua integridade, *Meia Palavra* provoca uma extensão solidária ao ato de quem a lê. Não guarda para si a autonomia de um "cá está tudo dito", entregue ao consumo num lavar de mãos à Pilatos; conta nervosamente com a constante recriação da leitura, de que sempre carece para a passagem de objeto a sujeito.

Vejam-se o poema "Auto-escova Vênus". O título, como todos os demais, é essencialmente agenciador. Por si só inatura o campo da tensão fundamental que o corpo do poema irá exasperar; o do mundo dos automatismos, mecânico e inconsciente, e o do amor, Vênus mítica e sublime. Esta grande metáfora, indomável como todas, comprime-se no consócio tenso do corpo e da alma. O corpo é expressão, e o poema, no nível das denotações, o registra em seus automatismos fríos, passos de uma lição de auto escola. Afinal, uma alegoria; a do riso amoroso, descurando na situação objectual, frías. Entre o primeiro verso ("contato") e o último ("pode desligar") há apenas o ritmo repetitivo do corpo, entregue a si mesmo na obediência à ordem dos instintos. As mal-úsulas sobrealçam uma eufemística (ACELERE (...) ACELERE) para que se accentue, em seguida, a notação final e resignada: "pode desligar". Com este adito arrebatado, e tomado em toda a sua exterioridade, os gestos do corpo (e da máquina) revelam um vazio exasperado, disfunção máxima do objeto que apenas surge aos olhos, sem essência. Mas o definitivo final apenas aponta para um princípio: o da dialética entre a radicalidade dos gestos físicos, em si abandonados, e as posturas nossas inalienáveis, suspendendo sempre a transcendência do corpo. Vênus vem a ressoar no espaço da pós-leitura. A aproximação entre o corpo e a máquina, no que podem guardar de analógico (automação), é a estratégia para a ênfase da emoção, da alma, cuja ausência assim se torna mais ressentida e promove, paradoxalmente, uma presentificação interna, que apenas os olhos não podem realizar. O registro do gesto escovado é quase puro significante, a reclamar por significado. A meia-palavra indica a emoção pelo corte mesmo que lhe impõe e emprende assim, com o nosso concurso, a expressão completa.

"Não faltaria aqueles que, diante dos poemas de José Paulo Paes, vão imputar-lhe a pecha de "pladista" ou de gozador — a mesma acusação que os repulhados pseudo-eróticos da época, Flavian e Onofré. O processo do poeta, no entanto, não só é oswaldiano, como se aproxima muito ainda do de E. E. Cummings, artista dos mais sérios e — por coincidência — também acusado de mero letrista".

ROY CASTRO

DECLARAÇÃO DE BENS

meu deus
minha pátria
minha família

minha casa
meu clube
meu carro

minha mulher
minha escova de dentes
meus calos

minha vida
meu câncer
meus vermes

ARS AMANDI

amar
amar
amar

qual ama

o nascituro a mama
o incendiário a chama
oopilado a lama

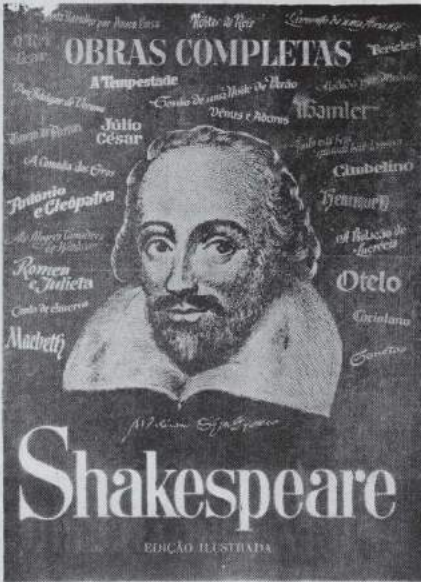
O VAGIDO DA SOCIEDADE DE CONSUMO

consummatum est!

MINICANTIGA D'AMIGO

coyta
coyta

ORELHA DE LIVRO



SON QUALQUER ASPECTO, é monumental a obra de William Shakespeare. E admira que tantas contradições se tenham criado a respeito de um homem.

Qual destas obras é mais conhecida entre nós? O titulado Othello, por tanto Romeo e Julieta (1596), Henrique VI (1591), Júlio César (1001), Hamlet (1601), Othello (1604) e Macbeth (1606), entre outras, são constantemente encenadas nos nossos teatros, bem como, para alívio de grande público, já foram vertidas para o cinema inglês e mundial. Não obstante, salvo Romeo e Julieta, seja, amare difundi, não somente pela simplicidade de sua língua escrita — o amor impossível de dois jovens pertencentes a famílias rivais — como pelo entusiasmo de virada em direção da nossa cultura que encontra eco e receptividade quase entre os brasileiros. Para a crítica erudita, porém, há de constituir a obra-prima de Shakespeare, Romeo e Julieta, porque de linguagem gelada; espetáculo lírico, ausência de antiguidade e outras, natureza em obra de quem é ainda hierarquicamente imbuído. Henrique VI, produzido no mesmo ano que Romeo e Julieta, é a primeira tentativa do autor no drama histórico, escrito sem, talvez, porém, que consiga verdadeiramente

o espírito das grandes tragédias shakespearianas. Não obstante a sua popularidade, a obra superada por Romeo e Julieta, foge misteriosamente à vulgaridade — e constitui-se soma de tudo, em um drama filosófico, humano, o arquetípico príncipe dramaturgo, sendo complexo e frustração, sua vida — que simboliza a própria incerteza da humanidade frente à vida — é persona, sem como até hoje não surgiu na literatura mundial.

Othello é o espólio do talento de Shakespeare, tanto na que respeito à trama como à concepção dos personagens, desenhados numa mesma peça que supera todo até então produzido pela poesia dramática.

Na mesma linha de Othello encontra Macbeth, magnífico estudo psicológico das motivações humanas, o único, se não é possível, supera e extraviado na obra, na história.

Doi Lear, Antônio e Cleopatra, As alegres Comedias de Windsor, Sonhos de Uma Noite de Verão, A Tempestade... Há, entre muitas outras, completas a produção de William Shakespeare e fazem de seu nome o símbolo do teatro da poesia, da arte da literatura — como uma das mais elevadas expressões da própria vida.



ROMANCISTA, ORATORIO, crítico de costumes, polemista, cronista, crítico, ilustre, agiologista, Rom de Quirós, é dig brasileiro digno da literatura portuguesa de todos os tempos e sua vida alguma o poderia quebra a língua de Portugal e Brasil a sua língua, é sua mobilidade e a sua vivacidade. (José Caspar Bruni, in "Apresentação" do vol. 9 de Oeuvres Completas, 2ª ed., 1960, pag. 13).

Em romance: no language psicológico dos romances, de Eca de Queirós, a verdade é profunda. É a da Orideade e seu tido, e é na medida que a nobreza se encontra. (Antônio Soares, "poeta sobre a imaginação, a fantasia e o problema psicológico", in Oeuvres Completas de Eca de Queirós).

Admirável obra-prima que há registado como um processo a vida se reconhece dos traços das emoções e da vida. (Oswald Bruni, in "Obras de Eca de Queirós", 1922, pag. 298). Ele foi um dos artistas mais importantes da literatura de todos os tempos, e da língua portuguesa, nos últimos anos do século XIX (Júlio Balduino).



TIMIDEZ

Cecília Meireles

Basta-me um pequeno gesto,
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te leve...
— mas só esse eu não farei.

Uma palavra esida
das montanhas dos instantes
desmancha todos os mares
e une as terras mais distantes...
— palavra que não direi.

Para que tu me adivinhes,
entre os ventos taciturnos,
apago meus pensamentos,
ponho vestidos noturnos,
— que amargamente inventei.

E, enquanto não me descobres,
de mundos vês navegando
nos ares certos do tempo,
até não se sabe quando...
— e um dia me acabarei.

VINÍCIUS, PESSOA E DRUMMOND: TRÊS BEST SELLERS AGUILLAR

A. J. Netto

Vinícius de Moraes ainda é o poeta de língua portuguesa mais lido entre os brasileiros. Pelo menos segundo o representante da Agulliar em Salvador, sr. Luciano Pedrito, as obras completas de maior aceitação junto ao público leitor são as de Vinícius, Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade. "Agora que o poeta se radicou em nossa terra, depois de construir suas casas em Havaí, o interesse tende a crescer ainda mais, uma vez que Vinícius de Moraes e a velha Bahia passam a compor um único corpo", disse Luciano ao Jornal de Cultura.

Nos planos da Agulliar brasileira e a partir do mês de março será aberta uma mini-livraria que visa possibilitar maior acesso do público aos clássicos tanto da literatura lusobrasileira quanto da literatura universal, uma vez que atualmente todo contato entre estes autores e os leitores é feita através dos vendedores avulsos. Na opinião dos intelectuais e artistas se faz necessária a existência de um ponto onde possa se encontrar os mais significativos nomes da literatura, que não seja o sistema de vendedores.

AUTORES PUBLICADOS

Entre os autores universais publicados pela Agulliar, são bastante difundidas e procuradas as obras de Blasco Ibañer, Miguel de Cervantes, Eça de Queirós, Garcia Lorca, Go-



the, Lope de Vega, Mark Twain, Maupassant, Molière, Santa Teresa, Shakespeare, Tirso de Molina, Tolstói, Oscar Wilde, R. Alberti, Jean Cocteau, Ferreira de Castro, Hans Fallada, Ibsen, Papini, Perce de Ayala, Simonon, Unamuno, Anatole France, Asturias, Benavente, Bergson, Carducci, Deledda, Gabriela Mistral, Herman Hesse, Jensen, J. M. Coetzee, Kipling, Martin du Gard, O'Neil, Pirandello, Roland e outros.

Na parte dos autores brasileiros, podem ser encontradas as obras de Drummond, Vinícius, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Castro Alves, Machado de Assis, José de Alencar, Enchiladas da Cunha e Gonçalves Dias, todas em volumes com capa de couro e papel bíblia. Entre os portugueses estão Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Almeida Garrett, Ferreira de Castro, Passos D'Arco, Soares, Gil Vicente e Padre Antonio Vieira.

Além dos livros em português, a Agulliar também conta com uma série de publicações em espanhol, de quase todos os grandes clássicos da literatura universal. Na parte de estudos, são encontradas obras de Carl Jung, Priestley, Bertrand Russell, Arnold Toynbee e outros.

Diante deste acervo, o JORNAL DE CULTURA vai promover um grande salão de livros, ocasião em que será realizada a noite de autógrafos do poeta Vinícius de Moraes.

O SONETO

Cruz e Souza

Nas formas voluptuosas o Soneto tem fascinação, calma fragância e as leves, languidas curvas de elegância de extravagante e mórtuo esquisito.

A graça sobre e grave do quarteto ressurte a original intolerância, tida a sutil, secreta extravagância que transbordar terceto por terceto.

E como singulares polibineolo ondula, ondulando curioso e belo, o Soneto, nas formas caprichosas.

As rimas dão-lhe a púrpura vetusta e há mais para proclamar aurgista surge o sonho das almas deliriosas...





PESSOA REVISITADO

Nelly Novoes Coelho

São novas e surpreendentes facetas dessa "aventura poética" o que encontramos na mais recente publicação do professor e crítico português, Eduardo Lourenço, — *Pessoa Revisitado* (Porto, Ed. Nova, 1974), ensaio de singular penetração crítica e que aparece como o décimo sétimo volume da Coleção "Civilização Portuguesa" da editora em questão.

Embora de publicação recentíssima, este *Pessoa Revisitado* (Leitura Estruturante de um Drama em Gente) assume desde já um lugar-chave em meio à imensa e variada bibliografia crítica acerca do genial poeta português. "Lugar-chave", diríamos, porque por um lado, ele passa pelo crivo de uma desapatronada e rigorosa análise as congressos mais importantes, realizadas até o momento com a poesia de Fernando Pessoa (notadamente as de João Gaspar Simões, Jacinto do Prado Coelho e Mário Sacramento); e por outro lado, retoma, através de uma singular perspectiva, o debilitado "drama em gente" — o caso dos heterónimos, no sugestivo rótulo que lhe deu o próprio Poeta.

Seu autor, Eduardo Lourenço (desde alguns anos professor de Literatura Portuguesa na Universidade de Nice), destaca-se nos quadros da atual intelectualidade portuguesa, como dos mais atentos observadores e analistas da cultura e da literatura do Portugal de hoje. Responsável por dezenas de estudos (dispostos por jornais e revistas ou recolhidos em livros), Eduardo Lourenço, — desde 1949, quando estréia em livro, *Heterodêxia*, I, vem contribuindo uma obra que, em todos os sentidos, está contribuindo para uma segura conscientização dos problemas mais significativos dentro da moderna cultura portuguesa, — literária ou não.

Haja vista, por exemplo, os estudos filológicos dos dois volumes de *Heterodêxia* (1948 e 1967) ou os ensaios críticos reunidos em *Scândalo e Forma da Poesia Neo-Realista* (1967), — sem falar, alguns, um dos mais objetivos, equilibrados e esclarecedores estudos críticos acerca do fenômeno "neo-realista" e seus avatares poéticos em Portugal.

Dividido em oito capítulos, este *Pessoa Revisitado* abre-se com omissas "Considerações Pouco ou Nada Interpessivas", que lucida, e de maneira direta, sobre o que tem sido até hoje o problema capital para os críticos de Fernando Pessoa: os seus heterónimos. Diz o ensaísta "Intelectualmente, e na aparência com justificados motivos ou natural tentação, o objeto primeiro da exegese de Pessoa não foi o caso múltiplo, mas a relação dessa múltipla poesia com os seus míticos (e reais) autores, o que mergulhou toda a crítica numa miríade errática de miragens (...). O que foi tomado realmente a sério (...) não foi a ilicença autônoma dos poemas no seu conjunto como o jogo que entre si constituem, mas Alberto Caeiro e Reis e Campos, considerados como autores, mais dos poemas que Pessoa a justo título lhes atribuiu" (pág. 15 — grifos do autor).



O Poeta é aquele que escolheu ter e ser através de sua linguagem

Isso pressupõe que a Linguagem possa dizer o ser. Por essência a poesia nunca duvidou disso, ou duvidou afirmando-se através desse duplê. A suprema dúvida a esse respeito chama-se Mallarmé mas nele relaciona-se com a máxima exigência pedida à Poesia: ser "explicação árdua da terra", quer dizer, verbo criador do Ser. No deserto desta dúvida e no esplendor futuro de a negar, se situa a clara e fabulosa aventura poética de Fernando Pessoa.

(Eduardo Lourenço)

Nesse parágrafo, vemos enunciado o nervo central da fecunda "leitura estruturante" desenvolvida pelo ensaísta nos vários capítulos que se seguem: a busca de uma nova interpretação criada por Fernando Pessoa; o pirandelliano "drama em gente"; Norteando por esse objetivo, Eduardo Lourenço constata, inicialmente, os acertos e desacertos das três diretrizes seguidas, via de regra, pelos críticos: a psicobiologia (terminada pela interpretação biográfica de Gaspar Simões); a literária (difundida por

Jacinto do Prado Coelho) e a sociológica (estruturada por Mário Sacramento). Valendo-se das conclusões a que chegaram os próprios críticos mencionados (as quais são pormenorizadamente transcritas na Nota A do apêndice final), o ensaísta reafirma a inegável "anidade na diversidade" (que o estudo de Prado Coelho propõe de maneira inequívoca) e recoloca a questão: Como explicar esse "drama em gente"? Pois a Verdade é que o problema persiste: Fernando Pessoa é um poeta que,

estranha e genialmente, se desdobra em vários.

No sentido de atingir a "luz nova" que a poesia de Pessoa representa, para nossa consciência-de-mundo, Eduardo Lourenço recusa as três formas de interpretação que até agora, serviram de fundamento às abordagens críticas, e que a despeito de suas diferenças intrínsecas "têm algo de comum: todas interrogam Pessoa, todas põem a poeta e à sua criação questões que são mais delas do que dele (...). 3. Pessoa quem de ve prestar contas a propósito da sua estranheza, dita "a priori" como qualquer coisa de que o autor se deve justificar". (Pág. 23 — grifos do autor).

Fugindo, pois, a esse enfoque do poeta, Eduardo Lourenço desenvolve o que ele chama de "leitura estruturante", — e que consiste em uma leitura globalizante de múltipla poesia de Fernando Pessoa, tentando discernir em seu bojo a dialética interior, que condicionaria as relações plurívocas e irreversíveis entre os heterónimos. Dentro dessa nova atitude crítica, o ensaísta recusa-se a ver os heterónimos como "fragmentos de uma totalidade que convencionalmente interpretados e lidos permitiam reconstituí-la ou pelo menos entrever o seu perfil global". Sua visão é outra "... os heterónimos são a Totalidade fragmentada e nenhuma exegese por mais hábil ou sutil a pode reconstituir a partir de tes (...). E o mistério dessa ruptura que é necessário esclarecer e esclarecer, concretamente". (Pág. 30 — grifos do autor).

E é no sentido desse "esclarecimento" que Eduardo Lourenço se entrega a esta "leitura estruturante" que acaba se revelando como uma fascinante aventura do espírito, em busca do desvendamento ontológico da palavra poética de Fernando Pessoa.

"A Curiosa Singularidade de Mestre Caeiro"; Ricardo Reis ou o Inacessível Paradoxo"; "O Mistério-Centro" na luz de Campos e vice-versa"; "Alvaro de Campos I ou As Audácias Fictícias de Eros"; "Dois interstícios sem muita Fita"; "Alvaro de Campos II ou A Agonia Erostrato-Pessoa" e "A Existência Mítica ou A Porta Aberta" são os capítulos através dos quais a argúcia e a sensibilidade crítica de Eduardo Lourenço se revelam num verdadeiro corpo-a-corpo com a linguagem poética do genial poeta. Não, evidentemente, preso às suas micro-estruturas, mas nos grandes planos da consciência poética que ali se fez ressonável pela escritura e problemática peculiar a cada heterónimo.

Livro-chave na bibliografia crítica de Fernando Pessoa, esta última publicação de Eduardo Lourenço vem abrir fecundos caminhos para novas leituras críticas da poesia que, no dizer do ensaísta, "é uma espécie de aparição fulgurante desceida de brumas culturais alhissas no nosso desterro azul para nele inscrever em portuguesa língua o mais inabarcável poema jamais erudito à condição exilada dos homens na sua própria pátria, o Universo inteiro" (pág. 220).



jornal de cultura.

suplemento literário do diário de notícias - circula no primeiro domingo do mês
cidade da bahia, 9 de março de 1975 - ano 3, número 22

1

O ESCRITOR BAIANO HERBERTO SALES, ATUAL PRESIDENTE DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO, APARECE NA FOTO O LADO ENVERGANDO O FARDÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. LEIA NA PAGINA 7 O ARTIGO DE NELLY NOVAES COELHO SOBRE O ROMANCISTA.



2

O FUTURO SECRETARIO DE EDUCACAO E CULTURA, PROF. CARLOS SANTANA (QUE APARECE NA FOTO ACIMA) AINDA NAO REVELOU O SEU PLANO DE TRABALHO E AS MEDIDAS QUE ADOTARA NO CAMPO D ACULTURA. SABESE, NO ENTANTO, QUE DESDE A SUA ESCOLHA VEM MANTENDO CONTATOS NO SENTIDO DE SE INTEIRAR DA SITUACAO ATUAL, ALEM DE ESTAR SE REUNINDO FREQUENTEMENTE COM O PESSOAL DA SUA SECRETARIA. VEJA O NOSSO EDITORIAL, NA PAGINA 2.



SALUDO A BORGES

ODOFREDO FILHO

Jorge Luís Borges, yo te saludo, hermano
De Buenos Ayres, y oigo tus pasos en una tarde blanca
De dormido arrabal, lo de las casas de celosias cerradas
Y puertas entreabiertas por invisibles sombras.

Jorge Luis Borges porteno y andaluz, sajón,
Nieto de fieros portugueses navegantes del oscuro mar
Jorge mucho. Luis a veces. Borges siempre,
Ante el milagro de la rosa y la sonrisa de Onfale

Como el alba que se presiente en un dia de lluvia
Detrás la punila de cristales herméticos,
Yo miro tu sueño de inconclusa nostalgia,

La congoya de haber visto lo que no logramos ver,
Secreto que los ángeles de Swedenborg descifraron
En la pauta pitagórica de celeste harmonia

Austregésilo de Athayde na Bahia

O escritor Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras, vai proferir uma palestra sobre o conteúdo do "Diário de Notícias", às 20-30 horas do próximo dia 13, no salão nobre da Academia de Letras da Bahia. A conferência do "imortal" encerrará o ciclo de palestras comemorativas dos cem anos do DN.

LIVROMENOR DE ANTONIO BRASILEIRO

"Livromenor", de Antonio Brasileiro é o quinto volume da série Iniciação (Edições Cordal), que acaba de ser lançado. Trata-se de uma seleção de dez poemas de circunstância, representando uma quebra que Antonio Brasileiro faz com relação ao rigor do seu trabalho de poeta. Vejam-se, por exemplo, "Quadra Salubre": "Oh quem dera ser / e passar / a eternidade / fitando o / mar assim: / ronc, ronc, ronc..."

PERCEGONHO DE GUIDO GUERRA

Depois do êxito do romance "As aparições do Dr. Salu" atualmente em terceira edição e em fase de tradução para o ucraniano, trabalho que está sendo realizado por Ivan Salik, o escritor Guido Guerra empenha-se na elaboração de novo livro, que deverá estar concluído ainda este ano: "Percegonho Cên Azul do Sol Poente". Sobre este trabalho, o autor comentou: - Pode não ser meu melhor trabalho, mas será o maior. Em número de páginas.

Editorial

POR UMA CULTURA
MAIS ATUANTE

O início do governo do sr. Roberto Santos é aguardado com especial interesse, por intelectuais e pessoas vinculadas ao panorama cultural baiano. E não poderia ser de outro modo, pelo fato do novo Governador ser homem diretamente ligado aos problemas educacionais. Este fato pode representar uma maior dinamização da política cultural do estado, em caráter de prioridade.

Inclusive, a escolha do sr. Carlos Santana para a pasta da Educação e Cultura, abre excelentes perspectivas, em especial no que se refere ao âmbito educacional. Professor do ensino médio há mais de vinte anos, atualmente lecionando na Universidade da Bahia, conhece de perto os problemas e as deficiências do nosso sistema escolar, estando munido das condições prévias para buscar soluções a curto e médio prazo.

Quando à cultura, seus órgãos mais expressivos como a fundação, museus, bibliotecas e teatro, espera-se que a orientação seja no sentido de criar condições práticas para a execução dos objetivos a que se propõem. Com o advento da Fundação Cultural do Estado da Bahia não ficou bem definida, pelo menos em termos práticos, a política, dos museus, do teatro e das bibliotecas. O que se faz urgente é fixar os meios que permitam o funcionamento deste complexo cultural como uma estrutura global, à qual concorram várias peças que, isoladamente, perdem o seu alcance.

Dois problemas são urgentes e reclamam imediata solução: o primeiro deles é o programa editorial da Fundação; o outro, a necessidade de se dinamizar o teatro baiano. Temos uma das melhores casas de espetáculo do mundo, o Castro Alves, enquanto a nossa classe teatral é uma das menos assistidas. O público continua desconhecendo o teatro baiano, não obstante a existência de bons atores, bons diretores e alguns autores de inegável qualidade. Muitos dos nossos melhores valores foram obrigados a deixar a terra, em busca de outros mercados de trabalho, onde alcançaram o merecido sucesso. Faz-se necessária, por conseguinte, uma atuação mais agressiva por parte do Teatro Castro Alves e da Coordenação de Mé-

rica e Artes Cênicas, criada pela Fundação para assistir e incrementar o movimento teatral baiano.

Já é tempo de se pensar em transformar o TCA numa casa de cultura, que tenha condições reais de produzir espetáculos de nível com o pessoal da terra e empregar espetáculos de fora, sempre oferecendo ao público o que de melhor existe no gênero. Se um dos problemas da classe é a inexistência de produtores capazes de chamar a atenção da opinião pública para um espetáculo, ou de assumir a responsabilidade de uma produção despendida, cabe aos órgãos públicos competentes a iniciativa.

Caso o prof. Carlos Santana adote no campo da cultura medidas da mesma seriedade que presidiu a área educacional, teremos, com certeza, resultados melhores e uma Secretaria de Educação e Cultura capaz de responder às imposições da Bahia de hoje.

Há algum tempo que o JORNAL DE CULTURA chama a atenção para a necessidade de publicações culturais; chegamos mesmo a propor à Fundação Cultural um programa de edições de textos críticos e de criação. Este programa foi aprovado pelo Conselho Estadual de Cultura e pode ser posto em prática em imediato, o que se deve fazer, no entanto, é estender o seu alcance e criar condições de que os livros publicados pelo Governo do Estado circulem nacionalmente, não ficando restritos às prateleiras e depósitos das nossas práticas.

As Edições Arpoador, que o As Edições Arpoador, que o ano passado publicaram, em convênio com a Fundação, a plaqueta "Bolíliquo", do poeta Godofredo Filho, têm agora um contrato de distribuição nacional, pretendendo assim ressaltar um trabalho de maior vulto. Faz parte deste programa o lançamento de uma revista de cultura, "Margem", que levaria os autores da terra, ao público dos demais estados.

São muitas as tarefas a serem cumpridas: resta-nos aguardar que o trabalho do sr. Carlos Santana à frente da pasta da Educação e Cultura corresponda às melhores expectativas e esteja à altura do conceito que até então desfrutou como eminente educador.

DE ANTÔNIO,
UM FRUTO DA SOLIDÃO

Pedro Nava



é justo a tempo de ser o último médico que trouxe dum Ismael Nery desenganado e de veias seu corpo naquela subida de morro perto do Túnel Novo. Acompanhe a assinatura de Frazil — mistina le marítima, eterna le ubiqus — sinfonia do homem desconfortado e de dentro do qual surge insistentemente o fiel menino. Segui o mistico do Liber Pontificalis — mistério de um delírio político, sonho acordado dentro de soltas águas toda sua filosofia de aceitação. (Parece fiavel essa attitude, essa decisão quando é de um para um. Mas seremos acaso um ou a legião, os trzentos e cinquenta de nós um se antepõem, disputando e tornando impossivel qualquer aceitação?). Ainda nesse capitulo há as letras que pulam de página como se fossem escritas em matuladas de fogo: Perdão, de antemão. Baixel olhos alumbados com esse caridade dos que podem ser, assim, antemão. Termine o Liber Pontificalis e o entusiasmo com o homem das exultações, com sua personalidade brotando nas 28 perguntas de Proust, com sua apologia da delicadeza. Parece-me ouvir Ovale: Deus é bem educado, Cristo foi fido até na Cruz dando sua direita a um lafrido. Estivo porque a monstruosidade — às vezes verificável e contundente — do cristão mal educado?

Quando terminei o livro de Antônio Carlos, Vilaça fiquei pensando, de mim para mim, por que não seu texto ler-me-la tocado tanto e feito vibrar, ritmado, cordas mais secas. Livro tratando de pessoas que me são alheias mas que de repente me interessam. De preocupações religiosas que me indifereem e que sul'tammente me foram parar e pensar na sua essência. De admirações que não tenho e que talvez não toleraria-se e que passei a admitir sem esforço, em outros. Que diabo de coisa haveria nesse livro? Seria o projeto do Autor, se não da convivência ao menos da coleção de tipos — já que o humano é a sua caridade? Seria a convivência de um ser essencial (poete que temamente) o pregador e o catquista? Pois foi tudo isto e o céu também. Aquela semimortuo onde se descrevem, se embosam e se esculpem os siléculos de seu estilo elegante e barroco — substancialmente iluminado pela trase final curta e sintética geramente acaço de nitidez ofuscante. É o relampago. A nuvem e o relampago. E só corrêio de ponta a ponta para verificar o que há, no seu modo, de atormentado e de bíblico. Portanto de poético. Exatamente. O que Vilaça tem de seclaro (uso a palavra no seu bom sentido e estrito de respeitante a uma seta) se expande em ondas de poesia. Tudo nele é poesia e por seu intermédio ele se universaliza e fala ao coração de todos. Sem poesia não pode haver explicação ou interpretação do cotidiano e míngua, assim, qualquer humanismo. Acima das crenças religiosas que separam e das convicções políticas que dividem — sé a poesia é única e acrílica, única e fragmentária, única e capaz de penetrar, sem forçar a intimidade de todos. Foi assim que recebi a mensagem do livro. E se mal a compreendi, parafraseo uma de suas páginas mais belas e digo também. Antônio Carlos Vilaça, perdoe-me!

Eu já conhecia o *Naris do Morto*. Já conhecia o *Anel*. Amava esses livros, como, preso o relato de toda sua solidão. Mas foi preciso a leitura desse prodigioso *O Livro de Antônio*, para ter página por página, a revelação (tanto quanto possível de um ser a outro), do inabulável Antônio Carlos Vilaça. Quantas vezes nos encontramos? Três? Quatro? Num sabadote, num lançamento de livros no Museu de Arte Moderna, numa exposição de pinturas, num noite de autógráfo? Sei lá... O bastante para a apresentação, para o muito prazer em conhecê-lo, para a simpatia e para minha curiosidade pela pessoa do Autor — que se pensava vir adivinhando em seus volumes anteriores mas de que, só agora, mehei quilômetros de aproximação, através de sua, talvez obra mais reveladora *No man is an island* — cita ele num de seus capitulos mais agudos. Tomara, Vilaça. Tomara que eles se juntassem e se agitassem que nem as línguas provisórias dos estariões nito-amazonas, que se aproximassem e se combalhassem em imensos e definitivos marafés. Tu me sinto extremamente saltitório" diz Vilaça em *A procura do Anel*. Drummond é o único autorrespondido: "Há de salvá-lo não a fé, talvez o não impressidido de um amor". Junto minha pobre palavra à do poeta maior: há de salvar-se uma comunicação humana. *Viltoei* esquece as portas que se fecham e vê apenas o traço que se te abrem nesta curta imensa vida...

Li seu livro linha por linha, capitulo por capitulo. Li o primeiro, admirável de dialética; o segundo, admirável de entusiasmo. O terceiro de compreensão mas que humana de amor, de elogio da certmônia de angustia pela compreensão da verdade, dos fantasmas amoráveis, das duas sombras e daquela antológica página 57 onde a fé de Deus — a saboreo Média de Deus! — torna-se subitamente gastronômica e a da Vida Eterna vira no prima gustativo das geléias dos quindins, papos de anjo, fios de ovos, dos "solénes camarões", do "porco presunto" e do "são doce bem amado". Aquela *Viltoei* no Boelias que suprime o tempo na conversa irreai que se urda e poderia ser sustentada no claustro dum mosteiro, numa sala de jantar de pensão da Tijuca, na nave aérea de Robur, num bombardeiro interpretatório, à margem do Estil, em Pastárgada, num bordel de Conde de Lage, na Utopia ou na varanda de Gastão no Alto da Boa Vista. Depois vem amor piedoso, depois a prodigiosa profusão de fé dum possesso igual aos maléficos de Tomas Mann: "Escrevo porque se não crevesse morreria". Em seguida é a evocação de Pau e do seu cemitério com o sono da moça moeta. Trinta anos ali viva. Trinta anos ali morta. Ou 60 anos ali morta e doravante sempre viva na lembrança do que foi procurar essa sombra de Poe — e que só pô de sua campá (secrevo campá — porque é palavra de modinha) quedou-se longo tempo, sem rezar, apenas sendo. E se ser, Vilaça, somente ser — for outra forma de prose? *Falsoséu* 23 nas trassendo gente de volta. Eu vim para o Rio naqueles tempos de Evandro Fegueno



JORNAL DE CULTURA

Suplemento literário do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rua Carlos Gomes, número 57, Telefones: 3-2522 e 3-2847, Salvador, Bahia.

Todas as colaborações enviadas a este suplemento são submetidas ao conselho editorial, que se reserva o direito de vetar a publicação.

Os trabalhos de sinocrogravia são realizados por Adail.

Editor
Cid Seixas Fraga Filho

Coordenador
Carlos Cunha

P I C A S S O

(como eu o vejo)

Por Pablo Picasso

Não me preocupo nada com a aprovação das gerações futuras, enquanto puder ser livre para conduzir a expressão humana a um grau de luz que faz com que valha a pena viver Aqui e Agora.

Responsável apenas perante mim próprio, trabalho à custa do meu esforço interior.

Na minha opinião, procurar nada significa em pintura. O que interessa é encontrar. Quem encontra algo, seja o que for, pelo menos desperta a nossa curiosidade, se não a nossa admiração. Quando pinto, a minha intenção é mostrar o que encontrei e não o que procuro.

O que conta é o que uma pessoa faz, e não o que tinha a intenção de fazer.

Todos sabemos que a arte não é a verdade. É uma mentira que nos faz imaginar a verdade — pelo menos a verdade que nós é dado compreender.

Natureza e arte, sendo duas coisas diferentes, não podem ser a mesma coisa. Através da arte exprimimos a nossa concepção do que não é a natureza. A arte sempre foi arte e não natureza.

Para mim, uma casa é mais um instrumento de trabalho do que o ambiente para uma vida elegante. Todos os compartimentos me servem de estúdio ou oficina.

Pinto alguns quadros como um grito e um protesto contra a guerra e a violência.

De modo algum me sinto limitado pelo tempo, que só se vai à minha frente uma série de novas aventuras aparentemente infinitáveis.

Nunca deixei de defender a minha capacidade inventiva.

Procuo a minha inspiração no real. Fico retido na minha imaginação, que o desperta e lhe dá nova vida.

Sou apenas um individualista que se interessa por tudo.

A matemática, a trigonometria, a química, a física, a música, e não sei que mais, têm sido associadas ao cubismo para lhe dar uma interpretação mais fácil. Tudo isso tem sido pura literatura, para não lhe chamar dispersante. Quando inventamos o cubismo não tínhamos qualquer intenção de inventar o cubismo. Pretendíamos simplesmente exprimir dentro de nós. Nemhum de nós formulou qualquer plano naquele sentido.

Sem dificuldades para vencer, sem enigmas para decifrar, sem mistérios para penetrar, nada me interessaria.

A verdadeira verdade só pode ser encontrada em silêncio.

Trabalho exclusivamente para mim, não procurando aplausos nem ligando importância às modas e aos costumes.

Na realidade sou profundamente curioso. A minha curiosidade ultrapassa a de qualquer outra pessoa. Sou curioso a respeito de tudo que há na vida — curioso a respeito de sonhos, curioso para além de todos os limites normais da curiosidade.

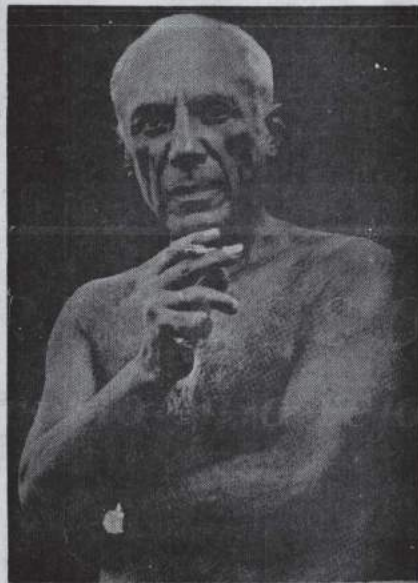
A aventura é a minha razão de ser; se não a procuro, também não fujo dela.

— vou de fugir dos riscos, atrair-os, evocá-los.

Quando começo a pintar, sei como colocar-me num estado de concentração interior.

Virô um dia em que ver um quadro tar diminuí uns dez de dentes.

Com a cerâmica o artista pode demonstrar a sua personalidade criadora e o poder de invenção e evocação, somente com suas próprias mãos do barro e reservar as qualidades de estruturação num objecto monumentalizado.



As minhas cerâmicas são os reflexos exteriores de um velho homem de novo apaixonado pelo mundo, um homem cuja vida parece inesgotável.

Tudo em que toco se revitaliza e transforma na incarnação de determinado aspecto do meu drama interior.

Tenho-me experimentado ante as obras-primas do passado, recriando-as no meu estilo pessoal.

Muitas vezes trabalho simultaneamente em vários estilos.

Na minha arte tem havido um ritmo entre o paradoxismo da violência e a descontração da tranquilidade e da meditação.

Para mim, as crianças nunca são apenas ou insignificantes ou subitas. O encanto e a graça das minhas filhas mais novas, Claude e Paloma, têm sido frequentemente objecto do meu trabalho. Sempre tive consciência das outras características



que tornam as crianças uma raça à parte, tanto física como psicologicamente.

Os meus quadros mostram o homem dividido da natureza e da civilização, à mercê de forças sombrias e misteriosas.

A minha arte tem alternado entre o horror e a graça, entre dramas violentos, que muitas vezes são consequência directa da vida moderna e da experiência social, e a tranquila meditação sobre o passado clássico.

Por mim, entendo que não há passado nem futuro na arte. Se uma obra de arte não subsiste no presente, nem sequer deve ser considerada como tal. A arte dos Gregos, dos Egípcios, dos grandes pintores que viveram noutros tempos, não é uma arte do passado. Talvez até esteja hoje mais viva do que nunca.

A minha finalidade é nada menos que a reconstrução da realidade.

O meu trabalho reflete as preocupações da vida moderna numa nova forma vital de linguagem.

Sou espanhol e realista na medida em que não me malandro com as verdades amargas da existência.

Nunca amei um quadro antes de estar vendido.

Dramático o jogo das zonas de luz e sombra não só por razões de unidade decorativa como para salientar a qualidade fantasmagórica dos meus temas.

O cubismo não é diferente de qualquer outra escola de pintura. Os mesmos princípios e os mesmos elementos são comuns a todos. O facto de, durante muito tempo, o cubismo não ter sido compreendido e de ainda hoje, haver muita gente que nada vê nele não tem qualquer significação. Eu não sei ler inglês — um livro escrito em inglês, para mim, é como se estivesse em branco. Isto não significa que a língua inglesa não exista, e por que razão devia eu censurar alguém por não compreender aquilo de que nada sei?

A arte não se desenvolve por si mesma. As ideias das pessoas modificam-se, e com elas a sua expressão.

Se um artista modifica a forma de se exprimir, isso só significa que alterou a sua maneira de pensar, e isso tanto pode ser para melhor como para pior.

Quando tenho qualquer coisa para exprimir fujo-o sem pensar no passado ou no futuro.

Estou fadado para continuar a trabalhar sem descanso. Sou todo acção e, por vezes, até arrastado por uma fúria criadora. As ideias seguem-se umas às outras no meu espírito proporcionalmente ao número de sensações que sou capaz de captar e às observações que registo.

A acção e a reacção, o belo e a feiúra, o realismo e a abstracção, revolvem-se na minha arte.

Com a idade, torno-me mais impaciente. Maninho me incansavelmente energético e contraditório.

A minha vida tem sido fascinante, dramática, mas nunca trágica.

Os meus quadros constituem um marco na história da arte contemporânea. Tenho tido a coragem de, por eles, arriscar tudo.

Sen querer, dei por mim a ser aclamado como o fundador de uma nova forma de arte e de uma nova escola de pintura — o cubismo.

Constitui minha esperança profunda que o meu trabalho possa vir a ser um factor que contribua para acabar futuras guerras.

Os meus amigos e os meus amores são a fonte de minha inspiração.

ARMORIAL

ESTÉTICA RUMINANTE OU

HERÁLDICA AGRESTINA

1
Com o ruído e crescente prestígio dos meios de comunicação entre as profetas e evangelizadores da aldea global, a arte se viu obrigada a arquivar suas fórmulas alquímicas e dirigir as antenas para novos rótulos capazes de alcançar maior contato no mercado comum.

As correntes e movimentos estéticos do Século XX foram contagiadas pelo bafo carnavalesco das vertiginosas mutações formais. E não poderia ser de outro modo, pois o homem moderno se assombra a si mesmo cada vez mais diante de uma massa de conhecimento fermentado que não pode ser acondicionado na embalagem precária da linguagem dos ancestrais.

Mas, no Nordeste do Brasil, o ritmo fêtrico se dissolve no calor das castanhas. O homem, mais ligado aos mistérios da natureza agreste, desconhecido o saber oculto dos tempos imemoriais. E predomina uma estética ruminante, onde o alimento se reinventa em transformações alquímicas.

Eis a gênese do Armorial.

2
Em princípio, o Movimento Armorial parte da valorização estética dos elementos populares da nossa cultura. Os motivos sertanejos ganhavam um tratamento compatível com a melhor arte moderna, sem fazer a herança medieval, traço constante da tradição nordestina. A Frade Média ainda vive no Nordeste, com seus códigos d'honneur, seus cavaleiros, reis, príncipes, barões terra e príncipes encantados. Os mitos e mistérios também são medievais. E a heráldica. As armês e brasões ainda existem: a espada se prolonga no facão; a lanca, no ferro; a armadura, nas vestes de couro; os brasões metálicos, em estandartes coloridos das festas de rezado.

Daí o nome: Armorial, livro onde se inscrevem os brasões. A nossa gente cultivava ainda sua heráldica, nos ferros de marcar gado, nas bandeiras dos blocos ou na inscrição e destentada sociedade de consumo; o logotipo se insinuava na heráldica dos tempos modernos. Toda empresa que se presa não despreza seus brasões geométricos. A semiótica, a publicidade, o industrial design tem na velha heráldica seu manancial.

Nascido no Recife, por iniciativa de Ariano Suassuna, o movimento propõe a divisão do Brasil em quatro regiões armoriais. A primeira, que compreende Pernambuco e outros estados nordestinos; a segunda, a Bahia, onde os elementos negros fornecem a base do trabalho; a terceira, Minas Gerais, com seu barroco vivo e atuante; a última, Rio Grande do Sul, onde o traço de influências estrangeiras emborçõe o movimento, que se sustenta principalmente no recolhimento de traços assanados.

Mas o armorial que apresentamos no espetáculo "Estandarte de Couro/Brasões" não obedece a este esquema. É claro que vemos a cultura afro/bahiana como fonte desta arte; mas a Bahia é uma região bi-hárdica: enquanto o recôncavo está impregnado de assile, macumba, canoaria e heranças do continente africano, o sertão se mostra mais universal, onde os traços de culturas diversas se tornam um amálgama, ponte de cristal entre o passado e o presente. A riqueza da região armorial bahiana confere à sua arte dupla natureza: uma urbana e afro, outra rural e sertaneja. É a segunda que predomina no nosso trabalho. Sempre respeitando os oito házores de Janeiro.

(Texto do programa do espetáculo "Estandarte de Couro/Brasões", a ser encenado este mês).



TEORIA DA LITERATURA



MARCEL PROUST

A ideia de uma arte popular como de uma arte patriótica, mesmo que não tivesse sido pensada, permeia a crítica. De a análise do território sensitivo do povo, satisfazendo os requisitos da forma "boa para o olho". Mas, eu havia lido bastante com pressa da sociedade para saber que são elas as verdaderas herdadas e não as operações estéticas. Desta modo, uma arte popular para tornar "a realidade, de preferência aos membros do Jockey de que não da Confederação Geral do Trabalho; quanto às associações de resanamento, populares empieçam tanto a gruta do povo quanto as crácleres. Livro este que não escrevo para, etc. Fala sua leitura, procuramos insuperar-nos para outras causas sociais, e as operações se intertornam sobre praxias quanto estas por sua, Dênis e cômico da guerra. A Sr. Barre dizera que o artista (no caso Elton) deve antes de mais servir à glória de sua pátria. Mas de não a pode servir sendo sendo artista. Só é um conceito de que, no momento em que ele estuda as lês da Arte, procura uma expressão e faz sua descoberta, não obediência quanto ao da Catedral, não pensa em outra, como - mesmo na pátria - senão na verdade que está sendo de si, não imitando o revolucionário que pôs "patriciano" dispendioso se é que não, se desvirtua, se obra, de Viatou e de L. Tour, pintores que buscavam não a França de que todos os de Revolução. Ninguém de coracão necessário preferir talve a anetomia, se lhe fosse facultada a escolha. Não há a bondade de seu contádo virtuoso afian bon grande, que faz Clotilde de Lauche escrever as Línguas Pedregas, nem a Faustert e seu glicio pela copiosa burguesia, poética ou grande, que o faz escolher como temas de de Mme. Bovary e da Educação Sentimental. Alguns dizem que a arte de uma obra de literatura seria passageira, como se que produziam antes de guerra que via seria curta. A estrada de ferro devia assim extinguir as contemplos; e era inútil lamentar o tempo das dilações, dorças e autônteres; preenche a sua função e cunha de livro se bornta até sempre, abandonados. Uma mensagem oferecida pela via, não tra, se realidade, no momento oportuno, sensações múltiplas e diversas. O aspecto por exemplo da capa de um livro já não imprimiu nos caracteres de seu título, os micos teatros, de uma linguagem colte de verde. O autor do casti com este material nos faz uma vasta experiência de um belo tempo que cultura, tantas vezes, enquanto o habebamos numa língua, de penetração braca, e utópica dando-nos a impressão de leite endurecido, pôe-se a sorrir-nos na clara inscripção do seu título. Uma obra não passa de uma obra, obra de perfumação, propõe e aspecto. O que não chamamos, realidades é uma certa relação, entre certas sensações e essas impressões que são, envolvem simultaneamente - relação que nos desprezou uma simples visão cinematográfica a que se ataca tanto mais a verdade quanto a ela se pretende restringir - relação única que o escritor deve mostrar e fim de unir país sempre em sua obra, se dita expressão diferente. Pode-se fazer suceder indistintamente em uma

descrição ou abstrato que figuraram no lugar descrito e verdade se constata no momento, em que o escritor tem em seus olhos diferentes, olhar e sua relação, análoga ao mundo da arte à que é a relação única de lei comum ao mundo da ciência, e se encontra nos atos insuperáveis de um tipo estilo, ou mesmo, bem como a vida, quando se aproximam, uma condição comum a duas situações de desordem e a sua, modica realidade, uma e outra que se sustentam à contingência do tempo, numa metáfora, e se ligam pelo fato, indissociável de uma aliança de palavras. A própria natureza nos aponta de vista do caminho da arte, não era intenção de arte, de que muitas vezes não se sente, permitindo controlar a forma de uma obra, sendo o tempo depois numa outra, sendo-o em Camões; pois depois de mostrar que vive, as palavras de Dostoyevski, após o tempo do modo ajudador e agita. A relação pode ser pouco interessante, ou opor-se indistintamente, e está mais uma, não há "ser" havido não, nada, existe. A literatura que se escreve em "descobre as coisas em dia em contemplação natural de sua linha e de sua aparência é, e depois de sua pretensão resulta a mais, adiante, de realidade a que mais nos empobrecer e não controla, não fala, sendo de glória e de glamour, por que ela acaba qualquer "comunicação do tempo se presente com o passado de que se guardam a memória e o futuro, em que elas nos indelével e experimenta-lo acida. Mas havia mais. Se a realidade focar essa espécie de guerra de experiência não de modo idêntica para onde um, porque quando dizemos: um mau tempo, logo querria, uma palavra de camponês um repulsivamente humilhado, um jardim de flores todos abeira e que queramos dizer, se a realidade fosse um sem ditada uma espécie de filme cinematográfico desse como fantasia, e o "mundo" a "literatura" que se afastamos de sua simples liberdade, seriam um "mundo", estaria, mas era bem logo a realidade. Se se procurasse dar-se conta de, que de fato, se passa em nós no momento em que uma coisa seja de uma certa impressão seria, como no dia em que passando pela ponte de Viracum a sombra de uma árvore um livro não existisse, passando de árvore, "sem olhar" seria como, que quando uma frase de liberdade e todo que eu tivesse sentido de minha impressão, fosse e que não lhe corrigisse particularmente e se dissociar "e admitir"; seria, como que estranho por um meio protestacionário, sendo pronunciada se sentisse, porque, que não se encausassem absolutamente com um fato não visível, que se proceda assim, eu acho mesmo uma facilidade, sendo como que insuperável de ser bem recebido em casa por Guimarães, e a alta, sendo, emparalelado pelo meu maluco, eu não tivesse chorado de dizer heizano, como se fosse um deixado, contido no excedentes passivos, com de quais se não agradáveis passiva a vida". Chagata à conclusão de que para exprimir coisas expressões, para escrever sem livro, essencial, e não de livro, verdadeiro um grande escrito não tem no livro, mesmo de umagradável, por isso que ele se estabelece em cada um de nós, em, de tradição. O livro e a memória de um escritor são de um tradidor.

FLUVIÁRIO

três poemas de
Cid Seixas Fraga FILHO

I - MAR AGRO

1

Fez-se a vida difícil
para a gente daqui,
onde o tempo é negro.

O mar, aqui, não quis vir
pois não há senhores feudais
de pedra e água restrita.

2

Aqui, em Maragópe,
o mar é agro, é gago;
o mar é rio: maré-rio.

Por isso não somos gordos,
nem nos damos às farturas:
o rio é um magro mar.

II - DIDÁTICA DO RIO

1

Do rio o molde da fala
levas (sem saber, guardado):
líquido e saltitante,
por pedras interpelado.

Deste modo não entonas
único e reto dizer:
modulas em cachoeiras,
como os rios sabem fazer.

2

Do rio, a fala ligeira
como se fosse correntez
de água (que se aperta
na margem) quando fluente.

Do rio, o fugir constante,
o sempre ficar em mim:
qual ritmo impassível
de um compasso sem fim.

III - O PARAGUAÇU E SEU VALE

1

Na Cachoeira daqui
água não cai: aiaga.
De nada vale a prece
nada pode contra a fraga.

Mesmo sendo Cachoeira,
diferê das que existem:
água para vendê-la,
tem que correr para cima,
como a seguir uma estrela.

2

O Rio Paraguaçu,
seguinto esta trajetória,
anda errando caminho,
e perdendo pelas ruas,
esquecendo seu alinhô.

Quando vencida a margem,
a fúria põe-se gême:
é vertente que desagua,
e, perdendo pelas ruas,
segue — partindo mais água.

POESIA MARGINAL

Angelo OSWALDO



Vinte anos depois dos vinte anos, Augusto de Campos continua a abrir caminhos para a evolução da poesia brasileira. Entre trabalhos novos, eis o resumo do "Poetamenos" de 1963, conjunto de poemas coloridos que não se identifica com sua produção atual, mas assinala uma das primeiras propostas da poesia brasileira contemporânea fora da linearidade e da sintaxe tradicional. Foram primeiro em exemplares, o segundo número da revista "Nolindres", agora são mil, em folhas soltas encadernadas, feitos com o mesmo esforço, a mesma solidão.

A poesia continua não sendo consumida, e Augusto de Campos, incomformado, deplora essa marginalização. Há um tom amargo na opinião do poeta sobre a situação da poesia.

— A poesia concreta não foi ainda aceita entre nós — diz ele. Nem sequer entendida. É o abominável homem das neves da literatura brasileira. Só se conhecem as suas pedras.

— F's entre os literatos — acrescenta — um surdo ressentimento contra nós. Eu compreendo: nós tornamos o caminho difícil para eles. Que diabo de estímulo, que diabo de aceitação é essa? O reconhecimento da importância do movimento veio de fora.

Em vinte anos de trabalho, nenhum livro individual de poemas foi publicado comercialmente. Os concretistas (Augusto e Haroldo de

Campos e Décio Pignatari) sempre financiaram suas edições.

— Nenhum prêmio — fala Augusto, ainda na entrevista a "Opinião": Nem por nossos poemas e traduções, nem por nossos estudos ou revisões críticas. Só recentemente começamos a ter editados comercialmente alguns de nossos livros de crítica e traduções, nunca de poemas.

Na verdade, o reconhecimento existe. Não naquela medida, até incompatível com a ruptura causada pelo concretismo, pedra no meio do caminho da poesia brasileira mais recente, incômodo demais para ser admitido tão rapidamente. A aceitação está na influência concretista sobre o que veio depois, tornando o movimento irrecusável marco zero na poética da atualidade. Pretender a imediata vinculação e o estabelecimento do concretismo seria quase negar a sua função contestadora dentro de uma cultura atrofiada, o papel importante que exerceu na poesia moderna, justamente quando o formalismo decadente voltara a se impor, através da geração de 45.

Se o poeta deseja ser reconhecido ao nível do prêmio, ele terminará aceitando o fardão. Se no nível da edição patrocinada, renegará seu experimentalismo, que constitui o desafio maior aos editores. Por outro lado, não se pode dizer que apenas o concretismo não é aceito a poesia anterior, na qual se situam

Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Drummond, Murilo Mendes e João Cabral, enfrenta dificuldades editoriais semelhantes, num país em que não se lê poesia. E se ainda não se sabe lê-la, dificilmente haverá quem saiba lê-la sentida, brincar com ela, como ludicamente nos com vida o "Viva Vela" de Augusto de Campos.

O reconhecimento da poesia concreta está na melhor música popular brasileira, da bossa nova a Caetano Veloso e Walter Franco, nas artes visuais e na publicidade, na tentativa de novas formas poéticas empreendida pelas gerações seguintes. Quando os concretistas refinaram a linha evolutiva da poesia brasileira, desprezando roteiros já esquematizados, projetaram nomes que haviam sido até então recusados: Gregório de Mafos, Sôssândrade, Pedro Kilkerry e Oswald de Andrade. Poetas renegados pelo impacto que causaram em seu tempo, transgredindo as normas da poesia bem comportada.

O caráter marginal do concretismo, como proposta de subversão poética, impede naturalmente o amplo reconhecimento do movimento. Nesse quadro, os concretistas terão de apresentar-se como minoria atíva, e não como elite rejeitada.

Há uma elite dominante na poesia brasileira, que é a da lírica de 1945. É esta a poesia premiada e editada, reunida em antologias e adotada nos vestibulares, recitada nas faculdades de letras ou nas escolas primárias. Querir tomar o seu lugar seria uma atitude elitista, que levaria os concretistas, mesianicamente institucionalizados, a disputar uma hegemonia que, na realidade, não deve existir, porque capaz de criar, de destruir e de evoluir que conduz ao novo. Minar essa poesia superada, deteriorar seus processos pela emergência do novo, perturbar seu consumo pela originalidade das propostas, aí está a tática.

Os concretistas não devem se lamentar diante de sua condição marginal, mas vivê-la intensamente. Nem devem atuar-se cronologicamente como reconhecimento vendido e arquivado pela história, postura que os conduz a essa ansia de julgamento. Vinte anos são passados e não é necessário voltar atrás para somar tão poucos aplausos, em meio à estrepitosa vela. Viva Vela! Se no início da década de 60, houve um movimento poético marcante, de seus construtores esperase muito mais, nestes primeiros anos 70.

— Nenhum de nós, nem mesmo o Décio que é o mais velho (46 anos), pôde ver ainda uma edição de suas poesias completas — confessou Augusto de Campos. Mas porque "poesia completa"?

Marginalização é também um "equivocábulo". Quem sabe se no cinquentenário do "Poetamenos" Augusto não ganhará do INL as "obras completas" que Oswald de Andrade observou agora, cinquenta anos depois da Semana?

TRÊS POEMAS DE RUMEN STOYANOV

BEATRIZ

A chuva cai nos teus pómulos solitários, pendura da tuas orelhas brinco de pesadas gotas siderais,
inunda tuas clavículas, cobre tuas omeplatias como as ondas cobrem as baixas
e corre pelas longas e finas canoas dos teus braços.

Em cima deles, em cima de ti, em cima da chuva, emergem tentos os arco-íris das tuas sobranceiras.

ANTEPOENTE

Uma mulher se penteia na janela e o sol atira dois minutos para ver o penteado.
A sombra suarenta do pedestre descansa no andaime enquanto ele bebe água a profundos goles.
Um camponês rega suas mãos tuas vegetais, os repolhos. E se ouve o trepar luanze da hera sobre o muro.

COMPARAÇÃO

Queria dizer que tuas pestanas são compridas como sombras de coqueiros ao poente.
Ou que tuas orelhas são grandes como atóis.
Fôrem de repente uma lembrança, um sonho, sei lá, mas muito puro, te ilumina por dentro.
E eu digo que és como um vital contra o amanhoeir.

ORELHA DE LIVRO



O trabalho didático "300 Modelos de Redação", de autoria do professor Cecílio Cunha, é de grande interesse para professores, alunos e candidatos a concursos. Suas lições ensinam-se pela segurança, como resumo do que de melhor se tem assentado entre os grandes mestres da nossa língua.

"O que precisamos é da defesa sistemática dos direitos e ideais humanos. (...) Estou convencido de que só por esse meio o Ocidente será capaz de reconhecer a natureza da nossa sociedade; só assim esta luta se tornará parte de um movimento mundial em prol da salvação de toda a espécie humana. (...) É muito importante que a fachada de prosperidade e entusiasmo não esconda do mundo a verdadeira face das coisas. Nossa experiência não pode redundar em nada."



Nas suas histórias não há grandes tragédias nem sujeitos excepcionais. Seu mundo é tão real que talvez nem seja captado para nós de hoje: sua obra é todo um ato de sobrevivência — sobrevivência de uma linguagem de um tipo de vida, de um tipo de morte. Nenhum outro escritor brasileiro atual traz mais do que ele a marca do futuro, o sinal forte da perenidade. Ele escolheu a estrada simples dos que têm alguma coisa a dizer.

POR MAIS ESTRANHO que possa parecer, o título deste livro de contos é esse mesmo e é também o do conto que abre esta série de dez deliciosas estórias de Fred Pohl. "Dia Milhão" é o nome de um planeta muito diferente, cuja localização é imprevisível. Talvez numa galáxia distante, talvez dentro da cabeça de algum de nós.



NARRATIVA — Balza se encheva, como um nêbo nevado; esta carta de postais manda ao leitor.

ATOR 1 — Não sei o que fazer. A gente

DOS IMPERTINENTES



HORÁCIO

(Tradução e adaptação de Nelson de Araújo).

Adaptação para o teatro da Satura IX, Livro I. O texto da sátira foi integralmente aproveitada na versão, cujo diálogo é o do original; o mecanismo com as partes narrativas. Fez-se, apenas, a supressão de partículas de ligação.

Ação simultaneamente representada e narrada. O narrador é o próprio e pronome ator. Gráfica reconstruída de forma clara de sua publicação em Roma, e que podem se infiltrar personagens modernos. O importante ou o "secretário" podem ser dos nossos dias. Representação ao lado da "pract".

NARRATIVA — Ia eu sem destino pela Via Sacra, quando de meus olhos me veio a lembrança da tua casa que, com a tua mãe, a tua irmã e os teus filhos, me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 1 — Como assim? Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 2 — Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

NARRATIVA — Como assim? Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 1 — Como assim? Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 2 — Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

NARRATIVA — Como assim? Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 1 — Como assim? Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 2 — Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 1 — Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 2 — Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

NARRATIVA — Como assim? Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 1 — Como assim? Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 2 — Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

NARRATIVA — Como assim? Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 1 — Como assim? Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

ATOR 2 — Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer. Não sei como te encontrei, mas sei que me fizeste conhecer.

A MULHER EM CORPO-SANTO

No problema da dualidade sexual do homem, Qorpo-Santo, duque do Triunfo, se manifesta, uma vez mais, esquivo, escorregadio, inabastável. As contradições que no Livro Nono tanto timbraria ele em pulverizar, neste Livro Oitavo parecem haver-se-lhe instalado no cérebro e nele coexistido tranquilas, traquias.

Sabe-se por autobiografia que Qorpo-Santo se casou "nesses mesmos anos" (1855) nesta cidade (Porto Alegre), em dia de São Pedro". Tinha ele então 25 anos. Não declara o nome da consorte, e que já é sintomático. Segundo o seu inventário (1) era ela, D. Inácia Maria de Campos Leão, de quem teria vivos à época quatro filhos, um varão e três mulheres. A esses dados o Livro citava pode agregar esses outros: "N.º 134. Lembranças em 6 de novembro de 1865, Porto Alegre. A minha filha batizada por mim em casa com o nome de Dêcia Maria de Campos Leão, e na igreja com o de Mara José de Campos Leão, com 3 anos e meses de idade sepultou-se no cemitério desta cova, n. 692, em 13 de janeiro do ano corrente, de 1865 — N. 135, Francisco Fernandes de Amorim, a quem eu tratava como sogro, foi sepultado no mesmo cemitério, e existe na 3a. Ordem n. 12; e o letreiro de sua "cátacumba" foi mandado por pelas escravas que libertou, Eugênia e Luísa. Falou em 8 de abril de 1862, com 83 anos de idade. — N. 136, Minha sogra Floridêla Maria do Nascimento existe no mesmo cemitério na sepultura n. 979 falecida, em maio de 1852, com 58 anos de idade". Eram os mortos que ele recordava quatro dias depois de finados.

No tocante às relações sexuais — natural chamava ele — não é fácil desembaraçar-se o fo do pensamento. Diante do desconcerto de suas exposições, cabe uma preliminar: teriam sido elas meras fêloças? algumas delas, pelo menos?

Se tal fora, seria talvez mais fácil apanhar-lhe a linha-mestra, o ponto de vista do homem lúcido que nele também existia. Mas, o tom de suas manifestações e o polo ao redor do qual giram pensamentos e aventuras (o polo é quase sempre ele próprio o homem em geral menos, um outro homem raramente), tudo isso induz o leitor à convicção de que o Duque do Triunfo escrevia "para valer", para documentar, para difundir suas concepções.

Se no mare magnum da Literatura Universal se procurar algum paradigma, um outro indivíduo de coexistência mentais análogas e, no caso, de comportamento em face da mulher, poucos serão os candidatos. Entre eles emerge, do cenário familiar do século 14 lúcido, Juan Ruiz, Arcepreste de Hita.

Um e outro saltitam com a maior semcermonia, do culto à mulher casta ao gozo da mulher-mulher; fogem ambos a uma exposição metódica, de seu pensamento a tão inefável tema; ambos oferecem ao leitor um acervo desordenado e desconcertante de juízo, intuições e raciocínios, deixando, atrás de si, a insolúvel dúvida de como decorreu a respectiva vida em face do oposto feminino.

Se por um lado Juan Ruiz enfatiza, a oposição entre el buen amor e el loco amor, com vultuosas simpatias pelo último, José Joaquim dá realce às relações naturais.

Qorpo-Santo distingue, entre homem e mulher, relações espirituais e relações materiais o que é óbvio, mas não tão generalizado como se pensa. "Os que se casam em espírito, diz ele, não necessitam do contato material de mulher, para produzirem (procederem) com acerto sobre todos os assuntos". N. 179.

No tópico n. 73 teoriza e exemplifica: "Os homens honestos, ou castos para as pessoas castas, e honestos para com as honestas, jogam e entretêm com umas e que não o são, ou não querem ser, ou para com outras relações espirituais; com as com as que têm o dever de não o ser tais ou que não desejam ser tais, ou a que não convêm ser tais, por razão de suas necessidades físicas e morais — nem têm o dever de o ser, devem ser-lo."

Por exemplo: Tive de fazer ontem uma visita a pessoas que me parecem viverem ou deverem viver do primeiro modo: tomei alguns goles de chá, acompanhei-os com um bolinho de polvilho, relacionado com uma torrada, e o chá o estava com um oficial com quem conversei; o pai da jovem cometeu uma torrada; e sem dúvida como eu gozei a relação espiritual daquela, ele gozou a relação espiritual de alguma pessoa de minha família. Parece assim sermos poídos, matizes; tive disposição, fui por em prática. Vim para casa, tive vontade, tomei dela as relações materiais com pessoas que sei era para tal destinada, sem perda para alguém, e com vantagem para ela e para mim".



Noutros tópicos, essas relações espirituais permanecem no plano do lirismo ou do carinho, como na décima do n. 345, dedicada a duas louras, ou no sonho que lhe adveio após uma noite de novena do Divino e no qual a "priminha" era um double de pombinha do Espírito Santo e de uma das graciosas tocadoras de piano de outrora (n. 425).

A ser deveras confessional o tópico n. 822, Qorpo-Santo deve ter tido forças suficientes para não sucumbir à encantada de uma sereia pampiana: "Hum prudente conselho, D. C. I. não buia comigo! Ao contrário, eu mereci com a Sra. I. Bem sabe que sou casado, isto é, que a Sra. tem marido, e eu tenho mulher! E verdade que estou de fato vivo, isto é, que vivo qual vivo; e que assim me considero, porque creio que isto direito, canônico ou eclesiástico, e por direito civil, pátrio ou brasileiro". E após uma série de considerações atinentes ao momento conclui: "São onze horas; durma só e tranquilamente em seu macio leito, que eu farei o mesmo em o meu, ainda que não tão belo como o seu!".

Outras vezes não terá sido o espírito que o desviou de uma aventura: seu próprio Corpo-Santo é que o margulha em perplexidade. Sob o n. 212, registra ele: "Se amais naturais me inclinam algumas vezes à cópula, em outras fazem desaparecer tal inclinação. Assim é que não às vezes com a mais forte tensão, e volto com a mais contrária disposição! Logo, se a natureza agita o virgo ou determina, e passados alguns minutos, reprime ou impossibilita, faz desaparecer o desejo, e a lembrança, e até desperta o desejo, e a vontade assaz forte para o procedimento contrário, perguntando — o que é o homem!".

Como se vê, da constatação de um fato natural, alça-se ele à pungente indagação final, que realça com dupla pontuação.

A esse tópico, corresponde em versos o que Corpo-Santo compõe à pág. 6 (sem n.):

"CERTO MARIDO MUITO AMANTE A SUA FAMÍLIA

Dizia ele em certo dia mal zangado:

- É célebre!
Viver não posso — com minha mulher!
- É célebre!
Não o hei podido — com outra mulher!
- É célebre!
Também não posso viver sem mulher!
- É célebre!
Não hei podido — frequentar mulher!
- É célebre!
Parece poder; parece dever; tenho querer; e arrependar;
- Se quando passo, olho e o não faço; se alguma coisa se à noite a mase...
- É célebre!

As décimas experiências terminam essa página cheia de variantes desse mesmo tipo. Já o que escreve sob n. 872, bem poderia firmar o Arcepreste de Hita, conhecedor de sanhudas e forquadas serranas de astela: "Lembrança. Se as mulheres muito me não tirado, também muito me não dado! Não me indignam, pois, contra elas indaguei também caras de frelas!"

— As d'estanho, ora perece, ora gambol sa de oetim, também ganho alfini das feias faço meias das grosseiras, corculas! das estúpidas, calças! das más, camisas de dormir; das boas de sair com a gravata nas pouco assadas, dou tapasi com o chespéu, cubro as que têm véu! Quanto às más finas, faço boinas! (...)

A propósito da virgindade, prefero que a mulher a preserve até a noite matrimonial; mas não deixa de observar como se acomodam damas e carões que tiveram pressa em perdê-la.

O Livro Oitavo de José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo, duque do Triunfo, faz parte de sua "ENSIQLODEDIA" da qual se conhecem os volumes 2.º, 4.º e 7.º, citados por Guilherme César em sua obra Qorpo-Santo. As Relações Naturais e Outras Considerações (2) e os volumes Oitavo e Nono que, juntamente com outro, avulso, a que Joaquim de Assis Brasil, à mingua de título, denominou Aflições, foram encontradas na Biblioteca do Castelo de Pedras Altas por uma equipe do Centro de Pesquisas Literárias, desta capital, em janeiro de 1970, e gentilmente postos à disposição do CIPEL pela ara. castelã, D. Lídia de Assis Brasil.

Seria para mim grande desporto, se tivesse, casando segunda vez, de o fazer com mulher que não estivesse virgem. Não sei mesmo como poderia viver atidos com mulheres, que reconheçam a falta de virgindade no primeiro ato do matrimônio; não é possível que o homem de honra (al menos) de que o homem talvez estejam abutidos pelo remorso da consciência ou porque entendem pagar assim a dívida de haverem desfalorado algumas jovens que com outros depois — casaram-se! Assim como os que vivem com mulher, casadas os amasados, e que desparam, ou que nehu-

ma importância dão aos gozos carniais de suas mulheres de amaras com outros homens, o mesmo com outras mulheres, e por essa razão, são forçados a calarem-se, e tudo sofrem! Outro tanto não sucede para os honestos? Como tolerar o homem puro, uma mulher impura! Ainda que quisesse, não podia; sofreria tanto espírito, que morreria, perderia assim uma boa parte de sua alma!"

Partidário de relações naturais, combate o celibato (n. 360) com argumentos que começam no Eden, ao expor que Deus, atendendo ao pedido de companhia que lhe fez Adão, fez-lhe a "vontade; não lhe deu para tal outro homem, mas a mulher conforme, própria para o contrário entre ambos", no que vai implícita, uma condenação ao homossexualismo.

Quanto ao adúltero, além do que já se leu acima, examina-o num tópico, a pedido de certa pessoa, estigmatizando-o, amaldiçoando-o e condenando-o como "já em outros livros o fizera"; mas, estranhamente, abre uma exceção ao dizer que "não adúltera o marido, cuja mulher (e le-versa) adúltera, injurioso, calunioso, furtivo, roubou a este". Estaria ele pensando em sua própria mulher a quem (n. 278) acusa de aventura, assassina, lasciva, "talvez prostituta", etc.?

Digno ainda de registro são os tópicos n. 284, pelo carinho que dedica às filhinhas, aliás expresse alhures; o n. 12, pela visão que tem ele, quanto aos direitos da mulher (um dos poucos pontos em que Qorpo-Santo não se avança à sua época); o n. 129, pela relação que estabelece entre o apetite alimentar e o sexual, assunto pouco encontrado na literatura brasileira da época: "Os alimentos, como as mulheres são por eles feitos pelo criador aos homens! para gozar, mas não estragar! Se para fruir, não destruí!" — E os que assim pensam, far mal em minha opinião, o Grande Partido Nacional!" As mádeusas são do autor. Pensava num partido majoritário perene.

Lothar Hessel



